

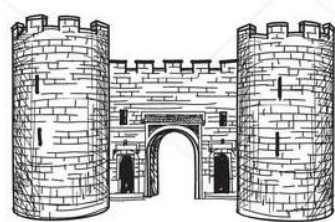
LOLA P. NIEVA

BRUMA AZUL



BRUMA AZUL

LOLA P. NIEVA



Lili WZ, Ale.Hol, Mirna, AnCrespo, Val



SINOPSE

Lean Maclean é um homem torturado por um escuro e cru passado. Com apenas doze anos e meio abandonou a Escócia para fugir do sadismo de sua madrasta.

Corre o ano 1647 e na Escócia estoura uma violenta guerra civil. Lean é reclamado para que os ajude a defender-se dos poderosos Campbell. E, apesar de sentir-se um renegado, aceita retornar às terras que tanto odeia por um único motivo: vingar-se de todas as atrocidades que sofreu de menino. Lean não só terá que percorrer um país esmigalhado pela guerra em busca de vingança, também terá que liberar sua própria batalha interior, entre a lealdade e o desprezo que sente por suas origens. Entretanto, o destino o envolverá em um singular triângulo amoroso, entre duas mulheres opostas, entre o amor e o ódio, entre a razão e a paixão, rachando a dura pedra em que tinha escondido seu aflito coração.

Agradecimentos

A minha família, a que adoro, por sua paciência, seu carinho e seu apoio.

A meus leitores, por decidir viajar a meu lado e compartilhar meus sonhos.

A minha editora, por me dar a oportunidade de cumpri-los.

A minhas musas, por me fazer viver tantas vidas em uma.

À vida, por me ensinar tantas e tão variadas lições.

Ao destino, por guiar meus passos ao verdadeiro caminho.

E ao amor, porque sem ele, nada disto teria sentido.

Mas em especial, quero dedicar esta novela a todos aqueles que não tido o valor de ressurgir de suas cinzas.

“Minha alma é feita de luz e de trevas. Não sabe de brumas.”

VITÓRIA OCAMPO



PRÓLOGO

Ilha do Mull, Duart, Highlands, 9 de setembro de 1621

A mulher caiu de joelhos, ofegando ante a dolorosa contração que apunhalou implacável seu ventre. Inclinação sobre ele, apertou os dentes sufocando o alarido que pugnava por rasgar sua garganta, aguentando estoica o lacerante eco que massacrava a zona baixa de suas costas como se a atravessassem com um aço ao vermelho vivo.

Ninguém devia encontrá-la até que trouxesse o filho que levava em seu ventre, nem sequer seu marido, ele mais que ninguém.

Devia evitar que advertissem sua presença sob aquela antiga e legendária nogueira, batizado como o Crann na Beatha, a árvore da vida celta. Só sob seus ramos, ao amparo das fadas que o guardavam, tantos os espíritos dos Tuatha de Danann¹ como das aes sidhes², teria o destino de seu filho alguma oportunidade.

Grossas lágrimas rodaram por suas bochechas, amargas e ardentes.

Muitas vezes tinha derramado seu pranto da chegada ao castelo daquele inquietante druida. Ainda lhe parecia notar em seu abdômen a alhada mão dessa mulher, essa vidente, que tinha procurado a proteção àquela chuvosa noite, e as advertências que tinha pronunciado com sua escura voz cavernosa: *“O ser que alberga seu ventre está condenado a ser um homem maldito. Atrairá sobre si toda classe de infortúnios que o converterão em um monstro. Acolhe-o sob o amparo das fadas que moram nas raízes da árvore sagrada e possivelmente, só possivelmente, seu destino troque”*.

Por indicação dessa feiticeira, a primeira coisa que deveria ver seu filho quando abrisse os olhos, era a taça daquela frondosa e forte nogueira.

Por esse único motivo tinha ocultado as regulares e rítmicas contrações que estava sentindo durante toda a manhã. Por sorte, a bolsa estourou quando estava sozinha em seu quarto, pouco depois de sair do leito. Em caso contrário, seu marido Eachann a teria encerrado na cama e chamado à parteira do Duart. Considerava que aqueles augúrios que

¹ Os **Tuatha Dé Danann** ("povos da deusa Danu") formam um grupo de personagens na mitologia irlandesa e escocesa. Foram o quinto grupo de habitantes da Irlanda, de acordo com a tradição do [Lebor Gabála Éirenn](#) ("Livro das Invasões")

² Os **sidhe** são várias vezes ditos serem os antepassados, os espíritos da natureza, ou deusas e deuses (um povo sobrenatural vinculado às fadas e elfos de outras tradições).

noite detrás noite a tinham insone eram enganos, e tinham semeado nela uma semente de medo que tinha crescido como uma lúgubre sombra que a perseguia sem cessar.

Outra pontada a atravessou de parte a parte, e esta vez não pôde estrangular o alarido que queimou sua garganta como se tivesse emergido dela o fôlego de um dragão. Seu corpo se dobrou em dois, quebrada por espasmos tão dolorosos que temeu perder a consciência.

Haifa tratou de compassar a respiração, com ofegos curtos e bufos contínuos, recordando outros partos que tinha assistido, para acabar bufando como um boi furioso e uivando como uma alma penada.

Apoiou as costas no rugoso tronco centenário, flexionou os joelhos e as sujeitou, abrindo quanto podia as pernas. Apertou os dentes com força e aguardou que a contração se diluísse pouco a pouco, como as ondas que uma pedra provocava ao ser lançada sobre a superfície da água.

Aproveitou aquele efêmero descanso para apalpar a avultada barriga. Deixava-a muito baixa, mas algo não ia bem. Não era parteira, mas em Sevilha tinha assistido numerosos partos ajudando a uma parteira, sua mãe. Ao tocar, constatou que a crinaça não se posicionou ainda, em troca, as agudas dores anunciavam um parto iminente.

Naquele momento, uma suspeita fez empalidecer seu rosto e assumiu um pavor que lhe roubou o fôlego. Se o menino vinha de nádegas, ambos podiam morrer ali mesmo. O pânico a assaltou ao tempo que notava uma nova contração. E, sem logo que ser consciente de tudo, encontrou-se empurrando com todas suas forças. Fora como fosse, já não havia tempo de retornar ao castelo em busca de ajuda.

Ofegante e suarenta, rebuscou em sua bota a pequena adaga que lhe tinha presenteado Eachann pouco antes das bodas, um formoso sgian dubh³ com punho de fino marfim lavrado e folha esculpida. Arrancou-se parte da anágua e depositou ambas as coisas perto, pois soube que teria que usar a adaga para algo mais que para cortar o cordão umbilical.

Uma e outra vez, seu corpo se sacudia em abruptos espasmos dolorosos que começavam a desgastá-la perigosamente. Empurrava exausta e chorosa, descobrindo que o menino estava entalado no canal e que não poderia sair sem ajuda.

A tarde foi caindo depois da colina oeste, degradando-se em um ocaso de cores intensas que se fundiam no horizonte, apagados pela caprichosa mão de um pintor

³ O **sgian-dubh** é uma faca pequena e de um único fio usada como parte da [Highland](#) Scottish tradicional.

travesso. Que pudesse apreciar a beleza do entardecer, entre contrações, resultava reconfortante.

Tomou fôlego enquanto pensava que não chegaria ao jantar e que, com sorte, encontrá-la-iam antes que fora tarde. Pensou em seu marido, e sorriu contrita e afligida. Possivelmente não voltasse a vê-lo e, se o fazia, sua recriminação seria tão dura como seu rancor.

Não vacilou mais, agarrou a faca e se inclinou quanto pôde para frente, apesar de que lhe resultava impossível ver o ponto que devia cortar. Medindo-se com a mão esquerda sobre sua inflamada abertura, apalpou a estreita zona fechada que unia seu sexo com seu ânus. Respirou fundo aguardando a que passasse a contração e, com mão tremente, afundou o fio da adaga na carne, rasgando-a em um talho considerável, enquanto gritava entre soluços e soprava dolorida. Soltou a adaga e empurrou de novo, amaldiçoando a aquele druida, ao destino e a si mesma. Grunhiu como uma fera enquanto imprimia a seu ataque até a última fibra de força que escondia seu franzino corpo. E, frustrada e trêmula, compreendeu que aquilo não era suficiente.

Encurvou-se de novo sobre si, esfregou-se grosseiramente as lágrimas que alagavam seu rosto com as mãos, e o ferroso aroma do sangue a golpeou. Mordeu-se o lábio inferior, soluçou tomando fôlego e se disse que lutaria até o final.

Outra vez, apalpou sua entrada introduzindo os dedos, procurando com desesperado afã as pernas do pequeno, as nádegas, algo do que tirar. O tempo apressava e as forças fraquejavam, podia sentir inclusive o sofrimento do bebê dentro dela, e aquilo a mortificava mais que nada. Seu filho tinha que nascer!

Sentiu outro acesso de dor acumular-se, esticando seu ventre com dureza, e rugiu como uma leoa. Já não havia angústia nem agonia em seu alarido, a não ser uma fúria primitiva que a impregnou do vigor que necessitava. Possivelmente seu último fôlego, mas sem dúvida o mais valente.

Quando o abatimento começava a tomar conta de seu ânimo, tocou um diminuto pé que se agitava fracamente e tirou ele com toda a delicadeza que pôde. Aliviada e esperançada, sentiu o pequeno corpo deslizando-se através dela, quando outra atroz quebra de onda de dor contraiu seu corpo e capturou ao menino entre suas paredes.

Amaldiçoou para si mesma. Devia esperar, seu próprio corpo tinha aprisionado sua mão contra o corpo do bebê. Sentir a virulência da contração a afligiu, e pensou angustiada na dor que o pequeno devia estar experimentando.

Assim que a dor passou e seu corpo se distendeu, com firmeza, extraiu ao bebê e o colocou sobre a parte de anágua que tinha disposto no leito do bosque. Acompanhado de imundície e sangue, o miúdo corpinho azulado não dava sinais de vida.

Haifa se apressou a agarrá-lo em braços. Baixou asperamente o sutiã do vestido e cobriu a seu filho entre seus inchados seios para lhe dar calor. Elevou sua diminuta cabeça e, com a ponta do dedo indicador, abriu-lhe a boca para limpá-la dos restos que tivessem podido ficar entupida. Logo beijou sua frente e lhe sussurrou em árabe:

—Vamos, pequeno, demonstra que é um guerreiro. Luta como um MacLean, maldito seja!

Embalou-o sacudindo-o ligeiramente, o peso em seu peito se converteu em pedra e cada pulsado, em adagas que a perfuravam. Conteve um soluço, girou-o e aplaudiu com suave vigor suas costas. Continuava inerte e sem respirar.

Haifa elevou a cabeça para a entupida e ramificada taça daquela grande nogueira, pedindo pela vida de seu pequeno em uma reza febril e premente. Brilhos chapeados se filtravam por entre os nodosos ramos, envolvendo-a em um halo estranhamente luminoso. Em torno dela, uma noite azulada abraçava o bosque cobrindo sua dor e seu amargo pranto.

E então, um débil gorjeio esquentou seu sofrido coração. Os punhos do bebê se fecharam e suas pernas se encolheram. Haifa o observou lutar contra a morte. Contemplou maravilhada como sua firmeza dissipava pouco a pouco as garras da escuridão que o tinham apressado, escapando delas, e como sua boquinha se abria e se fechava sem poder ainda emitir som algum, procurando encher seus pulmões, debatendo-se ainda por ganhar a batalha, sua primeira batalha.

—Ruge como um leão, minha vida — soluçou beijando sua carinha e acariciando seu débil corpo.

E, obediente, o pequeno conseguiu arrancar de sua intacta garganta um agudo choro que flutuou através da imensa taça daquela árvore e que a embargou em um aliviado pranto.

Talvez fosse aquela vibração, ou que, em efeito, a árvore sagrada lhe concedia seu amparo, mas nesse preciso instante um manto de folhas descendeu dançante e lânguido sobre eles e cobriram o corpo de seu miúdo leão.

Orgulhosa de seu filho, elevou-o para a árvore em espera que abrisse os olhos. Cada soluço do pequeno era mais intenso que o anterior, estava recuperando todo seu vigor. Ao cabo, deixou de chorar e de espernear e Haifa soube que tinha aberto os olhos e que

contemplava pela primeira vez o mundo, e nada menos que sob a taça de uma árvore sagrada.

Desceu os braços até alinhar a cabeça de seu filho com a sua e o observou com o amor aceso em seu semblante. Era formoso, embora seu rosto estivesse inchado e sua cor ainda não era o mais saudável. Tinha abundante cabelo negro, herança dela, e adivinhou que seus traços seriam mais sarracenos que celtas.

—Estou tão orgulhosa de ti, meu valente leão — sussurrou afetada, esfregando seu nariz com o do pequeno.

E nesse momento soube qual seria seu nome: Leão. Para seu povo, em gaélico, Lean, mas para ela e seu coração árabe seria Assem, seu amado Assem.

Acomodou-o em seu regaço com o coração cheio de sorte e lhe ofereceu seu escuro e proeminente mamilo. O pequeno abriu sem vacilar a boquinha, apanhou-o nela e sugou com a força do nome que levava.

De repente, Haifa ouviu vozes na lonjura que viajavam na brisa noturna. Sabia que a buscavam. Tentou ficar em pé sem consegui-lo, e então recordou que ainda não tinha terminado o trabalho do parto. Uma nova contração expulsou a placenta de seu corpo, que ainda estava unida ao menino.

Empunhou de novo a faca e cortou o cordão, sem ter que separar ao pequeno de seu alimento, deixando o lance suficiente para atá-lo. Atirou com vigor do resto do cordão e extraiu de seu corpo a totalidade da placenta, que lançou longe deles, onde não demoraria em ser devorada por algum animal faminto.

Aguardou que o bebê dormisse, exausto, cobriu-o minuciosamente com a anágua e com muita dificuldade conseguiu ficar em pé, evitando a dor que palpitava entre suas pernas e o viscoso sangue que gotejava por elas. E assim fraca, mas satisfeita, caminhou cambaleante para o castelo, com seu formoso Assem dormindo pego ao peito, consciente de que a vida escapava de seu corpo a cada passo que dava.

CAPÍTULO 1

Despedidas

Porto de Sevilha, ano de Nosso Senhor de 1647.

O denso aroma de salitre alagou minhas fossas nasais, impregnando-as de incerteza pelo futuro que me aguardava do outro lado do oceano.

Suspirei fundo com pesar, pois aquele intenso e conhecido aroma era tão cotidiano para mim como o da flor-de-laranja que flutuava perfumando o subúrbio da Triana, Santa María a Branca e o Areal, o bairro portuário à beira do caudaloso e rebelde Guadalquivir, onde tinha vivido quatorze anos de minha existência.

Um robusto barco de sessenta canhões, imponente casco, mastros fortes e manipulação intrincada me aguardava atracado para devolver-me a aquele que uma vez foi meu mundo e me viu nascer, mas sobretudo sofrer.

— Moço, apesar de te considerar um grande marinheiro, está tão pálido como as recolhidas velas de seu barco.

Sorri apenas, entreabri levemente os olhos esquivando dos raios oblíquos de um sol nascente que lambia o horizonte brunindo-o com sua majestade e assenti com a cabeça.

— Sim, mestre Beltrán — admiti—. Pois, embora o mar sempre me outorgasse paz, o destino ao que me deixo arrastar me arrebatou isso.

— Poderia te conceder outro destino mais adulator, seria fácil para eu solicitar para ti uma travessia às Índias Ocidentais, tenho grandes amigos na Casa de Contratação, bem sabe. — Posou uma mão em meu ombro e estalou a língua ofuscada, derramando sobre mim um cálido olhar paternal. — Não concordo com esta viagem, Assem, como tampouco meus amigos conseguem entender por que retorna ao inferno por própria vontade.

— Tampouco eu, meu bom Beltrán. Entretanto, sinto ferver com agudo desgosto meu condenado sangue gaélico ao chamado de meu tio Lachlan, e você melhor que ninguém conhece minhas contas pendentes naquelas verdes terras.

Beltrán apertou seus magros lábios convertendo-os em uma fina linha esbranquiçada e formando uma careta reprovadora, ao tempo que negava melancólico com a cabeça.

— A vingança, moço, é uma arma de afiado punho. Sanou em corpo e alma, e forjou um futuro nesta formosa Sevilha que te tirou das garras da escuridão que morava em ti. Posso te assegurar, valoroso Assem, que temo tanto por ti como o faria por um filho de ter sido bento com algum.

— Ambos sabemos que minha alma nunca pôde curar-se completamente, — argumentei pensativo — e que meu destino não é outro que ajustar contas e confrontar o negrume que nunca pude dissipar de meu coração.

O mestre assentiu depois de um pigarro emotivo, hasteando um morno sorriso trememente que esquentou meu peito.

— Foi meu salvador, — eu disse — o pai que me negou, meu guia e meu professor, jamais lhes esquecerei, devo-lhe tudo o que sou.

— Entretanto, fica a insipidez de não ter podido fazer mais.

Neguei veemente com a cabeça e o estreitei entre meus braços e, apesar de ser um homem corpulento e de boa altura, pareceu perder-se em meu peito. Sorri, aguardando a graça de rigor.

— Por Deus, moço, faz-me parecer um pardal aleijado em seus braços! — resmungou jocoso — Herdaste, por sorte, a compleição dos avermelhados guerreiros do Norte, jamais imaginei que esse menino esquelético e ferido gravemente que deixaram a minha porta pudesse converter-se em tão imponente jovem.

— Temo-me que conseguiste mais afetos dos que imaginava. Aí vem seu comitê de despedida.

Segui seu olhar e descobri a Fabila e Azahara, duas das mais formosas sarracenas⁴ do melhor bordel de Sevilha; Dom Nuño Mérida, um dos mais terríveis alemães da cidade, que, por causa de sua idade avançada e sua notória e bizarra fama, tornou-se um dos homens do conselho que governava os bordéis da cidade e outras atividades criminosas, entre as que cabia destacar casas de jogo clandestino, salões de jogo, furtos e mortes por encargo; Dom Mendo da Balboa, conhecido espadachim, protetor de Dom Nuño e afamado professor de armas, e o pequeno Dante, um jovem patife, um ladrão noturno e aprendiz de cafetão, tão hábil no furto como desasortido em suas comissões.

Fazia apenas duas noites, Dante se ofereceu para roubar na casa de um cavaleiro uns documentos valiosos que necessitava o contratante. Quis a adversidade que o moço surpreendesse como assassinavam ao dono da casa e que, o assassino o descobrisse. Pôde

⁴ Sarracenos era uma das formas usada pelos cristãos da Idade Média para designarem genericamente os árabes ou os muçulmanos.

escapar com tão valiosos documentos, mas em lugar de entregá-los ao que tinha pago a comissão, os deu a Dom Nuño e lhe relatou o acontecido. Essa mesma noite se reuniu o conselho. Desconhecia o que ocorreria, mas sim intuía que o moço estava condenado.

Sabia bem como funcionavam as coisas na organização, e se alguém descobria seu rosto, passava a se converter em um perigo para seus companheiros. Tinha escalado por toda a hierarquia aprendendo a golpe de espada como eram as normas e como subir na Germania, de avental a ladrão, de vespa a espadachim ou fanfarrão, como os chamavam e, por fim, a xeque, quando havia gerenciado casa de jogo e controlado boa parte da vadiagem até subir de fila nos bairros mais sórdidos de Sevilha (a zona portuária sempre tinha sido a mais prolífica quanto a pendência e fanfarrice).

Girei-me para eles com um amplo sorriso no rosto. As mulheres foram as primeiras em chegar a minha altura. Fabila torceu seus amaciados lábios em uma careta sedutora e, entreabrindo os olhos, dedicou-me um olhar libidinoso que, como era usual, acendeu meus sentidos.

Ao cabo, ficou nas pontas dos pés e, enlaçando-se a meu pescoço, aproximou sua suculenta boca à minha e depositou nela um úmido e ardoroso beijo.

—Não creia que não estou furiosa com você, pois o estou e muito, para falar a verdade — resmungou carrancuda—, mas não podia resistir a tentação de provar seus lábios de novo, por uma última vez.

Compôs uma careta de causar pena e seu olhar se velou com um pano aflito antes de retirar-se. Azahara se adiantou e cavou sua delicada mão em torno de meus genitais e os esfregou apaixonada enquanto me impunha um beijo longo e fogoso, no que sua habilidosa língua nublou meu julgamento. Não demorou em esfregar sua mão contra meu duro e palpitante pênis, mais que disposta a converter-se no brinquedo daquelas duas formosas concubinas, como em tantas outras ocasiões. Com pesar, teve que reconhecer que aqueles encontros seriam uma das coisas que mais sentiria saudades.

— Por que demônios o Senhor o fez tão condenadamente formoso? — Espetou carrancuda Azahara com um gracioso ar de rancor— E por que diabos tivemos que lhe ensinar tão bem?

Enrugou mal-humorada o nariz em uma careta infantil que me impeliu a beijar seu sobreceixo e a acariciar sua bochecha.

— Causa pena descobrir que só sentirá falta de minhas manhas no leito — falei com ironia.

Fabila, que continha com um bordado lenço a umidade que afluía a seus olhos, aproximou-se cabisbaixa, negando insistente em um gesto repetitivo.

— Bem sabem que não será o mel de seus olhos nem as feituas de seu corpo o que deixará um vazio em nós — murmurou chorosa.

Agarrou-se a meu peito quase ao tempo que Azahara. Estreitei ambas, as abrangendo com meus braços, beijando alternativamente suas cabeças.

Aquelas mulheres me haviam devolvido algo que acreditei irrecuperável: minha dignidade.

Quando meu mestre me levou até aquele bordel e me encerrou naquele suntuoso quarto com elas, nos meus escassos dezesseis anos, eu era uma sombra rota, quase não falava, quase não comia, quase não existia, e elas me trouxeram de volta à luz, à vida. Não foi a simples iniciação à sexualidade de um moço tímido, foi a ressurreição de um homem condenado a não ter futuro. Foi o bálsamo que instigou minhas feridas, a esperança que afastou as sombras e o momentâneo esquecimento que me ajudou a respirar realmente, pela primeira vez, desde que cheguei a Sevilha com doze anos, pois era apenas um moribundo.

— Nunca estarei o suficientemente agradecido — murmurei contra suas cabeças.

— Já recebemos nosso pagamento. — Apontou Azahara com gesto descarado — O aluno se converteu em professor e fomos nós as que terminamos recebendo as melhores lições.

Soltei uma gargalhada e, em troca, ganhei um beliscão nas nádegas.

— Que me tenham mostrado como agradar devidamente a uma mulher, inclusive a duas com bastante sorte, é tão somente uma graça mais que se acrescenta a que me tenha mostrado como me sentir um homem completo.

— Deve haver poucos homens, no mundo, tão completos como você — sussurrou Fabila com expressão entusiasmada. Sua formosa tez dourada se esticou em um gesto contido e afetado. Elevou a ponta dos dedos e os passou por minha mandíbula, me cativando com seu olhar.

— Quando cheguei a vocês não era mais que uma pelanca feita pedaços. — Recordei circunspeto — Sigo incompleto, e morrerei assim, temo-me, mas nada do que conseguiria ter sido possível sem a ajuda dos que agora vem se despedir.

Olhei em redor e topei com o sorriso de dom Nuño, que se aproximou e bateu nas minhas costas.

— Moço, perdemos a um valoroso membro da germania. Suas aptidões e habilidades lhes teriam levado a ocupar meu posto algum dia, não sabem quanto terei que lamentar sua marcha. Não só perco um grande xeque, mas também um amigo leal, e a essa lealdade recorro para que paguem uma dívida.

Sustentei seu grave olhar um instante e adivinhei ao ponto o que requeria de mim.

Ato seguido, despenteou jovial a emaranhada juba do imberbe trombadinha, lhe dedicando um sorriso emocionado.

— A vida do pequeno Dante não vale nada em Sevilha, mas sim em qualquer outro lugar, sobretudo em um muito longínquo. — Dom Nuño inspirou longamente e, com o olhar perdido, adicionou: — Conheci sua mãe, uma meretriz viçosa, embora pouco inteligente. Devo-lhe um favor, como está acostumado a acontecer quando lhe salvam a pele, e assim foi, sinto-me em dívida com ela, e acredito justo tentar tirar o moço da cidade e das garras de uma vida tão dura. Você também me deve sua vida, Assem, liberei-lhe do cadafalso mais de uma vez. Portanto, dívida com dívida se salda.

— Pago minhas dívidas, dom Nuño, mas também outorgo favores a amigos de valia, e você é isso. E lhe teria concedido o favor com o mesmo agrado.

O estragado rosto do jayán se iluminou com um sorriso aberto, aplaudiu vigoroso meu braço e assentiu agradado.

—Quanto a mim — começou dom Mendo, homem galhardo de aspecto briguento e semblante feroz, um dos melhores espadachins da cidade, meu tenaz mestre de aços e conselheiro pertinaz— só lhe desejo uma aprazível travessia e uma estadia curta, que quando desembainhar essa formosa espada persa não me deixe em evidência, e que se a mancharem de escarlata seja com a escória que semeou esse ódio em seu coração. Porque é o ódio e a vingança o que lhes arrebatou de nosso lado, bem sei. Assim, trespassem como fardos de feno e retorne logo a nosso lado. Nada bom pode aprender de homens com saia.

—É um feileadh mor — apontei sorridente — uma túnica larga de lã sem confeccionar, com a que se envolvem.

—Devem ter as bolas de ferro.

—Terei que chutar algumas para comprová-lo — aduzi ante a gargalhada dos homens.

Continuando, dom Mendo tomou pelos ombros e inclinou a cabeça em um gesto de orgulhoso respeito.

—Foi meu melhor aprendiz, e agora meu igual, faça que me sinta ufano evitando que lhes matem.

—Acredite, meu professor, que essa premissa será sempre minha maior prioridade.

Depois de uma cálida e vibrante gargalhada, aplaudiu vigoroso meu braço com um sorriso tirante em que reluzia toda a avaliação que sentia por mim.

—Vá, moço — apressou o mestre Beltrán— ou estas jovens moças se pendurarão a seu pescoço e se atarão com essas cordas a seu corpo. Condenado rufião! Não vê seus sofridos semblantes? Não alargue mais sua agonia..., nem a minha.

Sua rasgada voz se quebrou, e ele pigarreou e forçou uma careta que pretendeu passar por sorriso, aliviando assim a emoção que imprensava seu ânimo.

Assenti lutando por manter a postura, algo em meu foro interno me disse que nunca mais voltaria a vê-los. O beliscão que atendeu meu coração com essa certeza foi tão agudo que meu rosto se esticou, minha mandíbula palpitou e minhas pálpebras se fecharam no esforço de conter a contração que me avassalava naquele instante. Finalmente, traguei saliva, endireitei os ombros e os olhei um a um com gravidade e afetação, gravando seus rostos em minha memória e suas presenças em meu coração.

— O destino quis compensar suas penas comigo, pondo em meu caminho a tão boa gente — comecei com enganosa serenidade—, a corações tão nobres que me fizeram suportar e aliviar a escuridão com que cheguei a estas terras. Levo-lhes a todos no peito, e assim será até que meu último fôlego abandone meu corpo.

Um apagado soluço acompanhou minha despedida, e dois pares de graciosos braços se enredaram em minha nuca novamente. Fabila e Azahara choraram em meu peito um instante, justo o tempo que demorou o capitão do barco em vociferar um retumbante “Passageiros a bordo!”, e assim dediquei a Dante um gesto premente para que subisse diante de mim a passarela.

— Que encontre a luz, moço. Salvei-te a vida uma vez, me honre cuidando dela — murmurou com pena Beltrán.

Abracei-o de novo, com vigor e firmeza, derramando naquele gesto toda minha gratidão e carinho.

Subi para a coberta do barco com passo firme e ânimo decidido, embora em meu interior chorasse tão definitiva despedida.

Levantaram a âncora, entre os chocalhos das correntes a sujeitavam, girando entre vários corpulentos homens a manivela, que grunhia trabalhando intensamente. E, entre

gritos e barafunda, a equipe subiu com presteza nas escalas, subindo como macacos adestrados até as partes superiores para manipular e esticar o equipamento de barco, desdobrando velas e provocando o grasnido das piruetas, que chiavam a seu passo pelos buracos das vigotas. Um vento raivoso inchou o pano, açoitando-o, e o mastro de proa enfiou mar dentro, ao tempo que a quilha abria um sulco reto e espumoso nas esverdeadas águas do Guadalquivir.

Fechei meus punhos no corrimão da fortaleza, de onde contemplava a grandeza e a vista de Sevilha, formosa e fera, dilaceradores urbe, mas tão colorida e jovial como a gente que a habitava.

No porto se apagava meu reduzido comitê de despedida, que começou a converter-se em um ponto recortado contra um formoso e flamejante amanhecer, ainda preguiçoso e tímido. A meu lado, tão imóvel e melancólico como eu, meu improvisado companheiro de viagem, apenas um menino de dez anos, mas tão curtido pela vida que sua maturidade sem dúvida dobrava sua idade.

Elevou seu imundo rosto para mim com a angústia pintada no semblante. Seus grandes olhos castanhos, nublados por um pano úmido, cravaram-se com estranha solenidade em mim.

—Serei por sempre seu servo, meu senhor — aduziu com gravidade — pagarei com meus serviços seu amparo. Fico em dívida de gratidão.

—Não requeiro pagamento, moço, pois não posso te cuidar. Deixar-te-ei em uma boa casa onde poderá servir e levar uma vida tranquila.

—Mas, senhor, eu desejo permanecer com você.

A súplica tingiu sua voz, que soou mais aguda e tremente.

—Parto ao inferno, Dante, jamais me perdoaria arrastar a ninguém ali, e menos ainda a um moço ao que lhe oferece a oportunidade de um futuro adulator.

Ele sacudiu veementemente a cabeça, agitando sua cabeleira morena. Seu nevoeiro se franziu contrariado e seu rosto se estirou em uma careta obcecada.

—Pois, se partir ao inferno, meu senhor, necessitará que alguém cuide suas costas.

Sorri condescendente e sacudi sua cabeleira com ligeireza.

—A bom seguro que achará quem procura amparo, eu não a necessito, e não se fale mais do assunto. Procurarei uma casa decente para ti e um divertido inferno para mim.

O moço elevou inquisitivo as sobrancelhas com gesto de clara incompreensão.

—Por quê?

Olhei ao horizonte, ao ponto onde o mar beijava ao céu, um mar que me aproximaria dessa vida que de forma obstinada tinha querido esquecer, e a que agora o destino sabiamente me aconselhava que me enfrentasse.

—Porque tenho contas pendentes com vários demônios e uma promessa que cumprir.

CAPÍTULO 2

À volta

Castelo do Duart, Highlands, 1647

Lachlan MacLean, décimo sétimo lord do clã MacLean, descendentes dos Dalriada, a ancestral e régia linha de sangue celta, e baronete do Carlos I da Inglaterra, passeava inquieto, dando grandes pernadas pelo imenso salão do castelo. O eco de seus passos sobre as lajes de pedra do pavimento reverberou pela ampla estadia, mesclando-se com o crepitar da grande chaminé e o tenso silêncio dos homens de seu clã em uma melodia desconfortante.

— Meu informante é seguro de confiar, cavalheiros — começou esfregando-se carrancudo, o queixo e cravando suas cinzas pupilas em cada um dos que formavam seu conselho — Os malditos Campbell, liderados pelo Duncan, o sanguinário general do Archibald Campbell, marquês do Argyll, vêm de caminho a sitiar o castelo.

— Que o diabo leve a essa condenada serpente do Campbell aos infernos, de onde nunca deveria ter saído! — Bramou sir John Lamont, bufando irado e golpeando com o punho o tabuleiro da mesa —. Procuram vingança agora que o marquês do Montrose teve que refugiar-se nas montanhas, depois da derrota no Naseby e fugir para a Noruega. E o rei exilado na ilha do Wight. Parece que Deus nos esqueceu!

Sir Alaisder MacColla, general do Montrose, olhou a seu filho Alexander MacDonald e resmungou mal-humorado:

—Da batalha do Inverlochy, Archibald Campbell não procura mais que vingar sua soberba. Esmagamo-los como vermes em suas próprias terras, representávamos a metade de suas forças, e Montrose com sua astúcia os massacrou. Jamais esquecerei esse dia.

Pus os olhos em branco aproveitando que nenhum dos presentes tinha a vista sobre mim. Lutar contra os bocejos já foi mais difícil.

O pomposo orgulho escocês me aborrecia sobremaneira, com sua enxurrada de medalhas alinhavadas em uma sorte de ladainha interminável, com seus golpes de peito, gabando-se de méritos e linhagens. Eram presunçosos, ásperos e irascíveis, impaciente e rancorosos, leais até a incompreensão, senão pela religião, por seus clãs, suas terras ou seu rei. Mas tão belicosos que eram completamente incapazes de manter a unidade em contra

do invasor inglês, ao que já se submeteram. E, mesmo assim, tinham permitido que se instalasse entre eles uma guerra civil por defender a religião do rei, o anglicanismo, denominando-se assim realistas, indo contra o Parlamento inglês, que defendia o presbiterianismo e cujos adeptos se faziam chamar Covenant. Os MacLean, como muitos clãs das Highlands, tinham optado pelo bando realista, mais conhecidos por massacrar aos Campbell, que defendiam o fundamento Covenant, que pela causa em si. E, deste modo, a Escócia se encontrava dividida entre ambos os bandos, sumida em brigas sangrentas nas que se aproveitavam, de uma maneira ou outra, ajuste de contas pendentes entre clãs inimigos, sempre enfrentados e sem interesses econômicos, só por orgulho e, como é óbvio, pelas vontades de batalhar que aninhava no coração gaélico de todo homem nascido naquelas agrestes terras, exceto no meu.

O fato de que a metade de meu sangue fora árabe ou que levasse quatorze anos fora da Escócia irremediavelmente me tinham desapegado de minhas origens, para não recordar o motivo que me tinha tirado do Mull com tão somente doze anos, moribundo e quebrado.

Se não tivesse tido um verdadeiro motivo para retornar, não o teria feito, por muito que perigasse o castelo, meu clã, minha linhagem ou minha vida. E esse motivo tinha mais de um nome. Um deles, curiosamente, compartilhava sobrenome e sangue comigo: Hector Mor MacLean, meu meio-irmão e agora traidor por haver-se aliado com os Campbell mediante um matrimônio arranjado, ambicionando poder e territórios. E agora, junto ao Duncan Campbell, embarcava rumo ao Mull para sitiar o castelo e aniquilar a seu próprio clã.

Apertei os dentes ante a enxurrada de lembranças que aquele nome odioso despertava em mim. Sempre soube que era um ser mísero e desprezível, ruim e mesquinho, digno filho de minha madrasta, a segunda mulher de meu pai, Margaret Lorna MacLeod, a víbora demoníaca que tinha arruinado minha vida e quase tinha acabado com ela.

Sacudi veementemente a cabeça em um intento por afastar os escuros pensamentos, agitando minha larga e indomável cabeleira negra. Descruzei os tornozelos para cruzá-los de novo sobre a mesa onde apoiava, indolente, minhas pernas, monopolizando a atenção dos presentes. Todos, incluídos meu honorável tio, franziram o cenho com evidente desaprovação. Contive duramente um dilacerador desprezo e me forcei a sorrir aos presentes com simulada ingenuidade.

—Continuem, por favor — resmunguei movendo com suavidade a mão. —Não queria lhes distrair, logo que levo uns dias aqui e não consigo adaptar meus hábitos de descanso. Isso, ou que minha cama é mais dura que as pedras do Glengorm.

Lachlan me fulminou com o olhar, tomou ar inflando seu peito e murmurou reprovador: — Ao menos me alivia comprovar que provou a cama, tenho entendido que passas a noite perambulando pelos corredores.

Ampliei o sorriso, estalei a língua e assenti terminante:

— Vejo que minha insônia não passa despercebida. Ao menos tem alguma utilidade: engordar piadas.

O robusto escocês de tez corada e cabelo acobreado soprou ainda carrancudo, voltando de novo sua atenção aos presentes.

— Cavalheiros, temos que decidir se enfrentamos a eles com minha frota no mar ou se defenderemos a costa enfrentando batalha em terra firme.

— A frota do Argyll está armada com canhões de grande calibre, temo-me que seria uma desnecessária temeridade sair ao encontro deles — opinou sabiamente sir Alaisder MacColla, o canhoto, o ardiloso general irlandês sob o mando do marquês do Montrose, aliado dos realistas e grande estrategista em batalhas em campo aberto.

— Certo, amassemo-los quando desembarcarem — concordou Lamont com a impaciência brilhando em seu iracundo olhar. — Ocultar-nos-emos na costa e, ao gesto do vigia postado nos escarpados, abateremos sobre eles como uma praga.

Observei como o homem quase salivava ante a iminente escaramuça. A vingança obscurecia seus olhos com um desejo tão dilacerador que contraía todo seu corpo.

Lachlan me tinha posto a par, convenientemente, quanto ao desenvolvimento da guerra. E conhecia o massacre do Dunoon, origem das ânsias vingativas do Lamont. O que parecia esquecer o bom cavaleiro era que esse massacre havia partido de outra promovida por seu clã: a matança do Campbell levada a cabo pelos Lamont e os MacColla na torre Kilmun, e assim até o infinito, pensei com certo descuido. Bem era certo que no massacre do Dunoon, os Campbell tinham faltado a sua palavra, pois, depois de sitiar os castelos do Toward e Ascog, bastiones do Lamont, tinham conseguido a rendição de seus ocupantes e assinado umas negociadas capitulações, nas que se incluíam salvo-condutos para abandonar a região sãs e salvos. Os Campbell romperam o acordo, aduzindo que não respeitavam nenhum término com traidores, e, uma vez dentro, passaram a faca a todo o clã Lamont — homens, mulheres e meninos— de maneira desumana.

Naturalmente, jamais me poria de parte do bando de meu meio-irmão, a não ser que, além de contar com a cobiçada oportunidade de matá-lo, recebesse suculentas recompensas monetárias. Era um mercenário, um renegado, e muitas outras coisas que teria que tirar a luz para achar a paz, se isso acaso existia.

—Lean, pode intervir quando o considerar oportuno — recordou Lachlan.

Senti numerosos pares de olhos cravados em mim e me ergui na cadeira, pigarreando para ganhar tempo e meditar a pergunta. Não estava ainda familiarizado com meu nome gaélico, como tampouco com os costumes e as roupagens do que uma vez foi meu clã. Pois, embora tivesse ido a seu chamado, nada ficava em mim do MacLean. E esse nada saltava à vista, tanto que parecia ofender aos presentes.

Tinha-me negado a usar o breacan típico de meu clã, além de não recordar como se dispunha o feileadh mor. Tampouco os sett, o desenho quadrangular, nem as cores que uma vez me vestiram imprimiam em meu peito emoção alguma. Meu coração era mais sevilhano, assim como minha vestimenta: seguia levando minhas meias negras rodeadas, com botas que cobriam meus joelhos e um espartilho de grosso pano cinza e mangas balões, pelas que apareciam os brancos de minha regata de fino linho. Minha capa escura e meu chapéu de asa larga e emplumado negro era meu traje habitual naquela longínqua Sevilha, que, embora dura, tinha-me agradável um lar e uma família, briguenta, isso sim, mas unida.

— Em minha modesta opinião — comecei acomodando um dos volantes de minha manga com ar indiferente, — acredito que deveríamos aproveitar a vantagem de estar rodeados de pedra maciça. Por que perder essa prerrogativa saindo a combatê-los?

Sorri com gesto suficiente e os olhei um a um, comprovando em suas faces o evidente desagrado por minha presença ali. Para eles era um gall, um estrangeiro, por muito que tivesse nascido nessas terras. E soube ao ponto que sempre o seria para eles, e possivelmente também para mim.

—No meu entender — continuei— o mais sensato é atacá-los desde estes mesmos muros. O castelo está sobre uma alta colina rochosa, rodeado de mar, só tem um acesso à vista, que será fácil defender. Eu apostaria homens nas muralhas, com molas de suspensão, arcabuzes e alabardas. E, enquanto as tropas do Argyll tentam assaltar o castelo e se entretêm com nossa corajosa defesa, um grupo de guerreiros poderia sair perfeitamente pelo túnel que leva a base do escarpado, rodear o cabo e cair sobre eles a golpes de cutilada. Economizaríamos vistas e suor.

Aplaudi orgulhoso meu shamshir, minha apreciada espada persa, atraindo sobre ela o olhar dos homens.

—Que demônios é isso? —aduziu MacColla interessado.

—Justo isso — respondi acariciando seu punho lavrado, — um demônio árabe que ceifa vistas como a foice que leva a morte.

—É curva — observou seu filho Alexander enquanto eu a desencapava para luzir sua formosa folha.

— Por isso é parecida com a foice — aponte, balançando-a graciosamente.

— Por São Andrés, o único que se pode conseguir com tão estranho artefato é cortar o ar! — Exclamou Lamont mordaz. — Essa espada não pode competir com uma *claymore*⁵, parece ligeira e quebradiça, duvido que veja outro dia se ousa enfrentar aos Campbell com... isso.

— Logo descobrirão, sir John, se seus vaticínios se cumprem —argui risonho. — Não só é de cómodo manejo, ligeira e letal, mas sim desarma facilmente ao oponente e tem dezenas de movimentos inesperados. E, em todo combate, como imagino que saberão surpreender ao inimigo é parte fundamental de toda vitória.

— De que surpreenderá, meu querido sobrinho, não albergo nenhuma dúvida.

Ampliei meu sorriso em uma careta zombadora, pus-me em pé, agarrei meu chapéu emplumado e efetuei uma reverência com pompa e floreio, para terminar me tocando com ele e inclinar respeitosamente a cabeça.

— Cavalheiros, rogo que desculpem minha retirada, mas minha cabeça lateja como o faria a cabeceira de uma meretriz trabalhadora. Já tenho proposto a tática que melhor considero. Quando decidirem qual executar, meu shamshir e eu estaremos a seu completo serviço.

E, sem qualquer dúvida, saí do amplo salão com passo firme e porte altivo, cansado de tanta importância ante a mera decisão de forjar um plano eficiente. Soprei aliviado e fui a procura de Dante. Desde sua chegada, o pequeno rufião não fazia mais que honrar seu nome com travessuras várias. Se não lhe encontrava logo um lar, corria o risco de que eu mesmo o jogasse pelos penhascos.

Caminhei para a cozinha, onde Dante estava acostumado a impacientar as donzelas com atrevidas palmadas, escondendo seus utensílios de trabalho ou lhes trocando as coisas de lugar, roubando galinhas ou simplesmente aporrinhando. Não seria fácil o colocar de servo em uma casa, pois era irreverente, indisciplinado e com uma aguda

⁵ Claymore é uma variante escocesa da espada medieval montante utilizada durante os séculos XV e XVI. Possui gume duplo e é manejada com as duas mãos, impedindo o guerreiro de utilizar um escudo.

inclinação ao furto. Só me ocorria que servisse de espião ou mensageiro de algum cavaleiro, isso ou acabaria de carente trombadinha em alguma das vilas próximas até que o guarda o capturasse, terminando suas maldades com sorte no pelourinho ou, sem ela, em uma das atrozes prisões da região.

Encontrei ao muito patife ajeitado sobre uns sacos de grão, dando boa conta de um favo de mel, ignorando com gesto insolente o sermão da Anna, minha velha ama, que se deteve em seco ao reparar em mim.

— Meu bom senhor, este pequeno velhaco não respeita nada, necessita umas boas palmadas — sugerio carrancuda.

— Tanto como vocês uma pausa.

Inclinei-me sobre o rapaz e o obriguei a ficar em pé atirando de sua orelha esquerda e, entre gemidos e lamentos, arrastei-o até o pátio de armas.

Se algo tinha claro era que a ociosidade era a porta a maus pensamentos e piores inclinações.

Soltei-o e o observei com desgosto, enquanto o moço se esfregava grosseiramente a avermelhada orelha e me devolia um olhar ressentido.

— Só comia minha sobremesa — se defendeu ofuscado.

— Tinha-o pedido?

Negou com a cabeça, ao menos teve a decência de baixar a vista.

— De agora em diante, fará, e não só isso, mas também ajudará nas quadras e atenderá as demandas da velha Anna, ou eu mesmo te mandarei de retorno a Sevilha em um navio cheio de ratos. Entendido?

Seu rosto se contraiu em uma careta de causar pena que não me abrandou.

— Se me obedecer como é seu dever, eu mesmo te ensinarei a usar a espada. Será Anna quem me dirá se merecer cada classe.

Os olhos do moço se abriram surpresos. Seu semblante sarnento se iluminou entusiasmado, e suas adoentadas pernas começaram a agitar-se com impaciente ilusão.

— Também terá que te assear devidamente — apontei severo, cravando minha vista em sua emaranhada e suja juba, apostando que estava cheia de lêndeas por como se arranhava. — Anna se ocupará de ti, e obedecerá a ela sem replicar — adverti divertido ao comprovar como sua luz se escurecia com um véu rebelde.

Inclinei-me para olhá-lo frente a frente e sufocar sua contrariedade com minha firmeza.

— Entendido?

Assentiu com vigor, mas não me conformei com isso.

— Quero sua palavra.

— Têm-na, meu senhor.

Mais tranquilo, ergui-me e o conduzi até o bastidor onde se dispunham as espadas de madeira com as que se ensinava aos escudeiros.

— Escolhe a tua, e pode usá-la.

— Farei, meu senhor, Assem, lhe farei sentir orgulhoso de que decidam ficar comigo.

Sorri abertamente. Dante era mais ardiloso do que tinha imaginado.

— Ainda não decidi o que fazer contigo, patife, e agora vê e acerta qualquer que seja o desastre que tenha armado nas cozinhas. Vá e faz que se sinta orgulhosa sua mãe, não eu, não esqueça que te observa de cima.

— A sua também lhe observa?

Detive-me um instante e traguei saliva, adquirindo de repente um gesto grave e tenso.

— Espero pelo bem de ambos que não.

E me girei e pus rumo ao meu quarto, apartando pensamentos incômodos.

Em efeito, uma horrível dor de cabeça bicava minhas têmporas pelas mudanças de ritmo no sono, ou pelos demônios que via em cada rincão. Precisava dormir, ver se conseguia me liberar dos pesadelos, antes dos Campbell chegarem às costas.

Cruzei-me com uma das jovens donzelas do castelo, que me sorriu com acanhamento, evidenciando um manifesto rubor em suas bochechas e um brilho interessado em seu olhar. Inclinei cortês minha cabeça ante ela e, depois de um meio sorriso pícaro e um toque gentil na asa de meu chapéu, continuei meu caminho. Não me passou inadvertido seu afetado suspiro, como tampouco seu gesto admirado. Entretanto, e embora levasse muito tempo contendo urgentes apetites carnis e as faxineiras pareciam abertamente propensas a meus encantos, as lembranças de cada estadia exerciam em mim um afastamento das necessidades corporais. Tampouco a comida me chamava em excesso, posto que sentia tal opressão em meu peito que logo que podia deixava de comer

Entrei em meu quarto e me despi com gestos desinteressados. A chaminé esquentava a habitação, embora a umidade pesasse no ar e acariciava a pele, dificultando que o calor afastasse em sua totalidade o frio que gotejava dos muros. Tombei-me na cama com dossel com tão somente a regata e fechei os olhos, com o antebraço cobrindo o rosto, como era usual em mim. Depois de um instante, o sonho me levou, e o inferno se abriu liberando seus demônios...

— Maldito bastardo! Onde está?

Tremia e soluçava contra o imundo trapo com que esfregava o chão todos os dias, laje a laje, de joelhos, até quase me sangrar as mãos. Tinha completado os nove anos o mesmo dia que meu pai tinha amanhecido morto em seu leito, e após a Lorna, minha madrastra, tinha conseguido que diariamente desejasse seguir a meus pais ao mais à frente. Hoje fazia onze anos, e o único que desejei com ardor por meu aniversário foi não cumprir os doze.

Escondi-me em uma fresta detrás duas colunas no anexo das cozinhas e fechei com força os olhos, enquanto escutava a minha madrastra me buscar aos gritos por cada rincão. Sabia que levava sua inseparável vara consigo, e ao verdadeiro bastardo um ano menor que eu atrás dela, seu adorado filho Hector, meu cruel irmão, rindo como um inseto e aplaudindo emocionado, desejando me encontrar.

Encolhi-me quanto pude, os tremores me sacudiam e o medo me fustigava ante o temor de receber o castigo por ter derrubado o balde de água suja no salão. Só que não tinha sido eu, a não ser Hector, quem lhe tinha dado um chute gritando a pleno pulmão enquanto fingia escorrer-se, choramingando como se tivesse quebrado uma perna.

Não sei o tempo que passei ali, mas meu corpo se rendeu ao cansaço e dormi entre soluços e calafrios. De repente, um forte puxão me sobressaltou e abri os olhos ao horror.

Uma mão se fechava com força em meu cabelo e me arrastava fora de meu esconderijo. Gritei, esperneeii, supliquei, mas ninguém foi em minha ajuda. Lorna me levava ao pátio central, seguida de seu filho e de seus cães. Ao cabo, soltou-me, e de joelhos me atrevi a olhá-la suplicante. Chovia e as gotas de água varriam minhas lágrimas e sufocavam meus rogos. O primeiro que fechou minha boca foi uma brusca bofetada, que prendeu de fogo minha bochecha.

— Atacar a um membro de seu próprio clã, por muito miserável que seja, suporta um grande corretivo, e mais quando se trata de seu meio irmão. Deveria te jogar de minhas terras como o cão ingrato que é, mas prometi a seu pai que cuidaria de ti, e que Deus me atira, mas cumprirei minha promessa. Só espero te converter em um homem de bem e que esta lição te sirva para te afastar de meu filho e da maldade que herdou da puta sarracena que te trouxe para o mundo.

Dois serventes apareceram então de um nada, puseram-me em pé e me obrigaram a estender os braços.

Sustentei seu olhar, a raiva que fervia em meu interior afastou os soluços e esticou meu corpo o suficiente para suportar a primeira paulada nos nódulos.

Apertei com força os dentes, tanto que temi fazê-los estalar. Uma após outra, as pauladas cortaram minha pele, em cruzados traços sanguinolentos, abrasando o dorso de minhas mãos e estendendo a dor até boa parte do antebraço. A cada golpe estremecia, afogando gemidos e estrangulando soluços, tão somente umas lágrimas silenciosas percorriam um rosto duro, embora sofrido. E, em que pese a que fechei os punhos quanto pude, meus dedos começaram a inflamar-se. Perdi a conta de cada paulada, só sentia uma dor cegante e uma lassidão que começava a atirar de mim, obscurecendo as laterais de minha visão.

Quando tudo terminou e os homens me soltaram, caí de joelhos ao barro entre bruscos tremores. Olhei minhas irreconhecíveis mãos, ensanguentadas, abertas em um sem-fim de brechas, e senti uma arcada me convulsionar.

— Deveria me agradecer que este castigo te libere uns dias do trabalho — cuspiu Lorna com latente desprezo.

Sustentei seu olhar derramando nela o profundo ódio que me inspirava sem me intimidar, tanta era minha alienação que inclusive me atrevi a sustentar ameaçador o olhar do Hector, que me contemplava com os olhos muito abertos e certa expressão de espanto brilhando neles.

Em troca, recebi uma forte patada no flanco que me derrubou.

— Jamais volte a sustentar nossos olhares de forma desafiadora — ameaçou Lorna, — ou te arrancarei os olhos, maldito.

E assim, atirado na lama do pátio de armas, desejei minha morte uma vez mais, só que com mais intensidade que as anteriores.

Pouco depois, uns braços me elevaram e uma voz de mulher com um ar de angústia e pesar me acompanhou à despensa do castelo, onde me atenderam, enfaixando minhas mãos enquanto acudia o farmacêutico a pôr remédio a minha dor.

— Meu pobre moço — se lamentava Anna entre lágrimas, — quão injusto é seu destino!

— Libere-me, Anna, suplico-lhe isso, pede um filtro que apague docemente minha vida, não vale a pena fechar feridas que dentro de pouco abrirão com mais dor.

Anna afogou um soluço e negou com veemência com a cabeça. Seus doces olhos azuis mostraram tanta comiseração, tanto horror e tanta incompreensão que soube que não acataria meu rogo.

— Não pode me pedir isso, Lean, condenaria minha alma e também a sua. Mas sim farei algo por você, e é mandar chamar a seu tio Lachlan para que ponha fim a estas atrocidades. Leva seu sangue e tem que mediar por você, se já não como parente, sim como homem de bem. Aqui todos somos servos dessa víbora do demônio, executar-nos-ia se advogássemos por você. Já agradeço que ao menos nos deixe lhe curar. Quer-lhe vivo, para lhes fazer pagar que seu pai jamais a amasse como amou a sua mãe.

Assenti com funda derrota e me deixei levar por esse pensamento, que era quão único ia a me salvar.

Despertei empapado em um pegajoso suor frio, tremendo e com as mãos doloridas. Sacudi a cabeça e me incorporei ainda ofegante. O passado retornava através de vívidos pesadelos, incrementando assim um ódio visceral que me queimava as vísceras. Logo me vingaria do Hector. Quanto a Lorna, logo iria a sua busca. De outros... já me encarregaria ao seu devido tempo.

Abri e fechei as mãos repetidas vezes e, com o coração ainda galopando amalucado, saí do leito e me vesti. Talvez nos braços de uma mulher, meu sonho seria mais sereno e reparador, pensei esperançado.

CAPÍTULO 3

O assédio

A primeira bala de canhão fez que me incorporasse com brutalidade do leito, sobressaltando a mulher que dormia em cima de meu nu torso.

Saí veloz da cama e, enquanto a jovem donzela abria com excesso seus grandes olhos castanhos e cobria pudica e incompreensivelmente um corpo que eu tinha tratado com atenção toda a noite e que conhecia a perfeição, rebusquei minhas roupas disseminadas pelo chão. Descobrir que minhas capacidades amorosas não tinham diminuído e que, por conseguinte, tinham afastado aos demônios me outorgando um descanso relativo imprimiu em mim uma atitude corajosa, incrementada pela iminente batalha que estava a ponto de brigar.

Vesti-me apressado e, depois de dedicar à donzela um luminoso sorriso que aliviou seu temor e obscureceu seu gesto, aproximei-me dela e beijei seus lábios.

— Deseje-me boa caça, preciosa.

— Boa caça, meu senhor.

Percorri à carreira os corredores, me topando com serventes que se deslocavam rápido com baldes na mão e semblantes assustados.

No grande salão principal, os homens do conselho, e aliados realistas, dispunham suas feições, dando ordens aos capitães de cada regimento.

Aproximei-me de meu tio com gesto inquisitivo aguardando seu mandato.

— Estão ajustando os disparos, comprovando seu alcance — informou em tom grave.
— Se esses canhões de quarenta libras que levam os galeones nos alcançam, ficar no castelo não será uma opção.

— Por isso pude observar — apontei — o mar está revoltado, será arriscado aproximar-se dos escarpados. É improvável que suas balas cheguem sequer a roçar as pedras da costa. Nenhum canhão, nem sequer o de quarenta libras, tem o impulso necessário para elevar tanto os projéteis. Nossa posição elevada nos salvaguarda de um ataque por mar.

—E podemos saber por que está tão seguro? — Inquiriu MacColla com evidente receio.

— Fui um galeote — respondi, — escravo em uma galera cumprindo pena por assassinato, e participei da batalha do Cabo de Gata, a bordo de um galeón de guerra formando parte da artilharia. Também fui marinho mercante, assisti a meu mestre como escudeiro nas guerras do Flandes e participei do assédio da Breda com tão somente dezesseis anos, entre outros e díspares ofícios. Espero que confiem em minhas aptidões, pois são as que conseguiram me manter com vida até hoje. E lhes asseguro que nunca apreciei minha vida como até este instante. Tenho muitos motivos que me impelem a seguir respirando, um dos quais é que outros deixem de fazê-lo sob minha mão.

Depois de um silêncio tenso no que todos os presentes me estudaram sob um novo prisma, mas sem apartar seu muro de desconfiança, reataram suas estratégias tomando como boa minha apreciação.

— Ordenem que os soldados carreguem os canhões e disparem contra a frota — bramou Lachlan cravando seu confiado olhar em mim.

Assenti levemente, esboçando apenas um sorriso tirante, mas agradecido.

— E, posto que tanto ardor mostre por entrar em batalha, formará parte da emboscada junto aos homens da MacColla, já que adotamos sua sugestão por decisão majoritária do conselho.

Pude ver no semblante turvo do Lamont sua manifesta oposição à decisão e seu aberto rancor para mim.

— Seremos apenas um posto avançado — anunciou MacColla, deixando escapar um grave fôlego. Ergueu-se e me cravou um olhar carrancudo com o qual me avaliou com evidente desdém, — mas de homens o suficientemente aguerridos e experimentados que terão que compensar várias suas vezes reduzido número. Serão capazes de estar à altura, MacLean?

Sustentei seu olhar ao tempo que meus lábios riscavam um sorriso ansioso.

— Não serão minhas palavras as que respondam, meu general, serão meus feitos, assim, espero lhes responder breve.

Sua carranca se suavizou agradado, me outorgando com ele um voto de confiança.

Ao cabo, ressonaram os canhões que guardavam a costa, reverberando entre os muros de pedra com um eco terminante que se compassou aos batimentos de meu coração. Na

verdade, ardia em desejos de batalhar, todo meu corpo clamava ação e minha alma faminta de vingança despertou com renovado brio, sedenta de sangue.

Um soldado se precipitou abruptamente no grande salão, quadrando-se ante meu tio com expressão contrariada.

— Meu lord, ante nossos disparos, a frota do Argyll se dispersou com intenção de rodear a ilha. Seguimos disparando?

Todos nos deslocamos para a grande janela ogival para comprovar como os navios se desagregavam formando um semicírculo que pretendia abraçar o enclave do castelo, e muitos deles ficavam fora do alcance dos projéteis.

— Maldição! — Resmungou alarmado sir Lamont. — Agora poderão desembarcar em qualquer parte da ilha e nos rodear.

Arrebatei-lhe a luneta a meu tio em um brusco gesto e escrutinei a frota procurando o identificativo galhardete do navio que a comandava.

— Ordena que enfoquem todos os disparos ao mesmo alvo — sugeri sem deixar de repassar a frota inimizada, calibrando seu potencial ofensivo.

— A que alvo, senhor? — Repôs o soldado dúbio.

— Ao casco de navio insígnia — respondi terminante, devolvendo a luneta ao Lachlan, que me deu de presente um olhar reprovador. — É aquele no que ondeia o emblema dos Campbell, que leva mais canhões. A bom seguro o capitaneia Duncan e, meu querido meio-irmão.

— E isso fará que a frota retroceda? — Replicou mordaz sir Lamont.

— Isso fará que se afunde um grande capitão inimigo e que seus homens, desconcertados, corram a socorrê-lo — falei sustentando o cenho. — Isso conseguirá confundi-los e que esqueçam o plano de ataque, porque uma frota sem mando, sir Lamont, é como uma cabeça sem miolo.

O homenzinho aumentou os olhos com um marcado desagrado, seu semblante conformou uma careta ofendida e seus apertados punhos contiveram seu acesso de fúria.

Lachlan se limitou a assentir com gesto imperturbável, embora pude perceber um leve espionismo de mal-estar esticando sua mandíbula. O soldado de artilharia saiu à carreira. O resto observamos em silêncio o desenvolvimento da batalha.

Depois das primeiras surriadas, que puseram de vergonhoso manifesto o nulo adestramento no manejo de canhões de nossas tropas, soube que seria mais fácil que um

relâmpago partisse em dois aquele navio, que nossa artilharia obtivesse sequer roçar um só de seus mastros.

Bupei contrariado quando compreendi que o capitão Duncan Campbell sim que tinha bom miolo na cabeça. Umas fileiras de barcos começaram a afastar-se dos navios rumo à costa, decididas ao assédio.

— Bom, senhores — anunciou MacColla com um sorriso impaciente, — parece que finalmente teremos festa. Eu só quero beber sangue Campbell, e você?

— Compartilhamos gostos, MacColla — murmurou sir Lamont, — bem sabem. Embebedemo-nos de ódio e brindemos pela vitória sobre a cabeça de nossos inimigos.

— Irei preparar a meus homens para o assédio — resmungou Lachlan. Ato seguido, dirigiu-se ao general irlandês com rosto grave: — MacColla, quando as tropas do Argyll se empelotem a nossas portas darei o sinal. Meu sobrinho conhece amplamente o acesso ao túnel, sairão através de uma cova aberta na parte leste do castelo, ele lhes conduzirá para os portões de entrada.

E, depois de uma breve e respeitosa inclinação de cabeça, saiu a bom passo para os recintos exteriores.

O irlandês aplaudiu o ombro de seu fornido filho Alexander e o levou para uma mesa repleta de armas, fazendo com que o seguisse.

— Bom, MacLean, além dessa graciosa espadinha curva que leva, mais vale lhe equipar com o que melhor dirijam.

Dirigi minha atenção para uma formosa e lavrada pistola de chave de faísca que tomei em minhas mãos, repassando suas deliciosas gravuras com franca admiração.

— Têm bom olho — elogiou o irlandês, — uma beleza escocesa. Foi fabricada no Doune, no condado do Stirlingshire. Sabe utilizá-la?

Agarrei uma pólvora de prata enquanto assentia, me assegurando de seu conteúdo.

— É boa para os duelos — afirmei, — mas em combate corpo a corpo é por completo inútil, demora muito para carregar. Além disso, com o clima destas terras, é condenadamente fácil que se umedeça a pólvora e se volte imprestável. Não obstante, acabo de me apaixonar.

O irlandês soltou uma gargalhada áspera e me aplaudiu com vigor as costas.

— Começa a cair bem, MacLean. Se não morrer, espero brindar com você esta noite.

— Também eu o espero, embora possivelmente morrer resulte mais entretido que aguentar outra enxurrada de golpes de peito.

MacColla arqueou as sobrancelhas impávido, abriu a boca com farto assombro, olhou ao resto e estalou em uma violenta gargalhada que o dobrou em dois.

— Por são Patrício! — Bufou entre risadas. — Alguém franco para variar...

Compus um sorriso indiferente, enquanto comprovava o peso da arma e a trocava de mão.

— É canhoto como meu pai? — Inquiriu Alexander.

— Uso ambas as mãos por igual — confessei ante a estranheza do moço.

— A mão esquerda, dizem, que é dirigida pelo demônio — apontou Lamont com traição, me olhando com acentuado desprezo.

— Posso lhe assegurar, sir Lamont, que, por sorte, o diabo dirige minhas duas mãos.

— Também a minha — asseverou entre risadas MacColla — isso que me falavam de pequeno para me obrigar a ser destro, mas o diabo foi mais persistente.

Continuando, soltou outra gargalhada, ao tempo que sacudia a cabeça com diversão.

— Moço, se for rápido igual com seu aço que é com sua língua, logo limparão seus domínios dos Campbell — aduziu o irlandês armando-se com outra *claymore*, que cruzou em um cinto a suas costas.

— Não sou o lord destas terras, tão somente um parente que tem várias penas pendentes.

— Entendo, pois, quando as saldar retornará a Sevilha?

— É minha intenção, sim. Nada me ata a este lugar.

— Mas é um MacLean — murmurou com desaprovação.

Para aquele homem leal a seu sangue e a seu sobrenome, que outro renegasse do seu devia lhe parecer alta traição.

— Precisamente isso é o que menos fica de mim. Minha família é a formada pelos laços de afeto, que não de sangue, meu lar é aquele que me ofereça refúgio, e minha lealdade se inclina para a bolsa de ouro que mais pesa.

— É um mercenário?

— Em efeito, sir Alaisder MacColla, com gosto oferecerei meus serviços se chegarmos a um acordo. Nada mais do que saldar minhas contas, ficarei disponível para qualquer encargo que me seja rentável.

— Lachlan é um bom lord — murmurou o irlandês, — mas iria bem lhe ter de general, é valoroso e sagaz, e sua presença seria um bom escudo para seu clã.

Contemplei-o ampliando um sorriso instado.

— A nenhum lord vai bem ter perto a alguém que poderia reclamar seus direitos por sangue — objetei com convencimento. — Não sou nenhum iludido, MacColla, se ele me mandou chamar foi porque sabe que minha intervenção nestes precisos momentos lhe será benéfica, e porque está completamente seguro de minha desvinculação com o clã.

O homem grande sorriu calmamente, com um brilho admirado em seus olhos e, fechando a conversação, dirigiu sua atenção a janela, observando pensativamente a miríade de botes que remavam para a costa.

Foi impossível não reviver a cruenta batalha naval em que tinha participado, jamais se apagaria de minha cabeça como as balas de canhão amputavam membros aos marinhos, como as lascas arrancadas dos mastros e dos buracos no casco que os projéteis inimigos perfuravam voavam como letais adagas, aniquilando à tripulação. Como brincava de correr pelas cobertas inferiores levando a pólvora até minha seção de artilharia, entre despojos humanos, sangue e dor. E como observava detento do pavor a corrente de água que alagava os paiois e as adegas do navio, empurrando-o por volta do fundo de um mar negro e revolto.

Esse dia aprendi a nadar. “Nada como um bom estímulo para acelerar uma intenção”, pensei com certo amargor.

Respirei fundo, acariciando pensativo o punho de minha espada, justo quando um mensageiro nos deu o sinal que aguardávamos.

O irlandês mandou chamar a seus homens de maior confiança e, sem perda de tempo, eu os dirigi para os porões do castelo.

Percorremos em silêncio o estreito e úmido conduto que atravessava o promontório rochoso sobre o que se assentava o castelo, seguidos do eco de nossos passos e do fôlego de nossas agitadas respirações. E, de repente, uma lembrança se filtrou em minha mente, a cada passo que dava...

Corria com o coração na boca e o gosto ferroso do sangue nos lábios, ouvindo o eco dos latidos dos cães de presa, da Lorna, detrás de mim e a destilação daquele túnel como o tictac de um relógio que anunciava a conta atrás de minha vida.

Ofegava e rezava. A cada pernada, em minha mente se perfilava com desespero o único lugar onde essas bestas selvagens não teriam acesso, achando tão somente um lugar possível: uma fresta na parede do escarpado, uma greta tão estreita pela que nenhum desses robustos cães poderia penetrar. Além disso, levava a superfície, poderia escalar com tato e escapar até o carvalho, onde possivelmente poderia esperar escondido o tempo suficiente até que MacNiall ou meu tio viessem de visita o Mull. Sabia caçar e pescar, e poderia subsistir no bosque até lhes rogar sua ajuda. Aquele plano sossegou meu ânimo e deu asas a meus pés. “Hoje não, — pensei — hoje não serei o jantar desses dois demônios peludos.”

Sacudi a cabeça furioso, traguei saliva forçadamente e me obriguei a me centrar na emboscada que estávamos a ponto de perpetrar.

Sáímos à intempérie sobre uma lisa planície de pedra calcária onde rompiam furiosas e espumosas ondas. Gotas salgadas nos salpicaram em uma neblina esbranquiçada, como se tratasse do bafo que exalava o exaltado oceano em um espirro violento.

Observei com desgosto a fresta pela qual escalava de menino em minhas contínuas fugas, e onde tinha passado largas e transidas noites me ocultando da fúria de minha madrastra. Entretanto, não reprimi a ira que isso me provocava, pois a necessitaria breve. Ao outro lado, uma escada lavrada na pedra conduzia para a colina do promontório, onde um agreste atalho rodeava os muros do Duart até o recinto da entrada principal.

— Por aqui!

Conduzi aos homens, apenas uma dúzia, na ascensão, com um só rosto guiando meus passos, Hector, meu meio-irmão.

Até nós chegou a barafunda do assédio: ordens cruzadas, gritos, grunhidos conjuntos, disparos e surdos impactos. Foi fácil adivinhar que estavam usando um aríete.

Espionei de uma esquina e, tal como tinha suposto, um grupo de homens sustentavam um grosso cilindro de madeira com ponta de aço que impeliavam contra os portões tachonados da entrada. Mais atrás, várias feições de highlander empunhavam suas espadas, dispostos a tomar o castelo.

Pude distinguir entre estes um séquito de homens mais notáveis flanqueando a seu capitão. Roguei para que Hector se encontrasse com eles.

MacColla se aproximou de minha altura e, escondido contra o muro, espreitou a situação com semblante concentrado.

— Só espero que, ante o desconcerto que causaremos, seu tio tenha preparado seus homens atrás dessas condenadas portas e nos apoie, ou esta noite seremos jantar de gaivotas e gaviões.

— Alentador — murmurei sardônico.

— Não sejamos tão descorteses de atrasar um jantar.

E, sem mais, o belicoso irlandês se precipitou a voz em grito e espada em mãos para as tropas do Argyll, seguido de seus homens e de mim.

Caímos como um raio sobre os homens do aríete, ceifando suas vidas com nosso aço, e a seguir nos lançamos como bestas famintas sobre as hostes que se apinhavam no recinto da entrada e que nos fizeram frente com semblantes mudados.

Uma e outra vez riscava certos arcos com meu shamshir, afundando-a no inimigo, me salpicando de sangue e de urgência por alcançar as linhas de alta fila. Em metade dos combates que mantinha, enquanto esquivava e fazia chocar meu aço com numerosos oponentes, espionando meu objetivo entre as cabeças, pareceu-me reconhecer um perfil familiar.

A meu redor, o pandemônio que me rodeava ocultava-me convenientemente, velando minha intenção, e a cada inimigo que derrubava avançava quase à carreira, inclusive evitando entrar em batalha.

Senti o amargo gosto da bÍlis na garganta quando uma feroz bola de azedo ódio começou a subir por ela. A poucos passos de mim, meu cruel irmão permanecia alerta, mas imóvel junto ao Duncan Campbell, a modo de fiel protetor.

Aquele mísero traidor, tão semelhante em feições a sua mãe, de cabelos castanhos e olhos acedados, observava, espada em mão, a batalha. Vê-lo embelezado com as cores do Campbell congratulou-me em certa forma.

Nesse instante lamentei não me haver camuflado de highlander, pois meu aspecto físico não comungava com a vestimenta que me rodeava. Era como uma mancha negra em metade de tão vistosas cores, todo um estranho gall que se entremetia em um combate que não era o seu; tão somente eu podia saber quanto o era.

Joguei uma fugaz olhada detrás de mim para ver como o grupo de MacColla se reduzia de forma dramática. Divisei como o irlandês lutava ardorosamente junto a seu

filho, ambos representavam um dueto temível repartindo cutiladas a destro e sinistro com uma ferocidade que maravilhava.

Justo quando me aproximava de meu objetivo, três soldados do Campbell me rodearam, esgrimindo além de suas espadas umas caretas presunçosas.

Devolvi-lhes o gesto me permitindo acrescentar um sorriso zombador que os confundiu.

— De onde demônios saíste você? — Inquiriu um deles, medindo-me visualmente ao tempo que me envolviam.

Cobri meu corpo com meu shamshir e, com felino olhar entreaberto, resmunguei: — Do mais profundo dos infernos.

Manobrei em um rápido giro, compondo um teatral floreio sem chegar a roçar a meus adversários, como se a curvatura de meu aço não pudesse alcançá-los. Os três retrocederam em uníssono, alertas, mas aliviados ao comprovar o curto alcance de minha espada. Confiados e com gestos arrogantes, atreveram-se a me cercar com mais segurança e arrojo, que era o que eu procurava.

— Pois logo voltará para ele, maldito gall.

Arqueei uma sobrancelha com olhar desafiador e logo que forcei um malicioso sorriso antes de descarregar o golpe que pretendia.

Virtualmente à mesma distância de mim, os três homens se abateram de uma vez elevando seus aços. Tão somente tive que me agachar e girar em um círculo completo ao tempo que afundava o fio de meu shamshir em seus ventres. O sangue cáldo e brilhante salpicou e os três homens se desabaram quase de uma vez como fardos de feno. Não me detive para comprovar se estavam mortos, mas sim avancei com decisão para os altos mandos, que começaram a retroceder ante o gemido das dobradiças dos pesados portões que se abriam. Lachlan nos mandava reforços.

Um olhar acinzentado se cravou em mim, aumentada de espanto e ódio.

— Você!!!

Hector MacLean, irmão de pai, traidor de sangue e ser abjeto por excelência, avançou para mim com o rosto congestionado pela ira.

— Não parece muito feliz de reencontrar seu irmão. De fato, até parece aborrecido — brinquei feliz ao fazê-lo perder os estribos. Nada era mais fácil de vencer que a um homem dominado por seus impulsos.

Apertou os dentes franzindo os lábios em uma careta furiosa. Seus olhos cinzas faiscaram e seu rosto se esticou, em uma careta escura gotejava ódio e temor.

A nosso redor, as espadas colidiam e os grunhidos brotavam entre clamores combativos.

Hector se deteve um instante frente a mim, calibrando minha postura e minha intenção. Ambos começamos a caminhar em círculo com os olhares engastados, entreabertos, avessos e carregados de rancor.

Aferrei com firmeza o punho de minha espada enquanto estudava seus movimentos. Nunca tinha sido muito destro no manejo das armas, mas sim em intrigas e maldades. Pensava desfrutar de um bom momento antes de vencê-lo.

— Ouvi que se casou — murmurei quase com jovialidade.

Ele enrugou a testa e endureceu o cenho.

— Cão sarraceno! — cuspiu com aversão.

Aquele apelativo, tão usado por sua mãe, alimentou a bola de ódio que ameaçava me quebrar, despertando lembranças tão dolorosas que temi privar do desfrute lançando uma letal estocada.

— Não vais apresentar-me a minha cunhada? Ardo em desejos de conhecê-la.

— E minha espada morre por conhecer suas vísceras.

— Façamos, pois, as devidas apresentações e deixemos de formalidades — repus, e fiz uma veloz ameaça de ataque que o enganou o suficiente para tropeçar no retrocesso.

Instigado, carregou contra mim em um néscio desdobramento de fúria que me resultou fácil esquivar com um destro giro e um empurrão que quase o derrubou sobre o pavimento.

Aturdido e avermelhado pela cólera que o dominava, voltou para a carga. Esta vez o freei com um tremendo murro que lhe rompeu o nariz. Emitiu um agudo chiado e se cavou a mão sobre ele contendo o sangue que gotejava sem cessar.

— Dói?

Sua resposta foi outro grunhido e uma investida que parei com meu aço. Logo o golpeei uma dura patada que o impeliu para trás e, aproveitando seu desconcerto, extraí minha adaga e, fingindo uma aposta, obtive que elevasse a espada descobrindo seu flanco esquerdo. Foi fácil apunhalá-lo enquanto detinha sua estocada com a shamshir.

Caiu de joelhos e a corrente de sangue emanou de seu flanco.

— Sem sua mãe não é mais que uma parte de merda tremente.

Aproximei-me dele e o desarme. Aferrei-o do cabelo, obrigando-o a me olhar.

— Vamos, implore, chore, me rogue por uma morte rápida!

— Póor..., por favor... — Gemeu apavorado. — Deixe-me viver e te concederei propriedades e ouro! Sei... meu aliado e terá riquezas e quanto deseje!

Enojava-me sua infantilidade, sua covardia, sua falta de honra e até seu fôlego.

— Quanto desejo é saudar sua mãe com a precisa atenção que se merece e que penso lhe procurar, conhecer sua esposa, deixando uma indelével lembrança de minha visita e te esfolar como à criatura perniciosa e vil que é.

— Ela me obrigava, e sabe! — Defendeu-se angustiado.

— Ela pagará por todas suas torturas, como pagará você pelas tuas.

Dei-lhe um feroz golpe de murros que lhe nublou o olhar, obriguei-o a ficar em pé, aprisionando seu pescoço com força.

Nesse instante reparei na retirada das tropas do Argyll e nos horrorizados olhos do jovem Duncan Campbell, que vacilava em ajudar a seu maltratado amigo. Sustentei seu olhar aguardando sua decisão, mas o capitão, depois de dedicar uma olhada inflamada, finalmente se bateu em retirada junto com a turba de seus homens.

— Enfim, sozinhos!

Sabia que não tinha muito tempo e que meu desfrute não podia alargar-se muito mais, como também sabia que não podia me permitir demorar mais minha vingança a risco de perder de novo a minha presa. Possivelmente depois do amparo do Lachlan, possivelmente haveria hábeis negociações de intercâmbio... fosse como fosse, tinha que ser rápido.

— Rogo seu perdão, irmão!

A bola implodiu dentro de mim, devastando o último fio de consciência que sujeitava meu julgamento.

— Agora sou seu irmão, maldita besta?

Hector assentiu com desespero, entre soluços e lamentos.

A batalha se decidia, não podia desperdiçar tempo. Extraí sem olhar a adaga de seu flanco e o afundei em sua entreperna, enquanto ele continha os espasmos de dor que sacudiam seu corpo. Seu alarido se perdeu no vento e no grasnido dos alcatrazes.

— Terei que dar de presente minha semente a sua mulher — falei em seu ouvido, — ao menos que o bastardo que engendremos leve algo de seu sangue. Menos mal, somos irmãos!

Sustentei-o esperando que se sangrasse, sufocando suas sacudidas, enquanto observava com gravidade como MacColla e meu tio Lachlan avançavam velozes para mim. Tirei de novo a adaga e aguardei até que quase os tive em cima para cravá-lo na garganta do Hector, me assegurando de sua morte, entre fervuras de sangue borbulhante e estertores moribundos.

Então o soltei e os esperei com o porte rígido, não me incomodei em contemplar sua agonia, ouvindo-a me bastava.

CAPÍTULO 4

Selando um trato

Recostado indolente na poltrona, frente à chaminé do meu quarto, escutava com bastante descuido o sermão de meu tio Lachlan e esperava que desse por concluída seu zangado discurso.

— Pelo amor de Deus, Lean! — Bramou reprovador. — Diante de todos meus homens!

— Era um combate aberto, não? — Resmunguei impassível. — Pois como em todo combate se mata aos inimigos, e isso fiz.

— Foi uma execução, maldito seja!

— E porque não deu tempo a tortura — confessei insatisfeito por não ter podido me prodigalizar como merecia a ocasião.

Lachlan soprou exasperado, tirou seu boné de lã verde e se coçou a cabeça com aberta frustração.

— Crê que não sei que esse bastardo o merecia? Crê que consegui esquecer aquele dia? Não, Lean, quando te resgatei deles e vi... — tragou saliva, seus olhos refulgiram enojados, agitou a cabeça e baixou o olhar depois de um bufo de impotência — o que lhe tinham feito... eu mesmo quis despedaçá-los. Ainda sonho com esse maldito dia e imagino que também te persegue como a peçonha de um veneno, e o compreendo...

— Não. — Interrompi, pus-me em pé, esgotada a paciência. Apoiei-me no saliente de pedra da chaminé e tomei uma grande baforada de ar, rechaçando a picada de tão escuras lembranças. Finalmente, e detrás apartar tão dolorosos momentos, voltei-me para ele. — Não compreende nada, ninguém pode fazê-lo, porque ninguém esteve em minha pele. E não, não só esse dia me persegue, perseguem-me todos e cada um dos malditos dias que vivi mal com eles. Você só evitou algo que desejei desde que fiquei sozinho neste pútrido mundo.

— Não posso acreditar que a amargura governe ainda sua vida, passou quatorze anos daquilo — reprovou o lord. Observou-me com intensa preocupação, o nevoeiro acentuou as rugas de sua frente e obscurecendo seu semblante com um pano de compaixão que

detestei imediatamente. — Lean, conseguiu sobreviver, trate ao menos a oportunidade de esquecer e de começar uma vida nova, longe daqueles dias.

Arqueei uma sobancelha e torci meus lábios formando um cínico sorriso.

— Claro, por isso me mandou chamar — apontei mordaz, com ácida amargura, — para esquecer, não para utilizar meu ódio em seu benefício.

Ao menos teve a decência de baixar os olhos e espremer nervoso o boné entre suas calosas mãos.

— Aqui estão suas raízes, pertence a este lugar — justificou sem sustentar meu olhar.

— Ah, sim? E como o que? Como lord como direito? — perguntei provocador.

Lachlan se enrijeceu incômodo, pigarreou e por fim se enfrentou para mim com gesto tosco e rosto tenso.

— É o que quer? — Inquiriu em tom gélido e olhar ameaçador.

Era plenamente consciente de que minha resposta nesse instante selaria meu destino. Não temia a morte; para falar a verdade, sempre a tinha tomado como o descanso que tanto necessitava minha alma afligida. Não obstante, não dobraria a ela sem me haver outorgado ao menos a complacência de uma boa vingança. Tinha-me jurado mesmo liberar ao mundo de tão atrozesses animálias, e até não ter completado minha promessa não partiria com o mínimo de paz.

— Não, não é o que quero, e sabe, ou não me teria permitido retornar — murmurei com pleno convencimento.

Vi a verdade em seu azulado olhar, seu quadrado e proeminente queixo se remarcou em uma careta contida.

— E não te culpo — admiti relaxando a pose e retornando a minha poltrona. Ajeitei-me nela e afrouxei a laçada de minha camisa com gestos lânguidos, fixando a atenção no fogo. — Tem filhos que herdarão seus títulos, e sua estirpe afiançará nosso sangue e reforçará o clã. Eu não tenho nada, nem quero ter. Meu sangue possivelmente empape logo um pedaço de terra e meu corpo jazerá em algum rincão desta terra ou de outra, tanto faz. Não trarei para o mundo descendência alguma, nem meu nome figurará em nenhum lugar, possivelmente com sorte em uma lápide. Só respiro por e para a vingança e, quando esta se cumpra, pouco me importará meus passos e minha vida. Assim, o que pode contribuir ao clã um homem vazio?

Contemplei as dançantes chamas tendo saudades, em minha mão, de uma taça de bom licor, começando a pensar a ideia de roubar uma garrafa e dar boa conta dela junto à solícita faxineira que esquentava minha cama com tanto entusiasmo.

— Mesmo assim — começou Lachlan em tom pesaroso, — tenho que confessar meus remorsos por não ter podido impedir aquilo.

Olhei-o de novo. Em efeito, o pesar nublava seu rosto. Havia um homem bom atrás de sua ambição, comprovei agradecido de que o clã ficasse em suas mãos e não nas minhas.

— Salvou-me a vida, tio, fez quanto pôde, quanto lhe permitiram seus deveres, tal como tentou Ian MacNiall. Ambos foram em minha ajuda, e lhes agradeço isso. Quanto a mim, procurei esquecer, começar uma nova vida, mas o destino conduziu meus passos aqui por uma só razão.

— Começo a lamentar te haver chamado — resmungou em um pensativo fio de voz.

Neguei com a cabeça e a reclinei contra o respaldo fechando os olhos.

— Não o lamente. Cedo ou tarde teria retornado, só aqui se acha a única paz que pode me outorgar algum consolo.

Ouvi seus passos aproximar-se de mim, mas não abri os olhos.

— Vais a procurar, não é assim?

Uma mão se hospedou em meu ombro e o oprimiu ligeiramente em amostra de apoio.

— Sim, e ao malnascido do Stuart Grant e a seus filhos.

— Acredito que retornou às terras de sua família, os MacLeod do Skye, mas não sei se goza ou não do amparo de seu clã, ouvem-se coisas estranhas sobre ela.

Abri os olhos e me ergui no assento.

—Que coisas?

Lachlan inflou seu peito com uma profunda inalação, seu olhar se turvou olhando as crepitantes línguas de fogo que ondeavam hipnóticas, soprando com um ar angustiante que me inquietou.

— Dizem que é uma korrigan⁶ come crianças. Desde que ela chegou ao castelo do Dunvegan⁷, desapareceram vários filhos de granjeiros e servos. Se não fora porque

⁶ Figura do folclore bretão, os quais se acreditava serem espíritos do mal ou demônios condenados a viver na terra em perpétua condenação

⁷ É uma pequena cidade na Ilha de Skye na Escócia. É famosa pelo Castelo de Dunvegan.

respeitam a memória de seu pai, sir Rory Mor, e porque temem sua bruxaria, já a teriam arrojado à fogueira.

Assenti pensativo. Lachlan estava casado com a irmã mais nova da Margaret Lorna, Mary MacLeod, que sempre tinha estado atemorizada pela maldade desta. Por este motivo, tinha exigido uma inflexível condição ao aceitar a mão do Lachlan: não viver no mesmo lugar que ela, com o que Lachlan teve que transladar-se a uma mansão senhorial em Dance Mor, na ilha da Iona.

— O único fogo que lambrará seus ossos será o de meu ódio — murmurei entre dentes.

Caí na conta então de que não tinha visto minha tia pelo castelo.

— Onde diabos escondeste a Mary?

— Seu primo a levou ao castelo do Kisimul, sob o amparo dos MacNiall. Por certo, tem um novo primo, com apenas dois anos, meu Allan, por isso decidi os afastar do Duart ante a ameaça do Campbell. Vêm já de volta.

Recordava gratamente o doce rosto da Mary, tão distinto do de sua irmã. Quase não a tinha visto, possivelmente em um par de ocasiões, e, entretanto, sua ternura e sua compaixão se gravaram em meu coração.

— Eu gostaria de me despedir dela antes de partir — murmurei pensativo.

— Despedir-te? Não vais defender a seu clã das garras do Argyll?

A recriminação adornou seu tom e a incompreensão seu olhar.

— Já não é meu clã, inclusive meu nome gaélico me soa estranho: sou Assem, sem sobrenome algum que vincule a nada.

Lachlan grunhiu sonoramente, apertou os punhos e me fulminou com o olhar.

— Pode que a metade de seu sangue seja árabe, que sua pele seja mais escura que a nossa, que seu cabelo seja tão negro como o breu e que seus olhos sejam da cor do fogo, mas te vi lutar, admiro seu caráter e sua sagacidade, e juro por tudo que me assiste que é um maldito MacLean, tanto como foi seu pai ou como o sou eu! — Rugiu veemente.

Deixei que afundasse em meus olhos, permitindo que sua apaixonada proclama me impregnasse, mais por curiosidade que por outra coisa, possivelmente desejando que essa chama MacLean acendesse de novo meu ser. Mas nada prendeu em meu coração, nem um mísero hálito de orgulho, nada que esfumasse o convencimento de ser unicamente um renegado, um órfão, não só de pais, mas também de raízes.

Suspirei fundo com franco pesar e neguei de forma sutil com a cabeça ante o olhar firme e pertinaz de meu tio.

— Em tal caso, meu coração parece havê-lo esquecido.

— Não, — replicou colérico — seu coração só está ressentido porque, junto a seu sobrenome, a crueldade e a loucura se cevaram contigo. Só espero que, quando tiver repleto sua sede de vingança, consiga resgatar o orgulho de seu nome e de seu clã. Este é seu castelo, e esta sua família, e aqui sempre terá um lugar. Se não quer chamá-lo lar, chama-o refúgio; se não quer ser lord, seja parente; se não quer nos querer, te deixe querer.

Imerso em minhas reflexões, enquanto meus mais ocultos e moribundos desejos de recuperar uma vida que me tinha sido arrebatada contemplavam com rasgada nostalgia aquele cabo que Lachlan me oferecia, meu foro interno me gritava que voltasse para Sevilha, ao único lugar que tinha conseguido sentir um pouco parecido com lar.

— Ambos sabemos por que vim em realidade, as brigas entre realistas e Covenant me trazem sem cuidado.

— Bem — concedeu irritado. Passou os dedos pelo cabelo alvoroçando-o com um fútil deixe de frustração e logo perambulou pela estadia de um lado a outro, resmungando entre dentes. — Não obstante, necessitará dinheiro para viajar, para tecer sua vingança e para fugir. Seu ímpeto no combate impressionou a MacColla, mencionou que oferecia seus serviços para a melhor oferta e é possível que te proponha partir com ele como um de seus mercenários à Irlanda. Mas seus interesses estão no Skye, como acaba de desvelar, assim, põe seus serviços, se conseguir se infiltrar, como aliado do marquês do Argyll.

Entreabri o olhar sem chegar a entender aonde pretendia chegar.

— Acabo de matar a seu aliado, deixando viúva uma mulher de sua família. Difícil fazê-lo acreditar que pode confiar em mim — repliquei.

— Não, se o fizermos acreditar que o expulsamos do clã. Deste claras amostras de desprezo pelos teus, será fácil, além disso, difundir suas aventuras como mercenário. A bom seguro, já falam de sua ferocidade na batalha, fez bom alarde disso.

— Trago uma boa bolsa de maravedíes⁸ de prata e nenhum interesse em me complicar mais a vida — afirmei terminante.

— Eu custearia seus serviços com escudos de ouro de curso legal, teria que vender seus maravedíes de prata a qualquer agiota prestamista do Edimburgo. Além disso, no burgo⁹ do Inveraray encontrará algo que suscitará mais seu interesse do que imagina.

⁸ O **maravedí** era uma antiga moeda espanhola usada entre os SÉCULOS XII e XIX.

Sustentei intrigado seu ladino olhar, percebendo como refulgia sua intenção com um halo trionfal.

— Os Grant acudirão estes dias ao conselho com o resto dos clãs aliados dos Campbell no castelo do Inveraray. Será a melhor oportunidade que terá de acabar com eles.

— Seriamente crê que é acertado acabar com os Grant em seu terreno, rodeado de clãs aliados e nos domínios do marquês do Argyll? Não sairia vivo dali. Além disso, não penso perder a oportunidade de me recrear esta vez.

Lachlan não ocultou um sorriso matreiro, seus olhos refulgiram briguentos.

— Não irá sozinho, selecionarei uma patrulha entre meus melhores homens para que lhe ajudem em sua particular empresa. Estarão a seu serviço.

— Tentador — admiti baralhando mentalmente aquela oportunidade. — E o que pretende tirar benefício? Qual seria com exatidão minha missão?

— Tão somente deve me informar do que resolva em dita reunião. Planejam uma nova ofensiva, esta vez de maior escala, assistidos por esse condenado parlamentar inglês, sir Oliver Cromwell. E muito me temo que unirão todo seu empenho e suas tropas em uma batalha decisiva. Antecipar-me a eles é de vital importância para conseguir derrotá-los.

Estalei a língua ante a evidente dificuldade da missão.

— Não permitirão que presencie suas reuniões secretas — objetei carrancudo.

— Não, mas pode subtrair o decreto que assinem e lê-lo antes que o entreguem ao Cromwell. Nele se indicará com precisão o acordado, com datas do ataque e o movimento das tropas que vão a ele.

Meditei um instante pesando cada uma das situações às que teria que me enfrentar. Era arriscado sem dúvida, mas teria ajuda, e as peças que ambicionava caçar a meu alcance.

— Facilitar-te-ei a chegada ao Skye pondo um navio a sua disposição. E, se segue querendo retornar a Sevilha, eu mesmo te conseguirei uma passagem de volta.

⁹ *local fortificado*, ganhou na Idade Média a conotação de castelo, forte ou mosteiro e suas cercanias, de onde se originaram diversas cidades

Pus-me em pé com gesto solene e com olhar grave assenti ante o regozijo de meu tio, que compôs um amplo e luminoso sorriso. Estendi minha mão e ele me estreitou, isso para posá-la a seguir sobre meu ombro direito. Imitai seu gesto.

— Aceito sua proposta — pronunciei formal.

— Brindemos por ela, Lean, tenho uma barrica de clarete excepcional.

— Nada como um bom clarete para selar um trato.

Aplaudiu batendo nas minhas costas e saímos da câmara ultimando os preparativos de minha partida.

Treinava no pátio de armas sob o olhar de Dante e de grande parte da servidão feminina do castelo, além de por curiosos highlanders que estudavam meus lances com olhos interessados, embora desdenhosos.

Meu oponente, um homem espigado e ágil, esquivava com bastante maestria minhas apostas, com a graça de um hábil bailarino. Desfrutei-me em cada movimento, sem nenhuma intenção de tomar o combate muito a sério, embora, à medida que avançava, meu competidor parecia inflamar-se em suas cutiladas. Percebi certo matiz frustrado nele cada vez que meu shamshir continha seus ataques ou meu corpo evadia seu aço. Então, reparei em que a guarnição do castelo estava fazendo apostas e sorri matreiro. Como bom xequê briguento e artemista em argúcias de todo tipo, comecei a simular cansaço e estupidez com uma série de fingidos tropeços.

Dirigi um avesso gesto a Dante, que correu a apostar em meu favor, quando todas as apostas estavam em meu contrário. Aguardei um pouco mais, me assegurando de enfatizar bem minha derrota engordando as possibilidades de meu fracasso e inspirando a mais homens a apostar. Depois de outra fugaz olhada a Dante, que me piscou um olho malicioso, decidi-me a concluir o combate.

Tinha memorizado bem os movimentos de meu opositor, e até a sequência de repetição que estava acostumado a executar e que resultava bastante previsível para sua desgraça. Aguardei um de seus lances a minha mão direita e girei sobre mim mesmo ao tempo que me aproximava de seu flanco, marcando com o fio de minha espada toda a lateral de seu corpo, sem roçar sua pele, mas sim rasgando sua camisa. Logo me pus atrás dele, lancei um certo chute a seus tornozelos, que o derrubou, aferrei o pescoço com o braço e pressionei a ponta de meu shamshir contra suas costas.

Ato seguido, olhei aos presentes com um sorriso travesso e uma sobrancelha elevada, comprovando o aborrecido assombro em seus mal-humorados semblantes.

Dante recolhia nas abas de sua suja boina de sarja, as moedas de prata acumuladas durante as apostas. Observei o luminoso orgulho na face do moço, que sorria abertamente.

Soltei a meu oponente, aproximei-me de Dante e lhe revolvi o cabelo.

— É o melhor espadachim de todos, meu senhor — elogiou entusiasmado.

— Não o sou, mas espero não me topar nunca com o que o seja.

O menino rio enquanto atava os lucros a seu corpo.

— As coloque em meus alforjas, moço, amanhã partimos!

Logo que assentiu e saiu correndo para meus aposentos.

Conduzi meus passos para o tonel de água, agarrei a comprida concha de sopa e bebi sedento dele. Enchi-o de novo e o derrubei sobre minha cabeça, empapando minha regata de linho e esfregando com a outra mão meu rosto. Agitei minha larga juba negra e espargi como um cão e, quando olhei à frente, meus olhos se toparam com um olhar familiar.

Impávido, observei à formosa jovem que me contemplava com admirada subjugação.

Levava quatorze anos sem vê-la e, apesar de que sempre foi uma menina bonita e doce, jamais teria imaginado que pudesse converter-se na viçosa e bela mulher que me examinava com tão desconcertado arroubo. Seus formosos olhos turquesas seguiam resultando mágicos, destacando como duas janelas ao oceano em uma tez cremosa e perolada, onde uns amaciados e perfilados lábios rosados se arqueavam em um tremente sorriso. Seu cabelo castanho escuro com reflexos acobreados apanhava os brilhos de um sol adormecido, refulgindo nas grossas mechas cruzadas da larga trança que se posava sobre seu ombro esquerdo e caía sobre seu peito até quase sua cintura.

— Ayleen — proferi aniquilado.

— Lean, não... não parece você... — murmurou ela com certo assombro, ainda imóvel e afetada.

— Amigo!

Um homem jovem de olhar jovial e sorriso franco avançou então para mim e me abraçou com sincero entusiasmo ao tempo que aplaudia minhas costas.

Naquele abraço, milhares de lembranças me sepultaram em uma avalanche de emoções que me transbordaram...

Vi-nos os três brincando de correr entre risadas pelos corredores do Duart, enfrascados em jogos infantis e travessuras. Alaister, seu irmão gêmeo, estava acostumado

a burlar-se dela porque falava com animais, e ela corria atrás dele zangada enquanto me pedia que o apanhasse. Evoquei com certa nostalgia aquelas memoráveis visitas dos gêmeos, ansiando a do Ian MacNiall com seus filhos ao Duart. Era um grande amigo de meu pai e estavam acostumados a reunir-se freqüentemente. Foram meus únicos amigos naqueles tempos, mas tudo mudou aos nove anos, quando fiquei órfão e Lorna assumiu o controle do clã em ausência do Lachlan, que batalhava junto ao rei na Inglaterra. Apenas lhes permitia ir ver-me, e nas contadas ocasiões em que Ian conseguia fazê-lo, nem Ayleen nem Alaister encontraram em mim a um companheiro de jogos, a não ser a um menino retraído, taciturno e assustado...

Alaister se separou de mim sem me soltar e me sorriu com o rosto emocionado.

— Lean, meu amigo, quando me disseram que tinha retornado, não podia acreditá-lo! Mas ver-te... tão melhorado e vigoroso me enche o coração de sorte... Por Deus, é mais alto que eu uma cabeça, rufião, e ao menos dois corpos!

Contemplei seu arrumado rosto, tão parecido ao de sua irmã, embora de cabelo mais claro e em tons caramelados, de olhos algo mais enviesados e mandíbula marcada. Apesar de gozar de varonia, seus traços eram suaves, quase angélicos.

— Meu pai está saudando o Lachlan — informou risonho. — Ayleen e eu fomos atraídos pelo bulício do pátio, e lhe vimos combatendo. É formidável no domínio da espada, verdade, Ayleen?

Voltou-se para a garota, a quem eu surpreendi admirando a pele do meu peito, que poderia ser vislumbrada sob a roupa molhada, que mostrava seu tom de acne.

— Todo um soberbo espadachim — reconheceu ela avançando para nós.

Seu doce sorriso pareceu tímido quando se deteve frente a mim. Repassou lentamente meu rosto com a ponta dos dedos e, com olhar comovido, sussurrou: — Temi tanto por sua vida, Lean, que ver-te tão galhardo e tão... — baixou apenas a vista e suas bochechas se avermelharam antes de prosseguir — saudável é meu maior presente. Agradecerei ao Senhor, seu maravilhoso restabelecimento, mas sobretudo sua volta.

E, sem mais, abraçou-me, esquecendo a umidade de meu corpo e derramando nesse gesto todo o carinho que me professava, ante minha completa estupefação.

Vacilante, rodeei-a com os braços, evitando gravar em minha mente as sugestivas curvas de seu esbelto corpo e me impedindo qualquer reação perturbadora.

— Agradeço-lhe isso, Ayleen, faz-me muito bem voltar a ver-te.

Separei-me dela desenhando um sorriso agradecido que dediquei também a seu gêmeo, procurando certa distância com o corpo da jovem a que uma vez considerei quase uma irmã.

— Tem que nos contar suas correrias, Lean — argumentou Alaister,— morro de vontades de escutar, mas regadas com um bom licor.

— É obvio, assim que me troque irei ao grande salão e nos contaremos as aventuras.

Essa apreciação fez que o olhar de Ayleen se dirigisse de novo para meu torso e se acentuasse o rubor de suas bochechas.

— Não demore, meu bom amigo, ardemos em desejos de saber tudo de ti.

O olhar brilhante da moça queimou ante minha cortês reverencia ao me despedir, preso em meu sorriso, com um interesse nada fraternal em seu gesto.

Afastei-me deles a bom passo, me recordando que, de todas as mulheres sobre a face da Terra, ela seria a última em quem posaria meus olhos... e minhas mãos. Suspirei com pesar.

Já entrava pela arcada principal rumo a meus aposentos quando um grasnido chamou poderosamente minha atenção me cravando ao chão. Todo o pelo de meu corpo se arrepiou, meu estômago se agitou inquieto, e um acusado gosto amargo invadiu minha garganta, subiu para meu paladar e depositou essa azeda nota em minha língua. Senti náuseas.

Tomei uma grande baforada de ar e pensei em seguir aquele grasnido áspero e tosco, repetitivo e atemorizante, que gelou o sangue em minhas veias.

Enfiei para o passadiço da direita até chegar a um pequeno e fechado pátio nos fundos, onde uma grande jaula albergava o que acreditei impossível que ainda vivesse.

O falcão da Lorna.

Instintivamente, levei a mão à cicatrizada linha esbranquiçada que luzia em minha bochecha esquerda, e um sentimento de repulsa me deteve frente ao formoso falcão peregrino que tinha provado minha carne em mais de uma ocasião.

Agarrei os barrotes da jaula com brutalidade e lhe cravei um olhar penetrante transbordado de ódio, mas não para ele, a não ser para sua instrutora. E, levado por esse ódio primitivo, rugi à ave em um grito esmigalhado que logo liberou minha ira. O falcão, apavorado, bateu as asas assustado dentro de seu reduzido recinto, desdobrando suas

vistasas asas e emitindo seu grasnido de forma mais aguda. Aquele som me levou atrás no tempo...

Debatia-me com todas minhas forças enquanto me atavam de cara a um poste na esplanada frente ao carvalho, gritando e me retorcendo como uma lagartixa sem cabeça. Arrancaram minha camisa com aspereza, e a fria brisa marinha lambeu a pele de minhas costas provocando calafrios.

Um agudo chiado cruzou o céu. Elevei a vista e divisei a majestosa figura do falcão da Lorna, que voava em círculos sobre mim. Estremeci.

—Devo te ensinar obediência, maldita besta sarracena, e devo alimentar a meu falcão. Ocorre unir ambas as obrigações para economizar tempo, não é uma grande ideia?

A voz da mulher resultou mais desagradável e áspera que a de sua ave.

Por fim, senti sobre as costas como dispunham magras tiras de carne de cabeça de gado meladas em melaço para que se aderissem a minha pele.

Um horripilante assobio encolheu meu ventre e acelerou meu pulso, o tato dos retalhos de carne pegajosa sobre a pele me enojou até o ponto de conter uma arcada.

Percebi como o ar formava redemoinhos pelas largas asas da ave e açoitava minhas trêmulas costas. Estiquei-me, atacado por um acesso de pânico.

Girei a cabeça para descobrir como o inseto emplumado se posou no antebraço da luva falcoeiro que levava a víbora e grasnava alargando o pescoço para mim. As pontas de suas asas, de um intenso cinza, abriram-se várias vezes até recuar atendo-se a seu robusto corpo.

Os olhos do falcão, duas esferas de obsidiana brunida, fixaram-se em mim. Debatia-me de novo em um fútil intento por desprender as tiras de minha pele. Espionei, cheio de pavor, o malévolos sorriso no rosto da Lorna quando aproximou a ave a meu corpo, e quase imediatamente senti um afiado bico curvo apanhando os farrapos de carne. Sua voracidade foi tal que atravessou minha própria pele, rasgando-a. O beliscão foi tão doloroso que emiti um alarido estridente, que, entretanto, não intimidou ao falcão. Outra vez me retorci contra o rugoso poste me agitando com desespero, girando a cabeça tudo o que pude com a intenção de morder um dos extremos de suas asas, que se abriam e se fechavam sem cessar contra meus flancos. De repente senti seu pico contra a cara, gritei a pulmão quando notei como me rasgava a bochecha, e de uma cabeçada violenta consegui o apartar de meu rosto. O animal chiou ante o impacto e, em seu afã de fugir, cravou suas garras em minhas costas uma e outra vez. Lorna o sujeitava da correia atada a seu colar lhe impedindo de escapar. O aroma do sangue me golpeou, a dor me nublou a vista e, entre gargalhadas e grasnidos, o negrume uma vez mais me levou...

CAPÍTULO 5

Um homem sem futuro

Mastigava uma boa parte de pudim enquanto escutava ao Alaister tagarelar animado sobre suas mais aguerridas façanhas e, ao mesmo tempo, sustentava os penetrantes olhares do Ayleen, que, mais que comer de seu prato, ao que dedicava apenas um desinteressado bico, parecia centrar toda sua fome em mim.

Seus olhos não se separavam de meu rosto, com tão excessiva atenção que chegou a me incomodar que não passará despercebido a ninguém. Era tão óbvia sua fascinação por mim que, até seu pai, Ian MacNiall, começou a me olhar carrancudo, com crescente receio, e seu irmão devia pigarrear com dissimulo ao dirigir-se a ela, com a clara intenção de obter que desviasse, embora fora um instante, seu olhar de mim.

— E você, Lean? Sevilha te tratou bem? — Inquiriu Ayleen antes de beber de sua taça.

— Todo o bem que a deixei. — Sorri mordaz — Eu tampouco a tratei mal.

A moça sorriu divertida, tragou e limpou a comissura de seus cheios lábios com toques curtos e suaves, chamando minha atenção sobre eles.

— Aposto que deixou uma larga fileira de corações quebrados a sua partida.

— Perderia — assegurei cravando uma nova parte de pudim. — O que deixei foi uma boa fileira de mulheres satisfeitas.

Baixou os olhos, ruborizada, sem conseguir estrangular o sorriso travesso que se estirava em seus lábios.

— É um patife, meu amigo! — Exclamou Alaister ocultando um ar de mal-estar em seu amplo sorriso e retirando a taça de vinho de sua irmã para lhe oferecer uma jarra de água. — Nenhuma te jogou o laço?

— Jogar o laço a um rufião da vadiagem sevilhana sem propriedades nem futuro? — respondi elevando sarcástico as sobrancelhas — Não, as damas sevilhanas são muito mais preparadas e se conformam com o pouco que posso lhes oferecer.

— Mesmo assim, — aduziu Ayleen, fazendo bater suas espessas e escuras pestanas — não posso acreditar que nenhuma não albergasse esperanças de te reter.

— Tem-me em alta estima, sem conhecer no que me converti, pequena MacNiall. Asseguro-te que não sou um bom partido para ninguém, nem sequer para mim mesmo.

Atraí sobre mim o curioso olhar dos presentes, em especial o de meu tio, que me censurou com um estranho sorriso dançando em seus lábios.

— Sobrinho, se me desse seu consentimento, asseguro-te que forjaria uma grande aliança com qualquer clã poderoso ansioso de unir seu nome ao dos MacLean. E não albero dúvida alguma sobre a complacência da moça escolhida.

— Mas não lhe dou isso. — Apressei-me a replicar com veemência, compondo uma careta alarmada que provocou as risadas dos comensais — Não tenho nenhum interesse em alianças de conveniência, nem sequer em me estabelecer aqui.

— Tampouco o tem em alianças emocionais?

Bebi longamente de minha taça observando a minha direta interlocutora, que me escrutinava aguardando minha resposta.

— Nessas, menos. — Confessei, e não me passou despercebido o fugaz desencanto que brilhou em seu rosto — Em troca, uma moça de sua posição, com tão evidentes... atributos, a bom seguro representa uma magnífica partida para qualquer homem.

— Ofertas não me faltam — manifestou sem nenhum sinal de orgulho em seu tom.

— O que lhe falta é disposição. — Resmungou seu pai, deixando entrever o desagrado pela obstinação de sua filha — Não para de rechaçar propostas, temo-me que logo esgotará minha paciência e, como não atenda a razões, terei que a ameaçar internando na abadia da Iona.

Ayleen fulminou a seu pai com o olhar. Franziu encantadoramente o cenho, formando uma deliciosa careta rebelde que recordou a sua obstinação de menina.

Eu esbocei um sorriso nostálgico, que captou a atenção da moça e suavizou no ato seu gesto.

— Ian, — comecei — temo-me que os anos não hão modelado seu caráter, antes te ordena você prior que ela monja.

A mesa estalou em gargalhadas. O resplendor refulgiu nos olhos de Ayleen com um olhar travesso e cúmplice.

— Em efeito, Lean, seu caráter não tem feito mais que piorar, é uma enganadora nata.
— brincou Ian, contemplando com adoração a sua bela filha — Mas de lhe buscar algemo tenho que ser inflexível: se algo me passasse, quero ter a tranquilidade de sabê-la cuidada e protegida por um bom homem.

— Viverá muitos anos, pai — objetou ela — e, além disso, tenho ao Alaister.

— Alaister também terá que cumprir com suas obrigações para seu clã tomando uma esposa. Assim, pequena teimosa, começa a considerar a ideia sobre seus últimos pretendentes ou me obrigará a escolhê-lo.

Pelo brilho desafiante de seus formosos olhos, soube que Ayleen não se dobraria ante a imposição de seu pai. Seguia sendo um espírito livre, e me perguntei se ainda percorreria os bosques com flores no cabelo, cantando e prodigalizando louvores e bênçãos sobretudo aos vegetais e animais com que se cruzasse.

Rememorei suas amargas lágrimas quando uma manhã encontramos um cervo apanhado em uma armadilha, ajudei-a a liberá-lo e a cuidá-lo, e senti de perto o sofrimento de uma menina de apenas oito anos que abraçava a aquele pobre animal consolando-o como faria com alguém de sua própria família. Aquela visão me comoveu. Foi sua maravilhosa empatia que me fez entender suas próprias lágrimas por minha desdita particular, por minha tortura à mãos de minha madrasta, sentindo-o como o próprio. E, embora essa vez eu não pude escapar de minha própria armadilha, ao menos sim consegui limpar suas lágrimas com minhas mãos e convencê-la de que não doía tanto como parecia permitindo que me abraçasse, apesar de que aquele suave e delicado gesto acentuava as dolorosas pontadas em meu maltratado corpo, recém espancado.

— Todos temos que encontrar nosso oco na vida, moça — opinou Lachlan, partindo um bom pedaço de pão de centeio e levando-lhe à boca.

— Eu já tenho meu lugar no mundo — revelou ela incômoda. Seus generosos lábios se oprimiram em uma linha tensa e desgostosa. Seu rosto se endureceu e seu olhar entreabriu-se com um adorável sorriso pertinaz. — Sou curadora e parteira, meu lugar está junto aos mais desfavorecidos. Um marido enceraria-me em seu castelo e a seu capricho, convertendo-me em um objeto imprestável, melhor estar morta.

Sua apaixonada alegação desenhou nos homens semblantes parecidos: uma clara desaprovação e certo alarme, condenando nesse manifesto gesto, o indomável caráter da jovem MacNiall. Só seu pai e seu irmão, já acostumados a seus arrebatamentos, permaneciam impávidos. Eu, por minha parte, observei-a intrigado e francamente admirado de sua ousadia.

— Não resulta muito habitual encontrar a uma mulher tão tenaz em suas convicções.
— Espetei, dirigindo-me ao Ian — Já desde bem menina, esse trabalho parecia ser algo inerente a ela, uma espécie de dom. Elogio que não tenha cortado suas asas, o mundo necessita pessoas tão generosas como ela.

Apreciei no olhar do Ayleen um matiz agradecido e um ligeiro rubor em suas bochechas.

— Em troca, eu o encontro grotesco. — Interveio Lamont com rosto acusador — A mulher deve estar sujeita ao homem, são criaturas licenciosas e torpes, de néscio entendimento e ânimo ligeiro. Sem a guia de um homem, estão perdidas e conduzem à perdição.

— Opino o contrário. — Refutei, sustentando o reprovador olhar de Lamont — O homem está perdido sem a mulher, são elas as que nos trazem para o mundo, e delas recebemos a aprendizagem necessária para chegar a entender a vida, o que somos e o que queremos ser. Tanto homem como mulher nos necessitamos, e não só para procriar, mas também para alcançar a plenitude.

— Esse é seu dogma como muçulmano? — Inquiriu Lamont ofensivo.

— Esse é meu dogma como pessoa. — Aduzi com aspereza — Não necessito que nenhuma religião me diga o que devo acreditar nem o que devo defender, posso rezar ao Alá, ler suas escrituras e seguir seus ensinamentos sempre e quando não se opuserem a minhas convicções.

— Tenho entendido que a sua mãe deu pouco tempo e nada ensinou e, por isso comprovo, a retidão de sua madrasta serviu para bem pouco.

Pus-me em pé com brutalidade, impelindo a cadeira para trás. Inclinei-me sobre o tabuleiro posando ruidosamente as mãos nele e encarei ao Lamont com um olhar tão ameaçador que retrocedeu no ato claramente alarmado.

— Escute-me bem, verme, a retidão só serve para romper, não endireita nada, e uma vara rota está cheia de lascas afiadas, assim como uma mente estreita só está cheia de palha suja que obriga a varrer a patadas!

Sir John Lamont, tão pálido como a lua que aparecia por uma das janelas ogivais, entreabriu os lábios, trêmulo e assustado, e assentiu de forma repetida enquanto tragava saliva.

Ao cabo, sorri, como se aquele incidente não tivesse tido lugar, desculpei-me alegando cansaço, depois do que me despedi com uma pomposa reverência.

Saí a bom passo do grande salão, mas em lugar de dirigir-me a minha câmara, fui para o solitário pátio de armas, atravessando o pórtico que conduzia à parte traseira do castelo, guiado por um inusitado impulso.

Seguido do eco de meus passos reverberando nos muros de pedra, chapeados por uma cunha de prata resplandecente, e com uma ideia formando-se em minha cabeça, encontrei-me de novo frente à jaula onde o falcão da Lorna parecia dormir.

Esquadrinhei pensativo a escura silhueta da ave, que levava o capuz posto, e me aproximei sigilosamente. O falcão se inquietou ante minha cercania, agitando algo suas asas e emitindo um crocitar nervoso.

—Shhh... Sahin..., tranquilo — sussurrei acariciador.

Comecei a lhe falar em árabe, em tom suave e meloso, pretendendo que se acostumassem a minha voz, a meu aroma e a minha presença, com a cálida cadência de um arrulho maternal.

Tinha decidido convertê-lo em meu aliado, em meu companheiro de viagem, no aviso emplumado de minha vingança, em meu estandarte. Não entendia de falcoaria, embora em Sevilha tivesse tido amigos bérberes¹⁰ que a praticavam nas cálidas areias do deserto africano. E tinha escutado suas apaixonadas conversações o suficiente para ter captado o essencial: terei que obter que a ave dependesse exclusivamente de seu amo para assim executar ordens precisas segundo os diferentes tipos de assobio emitido, e premiar cada acerto com comida. Para o resto imaginava que se tratava de ter sentido comum, perseverança e paciência.

Utilizaria para caçar tanto presas terrestres como aves, e possivelmente, com um pouco de sorte e sapiência, obteria que me advertisse de algum perigo iminente em campo aberto. Estudaria o comportamento do falcão para poder interpretar cada um de seus sons.

De algum jeito estávamos unidos por um vínculo de sangue. Acariciei com gesto pensativo a fina cicatriz que cruzava minha bochecha e somei a condição de arma a todos os benefícios que me contribuiria a domesticação do falcão.

Continuei com meus aveludados sussurros em árabe, pausados e modulados tão harmoniosamente que se foram convertendo em uma espécie de melodia hipnótica. De algum modo começaram a surgir uns acordes em minha mente, e me encontrei entoando a canção de berço que minha mãe estava acostumada a cantar e que logo Anna cantava para me consolar nas escuras noites de minha solitária infância. Era o arrorró beberber, uma antiga canção que os árabes utilizavam para tranquilizar a seus bebês...

¹⁰ são as pessoas pertencentes a grupos étnicos indígenas do norte da África

Arroró, meu menino,

Arroró, meu sol,

Arroró, pedaço

do meu coração...

Algo úmido e quente ziguezagueou então por minha bochecha, me paralisando. Surpreso e molesto, esfreguei meu o rosto grosseiramente, sacudi a cabeça e respirei fundo. Fui incapaz de recordar a última vez que me tinha permitido chorar.

Pensar nela ainda doía e, embora a recordasse frequentemente, poucas vezes me tinha concedido aquela fraqueza. Umas implacáveis febres a levaram pouco depois de me trazer para o mundo. Entretanto, eu tinha saudades.

Minha ama tinha falado dela cada dia de minha vida, desenhando na mente de um menino uma presença que, embora imaginada, desfrutava como real, pois parecia vê-la sorrir, revolver meu cabelo ou me repreender com o olhar ante alguma de minhas travessuras. E, pelas noites, insone pelo medo, a dor ou a inquietação, só encontrava um pouco de distração conversando com ela, imaginando-a ao lado de meu colchão, agarrando minha mão e sorrindo para mim. E era tão fácil desenhar em minha mente seu rosto. Tanto tinha observado seu retrato que tinha gravado em minha memória cada linha daquela formosa e acanelada cara de feições tão deliciosas, de gesto tão doce que seu olhar transpassava o tecido e proporcionava calor.

Suspirei e me recompus o suficiente para contemplar a sombria figura do falcão com expressão calculadora.

— Sahin, virá comigo em qualquer lugar que eu vá.

— Depois dessa canção, seguirá você até o muito mesmo inferno.

Girei-me sobressaltado. Ayleen me observava uns passos detrás de mim. A claridade da noite mostrou uma expressão enternecida e um gesto arroubado em seu rosto.

— É aonde vou.

— Aonde vamos. — Apontou ela com firmeza — Meu irmão e eu formaremos parte da patrulha que selecionou seu tio.

Abri os olhos com farto assombro e neguei com a cabeça.

— Não permitirei tal coisa, será perigoso Y...

— Sou uma boa amazona, manejo o arco e a adaga, e posso ser de muita utilidade como curadora.

Neguei reiteradamente com a cabeça. A moça avançou por volta de mim com a mesma careta obstinada que tinha feito a seu pai durante o jantar.

— Seu pai tampouco consentirá em...

— Meu pai consente.

Arqueei uma sobrancelha e a olhei com aguda desconfiança.

— Ofereci-lhe em troca algo que deseja. — Esclareceu— Selamos um pacto.

Aumentei os olhos com supremo interesse e elevei o queixo em gesto espectador.

— Deve ser algo que deseje muito para permitir que arrisque sua vida a meu lado.

A moça sorriu matreira, estalou a língua e se aproximou tanto de mim que teve que elevar a vista para olhar meu rosto.

— Em realidade, o único que correrá perigo será você. Nós lhe acompanharemos até o Inveraray e aguardaremos sua volta fora dos domínios do marquês para te escoltar até o Mull. Dali pegaremos uns birlinn¹¹ até o Dunvegan. Seremos uma simples escolta, e só atuaremos se a coisa se complicar.

— É o acordo, mas convirá comigo em que é condenadamente fácil que se complique.

Ela assentiu com a cabeça e, com gesto distraído, pousou suas mãos em meus ombros, delineando-os. Seu toque e sua proximidade me aturdiram, despertando instintos que devia manter sob um férreo autocontrole. Apertei a mandíbula e fingi indiferença.

— O que prometeste a seu pai?

— Casar-me com quem ele escolhesse a minha volta.

Franzi o cenho contrariado e confuso. Agarrei-a pelos ombros, aproveitando o gesto para apartá-la um pouco de mim, e a escutinei, completamente desconcertado ante essa decisão.

— Sacrifica sua liberdade por mim?

— Sacrificaria mais coisas por ti.

¹¹ Embarcação de madeira impulsionada por veleiros e remo.

Sustentei seu olhar um longo instante, negando-me a compreender o que na verdade encerrava essa frase.

— Por quê?

Ayleen baixou a vista e suspirou profundamente antes de voltar a elevá-la. Em seu rosto se perfilou uma expressão tão grave e comprometida que me impressionou.

— Porque merece que o faça, porque muitos anos atrás me fiz a promessa de te ajudar até com o último fôlego de vida, — suspirou apaixonada, entreabriu o olhar e adicionou solene — fiz o juramento de lutar com a injustiça e a maldade, de combater o horror e de repartir luz que afaste às trevas.

— Decididamente, não é uma mulher comum.

— Você tampouco tem nada de comum, grandalhão.

Ambos sorrimos cúmplices e senti como se todos esses anos de separação não tivessem sido mais que um suspiro.

— Então será melhor que nos retiremos, partiremos para alvoreada — murmurei absorvendo o aprimoramento de suas delicadas feições pintadas pela madrepérola da lua. Era formosa, mas via-se perfeitamente que o mais belo que possuía era seu coração.

Ela desviou a vista para a jaula e franziu intrigada o cenho.

— Para que necessita esse falcão, precisamente esse?

Fixou seus olhos na visível cicatriz que cruzava minha bochecha esquerda e sua expressão se obscureceu no ato. Pude ver como a fúria aparecia em seu rosto, contraindo seu gesto, e como reprimia o impulso de acariciar a esbranquiçada marca apertando com força os punhos.

— Provou minha carne. — Proferi circunspeto e pensativo — Agora provará a da mão que lhe deu de comer. Converterei em uma extensão de mim, afiançarei um laço que irá além do sangue e a dominação, um laço de lealdade plena.

Ayleen permaneceu pensativa um instante, até que assentiu com semblante rígido.

— Pensa devolver golpe por golpe, não é assim?

— Sim, embora saiba que não acharei paz em minha vingança.

— Então?

— Eu também me fiz uma promessa.

Ela apertou os lábios com remarcada amargura.

— A custa de sua vida?

A minha mente acudiram as intermináveis noites em que os demônios vinham a perturbar-me, retorcendo minhas vísceras com a azeda dor da recordação; os escuros dias que transcorriam sem que prendesse em mim a ilusão por viver, sem achar uma ancoragem a minha vida, um futuro que desfrutar sumindo meu passado em um ansiado esquecimento, e a trágica desesperança ao comprovar que, dia a dia, o ódio, o rancor e a vingança seguiam me devorando, avivados por cruentos pesadelos. Meu destino tinha me conduzido de novo aqui por um só motivo, o único que me mantinha com vida ainda, o único o bastante enraizado para não me deixar levar definitivamente pelas sombras.

— Espero, sim — admiti apático — mas cada dia dói mais fazê-lo. Meu corpo ressuscitou à vida, mas não minha alma.

Inclinei cortesmente a cabeça, embora com semblante sério, e me dispus a afastar para minha câmara. Entretanto, ela me deteve de forma inesperada aferrando meu cotovelo. Olhei-a inquisitivo.

— Ao menos, — começou veementemente — permite que meu fôlego suavize sua dor, que minha companhia afaste suas sombras e meu sorriso o contagie enquanto esteja a seu lado.

Em seus grandes olhos observei uma centelha de ilusão que me desassossejou profundamente.

— Que permita tudo isso não deve fazer que seu coração albergue a ideia de que há esperança para mim, Ayleen. Não esqueça: sou um homem sem futuro.

Ela elevou as sobrancelhas desconcertada, entreabriu seus amaciados lábios, pelos que exalou um amortecido suspiro afetado, e assentiu sem ocultar sua decepção.

— Em tal caso, por muito que os destrua, eles terão ganhado — afirmou com pesar.

Olhei à frente, apertei a mandíbula e assenti.

— Sim, mas compartilharemos o destino, provarão o inferno que me deram de presente sendo um menino. Pouco me importa o que aconteça depois.

Sentenciei minha frase com um olhar penetrante e me afastei dela a grandes pernadas com as costas enrijecidas, o rosto imperturbável e chamas no coração.

CAPÍTULO 6

Começa o jogo

Contemplava, absorto em meus pensamentos, como um sol ainda dormido beijava a linha do lânguido e líquido horizonte enquanto terminavam de carregar o navio que partiria do porto do Craignure, no Mull, até o Oban.

Tomei uma boa baforada de ar marinho refrescando meus pulmões e saboreando o penetrante aroma de salitre, lamentando ainda minha decisão de levar comigo a Dante. Entretanto, ante a ameaça do moço de escapar do Duart e me seguir por todas as Highlands, poucas opções tinha.

Umas ásperas gargalhadas dirigiram minha atenção para o grupo de guerreiros que conversavam animados frente à porta de um dos pitorescos botequins portuários, provendo seus palavrões entre comentários jocosos.

Cinco homens do clã MacLean e os irmãos MacNiall formavam a patrulha. A alguns deles os conhecia por ter vivido no castelo como filhos dos guardas. O maior era Duncan, corado, temperamental, mas de ânimo alegre, de cabelos claros e olhos cor avelã. Malcom era feroz, robusto, mas sereno e sagaz, o mais amadurecido da patrulha, de barba escura e olhar avesso, capitão do guarda do Duart. Ao Gowan era a primeira vez que o via, mas a golpe de vista parecia um homem silencioso e desconfiado; não estava acostumado a errar em minhas primeiras impressões, e algo me dizia que teria que ganhar sua confiança se queria evitar uma traição. Rosston era um grandalhão ruivo, fornido, de rosto antissocial, mas olhar honesto. E, por último, estava Irvin, arrumado e arrogante, de doces olhos azuis e cabelo acobreado, de estatura média, esbelto e de porte orgulhoso.

Algo mais à frente, Alaister e Ayleen MacNiall conversavam baixo, ao parecer de um assunto sério em vista da gravidade que tingia seus semblantes, junto a seus cavalos pardos, enquanto ajustavam as cilhas de suas montarias.

Todos vestiam os breacan de caça com suas cores. Os MacLean, a robusta malha de lã com o característico sett em verde, branco e negro. Os MacNiall, com o fundo azul, quadrados verdes sulcados por finas linhas quadrangulares em negro, branco e amarelo. O restante da indumentária, os dispunham sobre o ombro de seus curtidos espartilhos, sujeitos com um broche com o emblema do clã ao que pertenciam.

Eu, em troca, levava meu apertado espartilho pardusco, pelo que apareciam as mangas de minha camisa valona, minha calça de sarja com botas altas e um colete de pele curtida com abas. E, sobre meus ombros, meu herreruelo ¹²de pano com capa de couro, uma capa curta típica da tropa de infantaria que abrigava, mas também permitia liberdade de movimentos. Completando meu traje, um chapéu de feltro de aba larga e meu cinto, onde pendia em sua capa a shamshir. Os únicos complementos gaélicos que me acompanhavam eram o sgian dubh de minha mãe, que tinha escondido em minha bota, e o pendente que acreditei perdido quando me tiraram moribundo do Mull fazia já quatorze anos: meu medalhão, o Crann na Beatha, a árvore da vida celta, sob o que eu tinha nascido e que minha mãe tinha mandado confeccionar em prata.

Admirei como o ourives tinha conseguido engastar os ramos da árvore com as raízes formando um círculo perfeito. No tronco da árvore tinha gravada a letra «L», e na taça, preciosas folhas tão diminutas e graciosas que pareciam movidas por um vento invisível. Ambos os objetos, Ana me deu, justo antes de partir. Sustentar aquele pendente em minha mão foi como receber uma quebra de onda de força, inclusive me pareceu senti-lo morno em minha palma. Pendurar no meu pescoço, notar seu peso contra meu peito e seu tato através da fina camisa de linho se assemelhou à mão de minha mãe cobrindo meu coração, me outorgando calor. Soube naquele instante que ela pulsava em cada filigrama de prata, que não só tinha deixado seu amor nele, mas também sua força e seu amparo. Era meu amuleto, que Lorna me tinha arrebatado aquele maldito dia.

Instintivamente, posei a mão à altura do oculto pendente e fechei um momento os olhos, deixando que cada uma de minhas emoções se concentrasse naquele medalhão, restaurando assim o vínculo que unia a minha mãe.

O ruído de uns cascos de cavalo aproximando me enrijeceu imediatamente e voltei a endurecer o gesto. Não fez falta girar a cabeça, podia cheirar seu perfume de lavanda. A jovem MacNiall parecia ter uma espécie de dom para aparecer quando mais vulnerável me sentia de um ponto de vista emocional. Suspirei, compus um sorriso morno e a olhei.

Ayleen luzia um cômodo vestido de montar azul céu, com um colete em azul escuro debruado em um colarinho de maré suave com um generoso capuz. Seu espesso cabelo castanho recolhido em uma grossa trança limpava um rosto doce, onde refulgia um olhar ansioso e uma careta curiosa.

— Nostálgico por sua outrora pátria?



— Sou um homem sem pátria — respondi seco.

— Vá, sem futuro, sem pátria... terá ao menos coração, não?

Formou uma careta maliciosa que ampliou meu sorriso.

— Esculpido em pedra — murmurei sardônico.

— Em tal caso, terá que te manter afastado dos cinzéis.

Descobri-me sufocando o riso, meu peito sacudindo-se ante o faiscante olhar da jovem.

— Segue sendo a mesma de sempre — observei agradado.

Ayleen me percorreu com um olhar bastante descarado dos pés à cabeça. Ao cabo, seu gesto trocou.

— Pelo contrário, você melhorou em tudo.

Tocou a seus arreios com um sedutor sorriso em seus lábios, ao tempo que se dirigia para a passarela para embarcar.

Contemplei meu corcel, que nesse momento aumentava as narinas em um bufo inquieto. Era um formoso exemplar árabe, um puro-sangue gasto por um comerciante bérbere desde Síria e ganhei em uma aposta num enfrentamento a espada em Sevilha ao que meus homens observavam com evidente desdém, dado que a altura de cruz era inferior a dos robustos cavalos escoceses. Também era mais esbelto, com uma estrutura óssea finamente cinzelada, elegante e orgulhoso, de perfil côncavo, pescoço arqueado e cauda alta. Era tão negro como o azeviche gentil e, assim, chamava-o Zill, “sombra”. Em efeito, era de menor tamanho, mas tão rápido como o vento que assobiava entre as rochas da baía.

Olhei uma vez mais à frente, pronunciei um rogo árabe de amparo e, em seguida, levei minha mão ao coração, depois à boca, à frente e, por último, ao céu, elevando minha súplica ao Alá, me encomendando a ele de coração, palavra e pensamento.

Montei meu cavalo e ascendi veloz pela prancha de madeira até a coberta do navio, seguido por quão guerreiros formavam minha peculiar escolta.

O madeiramento rangeu sob o peso dos cavalos, o som oco do retumbar dos cascos contra as pranchas se somou ao tamborilar seco do trapo das velas, sacudido por um vigoroso vento de tramontana que nos afastaria velozes do porto. Desci de meus arreios e a guiei até a adega, onde os animais passariam a curta travessia em compartimentos separados por divisórias para evitar que se escoiceassem uns aos outros, caso se

assustassem muito. Assegurei as rédeas ao corrimão que fazia de porta, fechei a cancela e arranhei o longo pescoço do Zill para tranquilizá-lo.

Depois de mim, baixaram a grande jaula do Sahin, coberta com um pano, e a ataram a uma das ancoragens que tinham parecido nas partes com o fim de assegurar a carga.

Decidi não subir a coberta. Em vez disso, desenrolei um grosso manto que levava na cadeira de montar, liberando o das bridas. Logo tirei de uma das avultadas alforjas um de meus livros preferidos, que, junto com a *Ilíada* do Homero, a rica prosa do Shakespeare em *Hamlet*, os poemas de Petrarca, O príncipe do Maquiavel e a tragédia do Edipo rei de Sófocles, formavam minha biblioteca mais apreciada, a que levava em minhas viagens e me salvava de enlouquecer entre os pesadelos do passado e as batalhas do presente.

O livro eleito era, “As mil e uma noites”, uma recompilação de relatos anônimos de origem persa feita pelo Abu Abd-Allah Muhammed o-Gahshigar. Tratava-se de um tomo em árabe que tinha conseguido adquirir de um comerciante hebreu em Sevilha e que estava acostumado a reler com frequência, admirando em cada leitura a sagacidade da formosa Scheherezade e a eloquência do autor em suas contínuas referências a isso que chamavam amor.

Acomodei-me em uma das redes que se balançavam brandamente entre os vaus e me cobri com o manto. Por sorte, nenhum homem tinha decidido permanecer naquele paiol de carga, o que facilitaria minha tarefa. Respirei fundo e acariciei o lombo do livro com um sorriso nostálgico nos lábios. Abri a tampa e comecei a ler em voz alta, justo quando os gritos da tripulação respiravam ensurdecedores nas tarefas de desamarre perturbando aos animais.

Outorguei a minha voz um arrulho suave, tranquilizador, que se expandiu pelos madeiros do interior daquele velho galeón de carga, e me inundei nas aventuras do rei Shahriar e Scherazade, que, como sempre ocorria, transportavam-me até o formoso palácio do Longínquo Oriente, onde contemplava maravilhado como a jovem rainha enfeitiçava com sua dança o seu cativado marido.

Uma página atrás de outra, conseguiram me conduzir a uma sorte de sonolência que me levou muito longe dali, mas não ao Oriente, a não ser a uma particular casa sevilhana...

— Por Deus, condenado rufião, vais entrar como que me chamo Beltrán!

Meu mestre me agarrou bruscamente do braço e introduziu a trancos no atestado local.

— Hoje, juro por todos os santos que conhecerá fêmea embora tenha que te atar eu mesmo ao leito.

Um intenso aroma de suor, álcool e ferrugem me golpeou com força. O afamado bordel bulia de atividade. Nas mesas riam despreocupados homens de toda índole e fila, desde briguentos rufiões de pouca monta até nobres escoltados que ocupavam rincões mais íntimos, mas dos que podiam ter uma boa visão do soalho onde, nesse momento, iniciava-se o primeiro espetáculo. As putas se esfregavam luxuriosas contra os clientes, que as sentavam em seus regaços para manuseá-las a seu desejo. Fixei a vista em um homem ao que lhe faltavam todos os dentes, imundo e bojudado, que descobria os generosos peitos de uma das concubinas e os lambia impudico enquanto era animado por seus ébrios acompanhantes.

Apesar de estar em uma das zonas mais perigosas do porto, o local era muito popular por exhibir gratuitamente aos clientes a dança de exuberantes bailarinas mouriscas, que esquentavam o ambiente com seus sensuais e bem estudados movimentos. Naquele preciso instante apareceram duas formosas jovens, de traços claramente árabes, que subiram à elevado soalho embelezados de véus e gazes que com sutileza deixavam entrever o viço de seus curvilíneos corpos.

As mãos de meu mestre aferraram com força meus ombros, me encarando ao espetáculo. Fiz gesto de me revolver, mas seus dedos crispados se afundaram em minha carne com tal ímpeto que me sobressaltei. Odiava que me tocassem, despertava em mim tal apreensão e repugnância que me enrijeci, reprimindo o impulso de golpear a meu mentor.

— Hoje recuperará a dignidade que lhe arrebataram, moço, hoje renascerá, maldição.

Compassei a respiração e fixei o olhar à frente, procurando serenidade entre a massa de emoções que me sacudiam.

Todo o local se sumiu em uma pesada capa de silêncio e espera quando o tinido dos chocalhos e os timbales anunciou o começo da função. Ato seguido, o som surdo da darbouka, uma espécie de tambor pequeno, flutuou pelo amplo local. Ao cabo, o assobio rítmico, doce e melodioso do nay, uma flauta vertical de cano, junto às vibrações das cordas de vários alaúdes, pôs em movimento às odaliscas, que começaram a rebolar graciosamente ante a embebida atenção dos homens que abarrotavam o lupanar. A meia luz, os mágicos acordes e os coloridos véus ondulantes, balançados pelos rítmicos quadris das bailarinas, transportaram aos mundos do Scherazade, e fiquei ali, imóvel e prendado de tão majestoso alarde de sensualidade.

Ambas as jovens dançavam em perfeita sincronia, agitando veementemente seus quadris com movimentos secos e terminantes, alternando-os com ondulações suaves e sinuosas segundo o ritmo que marcava a melodia. Riscavam oitos invisíveis, que atraíam o cativado olhar dos congregados sobre seus nus ventres. Seus braços ondulavam como serpentes, elevando-se, ao tempo que

arqueavam para trás suas costas e sacudiam suas longas júbas. E, em cada giro, desprendiam-se de um véu atrás de outro, dando de presente à concorrência sua deliciosa e turgente nudez.

Pude sentir a pulsão de um público luxurioso e contido quando as jovens liberaram seus erguidos seios do minúsculo sutiã que apenas os continha. Todo meu corpo reagiu ante o suave balanço de seus peitos, mais ainda, quando uma delas ficou depois da outra e os manipulou com suas mãos, uma rajada candente pareceu subir em meu interior, despertando em mim emoções desconhecidas.

Deixei escapar um gemido surdo e inalei uma grande baforada de ar com intenção de serenar meu avermelhado ânimo. As odaliscas dançavam ao mesmo tempo, mas esta vez acrescentando ao baile atrevidas carícias entre elas que acenderam fogueiras nos homens que as admiravam completamente subjugados.

De tudo fascinado pelo ardoroso espetáculo, não reparei em como meu mestre me aproximava do bordo do soalho, atraindo assim sobre mim o lascivo olhar daquelas duas formosas moças, que começaram a beijar-se sem apartar seus olhos de mim, enquanto seus ondulantes corpos seguiam dançando sinuosos ao mesmo tempo, esfregando-se entre si.

Traguei saliva, acabava de cumprir os dezesseis anos e ainda não tinha deixado que ninguém me tocasse, nem tampouco eu havia me tocado. Em realidade, provocava-me repulsa todo tipo de contato físico. E, embora ter presenciado a fornicação entre homem e mulher tinha povoado minha mente de imagens excitantes que conseguiam que meu corpo reagisse com naturalidade ante elas, o rechaço e o medo a que aquele ato de liberação desatasse mais demônios que prazer tinha conseguido esfriar meus ânimos o suficiente para impedir de me satisfazer.

Em efeito, meu pênis estava duro como uma pedra e por meu sangue corria lava candente, mas meu temor foi maior. Enrijeci-me tenso e trêmulo, disposto a fugir daquele lupanar e da incitadora presença daquelas duas mulheres.

Revolvi-me contra meu mestre, que tentou me sujeitar enquanto pedia ajuda a outros homens com um simples gesto do queixo.

Três homens fornidos e fedidos me aferraram então com força e me arrastaram pelos penumbrosos corredores do bordel, enquanto eu me debatia entre grunhidos, detento do medo.

Conduziram-me até uma porta dupla que cruzamos entre as ásperas gargalhadas de meus captores.

— Bem parece que lhe levemos a matadouro, condenado moço, não pode ser tão néscio — se burlou um deles.

— Me soltem!

Olhei a meu mestre com completo desespero, aumentando os olhos com olhar acusador.

—Rogo-lhe isso, meu senhor, farei quanto me peça, mas deixe que me parta.

Beltrán me observou carrancudo, negou com a cabeça e estalou a língua contrariado.

—Paguei uma boa bolsa de maravedies de prata para que lhe desvirginassem esta noite, Assem. Não pode ser um homem completo se não conhecer fêmea, e reservei às melhores da casa. Tem que te enfrentar a seus medos e liberá-los, menino, só assim terá alguma possibilidade de esquecimento para viver como um homem novo, e não como um moço taciturno e assustadiço. Amanhã sairá daqui com um espinho a menos. Prometi que te liberaria de suas sombras, e Por Deus bendito que o farei.

Debati-me de novo, esta vez com mais violência, mas todos meus esforços resultaram fúteis. De um forte empurrão, lançaram-me sobre uma grande cama e ataram minhas mãos aos postes da cabeceira, enquanto eu me retorcia como detento de abruptos estertores. Também imobilizaram meus tornozelos, e o pânico me sepultou em uma quebra de onda escura e opressiva que ameaçou me afogar. Sentir o rosto daqueles homens tão perto de mim me provocou náuseas e acelerou meu coração com um pavor que estremeceu todo meu corpo, me provocando tremores incontrolláveis.

Depois de assegurar com aspereza as laçadas, os homens se retiraram antes que lhes vomitasse em cima. O mal-estar era tão agudo que quase senti uma dor física pela tensão extrema que me invadia naquele instante.

Pude ver no rosto de meu mestre um fugaz brilho de arrependimento, que sufocou apertando com força os lábios. Encolheu-se de ombros e se voltou disposto a abandonar a estadia e a mim, sumido em um terror que inflou meus sentidos.

Não sei o tempo que passou, mas quando os batentes da porta grunhiram sobre suas dobradiças e elevei a cabeça, agitado. Descobri às duas odaliscas meio nuas entrando no quarto com um sorriso travesso nos lábios.

Aproximaram-se de mim, mas não me tocaram, tão somente me olharam com atenção.

—É um moço formoso, — sussurrou uma delas, lambendo-se— mas vamos converter-te em um homem formoso. —Fez uma pausa e adicionou— Esta noite.

Posicionaram-se cada uma a um lado de meu corpo, de joelhos sobre o leito, e começaram a acariciar-se ao tempo que fundiam suas bocas em um beijo longo e candente. Fechei fortemente os olhos, mas seus roucos gemidos se filtraram em meu interior, incitando minha curiosidade, bicando-a vilmente com a insistência de um pássaro carpinteiro. E, apesar de me negar a tão tentadora visão, meu traiçoeiro corpo despertou a um pulsante e intenso desejo. Apertei os dentes e fechei os punhos apanhando neles o suave cobertor, tentando fechar minha mente ao que acontecia sobre mim. Não

obstante, foram umas inquietantes e pavorosas imagens de grunhidos masculinos, de suor e sangue, de feno sujo e de dor dilaceradora o que me fez abrir os olhos em um enorme olhar de pânico. Ofeguei entrecortadamente, sacudi-me detento de um inusitado acesso de fúria e liberei um agudo grito desesperado.

Senti o peso de um corpo sobre mim, me rodeando contra a cama, e um sussurro apaziguador em meu ouvido. Quando consegui enfocar a vista, topei-me com uns grandes olhos escuros, preocupados e confusos.

— Shhh... jovem, Assem, nada têm que temer de nós.

— Sol... me soltem, lhes rogo —consegui articular isso, procurando compassar minha enlouquecida pulsação — pago o dobro se me liberarem. Ninguém saberá, diremos que tudo foi como o combinado. Jamais direi a verdade e sua honestidade ficará intacta. Suplico-lhes isso, eu não... eu não sou como outros.

—Não é um afeminado. — Murmurou contrariada uma delas — Vi como seu corpo reagia ante nossa dança.

—Está apavorado, Azahara, não o vê? — Replicou a que sustentava meu rosto entre as mãos com fundo desassossego.

— Vejo-o, mas dom Beltrán já nos avisou sobre isto. É mais, Fabila, incidiu no muito que o ajudaríamos se conseguírmos vencer seus medos. E não podemos nos jogar agora atrás, não podemos nos arriscar a que dom Nuño descubra que fazemos entendimentos a suas costas.

— Ninguém saberá, juro-lhes isso! — Apressei-me a assegurar.

As mulheres se olharam indecisas por um momento. Eu as observei suplicante, rogando em meu foro interno para que acessassem a minha petição.

Azahara delineou com seu dedo meu queixo, enquanto refletia pensativa. Seu tato me enrijeceu irremissivelmente com uma pontada apreensiva, por isso girei o rosto com brutalidade evitando sua carícia.

— Não lhe resultamos desejáveis?

— São desejáveis — admiti— ... meu rechaço não tem nada que ver com vocês, é inteiramente meu problema.

A jovem dos olhos grandes e rasgados e tez tão acanelada como a minha negou com a cabeça e esboçou um tímido sorriso.

— Temo-me que o problema passou a ser dos três. Porque já não é questão de honestidade, nem tão sequer é temor a represálias, mas sim acabam de lhes converter em toda uma provocação para mim.

— Azahara! — exclamou reprovadora a outra moça. Sua tez olivácea, algo mais clara que a de sua amiga, apresentava uns rasgos mais doces e menos mouriscos, clara amostra de sua mestiçagem.

— Fabila, algo me diz que podemos transformar a este tímido e tremente moço em um magnífico amante. Ainda é jovem, mas já se adverte com claridade a selvagem masculinidade que possuirá quando maturar e seus rasgos se perfilarem. E, se o que espionei ressaltando em seus calções segue seu natural desenvolvimento, será todo extraordinário. As donas de alto berço sevilhana pagariam sortes para tê-lo uma noite em seus leitos. Dom Nuño saberá agradecer generosamente nossa colaboração em seu ensino.

Fabila sacudiu exasperada a cabeça, compondo uma careta reprovadora.

— Eu só vejo um pânico irracional, mas tão atroz que duvido que isso que espionaste volte a ressaltar nestas condições.

— Resistirei com todas minhas forças, inclusive preso sou o bastante forte para evitar que tomem a seu capricho — adverti impetuoso.

As concubinas se olharam com um ar cúmplice e se ergueram de joelhos de novo, frente a frente, sem deixar de me contemplar.

— Não subestime o poder da feminidade, jovem, Assem — aconselhou Azahara alargando seus braços para delinear os arredondados quadris da Fabila, manipulando o largo cinturão onde ainda pendiam alguns de seus coloridos véus. — E nada terá que temer, pois não lhes tocaremos, a não ser que seu corpo nos peça isso. — Desprende o ornamentado cinto com as translúcidas gazes e descobriu ante mim umas nádegas altivas e firmes e umas coxas escuras e esbeltas. — E lhe asseguro que nos pedirá isso.

Seu olhar azeviche se iluminou confiada, arqueou uma sobrancelha e sorriu com pícara intenção antes de desprender-se de seu próprio cinto, ficando assim ambas completamente nuas ante mim.

Traguei saliva quando começaram a beijar-se e a acariciar-se libidinosas. Tentei apartar a vista sem consegui-lo, por inteiro arroubado pela paixão que as governava.

Azahara mordiscava os altivos mamilos da Fabila ao tempo que amassava suas nádegas, seus dedos perdendo-se entre as turgentes coxas de sua companheira. Os gemidos começaram a flutuar a meu redor turvando meus sentidos. Mas quando começaram a tocar-se mutuamente, cruzando-se carícias ao unísono de maneira rítmica e urgente, minha curiosidade sufocou qualquer outra

emoção humilhante. Ambas as mulheres sentiam prazer ofegantes, com as mãos no sexo da outra, enquanto suas bocas se devoravam com frenesi.

Senti fogo nas bochechas e uma conhecida tensão em meu sob ventre. A tensão ferrou com um desacostumado e intenso desejo e minha garganta se secou ante a luxúria daquelas duas mulheres.

Completamente fora de si, Azahara arrastou a Fabila aos pés da cama, abriu-a de pernas e se abateu entre suas coxas, devorando aquilo que tanto tinha acariciado. Elevei a cabeça para me topar com as expostas nádegas da Azahara, que mostravam com total e impudico abandono sua úmida e tentadora entreperna. Aumentei o olhar e meus batimentos do coração me ensurdecaram quando comprovei que a própria mão da Azahara sentia prazer percorrendo suas suaves e rosadas dobras, circundando um inflamado botão de carne com a gema dos dedos, me oferecendo um espetáculo único.

Afligido e impressionado, não me precavi de que as duas moças me observavam com expressão urgente e olhar escuro. Seus sorrisos se alargaram quando repararam no endurecido e latente pênis que palpitava sob minhas calças.

Azahara se incorporou e me olhou maliciosa.

— Seu corpo pede que o devorem, e eu sigo tendo fome — murmurou rouca, avançando para mim.

— Acorda, Lean — murmurou uma doce voz — atracamos a porto.

Pisquei repetidas vezes, ainda aturdido, notando um leve peso em meu peito: o livro aberto. Apressei-me a fechá-lo, mas Ayleen foi mais rápida e me arrebatou isso.

— Deve ser um livro apaixonante. — Murmurou com uma estranha expressão em seu rosto enquanto o olhava curiosa.

Pigarreei e assenti, ainda inchado pelo torpor e as lembranças.

— É — confirmei.

— Sem dúvida, a julgar por como exalta... — cravou intencionado seu olhar em minha avultada dignidade e adicionou com um sorriso peralta e divertido no rosto — seu ânimo.

Ampliou seu sorriso em uma careta zombadora, embora o que brilhou em seu olhar não tinha nada de mordaz. Aquela gravidade me inquietou, desci da rede e dei-lhe as costas, fingindo me ocupar da jaula do Sahin.

— Dentro de um momento subirei a coberta.

— Tranquilo, dispõe de tempo para... o que necessite.

Logo que girei o rosto para assentir com rigidez.

Aguardei ela subir as escadas e me amaldiçoei.

“Ela não”, repeti-me de novo, “ela nunca”, disse-me.

CAPÍTULO 7

Rumo ao Inveraray

Cavalgávamos a bom passo, deixando atrás Oban e suas apinhadas cabanas salpicando o litoral, conduzindo nossas montarias para o Connel. O intenso aroma dos brejos e as púrpuras ladeiras repletas de cardos e jasmins conformavam uma paragem tão subjugador que inclusive a alguém tão separado de suas raízes como eu conseguia arrancar algum suspiro.

Escócia era assustadoramente formosa, majestosa e mística, mas também dura excessivamente agreste e esmagadoramente sombria. Se te deixava cativar por suas espetaculares paisagens muito tempo, seu clima, seu acidentado relevo ou inclusive seus belicosos habitantes, podia te levar a tumba sem que apenas te dispusesse disso. A beleza era a mais temível das armas, pois nublava julgamentos e confiava ânimos, distraindo do verdadeiro perigo, apanhando em seus alinhavados e enredados fios, imobilizando o tempo suficiente para acabar com um se assim o desejava. Eu mesmo a tinha esgrimido em meu benefício em mais de uma ocasião, para diversos fins, a maioria não muito dignos, mas úteis em demasia.

Malcom, o acostumado capitão do Duart, açulou seu cavalo para ficar a minha altura. Seu corcel deu coices sacudindo a cabeça inquieto pela proximidade com meu puro-sangue. Havia algo no Zill que provocava rechaço no resto dos animais, possivelmente seu caráter nervoso e imprevisível e seu corpo ágil e robusto mantinham afastados a outros cavalos, que o consideravam inclusive de outra espécie.

— Deveríamos escolher caminhos pouco transitados, nossas cores nos identificam como inimigos, e estamos entrando em território Campbell — advertiu tão desanimado como seu alazão.

— Trata-se de que nos encontrem. — Afirmei sem deixar de olhar à frente — De fazer-lhes saber que me expulsaram da família e que devo oferecer meus serviços ao marquês do Argyll em vingança contra meu clã.

— Permita advertir-lhe do arriscado de seu plano, meu senhor. — Insisti depois de um pigarro, o que atraiu minha atenção sobre ele — Os malditos Campbell primeiro atacam e depois perguntam.

— Em tal caso, meu bom Malcom, teremos que nos defender.

Dirigi-lhe um sorriso confiado que não suavizou seu turvo gesto. Entretanto, assentiu e freou a seus arreios para incorporar-se à fila.

Não resultava muito usual procurar ser vítima de uma emboscada, mas esperá-lo alertava os sentidos, aguçando-os até o extremo. Não demorariam para avisar aos Campbell de que uma estranha partida havia incursionado em suas terras.

Outros cascos retumbaram velozes aproximando-se de minha posição. Esta vez não foi um gesto áspero o que achei a meu lado, a não ser uma expressão encantadoramente briguenta.

— Acredito que nosso bom capitão não parece muito agradado com suas ordens. Eu, em troca, ardo em desejos de me enfrentar a um Campbell.

Os olhos do Ayleen refulgiam corajosos, e em seu rosto se desenhava uma peculiar ansiedade que me surpreendeu.

Neguei com a cabeça, ocultando um sorriso admirado ante tão feroz coragem.

— Temo mais a seu pai e a seu irmão que a todo o exército dos Covenant. Se te ocorresse algo, nem em Sevilha acharia lugar seguro. Assim, pequena guerreira, ao menor sinal de perigo, esconda-se.

Ela enrugou o cenho em uma careta reprovadora e elevou altiva o queixo.

— Alaister me ensinou bem — resmungou molesta — e mais, deveria temer a mim se evitar a distração de tingir minha espada com sangue traidor.

Elevei uma sobrancelha divertido, contemplando seu obcecado arrojo.

— Sigo temendo mais a sua família — insisti mordaz com um meio sorriso condescendente.

Ayleen inclinou seu corpo sobre a cadeira de montar, aproximando assim atrevidamente seu rosto ao meu.

— Não subestime meus dons, Lean, nenhum deles, ou te converterá em minha vítima — sussurrou sedutora.

Entreabri os olhos sustentando seu penetrante olhar de advertência, incapaz de conter mais meu sorriso. Mas quando senti o olhar admirado de Ayleen sobre minha boca, meu gesto se endureceu no ato.

— Agradeço-te o conselho, — proferi enrijecendo minhas costas — não baixarei a guarda contigo, se de algo fujo é de voltar a ser vítima de qualquer coisa.

O olhar da moça se obscureceu de repente, consciente do que essa palavra significava para mim. Tragou saliva com evidente dificuldade e com rosto taciturno e pesaroso resmungou uma desculpa e se incorporou de novo a seu lugar na fila.

Em realidade, me mostrar duro com ela, fazê-la sentir incômoda em minha presença era minha maneira de protegê-la de mim. Sua evidente atração carnal por mim devia ser estrangulada, já não só em honra a sua família, a que lhe devia tanto, mas sim porque nem estava em condições de oferecer nada, nem podia vê-la como algo mais que uma irmã, por muito tentadoras que fossem suas curvas e bonito seu rosto.

Atravessamos a ponte do Connel, rumo à vila do Taynuilt. Os domínios do Argyll eram paragens amáveis, de verdes prados, rios caudalosos e antigos lagos. À medida que entrávamos nas Lowlands, o terreno era mais transitável, menos rochoso, e a magnificência do entorno convidava a distender-se nele. No entanto, apesar da clareza dos prados amplos e perfumados e de que, portanto, era fácil vislumbrar um cavaleiro ao longe, meu ânimo permanecia alerta e minha inquietação, latente e urgente.

Admirando as ondulantes colinas e escutando os queixosos gorjeios do Sahin, decidi nos deter o bordo do rio Awe para repor forças e estirar as pernas antes de continuar, embora com uma ideia clara em mente.

Sob um esplendoroso e vigoroso carvalho, atamos nossas montarias para tomar um refresco e comer base de pão negro e queijo. Entretanto, eu estava mais interessado em caçar que em comer. Dante se apressou a descer de seu cavalo e tirar os mantimentos das alforjas com semblante ansioso, enquanto se lambia.

Ante o intrigado olhar dos homens que conformavam a patrulha, agarrei minha mola de suspensão de uma das alforjas, rebusquei no alforje os pequenos dardos de madeira com cabeça piramidal de aço, sujeitei dois entre os dentes e me aproximei da carroça que levava a jaula do Sahin. Abri a jaula e tomei a cadeia que capturava o emplumado pescoço da ave em um cinto de couro e o obriguei a sair batendo as asas. Continuando, ateí a cadeia a um tronco e Sahin revooou agitado enquanto esticava a corda da mola de suspensão, apoiando a base em meu peito e engastando-a atrás da elevada noz metálica. Ato seguido dispus o dardo emplumado e aponteí para o céu observando com um só olho, enquanto fixava meu objetivo em um bando de pássaros. Permaneci imóvel e paciente, memorizando a sequência de movimentos para antecipar meu disparo, calculando mentalmente a trajetória. Nos terços do Flandes tinha afinado notavelmente minha pontaria com a mola de suspensão, além de carregar veloz sem escudeiro. A diferença do arco, o dardo com cabeça metálica da mola de suspensão era capaz de atravessar uma couraça de aço a muitas léguas. Depois de uns instantes de estudo, situado

estrategicamente diante do Sahin, pressionei a chave e o projétil saiu disparado e disseminou imediatamente o escuro e ruidoso bando. Segui a descida de uma pequena silhueta até que caiu sobre a erva. Corri para ela e localizei a um cruza-bicos atravessado por meu dardo. Agarrei a presa e me aproximei do Sahin. Extraí o dardo do inerte corpo da ave e o balancei frente ao falcão, que começou a grasnar faminto, expandindo suas majestosas asas em cruz.

—Tati Li, Sahin — sussurrei em árabe, mas o falcão não veio para mim, mas sim se limitou a bater as asas e a me cravar seu penetrante olhar.

Tinha decidido acostumá-lo ao timbre de minha voz e à cadência do árabe, por ser mais suave e calorosa que a do gaélico, e para que me diferenciasse com clareza do resto. Fabila e Azahara me tinham ensinado algo mais que luxuriosos prazeres.

—Tati Li...

Voltei a balançar a presa, e Sahin não se aproximou. Sentei-me no chão e comecei a depenar ao cruza-bicos, tirei meu sgian dubh, separei a coxa da ave e o ofereci. Esta vez avançou, embora com evidente desconfiança, e alargou seu pescoço repetidas vezes medindo o alimento. Era tal sua fome que ante o aroma do sangue se equilibrou sobre a coxa, capturando um beliscão em seu curvado bico, tentando arrancar uma tira de carne. Mas eu não soltei a presa, forçando-o a alimentar-se frente a mim, lhe fazendo ver que eu tinha o controle, impondo meu domínio sobre ele. Satisfeito, finalmente soltei o despojo e aproximei o resto da ave, da qual deu boa conta.

Continuando, pus-me em pé, recolhi minha mola de suspensão e a guardei. Quando retornei ao bosque, os homens mastigavam me olhando com crescente curiosidade.

— É muito bom com a mola de suspensão — resmungou Duncan limpando a boca com a manga.

— Era isso ou morrer.

— Deve ser muito rápido carregando, porque entre as cargas está desprotegido. — Aduziu Alaister depois de beber de seu odre — Pessoalmente prefiro o arco, Ayleen é toda uma perita.

— No que você dispara possivelmente quatro desses dardos — interveio a jovem com expressão jactanciosa — eu posso lançar ao menos quinze flechas.

— Certo — afirmei — mas uma flecha não atravessa uma cota de malha, nenhuma couraça. E, em efeito, o medo de morrer agiliza a mente e o corpo, embora entre cargas, confesso ter usado a espada ou me haver protegido em algum rincão.

— Flandres? — adivinhou Gowan me escrutinando com atenção.

Assenti aceitando a fatia de pão que me estendia Ayleen.

— Tenho entendido que aquilo foi um inferno — acrescentou metendo uma parte de queijo na boca.

— Há infernos piores — respondi mastigando um bom bocado de pão negro que secou toda a saliva de minha boca.

Estendi a mão para o odre de água, que novamente me aproximou de Ayleen. Senti falta do suculento pão de passas que serviam na mancebía, enquanto tentava tragar aquele espantoso bocado de serrín.

— Dá a impressão de que conhece muitos — interveio Rosston, o grandalhão ruivo, me observando com curiosidade.

— O suficiente para saber que este pão deve sair de um deles.

Os homens aumentaram os olhos e começaram a rir, esforçando-se em manter a boca fechada, o que congestionou seus rostos e aumentou as gargalhadas do resto, até que começaram a tossir engasgados, lacrimejando avermelhados.

— Na verdade, nunca provei nada mais horrível — afirmou Duncan ainda entre risadas.

— Tenho certeza que terá comido coisas piores — apostilou Irvin.

— Sim, mas não tão seca.

As gargalhadas aumentaram, ruborizando as bochechas do Ayleen, que, depois de um sorriso incômodo, levantou-se e obrigou Dante a segui-la. O moço se debateu rebelde resmungando imprecensões.

— Não se preocupe por sua sensibilidade, Ayleen. — Falei divertido — Nasceu sem ela. Criou-se em um bordel, asseguro-te que viu e ouviu coisas piores.

A moça franziu desgostada o cenho e me lançou um olhar condenatório antes de dirigir-se à borda do rio para refrescar-se.

— Deveríamos partir já, fica um bom trecho até o Inveraray — recordei, pondo-me em pé.

— O verdadeiro perigo estará ao passar perto do castelo do Kilchurn — advertiu Malcom — Volta a ser dos Campbell depois do violento enfrentamento com os

MacGregor. Embora sem dúvida resultará uma estupenda ocasião para nos deixar encontrar.

Percebi um tom de mofa em sua voz que me desgostou, mas decidi passar por cima.

— Que nos encontre uma guarda avançada em campo aberto é uma coisa, que nos encurrale todo o destacamento de um castelo, uma temeridade. Sairão a nosso encontro assim que nos divisem — conjecturei pensativo.

— Contando a esse pequeno malandro, somos nove. — Apontou Malcom — Se mandarem um destacamento para nos repelir, o mais sensato seria não apresentar batalha.

— Estou de acordo, mas tampouco devemos deixar que nos capturem, acredito que será melhor que o sorteemos na medida do possível.

— Temos que passar frente a ele ou cruzar o lago Awe desde outro ponto, a não ser que consigamos entrar no bosque que há depois do castelo, justo na base do pico Ben Cruachan — sugiero o capitão do Duart— É apenas uma fileira de arvoredos, mas será suficiente para nos ocultar.

— Acredito que é o mais acertado, capitão. — Decidi — Nos aproximaremos o bastante para não sermos vistos e nos ocultaremos até que anoiteça. Rezemos para que não seja noite de lua cheia.

Sustentei o olhar dos homens e recebi um áspero assentimento apoiando a decisão.

Reatamos a marcha acariciados por uma lânguida brisa quase primaveril. Estávamos em meados de abril, e os dentes do frio, embora ainda mordesse, pareciam menos afiados e menos agressivos. À medida que descendíamos ao sul, o clima se temperava ligeiramente e os vales se estendiam em planos prados verdes e brilhantes. Era, sem dúvida, a dificuldade do ambiente que forjava o temperamento de um homem, e as ásperas Highlands forjavam homens que eram resistentes e tão ásperos quanto seu clima e suas terras. Em troca, as Lowlands eram consideradas terras de habitantes mais civilizados e moderados em seu ânimo. As ricas pastagens engordavam suas cabeças de gado, o grão crescia viçoso sob um sol mais amável e as pessoas eram mais afáveis, pela comodidade de uma vida que o entorno e os elementos favoreciam notavelmente.

O grande contraste entre ambas as regiões de um mesmo país recordava-me à riqueza diversificada da Espanha, admirável alambique de culturas e crenças. Pois, embora em tempos se ordenou a expulsão dos mouros, ordem dada pelo Felipe III, muitas famílias haviam se fixado nos diferentes reinos, transmitindo sua cultura. E era aquela heterogênea mescla de credos e costumes o que enriquecia uma sociedade como a hispânica. Suspirei

ante a recordação das ruelas sevilhanas, perfumadas de flor-de-laranja e risadas, de cantos e alvoroço, e de sua gente, tão cálidas como o sol com o que amanheciam.

A minha mente viera rostos queridos, entre eles, o de meu mestre Beltrán, meu pai postiço, pois conseguiu me ressuscitar quando cheguei a ele moribundo. Era primo consanguíneo de minha mãe, único parente vivo e responsável direto de que meus pais se conheceram, foi visitar a Escócia como comerciante de vinhos, acompanhado de minha mãe, segundo ele, tinha sido a pior decisão de sua vida.

Quando Eachann Mor MacLean, mais conhecido como Hector o Grande, pôs seus olhos em Haifa, engenhou a maneira de comprometer sua virtude para forçar um compromisso precipitado. Beltrán nada pôde fazer e retornou a Sevilha com uma pedra no coração, embargado por agudos remorsos que pôde aliviar comigo. Estava acostumado a dizer que a vida dava segundas oportunidades se de verdade se desejavam, e eu nada desejava mais que voltar a ter em frente a meus verdugos, aqueles que me arrebataram não só a infância, a inocência e a dignidade, mas qualquer oportunidade de ser um homem pleno e feliz, em favor da escuridão que subjazia em meu mais profundo íntimo e que, quando emergia, o fazia para me devorar, apagando minha humanidade e despertando a uma besta feroz e implacável. Essa sombra que me dominava, esse animal raivoso que brotava de mim, esse ódio tão intrínseco e daninho me corroía as vísceras cada vez com mais aterradora assiduidade e, já tão perto de minhas presas, revolvía-se faminta como uma vil animália.

— Seu cenho ameaça tormenta, MacLean, o que te preocupa?

A aveludada voz me sobressaltou.

Dirigi a vista a Ayleen, esta vez não tinha ouvido os cascos de sua égua aproximando-se.

— Preocupa-me sua preocupação por mim.

A jovem aumentou os olhos com acusado desagrado.

— Você é brutalmente honesto e odiosamente áspero para renegar sua origem gaélica.

— E serei pior se continuar escavando onde não deve — adverti inexpressivo.

— Escavar onde não devo é uma de minhas afeições. De fato, em botânica é assim como descobrem espécies novas.

— Tenho cara de erva-doce?

A jovem me observou confusa até que um inesperado sorriso começou a abrir caminho em seus lábios, alargando-os progressivamente até terminar prorrompendo em uma gargalhada abrupta.

— OH, Deus, sim, agora que o diz, tem-na!

E continuou rindo enquanto apertava a palma de sua mão contra seu ventre como se procurasse acionar algum mecanismo oculto que a detivera.

Depois de um instante em que os highlanders se giraram para observar, Ayleen conseguiu recompor-se tomando uma grande baforada de ar.

Alaister se voltou para olhar agradado a sua irmã e me dar de presente um sorriso agradecido que não mudou meu gesto fleumático.

— Conhece a lenda da dama do lago Awe? — Perguntou ela risonha.

Limitei-me a negar levemente com a cabeça, mantendo meu olhar à frente. Já se divisava a silhueta do castelo na cabeceira do lago, em um enclave estratégico, além de espetacular.

— Era a esposa do Colin Campbell o Negro, senhor do Glenorchy. Um bom dia, Colin decide partir para as cruzadas e promete retornar ao cabo de sete anos. Entretanto, passa o tempo e segue sem saber o paradeiro do Colin. O barão Neil MacCorquodale, cujas terras limitam com o Glenorchy, declara-o morto e insiste em tomá-la como esposa. A dama urde então um estratagema: construir o castelo do Kilchurn em honra à memória de seu marido morto na Terra Santa, antes de aceitar desposar-se com o barão. De tal forma, e para dilatar o tempo, pede aos construtores que levantem muros tão deficientes que se desmoronem aos poucos e tenham que reconstruí-los constantemente, prefaciando assim de forma indefinida a obra. Até que um dia, Colin retorna e evita as bodas de sua esposa.

Ayleen emitia um suspiro cativado e me escrutinou com um doce sorriso em seus amaciados lábios.

— Não te parece romântico?

— Parece-me um plágio da Odisseia do Homero — resmunguei soprando com desdém.

— Quem é Homero? — Inquiriu ela contrariada, enrugando intrigada o cenho.

— Foi um poeta da Antiga Grécia, autor da Odisseia. — Respondi displicente — Em uma de suas passagens, a esposa do Ulisses, a bela Penélope, urde um estratagema parecida para evitar tomar outro marido quando declaram ao Ulisses morto, já que leva

dez anos vivendo aventuras longe de seu lar. Penélope promete decidir-se por um de seus muitos pretendentes quando terminar de tecer o sudário ao Laertes, o pai do Ulises, que é um ancião. Para dilatar seu trabalho, de noite desfaz o que tece de dia e, assim, durante três anos consegue enganar a todos, até que a descubrem e a obrigam a decidir. Só que seu marido já retornou a Ítaca disfarçado de mendigo, e ambos ideiam a maneira de convencer a outros de que é o verdadeiro Ulisses, engenhando um jogo no que desafiavam a todos a usar o arco do Ulisses, um arco que só seu proprietário pode esticar. O final é fácil de imaginar.

— Tenho que reconhecer que a semelhança é esmagadora — murmurou Ayleen com certa desconfiança.

— E, por datas, está claro qual é a original.

— E por que diabos não pode ser uma mera coincidência? — Replicou altiva.

— Duvido que os clássicos sejam uma leitura habitual nas Highlands, mas pode que tenha razão.

Ayleen me fulminou com o olhar, apertando seus lábios em uma careta furiosa.

— Está-nos chamando incultos?

Dediquei-lhe um olhar presunçoso e indolente antes de voltar a fixar minha atenção no espelhado lago Awe, cuja superfície refletia as esponjosas nuvens que perambulavam preguiçosas em um chamativo céu azulado.

— Não conhecer os clássicos não implica sê-lo; não ler, sim — aguilhoei de propósito.

— Eu leio tratados de todo tipo: de medicina, de botânica, e muitos outros que seguro que não conhecem nem você nem seus clássicos — defendeu-se.

— Não o duvido, sempre foste muito curiosa.

Lamentei ao ponto meu último comentário. Ayleen estava acostumada a me espiar quando fazia todo tipo de trabalhos sendo meninos, presenciando inoportunamente alguma que outra atividade embaraçosa e impudica por minha parte. Observei incômodo o acentuado rubor que apareceu em suas bochechas.

— Por que te empenha em ser tão desagradável comigo, Lean?

— Acredito que pela mesma razão que trocou seu parecer respeito ao compromisso.

— Já te expliquei que meu sentido de justiça...

— Não refiro ao que me disseram suas palavras, a não ser ao que me mostram seus gestos — proferi cravando um acusador olhar nela.

— A mim o que me dizem os teus é que te converteste em um caipira presunçoso.

— Não era... “brutalmente honesto”?

A jovem soprou irada e tocou veemente a seus arreios para afastar-se de mim resmungando em sussurros, imaginava que toda uma sorte de ofensas contra minha pessoa. Melhor assim, pensei, não me interessavam as mulheres, exceto para um instante de alívio carnal, e não pensava utilizar Ayleen para semelhantes baixos fins. Respeitá-la-ia, embora fosse a única mulher sobre a face da Terra, ou ao menos o tentaria com toda minha vontade. Não era bom para ninguém, menos para uma mulher e, menos ainda, para uma a que tinha respeitosa estima.

Anoiteceu e uma débil lua minguante chapeou os campos com seu tímido resplendor, incidindo manchas escuras na clareira, nas superfícies rochosas e em arbustos solitários, perdendo-se no mato do bosque que cercava a parte de atrás do Kilchurn. Para nossa sorte e guia, o castelo aparecia iluminado com tochas que douravam seus pétreos muros e recortavam sua silhueta contra a noite, sua imagem apagando-se à inversa nas negras e brilhantes águas do lago, nos dando de presente uma imagem cativante.

Cavalgávamos em completo silêncio, devagar, enquanto nos aproximávamos da parte baixa do pico Ben Cruachan, onde nascia a floresta que encobriria nossa presença ao guarda do castelo.

A nós chegava o eco apagado dos vibrantes acordes de uma harpa, uma voz masculina entoando uma canção e um espesso e estirado murmúrio coletivo alegre, o que nos anunciava uma celebração que com certeza regariam com cerveja. Isso nos favorecia, pois era fácil imaginar que os guardas, inclusive em seus postos de vigilância, tinham desfrutado do banquete. E nenhum escocês comia bebendo água. Mesmo assim, permaneci alerta, observando os penumbrosos arredores, atento a qualquer movimento suspeito.

A meu lado cavalgava Dante, no lombo de um corcel velho que suportava a nervosa disposição do inquieto moço e seu torpe manejo com elogiável paciência.

O menino pareceu adivinhar meus pensamentos, ou possivelmente seguia grunhindo ante minha escolha de montaria para ele, quando sussurrou com um deixo incompreensivo em seu tom:

— Por que meu cavalo é tão velho?

— Porque você é muito jovem.

Essa resposta não pareceu satisfazê-lo muito, enrugou a testa, olhando incrédulo e molesto.

— Tudo é equilíbrio, moço — esclareci em voz baixa — se a montaria for nervosa, requer um manejo calmo e um ânimo sereno e amadurecido para guiá-la. Se o cavaleiro for inquieto e inexperiente, nada melhor que um corcel paciente e tranquilo.

Dante fixou sua vista no Zill com uma pincelada invejosa no rosto.

— Algum dia montará um corcel brioso, quando sua experiência e sua maturidade estejam à altura — esclareci.

— Todos os cavalos seguem as mesmas indicações — replicou ele, ainda sem compreender — Não entendo o que tem que ver o ânimo, meu senhor.

— Deve haver uma sintonia entre cavaleiro e cavalos, Dante. O animal percebe o caráter de quem o monta, detecta o nervosismo, a insegurança, a estupidez, e isso o agita e o inquieta, dependendo de seu próprio ânimo. Para dominar um cavalo temperamental se precisa de um aprumo e uma segurança importantes, ou o animal dominará a ti te arrancando da sela. Também terá que saber ganhar prodigalizando afeto e cuidados.

Alarguei o braço, me inclinando um pouco para frente para acariciar o pescoço do Zill com cuidado, acariciando com leveza.

O animal acompanhou a carícia procurando meu contato agradecido.

— A delicadeza, a paciência e o cuidado são melhores ferramentas que a brutalidade imperativa — murmurei.

O agudo, melódico e reiterativo som de uma coruja distraiu minha atenção me enrijecendo na cadeira. Entrávamos no bosque de pinheiros, sepultados pelo difuso negrume que nos cobria sob suas frondosas taças. Apenas uns finos feixes de prata conseguiam penetrar a densidade dos apertados ramos e chegar ao leito do arvoredor, iluminando insuficientemente nosso percurso. Por algum motivo, comecei a sentir certo desgosto que me inquietou sobremaneira. Era uma coceira apreensiva que percorria minha espinha dorsal arrepiando minha pele. Algo me dizia que o perigo nos estava espreitando, minha intuição era infalível, e a ela devia que seguisse respirando.

Detive minha montaria, contrariando assim ao resto dos homens. Elevei uma mão exigindo silêncio e permaneci atento aos sons da noite. Depois de um tenso instante onde nada pareceu fora do comum, Alaister se aproximou e, embora logo que vislumbra seu rosto, encolheu os ombros inquisitivamente, aguardando a ordem de avançar.

— Algo vai mal — sussurrei sem deixar de esquadrihar a meu redor.

— Não o parece — proferio espectador.

— Se nos emboscarem, essa é a ideia: nos surpreender — respondi convencido de que nos preparavam uma emboscada.

— Todos estamos alerta e preparados em caso de combate, mas de momento, tão somente é sua intuição, Lean. Continuemos e saiamos daqui quanto antes.

A patrulha me rodeou intrigada por minha reação. Elevei moderadamente a voz para que todos me escutassem.

— Quero que todos desembainhem, e que os que tenham boa pontaria carreguem os arcabuzes. Quero que me sigam quando começar a briga até sair a campo aberto e que cavalguem como raios até estar o bastante longe daqui.

— Que briga? — apontou confuso Irvin.

— A que está a ponto de começar — respondi terminante. A sensação de perigo se agravava em mim.

— Por Deus, Lean, sua imaginação está jogando um mau agouro! —Opinou Alaister — Tudo está calmo, continuemos tranquilos, há festa no castelo, certamente todos irão dormir após a bebedeira.

— Isso é o que querem que acreditemos. Não podemos retroceder já, pois seguro que nos terão fechado o passo, só devemos avançar, mas armados e dispostos.

Os homens assentiram e obedeceram no ato, desencapando seus aços devagar.

Ayleen agarrou seu arco, comprovou a elasticidade da corda e se aproximou o alforje repleto de flechas.

— Quero que te ocupe de Dante — disse.

— Por quê? Por que sou mulher?

— Porque é uma ordem, é parte de minha patrulha e está a meu serviço.

Não pude ver seus olhos com clareza, mas adivinhei que me fulminava com eles.

Um bufido confirmou minhas suspeitas.

Avancei até me posicionar o primeiro na fila, shamshir em mão. Dirigindo as rédeas com a esquerda, reatei a marcha estremando minha cautela.

A quietude e o silêncio do bosque de pinheiros foram o primeiro sinal claro de que algo nos aguardava mais à frente, possivelmente na confine do arvoredor.

Tomei uma grande baforada de ar e minha mão se fechou com força em torno do punho de minha espada.

Comecei a divisar o claro e todo meu corpo se esticou conforme nos aproximávamos dele, mas quando saímos do amparo das árvores nada nos atacou.

— Hei-te dito que era sua imaginação — insistiu Alaister sorridente.

Nesse preciso instante, um assobio atravessou o espaço a minha esquerda. Movido por um impulso, inclinei-me na cadeira e empurrei com meu corpo o do Alaister, desmontando-o de um violento tranco. Senti uma súbita pontada em meu ombro que me fez apertar a mandíbula.

— Atacam-nos! — Vociferei ofegante.

A afiada ponta de um mastro aparecia pela parte dianteira de meu ombro esquerdo, junto à clavícula.

Não tive tempo de arrancar isso.

CAPÍTULO 8

O senhor do Kilchurn

Fomos rodeados por um grupo de guerreiros que nos atacaram ferozes. A meu redor, gritos belicosos, choques metálicos e as explosões de mosquetes, impregnando a brisa noturna com o acre aroma da pólvora, transportaram a Bleda.

Era impossível discernir onde se encontravam Ayleen e Dante entre aquela caótica massa de corpos a cavalo que combatiam. Tampouco tive ocasião de apartar muito a vista dos homens que me cercavam.

Freei várias estocadas a ambos os flancos de meu cavalo, alternando os ataques ao tempo que tentava dirigir ao Zill, que, descontrolado, encabritava-se sobre seus quartos traseiros, ameaçando me atirar da sela. Com cada violenta sacudida em meu ombro, cintilavam dolorosas picadas que se estendiam por todo o braço até minha mão, em que se afrouxavam perigosamente as rédeas. Esquivei a letal trajetória de uma afiada *claymore* inclinando meu torso para trás, o que me impeliu para o chão. O impacto partiu a flecha que atravessava minha carne e irradiou uma corrente tão abrasadora por meu peito que me enjoou. Sacudi premente a cabeça e levantei-me rapidamente, apertando os dentes para enfrentar a meu combatente, que já se equilibrava sobre mim. Depois de sortear duas cutiladas, consegui acertar em um lance lateral que enviesou o flanco de meu inimigo e o derrubou. Abati-me sobre outro adversário descarregando com meu shamshir toda minha fúria. Estocada a estocada, fui limpando minha visão até comprovar que o número de nossos atacantes tinha sido reduzido grandemente.

Localizei a meus homens, que continham três adversários que se defendiam já sem muita convicção.

— Não os matem! — Ordenei imperante me aproximando deles a grandes pernadas, sorteando corpos cansados.

— Faremos, se não se rendem — ameaçou Rosston com seu grave vozeirão.

Essa advertência bastou para que os oponentes soltassem suas espadas e elevassem as mãos.

Encarei-me ao que parecia mais curtido em batalhas e lhe sustentei o olhar um instante com ferocidade.

— Devo oferecer meus serviços ao marquês do Argyll, sou um simples mercenário e renegado dos MacLean. Nada me importam as causas a menos que me contribuam com suculentos benefícios monetários. Comuniquem ao senhor do Kilchurn que nada tem que temer de mim e que atravessamos suas terras só para engrossar as tropas do Campbell. E, agora, partam com minha mensagem a seu senhor.

— Posso economizar a viagem se lhes agradar, eu sou o senhor do Kilchurn.

No claro, o resplendor lunar permitiu que pudesse contemplar umas feições duras e um olhar sagaz.

— Em tal caso, retornem a seu castelo, e não esqueçam meu nome: Lean MacLean.

— Sem nome, você é bastante fácil de identificar.

Sua ameaça soterrada me arrancou uma careta de suficiência e um sorriso sardônico.

— Identificar-me é fácil, como bem disse, capturar-me, não.

O homem estirou seus lábios em um sorriso apertado, sem suavizar um ápice o semblante grave de seu olhar.

— É bom espadachim, MacLean, sua técnica é tão peculiar como seu aço e seu aspecto. Goza de uma vantagem tácita: a perplexidade.

— E você goza neste momento de outra: minha piedade.

O homem me escrutinou curioso, avaliando com agudo interesse.

— Não tivemos um bom começo, — começou solene — mas possivelmente uma boa taça de porto ajude a limar asperezas, já que você é aliado do Argyll, embora sua única causa seja o dinheiro. Além disso, pelo que posso ver, precisam de uma cura rápida.

— Tentador oferecimento, abrir a armadilha a um coelho.

O homem deixou escapar uma gargalhada divertida para me contemplar com franca e inusitada admiração.

— É condenadamente ardiloso, permita que lhe elogie isso, mas têm minha palavra como senhor destas terras de que nem meu castelo é armadilha de coelho nem sua partida. Tomem um refresco, descansem e partam para alvorada.

Escrutinei com desconfiança, entretanto, algo em seu semblante me fez ponderar a oferta.

— Não acredito que seja boa ideia, Lean — resmungou Malcom. O capitão negou com a cabeça para ratificar seu conselho.

— Por São Andrés, eu deixo você entrar em meu castelo, onde mora o que mais amo, minha família. Jamais faltaria com minha palavra expondo-os — afirmou o senhor do Kilchurn terminante.

— Lean, está ferido, precisa de cuidados.

Voltei-me para a doce voz do Ayleen, que rodeava com seu braço a Dante em atitude protetora.

— E nós, um bom descanso — apoiou Alaister.

Deixei escapar um fundo suspiro e assenti. A dor se acrescentava em um pulso latente que me saturava.

— Aceito esse porto.

O homem inclinou cortês a cabeça e, quando a elevou, sua expressão foi tão honorável que terminou de me arrancar qualquer vislumbre suspeito.

— Por certo, meu nome é Colin.

Olhei a Ayleen com um sorriso cúmplice curvando meus lábios.

Este Colin não se apelidava o Negro com toda segurança, pois seus cabelos eram avermelhados inclusive à luz da lua.

O castelo estava calidamente acondicionado. Nas salas principais, ricas tapeçarias de lã sufocavam a frieza dos muros de pedra, apanhando neles o calor que desprendiam as grandes chaminés, o que conseguia que a temperatura fosse bastante agradável. No grande salão, estandartes, armas expostas artisticamente nas paredes, escuros armários com variados volumes e tapetes de cores chamativas com desenhos geométricos conferiam um ambiente caseiro ao vasto espaço.

O primeiro que fizeram comigo ao entrar, foi oferecer uma habitação para que a disposta Ayleen me extraísse a flecha. E, aí, sentado em um leito com dossel, com o torso nu, sozinho no grande quarto com minha curadora particular, fui objeto da minuciosa e perícia da moça, que com semblante concentrado e preocupado, rodeada dos potes e tecidos que tinha demandado, estudava a ferida.

— Espero que não danifique o desenho de meu *washamm*¹³.

A moça fixou seus olhos nos desenhos em tinta que me cobriam ambos os braços e se uniam em um cordão justo sob a clavícula. No centro de meu peito, entre os peitorais, o

¹³ Espécie de tatuagem

cordão se fechava com um broche peculiar: minha árvore, o Crann na Beatha. Eu mesmo desenhei, para que me gravassem isso sob a pele com a maior precisão possível. Tinha eleito símbolos celtas capitalistas, símbolos esculpidos em pedras e árvores nos arredores do Sorne, no Mull, e que estava acostumado a repassar com os dedos quando era menino.

— Resultam bastante impressionantes, quase tanto como o resulta você — aduziu ela percorrendo-os com o olhar com uma estranha expressão no rosto — Deve ter doído muito.

— Outras coisas doeram mais, e são essas coisas as que quis ocultar.

Os desenhos camuflavam feias cicatrizes de minha infância. Ayleen tragou saliva, baixou a vista a suas mãos e, recordando ao que tinha vindo, tomou uma parte de tecido e o espremeu entre elas.

— Tenho que umedecer a ferida antes de tentar tirar a flecha. — Disse mais para si mesmo que para mim — O sangue secou e doeria muito um puxão, por rápido e hábil que fosse.

— Enquanto não a umedeça com álcool...

— Não, com água será suficiente.

E, assim, agarrou a jarra de cobre da mesinha adjacente à cama e derrubou seu conteúdo cuidadosamente sobre meu ombro.

Em seguida, agarrou o mastro que aparecia de meu corpo e o agitou com suavidade para separar o sangue ressecado.

— Não ande com escrúpulos, — falei — está-me esperando um bom porto, ou isso acredito, ao menos.

Os formosos olhos da jovem me calibraram um instante antes de tirar com força para tirar a flecha de meu corpo. Apertei os dentes, deixando escapar entre eles um doloroso grunhido.

— Não tenho feito mais do que me pediste — desculpou-se um pouco sobressaltada.

— E o tem feito bem, termina.

Torceu o gesto ante meu tom premente, mas conteve sua língua. Empapou um tecido em uma infusão de hamamelis e alho e, com extremo cuidado, começou a limpar o feio orifício. Como me estremecia pela ardência de cada toque, Ayleen pôs a palma de sua mão em meu peito possivelmente para me distrair, pois seu calor em minha pele nua o conseguia.

Depois da limpeza, aplicou-me um unguento denso e fedorento e começou a cobrir a ferida com tecidos limpos. Enquanto manobrava, seu corpo roçava o meu e, concentrada em sua tarefa, não foi consciente do contato e da cercania entre nós. Por desgraça, uma traidora parte de mim foi excessivamente consciente disso.

Quando terminou, olhou-me com uma expressão que dançava entre o desejo e o pudor.

Ao notar que suas mãos ainda estavam em meu peito, deu um pulou para trás ruborizada, embora seus olhos devorassem cada linha de meu torso.

— Seu peito é imberbe — observou fixando seu olhar em meu rosto com gesto subjugado.

— Por sorte, minha cabeça não.

Isso a levou a estender a mão para meu cabelo e retirar uma mecha de meu rosto para acomodá-lo.

— Seu cabelo é formoso, negro e espesso, rebelde e suave, sob o sol refulge azulada.

Deixou escapar um débil suspiro afetado antes de continuar.

— Contrasta com seus olhos, da cor do melaço jovem, sempre me fascinaram. — Alargou de novo a mão e delineou o contorno de meu rosto lentamente, como saboreando o contato — Exercem o mesmo feitiço que olhar as chamas de um bom fogo. Seu rosto trocou, sua beleza é mais terminante, mais varonil. Sabia que esmaga, Lean? Duvido que haja uma mulher na Terra que não se estremeça ante sua presença.

— Quão único sei é que tem que ir.

Ela baixou o olhar afligido.

— Não te pareço formosa?

— Parece-me, não sou cego.

Elevou esperançada a vista, com tal expressão ofegante em seus entreabertos e suculentos lábios que tive que girar a cabeça apartando o olhar deles.

— Mas também parece muito adorável para alguém como eu.

O brilho de seus olhos se apagou em uma expressão decepcionada e triste.

— Alguém como você... — murmurou compungida — alguém que não saiu de meus pensamentos em todos estes anos, alguém que sonhava voltando a encontrar, que rezava cada noite para que estivesse vivo. Alguém a quem pareço odiosamente adorável...

Levantou-se doída e, depois de uma última olhada que sentenciava o que sentia, partiu do quarto batendo porta.

Tomei uma grande baforada de ar e me pus em pé, vesti-me com a camisa suja e o espartilho, que decidi deixar sem grampear, e saí do quarto para me dirigir ao salão principal, negando-me a pensar em Ayleen mais do que devido e recomendável. Não tinha retornado a Escócia em busca de futuro precisamente, e por nada do mundo ia permitir arrastar a ninguém mais ao inferno ao qual me encaminhava.

Reafirmado em minha decisão, avancei a grandes pernadas pelos largos corredores da planta superior até dar com a ampla escada de pedra que descendia às dependências principais.

Segui um rumor de vozes masculinas até o grande salão e entrei nele com o gogó seco e sem ânimo.

— Tome um assento, MacLean, não parece se encontrar bem. Espero que meu porto obre o milagre de lhe restabelecer.

Colin era um homem de média idade, de estatura normal e forte. Cabelos vermelhos encrespados e pequenos olhos azuis, maçãs do rosto altas e queixo quadrado. Todo um guerreiro curtido e, a julgar pelos variados livros que saturavam as vitrines, letrado e culto.

— Luzem as cores Campbell — reconheci — mas seu emblema é distinto.

Tomei assento onde me indicou em uma esquina separada do salão. Meus homens bebiam taciturnos e cansados, conversando baixo entre si junto ao fogo da lareira, mas dirigindo olhadas receosas, sem baixar a guarda.

— Sim, somos um ramo do clã os Campbell do Glenorchy, usamos as cores da família, mas gostamos de matizar a diferença com um emblema próprio. — Explicou ao tempo que servia um escuro e brilhante porto em uma taça que me alcançou solícito — Além disso, tivemos nossas rixas no passado, e embora agora a causa Covenant nos una, posso lhes assegurar que meu querido primo tentará conquistar minhas terras na menor ocasião.

— O marquês é seu primo?

— Para minha desgraça.

Elevei surpreso uma sobrancelha, agarrei minha taça e bebi um longo e reconfortante gole.

— Goza do amparo de um homem importante na Escócia. Isso, a meu parecer, é uma grande vantagem — rebati com a intenção de soltar sua língua. Toda informação solicitada sobre o capitalista Archibald Campbell, primeiro marquês do Argyll, podia ser de grande utilidade.

— Seu poder é precisamente seu fio mais perigoso — esclareceu depois de um longo trago a sua taça — E sua ambição, sua mais feroz espada. É um homem de fortes convicções religiosas, presbiteriano e rígido em suas crenças, mas tão explosivo como a pólvora se não conseguir o que deseja. Tem a seu serviço a mais de vinte mil homens, e olhos e ouvidos nos lugares mais insuspeitados. Sabe tudo de todos, para ele a informação é poder.

— Um homem inteligente — murmurei provando o porto. Seu tato áspero e seu aroma embriagador despertaram meus sentidos e esquentaram meu estômago.

— Difícil de enganar, sim — assegurou intencionalmente.

Um brilho sagaz cintilou nos olhos do Colin, mostrando com clareza o que opinava de minha desculpa para entrar no Inveraray.

— Um vinho delicioso, tenho que confessar. — Elogiei agitando minha taça em preguiçosos círculos e apurando seu conteúdo — Mas o cansaço me vence e meu corpo pede a gritos que o prostre no leito que tão gentilmente oferecem esta noite.

— Posso lhe oferecer algo mais que um leito, algo que possivelmente seja de mais utilidade.

— Intriga-me — confessei espectador, aguardando seu próximo movimento.

— Argyll já está a par de quem é. — Revelou o senhor do Kilchurn, sopesando minha expressão — Como o estava eu muito antes de divisar sua chegada em minhas terras. Recebi o encargo de detê-lo e interrogá-lo, empregando os meios mais eficazes para soltar sua língua. E isso planejei quando lhe embosquei esta noite, mas não para o que meu primo requereu, que era descobrir suas verdadeiras intenções e as usar em seu proveito, a não ser para meu próprio benefício.

Permaneci impenetrável e paciente, evitando deixar transluzir qualquer emoção, embora a incerteza e a desconfiança me apressassem.

— E seu benefício é...?

— Bastante similar ao seu, acredito: descobrir o plano de ataque do Argyll para informar ao marquês do Montrose.

Não pude evitar que o assombro mudasse minhas feições. A magnitude daquela confissão era arriscada em excesso para alguém que levava sangue Campbell nas veias.

— Aqui o único traidor a suas cores sou eu, temo-me — adicionou com um sorriso matreiro. Desviou o olhar para as chamas, sumindo seus pensamentos nelas. Em sua expressão acreditei vislumbrar todo um variado leque de emoções ocultas. — Estou ao serviço do James Graham, marquês do Montrose e arqui-inimigo do Argyll, estou a par de sua missão no Inveraray, seu tio Lachlan me informou disso. De fato, é para mim a quem terão que pôr à corrente das averiguações: localização das tropas, planos de ataque e tudo que possam, para que se obre em consequência sem demora.

O lógico teria sido desconfiar de cada palavra, mas descobrir que conhecia minha missão me desarmou. Mesmo assim, franzi o cenho e neguei com a cabeça em gesto receoso. Esse gesto provocou outro de meu peculiar anfitrião, colocou a mão em seu bolso e extraiu uma folha de papel diligentemente dobrado.

— Esta missiva é de seu tio, comprove a letra.

Estendeu-me a carta e aguardou minha aprovação. Desdobrei-a e li o que acabava de contar e, em efeito, a letra, assinatura e o lacre eram do Lachlan.

— Entretanto, — comecei me aferrando a suspeita — atacaste-nos, quase toda sua guarda avançada morreu na briga. Tampouco entendo como Lachlan não me avisou disto.

Colin inalou profundamente ao tempo que me dirigia um olhar indecifrável.

— Ninguém em meu castelo conhece meu jogo duplo. Como hei dito, Argyll tem olhos e ouvidos em todas as partes. Faz tempo que descobri que dois de meus capitães espionavam meus movimentos, por isso decidi aproveitar a emboscada para me liberar deles. Se não os tivessem matado, asseguro-lhes que em metade da refrega o teria feito eu. Seu tio não lhes falou de mim para que resultasse mais acreditável a escaramuça e porque minha vida e a de minha família correm mais perigo por cada voz que expressa minha traição. O desgraçado do Argyll sempre desejou minhas terras e a minha esposa, além disso, nunca esquecerá as rixas que já tivemos no passado. É questão de tempo que se ocupe de mim. Agora, entretido na guerra civil que assola a Escócia, convertido no arrojado defensor da causa Covenant e aliado dos parlamentários contra do rei, necessita-me o suficiente para não acabar comigo, mas quando tudo passe, me esmagará sem comiseração alguma.

Em sua sofrida, inflamada e decidida expressão descobri que falava com a verdade. Devolvi-lhe a missiva e observei sua preocupação. Com o olhar perdido, Colin aproximou

a ponta do pergaminho à chama de uma das velas que ocupavam o candelabro que tinha mais perto e contemplou reflexivo como esta devorava a amarelada folha.

Depois de um instante de silêncio no que ambos assimilávamos compartilhar inimigo e unir nossas forças, Colin esboçou um pouco parecido a um sorriso sardônico, ainda com gravidade em suas feições.

Olhei a meu redor, só meus homens estavam no salão, mesmo assim, era fácil adivinhar desde fora que o suposto interrogatório era mais um amistoso bate-papo.

— Argyll descobrirá que não me tirastes informação a golpes — aponteí procurando mentalmente alguma fresta que pusesse em risco minha vida e a de minha patrulha para me antecipar a isso.

— Temo-me que nesse ponto teremos que ser minuciosos, MacLean.

Sustentei seu olhar desconcertado, mas quando o homem ficou em pé, tirou-se o cinto e arrumou as mangas com calma, soube que teria que levar um seguro de vida adornando meu rosto.

Incorporei-me, respirei fundo e me plantei frente a ele. Colin era de estatura baixa, mas tão robusto como um boi. Rezei por não perder nenhum dente.

— Evitarei golpear no ombro ferido, mas acredito que não amanhecerá tão arrumado. Não é necessário recordar que não pode me devolver os golpes, supõe-se que está preso.

Meus homens contemplaram a cena confusos e levaram imediatamente as mãos aos punhos de suas espadas.

— Devo levar uma prova de confiança ao Argyll. Anunciei tranquilizador — Tudo está bem, Colin é amigo. Agora retirem-se e descensem, amanhã partiremos com as primeiras luzes da alvorada.

Alaister me escrutinou com gravidade, seu semblante tingindo-se com um ar preocupado. Depois de um gesto de assentimento e urgência por minha parte, Duncan, Malcom, Irvin, Rosston, Gowan e Alaister abandonaram o salão, fechando a porta detrás de si.

— Bom — começou Colin — Nunca gostei das brigas injustas, mas nesta terei que me esmerar bem.

— Nunca estive quieto em uma, também eu terei que me esmerar bem.

O senhor do Kilchurn sorriu divertido.

— Eu gosto, condenado MacLean.

— Espero que não o suficiente para receber consolo de sua parte.

Colin ampliou seu sorriso, que esta vez chegou a seus olhos.

— Pode estar tranquilo, nem com saia me fixaria em você.

Esta vez sorri eu.

Depois de assentir, recebi um primeiro murro no rosto que me cambaleou para trás. Como adivinhei o senhor do Kilchurn era todo um boi. Abri a boca e movi a mandíbula a ambos os lados, temendo tê-la desencaixado. Outro par de direita me giraram a cabeça com violência e, golpe a golpe, meu rosto ardeu, o sangue emanou e minhas forças diminuíram entre grunhidos sufocados.

Não sei quanto tempo aguentei de pé, mas consegui permanecer erguido, recuperando o equilíbrio depois de tropeçar impulsionado por seus golpes, até que um tremendo impacto de seu punho em meu ventre me dobrou bruscamente para frente para receber uma joelhada na lateral da cabeça que me cambaleou para trás e caí de bruços sobre as lajes de pedra do pavimento. Ofegante e ensanguentado, lutei para me pôr em pé de novo, só descansaria no chão se Colin conseguia me arrebatrar o sentido, pois uma vez já tinha jurado não voltar a receber uma surra amassado no chão.

Naquela época era um menino morto de medo ao que chutaram sem piedade só por puro prazer e, depois de recuperar-me daquela surra, prometi-me defender até a custa de minha vida. Colin nunca saberia que para mim foi mais duro reprimir o impulso de devolver cada golpe que receber os seus.

CAPÍTULO 9

Nos domínios do Argyll

Entramos nos terrenos pertencentes ao castelo do Inveraray como prisioneiros do Colin Campbell.

Amarrados e a cavalo, atravessamos as grandes levas da imensa fortificação, mudados por tão suntuoso e imponente castelo, o afamado *caisteal* Inbhir Aora. Os altos muros pareciam intermináveis, as janelas ogivais alternavam com lacunas, topos crenulados e torres circulares nas esquinas. Régio e formidável, um titã de pedra em metade de uma verde pradaria frente ao lago Fyne.

— Darei conta ao Argyll da veracidade de seu testemunho, — expôs Colin, quase mais tenso que eu — logo chamará para lhe medir e lhe avaliar. É surpreendentemente hábil para encaixar as capacidades de um homem com a função que mais lhe favoreça. O colocará a prova com alguma missão arriscada, pois se apresentará como mercenário. Nunca o subestime ou estará perdido. Algumas de suas debilidades são a bebida e o jogo, é um grande estrategista e possui uma mente acordada e brilhante. E se algo odeia são os rodeios, a inépcia e a indecisão, nunca esquivem seu olhar e não lhes deixem amedrontar por seu vivo gênio. Adora a sua esposa, lady Margaret Douglas, e é um homem reto quanto aos prazeres da carne, não se conhecem amantes. Acredito que é quanto posso lhe dizer. Espero ser de ajuda em meu encontro com ele.

— Entre suas palavras e seus punhos, nada tenho que temer.

Colin sorriu e, depois de jogar uma olhada a meu maltratado rosto, estalou a língua com ligeireza e murmurou:

— Tampouco está tão mal, MacLean, ainda o reconhecem.

— Sim, o cabelo não mudou.

Seu peito se agitou estrangulando uma gargalhada.

Em realidade, olhar-me ao espelho essa manhã tinha sido melhor do que esperava. E, mesmo assim, Ayleen clamou ao céu ao ver os machucados, repreendendo minha insensatez e descarregando em mim sua fúria, enquanto aplicava unguento a minhas feridas. Tinha o lábio inferior partido, uma brecha na maçã do rosto esquerdo e na

sobrancelha do mesmo lado, hematomas nas bochechas e um olho mais fechado que o outro. Colin tinha aplicado bem.

Detivemo-nos no acesso principal e desmontamos. Uns servos prepararam-se para levar nossos cavalos às cavalariças, enquanto os soldados da guarnição nos escoltavam ao interior da fortaleza.

Avançamos por compridos e elegantes corredores, e me assombrou a vivaz atividade que bulia no castelo. Servos e donzelas trabalhavam em excesso brincando de correr de um lugar a outro, ocupados em suas tarefas com singular apreço.

— Esta noite se celebra o aniversário de lady Anne, a primogênita do Argyll — sussurrou Colin — Haverá uma festa e, como estão aqui os grandes senhores das Lowlands, aproveitarão para celebrar a reunião e organizar o ataque às tropas do Montrose.

O guarda do Argyll entrou em um amplo saguão, no que nos fizeram esperar enquanto era anunciada nossa presença ali. Os nove membros que formávamos da minha patrulha, Colin e seu segundo, Fergus, aguardamos inquietos escoltados por robustos homens armados.

Minha intenção tinha sido deixar a meus homens esperar minha volta fora dos terrenos do castelo, mas Colin havia se oposto a isso. E, na verdade, não teria tido muito sentido que só me capturassem. O que mais me assombrou é que nenhum membro da partida replicasse sobre aquela arriscada mudança nos planos. Em princípio tinham sido escolhidos para ser minha escolta, nada mais. Entretanto, tinham aceitado entrar na boca do lobo, não cheguei a entender a razão. Não me deviam lealdade nem tinham a avaliação suficiente, com o que deduzi que sua lealdade para com meu tio e a causa eram as verdadeiras motivações.

Senti o olhar de Ayleen fixo em mim, impregnada de uma funda preocupação por minha pessoa, e me descobri devolvendo aquele sentimento. Aquela aventura começava a enredar-se condenadamente, e minha intenção de não incorporar a ninguém em meus fins se apagava pouco a pouco. Alaister permanecia pensativo, com semblante inescrutável, mas olhar inquieto.

Ao cabo, as folhas da porta dupla que dava ao escritório do marquês abriram-se e emergiu delas uma mulher com a fúria e a dor pintando suas formosas feições.

Dirigiu-se sem titubear para onde eu me encontrava escoltado por dois homens e, plantando-se frente a mim, deu de presente um olhar de profundo ódio.

— Vos desejo uma morte larga e dolorosa, cão sarraceno. — Assobiou entre dentes — Mas enquanto isso, desejo que sua mísera vida sofra penúrias, torturas e dor, embora o que mais desejo de tudo é que as sofram de minha mão.

— Muitos e ambiciosos desejos para alguém tão pequeno como você — respondi destemidamente.

Uma delicada mão se estampou contra minha bochecha.

— Vos odeio filho da puta! — Bramou com olhar sofrido e esmigalhado.

— Ficou-me perfeitamente claro.

Voltou a me esbofetear com aversão, em seus avermelhados olhos apareceram lágrimas raivosas que acentuaram o claro verdor esmeralda de sua íris.

— Você repete, minha senhora — aduzi estoico — se não tem nada mais que adicionar, acredito que me espera o marquês.

Depois de um insidioso olhar carregado de terríveis ameaças, cuspiu-me com agudo desprezo e abandonou a estadia, seguida pela sedosa esteira de sua larga e ondulada juba vermelha.

Um homem alto e de constituição magra, rosto afiado e ossudo, pequenos olhos escuros de olhar incisivo, finas roupagens e semblante régio cravou sua atenção em mim.

— Não parece que tenham tido um bom começo com sua cunhada. — Murmurou mordaz — Possivelmente seja porque a deixou viúva logo depois de desposar-se.

Abri os olhos com assombro. Era ela, a esposa de Campbell, meu meio-irmão! Na verdade, seu ódio por mim estava mais que justificado.

— Jamais será consciente do grande favor que lhe fiz — repliquei audaz.

O homem me estudou com profunda curiosidade, assentiu como confirmando algum pensamento e retornou ao despacho com passo solene.

— Façam entrar, só a ele — ordenou a seus guardas sem voltar-se.

Soube quem era antes que seu metido arauto começasse a enumerar seus títulos nobiliários.

— Sir Archibald Campbell, primeiro marquês do Argyll, oitavo conde do Argyll, senhor do Lorne, chefe do clã Campbell, alto dignitário do Reino de Escócia e fiel defensor da causa Covenant, chama-lhes a sua presença.

Empurraram-me bruscamente para me impelir a avançar. Só Colin me acompanhou, fechando as portas detrás de mim.

Pude perceber o irado e contrariado gesto que Argyll deu de presente a seu parente.

— Minha ordem só incumbia a seu prisioneiro, não a você — acusou severo.

— Acreditei que esperava sua confissão. Como comprovará, esmerei-me muito, é um homem difícil de persuadir — defendeu-se molesto.

— Primeiro quero conhecer o testemunho de sua boca, e logo pedirei que me ratifique isso. Aguarde fora.

Quando se girou para partir, dirigiu-me um olhar advertência e preocupado antes de sair.

— Bem, MacLean. — Argyll me escrutinou com receosa desconfiança desde sua ostentosa poltrona, que presidia uma ornamentada mesa em que se empilhavam mapas e folhas dobradas — Correm muitos rumores sobre você, não obstante, alguns se contradizem com seus feitos, o que me leva a desconfiar e a perguntar se vale a pena escutá-lo em lugar de livrar-me de você.

— Se está se referindo a eu ter matado a seu aliado, meu irmão Hector — comecei com pausada calma — posso assegurar que tive razões de peso para fazê-lo.

— Foi por isso que seu tio o desterrou do clã?

— Foi o que motivou nosso enfrentamento. — Respondi precavido — Também meu desejo de retornar a Sevilha, isso o enfureceu, pois em realidade mandou-me chamar para defender Duart e anexar às tropas realistas. Mas nunca foi boa ideia procurar a ajuda de alguém que renega suas cores e seu sangue.

— Entretanto, retornou para emprestá-la.

— Não, retornei para me vingar.

— Começo a compadecer a seu tio, — arguiu censor — dois sobrinhos traidores é um duro estigma que suportar. No referente ao Hector, consta-me que procurava poder e estar do lado vitorioso quando se repartissem privilégios. Era um homem sem princípios nem valia, covarde e pueril, mas ambicioso em extremo, foi muito útil me provendo de suculenta informação. Respeito a você, parece valoroso e audaz, inteligente e feroz e, por isso vejo, só leal a você mesmo. Não obstante, vêm a meus domínios, imagino que a terminar sua vingança, e minha pergunta é: estando tão perto de seu tio, por que não acabar com ele, como o fez com seu irmão?

Sua sagacidade resultava admirável, e era precisamente esse rasgo o que o fazia tão perigoso.

— Matá-lo por questões pessoais só me converteria em um fugitivo, — respondi medindo cada palavra — e não é o que procuro.

— E o que é exatamente o que procura?

Senti seu penetrante olhar medindo de forma escrupulosa todas e cada uma de minhas expressões.

— Procuro ser dono e senhor do Duart.

Fui submetido a um tenso e longo escrutínio por parte de meu interlocutor, no que me mantive firme sem desviar o olhar, sustentando seu receio e dando de presente minha imperturbabilidade. Ao cabo, depois de sopesar com franzido cenho minha resposta e minha reação, assentiu.

— Curioso desejo para alguém que desdenha suas cores e seu sangue.

Sorri ante sua acuidade, enquanto pensava uma resposta bastante persuasiva que afastasse sua desconfiança.

— Quando era um menino já se encarregaram de me fazer odiar minhas cores, o que não impede que me resultem atrativos o castelo e as terras do clã. Além disso, e nesse ponto confesso meu cinismo, que melhor vingança que um gall de sangue árabe se apodere do título de lord MacLean.

Archibald Campbell relaxou o rosto, estirando brevemente as comissuras de seus magros lábios em uma careta que não chegou ao sorriso, mas que resultou tão alentadora que apaziguou minha inquietação e me convenceu de ter completado meu objetivo.

— Um título que, a falta de seu tio, pertence-lhe por direito consanguíneo. — Acrescentou erguendo-se em seu assento depois de um pigarro formal — Bem, MacLean, apesar de ter decidido acreditar no que diz, concordará comigo em que as palavras sem provas não são nada. Assim, exijo de você uma prova de lealdade.

Limitei-me a assentir aguardando sua estocada final.

— Se renderem homenagem e me jurarem lealdade, esmagarei ao Lachlan, nomearei-o lord de seu clã e lhes cobrirei de ouro. Mas antes terá que ser merecedor de tal honra. Partirá amanhã ao Glencoe, às terras dos MacDonald, acérrimos inimigos meus, para oferecer um pacto e um presente de minha parte.

Amaldiçoei para mim mesmo. Uma simples vingança se estava tornando com assombrosa rapidez em uma complexa cadeia de intrigas políticas que me traziam sem cuidado. Estando em seu poder, não tinha mais remedeio que acessar a sua demanda, embora uma vez que desse caça aos Grant, o plano seguia sendo retornar ao Duart para embarcar para a ilha do Skye em busca de minha querida madrasta.

— Conte comigo. — Menti — Embora esse presente devas ser muito tentador para que um MacDonald aceite trocar de bando.

— É um laço de meu próprio sangue o que ofereço, meu amparo e meu respaldo para futuras empresas. Se o rechaçar, massacrarei seu clã.

Aquilo não era um pacto, aquilo era uma ameaça flagrante. O marquês não andava com meio termo.

— Um laço de seu próprio sangue? Refere-se à aliança de suas casas mediante umas bodas?

— Em efeito — confirmou agrado — E, já que deixastes viúva a uma parente que, embora longínqua, está sendo um peão muito útil em meus entendimentos, que melhor que remendar isso levando-a pessoalmente até a capela, entregando-a você mesmo a seu futuro marido?

— Por sua hostilidade para mim, duvido que aceite nem minha companhia nem meu guia até o Glencoe.

— Cora não tem voz nem voto em seu futuro, amparei-a em minha casa quando morreu sua mãe, e seu pai é um pobre infeliz que mendiga um oco na corte real do Carlos I, em Londres. Deve-me não só o favor de criar a sua filha sob meu teto, mas também meu respaldo e meus contatos.

Pude adivinhar que, como pagamento ao marquês, teria que exercer de espião para ele e mantê-lo informado do que acontecesse em palácio.

Não ficava mais remedeio que partir com Cora Campbell, já pensava onde a deixaria no caminho para que pudesse retornar se era seu desejo.

— E, posto que chegamos a um cordial entendimento, — adicionou o marquês ficando em pé — passará a noite sob meu teto em qualidade de convidado. Cabe mencionar que, é obvio, enquanto perambule por meus domínios, dois de meus homens o escoltarão.

— Desejaria que meus homens gozassem do mesmo trato.

Elevou uma sobrancelha surpreso por meu atrevimento e, embora com uma careta turva, assentiu, dirigindo a um de seus guardas o gesto de que me soltassem.

— Podem assistir à festa se gostarem. Como meu novo aliado, é bom que meu clã o conheça. Os MacLean não são bem recebidos por estas lareiras e, embora você não luza suas cores nem se digna sequer vestir como um highlander, seus homens, sim. E hoje não quero brigas de nenhum tipo.

Liberaram minhas mãos e esfreguei aliviado, tomando nota mental da disposição do mobiliário se por acaso tinha a ocasião de burlar aos guardas e me filtrar naquele despacho essa mesma noite.

— É um homem peculiar, MacLean, mas tenho que o advertir que a mulher que terá que escotar até o Glencoe também o é. Cora é uma mulher complicada e arrevesada, de difícil trato e perita em impacientar com sua rebeldia. Seu temperamento é incendiário e seu caráter combativo, meu conselho é que a ignore, ou temo que a abandone à primeira oportunidade.

Sorri avesso, comprovando o alívio que alagava a expressão do capitalista Archibald Campbell.

— Por isso arde em desejos de perdê-la de vista — sublinhei — Em vista de seus desejos para minha pessoa e o que acaba de me revelar, quão único temo é que me crave uma adaga no coração enquanto durmo.

O marquês compartilhou meu sorriso e sacudiu a cabeça com diversão.

— Seria um néscio se lhe atrevesse a dormir sem amarrá-la devidamente.

— Começo a pensar que sua intenção é que Cora se ocupe sozinha de devastar o clã MacDonald com seu gênio.

Argyll ampliou seu sorriso com um deixo admirativo no rosto.

— É ardiloso, MacLean, não sei se devastá-los, mas ofuscá-los com certeza.

A música de flautins, harpas e gaitas de fole ressonava no amplo salão, convidando a unir-se à dança que consistia em mover os pés em saltos rítmicos, o céilidh, uma dança que nunca teria imaginado presenciar em um evento de linhagem como aquele. Os convidados, alvoroçados pelo animado compasso das gaitas de fole, aplaudiam efusivos aos hábeis bailarinos que abarrotavam o centro da sala.

— Parece que não viemos vestidos para a ocasião — brincou Rosston ante o gesto desdenhoso que lhe dedicou uma elegante dama.

— Nem sequer nos banhamos — queixou-se Irvin com desagrado — parecemos mendigos.

— Mas estamos vivos — recordei — e não viemos nos divertir precisamente.

Alaister olhou aos homens que nos escoltavam e, aproximando-se de meu ouvido, sussurrou:

— Temos que pensar como entretê-los para averiguar em que dependência se celebrará a reunião.

— Nada entretém mais que uma briga, e acredito que seria absurdo tentar espiar. Apostaria que o documento que assinem detalhando o acordo será colocado no escritório do Argyll.

— O que pensaste?

— Certamente, neste momento, a reunião já está sendo celebrada, mas é o aniversário da filha do Argyll, ele aparecerá quando concluir, nos dando a oportunidade de nos escapulir, armar uma briga com o primeiro grupo de homens que nos topemos, deixar inconscientes aos guardas e procuramos nos infiltrar em seu escritório.

— Arriscado, mas não vejo outra opção — secundou Alaister.

De soslaio vi como uns braços rodeavam a cintura do Ayleen e a arrastavam ao baile ante a reticência da jovem.

— Soltem-me! — Queixou-se tratando de liberar-se.

Equilibrei-me para o homem que, embriagado pela bebida e a euforia, tomava tão atrevidas liberdades, me encarando com ele.

— Há dito que a solte — proferi ameaçador.

— Só quero dançar com ela, maldito gall.

— Mas ela não deseja dançar, caipira, assim dá meia volta se não quer que te faça dançar com meus punhos.

O homem observou meu rosto, adornado com uma expressão fera que o fez baixar o olhar e retirar-se sem replicar.

Ayleen me olhou agradecida e, em um gesto mais protetor que outra coisa, tomei pelos ombros e a rodeei a meu flanco, dando a entender que éramos um casal. A minha mente acudiu uma lembrança antiga que me afligiu obscurecendo meu rosto.

Situamo-nos em um canto, e vigiávamos a entrada principal, bebendo de taças que os lacaios levavam em bandejas e observando como a alta nobreza escocesa se divertia. E então topei com um olhar beligerante que capturou minha atenção.

Cora Campbell me fulminava com aqueles vivazes e amendoados olhos de gato, verdes claros, debruados de frisadas e largas pestanas escuras. Permiti-me o luxo de estudá-la a distância, ignorando o rancor que me dava de presente. Era miúda, mas de curvilínea silhueta, de pele cremosa, nívea e imaculada. Suas feições eram deliciosas, maçãs do rosto altas, nariz reto e pequeno, lábios carnudos e vermelhos como as groselhas amadurecidas, queixo firme, denotando um caráter tenaz. E, emoldurando aqueles formosos e delicados rasgos, um cabelo vermelho fogo tão vibrante e chamativo como o que despedia seu olhar esmeralda.

Por alguma razão, não pude me separar do contato visual, como se nossos olhares tivessem ficado engastadas por um incompreensível fio imaginário. Apesar de franzir o cenho em um gesto de aborrecimento e dor, ela mostrou uma curiosidade sentida, que distendeu suas feições o suficiente para me descobrir que, depois dessa máscara raivosa, escondia-se uma beleza tão grosseiramente doce que me sobressaltou.

Luzia um vestido escuro, um recolhido sóbrio e um semblante compungido, e, mesmo assim, destacava entre o resto das vistosas damas que abarrotavam o salão.

Senti seus olhos passear por meu rosto machucado, percorrendo-o com uma intensidade que me secou a garganta. Seguro que imaginava poder piorá-lo com seu próprio castigo, mas essa fixidez me desarmou.

De repente, sobressaltei-me ligeiramente ao notar o rastro de uns dedos que acariciavam meu queixo com mímico.

— Deve te doer muito — murmurou com doçura Ayleen.

— É suportável — respondi sem separar os olhos da viúva de meu irmão.

A carícia de Ayleen desceu por meu pescoço, seus dedos batendo as asas por minha pele, arrancaram um suspiro.

— Eu gostaria de te trocar a vendagem esta noite.

O que na verdade queria trocar de mim era meu conceito de amor e que, embora dolorido, meu corpo acumulasse desejos carnavais difíceis de controlar quando um jovem corpo feminino se agarrava a mim como o fazia o dela.

Entretanto, e embora desejasse evitar o contato, não pude me mover, por completo cativado pela penetrante atenção da viúva do Hector sobre mim. Os olhos de Cora seguiam o percurso dos dedos do Ayleen com uma estranha expressão, como se fosse seu olhar a que me acariciasse. Quando as pontas de seus dedos passearam por meus lábios, entreabri-os inconscientemente.

Umas mãos suaves me sujeitaram então a cabeça, inclinando-a para uma boca que me aguardava prenhe de necessidade. E, assim, sem romper o contato visual com a consternada viúva, deixei que Ayleen me beijasse com delicadeza, detento de uma sensação tão estranha como irreal.

Não sei o que me possuiu, mas enlacei o corpo de Ayleen entre meus braços e me derrubei no beijo, embora a brecha do lábio se queixasse e minha consciência pugnassem por fazer-se com o controle ciente de que transgredia minhas próprias normas.

Fechei um instante os olhos, preso no desejo que começava a me perseguir com dureza, nublado pela paixão que a moça derramava naquele beijo. E, quando os abri de novo, ela tinha desaparecido.

CAPÍTULO 10

Não se pode fugir do destino

Depois de deixar a meus homens em metade de uma briga fingendo-se bêbados, escapuli-me secretamente pelos largos corredores do castelo até a ala oeste, onde se encontrava o escritório do marquês.

Era avançada a noite, os escassos convidados que perambulavam ainda acordados ou estavam ébrios ou em braços de alguma mulher. Não havia ninguém postado na porta que conduzia ao escritório, mas, como pude comprovar, estava fechada com chave. Sempre levava comigo o torcido ferro com que estava acostumado a abrir as portas em meus inícios com a vadiagem sevilhana, escondido em minha bota. Apesar de que os corredores estavam insuficientemente iluminados, se alguém aparecesse nesse momento veria escavar na fechadura. Agilizei meus movimentos e, depois de um par de giros, consegui abrir a porta.

Entrei no penumbroso saguão e avancei para a porta da sala onde me tinha recebido Argyll. De novo tive que usar a gazua para manobrar na fechadura da porta. Depois de deslizar o fecho, penetrei no escritório e aguardei um instante a que meus olhos se acomodassem à escuridão, já que apenas se filtrava pela janela um resplendor lunar que, como muito, perfilava as silhuetas do mobiliário mais próximo a ela. Recordei a disposição de cadeiras e vasos e me aventurei a riscar um caminho até a mesa do despacho. Uma vez atrás dela, abri várias gavetas sem encontrar nada de relevância, exceto um pacote de cartas atadas com uma corda. Então fixei a vista em um grosso volume que havia sobre a mesa, um livro que não recordava ter visto ali antes. Agarrei-o e me aproximei da janela para inspecioná-lo. Ao abri-lo descobri que uma folha dobrada várias vezes aparecia quase de seu centro. Extraí-o e o desdobrei com cuidado.

À tênue luz da lua vislumbrei um mapa dos três reinos, Escócia, Inglaterra e Irlanda, mas tinham marcado com tinta uma região da Irlanda, o condado do Cork, no Knocknass, e uma data, novembro. Imediatamente pensei em MacColla; tinha que ser avisado quanto antes. Ainda ficava tempo para a data estimada e isso me tranquilizou. Na parte detrás do mapa, vários nomes que não conhecia, mas que englobavam a última frase: “*exército parlamentar inglês*”, o nome do Argyll e, junto a ele, outro que me chamou a atenção, Murrough Ou’Brien, conde do Inchiquin. Apontei mentalmente todos os dados e devolvi o mapa a seu lugar. Fechei o volume e o deixei em seu lugar. Com todo o sigilo e

extremando as precauções saí do despacho, fechei as portas a meu passo e me dirigi para o lugar onde meus homens me aguardavam, nos passadiços das cozinhas.

Encontrei-os sentados no chão com as costas apoiadas na parede, bebendo de uma garrafa. Os homens do Argyll estavam tombados em uma lateral, inconscientes e emprestando a rum.

— Perfumei-os para que creiam que foi a bebedeira quem os deixou assim.

Assenti ao Duncan, que parecia ele mesmo ao bordo da inconsciência.

— Temo-me que lhes doerá a cabeça tanto como a eles manhã. Será melhor que durmamos aqui com eles, para lhes fazer acreditar que caímos todos de igual forma. Não devem suspeitar que estivemos sem vigilância.

— Descobriu algo? —inquiriu Alaister, que cobria em seu peito a sua adormecida irmã.

— Sim, tenho-o tudo na cabeça, o transmitirei ao Colin amanhã.

— Quer dizer isso que retornamos ao Mull? — Perguntou Gowan esperançado.

— É o que pretendo, mas há um contratempo. Argyll me encarregou a missão de levar a viúva do Hector ao Glencoe para que contraia matrimônio com o chefe MacDonald e selar assim uma aliança.

— MacDonald jamais se casaria com uma Campbell e muito menos pactuaria nada com o Argyll, são inimigos acérrimos — expôs Malcom.

— Pois, se não a aceitar, Argyll irá por ele.

— Possivelmente se essa moça é bonita e seduz ao MacDonald se evite a tragédia — murmurou Irvin.

— Não saberemos, não penso levá-la a nenhum lugar. — Argui com firmeza — Quando abandonarmos as terras dos Campbell, penso deixá-la na primeira aldeia que encontre.

— Não podemos tê-la nenhum de nós, se gostarmos? —interveio Rosston.

— Não, uma coisa é deixá-la sã e salva em algum lugar e, outra, ofender a uma Campbell. Argyll lhes buscaria até no inferno.

O homem soprou e se acomodou envolvendo-se em seu feileadh mor, abrigando-se para dormir no chão.

— Não vi aos Grant pelo castelo — resmunguei me amassando sob minha capa e me dirigindo ao Alaister, que já cabeceava exausto.

— Tampouco eu, possivelmente finalmente não tenha podido vir.

Assenti amaldiçoando, embora pouco pudesse ter feito em metade de uma festa e vigiado.

Dormi com uns curiosos olhos de gato em minha cabeça.

Aquele gato estava acostumado a me observar do alto de uma das vigas do estábulo, quando soluçava por pena, nostalgia ou simplesmente por dor. Aquele dia em particular, só tremia de medo. Lorna tinha obrigado a me despir ante ela, e ainda sentia suas repugnantes mãos sobre meu jovem corpo. Tinha já doze anos e não entendia como minha mente e meu corpo não eram um, pois, se fosse, ela jamais... jamais poderia ter endurecido aquela parte de meu organismo com sua mão, porque eu a odiava, a odiava mais que a nada no mundo. Entretanto, meu corpo não respondia a minhas súplicas e, traidor, entregava-se aos prazeres que aquela imunda mulher lhe procurava. Logo... logo me obrigava que a tocasse, e aquilo produzia tal repulsa que preferia receber um turno de pauladas a agradá-la como pedia. Aquele noite consegui escapar de sua ira, e como o chefe Grant já se ocupava de tocá-la como gostava, não foi atrás de mim. Rezei para que na manhã seguinte seu aborrecimento comigo tivesse passado e, embora a alvorada despontasse, pensei muito bem se deveria descer do mezanino no estábulo. Eram tantas as vezes que tinha desejado fugir, e já não dali, mas sim da vida que me tinha sido cruelmente imposta. Seria fácil, dizia-me, e apontava contra meu peito toda uma sorte de ferramentas afiadas para terminar as soltando tremente e furioso por minha covardia. Possivelmente uma enfermidade me levasse, isso seria o melhor. Vivía esfarrapado, sujo, mal alimentado e morto de frio. Entretanto, todas as vezes que tinha estado na cama, tinha sido por surras e torturas. Nem nisso tinha sorte.

Decidi descer quando ouvi um grito feminino que reconheci no ato.

Eu corri para fora do celeiro para descobrir que os dois filhos de Stuart Grant capturaram Ayleen e a acariciavam.

— Soltem!

Não duvidei em jorar-me sobre eles e golpeá-los com punhos e pernas. Recebi um forte murro no rosto que me desorientou e me impulsionou para o chão, mas me levantei com ferocidade e carreguei de novo sobre eles.

— Ei, fera... tranquilo! — Disse um deles — Ou quer ocupar seu lugar? Não seria o primeiro...

Continuando, soltou uma áspera gargalhada enquanto se inclinava para mim e me levantava do cabelo, atirando com sanha. Gritei e me debati furioso, uma de minhas patadas lhe acertou na entreperna e ele se dobrou uivando de dor, me soltando.

Agachei-me, agarrei uma pedra, joguei-a naquele que sujeitava a Ayleen e acertei-o no meio da testa. Emitiu um gemido surpreso e levou as mãos ao nariz, que começava a emanar sangue. Então, não titubeei, agarrei Ayleen pela mão e corri como alma que leva o diabo, rogando por me topar com seu pai antes que nos alcançassem.

Ofegávamos pela carreira e pelo pavor que dava vigor a nossas pernas. Girei várias curvas e enfiei por corredores exteriores rumo à entrada, de onde se acessava mais diretamente às estadias principais. Certamente Ian MacNiall se acharia no grande salão junto à chaminé, desfrutando de um bom clarete, suportando a conversação da Lorna, só por permitir que seus filhos seguissem jogando comigo e por remarcar, assim, seu apoio e cuidado para minha pessoa, por muito que soubesse que nada poderia fazer para me arrancar dali.

Quando entramos no castelo, demo-nos quase de cara com o Alaister, que nos contemplou com estranheza.

— Agarra a sua irmã e leva-a junto a seu pai, Alaister, eu tenho que me esconder — falei.

— Mas o que acontece?

— Não voltem a me visitar, o inferno não é lugar para dois meninos.

Ayleen me olhou com o queixo tremente e os olhos alagados em lágrimas.

— Mas você o é, Lean — apontou chorosa.

— Não, eu só sou uma sombra.

E, rompendo em um esmigalhado soluço, abraçou-se a meu pescoço desconsolada, liberando seu medo.

— Pedirei a meu pai que te leve conosco — prometeu Alaister com semblante afetado e compungido.

— Não sou bom para ninguém já, e seguro que os demônios me perseguiriam lá onde fora. Ponha a salvo, tenho que desaparecer uns dias.

Ayleen se separou apenas para me olhar inquisitiva.

— Por que, Lean? Por que não foge?

— Porque este é o único lugar onde sinto a presença de meus pais.

— Mas cedo ou tarde o matarão — murmurou com voz rota.

— *Essa é a única maneira de retornar com eles.*

Ayleen me abraçou de novo embargada pelo pranto.

— *É bom, Lean, salvaste-me e te tem exposto por mim. Merece uma oportunidade, eu... eu te amo.*

Separei-a de mim e, olhando-a aos olhos, neguei com a cabeça.

— *Não sei se mereço nada, nem sequer ser amado. Jamais esquecerei tanta tortura, nada procuro da vida já, possivelmente a morte me ofereça coisas melhores.*

E, assim, separei-me deles e pus-me a correr rumo ao escarpado.

Foi a última vez que os vi.

Nas cavalariações, enquanto aparelhava nossos cavalos sob o atento olhar dos guardas do Argyll, pus a par ao Colin sobre meu achado e sobre a missão que me tinha encomendado Argyll.

— Os MacDonald do Glencoe é um ponto estratégico importante. Se Argyll se fizer com ele, dominará sem problemas todas as Highlands. Temos que impedir essa aliança.

— Tenho entendido que os MacDonald odeiam profundamente aos Campbell, não transigirão em acordo algum — murmurei ajustando as correias de Zill.

— Como bem me contastes, não é um acordo: é um ultimato. Ou aceita ou massacrará a seu clã. Agora está sozinho, não podemos lhe emprestar ajuda alguma, todos nossos efetivos combatem contra as tropas parlamentares. Esses malditos Covenant são tenazes e não nos dão trégua.

— Em tal caso, não há forma de evitar essas bodas sem condená-los. — Sentencieiei fleumático — Por não assinalar que trazem sem cuidado suas disputas políticas.

Colin me fulminou com o olhar, apertou os lábios com evidente desgosto e soprou enquanto acomodava a brida a seu cavalo.

— Seu descuido me enfurece, maldito seja. Você goste ou não, é um fodido MacLean, já não se trata de apoiar ao rei ou ao Cromwell, mas sim de evitar que nos amassem os capitalistas aproveitando partidarismos estúpidos.

Elevei uma sobrancelha ante sua veemência. A paixão que mostrava brotava diretamente de um coração nobre farto de tanta injustiça.

— Só me move a vingança, Colin, somente acharei paz se a encontro.

— Pode encontra-la enquanto ajuda à causa e defende suas terras da ambição dos Campbell. Poderiam levar a Cora ao Glencoe para que se casasse com o lord MacDonald, mas lhe oferecendo outro trato: fingir servir ao Argyll até que lhe mandemos reforços para que se rebele.

— Parece que ninguém pensa na opinião de Cora — assinalei colocando e atando as alforjas a meus arreios.

Quando me encontrei com o olhar do Colin, descobri assombrado um leve vislumbre culpado em seu rosto.

— MacDonald é um bom homem, saberá cuidá-la bem. Confio em que encontre a felicidade longe do Argyll.

Observei-o com desconfiança, cada vez mais intrigado pelas reações do homem.

— Parece guardar certo afeto.

Colin baixou o olhar, seu queixo ficou tenso e seus dedos se crisparam atirando das correias com inusitada brutalidade.

— Também é minha parente, e estive em meu castelo de menina.

— Dizem dela que é complicada e temperamental.

— Tem caráter, é um espírito livre apanhado em uma jaula de ouro. Alguns a tacham de consentida e caprichosa, mas acredito que só é frustração.

— E que opinião mereceu suas bodas com meu irmão?

— Cora, ao igual a todas as mulheres casaduras do clã, é uma mera peça ao serviço do Argyll. Inicialmente ela não consentiu nas bodas, mas quando conheceu o Hector durante o cortejo pareceu trocar de opinião.

Esta vez, quem soprou fui eu, neguei com a cabeça com incompreensão e murmurei depreciativo:

— Não é tão esperta, depois de tudo.

— Não sei o que fez seu irmão, deve ser algo espantoso para receber o pagamento que lhe deu. Mas aqui, no Inveraray, comportou-se corretamente, parecia doce e solícito. De fato, em um par de encontros com Cora, obtive que ela o aceitasse de bom grado.

— Podia ser muito convincente quando queria, sim. Com tal de conseguir seus propósitos, era capaz de fingir até ser uma cabra.

— Sempre o considereei suspeitosamente condescendente e odiosamente servil — opinou Colin— e era isso precisamente o que mais me desagradava dele. Tampouco eu entendi a Cora quando o aceitou, não é o tipo de homem que ela necessita.

— E qual é o tipo de homem que necessita?

— Um com mais caráter que ela, alguém forte e nobre que a dobre e consiga meter-se em seu coração. Não é tarefa fácil.

— Deseje sorte ao MacDonald — resmunguei cáustico.

— Então não aceita o encargo?

— Lamento-o, Colin, mas meu caminho é outro.

Os azuis olhos do senhor do Kilchurn me mostraram uma azeda decepção.

— Bem, cumpriu o trato, siga seu caminho. Deixe a Cora em meu castelo, eu mesmo me encarregarei de levá-la ao Glencoe. Agora parto para Edimburgo, estarei de retorno dentro de uns dias. Minha esposa e meus filhos a farão sentir-se como em casa.

Assenti brevemente e montei Zill, e esperei que meus homens me imitassem.

Ayleen sorriu tímida. Cada vez que nossos olhos se encontravam, um ligeiro rubor tingia suas bochechas. Lamentei haver deixado me beijar, mesmo que tivesse vontade de voltar a sentir seus lábios sobre meus. Fazia muito tempo que não recebia um beijo tão entregue e doce como esse, um beijo que prometia tantas coisas... Coisas que eu não podia me permitir dar, e menos ainda receber. Tinha que levantar um muro a esse respeito, um muro o suficientemente alto para impedir que nenhum sentimento pudesse saltá-lo. Meu caminho era outro, como bem havia dito ao Colin, um que nada tinha que ver com um futuro.

Saímos das cavaliças até a porta principal e Alaister aproximou-se com semblante impaciente.

— Tenho notícias dos Grant.

Detive-me em seco aguardando a que continuasse.

— Não vais acreditar onde estão.

— Fala de uma maldita vez!

— No Glencoe, por ordem do Argyll. Foram amedrontar aos MacDonald para dispô-los a favor do pacto que te encarregou realizar. Quis exercer um pouco de pressão antes de sua chegada.

Fechei os olhos convencido de que o destino guiava meus passos por atalhos arrevesados e incertos, utilizando como ceva minha vingança, e me senti uma áspera marionete de algo que ainda estava por descobrir. Só tinha duas opções, percorrer o caminho esboçado ou retornar a Sevilha, esquecendo minha vingança. Amaldiçoei entre dentes.

Montado em seu palafrén, Colin se deteve um instante a despedir-se, quando se dispôs de meu semblante contraído e tenso.

— Ocorre algo, MacLean?

Alaister e Colin me contemplaram espectadores.

— Acabo de descobrir que meu caminho é paralelo ao seu.

O ruivo lord elevou as sobrancelhas com assombro aguardando a que ampliasse minha resposta.

— Levarei a Cora ao Glencoe.

Colin esboçou um amplo e aliviado sorriso aplaudindo entusiasmado minhas costas.

— Não se pode fugir do destino — proferio satisfeito — não lute contra isso e deixe-se arrastar por ele. Acredito que, graças a sua vingança, os realistas ganharam um poderoso aliado.

Uma soberba égua branca fez sua aparição no pátio frente ao castelo. Seu cavaleiro era uma mulher com olhos de gato, flamejante juba e expressão furiosa.

Avançou para nós e se encarou para mim. Seu cavalo, de ânimo tão brioso como ela, inquietou ao Zill, que começou a relinchar e a agitar-se nervoso pela cercania do outro animal.

— Não fica mais remédio que lhes acompanhar e aceitar meu destino — cuspiu irada — mas saiba que será a pior viagem de sua vida.

E, depois de me fulminar com um colérico olhar entreaberto, esporeou a seu cavalo ao tempo que girava bruscamente as rédeas, o que provocou que Zill desse coices e escoiceasse retrocedendo, me sacudindo com violência na cadeira.

Estiquei as rédeas e vaiei para acalmá-lo até recuperar o controle. Desejei baixar à mulher de seus arreios e sacudi-la pelos ombros, mas consegui me conter com muita dificuldade. Apertei os dentes furioso e soprei sonoramente.

— Acredito que é a você a quem tenho que desejar sorte, depois de tudo.

Colin me observou com um maldito sorriso divertido titilando em seus lábios que me ofuscou ainda mais.

— E a ela — recalquei — Se consegue chegar ao Glencoe sem que provoque que caia por algum desfiladeiro será toda uma proeza.

Alaister sorriu abafadamente, fulminei-o com o olhar.

Açulado por meu orgulho, toquei a meus arreios para onde ela estava. Vestia uma capa de veludo verde escuro, que ressaltava a espessa e indomável juba vermelha que cobria boa parte de suas costas.

Posicionei a seu lado, de um brusco e inesperado movimento lhe arrebatei as rédeas e me inclinei um pouco sobre ela sustentando seu impávido olhar assombrado.

— Não volte a me desafiar assim — vaiei entre dentes — e menos diante de meus homens. Já sei que me odeia e que seu maior desejo é me enforcar com minhas próprias tripas. Mas não caia na redundância, minha senhora, nem no engano de me aporrinhar com birras, ameaças ou desplantes, ou me obrigará a tomar medidas mais radicais, como lhe carregar em minha garupa amarrada como um fardo.

Revirou os olhos

— É a besta que se supõe — afirmou com gesto tirante.

— Nada de hipóteses, minha senhora, meus atos o constataram. Assim, me temem.

Não encontrei apreensão em seu gesto, tampouco respeito. Além de um ódio visceral, só achei um deixo desafiador que soube que me daria muitas dores de cabeça.

— Afaste-se de mim, provoca-me náuseas.

— Em troca, a mim, você só me provoca o desejo de lhe dar uns bons açoites.

Soltei asperamente as rédeas e me reuni com meus homens. Duncan e Gowan foram os últimos em incorporar-se ao grupo.

Ninguém mais disse nada. Saímos do castelo do Inveraray em um rítmico e ágil trote compassado, nos envolvendo no regular retumbar dos cascos dos cavalos e no ulular de um vento que cheirava a chuva.

Eram tempos de guerra, Escócia estava dividida por uma luta, e naquela viagem ao Glencoe eu liberaria a minha própria, uma guerra que acabava de me declarar uma pequena harpia ruiva a que não devia subestimar.

Como se tivesse adivinhado meus pensamentos, procurou meu olhar e, em efeito, encontrei uma firme declaração de intenções; todas atentavam contra minha pessoa. Sorri-lhe mordaz, piscando um olho, ela bufou irada, ergueu as costas e fingiu me ignorar.

Resultava toda uma provocação condenadamente tentador domá-la, se meu caminho tivesse sido outro..., embora em vista do acontecido, era possível que ambos os caminhos se cruzassem.

Descobri-me sorrindo matreiro.

CAPÍTULO 11

Montanheses

Soube que planejava algo quando começou a vadiar em sua cavalgada atribuindo cansaço ou mal-estar. Estava acostumado a vigiar de perto pensando que não tramava nada bom, mas passavam as jornadas e tinha me acostumado a vê-la quase na retaguarda da partida junto ao Alaister. Ele era o único com quem se dignava cruzar palavra, tão somente me dirigia olhadas letais e gestos inflamados. Preferia-o, seu silêncio era, com muito, um presente.

Quando nos detínhamos a descansar, Ayleen estava acostumada a curar minhas feridas. Desde aquele estranho beijo no Inveraray, e apesar de fingir havê-lo esquecido e tratá-la com distante afeto, ela continuava me olhando com desejo, aproveitando qualquer ocasião para aproximar-se de mim ou procurar conversação. Tinha adotado o hábito de me sussurrar ao ouvido, aproximando muito seu corpo ao meu, e esse condenado gesto me tencionava perigosamente.

Em uma dessas situações, e depois de me haver tirado um jocoso sorriso, topei-me com o olhar depreciativo de Cora. Seguindo o meu, Ayleen se topou com o dela e, levada por um inusitado impulso, beijou-me possessiva na comissura da boca, o que monopolizou meu olhar sobre ela e sobre o ardor que tingia seu semblante. Contive o fôlego ante a picada lasciva que imprensou meu ventre, ao tempo que era plenamente consciente de que, se não detinha aquele comportamento, acabaria entre suas turgentes coxas, mal que me pesasse depois.

Aquela manhã, enquanto sulcava esplendorosos e verdes vastos sob um céu constrangido de escuras nuvens, Alaister se adiantou para me sugerir um desvio através das amplas gargantas junto ao rio Coe. Entretivemo-nos conversando e, quando me girei na sela, descobri impávido que Cora tinha desaparecido.

— Maldição! — Trovejei furioso.

Alaister e eu açulamos a nossos cavalos retrocedendo a todo galope, e percorremos um bom trecho sem vê-la em nenhum lugar.

— Retorna com os homens e montem o acampamento para passar a noite, reunir-me-ei com vós assim que a capture.

Alaister assentiu, a preocupação obscurecendo suas feições.

— Não seja muito duro com ela, tenha em conta suas circunstâncias.

Olhei-o fixo, mostrando toda minha irritação.

— Eu só tenho em conta as minhas e as de meus homens. Se escapar ou ocorrer algo, somos homens mortos.

E, sem mais, toquei com veemência as rédeas, repreendendo mentalmente minha estupidez e alimentando em cada galope minha fúria.

Um vento cortante me esfaqueava o rosto enquanto me erguia em meus arreios espionando no horizonte. Era impossível que em tão pouco tempo tivesse percorrido tanto trajeto por muito veloz que fora sua égua, o mais sensato seria esconder-se e aguardar que lhe perdêssemos a pista. Olhei ao redor, descobri um arvoredado junto a um meandro na ribeira e a segurança de quem se ocultava nela. Seguindo minha intuição, enfiei ao Zill para ali.

Percebi um furtivo movimento entre os olmos e a seguir vislumbrei os quartos traseiros brancos da égua de Cora ressaltando entre os troncos. Sorri para mim e conduzi ao Zill, ali. Imediatamente, ouvi um ofego feminino acompanhado de um relincho e vi uma sombra verde cruzar o arvoredado com veloz urgência.

Parti atrás dela esporeando meu cavalo, inclinando meu corpo um pouco sobre o lombo para esquivar os baixos e frondosos ramos dos olmos da ribeira. A mulher cavalgava a todo galope seguindo a borda, imaginava que procurava um lance seguro pelo que cruzar. Detive-me apenas para me elevar sobre os estribos e espionar a sinuosa borda em busca da maneira de interceptá-la tomando um atalho. Decidi veloz o caminho que devia seguir e esporeei meu cavalo para remontar uma suave colina que forçava uma acentuada curva no curso do rio Coe, obtendo assim ganhar terreno.

Quando desci a colina, ela passou como uma centelha. Sacudi com vigor as rédeas animando premente ao Zill, agradado ao constatar a destreza e a celeridade de meu puro-sangue quando conseguiu ficar à altura da égua de Cora sem muito esforço. Passei as rédeas à mão esquerda e me inclinei para um flanco para apanhar o corpo da moça e arrancar os seus arreios. Logo que enlacei sua cintura, Cora escapou me lançando uma patada que esquivei a tempo me adiantando a ela. Cruzei meu cavalo paulatinamente com o seu, obrigando-o assim a deter-se, mas ela não se rendeu, bufou frustrada e saltou de seus arreios para aventurar-se a correr colina acima.

Amaldiçoei entre dentes enquanto descia de meu cavalo e saía à carreira atrás dela. Em poucas pernadas lhe dava alcance, alarguei a mão, apanhei a capa de veludo que

ondeava atrás dela e atirei para mim. O que não esperava é que ela caísse para trás bruscamente, chocasse comigo e me arrastasse ao chão. Com o declive da colina, ambos caímos rodando ladeira abaixo. Quando nos detivemos, encontrei-me com o corpo de Cora sobre o meu, e o rodeei com meus braços para prendê-la a mim, encerrando-a entre eles. Sua larga juba avermelhada circundou meu rosto como uma cortina de fogo que me isolava do mundo, tão somente iluminado pelo esverdeado fulgor furioso de uns formosos olhos de gato.

Por alguma razão, meus olhos começaram a absorver suas feições até posar-se em seus carnudos lábios. Sentir seu doce fôlego tão perto de mim, seu jovem corpo oprimindo o meu com tão perturbadoras curvas, somado a minha forçada castidade, conseguiu despertar meu desejo, respirando esse desafio por domar a fera que se retorcia sobre mim como um camundongo em uma armadilha, intensificando minha inusitada e latente dureza.

Quando a jovem se dispôs do proeminente vulto que palpitava sob minhas calças de montar, deteve-se em seco, com o alarme estampado no rosto.

— Está muito perto, minha senhora, meu corpo é mais traidor que eu mesmo — confessei sem uma pitada de pudor.

— Me... me solte, lhe rogo — suplicou temerosa.

— Pode ficar tranquila, — sussurrei sibilino — as gatas ariscas não são de meu agrado, podendo receber complacentes cuidados de outras mais apetecíveis. Está mais que a salvo de minha luxúria. Em troca, meu gênio é outra coisa.

A moça se retorceu como uma lagartixa, debatendo-se freneticamente. Girei meio de lado sem soltá-la e coloquei-me sobre ela. Deixou escapar um bufido furioso e impotente, sabendo-se imóvel e presa debaixo de mim.

— É um maldito bastardo imoral e...

— Shhh... gatinha, não alimente meu aborrecimento. E, agora, me diga, por que queria escapar? Tenho entendido que aceitou a aliança com o MacDonald.

— Acaso tinha escolha?

Um oblíquo feixe solar incidiu em seus enviesados olhos verdes, esclarecendo-os, avivando-os, fazendo-os refulgir com um fogo esmeralda que me cativou. Por um instante perdi o fio de meus pensamentos, subjugado por aquele olhar intenso e flamejante, tão formosa que cortava o fôlego. Recordar quem era e, pior ainda, de quem tinha sido, devolveu-me bruscamente à realidade.

— Tiveste com meu irmão?

— Não. — Afirmou tirante. Seu rosto se esticou, apertou os lábios e desviou o olhar.

— E, entretanto, vendo seu rancor para mim, você os agradeceu que lhe impuseram essas bodas, equívoco-me?

— Algo teria sido melhor que seguir no Inveraray como uma mera parente pobre a que desprezar. — Desvelou com um véu nublando seu rosto— Além disso, Hector prometeu me levar longe, a seu próprio castelo. Era um homem... gentil, delicado e amável, seu cortejo foi doce e paciente.

— Era uma besta, uma áspera animália infernal tão somente mascarada para obter seus fins — espetei com veemência, franzindo furioso o cenho.

— Está mentindo!

Aproximei-me de seu rosto negando com a cabeça, gotejando de mim todo o desprezo que despertava tão somente aquele nome.

— Não, não minto, era um animal, digno filho do monstro que o trouxe para o mundo.

— Jamais lhe acreditarei, você é o monstro, um assassino vil que foi capaz de dar morte a seu próprio sangue.

— E um monstro ainda sedento dele. E, para falar a verdade, desejo continuar ceifando vidas.

— Adiante — respirou ela elevando, desafiadora, o queixo— acabe com a minha.

— Nem é meu desejo nem meu encargo, nem nada têm que ver com minha vingança.

— Entretanto, sofro-a — rebateu contendo o pranto.

Seu semblante se contraiu de dor e frustração.

— Amava-o?

Ela girou o rosto fechando as pálpebras, liberando as lágrimas contidas.

— Acaso importa?

—Não. — Respondi lacônico— Será melhor que partamos, não conheço estas terras e não demorará em escurecer.

Incorporei-me, agarrando-a rudemente do braço para obrigá-la a ficar em pé.

Ela se debateu de novo, tentando me golpear.

— Não se cansa? Não vê que sou mais forte?

Nesse momento acertou um chute em minha panturrilha, exalei uma maldição e a apartei preventivo.

— Não aspiro vencê-lo, tolo, mas se posso lhe fazer um pouco de dano, dou-me por satisfeita.

Surpreendi-me sorrindo e, por sua expressão, ela se surpreendeu me contemplando com mais interesse de que pretendia.

— Andando, gata.

Arrastei-a detrás de mim até meu cavalo, rebuscando nas alforjas uma corda com que amarrá-la. Tirei-a e a desenrolei com uma mão enquanto sujeitava seus pulsos com a outra e logo comecei a enrolá-la ao redor deles, tão centrado em minha tarefa que apenas me dispus do relincho de uns cavalos justo no topo da colina que tinha às costas. Ergui-me tenso e me girei, posando a mão disposta no punho de minha espada.

Cinco homens nos contemplavam com expressões briguentas e sorrisos ásperos. Eram montanheses, provavelmente ladrões de gado. Não soube distinguir as cores de seus tartanes, de sujos que luziam. Pareciam de uma indefinida cor castanho. Por seus semblantes, olhadas e gestos, não cabia dúvida de sua fila social: malfeitores. Pus-me em guarda e esperei.

— Parece que nos tem feito quase todo o trabalho esse estranho gall, Brayden.

O aludido assentiu em silêncio e mostrou um sorriso espantoso com uma dentadura que, além de escassa, parecia enegrecida, pigarreou áspero e cuspiu grosseiro. Ato seguido, limpou-se com a manga e se lambeu intencionalmente posando seus olhos em Cora.

— Obrigado por preparar à dama para nós. Acredito que merece uma compensação. O que te ocorre, Glenn?

Ao que dirigiu o gesto cúmplice era um homem roliço, de rosto tosco e olhar malicioso.

— Pois poderíamos lhe cortar as bolas e afogá-lo com elas — sugerio o tal Glenn depois de uma gargalhada.

— Ou poderiam voltar de onde vieram e seguir respirando, por muito que sujem o ar com seu pestilento fôlego — repliquei com aprumo.

Os homens aumentaram os olhos impávidos, torcendo suas bocas com desgosto.

— Temos um herói, moços — afirmou Glenn, o roliço — Tinha vontade de conhecer a um.

— Revistam durar pouco, não é uma espécie muito comum. Embora, agora que o penso, pode que só seja um louco o que fala com tanta estupidez.

— Ou pode que nenhuma coisa nem a outra. —Desembainhei a shamshir e me pus diante de Cora em gesto protetor — Pode que eu seja um demônio ávido de sangue.

Os homens romperam em estrondosas gargalhadas olhando-se zombadores uns aos outros.

— Tornaste-lhe louco? — vaiou Cora detrás de mim — São cinco contra um.

Neguei com a cabeça e respondi entre dentes.

—São cinco contra um demônio — matizei inclinando o rosto para ela e esboçando um sorriso escuro e ansioso.

O tal Brayden adiantou seu cavalo, enquanto seus homens desmontavam e, com as espadas em mão, começaram a aproximar-se abrindo-se em abano para nos rodear.

— Bem, demônio, espero que tenha um poderoso tridente para enfrentar a nós, ou lhe devolveremos ao inferno de uma surra.

— Né, Glenn! Viu a espada que leva?

— Terá dobrada com as chamas do inferno.

Depois de outra ronda de gargalhadas toscas, terminaram de nos rodear.

— Não se separe de minhas costas — aconselhei à moça em um soterrado sussurro — Espero que possa me seguir o ritmo, vai ser uma dança agitada.

Risquei uma série de estudados e ágeis floreios com o fio de meu shamshir, como mutreta para amedrontar com minha presteza ou distrair com minha habilidade, embora em vista de como me observava a turma de malfeitores, nesta ocasião serve para alimentar suas brincadeiras, confiando-os.

— Acredito que já sei como pensa nos matar este demônio: de risada — resmungou um deles.

Entre gargalhadas e grunhidos de mofa, foram fechando o círculo em torno de nós. Comecei a girar atento a qualquer ofensiva, medindo a meus oponentes, com Cora pega a minhas costas, seguindo meus passos.

O roliço e orgulhoso Glenn teve o infortúnio de animar-se a lançar a primeira estocada. Freei seu aço com o meu e, com tão somente um preciso giro de pulso, o arco de minha espada se investiu, apartando a investida de meu atacante e aproximando meu fio de seu corpo. Tão somente tive que deslizá-lo para seu ventre para enviesar um longo talho. O sangue emanou profusamente, sua face se tingiu de assombro enquanto seus joelhos fraquejavam e suas mãos tentavam conter suas vísceras. Não me detive rematá-lo, em vez disso, aproveitei a consternação de seus companheiros para me abater sobre eles. Descarreguei minha espada sobre o flanco de outro, machucando gravemente, e, alargando o lance, agachei-me esquivando uma estocada para rasgar as pernas de meu terceiro competidor. Já frente ao quarto, detive várias ofensivas, enquanto fazíamos entrechocar nossos aços com ferocidade, medindo nossas forças. De soslaio percebi como o tal Brayden tocava a seu cavalo contra nós com a *claymore* em alto.

— Cora, se aparte de mim! — alertei-a, inflamando meus lances. Queria apurar até o último instante para conduzi-lo para onde me encontrava.

A moça correu longe justo quando cavalo e cavaleiro estavam em cima de mim. Encolhi-me e girei do meio lado, evitando a espada do homem com quem lutava, empurrando-o com violência sob o cavalo. O animal relinchou e se desabou para frente, lançando pelo ar a seu cavaleiro. Corri para ele. Brayden se retorcia de dor no chão, tinha o braço quebrado e o rosto machucado, tinha caído sobre um montículo rochoso. Cortei-lhe o pescoço com minha espada e preparei-me para acabar com os feridos.

— É necessário? — Repreendeu ofegante Cora, encarando-se a mim— Estão feridos gravemente, não poderão nos perseguir.

— Mas poderão curar-se e me buscar depois. Não estou acostumado a deixar inimigos respirando, tendem a retornar.

A moça me fulminou com o olhar, elevou o queixo e de novo me franqueou o passo.

— Não me considera inimiga só porque sou mulher?

Sua esplendorosa cabeleira refulgiu chamejante com a luz do ocaso. Admirei sua coragem e sua têmpera tanto como lamentei sua imprudência e sua temeridade. Uma mulher com semelhante caráter não duraria muito em um clã de homens rústicos e irascíveis.

— Não considero inimiga simplesmente, a não ser vítima das circunstâncias tal e como o sou eu.

— Vítima, em efeito — cuspiu ela— mas graças a sua misericórdia.

Neguei com a cabeça cravando meus olhos nela, aproximando e dominando-a com minha altura.

— Não estou de acordo nesse ponto. Nasceu mulher em uma terra de bárbaros, é ferramenta de alianças. Já a utilizaram para conseguir uma fortaleza no Mull, casando-a com uma besta, que a teria destroçado a menor oportunidade. Não, minha senhora, eu só a salvei de um destino ingrato liberando-a de meu irmão.

— Para me entregar a outro possivelmente pior — acusou carrancuda.

— Seu destino não me incumbe — afirmei, e recebi uma careta furiosa como resposta.

Passei por ela roçando seu ombro e terminei de dar morte aos que se retorciam no chão.

— É implacável e cruel, na verdade um demônio — resmungou ela com desprezo exacerbado.

— É justo o que teriam sido com você, minha gentil senhora. Não espero gratidão, mas sim silêncio.

Depois de um bufido, dirigiu-se à borda do rio e permaneceu de costas a mim, imóvel, observando o horizonte que se tingia de anis, cobre e rosados, formosa sala de espera que abria as portas ao reino das sombras que já se alargavam atrás de cada montículo.

Recolhi as espadas do chão e as amarrei em meus arreios, nada mais de valor achei. Logo atei a égua de Cora a minha cadeira, deixando um bom lance de corda para que o animal não se aproximasse muito ao Zill, pois pareciam não se darem bem, igual a seus proprietários, pensei.

Joguei outra olhada à recortada e esbelta silhueta da mulher, que parecia convertida em um elemento mais da paisagem. Aproximei-me dela e a agarrei pelo braço para conduzi-la até meu cavalo. Curiosamente, não resistiu.

— Cavalgará comigo, acredito que já lhe adverti devidamente a respeito.

— Mas não como um fardo, espero — replicou forçando uma careta espantada que terminou sendo melancólico.

— Não, de momento, a menos que volte a cometer outra temeridade.

Ajudei-a a montar, já que tinha as mãos atadas, e subi com agilidade ao lombo do Zill atrás dela. Desenrolei as rédeas do pomo da cadeira, encaixei bem os pés nos estribos,

rodeei a cintura de Cora com a mão esquerda e com a direita toquei a meu cavalo apressando-o a cavalgar veloz.

Senti as costas enrijecidas da jovem, evitando o contato comigo, apesar de que minha mão se posava em seu ventre animando-a a acomodar-se em meu peito. Não demoraria a relaxar-se, pensei, o cansaço não demoraria em fazer racho em sua resistência.

Cavalgamos pelas amplas gargantas até o enclave onde se encontrava minha partida, mas o lugar estava deserto. Percorri um trecho mais, espionando no horizonte com a esperança de vê-los na lonjura, mas não havia nem rastro deles.

— Maldição! Onde se colocaram?

Detive meu cavalo e desmontei no ponto exato onde tinha pedido ao Alaister que acampassem. E o tinham feito, como assim mostravam os rastros de pés e cascos que povoavam aquele rodal junto ao rio. Segui, atento, os rastros dos cavalos, assombrado ao descobrir outras em direção contrária. Caminhei um pouco mais, para comprovar que tinha havido um enfrentamento. Tudo indicava que meus homens tinham sido capturados por um grupo de cavaleiros e que os rastros de numerosos cavalos se enfiavam para a grande cadeia montanhosa, a mais alta e abrupta de toda Escócia, o Ben Nevis. Desde minha posição, divisava os topos das gemas que o acompanhavam, as Carn Dearg, as colinas vermelhas.

Amaldiçoei e a seguir exalei um estirado grunhido e logo que consegui liberar a fúria que sentia.

Voltei a subir a meu cavalo e sacudi as rédeas com abrupta veemência, esporeando a meus arreios com urgente apresso.

Partimos para galope tão velozes como o vento. Estava a ponto de anoitecer, mas desejava me adiantar o suficiente para encontrar algum rincão seguro onde passar a noite. Estava claro que essas terras eram perigosas e estavam infestadas de malfeitores.

— O que está ocorrendo? — Cora inclinou a cabeça para dirigir-se a mim.

— Foram capturados por outro grupo de montanheses, pode ser do mesmo grupo que nos atacou.

— E pensa resgatá-los você sozinho, por muito demônio que seja?

— Penso tentá-lo.

À medida que o resplendor do dia morria no horizonte, a lua ocupava seu trono no céu, banhando de madrepérola os campos, azulando os relevos e obscurecendo vazios. Os

sons trocaram, a quietude reinou nas sombras, tão somente destacando no frescor da noite o ulular de mochos e o uivo de algum lobo.

Conforme o azulado negrume estendia sobre nós seu denso manto, mais açulava o cavalo, como se a rapidez de meu puro-sangue pudesse escapar das largas garras da noite. Por sorte, foi lua crescente o que iluminou nosso caminho, com o que decidi não me deter até que o cansaço me dobrasse.

Durante a rápida galopada, Cora foi gradualmente recostando-se em meu peito, compassando seu corpo ao meu, nos moldando como se fôssemos um. Surpreendeu-me sentir um deixo de familiaridade ante sua proximidade, quando jamais tinha compartilhado nada com uma mulher, exceto excelsos prazeres carnaís quase sempre em amaciados leitos. Para mim nunca tinha pensado sequer a possibilidade de me enfrentar à vida junto a uma mulher..., para que? Não tinha vida nem semente que oferecer, nem sequer era boa companhia. E, respeito ao resto das necessidades que podia agradar, já as enchia e me enchiam isso de sobra minhas duas formosas sarracenas.

O calor agradável da jovem tinha sobre mim, seu sedoso cabelo fazendo cócegas em meu queixo, seu delicioso perfume e a tentadora curva de suas nádegas contra meu pênis despertaram lembranças candentes de cavalgadas mais apaixonantes. Apesar de me haver aliviado com alguma que outra donzela, nada podia equiparar-se ao fogo que me davam de presente Azahara e Fabila, a seus picantes jogos, a sua criativa luxúria, que tantas noites tinha conseguido expulsar os demônios de meu passado em favor de um paraíso difícil de esquecer.

Suspirei nostálgico.

Mais adiante divisei um denso arvoredado justo na base de uma colina, decidi nos refugiar ali e dormir um pouco. Ao menos eu, porque Cora respirava profundamente dormida em meu peito. Depois de tudo, não devia lhe parecer tão perigoso.

CAPÍTULO 12

Um duro pulso

Amanhecia.

Um sol tímido e indolente lutava contra a neblina da noite, conseguindo unicamente anunciar o seu fugitivo, embora preguiçoso, reino.

Cora dormia amassada entre meus braços, nem sequer tinha percebido quando a tinha descido do cavalo. E, envolto em minha capa me estendi com ela, dirigindo-a com delicadeza para não a acordar. Não quis me perguntar se era piedade o que me inspirava, ou possivelmente temia despertá-la por não aguentar seu gênio. Tampouco reconheci que me agradou tê-la sobre mim, escutando sua respiração regular e cheirando o perfume de jasmim que emanava de sua pele.

Começou a mexer-se contra mim, começou a abrir os olhos aturdidos, piscando confusa. Quando conseguiu enfocar o olhar, fixou em meus olhos, aumentou-o ao dispor-se de nossa incômoda cercania. Apoiou as mãos em meu peito e me empurrou ligeiramente para me apartar, mas não o permiti.

— Doem-me os pulsos! — Queixou-se.

— Não vou soltar.

— Tampouco ides deixar que me levante?

Sua boca estava muito próxima à minha, seu doce fôlego avivou um apêndice de meu corpo que clamava sua fome com mais chamativa insistência que meu estômago.

— Não sem antes advertir que não gozará de nenhuma intimidade até que lhe entregue ao MacDonald. Não vou arriscar-me a perde-la de vista de novo.

A mulher fixou sua atenção em minha boca, não sei se foi consciente de lambe-se sutilmente. Eu sim fui, por desgraça. Essa úmida ponta rosada apressou minha fome com uma inusitada picada de desejo.

— Pois... preciso me aliviar.

— Também eu — “embora em mais de um aspecto”, pensei para mim.

Soltei meu abraço e ajudei-a a levantar-se. Agarrei o extremo da corda que atava seus pulsos e a acompanhei até uma grande árvore, onde se ocultou depois do tronco para aliviar-se. Não a via, mas ouvi o som de sua urina e foi fácil imaginá-la com as saias formando redemoinhos em torno de seus quadris, agachada e exposta. Aquilo foi suficiente para que meu pênis palpitasse dolorido. Aproveitei o momento para me descarregar também. Desabotoei a braguilha de minhas calças e a manipulei com dificuldade, dada minha firme dureza, para poder tirá-la ao exterior e apontar com tino ao chão. Enquanto me aliviava, fechei os olhos e inclinei a cabeça para trás, tentando me centrar em pensamentos que esfriassem meu ânimo. Não obstante, abrir os olhos e me topar com o entusiasmado e impressionado olhar de Cora fixo em meu sexo altivo foi suficiente para endurecê-lo mais ainda.

A moça exalou um gemido surpreso e se girou imediatamente.

— Seguro que não é a primeira que vê.

— Cubra-se, salve-me dessa vergonha.

Guardei minha volumosa dignidade não sem esforço e atirei da corda para aproximá-la a mim.

— Nada deve temer de mim moça, não estou acostumado a forçar mulheres, mas bem me custa livrar-me delas.

— Não é mais que um caipira vaidoso e egocêntrico.

— E um demônio, não o esqueça.

Adiantou-me irada imaginando que a seguiria, mas eu não me movi e a corda, ao esticar-se, a fez tropeçar.

Então avancei e passei por seu lado com um sorriso instado, piscando um olho.

— Não esqueça tampouco quem é que manda.

Seu olhar felino me apunhalou com ferocidade, as esverdeadas faíscas que saiam de seus formosos olhos começavam a me resultar tão atrativas que tentava muito a enfurecê-la.

— Acredito que, por sorte, guardei um pouco de pão e alguma maçã da comida de ontem — murmurei me dirigindo às alforjas do Zill.

— Eu também levo comida.

— Isso me economizará caçar.

Tirei uma boa parte de pão e cortei com meu sgian dubh uma grossa fatia, que lhe ofereci. Quando nossos dedos se roçaram, Cora avermelhou e baixou a vista.

Seu acanhamento me fez duvidar se realmente tinha consumado o matrimônio com Hector.

Sentamo-nos um frente ao outro, apoiados em diferentes carvalhos, e comemos em silêncio, unidos a aquela corda que tinha decidido me atar ao pulso, eu observando-a curioso e ela incapaz de me sustentar o olhar.

Seu rosto era ovalado, de maçãs altas e nariz pequeno e altivo. Seus lábios eram grossos, belamente perfilados, absolutamente embriagadores, perder-se naquela boca devia oferecer uma experiência inigualável. Seu queixo pequeno e arrogante, sua pele cremosa e pálida, quase nacarada. E seus olhos..., seus olhos eram duas explosões de luz em seu rosto, duas enviesadas aberturas que luziam duas muito belas esmeraldas. Um pouco oblíquos e amendoados, de olhar felino, emoldurados por espessas pestanas um pouco mais escuras que seu cabelo, cortavam o fôlego. Seu corpo, miúdo e esbelto, mas voluptuoso, convidava a prazeres que possivelmente nem ela sabia que podia oferecer. Em definitivo, era uma mulher preciosa e sensual, nada desdenhável apesar de seu intrépido caráter e quão dura seria a domesticação. Pois, se a podia definir com uma só palavra, acredito que a mais acertada seria indomável. MacDonald tinha por diante uma dura provocação, isso sim, desfrutá-lo-ia, o condenado.

Depois do café da manhã, pusemo-nos a caminho de novo.

A paisagem se transformava à medida que nos aproximávamos do Ben Nevis, tornando-se mais agreste e pedregoso. Sinuosos riachos descendiam das altas montanhas em pequenas, mas brisas cascatas que sorteavam as rochas, procurando um remanso onde descansar.

A nossa esquerda apareceu o lago Linnhe, em cuja superfície espelhada e cintilante se refletia um céu nublado rodeado dos topos das montanhas circundantes, convertendo aquela paragem em um gozo para os sentidos.

A claridade antiga das águas da borda convidava a inundar-se nelas. Detive o passo junto a única árvore que havia em toda a ribeira desse lado e desmontei poeirento e cansado.

Girei-me para Cora. Agarrei-a pela cintura, posei-a no chão e caminhei para o lago.

— Necessito um banho, estou manchado de sangue seco e cheiro a suor.

— Pois me ate a essa árvore e faça o que lhe agrade.

— Não se banha comigo? — inquiri malicioso — Prometo não olhar, não como outras.

Um intenso rubor acendeu suas bochechas e seus olhos cintilaram coléricos.

— Vá ao inferno, cão sarraceno.

— Estou acostumado a ir aonde me agrada, minha senhora, e agora quero de nadar.

Atei-a ao tronco da árvore e espionei em redor para me assegurar de que estávamos sozinhos.

Despi-me com urgência e, me armando de valor, decidi me introduzir na água à carreira. Imaginava que a temperatura seria como facas em minha pele, e assim foi. Deixei escapar uma sonora exalação quando as águas chegaram a minhas partes nobres e me lancei de cabeça ao fundo, onde bracejei para afastar o frio de meus membros. Depois de um instante, emergi de novo e nadei com soltura. Adorava a água, nadar, me inundar naquele líquido. Dava igual se era o mar, um lago, um rio ou uma cálida bacia térmica, estar em contato com a água me relaxava como nenhuma outra coisa.

Retornei à borda e, com a água pelos quadris, comecei a esfregar meu corpo, lavando-o com profusão. Recordei que levava uma boa porção de meu sabão de mirto nas alforjas e saí para pegar. Procurei o olhar de Cora para beber de seu pudor, embora soubesse que estaria olhando para outro lado, ao menos enquanto eu pudesse surpreendê-la. Assim, passei por seu lado ignorando-a e rebusquei nos sacos da sela. Extraí o sabão e de novo me dirigi ao lago.

Ali, umedeci-o e o esfreguei contra minha mão fazendo espuma. Lavei-me o cabelo, os braços, o peito, o ventre, a entreperna e as costas que podia abranger. Só pensar que Cora estaria me contemplando me excitava o suficiente para me endurecer de novo. Espionei com dissimulo entre meus braços elevados enquanto esfregava meu couro cabeludo. Cora tinha os olhos fixos em mim. Sorri peralta.

Depois de um último mergulho de cabeça, desfrutei de umas quantas braçadas mais, saí do lago com passo tranquilo, sacudindo a cabeça com veemência, como um animal molhado.

— A água está estupenda, ainda está a tempo — a animei passando outra vez por seu lado.

— Produz-lhe algum tipo de prazer banal exhibir-se com tanta falta de vergonha?

— A nudez parece algo natural da qual não deveríamos nos envergonhar — respondi, secando-me com a capa — Vi muitas mulheres em couros, posso lhe assegurar que não me vais impressionar. Além disso, as gatas selvagens não são de meu agrado, como já vos disse.

— Nenhuma gata em seus cabais suportaria que a tocasse um cão descrente e tão arrogante como você.

— Não me subestime, minha senhora, não gozará do mel de meu cortejo, mas não duvido nem por um instante de que cairia presa nele como as demais.

— Antes morta — resmungou com firmeza.

Cobri-me com as calças e, com o peito nu, aproximei-me dela, com a larga juba gotejando por meu torso. Compus um gesto grave e sedutor, elevando minha sobranceira esquerda e sorrindo meio de lado. Apoiei a palma da mão no rugoso tronco justo por cima de sua cabeça e me inclinei para sua boca sem chegar a roçá-la.

— Nem imagina os escuros prazeres que posso lhe dar.

Apartei sua espessa juba vermelha atrás de sua orelha e aproximei minha boca a ela para sussurrar seu nome.

— Cora, seria seu amo se me propuser a isso.

Continuando, apartei-me ligeiramente para olhá-la e encontrei em seus olhos a subjugação que procurava. Seu olhar se obscureceu, seus lábios se entreabriram ofegantes, e sua expressão afligida me deu de presente o triunfo que procurava.

Separei-me dela, vesti-me com a camisa, dispus-me o colete de couro com abas, escorri minha larga cabeleira e a atei com uma corda.

— Você seria meu cão se eu propuser. — Aduziu isso altiva enquanto a liberava da árvore — Você seria quem cairia rendido a meus encantos.

— Ah! Mas têm algum?

Aproveitou a limitada liberdade da corda para me esbofetear. Sujeitei seus pulsos às costas e peguei a meu peito.

— De momento, não vos encontro mais que defeitos.

Agitou-se furiosa tentando escapar, revolvendo-se como uma cobra.

— Senhora, não se esfregue tanto contra mim, a certa parte de minha anatomia parece lhe gostar.

Deteve-se no ato, ainda congestionada pela fúria, ofegando ofuscada e consternada pelo efeito que provocava em meu corpo seus arrebatamentos.

— É o ser mais desprezível que conheci.

— Equivoca-se, casaram-na com o mais abjeto.

Tomei-a nos braços enquanto golpeava meu peito com os punhos e esperneava sem parar. Logo a subi no lombo do Zill, lançando-lhe um feroz olhar de advertência enquanto montava atrás dela.

— Hector era um homem bom — refutou girando-se para mim com lágrimas nos olhos.

— Reze porque não lhe conte como era o verdadeiro Hector — insisti cortante.

Toquei meu cavalo e o pus ao galope. Notar o tremor do corpo de Cora sumido em um pranto silencioso foi uma dura prova, pois por alguma misteriosa razão, senti o impulso de consolá-la. Ela não era culpada de nada, tão somente vítima de um destino injusto. Entretanto, logo a deixaria atrás e seguiria minha vingança, tinha direito a ser tão duro com ela? A jogar tão impunemente? Refleti sobre aquilo durante toda a cavalgada, decidindo me mostrar cortês, distante e respeitoso, evitando assim importuná-la, causando-lhe mais pesar do que já sentia.

Voltei a localizar um grupo de rastros junto a um penhasco ao pé da imensa cordilheira que estava rodeando com a esperança de que me levasse a alguma vila ou cabana onde pudesse obter informação e repor mantimentos.

Mas parecia que aquelas agrestes paragens não estavam habitadas. Onde demônios se colocaram? E no que condenado lugar se encontravam as terras do clã MacDonald?

A um lado, os altos topos do Ben Nevis recortados contra o firmamento, e ao outro, o lago Linnhe, onde as nuvens pareciam flutuar esponjosas em sua superfície. Enfiei para o interior, onde as colinas começavam a fechar-se em desfiladeiros, sem me atrever a atravessar nenhum, pois preferia rodear a cordilheira em campo aberto.

Caiu a noite e escolhi uma abertura ampla em um promontório rochoso, parcialmente coberta por frondosas bétulas. Um riacho ziguezagueava perto descendendo até uma série de poças na rocha, envoltas de verde erva. Um bom refúgio, disse-me desmontando. Cora se cambaleava na cadeira; tinha resistido todo o trajeto acordada, lutando por não se apoiar em mim. Agarrei-a pela cintura e a baixei, já a soltava quando seus joelhos fraquejaram. Dispunha-se a desabar-se quando a aferrei de novo em braços, rodeei-a docemente contra meu peito e caminhei com ela para a abertura na rocha.

—Suas palavras são ofensivas, sua atitude arrogante e brusca. — Murmurou meio adormecida, pouco conseguia manter as pálpebras abertas — Mas alguns de seus gestos são delicados e tenros. É um estranho demônio.

— Ainda fica um pouco de piedade em meu coração, depois de tudo.

A mulher me olhou com estranha curiosidade, como se me visse pela primeira vez.

— Mas eu... vos odeio igual — confessou, embora esta vez sem sarcasmo em seu tom.

Enlaçamos as olhadas aprofundando em nossas emoções. Eu permaneci rígido, embora sua penetrante inspeção começasse a perturbar-me. Ela, em troca, mostrou uma confusa mistura de sensações tão dilaceradoras que tive que apartar a vista e fingir indiferença.

— Sim, já sei que nada lhe agradaria mais que me matar com suas próprias mãos.

— Não, não quero me manchar com seu sujo sangue, bastardo.

Detive-me em seco, fulminando-a com o olhar. Apertei os dentes ante a ofensa, e a lembrança de minha mãe me transbordou. Tive que deixá-la no chão e controlar a ira.

— Eu não sou nenhum bastardo, pequena harpia. Minha mãe foi a primeira esposa legal de meu pai, Eachann Mor MacLean, lord do Duart e senhor do Mull. E eu sou seu primogênito, Lean MacLean, Assem para os que me querem.

A moça abriu os olhos quase com semblante arrependido, consternada ante minha doída reação.

— Minha mãe era a melhor mulher do mundo, sei, e não a conheci. Em troca, sim conheci a pior mulher do mundo, a mãe de seu Hector. Não acredito que a supere por muito que lhe esforce nisso.

— Eu..., ele me disse que...

— Não sei quantas mentiras verteu sobre mim e não me importa. Não quero que volte a nomeá-lo. Odeie-me quanto queira, mas evite dirigir-se a mim para me ofender, ou juro por quanto sou que a amordaçarei todo o caminho e lhe atarei como um maldito vulto. Matei a seu repugnante marido e voltaria a fazê-lo mil vezes mais e de mil formas diferentes. Assim aguento um pouco, logo lhe liberarão de mim.

As lágrimas se acumularam em seus olhos, sua expressão compungida me comoveu, mas não estava disposto a demonstrar-lhe.

A puxei até o fundo da cavidade e me tombei envolto em minha manta, deixando-a decidir onde queria dormir. Imaginava que todo o longe que a corda lhe permitisse, mas

me equivoquei. Tombou-se a minhas costas, possivelmente procurando meu calor. Não chegou a roçar-se comigo, mas podia sentir seu fôlego na nuca e seus olhos cravados nas costas. E assim consegui dormir...

Esta vez, os demônios conseguiram saltar minha muralha...

— Escolhe a que mais você gosta, Hector.

O filho da puta me olhou com um sorriso perverso nos lábios e escolheu uma adaga afiada, entre todos os utensílios cortantes que Lorna tinha disposto sobre a mesa para o castigo, e a entregou a sua mãe.

— Quero fazê-lo eu, mãe.

A bruxa sorriu orgulhosa e entregou a adaga a sua prole.

— Não corte muito, apenas um talho com o fio, comprido se o deseja — aconselhou como se mostrasse como limpar um coelho.

Agitei-me na cadeira. Estava fortemente atado, com os braços amarrados aos braços do assento, por completo apavorado ante o desproporcionado castigo por ter olhado mal ao Hector, segundo ele. Não era a primeira vez que me torturavam por alguma de suas mentiras, por isso estava acostumado a evitá-lo e, se passava por meu lado, imediatamente baixava a vista para não o instigar. Não obstante, agora compreendia que dava igual, que sua afeição era me provocar dor, que era tão monstruoso como sua mãe.

Lorna indicou meus antebraços expostos e, sujeitando ainda mais os pulsos, o encorajou a começar.

— Pode fazer o desenho que te ocorra, assim levará sua marca sempre.

Hector sorriu de novo, esta vez iludido.

E, assim, o pequeno sádico começou sua tarefa. Rasgou minha pele com a ponta da faca um pouco inclinada para calcular a profundidade e se dedicou minuciosamente a me gravar sua inicial. Apertei os dentes quanto pude para conter a dor, fios de sangue percorriam minha pele até chegar à palma de minha mão, de onde gotejavam ao chão.

— Grava minha inicial no outro braço, que não se esqueça nunca de sua família — pediu Lorna com semblante agradado e cruel.

Hector passou ao outro braço e cortou em minha pele um “M” e, debaixo, um “L”.

— Perfeito, já verá como começa a nos respeitar — elogiou sua mãe.

— Posso desenhar algo em suas partes?

Lorna pareceu meditá-lo um instante, durante o qual o terror mais absoluto me sepultou, deixando-me sem fôlego.

— Não, querido, tenho outros planos para essa parte — disse, e me sorriu asquerosamente lasciva.

— É maior que a minha, — queixou-se pueril o verme — e isso eu não gosto.

Lorna revolveu com carinho o cabelo do seu filho, obrigando-o a olhá-la.

— Hector, é um ano maior que você, é tudo. Por isso é maior e forte, mas logo o igualará em altura e em mais atributos, só tem que ter paciência. Agora vá jogar em seu quarto, logo jantaremos.

Obediente, deu um beijo a sua mãe na bochecha e abandonou aquela minúscula cela nas esquecidas masmorras, onde, por muito que gritasse, ninguém me ouviria.

Lorna ficou em pé frente a mim e, com movimentos que pretendia que fossem sensuais, começou a desfazer a laçada do sutiã de seu vestido, liberando assim seus pequenos seios. Levou sua mão à minha e empapou dois de seus dedos no sangue acumulado em minha palma. Ato seguido, manchou seus mamilos com um sorriso lascivo. Tingiu-os de vermelho esfregando-os com insistência entre gemidos, e logo, depois de agarrar como precaução a adaga, pressionou-a contra meu pescoço e aproximou seus mamilos a minha boca.

— Lambe seu sangue, bastardo, deixa-me bem limpos.

Senti a ponta da faca me oprimindo a pele da garganta e, com lágrimas de frustração queimando nos olhos, entreabri os lábios.

Degustar meu próprio sangue não foi tão repugnante como ouvir seus gemidos. E nesse momento pensei que tinha ante mim a melhor oportunidade de acabar com minha tragédia. Se a mordida com força, ela afundaria a faca em meu pescoço e poria fim a meu calvário. Uma das vezes em que o endurecido mamilo roçava contra minha língua, fechei com força os olhos, me preparando para lançar uma feroz dentada.

— Senhora! Está aí? Acabam de chegar os Grant.

A voz do moço da cozinha a apartou oportunamente de meu lado. Recolocou o sutiã com urgência e saiu da cela. O eco de seus passos na pedra foi desaparecendo de forma gradual. Logo, o gemido de uma fechadura a girar deu passo a um detestável silêncio, tão somente quebrado pela esporádica destilação que gotejavam alguns blocos de pedra.

Inclinei a cabeça sobre meu peito e soluzei com violência, liberando quanto sentia. Meu pranto me transbordou desembocando em uma frase que gritava repetindo sem cessar:

— Maaaadreeee, me leve..., me leve contigoooo..., rogo-lhe isso!

Acabei rugindo um alarido dilacerador de pura dor e necessidade, tão profundamente desamparado me sentia. Já nem a morte nem o fantasma de minha mãe me ofereciam ao menos uma saída, só me tinha mesmo. E eu mesmo devia me outorgar a única salvação que tinha à mão. Nem os MacNiall nem a lembrança de minha mãe me reteriam... Já não...

Uns braços me rodearam com força desde atrás. Tentei apartá-los ainda meio dormindo, girei-me sobressaltado e topei com um rosto assustado e preocupado que me sussurrava algo que minha mente ainda não podia compreender.

Uns dedos limpavam as lágrimas de minhas bochechas, acariciando meu rosto com extrema ternura. Pisquei confuso e procurei esquivar seu contato, mas essas mãos, embora pequenas, eram firmes. Apanharam meu rosto nelas, procurando meu olhar.

— Shhh..., já passou, foi somente um pesadelo. — A voz de Cora me devolveu à realidade da abertura na rocha, onde logo que despontava a alvorada, esclarecendo o manto de estrelas que nos envolvia — Não sou sua mãe, mas me deixe abraça-lo, está tremendo.

Voltei a dormir embalado por uma mulher que tinha decidido me odiar e a que teria que me esforçar por odiar.

Em seus braços, em seu calor e em seus sussurros, os demônios se diluíram, ao menos naquela moribunda noite.

CAPÍTULO 13

Uma rival a minha altura

Depois de uma manhã com temperaturas mais altas do normal, sob um sol implacável e acumulando o cansaço de duas largas jornadas de viagem nas abruptas Highlands do Glencoe, cavalgávamos em silêncio, cada um sumido em seus próprios pensamentos.

Em meu estava a preocupação por Dante, por Ayleen e Alaister, a incerteza sobre seu paradeiro e seu destino. Repetia-me que estariam bem, que certamente tinham sido feitos prisioneiros para pedir um resgate por eles. Mas o urgente desejo de voltar a vê-los, sãs e salvos, azedou meu humor. Fazia tempo que tinha perdido seu rastro, e era mais que possível que vagássemos perdidos por paragens que, embora formosos, resultavam hostis para a sobrevivência.

— Tenho sede — anunciou Cora.

Agarrei o odre que pendurava de minha cadeira e o ofereci, o pouco que ficava água.

Observei o perfil da mulher entreabrindo os lábios e bebendo da boquilha do odre com ansiedade, lambendo até a última gota que caía dele. Imaginei fazendo o mesmo em minha boca e me agitei incômodo apartando tão inoportunos pensamentos.

Cora me olhou de soslaio e sorriu de uma maneira estranha. Acreditei detectar um deixo calculador em seu gesto, como se sua sede não fora mais que um estratagemas para medir minha reação.

— Temos que nos deter para encher os odres — informei fixando minha atenção em uma lacuna formada ao pé de um rochoso topo da qual emanava água do degelo de suas cúpulas, antiga e refrescante.

Detive meu cavalo e desmontei observando a grata sombra que compunha um arvoredos justo no bordo da poça.

— Descansemos um pouco, conforme avançarmos, o trajeto será mais duro.

Cora se limitou a assentir, e já se dispunha a desmontar ela sozinha quando me equilibrei temendo que lhe falhassem os joelhos de novo. Interceptei-a antes de chegar ao chão, aferrando-a pelos quadris e girando-a para mim. Seu corpo se deslizou junto ao meu até abaixo. Quando nossas bocas estiveram à altura, ela exalou um tênue gemido que

esticou todo meu corpo. Nossos olhares se engastaram um instante, graves e curiosos. Precavi-me de que a jovem procurava uma resposta determinada de mim. Algo confuso rompeu o vínculo visual, soltei-a e me afastei para o arvoredo.

A corda era o suficientemente larga para que ela pudesse inclusive molhar os pés na ribeira se quisesse. Escolhi um grosso tronco médio inclinado e me recostei no chão sobre ele. Pus os braços cruzados atrás de minha cabeça e fechei os olhos. Logo caí em uma ligeira sonolência que me sumiu em um agradável torpor.

Uns ligeiros puxões na corda de meu pulso e barulhos na água me fizeram entreabrir as pálpebras curioso.

Ante mim, Cora se asseava no rio utilizando meu sabão. Tirou o vestido e, tão somente com a regata interior arregaçada em seus quadris, cavava água em suas palmas e a vertia sobre seus seios nus, arrastando a espuma que havia neles. Todo meu corpo reagiu de um modo visceral ante o espetáculo.

Admirei seus viçosos seios, cheios, altivos, de mamilos orgulhosos, rosados, e ressaltando avultados na fina e sedosa pele de alabastro de seu corpo. Salivei inconscientemente. Segui a linha de seu ventre plano e cremoso até o vértice de suas pernas, onde ela se recolhia a larga regata mostrando umas coxas turgentes, bem delineados, escuros e esbeltos, tão brancos como o resto de seu corpo. Cavando a mão livre de novo, agarrou água e a esfregou contra sua entreperna delicadamente, não tão concentrada em seu trabalho higiênico, temia-me, por como se mordida o lábio inferior. Aquilo foi muito para mim. Meu latente e férreo falo palpitou ansioso sobre meu estômago, clamando alívio. Minha garganta se secou e minhas bolas se esticaram enviando um tórrido comichão em meu ventre. Ardia.

A mulher deve ter percebido que era observada, porque elevou o olhar e se topou com o fogo do meu. Girou-se sufocada, me oferecendo uma imagem que esquentou ainda mais, se é que cabia na minha luxúria. O linho empapado da regata se pegou a suas arredondadas e altivas nádegas, as remarcando, transparentando à perfeição sua deliciosa forma e sua deliciosa proporção. Quando se inclinou para agarrar água de novo, apertei com força os dentes, esticando a mandíbula, lutando contra o impulso de me equilibrar sobre ela como um animal selvagem. Cora começou a lavar sua larga cabeleira acobreada, imitando o ardil de meu banho. Espionou entre seus braços para comprovar se a olhava, e ao encontrar-se com meus olhos sorriu provocadora.

Com isso pretendia, disse-me, acender-me como uma tocha. Pois o tinha conseguido. E agora, o que esperava? Qualquer homem em seus sentidos se abateria sobre ela tomando sua exibição como uma clara proposta. Isso desejava? Não era possível, odiava-me,

detestava-me. “Antes morta”, havia dito, então que demônios procurava de mim? Fora o que fosse, e por muito que meu corpo se consumisse por possuí-la, fiz o que menos problemas me suporia.

Liberei minha dureza, abrangia com a mão direita e comecei a me acariciar sem deixar de olhá-la. Acima e abaixo, devagar, imaginando que era seu corpo o que me recebia. Aquelas nádegas estavam acabando com meus sentidos, comecei a gemer sonoramente atraindo sua atenção sobre mim. A curva de um de seus peitos apareceu em meu campo de visão, exalei um grunhido mortificado e acelerei meus movimentos.

— O que... o que está fazendo...?

— Terminando o que começaste, — respondi entre gemidos — a menos que decida vir a terminá-lo você.

Sua expressão alterada, seu adorável rubor avermelhando suas bochechas e seu verde olhar fixo em meu pênis foram suficientes para liberar um rouco ofego prévio ao êxtase. A jovem, espantada, voltou-se de novo, e eu sorri malicioso justo antes de estalar em um violento orgasmo.

Pus-me em pé e me encaminhei à borda, com a verga ainda dura oscilando a cada passo. Cora, que ouviu o movimento, voltou-se alerta para me olhar, exalou um grito sobressaltado e se afastou assustada, agarrando um ramo do chão para defender-se.

Ignorei-a por completo, lavei-me por completo, as mãos e o rosto, esfregando-os com vigor.

— Nada como agradar prazeres carnavais para relaxar o ânimo, não lhe parece? Embora tema que nem sequer saiba do que falo.

Dirigi-lhe um sorriso inofensivo e plácido que pareceu enfurecê-la ainda mais. E, embora vê-la tão perto, semidesnuda e com um ramo em alto disposto para me atacar resultava arrebatadoramente tentador, consegui fingir descuido e indolência bocejando e me esticando.

— Termine quanto antes, comeremos algo e continuaremos caminho.

Retornei a meu lugar, depois de tirar a última fatia de pão e ter rebuscado na folhagem do chão algumas nozes, comi sem deixar de observá-la. Seus gestos já não eram sensuais, a não ser rápidos e furiosos. Cobriu-se com sua capa e sentou-se bem longe de mim, enquanto escorria sua juba e a desenredava com os dedos.

Por muito que a desejasse, não pensava me complicar, nem complicar a ninguém. Minha intervenção em sua vida já a tinha marcado o bastante. E algo me dizia que com ela

não seria só um mero intercâmbio de prazeres conjuntos. Era uma mulher difícil, rumo a um matrimônio consertado, uma Campbell e, além disso, ainda apaixonada por meu defunto irmão. Minha mão deveria me satisfazer o suficiente até encontrar alguma donzela disposta.

Seguimos a viagem até que o sol se pôs. Durante todo o trajeto continuei me perguntando o que era que Cora procurava exatamente em mim, pois se amassava contra meu peito, acariciava distraída minha coxa e inventava qualquer desculpa para me roçar ou para me olhar com intenção. E, embora meu controle fosse férreo, sua aproximação e sua torpe sedução me estimularam perigosamente.

Aquela noite, frente à fogueira, depois de ter tido a sorte de caçar um par de lebres, que assava ao fogo, Cora me olhou com fixidez, como duvidando se decidir-se a compartilhar comigo seus pensamentos.

— Não quero me casar com o MacDonald, é muito velho para mim.

Elevei o olhar para observá-la com curiosidade.

— Não parece que tenha mais opções.

— Ocorreu-me uma.

— Deve ser muito boa para que Argyll não pense te matar por isso.

— Possivelmente se fosse MacDonald quem me rechaçasse seria mais fácil.

Cravei a lebre com a faca para comprovar seu ponto. Uns deliciosos eflúvios agitaram meu estômago.

— Duvido que lhes rechace, Argyll não lhe deixa muita escolha.

— Mas MacDonald pode me rechaçar se descobrir alguma objeção em mim que manche sua casa.

Elevei as sobrancelhas espectador, olhando-a inquisitivo.

— Adiante, minha senhora, sinto verdadeira curiosidade por seu plano.

A moça baixou apenas a vista, perdendo-se entre as chamas da fogueira um instante.

— Possivelmente se descobrir que espero um filho de meu anterior marido, essa condição seja suficiente para mostrar sua ofensa e não aceitar o trato.

Aumentei os olhos com assombrada contrariedade, passei-me as mãos pelo cabelo e respirei agitadamente.

— Está... santo Deus... está grávida?

Depois de um breve e agônico momento, quase rezei em silêncio uma resposta negativa.

— Não, Hector e eu... não chegamos A...

Soltei o ar contido. Por alguma razão, foi um completo alívio e um escuro regozijo saber que esse maldito não tinha chegado a tocá-la.

— Pensa mentir e logo imagino que escapar muito longe, onde as garras do Argyll não lhe alcancem...

— Não pensava mentir.

Conseguiu reunir o valor suficiente para elevar o olhar e cravá-la em mim com intenção.

— E tenho que entender que seu plano me inclui?

De novo baixou a vista sufocada e tímida.

— Não vejo mais homem que você por aqui. Além disso, depois de tudo, seria um MacLean que albergaria meu ventre.

Aquilo feriu meu orgulho, emití um tosco grunhido e me pus em pé molesto e ofendido.

— Ao parecer, deveria ter deixado que a violassem essa turma de malfeitores. Ao menos, a eles não odeia como a mim. Porque, deixe que lhes diga isso, seu desespero deve ser extremo para permitir dormir com alguém a quem despreza tão intensamente. Alguém que a deixou viúva e que parece desprezível, por muito MacLean que seja.

— É... muito arrumado, jovem, forte e são. Meus sentimentos ficam à parte nisto. Como é natural, não posso lhe obrigar a que me ajude em meu plano, embora claramente deve-me isso como compensação.

Soprei furioso. “Forte e são”... como se fora um maldito cavalo em um leilão.

— Que lhe devo isso? Isto me parece que beira o cinismo. Não lhe devo nada, coloque isso em sua cabeça dura. E quanto a seu... sacrifício, pode economizar isso, minha senhora. Todas as mulheres com que deitei vieram gostosas a meu leito, sem mais requerimento que uma noite gostosa.

Caminhei irado de um lado a outro assimilando que me utilizasse como uma áspera ferramenta para conceber, quando eu possivelmente era o amante mais generoso, destro e gentil daquelas malditas terras.

— E vou lhe mostrar uma prova de nobreza que certamente acabe me arrependendo.

Plantei-me frente a ela e me abaixei a seu lado, me precavendo de quanto lhe afetava minha proximidade. Não era tal o sacrifício depois de tudo, pensei.

— Poderia aceitar sem mais, — comecei olhando-a com semblante grave — poderia tomar agora mesmo diante da fogueira, sobre meu manto. — Fiz uma pausa para beber do ansiado desejo que começava a reluzir em seu rosto, entusiasmando-a com uma expressão esperançada — Poderia lhe dar de presente todo um mundo de prazeres ocultos, arrancar toda uma sinfonia de gemidos diferentes, devorar-te até que amanhecesse conseguindo que odiasse o sol, só por pôr fim a melhor noite de sua vida. Poderia lhe converter em minha pulseira, atá-la a minha paixão e, entretanto, renuncio a tudo isso em favor de meu cavalheirismo e honestidade.

Quase saboreei a amarga decepção, ainda confusa e frustrada que começava a tingir seu semblante.

— Minha senhora, seu plano comigo jamais funcionaria.

— Não me deseja?

Meus olhos se detiveram em seus lábios, carnudos e tentadores. Neguei com a cabeça.

— Vos desejo, esse não é o motivo. — Esclareci com voz suave — O motivo é que não poderia cumprir o fim de seu plano.

— Não... não entendo.

— Minha semente não germina em nenhum ventre. Não posso ser pai. Arrebataram-me essa capacidade aos doze anos.

— Mas... vos... vi-lhes..., e parece inteiro, muito inteiro em realidade.

Sorri friamente e sacudi a cabeça afastando lembranças daninhas.

— O problema não está no exterior. Por sorte, meus carrascos não chegaram a me castrar. Uma... brutal patada inchou minhas bolas até as enegrecer e..., bom, imagino que deve ter alterado algo aí abaixo, porque tive amantes habituais e jamais ficaram prenhes. Com o qual, a menos que me deseje por puro prazer, não sou seu homem.

O olhar de Cora passou do horror à pena e, seguidamente, a uma funda desilusão em apenas um fugaz instante, permutando seu rosto em um amplo leque de emoções

cambiantes. Não soube qual se sobrepôs ao final, ou possivelmente se uniram as três, porque seus olhos se umedeceram e seu rosto se esticou angustiado.

— Ou mente ou escolhe outro reprodutor — expus circunspeto.

— Se volto ao Inveraray, acabarão descobrindo meu ardil; se escapar sozinha, não terei nenhuma oportunidade.

Elevou o olhar profundamente compungido, com o desespero apagando suas feições.

— Depois de tudo, possivelmente não seja tão ruim estar casada com o velho MacDonald, ou possivelmente no Inveraray encontre um pai discreto.

Cora negou com a cabeça e tragou saliva com dificuldade, espremendo o tecido da saia entre seus dedos.

— Parece que o destino está em meu contrário.

— Surpreender-lhe-ia o que pode trocar um destino de um dia para outro — recordei, pus-me em pé de novo — Quem sabe o que acontecerá amanhã.

— E se peço que não me entregue a ele? Que me levem longe destes parâmetros a um lugar onde possa me estabelecer sem riscos, possivelmente com um nome novo?

Elevou suplicante o olhar, com um deixo tão desesperado e aflito no rosto que senti quase o impulso de cobrir, sob a minha, sua asa cuidada, se me deixava guiar pelo coração, mas não era o caso.

— Sou um mercenário, minha senhora, e não vejo que possa me oferecer nada que possa me interessar.

Cora me fulminou com o olhar, seu cenho se franziu com agudo rancor e seus lábios se oprimiram em uma careta irritada.

— Têm alguma virtude? — Cuspiu sardônica.

— Muitas, mas só as mostro a quem merece — respondi rígido.

A mulher se recostou contra a árvore mais próxima, amassando-se em sua capa verde enquanto resmungava imprecações furiosas entre dentes.

— Não sei como, — resmungou com firmeza, acomodando-se contra o tronco — mas conseguirei escapar de meu destino, juro-o.

— Quer isso dizer que posso comer todo o jantar?

— Vá ao inferno!

— Possivelmente, mas depois de dar boa conta destas lebres.

Depois de outro olhar letal e um grunhido raivoso, deu-me as costas tentando dormir.

Sentei-me de novo em meu lugar, agarrei uma coxa assada do animal e atirei até separá-lo do corpo. Seus deliciosos sucos gotejaram sobre a luz e liberaram suculentos eflúvios que chispavam corajosos, subindo em uma ondulante fumaça que se mesclou com a fresca brisa noturna e o aroma da lenha queimada. Comi pensativo, observando as costas da moça agitar-se contra o tronco procurando uma posição cômoda para entregar-se ao sono, inquieta e afligida, imaginava que pensando sobre seu particular drama, que eu desdenhava. Certamente, ter conhecido o inferno me arrebatava à objetividade e a tolerância por problemas alheios que eu considerava mínimos em comparação.

Procurei me repreender por minha falta de empatia ante uma situação que não considerava tão trágica, embora em efeito para ela o fosse, mas não o consegui. Mas claro, ela nem sequer era capaz de imaginar os abismos que minha atormentada alma tinha conhecido. Não obstante, tampouco refletiu se meu comportamento, por muito brutal que fora, podia estar justificado. Tinha-me julgado e condenado sem expor-se nada mais, sem ver mais à frente, sem parar para pensar de onde provinha meu feroz ódio para meu irmão. Não, disse-me, não merecia nem minha compaixão nem minha compreensão e, portanto, não as teria. Assim, não me entretive em definir o que me levou a guardar a outra lebre para ela, pois eu ainda seguia faminto. Grunhi para mim e recostei-me em meu lado junto à crepitante fogueira, envolvendo minha capa.

Fechei os olhos e deixei-me levar pelo torpor..., uma estranha canção me envolveu... Ondas.

... Todos me seguiam, os Grant, Lorna, os MacNiall, mas nenhum devia me encontrar.

Tinha deslocado a voz de meu enfrentamento por salvar a Ayleen desses miseráveis, dada a gritaria que ressonava da chanerca. Aquilo agilizou minha escalada para o rochoso promontório do escarpado. Não era muito íngreme nem muito alto visto do vale, mas a cara que dava ao mar era abrupta e cortante.

Latidos estirados pela rajada de vento, gritos desfiados e o assobio de um vento perfumado de salitre e urze açoitaram meus sentidos enquanto meus batimentos do coração se aceleravam na carreira.

Quando cheguei à planície, detive-me apenas a recuperar o fôlego e a tomar com sorte minha última grande baforada de ar. Olhei para trás me despedindo daquela formosa paragem, que bem

poderia ter sido meu paraíso se não tivessem arroxeadado demônios nele. O castelo, de escura pedra calcária, elevava-se imponente sobre uma crista de rocha elevada, dominando seu redor e gotejando seu poderio sobre aquelas cúpulas pedregosas, sobre os ondulantes vales herbosos, sobre uma costa angulosa de praias douradas e escarpadas. Mais à frente, o carvalho, rodeado de vazios de rocha e riachos ziguezagueantes e, sobre um suave promontório, minha árvore, a noqueira que me viu nascer, o místico Crann na Beatha, baixo cuja espessa taça tinha dormido tantas noites, embriagado em pranto, dor e nostalgia. Estava acostumado a abraçar a seu rugoso tronco, onde sentia a essência de minha mãe, seu batimento do coração. Já era hora de me reunir com ela; aquela madeira, embora cálida, já não oferecia a distração que tanto ansiava.

Suspirei e fechei os olhos um instante. Depois de mim, o inferno, a dor, o vazio, a maldade. À frente, a liberdade, a paz, a esperança e o amor. Nada me atava já à vida, tinha-me prometido não cumprir os treze anos e era o momento de me dar de presente essa promessa que tinha feito aos doze. Que a morte me agasalhasse em suas negras asas, possivelmente tivesse a bem me deixar nos braços de minha mãe, esses que tanto sonhava.

Soltei o ar contido e sorri.

Estendi os braços e me deixei acariciar pelo vento e pelo ganido das gaivotas. Abri os olhos e corri para a borda.

Um rosto me acompanhou, um rosto que tinha contemplado em um tecido tantas vezes. Ela, a mulher que me tinha dado a vida e que rezava para que me recolhesse em minha morte.

Saltei ao vazio.

Meu estômago deu um tombo na metade da queda. Abaixo, um escuro e ondulante tapete líquido elevou suas espumosas franjas e me apanhou neles, me inundando em seu interior. Correntes submarinas me sacudiram violentamente em uma nuvem de pequenas pérolas translúcidas de ar, formando redemoinhos a meu redor. O frio esfaqueou minha pele, com pequenos agulhões gélidos que me abraçaram implacáveis, enquanto as brisas águas açoitavam meu jovem corpo com sua fúria. Um esmigalhado e sufocado eco se mesclou com o rugir do oceano. Frente a mim, uma grande borbulha de ar subia à superfície encerrando esse som. Ao cabo, percebi que gritava. Meu corpo traidor se sacudiu frenético enquanto o ar escapava de meus pulmões. Senti uma opressiva queimação no peito e uma dor lacerante pressionando-o incessante. Todos meus sentidos se aguçaram, também minha consciência. A vida escapava rápido de mim e doía. O ardor me envolveu, o insidioso desespero por respirar acelerou meus batimentos do coração convertendo-os em adagas que atravessaram meu coração. Abri desmesuradamente os olhos e a boca, me retorcendo como um verme. Comecei a enjoar, a vista me nublou e meu corpo começou a adoecer inerte. Rodeado de uma vibrante cortina de borbulhas, senti como o mar me acolhia em seu seio. Era um

mar pleno de vida, mas também gostoso de receber almas entregues, formosa porta a outro mundo, um possivelmente mais gentil e compassivo.

Entre aquelas águas esverdeadas cada vez mais escuras, uns olhos de ônix, grandes e amendoados, surgiram ante mim. Um formoso rosto acanelado de tenra e comovida expressão esquentou minha alma, sumindo-a em um regozijo tão aprazível que soube que tinha chegado ao paraíso que tanto ansiava. Já não havia dor, nem queimação, nem frio, já não havia confusão nem solidão. Já não havia vida em mim.

Sorri, por fim era livre.

De repente, outro som. Este não escapava de mim, mas sim se introduziu em minha cabeça com a carícia de uma música de ninar. Era uma frase, cheia de carinho, mas com uma pincelada tão afligida e compungida que me alertou.

“Ainda não, meu leão.”

E, ao cabo, uma enérgica correnteza me açoitou com força e arrastou meu corpo como se fora de trapo, sacudindo-o em várias direções com tal ímpeto que tudo retornou de novo: a dor, o frio, o medo, o desespero, a solidão e a vida. Entre baforadas de ar, espuma e água salgada, um novo grito regurgitou de meu interior mais sonoro, mais esmigalhado e mais contrito que nenhum dos proferidos antes por mim:

—Nãããoooooooo...

E assim, um mar ingrato me expulsou com crueldade de seus domínios, levado impunemente por suas raivosas ondas até a borda. Uma borda em que sim me esperavam outros rostos, nem amigáveis, nem tenros, sem espionagem de carinho neles, mas ofegantes de tomar em seus braços. Possivelmente meu destino fora o mesmo, mas o caminho sem dúvida seria mais largo e tenebroso. E, é obvio, mais agônico...

Despertei sobressaltado, trêmulo e confuso.

Senti o sal queimando na garganta, o coração batendo as asas inquieto em meu peito e um medo profundo arraigando em minha mente.

Esfreguei-me grosseiramente o rosto, descobrindo-o úmido por azedas lágrimas. Amaldiçoei em silêncio e tentei compassar a respiração. Tinha frio, mas um frio interno e insidioso que brotava de meu interior.

Respirei fundo, meus pulmões pareciam arder e me ardiam os olhos. Um calafrio me percorreu. Incorporei-me e olhei à lua, ainda alta na noite, inundeimei-me ainda ofegante em

seu resplandecente halo lutando denotadamente por apartar as lembranças que seguiram a aquele dia. Agitei a cabeça e apertei os dentes.

Senti muitas vontades de golpear algo, de gritar, de correr, um ódio intrínseco me sepultou como uma laje pesada e fria, afogava-me, mas esta vez em minha própria raiva.

— Vejo que não é necessário que me vingue de você: os remorsos já o fazem por mim — sussurrou Cora através da escuridão que nos rodeava.

Se tivesse podido ver minha expressão, teria descoberto uma dor tão antiga e dilaceradora, uma alma tão nua e vulnerável que teria lamentado no ato suas palavras. Por sorte, não me via e consegui me recompor, elevando de novo meu escudo e minha moderação.

Sempre ocorria igual: quanto mais me golpeavam, mais me reforçava, não importava quantas vezes me tombasse a dor, eu sempre me levantava, mais tenaz, mais resistente, mais letal e mais duro. Uma vez a morte não me quis; eu agora tampouco a queria, repudiava-a como desprezava a vida. Só me tinha mesmo e o que pudesse desfrutar ou sofrer deste mísero mundo. E, é obvio quão único na verdade me animava a lutar: não partir sozinho esta vez.

Esta vez os arrastaria ao inferno comigo.

— Não são remorsos o que perturba meu sonho, minha senhora, a não ser vontades de poder os ter.

CAPÍTULO 14

Um novo pacto

Percorremos o litoral do lago Llevem envoltos por uma neblina espessa que brotava das escuras águas como um bafo esbranquiçado e misterioso, que pendia desfiado sobre a ampla charneca e ocultava perigosamente bicudos penhascos que se sobressaíam traiçoeiros a cada trecho. O vale em si tinha forma de “U”, e era com claridade uma geleira abrupta de levantadas montanhas e desfiladeiros sinuosos, de arroios de montanha e cascatas escalonadas. De novo, a beleza ocultava armadilhas e provocações, de novo cativava, sobressaltava e impressionava. Assim era Escócia, uma terra selvagem com mil caras a qual mais formosa, e com mil riscos, a qual mais letal. Além disso, possuía um magnetismo tão feroz que até meu renegado coração sentia seu poderoso influxo.

Cora se encolhia sob sua capa, evitando todo contato comigo, silenciosa e meditativa e, tão extenuada como eu. Não conhecia o lugar, mas sabia que seguindo qualquer curso de água acharia algum povoado. Ou, ao menos, essa era minha esperança, do contrário, vagaríamos perdidos naquelas terras inóspitas que pareciam querer engolir-nos com sua imensidão.

Era uma manhã fria e úmida, de céus nublados e cinzas e ladeiras perladas de rocío. Entre o perfumado aroma de pinheiro, reconheci um mais familiar, o de lenha queimada. Entreabri os olhos e acreditei distinguir um ondulante fio humoso subir depois de uma colina. Agilizei o galope com a ansiedade puxando incipiente em meu peito e, percorrendo a amável curvatura do lago, minha vista achou o que meus sentidos já tinham percebido. Junto a um bosque de zimbros e serbales¹⁴ se disseminavam, em um formoso vale, um grupo de cabanas de pedra com telhado de turfa, justo na saia de uma majestosa montanha.

Chamou-me a atenção não ver ninguém executando trabalhos fora. A fumaça que subia das chaminés era um claro indício de que estavam habitadas. Meus sentidos se alertaram imediatamente.

¹⁴ É uma árvore de porte médio, pertencente à família das Rosáceas. É tolerante ao frio e pode ser encontrado em altitudes elevadas.

— Vou soltá-la, — murmurei, dirigindo-me a Cora — se a coisa ficar feia, escape com Zill, é um veloz puro-sangue, não lhes darão alcance.

Agachei-me para extrair o sgian dubh de minha bota e, quando voltei a me incorporar, Cora se girava para me dizer algo.

As palavras se congelaram em seus lábios ante a cercania dos meus. Olhamo-nos detentos de um fio invisível que nos atou nos envolvendo nele, nos impedindo de reagir, nos imobilizando. Sentir seu quente fôlego, sua respiração agitada, sua pupila fixa na minha me inquietou sobremaneira e invadiu um estranho desgosto. Ao final consegui romper aquele vínculo, cravando minha atenção nas cordas que capturavam seus pulsos. Serrei a corda, rasgando-a, e deposei em suas mãos a adaga. De novo a olhei.

— Deve me subestimar muito para me entregar sua adaga — proferio ela endurecendo sua expressão.

— Desarmá-la-ia antes de que a usasse. — Adverti crédulo — Além disso, com um pouco de sorte possivelmente veja como outros me arrancam a vida e, embora não seja por sua própria mão, possivelmente desfrute do espetáculo tanto como se o fora.

— Ultimamente a sorte me esquiva — aduziu abatida.

— Espero que a mim não. Por certo, se perseguirem-na, terá que cortar a corda que ata a sua égua, deixaria sua fuga lenta. Zill é um corcel muito veloz.

— Por que se preocupa comigo?

— Eu gostaria de ter algo a dizer em meu favor no Julgamento Final.

Desmontei e desencapei a shamshir caminhando junto a meu cavalo.

— Duvido que sirva para algo, não costumam escutar aos demônios.

Sorri mordaz à mulher que cavalgava sobre meu negro cavalo, e topei com uma imagem magnífica. A régia e imponente beleza daquela mulher de cabelos de fogo, de olhar esmeralda, queixo orgulhoso e expressão tenaz me cativou um instante, absorvendo para mim aquela soberba imagem. Sua larga cabeleira ondulada resplandecia sobre sua verde capa de veludo como um halo de cobre resplandecente. Mas não foi seu aspecto o que prendeu minha admiração, a não ser seu porte, sua coragem e sua integridade.

De repente, suas costas se esticaram e seus traços se estiraram em uma careta alarmada.

Olhei à frente para descobrir como das cabanas emergiam vários homens, que caminharam para a cerca que delimitava o povoado. Eram highlanders, todos estavam armados e todos me cravaram seu receoso olhar.

Eram muitos, inclusive para mim. Teria que recorrer a minha lábia e a meu engenho para resolver a situação. Sempre sobraria lutar por minha vida e tentar fugir.

Enquanto se aproximavam, minha mente assimilou possíveis vias de escapamento, estudei aos homens e as armas que levavam à vista e as que não, inclusive vislumbrei outros três mais escondidos em rincões e risquei mentalmente um plano de ação. Levava muitas lutas bélicas a minhas costas que me preparavam para situações arriscadas como aquela. Meu cérebro quase atuava já por hábito e instinto.

Dirigi uma última olhada a Cora, surpreendendo nela um dissimulado, mas evidente olhar preocupado comigo.

Provavelmente nem ela mesma era consciente dos reveladores gestos que dava de presente. Aquela espontaneidade resultava refrescante e, embora ela conseguisse estrangulá-los com presteza, nenhum deles passava inadvertido. Estava acostumado a me tocar com qualquer desculpa, como se seu corpo necessitasse de meu contato. Lutava de forma constante contra o impulso de procurar meu calor, minha cercania, de apoiar-se em meu peito, de inundar-se em meus olhos e de gostar muito em minha boca. E, apesar de ganhar seus dispute particulares, o mero feito de enfrentar-se me comoveu de uma maneira estranha. Eu era um homem plenamente conhecedor de meus dons e sabia o influxo que exercia nas mulheres, ao que não estava acostumado era a que resistissem a ele. E, embora fosse um homem pragmático que estava acostumado a utilizar em meu benefício meu atrativo, pelo geral para saciar meus apetites sem me esforçar em seduzir, maravilhava-me não só ser observador de como aquela mulher reforçava diariamente as defesas que apenas meu sorriso derrubava, mas também o fato de resistir eu também ao desejo que ela despertava em mim. Meu instinto era meu melhor escudo protetor, e neste caso em particular gritava que me mantivesse afastado dela. E por Deus que o faria.

Um dos homens, um montanhês carrancudo de grande porte e ossudo rosto, chegou a minha altura e se deteve apoiando a ponta de seu claymore na herbosa terra.

— Não são estas terras de passeio, e menos em tão boa companhia.

Cravou um libidinoso olhar em Cora e sorriu mordaz.

— Terras formosas, por certo — murmurei adotando uma expressão grave, mas tranquila — embora jamais as visitaria sem uma boa razão.

— E essa razão é...?

— Levar ao velho MacDonald a sua prometida para selar o pacto de aliança com os Campbell.

O homem fixou seus olhos em meu cavalo com profunda admiração e mais respeito do que tinha dirigido a Cora.

— Que beleza!

— Meu cavalo não é casável, temo-me, só a mulher.

Os homens esgrimiram um sorriso divertido. O que tinha se dirigido a mim, pigarreou grosseiramente, cuspiu e a seguir limpou os restos de saliva da boca com a manga em um gesto áspero e sujo.

— É muito gracioso, estranho gall, mas me parece muito intrépido inclusive para o Argyll que mande seu presente com a escolta de um só homem. Por certo, resulta-me surpreendente que um estrangeiro domine com tanta loquacidade o gaélico, não é precisamente fácil de pronunciar.

— Não sou um forasteiro, embora a herança sarracena de minha mãe me faça parecê-lo. Sou Lean MacLean, filho do Eachann Mor MacLean, senhor do Mull, lord do clã e capitão do Duart. E parti do Inveraray com meus homens, aos que perdi de vista faz uns dias. Possivelmente algum dos seus os tenha visto pela região.

Os montanheses se olharam entre si para fixar finalmente a atenção em seu líder, que lhes dirigiu um claro olhar de advertência, respondendo assim a minha pergunta.

— Não, não os vimos, lamento-o. Nós também perdemos o rastro de um grupo de nossos homens; encaminham-se ao sul a vigiar a fronteira. Possivelmente tenham topado com eles, vêm dali...

Compus uma expressão imperturbável e neguei com a cabeça com firmeza e convencimento. Mas o homem foi ardiloso, pois cravou seu sagaz olhar em Cora, descobrindo em seu inquieto semblante também sua resposta.

Soube nesse instante que o grupo de assaltantes que tinha matado formavam parte da partida que tinham feito detentos a meus homens. Aquilo deixava muito claro que os MacDonald pretendiam formar seu próprio pacto e que necessitavam reféns para renegociar as condições.

— Chegaram os Grant para avisar de nossa chegada?

— Faz apenas uns dias, sim. — Respondeu com um acusado deixe depreciativo em seu tom — Estão na grande casona, Angus os atende devidamente como emissários do Argyll, embora esses cães mereçam claramente outro trato.

“Justo o que eu pensava lhes dispensar”, pensei me regozijando ante o iminente encontro.

— Em tal caso, levem-me junto a seu lord, tenho que entregar a sua prometida.

O homem me escrutinou receoso e carrancudo, esfregou-se dúbio a espaçada barba castanha e negou com a cabeça.

— Há algo que não consigo entender — começou aproximando-se ameaçador — e é como chegou um MacLean a estar ao serviço de seu pior inimigo.

Sustentei sua incisiva inspeção um instante, refletindo sobre a postura que devia adotar naquele momento. De minha resposta dependia que saísse vivo daquele lugar. Declarar-me leal aos Campbell ou me confessar inimigo, essa era a questão, uma arriscada aposta se falhava em coincidir com os interesses destes homens. Ao final, e em vista da aversão que detectava em seu tom cada vez que pronunciava a palavra Campbell, decidi-me pela verdade.

— Sou em realidade um infiltrado entre os homens do Argyll. — Confessei olhando-o aos olhos — Estou ao serviço do marquês do Montrose sob a causa realista. Esgrimi minha condição de renegado para ganhar a confiança do Argyll; é obvio, pediu-me uma prova de lealdade me enviando a selar este pacto, só assim conseguirei que confie em mim.

— Um espião do Montrose?

Assenti terminante e com semblante grave aguardei sua reação.

— Lamentando-o muito, não posso me arriscar a acreditar sem obter eu mesmo uma prova do que diz. Para começar, como posso saber que realmente serve à causa realista e não é todo uma argúcia do matreiro Argyll?

— Poucos servidores do Montrose dispensaram uma lealdade maior que a minha. — Aduzi cravando meus penetrantes olhos nele — Assassinei a meu próprio irmão por trair a causa quando tentou conquistar Duart ao mando da frota Campbell.

Os homens intercambiaram olhadas assombradas e cenhos desconfiados.

— Ouvimos falar daquela luta e, em efeito, contaram-nos o fatal destino do miserável do Hector MacLean nas mãos de seu irmão. Se na verdade é você, diga-me, como morreu exatamente?

— Cravei uma adaga em seu flanco esquerdo depois de romper o nariz com um murro. Logo apunhalei suas bolas me deleitando em seus alaridos e ao final o rematei afundando minha faca em sua garganta, é o menos que merece um sujo traidor.

Rezei para que minha vingança, além disso, servisse-me de prova. Depois de mim soou um gemido afogado. Olhei a Cora, que, pálida e impressionada, contemplava-me com um ódio feroz.

— Acredito que feristes a sensibilidade da dama — advertiu o homem com gesto zombador.

— Algo mais que sua sensibilidade: era a mulher de meu irmão.

Todos me olharam impressionados. Meu interlocutor soltou uma gargalhada agradável e aplaudiu distendido minhas costas.

— Vá, MacLean, é um condenado! Meu nome é Walter MacDonald, sou primo do Angus, meu lord. Estão no Invercoe, e teremos que unir nosso engenho para enganar ao Argyll. Acompanhem-me, apresentar-lhes-ei ao Angus.

Seguimo-lo atravessando a aldeia, enquanto das cabanas começavam a surgir mulheres e meninos curiosos. Giramos por um atalho que bordeava uma arredondada colina e descobri uma grande caserna de pedra com construções anexas a ambos os lados, frente ao lago, que baixo aquele céu cinza parecia um espelho de prata brunida. Era mais uma granja que a residência de um lord; estava um pouco descuidada, seus telhados estavam necessitados de reparação, as cercas pareciam decrepitas e algumas venezianas penduravam de suas dobradiças. Estava claro que o clã estava passando momentos difíceis.

Um alargado bloco de pedra com janelas gradeadas e uma grossa e reforçada porta chamaram minha atenção. Parecia um estábulo acondicionado como calabouço. Um palpite atravessou meu peito. Não podia ir daquele lugar sem averiguar o que escondia aquele edifício, em caso de não conseguir surrupiar ao Angus MacDonald o paradeiro de meus homens.

Detive-me frente à porta principal e atei as rédeas do Zill ao corrimão da entrada. Dispunha-me a ajudar a Cora a desmontar quando ela se adiantou dando um salto e evitando meu contato, me esfaqueando com um olhar carregado de aversão.

— A mulher pode esperar nas cozinhas enquanto fala com meu primo.

Neguei com a cabeça de maneira terminante.

— Não, a mulher vem comigo, é parte importante do novo trato.

Em realidade, não confiava naqueles homens e não pensava deixar a Cora a sua mercê.

Walter assentiu cortante e se introduziu na casa, seguimo-lo escoltados por três de seus homens. O interior era austero, com escassos móveis antigos, tapeçarias estragadas e tapetes descoloridos. A cada passo que dava, todo meu corpo se esticava ante a possibilidade de me topar com algum dos Grant. Atravessamos a sala principal até um corredor que terminava em uma porta de folha dupla tão desvencilhada como o resto do mobiliário. Walter chamou com os nódulos e, sem esperar resposta, abriu e entrou ele sozinho na sala.

Examinei a Cora, seu olhar horrorizado pelo lamentável estado no que se supunha que seria seu lar, era tão notória que os homens que nos custodiavam a observaram ofendidos e molestos.

— Este será seu palácio a partir de agora, princesinha, — resmungou um deles — seu cetro será uma vassoura, e sua coroa, uma touca.

— Ao menos, meu cérebro não é esterco de cavalo, segue estando por debaixo de mim.

O homem grunhiu ofuscado, abatendo-se carrancudo sobre ela. Interpus-me entre eles, separando-a de um empurrão ao MacDonald.

— Isso eu gostaria, cadela, que estivesse debaixo de mim, pôr-te-ia no lugar que merece.

— Você é um porco — repreendeu ela desafiadora.

— Basta, Cora, não anime mais a festa — intervim admonitório enquanto encarava ao furioso homem, que começava a perder os estribos.

— Nenhuma mulher ousou jamais...

— Não o duvido, é mais de animais de granja — açulou ela beligerante.

Pus os olhos em branco quando o grunhido do ofendido highlander antecipou seu arranque. Equilibrou-se sobre Cora desde outro ângulo. Vi-me forçado a tirar de seu caminho e a colocar meu punho em seu lugar. O homem tropeçou para trás e se chocou com a parede lateral, desprendendo um quadro. Não lhe dava tempo a recuperar-se, agarrei-o pelo pescoço e, fulminando-o com um olhar letal, sussurrei sibilante:

— Jamais volte a elevar uma mão contra ela, nem contra nenhuma outra mulher, ou eu mesmo te esfolarei vivo. Deixaste claro que é somente um mísero covarde.

Girei-me veloz esperando que seus companheiros fossem em seu auxílio, mas não foi assim, permaneciam com os braços cruzados sobre o peito, impassíveis. Até acreditei distinguir um deixo aprovador em seus rostos.

A porta se abriu naquele preciso instante, e pudemos ver a confusa e alarmada expressão do Walter ante a situação.

— Que demônios...?

— Não passa nada, Wal — respondeu um deles — MacLean estava ensinando maneiras ao Barry.

— Passem, Angus vos espera.

Agarrei do braço de Cora, que ainda se achava afligida pela cena vivida e alimentada por ela. Mais tarde pensava ter uma conversação sobre sua maldita temeridade. Se não tivesse estado a seu lado, aquela besta poderia havê-la destruído.

Deixei de um lado minha ofuscação e me detive observar ao homem que, sentado frente a um despacho, contemplava-me com olhar sagaz e interessado. A seu lado, de pé e solene, seu primo Walter.

— É o sobrinho do Lachlan, acaba de me informar Wal. — Começou com voz pausada — Embora havê-lo visto me teria deixado fiel perseverança disso. Conheci sua mãe em uma íntima velada no Duart. É seu reflexo, embora com as feições de seu formidável pai.

Inclinei cortês a cabeça em sinal de respeito e voltei a olhá-lo, esta vez com mais cordialidade. O lord assentiu e se levantou de sua poltrona com ar solene.

Seguidamente dirigiu sua atenção sobre Cora, estudando-a um instante.

A moça, por sua parte, contemplava-o com acusado rechaço. Angus MacDonald era um homem que ultrapassava os cinquenta, de espaçados cabelos grisalhos, olhar cansado com marcadas bolsas sob os olhos, boca ampla de lábios magros, largo queixo afiado e, em geral, rasgos anódinos, embora de expressão bondosa.

Compôs ante a mulher uma reverência respeitosa, tomou sua mão e depositou um gentil beijo no dorso.

— Um prazer, minha senhora.

— Eu não posso dizer o mesmo — aduziu ela retirando com brutalidade a mão.

Cravei em Cora um olhar irado de advertência, mas ela bufou olhando para outro lado.

— Acreditei que, ao menos, Argyll tinha tido a deferência de me enviar a uma mulher respeitosa e complacente com a aliança que ele mesmo exige. Ou possivelmente, minha senhora, é que esperava outra coisa?

— Enviuvou recentemente — justifiquei, arrebatando a ocasião de responder, acautelando assim outra afronta mais — é jovem e orgulhosa. Entretanto, tem algo em comum com você: não prodigaliza muito afeto ao Argyll.

Assentiu seco, embora ainda mantivesse o cenho franzido mostrando sua desconfiança.

— E bem, MacLean? Qual seria exatamente o trato que me oferece?

Retornou a seu assento, apoiou os cotovelos no tabuleiro da mesa e entrelaçou os dedos me olhando espectador.

Era o momento de jogar bem minhas cartas. Respalado por uma meia verdade, devia recuperar a meus homens e possivelmente liberar a Cora de seu enlace. Respirei profundamente e comecei a falar em tom pausado e grave.

— Tenho informação confidencial sobre um ataque contra as forças realistas nos próximos meses. Consegui me infiltrar no despacho do Argyll, justo depois da reunião com seus aliados, e memorizei um plano com a situação do ataque surpresa e as forças que enviarão esse dia.

Pude ver como o olhar do lord resplandecia excitado e a comissura de seus lábios se curvava em um sorriso matreiro.

— Isso é magnífico! — Exclamou agradado— Por fim poderemos nos adiantar aos malditos Covenant.

Inclinou-se apenas para abrir uma gaveta e extrair dele um pergaminho e uma pluma com seu tinteiro.

— Desenhe, organizar-nos-emos com o Montrose para planejar nosso ataque. Enquanto isso, seguiremos fazendo acreditar no Argyll que seu trato se cumpre.

— Era o que tinham em mente?

Angus MacDonald sorriu maliciosamente e negou com a cabeça.

— Se tivesse sido de verdade um homem do Campbell, lhe teria obrigado a trabalhar para mim.

— Nos sequestrando e possivelmente nos submetendo a tortura, não é assim?

— Entretanto, não foi necessário aplicar a força. Parece que esta vez a sorte está de nosso lado. Casar-me-ei com a moça e faremos acreditar no Argyll que cumprimos a aliança fingindo a seu serviço. — Dirigiu sua atenção sobre Cora, que parecia a ponto de tornar-se a chorar, e adicionou — Não se preocupe, moça, não a obrigarei a viver comigo, um transe menos que suportar. Como vê, seu futuro marido é um homem de bom coração. Em troca, sim exijo de você lealdade e obediência.

Cora me olhou com expressão desesperada e semblante de causar pena que parecia a beira das lágrimas.

— Essa era minha ideia, e o lembrado com meu contato no Inveraray — comecei omitindo o nome do Colin intencionalmente, pois não desejava pô-lo em apuros — Não obstante, e já que fomos atacados por seus homens, pondo em grave perigo minha vida e a da dama, temo-me que o trato que agora lhes ofereço é outro.

Angus franziu o cenho com desagrado enquanto olhava de soslaio a seu primo, que imediatamente ficou em guarda.

— Tenho que supor que os cinco homens que faltam de meu clã têm caído sob seu aço?

— Em efeito — confessei sustentando impávido seus acusadores olhos — Não fiz mais que proteger a sua prometida do que acreditei que eram assaltantes.

— Deve ser um grande espadachim para derrotar a cinco de meus homens.

— Sou-o, fui soldado e mercenário, mas também sou o suficientemente piedoso para não deixar a minha protegida em suas mãos, machuque-a você ou não. Acabo de comprovar o nulo cavalheirismo de seus homens e as deploráveis condições em que vivem os membros de seu clã.

Angus me estudou pesando minha postura. Apertava com força seus magros lábios, contendo a ofensa que produziam minhas palavras. A seu lado, Walter me fulminava com um olhar ofendido e furioso.

— Se Argyll descobrir que não se celebrou as bodas, arrasará com meu clã e com sua cabeça.

— Não tem por que sabê-lo — espetei esboçando claramente o plano em minha mente e pondo a ceva a minha presa.

— Acaso crê que os Grant estão aqui só para me antecipar a proposta do Argyll?

Sorri internamente. Tinha-o justo onde queria.

— Resulta óbvio que vieram para ser testemunhas do enlace e levar sua assinatura estampada em um documento de anexação ao clã Campbell. Mas, posto que eu não penso retornar ao Inveraray e já obtive o que procurava, poderia lhes tirar o estorvo de cima e carregar além com a culpa.

— Seja mais claro, rogo — pediu isso com gesto turvo.

— Matarei aos Grant e sequestrarei Cora, liberando-o assim de toda suspeita e conseguindo tempo para seu clã, já que terei ao Argyll muito ocupado com minha pessoa.

O lord MacDonald me contemplou como se tivesse perdido o julgamento. Com gesto assombrado e incrédulo, olhou a seu primo e se encolheu de ombros antes de voltar a me dirigir sua atenção.

— Em efeito, é capaz de qualquer sacrifício pela causa — resmungou admirado — Será açoitado até o último rincão destas terras pelas forças do Argyll. Archibald não descansará até ter sua cabeça sobre sua mesa.

Assenti, plenamente consciente das consequências de meus atos.

— Em troca, quero que libere a meus homens, proveja-nos de mantimentos e nos garantam a fuga de suas terras.

Angus MacDonald aceitou com gravidade, tomou a folha de pergaminho que tinha tirado da gaveta e me estendeu.

— Farei quanto me pede, mas lembro-lhe de que advoga pelo bem-estar da dama, um interesse que me traz sem cuidado, pois estava mais que disposto a me desposar com ela e me fingir um maldito aliado do Campbell. Com o qual, e para me conformar eu também, preciso obter algo.

Agarrei o pergaminho e me inclinei sobre a mesa, molhei o cálamo¹⁵ no tinteiro e o olhei antes de começar.

— Onde estão os Grant?

— A estas horas estarão nas cozinhas, beliscando traseiros e bebendo meu prezado barril de Porto impunemente.

— Stuart e seus dois filhos?

— E dois homens mais. Mas já vi que cinco não é um número que lhe assuste.

Sorri ansioso e de novo me inclinei para a mesa.

¹⁵ instrumento feito de um pedaço de cana ou junco, talhado obliquamente ou afinado na extremidade.

— Não, poucas coisas obtêm me assustar. Sobra apontar que, se Montrose não tiver minhas notícias, acreditará que na verdade decidiu lhe aliar com o Argyll, considerando inimigos. Quando retornar, quero a meus homens aqui.

Comecei a esboçar traços memorizados do plano que tinha visto no despacho do Argyll e os nomes que estavam apontados nele. Quando terminei, olhei a Cora, que me observava com uma expressão indefinida, certamente ainda assimilando que a tinha liberado das garras desse destino que tanto lamentava.

— Não esqueça, minha senhora, que está em dívida com um demônio — disse, e saí do escritório espada em mão, rumo às cozinhas.

CAPÍTULO 15

Frente a meus carrascos

Várias mulheres exalaram um grito surpreso, retrocedendo assustadas quando me viram entrar na cozinha armado e com semblante feroz.

Percorri com o olhar o lugar e, a meu pesar, descobri que os Grant não se encontravam ali.

— Onde estão os convidados do Angus?

Uma mulher de avançada idade e bojuda silhueta se adiantou limpando suas mãos no imundo avental, cravando reprovadora em mim seus pequenos olhos azuis.

— Saíram faz apenas uns instantes por ali — indicou assinalando uma porta ao fundo da cozinha — levando o barril de Porto e uma chaleira com guisado de lebre.

Assenti agradecido e entrei pela porta a grandes e felinas pernadas com gesto ansioso e olhar duro.

Atravessei a porta saindo da penumbrosa e sufocante cozinha, que dava diretamente ao lago Llevem. Em sua mansa ribeira, onde as bicudas garças perambulavam com parcimônia em busca de peixes que devorar, onde suas mansas águas apenas ondulantes por uma preguiçosa brisa se balançavam entre juncos lambendo placidamente a borda, um grupo de homens sentados em círculo, conversavam animados, comendo e bebendo.

Em efeito, eram cinco e todos luziam as cores Grant. Avancei para eles e meus olhos repararam e reconheceram ao ponto o rosto do Stuart, que nesse momento ria jocoso. Uma pontada de puro ódio me atravessou cheio de repugnância e raiva.

Tinha envelhecido muito, devia ultrapassar com acréscimo já a cinquenta. Seu cabelo comprido e sua barba espaçada, tão brancos como a neve, emolduravam um rosto ossudo e anguloso, estragado por profundas rugas, mas que ainda conservava sua peculiar característica: essa expressão maligna e áspera de uma vez que denotava sua falta de humanidade e empatia. Acompanhava esse gesto a aguda gelidez de um olhar azul, frio e desumano, o que manifestava com aterradora claridade que aquele homem não era tal, a não ser uma besta imunda e ávida de tortura alheia. Estava flanqueado por seus filhos, tão desprezíveis e vis como ele.

Conforme me aproximava, meu estômago se agitou enojado, alimentando a profunda aversão que me produziam, liberando ondas ardentes de amargo rancor. As imagens do acontecido naquele estábulo vieram a minha mente, acelerando meus batimentos do coração e aguilhoando meu ódio. Tremendo pela fúria, a paisagem se apagou a meu redor, pois meu foco de atenção se centrava neles três. Sepultado por dolorosas lembranças, começou a faltar o ar e tive que me deter. Precisava esfriar meu ânimo ou perderia faculdades para enfrentar a cinco homens. Inchado pelo cegante furor que invadia meu corpo, temi perder o controle.

Respirei fundo, apertei os dentes e tentei me distanciar das lembranças daquele dia. Entretanto, não pude apartar o ferroso sabor do sangue em minha boca nem a dor de minhas feridas, porque o som de suas gargalhadas trasladava a aquele momento como se acabasse de acontecer. Entretanto, eu já não era um menino assustado e maltratado, um mero brinquedo de suas obscenidades e sua crueldade. Agora era um demônio, um que eles mesmos tinham criado e que os levaria ao inferno, de onde nunca deveriam ter saído.

Um deles girou a cabeça, descobriu minha presença e atraiu sobre mim a atenção do resto. Apanhei o olhar assombrado e alerta do Stuart, que, embora em um princípio pareceu confuso, não demorou para me reconhecer, mudando sua expressão a um temor que me regozijou sobremaneira. Todos ficaram em pé e desencaparam seus aços.

— Jogaram-lhe do inferno, cão sarraceno? Ou você gostou tanto que volta por mais?

— Voltei, sim, mas esta vez como carrasco.

Grant cuspiu desdenhoso e sorriu mostrando dentes enegrecidos que ressaltou entre a brancura de seu bigode e sua barba. Seus filhos, Brian e Andy, adiantaram-se cobrindo a seu pai. Eram tão altos e espigados como ele, com a mesma cara e olhar sanguinário.

— Quanto demorou em poder te sentar, sujo bastardo?

A voz rasgada do Stuart arrepiou minha pele, me imprimindo o feroz impulso de silenciá-la para sempre.

Apertei os dentes tentando me controlar. A fúria me devorava como línguas de fogo selvagens e famintas. Meu corpo se estremeceu enojado ante a feroz repugnância que me provocavam.

Deixei que me rodeassem e, em completa tensão, com os joelhos ligeiramente flexionados e me cobrindo com o fio de minha espada, aguardei o primeiro lance.

Brian fez uma ameaça de atacar e logo retrocedeu com habilidade para tentar me lançar. Custou-me não o fazer, apesar de sabê-lo uma mutreta.

— Sabe que ainda sonho com esse dia e, quando o faço, amanheço duro como uma pedra?

Umas gargalhadas atraíram ásperas e ocas a meu redor, aumentando mais minha ira.

— Hoje amanhecerá frio como uma rocha e sem uma gota de sangue em seu corpo — murmurei grave e tenso.

Stuart sorriu asperamente, sacudiu a cabeça em desacordo e de novo regurgitou um cuspe mostrando seu desdém.

— Se fosse esperto — começou de novo — não iria enfrentar em campo aberto com cinco homens. E, que eu saiba, os néscios não são bons competidores.

— Os muito confiantes tampouco.

Pela extremidade do olho percebi um veloz movimento desde atrás. De forma instintiva me agachei, girando sobre mim mesmo ao tempo que esgrimia lateralmente minha espada contra o homem que tinha carregado contra mim. Caiu de bruços com uma enorme brecha no ventre. Aproveitando o desconcerto do que estava a seu lado, abati-me sobre ele e, tão veloz como um raio cruzando o céu, descarreguei um poderoso golpe sobre seu peito que o cortou de um lado para outro, derrubando-o.

— Por fins, sós — repus entre dentes, saboreando o temor nos olhos de meus inimigos — possivelmente não seja tão néscio, depois de tudo.

Elevei meu aço aguardando a que se posicionassem, encarando-o alternativamente com os três, que começaram a me rodear em uníssono. A pior possibilidade era que carregassem de uma vez contra mim. Não estava acostumado a acontecer, mas sempre me preparava para essa situação, porque não o fazer poderia supor a diferença entre viver e morrer. Um homem crédulo era um homem morto. Pelo geral, quando atacavam em grupo estavam acostumados a alternar-se para plantar batalha desgastando ao oponente. Mas, pelos olhares cúmplices que intercambiavam, tive a segurança de que, como bons insetos miseráveis que eram, sem nenhum código de honra, nem moralidade, nem tão sequer humanidade, carregariam de uma vez contra mim.

Fui girando alerta e precavido, me cobrindo com a shamshir e balançando sem parar, com todos os sentidos alertas e todos os músculos de meu corpo em tensão. Minha mente se centrou em cada movimento, planejando diversos contra-ataques e tentando interpretar o mínimo gesto que me indicasse qual dos três Grant atacaria primeiro.

Finalmente, Brian, o filho maior, carregou contra mim com tal fúria e arrojo que tive que retroceder uns passos para poder fazer frente enquanto meu shamshir continha suas apostas.

Para minha surpresa, Stuart e Andy não aproveitaram o impulso do Brian para somar suas forças a ele, mas sim saíram fugindo à carreira para os cavalos atados a um grupo de bétulas junto à granja. Amaldiçoei a mim mesmo e procurei segui-los, mas Brian carregava uma e outra vez contra mim com tal ferocidade que me encontrava recuando enquanto observava impotente como minhas presas escapavam.

Grunhi furioso, inclinei a cabeça como se fora um touro a ponto de investir e inflamei meus lances. Depois de chocar várias vezes nossos aços, que ressonaram metálicos na quietude do lago, consegui sustentar um pulso com nossas folhas. Empurrei com todas minhas forças e me aproximei dele e consegui fazê-lo retroceder sua espada o suficiente. Quando o tive a meu alcance, impulsionei minha cabeça contra seu nariz e a rompi no ato. O homem gemeu de dor e se desfocou o suficiente para retroceder aturdido. O sangue emanou a torrentes, igual a minha cólera. Carreguei novamente contra ele, esta vez com urgência e desespero, conseguindo atravessar seu flanco ao tempo que lançava uma cotovelada contra seu queixo. Sua cabeça girou frouxa e seu corpo tropeçou e caiu de joelhos. Continuando, pus-me atrás dele em um hábil giro, agarrei-o pelo cabelo, com violência, atirando para trás para expor seu pescoço, e coloquei o fio de meu shamshir em sua garganta.

Stuart e Andy já montavam em seus cavalos quando dirigiram seus olhares para mim. Nesse justo momento degolei ao Brian lentamente, ao tempo que saboreava seus espasmódicos estertores e esse som sibilante do ar escapando de uma garganta aberta, perdendo-se entre fervuras de sangue, um grito que não tinha forma de fazer-se voz.

Senti o selvagem olhar do Stuart sobre mim e me permiti sorrir trionfal, arrancando assim uma careta de ódio e uma vingativa ameaça em seus olhos. Tocou a seus cavalos e saiu ao galope seguido de seu filho menor e já único.

Soltei a cabeça do Brian, que se desabou sobre a amaciada erva como um saco pesado. Embainhei minha ensanguentada espada e corri como alma que leva o diabo até a parte frontal da casona em busca do Zill, disposto a lhes dar caça.

Na entrada topei com meus homens, que me contemplaram com assombro e alarme.

— Voltarei quando acabar com eles, me esperem aqui — ordenei enquanto desenredava as rédeas do cavalo do poste.

Precipitava-me sobre o lombo do Zill quando uma voz preocupada chegou até mim.

— Lean, não conhece o terreno, poderia te perder ou, pior ainda, poderiam te atrair a uma emboscada. É uma temeridade que parte sozinho.

Girei-me para me encontrar com o suplicante olhar de Ayleen.

— Estão todos bem?

Divisei a Dante, que correu no ato para mim e se abraçou a minha cintura.

— Não vá, meu senhor!

— Todos bem, inclusive Sahin — respondeu Ayleen.

— Nos dê um instante para que nos devolvam os cavalos e partiremos contigo — propôs Alaister. Em seus azuis olhos, tão parecidos com os de sua irmã, desenhou-se um fundo desassossego.

— Não! — Falei firme — Isto só me incumbe. Retornarei e partiremos para o Mull.

Revolvi a escura cabeleira de Dante e o olhei esgrimindo um sorriso tranquilizador.

— Voltarei, moço, assim te leve bem ou se verá comigo.

Ele sorriu com olhar úmido e assentiu apartando-se de mim. Encarapitei-me à cadeira e, justo quando partia, uns luminosos e preocupados olhos verdes se cravaram em mim. Cora me observou com expressão contida, como se pesando em diz algo, mas nada saiu de seus lábios.

Nesse instante, Walter MacDonald apareceu da casona com o cenho franzido, acompanhado de um de seus homens. Agitou a mão para chamar minha atenção e se aproximou de mim.

— Não é boa ideia que vá atrás deles, MacLean. — aconselhou — Um de meus vigias acaba de informar que viu patrulhas inglesas perto do Invercoe. Angus acredita que as enviou Argyll para exercer pressão.

— Em tal caso, urge encontrá-los antes que achem amparo.

— Vi-lhe usar a espada e é condenadamente bom, mas os ingleses levam mosquetes e os Grant são doninhas traíçoeiras. É muito arriscado, a meu parecer.

— Manchar minhas mãos com sangue de rato merece qualquer risco — sentenciei grave.

Toquei veemente a meus arreios e saí a todo galope depois do rastro dos Grant.

Cavalguei veloz atravessando os verdes páramos como uma centelha negra, pelo atalho mais transitável para cavalos, rezando para ganhar terreno ou ao menos conseguir divisá-los ao longe.

O céu começou a obscurecer-se. Amontoados negros e espessos se apertaram esponjosos, ameaçando tormenta. Um vento carregado de umidade agravou os aromas do vale, acentuando o aroma de erva e a terra. Não demorou a cair uma fina chuva que, apesar de sua leveza, senti que me açoitava o rosto dada a velocidade de minha cavalgada.

Açulei a meu puro-sangue sem terminar de acreditar que sequer pudesse vislumbrar dois cavaleiros no horizonte. E comecei a inspecionar os arredores em busca de bosques ou esconderijos onde os Grant pudessem me espreitar ou esconder-se de mim. Levava um bom trecho e decidi que era por completo impossível que estivessem mais adiante. Não obstante, continuei pondo atenção a possíveis desvios ou guaridas onde pudessem ter achado proteção.

Examinei alguns arvoredos sem resultado algum, amaldiçoando entre dentes. Onde demônios se colocaram esses sujos bastardos? Tinha esbanjado a vantagem da surpresa, de poder me enfrentar a eles fora de seus domínios e, caso se refugassem sob a asa do Argyll, dificilmente teria ocasião de lhes dar caça. E mais agora, que me tinha convertido em seu declarado inimigo.

Passava a manhã, a chuva aumentava, o céu se enegrecia como se umas imensas asas de corvo se abatessem sobre a região cobrindo-a com sua ameaçadora sombra e nem rastro dos Grant, como se esse inexistente corvo alado os tivesse tragado.

Ao ponto de decidir retornar ao Invercoe, divisei entre a incisiva cortina de água que derramavam as nuvens negras o que me pareceu um grupo de cavaleiros na base de uma colina. Entreabri os olhos e pisquei para enfocar a vista entre a corrente de água que açoitava e consegui reconhecer umas casacas vermelhas recortadas contra um verde intenso. Estavam longe, mas não o suficiente como para que não me percebessem nessa distância e apesar da tormenta.

Acreditei distinguir seis casacas vermelhas e aos dois Grant. E, certamente, era uma temeridade me enfrentar a oito homens, embora debaixo daquela chuva seus mosquetes resultavam imprestáveis. Frustrado e furioso me dispus a fugir e girei meu cavalo, quando outra patrulha inglesa me saiu ao passo.

Enrijeci-me na cadeira ao comprovar como dois soldados cobriam a um terceiro com suas cinzas capas e como desse escuro refúgio emergia a ponta de um mosquete. Logo que vi o refulgir alaranjado da chave de faísca, inclinei-me instintivamente com o fim de evitar receber o disparo e toquei a meus arreios com desesperada urgência. Justo antes de sair ao

galope, senti um impacto no flanco e uma aguda queimação que me cortou o fôlego. Abracei-me ao pescoço do Zill e rezei para que fosse mais rápido que as balas que nos perseguiriam pelo páramo.

Outra bala se afundou em minhas costas, grunhi me arqueando e, depois de um gemido exalado e dolorido, caí de novo para frente, apertando os dentes, mas ainda animando a meu cavalo.

Cruzei o amplo vale seguindo o loch Llevem, enquanto minha visão se nublava e meu corpo adoecia exangue. Sacudi a cabeça para afastar o torpor, ignorei a ardente dor que se estendia por todo meu torso e respirei quase com rugidos a galopada do Zill. Perseguiam-me e, embora a chuva sufocasse os cascos de seus cavalos, soube que se baixava o ritmo me alcançariam.

Lutei contra a lassidão, contra a debilidade e contra a dor. E, embora me abraçasse ao robusto pescoço castanho de meu corcel para não cair, com meus talões impelia sua carreira e com meus gritos seu brioso ânimo.

Ouvi uma nova detonação, o que significava que se detiveram para provar sorte de novo. Não lhes tinha ido mal, tinha dois projéteis de chumbo perdidos em meu corpo e possivelmente um terceiro fora o definitivo. Fechei os olhos com força rezando por não albergar esse terceiro disparo e, depois de um tenso instante, comprovei que nenhuma dor nova me espreitava.

Galopei e galopei ao limite de minhas energias até que vislumbrei as empilhadas cabanas ao pé da montanha que formavam a aldeia do Invercoe. Depois de um último esforço, rugi com fúria a meu cavalo açulando-o até quase voar, em um alarido furioso que se sobrepôs à tormenta. Um trovão iracundo me respondeu e, se tivesse tido forças suficientes, teria amaldiçoado ao céu e seus injustos intuitos até me haver quebrado a garganta.

Entrei na aldeia quase desvanecido, e logo que divisei uns rostos alarmados e gritos urgentes a meu redor. O negrume começou a fechar-se sobre mim, as forças me abandonaram, meu corpo começou a cair lentamente do cavalo. Senti o impacto contra o chão e, depois dele, uma dor surda que me levou longe, há anos dali... Por sorte, não ao inferno, esta vez não...

— *Para que serve isto?*

— *Fique quieto, Lean, faz-me cócegas* — *pediu Ayleen entre risadas.*

— *Diga-me isso e te deixarei em paz* — *murmurei risonho ameaçando beliscando brincalhão sua cintura.*

—Pois tem que soprar muito, muito forte e pedir um desejo.

Estávamos sentados em metade de um prado, rodeados de amarelos malmequeres e esponjosos e etéreos dentes de leão. Acariciava-nos uma brisa estival enquanto desfrutávamos de uma tarde de jogos, aproveitando que Lorna estava fora do Mull. Desejei que aquele dia não acabasse nunca.

Olhei com interesse a flor e seguidamente com incredulidade a Ayleen. Era uma menina com muita imaginação, alegre e faiscante, mas também muito estranha. Estava acostumada a ter pensamentos bastante curiosos das coisas, e gostava de inventar histórias para qualquer situação. Alaister era muito distinto a ela, por isso estava acostumado a brigar acusando-a de embusteira, algo que a ofuscava até o ponto de chorar. Logo, seu irmão se arrependia e tentava desculpar-se, mas ela, furiosa, pedia que a deixasse sozinha e se aproximava de mim. Eu não a consolava, somente a escutava e me maravilhava por quanto contava. Certamente ela saboreava gostosa tanta atenção e interesse por minha parte e por isso lhe agradava tanto minha companhia. E o certo é que ouvi-la falar de fadas, elfos, magia e variadas lendas locais resultava todo um entretenimento para minha mente, que de tão poucas diversões gozava.

—Adiante, Lean, pensa bem o desejo e não me diga isso. Eu farei o mesmo e temos que fazê-lo de uma vez, de acordo?

Assenti terminante e fechei os olhos, como se não ver meu entorno dotasse a aquele desejo de mais contundência. Desejei me reencontrar com meus pais. Um ansioso e iludido sorriso iluminou meu rosto e, quando abri os olhos, topei-me com o penetrante olhar da Ayleen, que me contemplava com o mesmo sorriso.

—Já? — Perguntei entusiasmado.

—Quando contar até três, sopraremos de uma vez, não tem que ficar nenhuma semente na flor.
— disse me olhando com fixidez para me gravar aquela advertência — É muito importante esse detalhe, do contrário, o desejo não se cumprirá.

—Um... — começou com gravidade— dois... e três.

E, assim, sopramos com todas nossas forças esvaziando nossos pulmões e observamos, quase sem fôlego, como as néveas sementes se pulverizavam na brisa, nos rodeando como se fossem inquietos insetos revoando a nosso redor. Senti o sopro do Ayleen em meu rosto e fechei os olhos com um sorriso. Fazia tanto tempo que não me sentia tão em paz... Seu fôlego fazendo cócegas em minha pele era agradável. De repente notei um roce na bochecha e abri os olhos. Ayleen me acariciava com doçura extrema.

—Oxalá se cumpra, Lean, oxalá se cumpra.

“Oxalá”, pensei eu também.

Ayleen se inclinou sobre mim e me deu um suave beijo na bochecha.

— Cumprirá, já o verá. — Ratificou iludida, tentando convencer-se ou, precisando convencer-se — Porque..., sabe? Os dentes de leão são mágicos.

— Se meus dentes também fossem, teriam envenenado a meu irmão o dia que lhe mordeu a mão.

O semblante do Ayleen se entristeceu, obscurecendo-se de repente.

— É um leão, mas eles são demônios. Se meu pai pudesse te levar conosco...

— Se o fizesse, nossos clãs entrariam em disputa. E ninguém começaria uma guerra por mim.

— Eu o faria! — Exclamou de repente com furor. Seus grandes olhos azuis se umedeceram tingindo-se de pena e frustração.

Agarrou-me as mãos entre as suas e me olhou com entristecedora intensidade.

— Você é uma menina, como eu. Não podemos fazer nada, eu possivelmente morder e espremer, mas pouco mais.

Uma lágrima rodou por sua cremosa bochecha. Não pude evitar limpá-la com o dorso de meu dedo.

— Não fique triste, Ayleen, sou forte, sabe? E tão resistente como uma noqueira, diz Anna. E, agora, me conte essa lenda sobre os dentes de leão.

A pequena assentiu — Conta uma ancestral lenda — começou meditando — que o dente de leão é produto do trabalho das fadas. Faz milhares de anos, quando o mundo estava povoado por fadas e duendes, apareceram os homens. Estas mágicas criaturas, devido a seu pequeno tamanho, passavam-lhes despercebidas, que, sem dar-se conta, pisavam-nas. As fadas, cansadas de ser pisoteadas, decidiram adotar uma aparência mais chamativa: vestiram-se de cor dourada e tomaram a forma de uma flor de dente de leão, uma flor que, além de não passar despercebida, tem a capacidade de retraindo-se se a vai pisar...

— Como eu gostaria de ser um dente de leão! — Proferi depois de um suspiro.

Ayleen soube imediatamente que sua última frase me tinha arrancado aquela rasgada exclamação e pôs-se a chorar.

Eu não chorei, só a rodeei com meus braços enquanto pensava que esse seria meu próximo desejo.

CAPÍTULO 16

Confissões sob a lua

Pisquei dolorosamente, a luz feria meus olhos e uma dor surda e pulsante se estendia por todo meu corpo como as ondas expansivas que uma pedra provocava ao ser lançada contra a superfície da água, aumentando sua projeção progressivamente.

Tinha a boca ressecada e o corpo pesado como se me tivessem amarrado ou colocado um peso em cima. Só discerni que estava convexo de barriga para baixo em uma espécie de colchão e que vozes confusas se sobrepunham umas a outras em um tom tenso e premente.

Agucei o ouvido tentando esclarecer minha mente o suficiente para captar o que diziam. Notava-me embotado e confuso, apesar de recordar que tinha duas balas alojadas em meu corpo.

— Os ingleses o reclamam. Se não o entregarmos, massacrarão o povo.

Aquela voz masculina me resultou familiar, identifiquei-a como a do Walter MacDonald.

— Jamais!

A beligerante voz feminina foi fácil de reconhecer.

— Permitam escapar às montanhas. Enviem depois contra nós para respaldar sua lealdade ao Argyll argumentando que nos rebelamos e conseguimos fugir, nos dando uma razoável margem de tempo para nos esconder — rogou Alaister em tom suplicante.

Depois de um tenso silêncio, outra voz, esta mais grave e sussurrante, murmurou:

— Como lord, tenho que proteger a meu clã, mas como homem íntegro e justo, devo lhes conceder essa mercê, e mais, se tiver a possibilidade de salvar a minha gente e lhes negar aos malditos Campbell a desculpa que levam tempo procurando. Partam pelo desfiladeiro que há depois da aldeia e não saiam a campo aberto até que anoiteça. Logo tomem esta direção até a garganta do Etive e sigam o rio até o sul. Sei que é um grande rodeio, mas terão que evitar Inveraray. Chegarão ao Drymen e, daí, ao Dumbarton, é uma

aldeia costeira no estuário do rio Clyde, com sorte poderão embarcar ali para o Mull. Eles perseguirão, Argyll não é um homem que deixe passar uma traição.

Revolvi-me inquieto. Uma mão se posou em minhas costas, e então soube que não levava nada em cima.

— Tenho que lhe extrair as balas antes de partir.

— Não têm muito tempo, moça, esperam uma resposta. Apresse-se.

Umas suaves mãos tomaram meu rosto entre elas, um preocupado e escrutinador olhar me observou com intensidade.

— Poderia ter aguardado um pouco mais para recuperar a consciência, mentecapto.

Traguei saliva com dificuldade para responder, mas um dedo selou meus lábios acompanhando esse gesto de um olhar carrancudo.

— Não é momento para uma de suas acuidades, remói isto — disse Ayleen, e me aproximou um pano áspero para tal fim.

Não me encontrava em posição de exigir trocá-lo por um gole de porto, assim entreabri os lábios e deixei que introduzisse o imundo trapo em minha boca.

— Pelo contrário, sim é momento de demonstrar quão duro é.

Embora seu tom fosse firme e quase ressentido, seu tato era doce e delicado. Sentir como acariciava minha bochecha e depositava um beijo em minha têmpora foi tão agradável como esse gole, embora não quente igual.

Em seguida, senti a ponta de uma faca pinçando lacerante em minha pele. Estiquei todos os músculos e mordi com sanha o trapo, enquanto um aço candente escavava em minha carne. O aroma de carne queimada começou a perfurar meu olfato agitando meu estômago, e a dor se agravou me nublando a vista. Em metade de um espasmo descobri que vários pares de mãos me sujeitavam com força, enquanto Ayleen tentava rebuscar em meu corpo a cilíndrica bala de mosquete alojada em alguma parte de minha omoplata.

— Aguenta, Lean, já quase está — proferio em um sussurro estirado.

Senti como a ponta de uma adaga fazia alavanca dentro do orifício feito pela bala e me arqueei grunhindo entre dentes, suportando um espantoso acesso de dor. Quando começava a adoecer e o negrume de novo retornava, ouvi uma exclamação trionfal e que alguém pedia aguardente. “Bom”, pensei quase desfalecido, pois necessitava com urgência esse gole. Entretanto, para meu completo desgosto, verteram-no sobre a ferida. Exalei uma maldição e me arqueei outra vez ante tão ardorosa ardência.

— Por sorte para ti, a bala do flanco rasgou sua carne, mas não se alojou nela. Embora haja perdido muito sangue.

— Preparamos-lhes um saco com mantimentos. Agora, partam velozes.

Angus MacDonald se agachou para sustentar meu turvo olhar.

— Avisem a seu tio de nossa desesperada situação, uniremos às tropas realistas se me assegurarem o amparo de meu clã. Urge-nos o respaldo do Montrose ou cairemos nas garras do Argyll.

Limitei-me a assentir. O homem desenhou um parco sorriso de despedida, ergueu-se e pôs-se a andar a bom passo longe de qualquer lugar que eu estivesse.

— Em marcha — disse alguém.

— Calma, tenho que enfaixá-lo.

Vários braços me enlaçaram e elevaram meu torso, facilitando assim a tarefa a Ayleen, que começou a enrolar tecidos brancos em torno de meu peito e minha cintura.

— Sigo... sendo... seu pássaro ferido — consegui murmurar inclinando a cabeça para olhá-la, embora me pesasse como se estivesse cheia de chumbo.

— Já não, agora é tão formoso e poderoso como seu falcão, embora sua sorte não trocou muito, principalmente quando tanto te empenha em favorecer suas desgraças. Avisei-te de...

— A obediência... não é melhor virtude, temo-me.

Olhei para o outro lado para tratar de descobrir onde estava, agora que me sentia mais espaçoso, e me topei com o inquieto olhar de Cora. Permanecia sentada em uma banqueta junto ao fogo, espremendo as mãos no regaço e com uma estranha expressão no rosto. Estávamos em uma dessas cabanas de pedra com teto de turfa, penumbrosas, mas cálidas.

— Embora... dizem que não tenho nenhuma — adicionei mordaz.

Cora baixou a vista um instante, mas quando voltou a elevá-la seus verdes olhos refulgiam com algo que não soube discernir.

— Alguma tem, — brincou Ayleen, me apertando a vendagem — mas a oculta tão bem que a simples vista não se vê. Entretanto, quando suas virtudes tiram o chapéu, posso assegurar que merece a pena as haver buscado.

Exalei um gemido ante sua brutalidade e franzi o cenho.

— Se seguir... apertando assim, o que não terei será fôlego.

Ayleen rio, divertida e, quando terminou, inclinou-se sobre mim e depositou outro beijo, esta vez na bochecha.

— Tem o suficiente para te queixar.

Cora nos olhava com semblante indecifrável, com um deixo molesto, mas afetado ao mesmo tempo, certamente debatendo-se entre o demônio que ela me considerava e o homem que era para a Ayleen, esse que conseguia fazê-la sorrir e lhe arrancar tão tenras amostras de afeto.

— É hora de subi-lo a seu cavalo e atá-lo a ele. Hoje duvido que possa dirigir as rédeas. Eu o levarei, peso menos que qualquer de vós. Zill pode que seja rápido, mas não é um animal robusto.

Ninguém replicou, nem sequer eu, embora tivesse várias objeções a respeito. Se me caía dos arreios, ela não disporia da força necessária para me sujeitar. Não obstante, era imprescindível que alguém guiasse meu cavalo, só pensar em estar sentado reto me dava calafrios.

Depois de me manipular como se fora um áspero fardo, subir ao Zill e me inclinar sobre seu lombo, afiançaram a seu pescoço com uma corda. Ayleen se encarapitou ágil detrás de mim e Cora montou com o Alaister. Seus verdes olhos não se separavam de mim.

Ressentido, dolorido e extenuado, iniciamos a cavalgada. Simplesmente fechei as pálpebras e me acomodei ao rítmico bamboleio do cavalo, até que o torpor começou a me invadir.

Quando abri os olhos, acreditei por um instante que não tinha terminado de fazê-lo, até que me dispus de que era noite fechada. Apenas uma cunha marfim iluminava o contorno das nuvens mais próximas, derramando um débil resplendor prateado que escassamente iluminava o caminho.

— Como te encontra? Dormiste todo o dia.

— Como se tivesse passado por cima todo um destacamento inglês com cavalos e carruagens com canhões incluídos.

Ayleen rio e vaiou ao cavalo, que nesse momento bufava sacudindo a cabeça e a mim com ela.

- Vejo que te tem feito com ele — apontei admirado.
- É mais manejável que seu amo — aduziu zombadora.
- Não o tinha por tal precisamente, pensei que algo meu adquiriria.
- Pois o é, ao menos não se queixa.
- Preciso trocar de posição, dói-me as costas — grunhi queixoso.

Esta vez bufou Ayleen e imaginei sacudindo exasperada a cabeça como tinha feito Zill.

- Tem um buraco nas costas, é normal que lhe doa.
- Dói-me mais abaixo, justo detrás da cintura.

A moça começou a me esfregar a palma de sua mão contra a zona dolorida, gemi de alívio.

- Faz algo mal? — Inquiri com curiosidade.
 - Pois levo mal suportar a pacientes teimosos, estou acostumada a atirá-los pela primeira ravina que me encontro.
- Sorri para mim, adorava o faiscante engenho do Ayleen.
- Espero que não encontre nenhum, não estamos para ir deixando pistas aos ingleses.

Ayleen soltou uma gargalhada que imediatamente sufocou cobrindo-a boca. Mas seu corpo se sacudiu por causa da risada contida.

- Converteste-te em todo um patife, as damas sevilhanas devem haver passado muito bem contigo.
- Quero acreditar que sim. Ao menos, aparentavam-no.
- Custa-me acreditar que não haja nenhuma que tenha lutado por ganhar seu coração.
- Era mais fácil comprar meu corpo e meus cuidados.

Um incômodo silêncio se ampliou entre nós. Não sei o que estaria passando pela cabeça do Ayleen: se possivelmente soubesse que tinha chegado a esses níveis de degradação pessoal a escandalizava, se me condenava por minha falta de moral ou se era compaixão o que agora a emudecia. Fora qual fosse o motivo, não me arrependi daquela confissão. Precisava me mostrar tal qual era; primeiro para não enganar a ninguém nem

permitir que se criasse uma imagem ilusória e romântica de mim e, segundo, para me recordar quem era e quem tinha sido.

Em lugar de palavras de consolo, perguntas ou recriminações, recebi um gesto que disse muito mais que algo tivesse saído de sua boca: abraçou-se cuidadosamente a minhas costas um instante, me transmitindo seu calor e seu carinho. Aquilo me reconfortou e me inquietou ao mesmo tempo.

— Tenho fome, e espero que minha reclamação não justifique que meu corpo adorne o fundo de uma ravina.

Revolveu-me o cabelo e se incorporou de novo. Lamentei a distância, o frio ocupou seu lugar.

— Não podemos nos deter agora. Mas há um pouco de pão nas alforjas e um odre com água. Eu biquei algo enquanto dormia.

— Espero que haja muita água com que encharcá-lo, ou me esquecerei do o que é urinar. Acredito que esse pão é capaz de absorver todo o líquido de meu corpo, se até me deixa mais pálido.

De novo se estremeceu sacudida pela risada. Por seu som estrangulado soube que outra vez se tampava a boca fazendo verdadeiros esforços por não emitir nenhum som.

Ao cabo de um momento, recompôs-se e pôde me oferecer uma porção de pão e o odre de pele de cabra.

— Demorarei semanas em digerir isto.

— Cale-se já, a metade de seu estômago é escocês, poderá com esse pão!

— Deveriam fazer as balas de mosquete com ele.

— Deus, Lean, para, não me aguento.

— Ditosa você, que pode mijar.

Sorri enquanto a sentia sacudir-se detrás de mim lutando com suas gargalhadas, tentando as conter sem muito resultado.

Mastiguei aquela espantosa parte insípida e escura de pão de centeio cuidadosamente, evitando me mover o mínimo para não piorar a dor que palpitava constante e regular em minhas costas.

— Pensei que Sevilha tinha te tratado melhor.

— E o fez, mas a vida não é fácil em nenhum lugar.

— Não. — Concordou— Mas lhe puseram isso mais difícil que a ninguém.

— Uma vez, mestre Beltrán me disse que Deus outorga as batalhas mais duras a seus melhores guerreiros; acredito que pensa que sou o arcanjo são Gabriel.

— Possivelmente o seja.

— Sou bastante mais escuro.

— Nem sempre temos escolhas, Lean, às vezes a vida nos empurra sem prévio aviso ao atalho que lhe deseja muito e só resta percorrê-lo e enfrentar-se a ele. Não se sinta culpado por nada do que tiveste que fazer para atravessá-lo até sair dele.

— Não me sinto culpado. — Espetei pensativo — Quando se há tocado fundo, quando se viveu no inferno, quando se desejou tanto a morte, o corpo deixa de ter sua importância. Também o entorno e a apreciação entre o bem e o mal se transforma. Deixa de acreditar na justiça, de esperar que uma luz divina vá a sua ajuda. Por isso, quando decide viver, pela causa que seja, briga por sua sobrevivência com unhas e dentes, sem importar nada mais, utilizando quanto tem a seu alcance. A dignidade, a moral e os princípios são para a gente que nunca conheceu o desespero, gente que tem a sorte de levar uma vida tão cômoda e segura que pode dispor de tempo para refletir sobre questões éticas porque sua barriga está cheia, sua vida protegida e seu futuro assegurado.

— Não acredito que ninguém que saiba o que te aconteceu, tenha o valor de te julgar. Eu te admiro, Lean, porque é um sobrevivente, porque renasceu e porque decidiu lutar. Em troca, sim acredito que possui valores, princípios e sobretudo um grande coração, por muito que tente nos fazer acreditar o contrário. E me pergunto por quê? Porque te nega um futuro, uma vida plena? Por que escolhe a solidão?

— Porque em realidade não renasci, Ayleen, sou uma sombra. Porque a única causa que me manteve com vida estes anos todos é o profundo ódio que guardo em meu coração e que o acende com mais vigor que a vida mesma. Porque sei que esse ódio acabará comigo e por nada no mundo desejo apegos que chorem minha tumba nem me guardem rancor por não poder lhe dar um pouco tão maltratado e quebrado que, embora palpite, faz frequentemente com dor. Um coração negro, cheio de cicatrizes.

— Falas como se estivesse incapacitado para amar — refutou em tom reprovador— e não é assim. Vejo como trata a esse moço, como me protege de ti, como cuida dos teus. Pode amar e ser amado, não lhe arrancaram isso.

— Se enquanto meus pés repousarem neste mundo posso fazer algum bem a quem o merece, possivelmente minha vida tenha algum sentido. Mas sou precavido, porque estabelecer vínculos emocionais cria responsabilidades, e não quero me sentir responsável

por fazer sofrer a ninguém. É difícil manter minha decisão, conseguir encontrar o equilíbrio exato de dar o justo e receber o mesmo sem criar laços profundos que removam minha consciência quando terminar o que vim fazer aqui. Os remorsos são quanto temo, e só podem ser provocados por machucar a alguém que me queira. Solução: impedir que o façam.

Outro longo silêncio.

Bebi do odre evitando elevar o cotovelo e inclinar a cabeça e, quando finalizei, alarguei o braço para trás para entregar a Ayleen.

— É piedoso nessa decisão. — Ressaltou ela — Nem seu coração é tão negro nem está tão quebrado como para que não possa reparar-se com os devidos cuidados.

Fechei os olhos, de repente me encontrava extenuado e abatido.

— Enquanto recorde, jamais poderá reparar-se, — assegurei com firmeza — porque noite detrás noite volta a romper-se em cada pesadelo. Porque preciso lutar para liberar minha ira, porque expor minha vida é tão necessário como respirar para conservá-la, porque o negrume se estende dia a dia em meu interior como um veneno letal, e sei que acabará comigo, como sei que desejo que o faça quando cumprir minha vingança.

Não via seu rosto, mas foi fácil imaginar uma expressão afligida e triste nele.

— Há um inconveniente nesse plano — apontou ela em tom afetado — que por muito que te esforce em não te fazer amar, nada pode controlar do que outra pessoa sente por dentro.

— Não, por isso tenho que me apressar em cumprir meu encargo.

Nada replicou, tão somente o silêncio me trouxe sua desdita. Ouvi muito perto o bufo de outro cavalo e de repente tive a segurança de que nossa conversação tinha sido escutada por alguém mais.

O torpor me invadiu e a lassidão rendeu meu corpo...

— *Por Deus, moço, já quisesses eu encargos assim!*

Dom Nuño Mérida, jayán da maior gíria de Sevilha, contemplou-me carrancudo ante minha indecisão. Mas não era uma proposta, nem muito menos, a não ser uma petição que não admitia réplica.

— *Eu não sou uma de suas vadias — reneguei ofuscado — Sou tão bom espadachim como o bravo dom Mendo, e posso fazer melhores encargos que deitar-me com uma dona lasciva.*

Dom Nuño levantou-se da poltrona de orelhas e, como homem velho, apoiou-se em sua muleta de marfim laorado entre queixumes e coxear. Caminhou curvado para onde me encontrava e pôs uma mão em meu ombro me dando de presente um sorriso pormenorizado. Tive que elevar a cabeça para sustentar seu olhar.

— É todo um moço arrumado e vigoroso — começou lisonjeador — e, como tal, as mulheres se fixam em você. A dona em questão deve lhe desejar muito. Mas não foi ela quem veio a me fazer a petição, a não ser seu marido.

Enrijeci-me no ato e dava um passo atrás disposto a partir, mas dom Nuño reteve risco de tropeçar.

— Não tema, moço, trata-se de que agrade à dama, não a ele. O marido só deseja presenciá-lo. Assegurou-me que não interviria, que a simples observação de sua esposa com outro homem lhe provocava um prazer inigualável. E tive inclusive a bem me preocupar em conhecer a aparência de tão asortada dama, para te evitar um mau momento em caso de não lhe resultar... apetecível. Devo dizer que é uma fêmea viçosa de carnes escuras, nada desdenháveis. Não acredito que sua dignidade não responda ante uma mulher assim. Até minha moribunda verga pareceu querer reagir ante sua visão e isso sim é um lucro, pois acreditava morta de tudo.

Ante minha ainda receosa expressão, dom Nuño retornou a sua mesa, sentou-se e de uma gaveta tirou uma bolsa de veludo negro que abriu ante mim e drrubou o conteúdo sobre o tabuleiro. Os maravedies de prata rodaram tentadores pela superfície.

— Ofereço-lhe já a metade do acordado. Sei que Elena está doente e requer dos custosos serviços de um bom médico, e que Beltrán anda desesperado procurando dinheiro que salve a sua esposa. Possivelmente esta bolsa suponha a diferença entre a vida e a morte.

Não havia nada que pensar, bem sabia o estragado e sagaz jayán.

— Onde tenho que ir e quando?

Agarrei as moedas e as guardei em minha própria bolsa.

— Rafael o acompanhará. A dama já espera na porta de trás de sua mansão.

Assenti e olhei ao juvenzinho Rafael, o assistente de dom Nuño, um moço taciturno, mas tão despachado e disposto como o homem que servia.

Calcei meu chapéu de aba larga, cobri-me com meu pardusco herreruelo e saímos de noite. Deixamos atrás as ruelas empedradas da Triana atravessando a ponte sobre o Guadalquivir para o centro da urbe, onde o penetrante aroma a flor-de-laranja e jasmim perfumava o ar, camuflando assim aromas mais desagradáveis. As caiadas fachadas das casas de notáveis e famílias de ascendência luziam em suas gradeadas janelas vasos de barro com cravos estouros, que de dia

resultavam uma vistosa explosão de cor e vida. Quão formosa era Sevilha, pensei aspirando o aroma de suas ruas.

Caminhamos em silêncio, seguidos do eco de nossos passos. Já não havia carruagens que trocassem àquelas horas, nem olhadas curiosas que pudessem perguntar-se o que fazíamos ali. Tão somente o sereno ao longe, insuficientemente iluminado por um lustre.

— É aqui — anunciou Rafael.

E, sem mais, deu meia volta e desapareceu envolto em seu mutismo.

Observei a casa senhorial, era grande e tão vestida de flores como o resto. A porta principal, de bom carvalho e com relevos elegantes, luzia uma grossa aldrava no centro de uma das folhas. Rodeei seus grossos muros entrando em um estreito beco, onde descobri uma porta discreta e mais alhada. Golpeei brandamente com o punho e aguardei resposta.

Ao cabo, a porta se entreabriu deixando sair um tênue resplendor dourado.

Atravessei o gonzo e fechei detrás de mim. Uma dormitada donzela me fez o gesto de que a seguisse, e assim o fiz. Percorremos um comprido corredor até uma levantada escada e caminhamos por um corredor suntuoso até uma grande porta dupla. A donzela bateu na porta e, tal como tinha feito Rafael, não aguardou a que se abrisse, mas sim se afastou com seu candelabro me deixando em uma tensa semiescuridão.

Um grunhido acompanhou o percurso da porta ao abrir-se para dentro, um rosto ansioso me recebeu. Ela.

— Entre.

Entrei em um quarto amplo e ostentoso. A enorme cama de dossel, vestida de cetim e com amaciados travesseiros, chamou minha atenção. Até que reparei no homem que estava sentado em uma poltrona justo em frente.

— Não o olhe — advertiu a dona — olhe a mim, finja que não está aqui.

Assenti e me deixei arrastar por ela ao centro da estadia.

Levava uma camisola vaporosa, os cordões do decote já estavam deslocados, mostrando o nascimento do que pareciam uns seios turgentes.

Não era formosa como tal, mas isso eu já o supunha: dom Nuño tinha que procurar me animar com lisonjas sobre a dama em questão para me convencer. Mesmo assim, era agraciada, embora nada destacasse de verdade em seu rosto, que tinha mais de anódino que de outra coisa. Insossa e desanimada, em minha opinião.

A mulher começou a desatar os cordões de minha capa me lançando olhadas sugestivas e sedutoras. De momento, meu corpo não parecia responder a seus gestos sensuais.

Deixei-me despir sem poder saborear realmente aquele momento, pois a presença impassível do marido me inquietava e me desconcertava tanto que não podia me centrar no trabalho que tinha que executar.

— Desejei-lhe assim que o vi. Chama-se Assem, verdade?

Assenti ao tempo que descobria um incipiente rechaço nascendo em mim.

— É mais formoso nu do que imaginei.

Posou as palmas de suas mãos em meu torso e o percorreu com entusiasmada admiração.

— Desprende poder — adulou — e eu ardo em desejos de ser submetida por ele.

Despojou-se da camisola e se ateve a meu corpo, esfregando contra mim sua cálida nudez. Sentir seus erguidos mamilos roçando meu peito deveria ter despertado meu desejo. Entretanto, não foi assim.

A mulher, que parecia impaciente, tomou meu rosto em suas mãos e me beijou com fogosa veemência. Certo gosto repulsivo se apropriou de mim e me separei de forma instintiva. Tive que me recordar o que tinha ido fazer para me aproximar de novo e permitir que me beijasse, esta vez com mais afinco.

Retrocedi outra vez ante seu evidente desgosto.

— Eu... sinto muito..., é a primeira vez que...

— Não me digam que nunca...?

— Não, não, é... esta situação — disse, e olhei ao marido, que nos contemplava imutável.

— Possivelmente um bom licor afugente seu acanhamento.

Dirigiu-se para uma cômoda onde uma licoreira descansava sobre uma bandeja com duas taças de fino cristal esculpido.

— Um bom conhaque francês animará seu ânimo.

Encheu uma taça e alcançou-me. Admirei seu corpo e comprovei que nisso o jayán não tinha exagerado. Suas curvas eram firmes e sua pele cremosa. Disse-me que qualquer homem pagaria para ficar com ela e não ao reverso, apesar de não ser bonita.

Agarrei a taça e a bebi de um gole. E, sem mais, equilibrei-me sobre ela e a beijei, vencendo minhas reservas. Já tinha cobrado pelo encargo e, já que tinha que cumprir, ao menos deixaria uma boa lembrança dele.

A mulher gemeu em minha boca e exalou um ofego surpreso quando me inclinei sobre ela, abrangi suas nádegas e a elevei contra meus quadris. Rodeou-me com as pernas e, sem separar nossas bocas, levei-a a cama.

Lancei-a sobre o colchão e ela se lambeu ao contemplar minha já endurecida dignidade oscilando faminta.

— OH, bom Deus, é um presente do céu!

Antes de me abater sobre ela, que já se abria ansiosa de pernas, girei o rosto para observar a seu marido, que se estava tocando a si mesmo e nos olhava com expressão febril e libidinosa.

Pensei em quão vantajoso era para a mulher ter um marido com semelhantes inclinações, onde a infidelidade conjugal era justamente o prazer do casal. Perguntei-me se ele faria o mesmo à inversa.

— Demonstre a meu marido o que é um verdadeiro homem!

Equilibrei-me sobre ela, penetrando-a com uma profunda investida que arrancou um prazenteiro grito de sua garganta. E, enquanto lambia seus seios, meus quadris se moviam ao ritmo que ela exigia, duro e seco, que acompanhava com ofegos entrecortados e exclamações maravilhadas. Pensei que se conformaria fornicando até liberar-se, mas não foi assim. Deteve-me e me impeliu a sair dela, tombou a seu lado e, inclinando-se para mim, dirigiu-me um sorriso escuro e obsceno.

Quando tomou meu pênis em sua boca e quase o tragou inteiro, ofeguei de prazer e me deixei levar. Lambeu e sugou até quase me fazer perder o controle, e logo ficou escarranchado sobre mim e me introduziu em seu interior. Montou-me com brio e transbordada paixão, gemendo gozosa e enlouquecida de prazer. O tamborilar seco da carne, os ofegos e os grunhidos do marido procurando seu próprio prazer encheram aquela noite, até que chegamos ao clímax.

Já saía do leito quando a mulher me impediu isso.

— Descanse e se reponha, a noite não terminou. Paguei bons maravedies de prata para gozar até não poder mais, e até que a alvorada entre por essa janela será meu, Assem.

E, em efeito, até que a alvorada entrou, eu não saí.

CAPÍTULO 17

Pergunta sem resposta

Detivemo-nos para descansar já bem entrada a manhã em um bosquezinho de pinheiros, protegidos sob suas taças e envoltos em nossas capas. Não era um dia luminoso, mas bem ao contrário, era sombrio, foi fácil dormir sem que a luz matinal incomodasse nossos olhos.

Não sei quanto tempo transcorreu, mas ao cabo comecei a me estremecer de frio. A umidade da folhagem transpassava minha roupa e uma fresca brisa formou redemoinhos em torno de mim, fazendo que me amassasse em minha capa.

— Deveria utilizar o feileadh mor com suas cores, estaria mais abrigado neste momento. — Abri os olhos para contemplar Ayleen, que, apoiada no tronco de uma árvore, observava-me pensativa — Essa capa curta não te protege convenientemente do frio.

— Para isso tenho minha manta — aleguei desdenhoso — E essas cores nada significam para mim.

— Tem as pernas tão feias?

Sorri de meio lado elevando uma sobrancelha, compondo uma careta pícara.

— Quer ver?

Ayleen esboçou um sorriso travesso e negou com a cabeça.

— Arruinaria minha reputação — arguiu com ironia.

— Mas te alegraria a vista.

Rio divertida, me lançando um olhar incrédulo.

— Ou me espantaria.

— Definitivamente quer ver-me as pernas.

Ampliou seu sorriso e agitou a mão contradizendo minha afirmação.

— Essas calças não deixam muito à imaginação. — Murmurou encolhendo-se sob sua própria capa — Tem umas pernas vigorosas e esbeltas, não faz falta que lhe baixe isso para as luzir.

— Não estou acostumado a me baixar as calças para luzir minhas pernas, precisamente.

— É um desavergonhado, Lean — acusou zombadora.

— Agora que sabe, não jogue comigo.

— Sim, melhor que não. — Interrompeu uma voz com um marcado deixo molesto — Não conhece a decência nem o pudor, asseguro-lhe isso.

Fixei minha atenção em Cora, que de um tronco próximo nos observava carrancuda.

Sorri malicioso e pisquei um olho. Ela me fulminou com um olhar reprovadora e desgostada.

— A decência e o pudor são muito aborrecidos, como a hipocrisia — respondi mordaz.

Ayleen nos contemplou alternativamente com semblante intrigado.

— Escandalizaste a dama, Lean?

— Só te direi que vi minhas pernas.

— Vi mais do que me teria gostado de ver — afirmou Cora com amargura.

— Não foi a impressão que me deu.

Ayleen aumentou, assombrada, os olhos e me olhou acusadora com a boca entreaberta.

— Só tomava banho — defendi-me — Bem poderia ter fechado os olhos se tão desagradável parecia o espetáculo.

— Atou-me a uma árvore, maldito!

— O que não impedia que os fechassem ou olhasse para outro lado, gatinha curiosa.

Cora bufou ofuscada e apartou a vista de mim, procurando outro lugar para descansar.

— Você gosta de incomodá-la — apreciou Ayleen em um sussurro — por quê?

— Não sei — respondi — mas certamente por ser quem é.

— Ela não tem a culpa, Lean.

— Não creia que não sei, mas quando a ouço defender ao Hector...

— Claramente, não chegou a conhecê-lo.

— Por sorte para ela, nunca saberá a sorte que teve.

Ayleen assentiu com expressão tirante, imaginei que alguma lembrança a assaltava nesses momentos.

— Se tivesse estado em seu lugar, teria procurado matá-lo uma noite enquanto dormisse.

— Dificilmente — esclareci — encadeavam-me no estábulo pelas noites.

De novo, seu rosto se endureceu, esta vez com uma careta furiosa alterando suas harmoniosas feições.

— Teria desfrutado vendo como o matava — confessou sem espionagem de comiseração em seu gesto.

— Muitas vezes tentei desculpá-lo — murmurei com o olhar perdido — ao fim e ao cabo, era um menino como eu, um ano menor. Dizia-me que a influência de sua pérfida mãe o empurrava a fazer o que fazia, que possivelmente a temesse e queria agradá-la. Repetia-me que devia haver uma razão externa a ele para tratar a seu irmão como o fazia. Até que um dia compreendi que não, que simplesmente era um monstro, digno filho da víbora que havia o trazido para o mundo. E foi nesse momento quando o odiei com toda minha alma.

Esse dia, meu último dia no Mull, era o pesadelo mais grotesco e abominável de todos, o que me produzia um pavor especial, que catapultava a um abismo de dor, que custava sair. Por sorte, não se repetia frequentemente, mas quando revivia esse momento, todo meu corpo se contraía em violentas náuseas, inclusive chegava a vomitar. Logo, possuído por uma raiva desmedida e voraz, saía a horas inoportunas pelos bairros mais perigosos de Sevilha a procurar briga, nos mais lúgubres antros e a me embebedar até quase perder o sentido. Estava acostumado a despertar em lugares variados, do mesmo e sujo meio-fio empedrado, até a mesa de algum botequim ou uma cama com mais de uma prostituta sobre meu peito.

Quando retornava a casa, feito um desastre, sujo e golpeado, Elena conduzia a meu quarto, preparava-me um milagroso ponche que me obrigava a beber e, em ocasiões, abria-me simplesmente os braços para que eu soluçasse neles. Logo dormia profundamente e à manhã seguinte atuávamos como se nada tivesse passado. Elena

jamais me perguntava, nem brigava, só brindava seu calor e seu carinho, sem que as palavras turvassem o consolo que me oferecia.

Suspirei pesaroso e me recostei de novo. O frio pareceu me impregnar os ossos e o pesar apareceu com lembranças que me turvaram.

Senti um movimento a minhas costas. Alguém se tombou detrás de mim e me cobriu com uma suave capa de lã azul, amoldando seu quente corpo contra minhas costas.

— Como teria gostado te consolar — resmungou com pena Ayleen.

— Não necessito consolo — repliquei tremendo.

— Mas sim calor, deixe ao menos que te outorgue isso.

Seus braços me rodearam com mímico, senti seu fôlego contra a nuca. Fechei os olhos tentando encontrar as forças necessárias para lhe pedir que se apartasse, mas não o obtive. E então recordei uma recente noite em que outra mulher que também resultou compassiva, apesar de seu rancor para mim, tinha-me abraçado e secado as lágrimas.

Abri os olhos procurando não sei muito bem o que. Não obstante, topei-me com um olhar verde tinto de um amálgama de emoções confusas que neguei no ato a interpretar. Fechei as pálpebras de novo e me deixei levar pelo sonho.

Quando despertei, um novo corpo, esta vez mais miúdo, encontrava-se abraçado a meu peito.

Dante dormia encolhido frente a mim. O muito velhaco tinha conseguido estirar a capa de Ayleen o suficiente para cobrir-se também com ela e, assim, entre eles dois, não pude evitar pensar como seria ter uma família. Mulher e filhos. Inclusive me perguntei se seriam capazes de afastar a escuridão que envenenava meu coração com as lembranças. Ou uma questão ainda mais difícil: se eu seria capaz de fazê-los felizes. Naturalmente, nunca saberia, mas a imagem familiar que me desejou muito na cabeça resultou farto agradável.

— Vá, Lean, vou começar a desejar que me deem um tiro! — Resmungou o arrumado Irvin dirigindo um olhar revelador sobre Ayleen, que nesse momento despertava estirando-se sinuosa detrás de mim.

— Só têm que pedir — apontou Ayleen sardônica.

Irvin soltou uma vibrante gargalhada e lançou um beijo.

— Pedir-lhe-ia antes outras coisas, preciosa.

Seu olhar se turvou luxuriosa.

— Em troca, eu só me conformaria com uma — repôs ela cortante.

O guerreiro se encolheu de ombros e aguardou sorridente.

— Que fechasse a boca.

— Feche-me isso você.

— Se quiser, fecho-lhe isso eu — intervim me incorporando cuidadosamente, procurando não mostrar a dor que me ferroava ao me mover.

— Ou eu.

Alaister aproximou-se de sua irmã de modo protetor e olhou desafiador ao Irvin, que, embora nesse momento franzia o cenho contrariado, ao cabo relaxou sorrindo em uma careta conciliadora.

— Né, amigos, somente brincava.

— Só queríamos esclarecer até onde pode brincar — particularizei— e com quem.

Irvin assentiu molesto e permaneceu rígido até que Gowan se aproximou dele, jogou-lhe o braço por cima e o conduziu para seu cavalo, sussurrando, imaginava que para apaziguá-lo.

Conhecia de sobra a natureza do homem para saber que, se em situações assim não se cortavam de raiz comportamentos que a priori podiam tomar-se como simples brincadeiras sedutoras, o homem em questão podia começar a sentir-se despeitado ao receber um rechaço atrás de outro, até o ponto de chegar a forçar à mulher que desejava. Possivelmente Irvin tivesse aceitado sem mais o desprazo do Ayleen, não obstante, não pensava esperar a descobri-lo. Tinha tentado evitar suficientes violações em minha época de soldado para permanecer impassível ante uma situação parecida.

Ayleen me olhou agradecida, aproximando-se junto com Alaister para ajudar a me pôr em pé.

— Terá que nos ajudar, Rosston — chamou Alaister.

O grandalhão ruivo se aproximou de nós e, entre os três, subiram a lombos do Zill.

Malcom, o capitão do Duart, que já tinha montado, aproximou-se de mim, enquanto Ayleen conversava com seu irmão e com Cora.

— Como aconselhou Angus MacDonald, temos que seguir a descida do rio Etive para o sul, mas sugiro que evitemos na medida do possível passar perto de alguma aldeia. Se as patrulhas inglesas nos seguirem, interrogarão a todos que encontrarem.

Assenti e olhei ao horizonte. Nada parecia sulcar as colinas que tínhamos deixado atrás durante a noite.

— É o mais prudente, Malcom.

Mas, apesar de ter que procurar não deixar rastro algum, eu tinha que fazer saber aos Grant onde estavam meus passos, pois sabia que me buscariam, que Stuart não retrocederia até vingar-se. Tinha-o visto tão claro em seu depredador olhar como agora via o entardecer cobrindo o páramo com seu acobreado manto. E eu necessitava que o fizesse, que viesse por mim, porque a próxima vez que o tivesse em frente um dos dois não sairia com vida.

Outro manto mais avermelhado refulgiu com o cobre de um incipiente ocaso, captando minha atenção. Cora recolhia sua esplendorosa juba vermelha para um lado, sobre seu peito, trançando-a enquanto conversava com os gêmeos. Observei, não sem certo assombro, como sorria docemente a Alaister e como seu semblante distendido harmonizava suas feições e outorgava uma beleza mais angélica, uma expressão que não tinha visto até o momento. Estaria interessada em Alaister? Já não necessitava um pai para escapar de um matrimônio forçado. Então se sentia verdadeiramente atraída por ele? O certo é que era um homem de aparência agradável, de bom porte e gentil aspecto, além de possuir uma linhagem nobre e uma deliciosa educação. Um bom partido sem lugar a dúvidas, era isso o que Cora Campbell ambicionava, ou ao homem como tal? Qualquer que fora a resposta, descobri, não sem certo desassossego, que me desgostava.

Alaister disse algo que ocasionou a risada das mulheres. De repente, ver Cora rindo provocou em mim uma incômoda pontada de ciúmes por não ser eu o causador disso. Repreendi-me duramente por ser néscio. Santo Deus, essa mulher me odiava! E, com toda a razão do mundo. Além disso, meu trato não fazia nada a não ser fomentar seu rancor por mim. Entretanto, por que acreditava descobrir em alguns de seus olhares um franco e admirado interesse por minha pessoa? Sem dúvida, devia ser minha vaidade que via o que não existia, embora não estivesse acostumado a equivocar-me no que se referia a mulheres.

Resultava fácil comprovar como reagiam a meus encantos ou a só minha presença. Não me considerava de verdade um sedutor, pois pouco tinha que me esforçar para as atrair a minha cama. Segundo minhas apaixonadas sarracenas, minha aparência escura e perigosa, minha atitude e esse ar misterioso que diziam que possuía as atraía como moscas

ao melaço. Fora como fosse, a arte da conquista retórica, os gestos românticos e a galanteria não formavam parte de minhas ferramentas para seduzir. Unicamente me aproximava, sorria briguento e, com tão somente um loquaz olhar ardente, penduravam-se a meu pescoço. Um homem sortudo, diziam alguns, os que não conheciam minha verdadeira história, como é natural.

Observar como Alaister subia em seu corcel e lhe oferecia galante a mão a Cora com um sorriso luminoso que ela correspondeu me incitou de novo. Ela acomodou-se atrás dele, e um músculo de minha mandíbula esticou quando rodeou com seus braços a cintura do guerreiro, pegando-se a suas costas.

De repente, nossos olhos se encontraram e, de novo, minha tolice me levou a ver nos seus um afetado interesse em minha pessoa. Quando Ayleen se aproximou do Zill e montou a sua vez detrás de mim, girei a cabeça para lhe sorrir. Não soube muito bem por que o fiz, ou melhor, me neguei a reconhecê-lo. Então, inesperadamente, ela se inclinou para frente e beijou minha bochecha.

— Ayleen...

— Por permitir dormir a seu lado, e agora te recline, grandalhão, não me deixa divisar o caminho.

— Encontro-me melhor — anunciei — possivelmente possa guiar meu cavalo.

— Nem pensar — resolveu ela determinante — deve te mover o menos possível para facilitar que a ferida sare.

Assenti e me reclinei sobre o pescoço do Zill, descobrindo ainda em mim a atenção de Cora, que mostrava um semblante sério e quase diria que aflito, não soube se comigo ou consigo mesma.

Partimos e comecei a encontrar-me mal.

A tarde deu passo a uma noite clara e limpa, dedilhada de resplandecentes pérolas, onde uma meia lua chapeava os campos iluminando convenientemente o atalho. Não fazia frio, não obstante, eu tremia. Tentei dormir ou, ao menos, me sumir em uma sonolência que afastasse a ardorosa dor que palpitava em meu flanco, mas era precisamente essa latente pulsação a que impossibilitava o sono.

Nada disse, embora, conforme passava a noite, meu mal-estar se agravou, até o ponto de rabiscar minha visão e aumentar o toco castanholas de meus dentes. Gemi enjoado e inchado. Ayleen posou a mão em meu ombro.

— Lean, encontra-te bem?

Não sei se consegui assentir, o que sim sabia era que não podia pronunciar palavra.

Ela deteve o cavalo e se inclinou sobre mim, pondo o dorso de sua mão sobre minha bochecha.

— Por todos os Santos, está ardendo!

Deu um grito avisando à patrulha que ia diante e chamou a seu irmão, que cavalgava atrás de nós.

Senti que umas mãos me desciam do cavalo. Tombaram-me sobre um manto e vários rostos se abateram sobre mim, não soube distingui-los.

— Mãe?

— Está delirando. Terá que baixar a febre como é, dispam.

Sacudiram-me, tirando de mim. Quis resistir, mas descobri que nem sequer era capaz de mover um dedo. Só me ouvi mesmo gemendo dolorido até que as silhuetas que tinha em cima começaram a apagar-se por completo.

Pisquei confuso.

Amanhecia. Olhei em redor. Todos dormiam.

Tinham aceso um fogo que ainda crepitava, embora já moribundo. Eu estava coberto por uma manta, tão somente com as calças como única indumentária, com um pano úmido sobre a frente e uma coceira molesta na ferida de meu flanco.

Uma mão pousou no pano e o pressionou ligeiramente. Olhei para cima e descobri a Cora velando meus sonhos.

— Tenho... se... sede — consegui articular.

A mulher aproximou o odre e o inclinou sobre meus lábios. O transparente líquido teve sabor de glória e, embora boa parte se derramasse pelas comissuras de meus lábios, agradei-o.

Mais reconfortado e espaçoso, descobri Ayleen dormindo perto de onde eu estava.

— Esteve toda a noite a seu lado, ofereci-me a substituí-la para que descansasse um pouco — explicou Cora, justificando seus cuidados.

— Dói-me muito a ferida do flanco.

— Estava supurando, daí sua febre alta. Ayleen teve que abrir para limpá-la bem, ela mesma costurou e pôs um emplastro de umas ervas estranhas que leva em seus alforjas. Disse que teria que sair a procurar mais.

— Sempre se deu bem em curar, possui um grande conhecimento sobre ervas medicinais, além de uma empatia que certamente outorga mais cura que as mesmas que usa.

— É possível, mas em seu caso não é só empatia.

— Sente certa inclinação por mim, não encontrará paciente com mais tendência aos padres que eu. Já de menina...

Detive-me quando percebi em Cora um deixo incômodo. Na verdade, nada lhe importava minha conversação, muito menos minhas histórias. Simplesmente não se encontrava a gosto em minha companhia. Proibiu-se cercar o mínimo trato cordial e, embora reconheci que me tinha ganho isso de sobra, não pude evitar sentir-me contrariado e molesto.

— Pode ir dormir, encontro-me melhor. Deixe-me a sós com meus pensamentos, não a necessito.

Essa última observação fê-la esticar a mandíbula e acendeu seu olhar com algo que se assemelhava à ofensa.

— Como deseja, — resmungou enrijecida — sem dúvida encontra-se melhor para desdenhar minha presença, como sempre.

Afastou-se de meu lado ofuscada e se deitou frente ao fogo, de costas a mim.

Por que lhe incomodava minha frieza? Acaso não tinha mostrado desagrado ante minha distendida loquacidade anterior? Minha clarividência quanto ao comportamento feminino com ela perdia todo seu poder. Que me crucificassem se a entendia!

Não pude conciliar o sonho de novo, assim contemplei pensativo como as sombras noturnas se escapuliam ligeiras ante o avanço da luz, como se fossem presas encurraladas por um voraz depredador, ocultando-se nos rincões e brincando de correr atrás de cada matagal, sabendo-se capturadas sem remédio.

Os homens começaram a despertar e a bocejar. Quase imediatamente, Ayleen foi a meu lado me olhando com funda preocupação, comprovando minha temperatura com a palma de sua mão em minha bochecha.

— Baixou-te a febre, louvado seja Deus. Mas tem que beber muita água e comer algo, entendido?

— Outra vez esse seu pão condenado? Cura-me para me torturar?

Ayleen sorriu, embora conseguiu compor uma careta carrancuda.

— Possivelmente consiga alguma lebre que trate com atenção seu delicioso paladar, enquanto isso, espero que “nosso queijo” seja de seu agrado.

— Quanto à água...

— Nem pigarreie, ou vai direto a uma ravina — ameaçou severa.

Sorri e neguei veementemente com a cabeça.

— Não sei se seria pior que esse pão.

Inclinou-se, tirou-me o tecido úmido e depositou um beijo em minha frente.

— Dar-te-ei com o pão na cabeça se segue te queixando.

— Atinaste com a ameaça perfeita.

Ayleen rio abertamente e de novo se inclinou para beijar minha bochecha. Ante tanta amostra de afeto por sua parte, compreendi o que ela havia dito com antecedência, que não se podia controlar o que nascia no peito de outra pessoa. Possivelmente não, mas meu trato afável e brincalhão com ela obviamente alimentava esse sentimento. Teria que tomar distância para evitar que sofresse quando partisse para o Skye para não retornar jamais. Reconheci que, em tão pouco tempo desde nosso reencontro, todo o afeto que professava de menino tinha retornado e, em honra a ele e a grande mulher em que se converteu, devia protegê-la de tudo, mas fundamentalmente de mim.

CAPÍTULO 18

O poder da água

Recortada contra um intenso céu azul, a imponente Buachaille Etive, a grande montanha piramidal que coroava a garganta do rio Etive, elevava-se majestosa sobre o grandioso vale que se estendia a seus pés. Estava rodeada pelos sinuosos afluentes do rio, que descendiam ruidosos entre o pedregoso terreno, em determinados lances saltavam pequenas e joviais cascatas de rocha em rocha, e desembocavam em íntimas lacunas que convidavam a inundar-se nelas. Acreditando estar no paraíso, esqueci por um momento que me perseguiam demônios.

A beleza do lugar resultava subjugadora, quase mágica e irreal, e possivelmente isso foi o que esquentou os ânimos de meus homens, suavizando a tensão e inclusive animando a camaradagem.

Tínhamos acampado na ribeira do Etive e, me encontrando mais restabelecido, mas ainda impedido para sair de caça, tinha insistido em dar de comer ao Sahin de minha própria mão o que caçavam meus homens. Enquanto o fazia, sussurrava-lhe em árabe com timbre meloso, olhando-o aos olhos. Em mais de uma ocasião, Cora se tinha detido a observar meu singular ritual diário, como cativada não soube se por minha firmeza, por meu tom ou por meu falcão.

Já que podia caminhar, e aproveitando que todos dormiam depois da comida e caía a tarde, decidi tomar um banho em uma daquelas tentadoras lacunas. Em Sevilha estava acostumado ir com assiduidade ao único hammam¹⁶ clandestino que havia no bairro da Santa Cruz, pois os tinham fechado todos. O banho em questão estava camuflado sabiamente no porão de um lupanar, só aberto a clientes exclusivos, ou como em meu caso, que ofereci meus serviços de amparo em troca só de utilizá-lo. Entretanto, nunca esqueceria meus momentos de refúgio naquelas fumegantes salas em torno da cisterna principal, onde a decoração mudéjar, a penumbra e o silêncio arrastavam-se longe da realidade e do próprio corpo, inclusive.

A água era um elemento imprescindível para mim. Inundar-me nela era como entrar em outro mundo, desencardia-me, aliviava minhas inquietações e instigava meu ânimo.

¹⁶ Estabelecimento de banho

Exercia sobre mim uma poderosa atração quase convertida em necessidade, como se eu lhe pertencesse. Possivelmente aquele dia em que, de menino, decidi entregar minha vida ao oceano, embora me rechaçou, ficou com parte de minha alma. Possivelmente essa paz que senti quando acreditei que a morte me levava tinha impregnado fundo em minha mente e continuava procurando-a. Possivelmente o que na verdade desejava era voltar a sentir a minha mãe, pois nunca tinha podido esquecer essa frase que havia sussurado em minha mente: “Ainda não”. “Talvez logo”, disse-me.

Depois do penhasco, ouvi com clareza o arrulho de uma cascata e, como se fora um canto de sereia, meus pés rodearam aquele rochedo revestido de musgo, abraçado por arbustos de disco e algum zimbro silvestre, até encontrar a entrada à escondida lacuna.

Envolta de matagais altos e uma parede de rocha recoberta de hera, uma poça oculta se abriu a meus olhos, chamando a descobrir seus profundos segredos aquáticos.

Despi-me devagar e me aproximei da borda. Na rocha se abriam pequenas covas perfuradas nela, cobertas por uma fina cortina de água que velava seu interior escuro. Samambaias espessas e de considerável tamanho cobriam o leito daquele privado reduto que a natureza tinha criado para seu desfrute.

Aproximei-me da borda da poça e olhei através da antiga água o fundo pedregoso. Lancei-me dentro exalando um gemido gostoso apesar de que seu frescor me esfaqueou a pele.

Não era muito ampla, com o que em poucas braçadas a percorri de parte para parte, notando a tensão na ferida do flanco e na das costas. Nadei até onde a cascata beijava a água e me pus debaixo daquela suave corrente líquida. Naquela parte não cobria, e pude me colocar em uns degraus rochosos para me erguer e esfregar meu cabelo e minha cara. A sensação era tão prazenteira que inclusive gemi saboreando o fino pano de fundo de água que acariciava minha pele. Com o rosto elevado, deixei que todo meu corpo se relaxasse e fechei os olhos me esquecendo do mundo.

Não sei quanto tempo passei assim, até que um barulhinho me alertou e abri as pálpebras sobressaltado.

Frente a mim, Cora Campbell, por completo nua, introduzia-se cuidadosamente na água com os olhos fixos em mim.

Uma serpente invisível rastejou por meu ventre, encolhendo-o, senti o bater das asas de uma mariposa acariciando meu peito e como meu coração se agitava acelerado. Não soube o que esperar, nem que demônios pretendia, só fui consciente da dureza que se

elevava faminta entre minhas pernas e de que aquele olhar esmeralda despertava mais ao leão que já rugia dentro de mim que só a visão daquele formoso corpo.

Permaneci imóvel com o pulso acelerado, sustentando seu olhar enquanto a mulher parecia nadar sem que a preocupasse ou a envergonhasse minha presença.

Tão segura se considerava que inclusive ficou de barriga para cima, com as mãos estendidas, flutuando sobre a superfície quieta e me mostrando toda sua tentadora nudez. Seus viçosos e níveos peitos apareciam da água, luzindo uns mamilos erguidos e rosados que nublaram meu entendimento ante o voraz impulso de me lançar a devorá-los. Seu esbelto corpo recortado contra a escuridão do fundo ferrou meu desejo como nunca. Vislumbrei um triângulo acobreado no vértice de suas pernas que prendeu meu desejo com a virulência de uma faísca em um ninho de isca. Meus testículos se encolheram pegando-se a meu corpo, dispostos para uma possível descarrega, e meu pênis palpitou com ofegante desespero.

A mulher deu a volta na água e nadou para mim. Todo meu corpo se esticou. Quando chegou ao degrau onde eu me encontrava, a tão somente um palmo de mim, ergueu-se desfrutando daquela cortina de água. Senti-me desfalecer, submetido por intensas quebras de onda de incontrolável luxúria. Acredito que jamais tinha estado exposto a uma prova tão dura, e isso que me considerava um homem que controlava ferreamente todos os apetites. Olhei-a franzindo o cenho, ardendo por dentro e aguardando com muita dificuldade uma reação por sua parte.

Mas ela se limitou a me ignorar, fechando os olhos como eu tinha feito apenas uns momentos antes, desfrutando da água que percorria sua pele. Devorei visualmente cada rincão de seu corpo recoberto de gotas perladas, que eu desejava beber.

— Têm acaso uma ligeira ideia do perigo que corre?

Ela abriu os olhos e me sorriu despreocupada.

— Não, acredito recordar que você não gosta das gatas, e eu menos que as demais. Já demonstrara sua indiferença ante minha nudez.

— Acredito que demonstrei algo que se afasta muito da indiferença.

— Recorra a esse recurso então, eu irei em seguida e poderá dar rédea solta a sua lascívia.

Fulminei-a com o olhar, mas seus lábios estavam tão condenadamente perto que tremi de desejo.

— Por que vêm me provocar?

— Só queria um banho e, como você, aproveitei que todos dormiam. Além disso, ter comprovado que é inofensivo me animou a compartilhar esta poça.

— Dá muitas coisas por feito, pequena harpia. O que eu vejo é que me tenta de novo, me pondo a prova, tanto me deseja?

Cora entreabriu furiosa os olhos e se encarou para mim.

— Tão pouco como você a mim.

— Isso pensa?

Assentiu terminante, e esse simples gesto desfez o débil laço de minha contenção.

Agarrei-a pelos ombros com veemência e a aproximei de mim, cravando nela um olhar penetrante em que deixei brotar o fogo que me consumia.

Senti-a tremente quando a apertei em meu abraço. Seu corpo apertado ao meu me saturava de desejo. Tomei sua boca com posse aproveitando seu desconcerto e a beijei com impetuosa paixão, mostrando quanto se equivocava.

Ela gemeu afligida por minha intensidade. Aquele débil fôlego surpreso bastou para me introduzir no úmido interior de sua boca procurando sua língua, grunhindo nela, derrubando toda minha fome, como um esfomeado depredador sobre sua presa.

Cora se deixou fazer e aquela indolência me enlouqueceu. Acaricieei seu sinuoso contorno, delineando seus quadris, deslocando minhas mãos para suas turgentes e sedosas nádegas. As cobri e segurei contra minha dureza, que clamava desesperadamente por seu úmido e estreito refúgio. Santo Deus, só imaginar que podia tomá-la neste instante me devastava! Ansiava tanto me afundar nela, apoderar-me não só de seu corpo, mas também de cada um de seus sentidos... excedia-me voltando um menino desajeitado e impaciente. Mas quando ela começou a devolver meus beijos, testando tímida seu avanço, roçando sua língua com a minha, rebolando lasciva contra mim, soube que se não tomava perderia o julgamento irremediavelmente.

Elevei-a sem deixar de beijá-la e, com suas pernas em torno de meus quadris, introduzi-me na água, com ela empoleirada a meu corpo. Suas mãos agarraram grossas mechas de meu comprido cabelo negro enquanto me beijava com o mesmo ardor que eu lhe oferecia. Mordisquei seus lábios, seu queixo, seu pescoço, gemendo faminto. Ela arqueou as costas para trás me oferecendo seus seios e os devorei com absoluta devoção, com cuidado, saboreando-os com delírio.

Com a água pela cintura, deixamo-nos levar por uma paixão desmedida, candente, escura e densa que fazia borbulhar nosso sangue e o convertia em lava. A ponta de meu

falo roçava sua exposta e cálida abertura, eu já não podia esperar mais. Deslizei a mão para seu sexo para prepará-lo com hábeis e precisas carícias, mas então ela se enrijeceu rechaçando o contato e fez gesto de apartar-se de mim. Deixei de beijá-la e a olhei aos olhos confuso.

— Solte-me!

Completamente aturdido e desconcertado, franzi o cenho assimilando aquela ordem, que não pude cumprir.

— Deseja-o tanto como eu — espetei com a voz enrouquecida pelo desejo.

— Não... não sei o que me passou... Eu... vi-te aí, nu sob a cascata... não sei... o que passou por minha cabeça. Mas isto é uma completa loucura, você me odeia e eu a ti.

Aquela última afirmação conseguiu que acessasse a seu pedido.

Soltei-a ofegante e furioso. Odiava-me, sim, mas eu não a ela. E, por muito que o desejo queimasse minhas vísceras, jurei-me não voltar a tocá-la.

— Vá então, e nunca mais volte a me provocar, porque juro Por Deus que não voltarei a me deter! — Adverti-lhe com dureza.

Aquilo era tão somente uma ameaça, jamais seria capaz de forçar a uma mulher, eu mis do que ninguém, mas rezei para que sortisse o efeito procurado.

Cora me olhou confusa e nervosa. Trêmula, compôs uma careta envergonhada, seu queixo estremeceu ao bordo do pranto. Suas bochechas ainda acesas e seus lábios inflamados me tentaram a beijá-la de novo, apertei os punhos e desviei a vista. Por último, afastou-se nadando. Saiu do lago e se vestiu apressadamente, para abandonar as pressas aquele reduto paradisíaco, única testemunha de nosso feroso e truncado encontro.

Demorei um longo momento em me acalmar e em deixar de amaldiçoar. Era a primeira vez que me rechaçavam, que uma mulher pedia para sair de meus braços. E essa sensação não só me resultava frustrante, além de humilhante, mas também senti como esse desprezo se cravava em meu peito quase como uma afronta. E que fazia com o desejo que ondulava dolorosamente insatisfeito por todo meu corpo, com essa corrente de fogo que ainda percorria minhas veias?

Bufei exasperado e iracundo e comecei a nadar para tratar de liberar parte da tensão que me imprensava. Uma e outra vez, cruzei o circular lago até que me esgotei o suficiente para sair dele. Ainda ardia, assim que tombei de barriga para cima na herbosa ribeira, sobre suaves samambaias, ofegante e ofuscado. Prometi-me que me afastaria de Cora Campbell quanto pudesse. Já tinha decidido deixá-la no Dumbarton e que ela decidisse o

rumo que devia seguir. Mas enquanto isso deveria me esforçar em ignorá-la e mastigar como pudesse o despeito recebido. Só rogava não ter que sofrer um novo assédio por parte dela, porque esta vez seria eu quem recordaria que me odiava.

Respirei fundo e procurei me distanciar de todas minhas inquietações para recuperar a paz que aquele lugar tinha devotado antes que ela aparecesse. Entretanto, o verdor das samambaias recordava a cor de seus olhos, e a suavidade de suas folhas, a de sua pele. Amaldiçoei de novo e me pus em pé. Dificilmente encontraria paz naquela poça. Recolhi minhas roupas, abandonando a privacidade daquela mística paragem protegida por uma parede de rocha que o fechava ao vale.

Quando retornei ao claro, com a camisa, o espartilho e meu cinto na mão, recebi o acusador olhar de todos os presentes, que lançavam clandestinos olhares também a Cora, que, sob um manto, tentava secar sua larga cabeleira junto ao fogo. Alaister estava a seu lado e parecia consolá-la. Só Dante me sorriu, inclusive se permitiu me piscar um olho, o muito vagabundo.

Ayleen se aproximou de mim, agarrou-me do braço e levou-me a um extremo do acampamento.

— Já que não leva a camisa posta, deixa que jogue uma olhada a suas feridas.

Assenti e me sentei no chão, dando-lhe as costas.

— Por que diabos me olham todos assim?

— Faz um momento chegou empapada e, quando se sentou tremendo junto ao fogo, pôs-se a chorar. Alaister perguntou o que ocorria e a cobriu com seu manto, mas ela insistiu em que não acontecia nada. E, agora, chega você da mesma guisa, com semblante antissocial e olhar ofuscado. Resulta óbvio que algo passou entre vós.

— Não posso acreditar que pensem que tentei algo com ela.

— E mais quando faz bem pouco enfrentou ao Irvin por mim.

— Com o qual acreditam que sou um hipócrita e um miserável.

— Algo assim — confirmou Ayleen.

Soprei indignado e observei a meus homens, que mexericavam como velhos periquitos em soterrados sussurros.

— Pois não é certo, não pretendi forçá-la. Só me estava dando um banho na poça que há oculta naquele penhasco quando ela apareceu. Eu estava nu, surpreendida, imaginando que se assustou e saiu correndo. É uma dama da corte, impressiona-se com facilidade.

Não pensava malograr a reputação de Cora nem deixar em evidência sua dignidade, como tampouco pensava revelar que a desejava e que seu rancor para mim em certa forma me desgostava mais do que estava disposto a admitir.

— Acreditei que já te havia visto nu, para assustar-se assim...

— Minhas feitura impressionam, acredite.

Girei-me para sorrir vaidoso, Ayleen pôs os olhos em branco e bufou zombadora. Apalpou os arredores da ferida de minhas costas e acariciou o contorno da brecha do flanco.

— Sua capacidade curativa é impressionante. Cicatriza maravilhosamente bem.

— É um elogio?

— Não, isso você faz sozinho com perfeição.

Deu-me uma palmada no ombro e estalou a língua.

— Mesmo assim, vou lubrificar-te com graxa de mula para baixar a inflamação.

Levantou-se para dirigir-se a seu cavalo e tirou de seus alforjas um pote de barro. Enquanto a observava, senti uns olhos sobre mim. Cora desviou a vista ao saber-se surpreendida e suas bochechas se ruborizaram. Ter compartilhado com ela tão apaixonada intimidade, ter provado seu sabor, acariciado seu corpo e vislumbrado a fogosidade que palpitava dentro dela tinha despertado em mim uma necessidade que antes me gabava de controlar, e que, entretanto, agora ferroava insidiosa com um desejo tão entristecedor que o atribuí ao desejo insatisfeito. Tinha que fazer algo com isso, possivelmente aliviando-me fosse mais fácil esquecer aquele episódio.

Ayleen retornou, ficou detrás de mim de joelhos e lubrificou a graxa sobre a ferida em delicados círculos. Logo, e sem saber muito bem o motivo, pareceu massagear todas minhas costas, acariciando com suas mãos toda sua extensão.

— Por que não tatuou também as costas?

— Não estou acostumado a olhá-la.

— Mas outros sim.

— Não me tatuei para outros.

De repente ela me abraçou por detrás e beijou a curva de meu pescoço. Estremeci-me. Deixei que suas mãos percorressem os símbolos de meu peito, meus ombros e meus braços.

— Resultam tão fascinantes...

— Tenho frio, posso pôr a camisa já?

— Oferece uma imagem tão formidável sem ela que estou tentada a negar isso.

Ayleen se separou de mim quase com pesar, incorporou-se e deteve-se a me observar. Pus-me em pé e terminei de vestir-me ante seu atento e resplandecente olhar, que brilhava admirada, como absorvendo minha imagem.

— Se eu te surpreendesse nessa poça, acredite, você teria se assustado.

Sua descarada confissão, tão adúladora, por outra parte, fez-me repensar minha decisão de não me envolver carnalmente com ela. Se não tivesse os sentimentos, não teria duvidado em tomá-la. Mas tinha, e seu interesse em mim crescia com o passo dos dias.

Retornamos à fogueira e nos sentamos em torno do fogo. Evitei olhar a Cora e atuei com absoluta normalidade, fingindo ignorar as olhadas clandestinas e curiosas dos homens.

— Comamos algo e continuemos — decidi taciturno — é melhor e mais seguro viajar de noite.

— Hoje precisamente não será uma boa ideia — rebateu Ayleen.

Os homens se olharam entre si e assentiram.

— E posso saber por quê?

— Porque esta noite se celebra Beltane, — respondeu ela — e se nos topamos com alguma aldeia é mais que provável que acendam fogueiras e o festejem até bem entrado o amanhecer.

— Não vejo problema, estarão muito ocupados com seus rituais pagãos para reparar na sombra de uns cavaleiros. Além disso, ainda não tem cansado a noite e podemos avançar um bom trecho. Sempre podemos nos ocultar e nos esconder se divisarmos um desses festejos.

— O que sugere vós?

Cravei meu olhar no Malcom, que se limitou a assentir conforme. Depois da aprovação do capitão do Duart, o resto dos homens, Gowan, Irvin, Duncan e Rosston, concordaram com o plano, como se na verdade fora a Malcom o único que estavam dispostos a obedecer. Alaister também se dispôs daquele sutil, mas evidente gesto e me contemplou preocupado.

— Partindo!

Pus-me em pé ofuscado e impaciente, lançando a Cora um olhar rancoroso e duro. Ela baixou os olhos, afetada.

Quão último precisava era perder o respeito de meus homens por algo que não tinha feito e muito menos provocado.

Quando dirigia a meu cavalo, Ayleen me seguiu com a intenção de continuar montando comigo, agarrei as rédeas e a esperei.

— Já posso montar sozinho, será melhor que Montes seu alazão. Zill suportou muitos dias o peso de duas pessoas.

Não sei se foi meu tom duro ou minha decisão o que fez aumentar a dor nos olhos.

— Como quer, está claro que já não me necessita.

— Agradeço seus cuidados — proferi.

— Espero que não volte a necessitá-los, pois pensarei muito antes de oferecer isso de novo, já que te importa mais o bem-estar do Zill que minhas insônias.

— Não queria... — comecei arrependido.

— Não se preocupe, Lean, fica claro que, além de adorável, sou estúpida.

— Ayleen...

— Decidiste afastar qualquer apego, qualquer complicação, te centrando unicamente em sua vingança. Parece-me muito bem, não serei eu quem te detenha, nem quem ate a nenhum tipo de compromisso. Sou uma alma livre, sempre o fui e, entretanto, entreguei minha liberdade por te acompanhar e ajudar em sua missão, plenamente consciente de que depois partiria para muito longe. Assim, seus tratamentos são desnecessários, pois sei ao que esperar, não obstante, não é o único que toma decisões. E de todas as ilusões, sei que jamais se cumprirão albergue uma pela que lutarei.

Deu-se a volta rígida e se afastou instigada.

Apesar de me sentir mal por havê-la aborrecido, soube que era melhor assim.

Enquanto montava sobre meu cavalo, pensei no peculiar de minha situação com aquelas duas mulheres. Por motivos radicalmente opostos, devia me afastar delas, pelo bem dos três.

Mas e o que faria eu com o desejo que ainda borbulhava em minhas veias? Com a sensação de sentir-me prisioneiro de emoções que até então não conhecia, como me sentir

atraído por alguém que me odiava? Ou, pelo contrário, me sentir em dívida com uma mulher que tinha entregado seu mais prezado dom, sua liberdade, por me ajudar? O que era o que na verdade procurava Ayleen de mim? Com o que se conformava? Era uma jovem formosa, inteligente, valorosa e de bom coração. Um delicioso compêndio de virtudes. Uma jovem a que devia não só multidão de curas e fôlegos, mas sim também me tinha ajudado com suas fantasias a me evadir de um mundo cruel, me resgatando assim da loucura. Devia-lhe tantas coisas que ninguém merecia mais que a protegesse de mim. E era tão condenadamente difícil me mostrar duro e frio com ela, quando em sua companhia me fazia sentir tão bem... Era uma sensação de conexão a um nível mais complexo, mais profundo, inclusive nos entendíamos em nossos silêncios. Um simples olhar bastava para nos comunicar. E sua companhia me reconfortava de uma maneira que não saberia explicar, como se me conhecesse inclusive mais que eu mesmo. Era então justo que, tentando protege-la de um possível dano, ferisse-a mais? Se em realidade assumia que eu era um homem que nada podia oferecer, um homem sem futuro, que partiria longe se conseguia sair com vida deste país e, mesmo assim, desejava ir para cama comigo, por que não o fazer?

Essa pergunta ocupou minha mente todo o trajeto. Por que resistia a seus encantos? Supus então que porque meu afeto sempre tinha sido um apego de irmandade, familiar, quase consanguíneo. Porque em minha mente os adotei a ela e a seu gêmeo como irmãos, derrubando em ambos todos esses sentimentos puros que não pude derrubar em meu meio irmão Hector. Carente de laços familiares reais, eles dois, junto com seu pai, tinham sido a única família a considerar de algum modo.

Pensei naquela resposta como a mais provável, e me teria convencido de que, além disso, era a única se meus olhos não procurassem inconscientemente uma maldita cabeleira vermelha.

Ia diante de mim, e o bamboleio do cavalo movia ritmicamente seu grácil corpo em uma dança que elevava suas nádegas em pequenas sacudidas, que esticavam minha dignidade, imaginando-a cavalgar outra coisa. O fato de que seus braços rodeassem a cintura do Alaister e a amargura que esse gesto me inspirava despertaram todos meus alarmes. Tanto poder tinha o despeito? Era verdadeiramente o rechaço o que redobrava as ânsias de conquista? O demonstrar a meu orgulho varonil que poderia vencer sua resistência com insistência? Não, disse-me, isso suporia melhor o efeito contrário. A meu modo de ver, perseguir uma mulher se assemelhava a uma rendição, a perder a dignidade. De qualquer maneira, essa mulher não me interessava. Em realidade, era a menos indicada do mundo para sucumbir a prazeres carnavais. Seguro que seria como uma viúva negra, esfolar-me-ia vivo enquanto dormisse plácido a seu lado detrás agradá-la. E, mesmo

assim, rememorava uma e outra vez seu corpo nu flutuando nas cristalinas águas daquela poça, incendiando meu ânimo e enfurecendo meu gênio.

As sombras do pedregoso páramo começaram a alargar-se como escuras e fugidias jubas depois do acobreado círculo que descendia adormecido entre as altas cúpulas, levando seu dourado halo a seu oculto leito. Observei uma crescente lua ainda em um céu luminoso, aguardando paciente ocupar seu trono. E essa espera se encheu de cores confusas, misturados em fios em um céu limpo. Púrpuras, rosados, ocre e amarelos se entreteciam naquela prodigiosa tapeçaria celeste, tingindo o entorno de uma beleza singular.

Embebi-me do ocaso, saboreando a magnificência de uma morte cíclica seguida de um nascimento. Nada condensava mais o significado da vida que uma alvorada ou um anoitecer. Igualmente morria o presente em cada instante vivido, mas ao tempo nascia um futuro de algo por viver.

Quando posei meu olhar de novo no caminho, descobri Cora observando também o firmamento com expressão sonhadora. E, então, gostei muito desse perfil elevado, desse gesto entregue e desse sorriso subjugado recortado contra um tecido inigualável. Demorei mais do que devido em reprimir-me tal fraqueza, mas consegui endurecer o gesto e, sobretudo, desviar o olhar.

A noite começou a fechar-se sobre nós.

Mais à frente, uns luminosos pontos se moviam de um lado a outro, percorrendo a alta sombra do que pareciam menhires¹⁷. Não eram fogos fátuos¹⁸, nem um engano de meus cansados olhos, pois não percebi um tom azulado neles, a não ser alaranjado. Eram tochas que dançavam entre as erguidas e ancestrais pedras. Soube que se tratava de um desses círculos de pedras mágicos onde os antigos celtas adoravam a seus deuses e que tantas lendas ocultavam.

Ayleen não olhava ao céu, a não ser para esse lugar, e seu olhar era igualmente sonhadora como Cora momentos antes.

¹⁷ Consiste em uma pedra geralmente alongada, áspera ou minimamente esculpida, colocada verticalmente e com o fundo enterrado no chão para evitar que caia.

¹⁸ Fogo-fátuo é uma luz azulada que pode ser avistada em pântanos, brejos etc

CAPÍTULO 19

Uma máscara no fogo brilhante

Decidimos nos esconder em um pinar para passar a noite, aguardando o dia e a finalização da celebração ao deus do fogo.

Beltane era a celebração celta que comemorava uma mudança de época, de ritmo. Era a boa-vinda ao verão, um rito pagão ainda muito enraizado sobretudo em aldeias perdidas como aquela, no que se aproveitava para pedir a bênção para suas terras e seus gados. Também se celebrava, entretanto, o despertar da sexualidade do jovem deus e a deusa mãe. Era um dia que se tratava com atenção com toda classe de ritos a fertilidade que propiciavam os jovens casais copulando essa noite, depois de saltar as brasas e dançar desinibidos ao redor do fogo. Era uma das noites mais mágicas do ano, onde os feitiços tinham mais poder e os desejos mais alcance. Uma noite onde acampavam livremente toda classe de criaturas sobrenaturais, bruxas, elfos, fadas e duendes. A gente mais supersticiosa que condenava o paganismo se protegia cobrindo de sal a entrada de suas casas e estábulos, certamente sem ser de tudo conscientes de que tão singular procedimento era tão pagão como aquilo que condenavam.

Depois de dar boa conta de um jantar frugal e frio, amassei-me em minha capa e cobri com meu manto ao pé de um frondoso pinheiro, sobre um leito de agulhas que sufocavam a gelidez do gramado, obrigando-me a não emprestar atenção a nenhuma das duas mulheres que ultimamente tanto ocupavam minha mente. Entretanto, Ayleen sim dedicou-me parte de sua atenção, oferecendo seu odre de aguardente para esquentar meu estômago, embora sem mediar palavra e sem me olhar.

Pelo que sim dispus-me foi das conversações sussurradas que estavam acostumados a manter Gowan e Irvin, uma amizade que causava certo desassossego em função das clandestinas olhadas que recebia deles de vez em quando.

Fechei os olhos e deixei-me levar pelo torpor. Não obstante, não foi escuridão o que me trouxe o sonho, a não ser uns titilantes resplendores...

... O ulular das corujas e o suave rangido do bosque sob meus pés era quanto ouvia. O azulado que pendia sobre a neblina noturna, opacando uns resplendores dourados, era quanto via. E, embora em meu foro interno uma voz ominosa me gritava que desse meia volta e retornasse, a temerária curiosidade impulsionava meus passos reforçando meu valor.

Aquela noite, e após esconder-me de outro castigo, ninguém tinha me encontrado. Por sorte, o escarpado estava repleto de vazios e esconderijos onde me refugiei, inclusive noites inteiras. À manhã seguinte, esfomeado e transido, retornava em busca do calor da Anna, que me alimentava e me consolava. Já não chorava em seus braços, fazia tempo que não o fazia nem sequer a sós. Possivelmente minhas lágrimas se esgotaram, ou possivelmente tinha terminado entendendo que, ao não contribuir com distração, eram inúteis e debilitavam. Minhas necessidades básicas era de quanto me ocupava, bom... disso e de sobreviver.

Muitas vezes tinha tentado fugir, não eram poucas as ocasiões em que tinha chegado correndo à baía do Craignure, em plena noite, procurando um birlinn para escapar daquela maldita ilha a golpe de remo. Mas, assim que me afastava da borda, detinha-me, olhava a costa e pensava que, se me afastava de minhas origens e morria em qualquer terra estranha, minha mãe não viria por mim, pensava que aquele era meu lugar, convertido em um inferno, mas um inferno ao que pertencia e que não abandonaria por muito que mordessem aqueles demônios. Entretanto, aquela noite precisava escapar, me provar a mim mesmo até onde era capaz de chegar e, enquanto corria entre a espessura do bosque, enquanto atravessava os rochosos páramos, aquelas hipnóticas luzes chamaram minha atenção.

Conforme me aproximava, comprovei que esses resplendores saíam do interior da ampla abertura de uma cova entre dois penhascos. Também me trouxe o vento uns cânticos estranhos estirados em espectrais lamentos que arrepiaram minha pele. Lutei contra o impulso de voltar, mas uma força imperante arrastou-me para aquele lugar.

O alaranjado e trêmulo resplendor de tochas iluminava a entrada e, como se exercessem algum feitiço hipnótico, entrei naquela caverna, pego a uma de suas paredes de rocha. Os cânticos foram mais manifestos, reverberando no eco se converteram em aterradores, e me aceleraram o pulso. Dispus-me de uma aresta na parede que sobressaía ascendendo e pensei que poderia me valer da plataforma se subisse por ela girando a curva daquela gruta, de modo que pudesse espreitar sem ser visto. Assim, encarapitei-me agilmente e escalei aferrando-me aquele saliente até conseguir me pôr em pé, apertado à parede. Avancei devagar, arrastando um pé e logo o outro, procurando apoio com os dedos das mãos em garras e espionando por cima do ombro. Pouco a pouco me aproximei da curva, comprovando que o saliente se alargava o suficiente para poder me colocar a gatas, e assim o dobrei.

Não sei o que esperava encontrar, mas sem dúvida não o que meus olhos viram.

A cova se abriu a uma sala ampla, onde um círculo de tochas sobre postes rodeava uma espécie de altar de pedra e, sobre ele, uma menina pequena atada e amordaçada. Uma figura encapuzada elevava os braços, em uma de suas mãos levava uma adaga, uma adaga que reconheci de sobra, como reconheci já à perfeição a feminina e rasgada voz que continuava cantando um pouco parecido a salmos enfebrecidos. Era uma ladainha diabólica em uma língua que não conhecia. O terror me sobressaltou, mas não por mim, mas sim por aquela criatura que se agitava presa do pavor. Outras duas figuras cobertas com capas e capuzes escuros contemplavam aquele rito macabro, que logo se converteria em sacrifício.

Imediatamente, retrocedi, apressadamente e, embora equilibrasse de forma perigosa, consegui sair da cova. Com o coração galopando com violência em meu peito, percorri os arredores daquele penhasco e ao fim localizei o que procurava: seus cavalos.

Desatei as rédeas do corcel da Lorna e o conduzi à cova.

No trajeto, recolhi pedras e paus que meti nas alforjas da cadeira e, quando cheguei à abertura, entrei apenas o suficiente para gritar com tanta força que o cavalo se encabitou assustado e relinchou, somando seu alvoroço ao meu. O eco ressonou tétrico por tudo o vazio, como se fora o anúncio de um dos cavaleiros do apocalipse. Imediatamente agitei as rédeas, aderindo meus esqueléticos joelhos aos flancos do cavalo para me estabilizar, já que meus pés não chegavam bem aos estribos, e dirigi com estupidez ao animal até a espessura do carvalho que havia em frente para me ocultar. Não demorou em aparecer um dos homens encapuzados. Apesar do negrume que ocultava seu rosto, distingi uma barba reconhecível. Apertei os dentes e inclinei-me, enrolando bem minha às rédeas. Continuando, extraí da alforja um punhado de pedras que comecei a lançar com todas minhas forças sobre ele. Depois de ouvir algumas maldições e gemidos, ajeitei ao cavalo e entrei no bosque, sorteando árvores e trocando de direção até me deter depois de uma colina e aguardar com o estômago encolhido.

Ouvi dar coices de cavalos e um acelerado galope afastando-se veloz. Afinei o ouvido atento a qualquer som alarmante, mas o silêncio reinou pesado e opressivo no bosque. Trêmulo e inquieto, decidi-me a sair, enfiando o cavalo para a entrada da cova. Antes de chegar ao claro, permaneci atento e temeroso até que meus nervos despontados me impacientaram o suficiente para entrar na caverna. Tinha a altura suficiente para fazê-lo no lombo do corcel e, assim, entrei naquela gruta ainda iluminada pelas tochas. O eco dos cascos do cavalo ressonou em meus ouvidos com a mesma intensidade que meus próprios batimentos do coração e, quando dobrei a curva, ambos os sons se detiveram paralisados.

A menina jazia inerte sobre aquela pedra plana, gotejavam fileiras de sangue para o chão da caverna, formando pequenos atoleiros. Seu jovem peito mostrava a barbárie sofrida, repetidas fendas negras e sangrentas se sobrepunham umas a outras, com sanha e urgência. Fechei os olhos

mortificado e furioso e afoguei um soluço seco antes de fazer retroceder a meu cavalo e sair daquele lugar maldito rapidamente.

Cavalguei toda a noite até chegar à costa norte e ali desmontei, aplaudi os quartos traseiros do animal respirando-o a afastar-se e me sentei em uma rocha frente ao mar.

Ninguém acreditaria, e confessá-lo me condenaria. Porque me conservava com vida era todo um mistério, certamente para não privar do prazer de me atormentar diariamente. Mas agora já sabia que era uma bruxa, que tinha poder e que, lá onde fora, encontrar-me-ia.

Embebi-me da madreperola que refulgia na espuma das ondas se chocando contra as rochas, do atalho de prata que a lua tecia sobre a superfície do oceano até perder-se no escuro horizonte, e desejei percorrer esse caminho para não retornar. Possivelmente mais à frente houvesse outro mundo, um mundo onde não existisse a maldade, um mundo novo, cheio de luz e bondades. Possivelmente.

Quis chorar por essa menina sem nome, possivelmente roubada a algum pescador do Craignure, mas não pude. Imaginei brincando de correr entre risadas por aquela nacarada vereda sobre as ondas, para o outro lado do horizonte, já longe do horror e o sofrimento, mas também de um futuro, do amor de seus pais e de uma vida plena. Eu, em troca, nada deixava, nada perdia, ninguém me aguardava. Tantas vezes a morte morava em meus pensamentos que me perguntei por que não rendia a ela. Por que seguir lutando? E, então, a imagem da noqueira que me viu nascer veio a minha mente, a árvore da vida, o Crann da Beatha, e soube que estava enraizado a ele, como se sua seiva percorresse minhas veias e meu sangue suas nervuras, como se um feitiço nos tivesse unido em um destino comum. Possivelmente por isso agora necessitava tão desesperadamente me abraçar a seu tronco, possivelmente ele choraria por mim liberando a opressão que oprimia meu peito e espremia meu coração. Só possivelmente...

Um pequeno impacto na frente despertou-me sobressaltado.

Ainda era noite e a lua estava alta, por isso, quando abri os olhos vislumbrei uma esbelta silhueta entre as árvores. Incorporei-me alarmado e peguei minha espada. De repente, algo golpeou com suavidade minha cabeça. Agarrei o objeto que caiu ao chão, era um pequeno abacaxi seco. Pus-me em pé, descobrindo inchado e confuso, pensando em despertar os outros, quando a grácil figura se adiantou me fazendo o gesto de guardar silêncio e de que a seguisse, antes de desaparecer entre os pinheiros.

Corri atrás dela entrando na espessura, em uma espécie de jogo estranho, seguindo-a curioso para onde queria me guiar. Chegou-me o suave murmúrio de uma risada feminina

e segui o escuro manto de uma larga cabeleira que dançava entre as árvores, pressupondo quem era quão jovem perseguia.

Por alguma razão, senti-me leve, alegre e despreocupado. Meus lábios se curvaram em um sorriso divertido, quase travesso, e meu ânimo brincalhão e excitado se fecundou de um entusiasmo pouco comum. Sorteava árvores como se aquilo fora uma brincadeira infantil, seguindo a essa jovem que se escondia depois dos troncos para me despistar chamando logo minha atenção sobre ela, incitando-me a apanhá-la.

Mas quando saímos no claro e vi o círculo de pedras sobre aquela colina com várias tochas iluminando-o, parei. A jovem, que já ascendia a colina, deteve-se ao ver minha indecisão.

Meus olhos se perderam nas lembranças daquele macabro rito, meus pés retrocederam, meu sorriso se apagou e meus olhos tornaram-se ausentes.

A mulher aproximou-se de mim, agarrou-me pela mão e demonstrou sentida saudades.

Pude vê-la melhor. Embora ainda em penumbra, adivinhava-se a escassez de sua roupa, com sua larga juba salpicada de folhas e flores, a coroa floral que a tocava e uma máscara estranha, como recortada da casca de uma árvore, adornada com folhas secas e bagos. Atirou em mim, arrancando-me de minha impavidez, e impeliu-me a subir atrás dela.

No centro daquela colina, várias mulheres dançavam semidesnudas, cobertas com gazes e véus, ocultando sua identidade com vistosas máscaras naturais. Algumas se abraçavam libidinosamente entre si, prodigalizando-se carícias atrevidas e sorrisos luxuriosos. Outra balançava um sahumero pulverizando uma espessa fumaça branca que se diluía em volutas em sua ascensão, como se fossem garras fantasmas que se estiravam para apanhar a lua. Mais à frente do rodal iluminado, justo entre as sombras, pude ouvir ofegos reveladores e vislumbrar alguma que outra sombra de corpos entregues a prazeres carnaís.

Duas mulheres se aproximaram de mim e rodearam-me. Ato seguido, começaram a passar suas mãos por meu corpo, esfregando-se insinuantes entre risadas alvoroçadas.

A misteriosa jovem se antepôs e se apartou com decisão, ressaltando nesse gesto que eu lhe pertencia. Por um momento me senti uma presa na guarida de um depredador que defendia sua captura da voracidade de seus congêneres.

De repente, a moça começou a cantar e todo meu corpo se esticou.

Mas aquele cântico era meloso, com claras notas celtas, uma dessas bênçãos pagãs convertidas em canções de berço que arrulhavam e cativavam por sua doçura. E isso fez, apanhar em sua melodia.

A mulher levou-me ao centro daquele círculo e, sem deixar de me olhar com intensidade, soltou-me e começou a dançar ante mim. Seus graciosos braços ondeavam, suas pernas giravam e saltavam movendo seu corpo em um ritmo acorde a sua canção. Meus olhos começaram a percorrer aquele esbelto corpo, reparando em sua peculiar indumentária. Tão somente levava umas folhas cobrindo seus seios, atadas as costas com uma corda e um pouco rudimentar, ocultando sua feminilidade em uma espécie de faixa de samambaias, juncos e flores, com tão débil teia que vislumbrei à perfeição a curvatura de suas nádegas e a suave pele de seus quadris. Aquela dança tão entregue e sensual ajudou a que aquele ripado se deslizesse para que visse mais do que já via.

Secou-me a garganta comprovar como ela mesma se acariciava enquanto lambia os lábios e girava lasciva ao meu redor. Todo meu corpo começou a palpitar de desejo, subjugado em sua visão, deleitando-se naquela dança que acendia meus sentidos e crepitava meu ânimo. Depois de uma de suas muitas voltas a meu redor, deslocou-se um pouco para agarrar uma das tochas e começou a riscar figuras luminosas com tão magistral habilidade que admirei por cada movimento, de cada risco desenhado na noite, a paixão e a dedicação que punha naquela dança ritual. Depois de elevar as mãos ao céu em uma clara oferenda aos deuses, deteve-se para me olhar intensamente e, assim, à luz daquele brilhante fogo, depois da adornada máscara de tronco de árvore, reconheci uns formosos olhos turquesa que gotejavam de desejo contido.

Aproximou-se lentamente a mim, depositou a tocha no chão enquanto se desatava a corda das costas e deixou que me embebesse em uns seios altivos, de mamilos escuros e pequenos, erguidos e suplicantes. Agarrou-me das mãos e as posou sobre seus seios. Senti-os quentes e suaves em minha palma, e uma pontada luxuriosa me percorreu.

Logo se aproximou, enlaçou meu pescoço e beijou-me, primeiro timidamente, depois com mais arrojo. Abri minha boca para ela, que se abateu com afetada emoção em busca de minha língua. Esfregou-a apaixonada gemendo trionfal em meu interior. O beijo ganhou voracidade, a paixão se desatou e minhas mãos já não tiveram que ser guiadas. Rebolei sua silhueta e a rodeei para mim, tomando o controle do beijo e bebi cada um de seus ofegos. Ela começou a despir-me com impaciente necessidade, e sua urgência prendeu essa fome dormida, emudecendo qualquer fibra de consciência, qualquer promessa feita ou algo que não fora derrubar nela todo meu desejo.

Caímos ao chão, eu meio nu com ela escarranchada sobre mim, tão nua como o dia em que veio ao mundo, à exceção daquela rústica máscara. Logo que reparei no coro de vozes que se elevavam em uma estranha melodia que se perdia na distância de forma gradual até desaparecer por completo.

Tinha a mente embotada e a libido exaltada, mas me dispus da solidão que agora nos rodeava. E, então, olhei-a de novo. Ela sorriu sedutora e se removeu sobre mim. E, assim, apressado entre suas pernas, percorreu-me o torso com as palmas das mãos ao tempo que me contemplava com lascívia. Logo se tombou sobre meu peito, tomando de novo minha boca. Levei as mãos a suas nádegas e a elevei o suficiente para poder penetrá-la. Acariciei seu sexo comprovando que estava mais que preparada para me receber e, mesmo assim, quis que meus dedos desfrutassem naquelas suaves pétalas úmidas, arrancando estirados gemidos de prazer. Enquanto me beijava, provoquei-lhe tão violento orgasmo só com os dedos que se enrijeceu de forma abrupta sobre mim, sacudida por seu clímax. Não deixei que se recuperasse, tirei-a dos quadris e a penetrei profundamente, rodeando-a contra as minhas pernas. Ela exalou um sonoro ofego, arqueou as costas e começou a cavalgar sobre mim, atraindo minhas mãos para seus bamboleantes seios.

O prazer me perseguiu implacável enquanto ela dançava esta vez sobre meu corpo, arqueando sua coluna em cada investida, acoplando-se em mim à perfeição, recebendo-me gostosa e ansiosa em seu interior, e gozando de cada tranco. Eu elevava meus quadris para aprofundar a penetração e ela gemia de prazer, com o olhar entusiasmado e as bochechas acesas. O choque da carne, a cálida fricção da cópula, as famintas carícias, os fôlegos e os ofegos e os beijos, tão ardentes como as tochas que nos rodeavam, desataram meu autocontrole até me liberar em um orgasmo brusco e abundante que contraiu meu testículo até esvaziá-los por completo. Ela se agitava em outro clímax esplendoroso que acompanhou ao meu, estalando em uma generosa corrente de fluidos que umedeceu minhas virilhas e meu sexo. Sorri jactancioso: fazer gozar a minhas amantes era um dom do que me vangloriava.

Ambos, ofegantes, olhamo-nos durante um longo momento.

— Consegui um de meus sonhos: ter-te em meu interior — murmurou ela com emotiva afetação.

— Ayleen...

— Não tema, Lean, já te disse que só aspirava a obter uma de minhas ilusões, e era esta, e no Beltane, além disso, tal e como sonhei.

Acariciei sua bochecha e ela sorriu. Tombou-se de novo sobre meu peito e acariciei sua larga juba castanha enquanto acomodava seu rosto na curva de meu pescoço.

— E, apesar de havê-lo sonhado tanto... — começou entusiasmada— a realidade supera qualquer expectativa. Jamais esquecerei esta noite.

— Acredito que tampouco eu.

Então agarrou meu queixo e obrigou-me a olhá-la.

— Esta noite, e sei que só por esta noite, foste meu, e, embora desejasse não sair nunca de seus braços, ter estado neles dá sentido a minha vida.

Contemplei-a afligido por sua intensidade, por tudo o que derramavam seus olhos, e descobri que seus sentimentos eram inclusive mais fortes do que em um princípio tinha adivinhado.

— Sempre — respondeu a minha muda pergunta — às vezes acredito que já nasci te amando.

— Deve ter sofrido muito então — repus emocionado.

— Muito, eu também tenho pesadelos — confessou.

Fechei os olhos, lamentando seu destino, igual ao meu.

— É má coisa amar a alguém tão quebrado como eu.

— É duro, não mau, e não porque não seja correspondida, mas sim por saber que aquele a quem amas sofre tanto que nada pode fazer por ajudá-lo. Isso é o mais duro de tudo. Quando o levaram longe daqui, roguei que nunca retornasse, que achasse a felicidade que tanto merecia, mas quando soube de sua volta, só pude dar obrigado, só pedi voltar a ver-te e, quando o fiz, deixou-me sem fôlego. — Sorriu muito, passando a ponta de seus dedos por meu queixo — É tão formoso, Lean, tão galhardo, tão condenadamente sensual, desejei-te tanto quando te vi lutar no pátio do Duart em uma aposta... Entretanto, jamais acreditei que conseguiria te ter, mas o obtive. A deusa concedeu meu desejo, e na noite mais mágica do ano.

— Ainda é Beltane e o será até que o sol apareça, ainda pode sonhar, e eu imaginar que sou um homem inteiro capaz de fazer feliz a alguém.

— Faz-me feliz com tão somente te ouvir respirar, não necessito nada mais — afirmou ela repassando meus lábios.

— Que tal se me escutar gemer de novo?

Sorriu amplamente e beijou-me com voracidade. Apartou-se apenas para olhar ardorosa.

— Acredito que não há som mais maravilhoso na Terra.

Beijamo-nos com frenesi, entregamo-nos à paixão, cada qual derrubando quanto sentia, liberando nossas emoções como um bálsamo curativo, sanando nossas feridas, como se, em cada beijo, em cada carícia, pudéssemos apagar as más lembranças compartilhadas de nossa infância, como se o passado perdesse consistência em cada roce, em cada amostra de carinho, em cada entrega. E, assim, a noite se foi e, culminando nosso particular rito de bem-vinda à época estival, tomei-a nos braços, cobri-a com meu herreruelo e a levei a acampamento antes que a alvorada despertasse olhadas curiosas.

CAPÍTULO 20

O coração escolhe

Depois daquela noite, e apesar de não falar do tema, adotar a atitude de sempre e fingir que nada tinha trocado, resultou evidente que minha relação com o Ayleen não era a mesma. Nossos olhares luziam uma cumplicidade que antes não existia. Nossos corpos faziam ornamento de sua familiaridade, frequentemente buscando-se em gestos que, embora camuflados de amizade, resultariam reveladores a um bom observador. E disso andávamos bem servidos.

Alaister já tinha captado alguma amostra de nossa cercania, pois estava acostumado a franzir o cenho suspicaz quando via sua irmã me olhando encantada ou me dedicando alguma piscada peralta. Ou quando se apoiava em mim, indolente, para conversar junto ao fogo, ou simplesmente sorrindo cativada quando falava. Curiosamente resultavam mais evidentes nossos esforços por dissimular ou para conter algum outro gesto mais revelador que os que nos dedicávamos considerando-os inocentes.

Outra observadora era Cora, que se mantinha carrancuda e mal-humorada a maior parte do tempo, tratando de paliar sua irritação deixando-se tratar com atenção pela gentileza do Alaister. Essa dualidade em sua atitude para mim seguia me desconcertando. Parecia ciumenta por minha proximidade a Ayleen e, ao mesmo tempo, aliviada. Uma vez me espionava com um deixo ofegante e sonhador e, outras, fulminava-me com olhadas rancorosas e geladas. Já tinha decidido manter-me indiferente e alheio a seus cambiantes ânimos, ignorando-a, quando essa noite se aproximou muito a Alaister, mostrando-se insinuante, e descobri horrorizado a fúria e a impotência que aquele gesto provocou em mim. Apesar disso, consegui lhes dar as costas e conversar jovial com Ayleen, com mais cercania do que a devida.

— Posso dormir esta noite a seu lado? — Perguntou ela com um sorriso suplicante.

— Claro, sempre e quando me respeitar — respondi zombador.

Ela rio e empurrou-me divertida no ombro.

— Sabe de sobra que não o faria se trocasse de opinião.

Seu semblante adquiriu gravidade, e seus olhos, um véu de tristeza.

— Ayleen, vim por um só motivo, um motivo que pode me levar a tumba ou ao inferno, pois atrás de minha vingança temo me perder nesse buraco que cresce dia a dia dentro de mim. E não estou disposto a arrastar ninguém comigo.

— Mas eu te espero por vontade própria, não terá que te sentir responsável por isso.

— Além de te condenar por mim a um matrimônio de conveniência, também pensa me esperar?

— Consegui o impensável, Lean, e isso para mim vale toda minha vida. E, embora nunca volte a repetir-se, gravado está em meu coração e o rememorarei a cada instante quando já não estiver ao meu lado. Quanto a te esperar... não tenho feito outra coisa desde que foi.

Acaricieei emocionado seu rosto, embebi-me na umidade de seu olhar e deixei que me abraçasse com força, cobrindo-a em meu peito.

Seus sentimentos por mim eram tão profundos que nada do que eu fizesse para protegê-la teria êxito. Mas isso era uma coisa, e outra muito distinta era evitar fazer-me imprescindível em sua vida. Eu jamais poderia corresponder como merecia, embora admitisse que esse carinho que sempre tinha sentido por ela crescia paulatinamente com o passo dos dias. Até onde poderiam chegar meus sentimentos para ela não sabia, nem pensava averiguá-lo. Só sabia que tudo estava se complicando e que, quanto mais empenho punha em me afastar, mais me aproximava, que quanto mais desejava protegê-la, mais a expunha. De igual modo, ela era suficientemente adulta para tomar suas próprias decisões conhecedora de minha postura. Assim, o que me impedia, chegados a esse ponto, manter uma relação com ela enquanto durasse nossa viagem em comum? Não sabia, mas, embora nossa união física fora maravilhosa, embora eu adorasse sua companhia, seu engenho, sua beleza e sua inteligência, o não estar à altura quanto ao que ela merecia receber impedia-me de tomar aquilo que não considerava meu, por muito que ela oferecesse isso. Não acreditava justo supor-me dono de uma mulher assim sem amá-la como deveria ser amada, com plenitude e sem reservas, como merecia. Por não me lembrar de que meu destino era outro e era um destino que, possivelmente não escapasse com vida. Não, repeti-me, era completamente absurdo expor sequer um futuro, e muito menos alimentar umas ilusões condenadas de antemão. E, se tomava como minha amante e companheira durante o que durasse minha missão, infalivelmente ataria-me a ela e a ataria para mim. E isso não seria justo para nenhum, pois quanto mais se engrossasse o laço que nos unia, mais doloroso seria cortá-lo.

— Necessito que me prometa algo, Ayleen.

Ela elevou seu olhar para mim e assentiu com gravidade.

— Quando nos separarmos, promete que não me esperará, que refará sua vida, te casando ou não, escolhendo livremente sua felicidade, mas sem contar comigo.

Seu olhar se nublou e se esticou em uma careta doída.

— Dá por feito que não sairá com vida?

— É uma possibilidade, mas, embora viva, partirei de novo.

— Mas por que tem de ir? — Inquiriu contrariada.

— Porque meus pesadelos aqui são mais dolorosos, porque minhas lembranças despertam com dilaceradora intensidade, porque o que ata a esta condenada terra me rompe por dentro.

Ayleen baixou o olhar e assentiu compungida.

— Possivelmente... — começou hesitante— possivelmente possa a encher de lembranças novas e mais ditosas se der oportunidade.

Neguei terminantemente com a cabeça.

— Não albergue essa esperança, Ayleen, é remota. Quero que me prometa que viverá sua vida e que entregará seu coração a quem o mereça seriamente.

Seu olhar turquesa manchou de dor e frustração.

— Não o entende, verdade?

Contemplei-a confuso e neguei com a cabeça, com o cenho franzido, grave e espectador, mas tão abatido como ela.

— O coração escolhe tolo, não eu.

Agarrou-me nas lapelas e beijou-me com dureza. Não a apartei, deixei que descarregasse sua raiva sobre mim, que derramasse sua decepção e sua desdita.

Quando se separou, respirou profundamente, limpou as lágrimas e se tombou em meu lugar, acomodando-se no chão sobre meu manto.

— E, agora, vem dormir, tenho frio. E, respeitar-te-ei.

Tombei a seu lado e a cobri com minha capa.

— É uma grande mulher — murmurei atrás dela.

— Parece que muito para ti, venho pensando se ela também o é.

— Ela?

— Por como olha para ela, possivelmente acabe te perguntando se não o tiver feito já — respondeu incisiva.

Dirigi meu confuso olhar para Cora. Em efeito, observava-me, mas não havia perguntas em seus olhos, tão somente adagas envenenadas.

E, como estava acostumado a ocorrer, apesar da dureza, as recriminações ou a hostilidade, nossos olhares se engastaram como presas de um feitiço, e novamente descobri quão difícil resultava romper esse vínculo, tão árduo como apartar aqueles olhos de minha mente, embora fechasse os meus.

— Estamos muito perto do Inveraray. — Informou Malcom com preocupação — Acredito que o mais sensato seria tomar o desvio para o Calasraid, junto ao rio Teith, e continuar ao sul para o Drymen.

Quanto mais ao sul nos deslocássemos, mais possibilidades tínhamos de nos topar com patrulhas inglesas ou algum destacamento de lowlanders do bando Covenant. Aquele lance era arriscado e, como aconselhava o capitão do Duart, era melhor que nos dirigíssemos para o este, nos apartando dos domínios do Argyll.

— Já que somos fugitivos, possivelmente poderíamos roubar umas cabeças de gado ou cavalos — sugerio Gowan.

— Somos fugitivos, não foragidos — aponteí.

— Em realidade, o fugitivo só é você, nós podemos ser o que quisermos — murmurou Irvin desafiador.

Fulminei-o com o olhar, encarando o lombo do Zill.

— Estão a meu serviço e, se desobedecerem minhas ordens, eles desterrarão do clã — esclareci ameaçador, olhando-os alternativamente a ambos.

Os homens intercambiaram um olhar grave entre eles. Foi Gowan quem se adiantou, esboçando um sorriso pacificador.

— Naturalmente, só foi uma sugestão. São muitas jornadas de viagem que ficam e os homens necessitam ação ou entretenimento.

— Poderemos nos deter no Calasraid. — Comuniquei, esperando que aquela decisão apaziguasse os ânimos — Está mais afastado e seguro, haverá licor e mulheres com as que desafogar as vontades de aventuras.

— Mulheres! — Exclamou Rosston com um sorriso panaca e semblante ansioso.

— Eu morro por dormir em uma cama — aduziu Duncan sorridente.

— E eu, por aliviar algum bolso — confessou Dante briguento.

— Não vais aliviar nada, vagabundo, já temos suficiente com uma patrulha de ingleses e Campbell atrás de nossas cabeças.

A decisão de nos deter no Calasraid alegrou os ânimos e suavizou tensões, e o resto do trajeto foi tranquilo.

Dante decidiu montar comigo e não com o Rosston como acostumara-se e, embora o corado guerreiro fizesse rir ao menino com suas birutices e dramalhões, já que o pequeno não compreendia o gaélico, sentia falta de poder conversar com alguém que conhecesse sua antiga vida. Também o afligia a nostalgia pela formosa Sevilha que o viu nascer, embora não soubesse de que ventre tinha saído.

— Como irão as coisas em Sevilha? — Perguntou pensativo.

— Pois imagino que como sempre. Não estando você, haverá mais bolsos cheios, mais frangos no curral e menos traseiros beliscados.

Dante soltou uma risada divertida e se voltou para me olhar piscando um olho. Sorri, devolvendo o gesto.

— Isso é certo, mas quando retornar terei que me ressarcir.

— Quando retornar? Não, Dante, veio comigo para que te encontrasse um bom lar onde servir. Bem sabe que sua delicada situação não te permite viver em Sevilha.

— Pode que dentro de uns anos tudo se esqueça.

— Pode, mas de momento terá que aceitar sua nova vida aqui, assim proíbo que te meta em confusões. — Adverti — Aqui não está dom Nuño para te tirar de apuros.

— Mas está você.

— Não tenho nem o alcance, nem o poder, nem os contatos de dom Nuño, só tenho minha espada.

— É melhor espadachim que dom Mendo, dou fé, meu senhor.

— Deixa de lisonjas, truhan, e não confie sua sorte a minha habilidade. Melhor ser prudente, moço, nem estas terras nem estas gentes são fáceis de enganar. Aqui não há duelos, nem graças, aqui há hostilidade, tradição e férreas lealdades. Tomam tudo com mais seriedade, não vacilam em justicar sem que medeie a autoridade. Nem suas bravatas,

nem sua eloquência, nem sequer seus ardis o salvarão do pelourinho no melhor dos casos ou de uma pena de morte no pior.

As costas do menino se enrijeceram e, embora não lhe visse o rosto, apostava a que tinha empalidecido.

— Terá que te acostumar a esta nova vida, Dante, e quando chegar a adulto poderá escolher aonde ir. Agora seja prudente, obediente, e todo irá bem.

O moço inclinou pesaroso a cabeça, afundou os ombros e suspirou afetadamente.

— Tanto te custará?

Negou veemente com a cabeça e, quando se girou, compôs uma careta causar pena.

— Não, meu senhor, o que me custará será separar-me de você.

E, de novo, olhou à frente decaído e taciturno. Senti o acusado impulso de soltar as rédeas para abraçar ao moço, mas me repeti do insensato dessa ação. Nada de vínculos, nada de afetos, nada de dependências. Tinha que me mostrar ausente e frio de uma maldita vez.

— A vida não é fácil, moço. É despachado, sei que te adaptará perfeitamente.

Tão somente recebi um débil assentimento por resposta.

Continuando, sumimo-nos em um longo silêncio, no que meus olhos perambularam infames para o corcel do Alaister, onde Cora ia montada. Comprovei como ambos conversavam joviais e distendidos, e que entre eles nascia uma amizade incipiente que possivelmente fora a base sólida para algo mais, uma probabilidade que seguia me mortificando com esse gosto amargo que cada dia se estendia mais, enchendo-me de inexplicável frustração. Já tinha captado nos olhares de Alaister que Cora não lhe era indiferente. Eu só esperava duas coisas: uma, que ela não estivesse jogando com ele, e dois, perdê-la de vista quanto antes no Dumbarton.

— Você ainda sente sua falta?

Voltei minha atenção para Dante, seu tom melancólico me preocupou.

— A quem?

— A sua mãe.

— Sim — limitei-me a confessar.

Bufou aborrecido.

— Pensava que só se sente falta das mães quando são meninos, que quando se cresce ao menos se deixa de necessitá-la — resmungou com um deixo desiludido.

— Dante, não a conheceu, igual a mim, por muito que tenha memorizado cada um de seus rasgos. Sabe? No Duart havia um retrato dela e eu estava acostumado a me sentar no chão frente a ele a olhá-lo durante muito momento. Quando morreu meu pai, mi... madrasta quis queimá-lo e eu consegui que Anna o desprendesse e o escondesse em meu quarto. E, assim, às escondidas, abraçava a ele cada noite e lhe falava. Acredito que isso me deu força durante os piores anos de minha infância. Nunca se esquece a uma mãe, conheça-a ou não. Entretanto, o que você necessita agora é uma figura maternal que ocupe esse lugar.

— O que aconteceu esse quadro?

Traguei saliva e apertei os dentes. A lembrança retornou com crueldade...

— *Onde o esconde?*

— *Não sei a que se refere — respondi trêmulo.*

Lorna passeou seu suspicaz olhar por meu pequeno quarto aproximando-se de mim, que, amassado em meu leito, retrocedi assustado.

— *Mãe, juro-lhe que eu o vi com ele a outra noite, quando me mandou chamá-lo.*

Cravei meu olhar no Hector, que me assinalava acusador.

Lorna se dirigiu para mim, tirou-me do peitilho da regata de dormir e me aproximou dela ameaçadora.

— *Pequeno inseto, ou me diz onde esconde o quadro da cadela de sua mãe ou te juro que o lamentará?*

Sacudiu-me furiosa, esbofeteou-me com sanha e me lançou com força para trás. Minha cabeça se chocou contra a parede e caí ao chão pelo outro lado de minha cama.

O golpe foi brusco, mas não me doeu; o terror ante a perda do mais prezado para mim nublava qualquer outra emoção.

Ante o alvoroço, acudiram os serventes com a Anna à cabeça, que fez gesto de vir em meu auxílio.

Lorna se interpôs em seu caminho, elevando-se altiva ante a donzela.

— Sai imediatamente deste quarto ou o fará amanhã do castelo.

Anna sustentou seu olhar com semblante impotente e sofrido. Tremia-lhe o queixo pela fúria, e seu olhar se empanou quando dirigiu para o lugar onde eu estava encolhido.

— É tão somente um menino, senhora, suplico-lhe que seja piedosa com ele.

— Se me disser onde esconde o quadro de sua mãe, serei.

Anna se mordeu o lábio inferior e baixou o olhar.

— Reconheço que o entreguei faz algum tempo, mas não sei onde o guarda. Se me deixarem a sós uns instantes com ele, prometo-lhe que lhe entregaremos.

Pus-me em pé, baixei a cabeça como se fora a investir e fixei meu decidido olhar na Lorna.

— Nunca o direi.

— Lean, não! — Suplicou Anna a ponto de chorar. Espremeu a camisola com as mãos e negou angustiada com a cabeça — Senhora, eu o convencerei, confie em mim.

— Conheço a teima deste condenado pirralho — espetou Lorna com desprezo — quão único soltará sua língua será minha vara.

— Não, senhora, rogo-lhe isso, por favor, piedade. Só... — Começou a chorar, caindo de joelhos ante a víbora — Só é um menino, eu receberei o castigo em seu lugar se não consigo que revele onde está.

Lorna a contemplou saboreando agradada aquele gesto. Sorriu perversa e negou com a cabeça.

— Hoje faz frio, verdade? — Murmurou esquivando a Anna e dirigindo-se por volta da janela — E chove desde esta manhã, o pátio está enlameado, parece um pântano. E todo pântano necessita uma lagartixa que a adorne.

Fez um gesto a um dos moços do estábulo que havia trazido consigo e, continuando, agarraram-me e me tiraram empurrando do quarto, enquanto eu me retorcia e chiava.

— Agora quero que vasculhem exaustivamente este chiqueiro até que esse maldito quadro apareça. Quanto antes o encontrem, antes liberarei o moço.

Gritei, esperneeiei e me revolvi sem resultado algum. Levaram-me ao pátio sob a chuva, aguardando uma nova ordem.

Lorna apareceu apenas sua cabeça fora do dintel da porta de entrada e me olhou sibilina.

— Atem a esse poste — ordenou a voz em grito, assinalando o poste central do pátio.

Arrastaram-me para ele em metade da noite, sob uma tormenta furiosa que nos açoitava com um gélido vento impetuoso freando o avanço dos moços.

Fui preso ao poste não sem opor resistência, mas o compassivo olhar de um dos homens inspirou-me a trocar de tática.

— Por favor, me solte — gritei para me fazer ouvir por cima do ensurdecador repico da chuva e do lamento sibilante do vento — Digam que escapei em um descuido, rogo-lhes isso!

Os homens se olharam titubeando um instante, mas finalmente o maior negou com a cabeça.

— É uma bruxa, saberia a verdade, pagaríamos caro.

E, assim, afastaram-se à carreira sob a chuva, enlameados e nervosos.

O frio começou a me transir e a água da chuva pareceu me impregnar até os ossos. Tiritando até me tocar castanholas com os dentes, aguardei meu castigo, sabendo que não encontrariam o quadro.

Por fim espionei movimento na porta principal. Ante minha surpresa, a mesma Lorna se arriscava a aventurar-se debaixo daquela crua tormenta. Não ia sozinha, de novo os moços a acompanhavam, e levava uma vara, a que utilizava comigo.

Encolhi-me fechando pesadamente os olhos, tremendo e assustado, mas firme ante a ideia de não confessar meu esconderijo. Antes suportaria a mais vil das surras a lhe entregar o único bem de valor na vida.

— Onde... está?!

Tão somente elevei o olhar para lhe mostrar minha resistência.

— Maldito bastardo, cão sarraceno do demônio!

E, sem mais, começou a me aticar com a vara no peito, me arrancando gemidos de dor. Senti lágrimas de impotência, de raiva, queimando meus olhos e fogo na pele, mas nada disse.

Finalmente, esgotada e furiosa, Lorna se deteve ofegante e, me olhando com insidioso rancor, murmurou: — De acordo, prefere que lhe mate a golpes, não é assim?

Broquei-a com um olhar férreo e duro que confirmou sua hipótese.

— Pois não vou te dar esse gosto.

E, depois daquela elucidação, retornou à casa seguida de seus homens. Pelo tom e o olhar que me dedicou, soube que não se rendia, mas sim procuraria a maneira de soltar minha língua, certamente com um castigo mais atroz.

Meus tremores se agravaram o tempo que durou a espera, mas quando ela emergiu de novo ao pátio, meu coração se deteve.

Arrastava a Anna até o lugar onde eu me encontrava. A pobre ama soluçava e gritava assustada, suplicando que a soltassem.

— Bem, já que não te importa sofrer — começou Lorna — possivelmente não te mostre tão duro vendo como alguém que aprecia recebe seu castigo. Vais falar ou não?

Nem sequer tive tempo de abrir a boca quando Lorna começou a varar à anciã com tal sanha que senti em minha pele cada golpe.

— Basta!!!

Lorna me ignorou e continuou golpeando a pobre mulher, que gritava entre soluços.

— Basta, maldita seja!!!

Esta vez sim se deteve. Caminhou para mim, completamente empapada, com a cara contorcida pela fúria e os olhos resplandecentes de maldade, tão crispada e ao mesmo tempo tão excitada que tê-la tão perto de mim me provocou um mal-estar físico e tal repugnância que temi lhe vomitar em cima.

— Onde?

— Sob uma das lajes de pedra do chão, justo no centro, debaixo de meu leito.

Lorna sorriu trionfal, com uma máscara tão demoníaca no rosto que baixei a vista completamente apavorado.

— Se mente, ela morrerá.

De novo retornaram ao interior enquanto me perguntava por que nenhum desses raios que caíam do céu me atravessavam piedosos.

— Levanta-se, Anna. — Sussurrei à mulher, que continuava sob a chuva soluçando desconsolada — Volta para castelo, eu... sinto tanto...

— Não, moço, sou eu a que sente não poder lhe proteger. Quando lhe soltarem, corra tudo o que possa longe deste inferno e não voltem nunca.

— Não posso já fugir do inferno, Anna. Colocaram-no dentro de mim.

A mulher ficou em pé, seu cabelo jorrava em júbas cinzas, seu vestido estava empapado de barro e seu rosto contraído pela dor. Mesmo assim, conseguiu aproximar-se cambaleante e acariciar meu rosto.

— Começo a pensar que Deus não existe pequeno. Se existisse, não permitiria que um inocente sofresse tanto nas mãos da maldade.

— Vá, Anna, antes que retornem. Pegará uma pneumonia.

A mulher negou com a cabeça, mas seu gesto se congelou quando reparou na aparição da maldade com vestido de mulher e olhar de víbora. Em suas mãos levava o quadro de minha mãe. Todo meu corpo se esticou para receber o mais duro golpe de todos.

Lorna sorriu pérfida antes de elevar o quadro ante mim.

— Despeça-te dela, não voltará a vê-la jamais.

Estendeu a mão e um dos homens alcançou uma adaga. Depois de outro sorriso venenoso, ela cravou a folha no centro do tecido, justo à altura do peito de minha mãe, para rasgar o linho subindo para o rosto. Logo, como levada por um violento êxtase, começou a apunhalar todo o retrato com exacerbada aversão, como se em realidade a estivesse matando em vida. Mas o pior foi comprovar o prazer que aquele ato lhe produzia.

Cada punhalada afundou meu peito, e minhas lágrimas foram como gotas de sangue que meu coração vertia quebrado, uma vez mais. Jamais poderia abraçá-la, nem pensar olhando-a, nem admirar sua beleza, nem sentir que me olhava. Mas de todo o sofrimento que aquela perda me contribuía, o que mais me angustiava e me aterrorava era o temor de esquecer seus traços, que chegasse o dia em que não recordasse como foi.

Chorei amargamente enquanto os restos do quadro eram pisoteados no barro entre risadas enlouquecidas e o clamor da tormenta de fundo. Tinha tanto frio, doía-me tanto o coração, sentia tão oca a alma que nada mais importou.

Passei a noite assim, preso aquele poste, mais fora de meu corpo que dentro, ausente e quebrado. Quando antes da alvorada alguém me soltou, não corri, só me atirei ao barro procurando com desespero algum resto recuperável, chorando de novo ante as rasgadas partes que encontrava. Não, tinha-a perdido de novo, e esta vez para sempre.

Elevei o rosto à chuva deixando escapar de minha garganta um alarido quase sub-humano que o vento levou consigo... possivelmente alguém o confundisse com o de uma alma penada e, em efeito, anunciava a morte... minha esperança...

Retornei à realidade quando Dante repetiu a pergunta.

— O que aconteceu com esse quadro?

— O quadro se rompeu — respondi.

— Ao menos sabe como era seu rosto — repôs o moço.

— Sim, Anna, minha ama, deu-me um bom conselho ante meu temor de esquecê-lo.

— E qual era?

— Que me olhasse no espelho e a veria, pois ela era como eu. Possivelmente você também seja como sua mãe.

O moço se girou e me deu de presente um luminoso sorriso.

— Não o tinha pensado. Buscá-la-ei em meu rosto.

Voltou-se de novo, esta vez mais animado.

CAPÍTULO 21

Deixando pistas

Calasraid era apenas uma vila com várias cabanas de pedra e telhados de palha apinhadas em torno do rio Teith, uma quadra, um chiqueiro, um curral de gansos, um botequim e uma pequena capela. Era um lugar formoso e aprazível, rodeado de verdes colinas nas que se desenhavam as sombras das nuvens ao passar e o adormecido halo de um sol já baixo, aparecendo fugidio entre elas.

Suas gentes nos olharam curiosas e receosas. Muitas mães obrigaram seus filhos a entrar nos lares e um moço espigado correu depois de uma cabana, provavelmente a avisar a alguém.

Desmontamos e decidi não avançar mais antes de apresentar meus respeitos e avaliar o grau de hostilidade, se houvesse. Pois, embora aquelas terras seguissem pertencendo ao Glencoe, estavam muito perto das do Argyll, e devia assegurar-me de que não fossem leais aos Campbell. Descobrir suas lealdades seria fácil, meus homens vestiam as cores MacLean, e era bem conhecida a inimizade entre os Campbell e os MacLean. Permaneci em guarda e atento. Meus homens imitaram minha postura, embora sem resultar ameaçadores.

Um homem apareceu do botequim. Soube quem era unicamente pelo pôster que pendurava sobre a porta, no que tinha esculpida uma grande jarra. Ao cabo, e detrás aguardar que outros tantos se animassem a sair, foi a nosso encontro acompanhado de cinco convizinhos. Todos luziam semblantes antissociais, menos o primeiro que tinha aparecido. Foi este quem se aproximou de mim por encontrar-me mais adiantado, sorrindo-me cortês.

— O que lhes traz por estas terras? Estão muito longe de casa.

— Só procuramos passar uma noite em um leito brando e esquentar nossas barrigas com um ótimo aguardente. Com a alvorada, seguiremos a viagem. Pagaremos o que consumamos e, é obvio, a hospedagem. Não queremos problemas. Se nossa presença não for bem recebida, partiremos sem mais.

O homem me olhou calibrando minha resposta, esfregou-se o queixo e inclinou a cabeça para um lado como se desde essa posição conseguisse descobrir a verdade de minhas palavras. Logo emitiu um grunhido que não soube interpretar.

— Os inimigos de meus inimigos são bem-vindos ao Calasraid. Entretanto, o que faz um sarraceno entre o MacLean?

— Dar uma nota original a meu clã.

O homem soltou uma gargalhada e batou em minhas costas.

— Pela Santa Brígida! É um MacLean?

Assenti sorridente.

— Que o diabo me leve, é o escocês mais estranho que viam estes velhos olhos.

— Sou Lean MacLean, minha mãe era árabe. Tenho sangue mesclado.

— E seguro que muito bonita, o que me faz admirar a seu pai. Não como minha Agnes: é feia como o demônio, mas cozinha como os anjos.

Mostrou de novo sua enegrecida e escassa dentição, arranhando o queixo ao tempo que escrutinava reprovador minha indumentária. Perguntei-me como um homem carente de toda atitude tinha o valor de ressaltar a feiura de alguém.

— Por que diabos não levam o feileadh mor?

— Vou mais cômodo em calças — respondi cortante.

O homem enrugou com incompreensão o cenho, resmungou algo pelo baixo e cuspiu com evidente desdém. As marcadas bolsas sob os olhos lhe conferiam um aspecto cansado, e a pele tão curtida e enrugada pelo sol confirmava os duros trabalhos agrícolas que de seguro realizava.

— Vamos ao botequim, estará sedento, minha Agnes faz o melhor licor de toda a região. Além disso, já começa a anoitecer, e um bom jantar facilitará o sonho — ofereceu permutando sua confusa expressão por uma mais cordial. Em seguida, olhou ao céu, franziu o nevoeiro e assentiu com veemência para si, estalando a língua — por outra parte, está a ponto de chover.

Elevei o olhar e topei com um ocaso parcialmente espaçoso, e esta vez fui eu quem o olhou com assombro.

Detivemo-nos na fachada do modesto botequim para atar os cavalos ao poste de entrada e, depois de nos dirigir uns olhares cúmplices nos advertindo de não baixar ainda a guarda, entramos na cabana.

O lugar era amplo, embora escuro. Uma acolhedora chaminé crepitava ao fundo, várias mesas com bancos infestavam um revestido de lajes de pedra calcária, e uma larga

barra de lustrosa madeira atravessava de ponta a ponta o alargado interior. Vários barris adornavam as esquinas, junto com umas redes de pescar penduradas das paredes. Diversos cadelabros iluminavam insuficientemente a estadia. Tão somente quatro janelas pequenas se abriam nos grossos muros, e logo deixavam entrar o esvaído resplendor acobreado de um entardecer moribundo.

Uma mulher miúda e robusta nos cravou um olhar desconfiado, sem deixar de empilhar jarras metálicas em uma prateleira.

— Agnes, trago clientes e levam a bolsa cheia.

A mulher se deteve e se aproximou da barra para nos inspecionar curiosa.

— Isso espero, porque senão terão que beber no rio.

Em efeito, a tal Agnes podia fazer de suplente se o demônio decidia tomar umas férias. Jamais tinha visto tal desatino em um rosto. Seus olhos eram pontas de alfinete, seu nariz aquilino e afiado, sua boca grande, embora de lábios finos e dentes proeminentes, queixo pequeno e afundado. Tinha a cara de uma doninha e olhava como tal, de maneira sibilina e receosa.

— Saca a melhor cerveja que temos, abelhinha, e vá esquentando o guisado.

Sufoquei um sorriso adivinhando a origem desse apelido. De fato, a mulher não parava um momento. De ânimo inquieto, ia de um lado a outro executando tarefas, que ocultava. Sem dúvida, o homem que tinha ao lado era o parasita. Sentou-se em um alto tamborete e se ajeitou sobre a barra à espera de uma jarra cheia.

Vários aldeãos ocuparam de novo seus assentos, enquanto meus homens e eu permanecíamos na barra.

— Há mesas livres. — Ressaltou o parasita — Seus homens podem sentar-se. E, é obvio, as damas. Enquanto você e eu conversamos, possivelmente possam me pôr à corrente da guerra, faz muito que não recebemos notícias de como está a situação no país.

Olhei ao Alaister e assenti em silêncio. Ao cabo, todos tomaram assento relaxando seus portes e suavizando seus semblantes.

A trabalhadora Agnes não demorou em nos pôr diante abundantes jarras de cerveja, embora nos dedicando um olhar suspicaz.

Abri a bolsa que levava atada ao cinto e extraí algumas moedas pensando que a taberneira, ao as ver, ao menos mostraria mais agrado. Mas, depois de equilibrar-se sobre

elas como uma gralha, sua face seguiu igual de avinagrada e descortês. Supus que, ante tão evidente falta de dons, verdadeiramente teria que cozinhar como os anjos.

— Deve resultar arriscado viver tão perto do Argyll sendo inimigo dele, não? — Aduzi dando o primeiro gole a minha jarra.

— Não creiam. Na verdade, Argyll nos ignora, somos insignificantes para ele, embora do que aconteceu aqui faz um par de anos, sigo pensando na sorte que tivemos aquele dia.

— O que aconteceu?

— Os malditos Campbell tinham mandado um destacamento para perseguir aos MacGregor e aos MacNab em busca de lealdade contra os MacDonald e se toparam com os homens do Atholl, que cruzavam um vau do rio. Houve um cru enfrentamento entre eles, alguns Campbell se bateram em retirada, nós lhes cortamos o passo em uma cilada e contamos oitenta mortos. Após, vivemos com temor a represálias. Felizmente, Argyll está muito ocupado combatendo as forças realistas para nos emprestar atenção. Só espero que esse bastardo morra junto a sua causa.

— É um homem ardiloso e prudente, e duvido que entre em batalha. Como não o leve uma enfermidade, não acredito que se cumpram seus desejos.

O homem grunhiu irado de novo e sacudiu aborrecido a cabeça.

— E, me diga, o que é do rei? Só chegou a meus ouvidos que os realistas não deixam de sofrer uma derrota atrás de outra.

— Quão último eu sei é que foi encarcerado no Holdenby House enquanto negociam o que fazer com ele — respondi com acusado descuido.

— Má essa coisa, sempre soube que ao Carlos I faltava arrojo e cérebro.

— O que lhe falta agora é liberdade, e pode que, dentro de pouco, ar que respirar.

O homem me lançou um olhar espantado e se benzeu sobressaltado.

— Sem o rei, a causa está perdida, não pode morrer, possivelmente Montrose consiga liberá-lo.

— E possivelmente eu não saia vivo daqui se não pagar a sua mulher tudo o que bebam e comam meus homens.

— Isso é certo. — Reconheceu divertido — Minha Agnes é uma mulher de caráter. Traz más notícias, condenado MacLean. Se os parlamentários ganharem, estaremos sob a ambição do Campbell, que será mais capitalista que alguma vez. O que faremos então?

Vi a ocasião perfeita de desvelar meu paradeiro.

— Eu vou retornar ao Mull, que é o que faço agora, e quem quer me buscar lá me encontrará.

— Teremos que defender nossas terras, não temos outro remédio — concordou depois de um longo trago com o que secou toda sua jarra. Logo arrotou soez, arranhou-se a entreperna e limpou os restos de espuma com o antebraço.

Um assustador trovão estalou no exterior e, seguidamente, o rítmico som da chuva se elevou sobre nós. Olhei admirado a meu interlocutor.

— Cheiro-a — esclareceu com um sorriso — e meus velhos joelhos a detectam antes inclusive que meu olfato.

Dirigi o olhar para a mesa onde estavam sentados Alaister, Cora, Ayleen, Dante e Rosston. Cora permanecia ausente, algo mais que separada do resto, contemplando o fogo e enrolada em sua capa. Era de vital importância que ninguém descobrisse que era uma Campbell. Na outra mesa estavam Irvin, Gowan, Duncan e Malcom, bebendo taciturnos e ainda alertas, olhando de esguelha aos aldeãos, que não lhes tiravam o olho de cima.

Respirava-se um ambiente tenso e receoso, um silencioso pulso que quis atribuir ao medo de uns homens que levavam dois anos aguardando alguma mutreta do Argyll. Não obstante, não devia confiar. Decidi imediatamente organizar turnos de guarda e solicitar que dormíssemos todos juntos na mesma cabana.

— Vou sentar-me para jantar com meus homens, seria muito pedir se pudéssemos dispor de uma cabana para dormir? Serei bem ser generoso com tal exigência.

O homem pareceu meditar longamente, emitindo uma série de sons ininteligíveis com a boca.

— Acredito que não haverá problema. — Resmungou — Podem ocupar a da viúva do Kallen, é uma cabana grande, e acredito que não se importará gozar de tão boa companhia.

Simplesmente assenti com um sorriso displicente e me dirigi para o lugar onde estava sentada Cora. Agarrei um tamborete e o pus a seu lado. Ayleen franziu o cenho com desagrado, Alaister apagou imediatamente uma incipiente careta humilhante e Dante me piscou, pícaro. Este último gesto foi o que me fez estrangular um sorriso zombador.

Cora se enrijeceu ante minha cercania, cuidando-se bem de mostrar indiferença, embora sem consegui-lo.

Inclinava-me sobre ela para lhe sussurrar minha advertência quando esta se apartou com brutalidade e olhou-me alarmada.

— Não se atreva a aproximar-se de mim — cuspiu mal-humorada.

— Já vejo que não obtarei nenhum pinga de gratidão por haver-lhe salvo de umas bodas indesejadas. O que não tira que não siga em dívida comigo.

Fulminou-me com um olhar entreaberto cheio de aversão.

— E, não tema, não pensava me aproximar mais que para lhe dar um conselho que nos evitará problemas. Eu não gosto das gatinhas jogadoras e indecisas.

As bochechas de Cora se acenderam no ato ante a menção ao acontecido na poça. Desfrutei de seu pudico rubor e do desconforto que transluzia esticando seu formoso rosto.

— É odioso — vaiou.

— Não diz nada novo. Eu, em troca, sim tenho algo importante que lhe dizer.

— Nada do que diga me importará o mínimo — replicou orgulhosa.

Arqueei uma sobrancelha divertido e sorri de lado, comprovando vaidoso como seus olhos viajavam para meus lábios de maneira inconsciente.

— Isto sim, mas preciso aproximar-me para sussurrá-lo — adverti sustentando seu incrédulo olhar.

— Juro-lhe que, se for uma mutreta para burlar, arrancar-lhe-ei a orelha de uma dentada — ameaçou terminante.

Sorri matreiro e assenti. Em seguida, aproximei-me dela lentamente, alargando sua tensão e desfrutando de sua agitada respiração. Minha presença a afetava de um modo que nem ela mesma era capaz de compreender. Tomei a liberdade de retirar uma mecha de sua orelha, acariciando levemente sua pele. Aquilo arrancou-lhe um apagado gemido que me tocou de maneira muito mais alarmante. Respirei profundamente e, depois de aproximar meus lábios a seu ouvido, sussurrei grave:

— Ninguém aqui tem que saber que é uma Campbell ou pensarão que nos envia Argyll e seremos homens mortos. — Não tinha mais o que dizer, entretanto, alarguei a pausa sem terminar de me retirar, desfrutando daquela inusitada intimidade, do jasmim que emanava de sua pele e de sua tensa agitação. Não pude conter uma travessura — Eu adoro seu perfume.

Ela girou com brutalidade o rosto em princípio para me repreender, mas a cercania a emudeceu. Nossas bocas quase se roçavam e seu doce fôlego me nublou um instante, fazendo esquecer-me de onde estávamos e com quem. Ao final, ela conseguiu apartar-se com um bufo irado e se voltou de novo para o fogo, sem dispor-se da expressão ofegante que tive que arrancar de meu rosto antes de deslocar a banquetta para a mesa e sustentar todo um leque de olhares variados.

— Odeiam aos Campbell. — Murmurei em tom normal, avisando dessa maneira do importante de proteger a Cora — Como nós — adicionei com um sorriso para ouvidos próximos interessados em nossa conversação.

Todos mostraram seu entendimento mudando seus intrigados rostos em expressões mais aliviadas. Exceto Ayleen, que permanecia desgostada, cravando em mim um acusador olhar. Logo se voltou para Dante e lhe revolveu o cabelo em gesto carinhoso. Ofereceu-se a ensinar ao menino o gaélico, e entre ambos conseguíamos, não sem impetuoso esforço, que o pequeno começasse a assimilar algumas palavras.

— Morro de fome — anunciou Rosston. Olhou ao menino e se destacou o ventre soletrando “fome”.

O moço o repetiu com soltura. Todos sorrimos.

— É um pirralho esperto — assinalou Ayleen — mas também briguento e descarado. Seria um digno filho teu — adicionou.

— E eu seria um pai nefasto. A Deus obrigado, é algo do que não devo me preocupar.

Ayleen aumentou os olhos com assombro, permanecendo um longo instante impávida, como em choque. Algo em seu rosto se obscureceu, e me pareceu espionar um véu desconcertado e contrariado. Seu rosto se contraiu preocupado e baixou a vista tentando assimilar sua frustração.

Foi fácil compreender o que procurava de mim no Beltane. Baixei a vista afligido, refletindo sobre o paradoxal daquela situação. Duas mulheres distintas tinham procurado minha semente por motivos diferentes. Uma, para reter uma parte de mim consigo; a outra, para escapar de umas ataduras. Uma, movida pelo amor que sentia para mim, e a outra, pela intensa atração que nem sequer seu ódio conseguia sufocar.

Pus-me em pé e, sem dizer uma palavra, dirigi-me para a mesa contígua e sentei-me no banco junto ao Malcom e o resto dos homens. Taciturno, comecei a beliscar umas fatias de pão enquanto serviam o guisado em tigelas de madeira, escutando a conversação dos guerreiros sem participar dela.

Tinha-me sentado intencionalmente de costas às duas mulheres, disposto a reforçar minha frieza e minha distância e, mesmo assim, percebia de alguma incompreensível maneira o vínculo criado com ambas. Um vínculo que tive a certeza de que se estreitaria irremediavelmente enquanto permanecêssemos juntos. Naquele preciso momento senti o agudo impulso de sair correndo, de deixar a patrulha atrás, e a elas, e embarcar sozinho no Dumbarton rumo ao Mull. E, sozinho, continuar minha viagem ao Skye para terminar o que tinha começado a minha volta: achar a paz, embora isso tingisse de sangue meu destino.

Sumido em meus pensamentos, não reparei na música que começava a tocar na estadia. O alargado e melódico chiado de uma gaita de fole arrancou-me de minhas reflexões e atraiu minha atenção sobre o homem que a tocava. Com as bochechas inchadas, soprava com força pelo ponteiro inflando o fole, a bolsa de pele de ovelha que repartia ar aos distintos tubos do instrumento, pulverizando uma sinfonia que fazia vibrar o coração dos presentes, iluminando seus rostos com o particular desfrute que outorgava aquilo considerado proibido. As grandes gaitas de fole das Highlands, era a voz do demônio, estes estavam acostumados a tocar-se em reduzidos grupos com grande receio, temerosos de ser acusados de bruxaria ante suas congregações religiosas, um mais dos disparates que utilizava a Igreja para amedrontar e submeter a seus fiéis. Eu sempre tinha tido claro que, independentemente do deus que se adorasse, não se necessitava de intermediários para fazê-lo, nem irmãs, nem padres, nem liturgias, nem rituais. Cada qual professava sua fé como melhor lhe parecia, sem imposições nem normas, tão somente mostrando sua devoção, seu amor e sua disposição ao Muito alto, mas em um trato direto, sem que ninguém pudesse manipular sua palavra nem envenenar algo tão puro como a fé.

Eu frequentemente conversava com Alá, confessando a ele, rezando meus salat, mas sem ordem estipulada, sem me orientar a Balance, tão somente fechava os olhos e me entregava à oração. Tinha eleito ao Alá não porque a metade de meu sangue fora árabe, mas sim porque o deus cristão tinha me abandonado a minha sorte no dia que morreu meu pai, um deus ao que supliquei piedade em incontáveis ocasiões, sem conseguir que me escutasse nenhuma vez. Renunciei a ele, a tudo, mas em Sevilha, frente a uma fechada mesquita, uma noite sem lua em que corria pelas ruas desesperado, tentando deixar atrás a dor e as lembranças, caí de joelhos frente a essa porta em particular, soluçando e desesperançado.

Eu ainda não falava, tinham transcorrido dois anos desde minha chegada sem que pronunciasse uma só palavra, isolando-me de tudo e de todos, e aquela noite em que os pesadelos me assediavam perversos, corri até me esgotar, de joelhos e ofegante, uma mão posou em meu ombro. Quando elevei a vista, um homem vestido com uma túnica branca

olhou-me compassivo e ajoelhou-se junto a mim pronunciando uma frase que adotei como dogma e como escudo: “Se Alá lhe socorrer, ninguém poderá lhe vencer. Mas se lhe abandona, quem a não ser Ele poderá lhe auxiliar? Que os crentes se encomendem ao Alá e assim serão protegidos de todo mal”.

E aquelas palavras me fizeram encontrar uma fibra de esperança, um débil halo de luz no negrume que me atendia. Precisava vencer ao medo que me capturava, receber auxílio ante o ódio que me carcomia por dentro e me sentir protegido do mal que me espreitava em forma de pesadelos. E, assim, Alá entrou em minha vida, e assim comecei a acreditar, a falar e a viver, como sombra, pois embora ganhasse segurança e coragem, embora o medo se debilitou e o ódio se sufocou, os maus sonhos continuavam. Entretanto, já não precisava correr nem golpear nada, tampouco chorar até cair rendido, simplesmente rezava até que o negrume partia.

Suspirei ante a recordação daqueles dias, foram anos difíceis que não teria conseguido superar se não tivesse gozado da paciência e o carinho do Beltrán e Elena. Pensar nela me abatia sobremaneira, seu final foi tão trágico que supôs a última de minhas cicatrizes internas, uma que levava impressa a culpa de não ter podido salvá-la.

Depois de sua morte, voltei a sumir em uma etapa escura. Matei a um oficial em uma briga e condenaram-me como galeote em um casco de navio de guerra. Tampouco esqueceria o inferno que se desatou naquela batalha do Cabo de Gata, como seria impossível apagar de minha memória o sangrento assédio a Breda. Aquilo sem dúvida me endureceu como se forja o bom aço, ao calor das brasas e golpeado contra a bigorna. E, assim, retornei a Sevilha convertido em um homem novo, duro e valente, cínico e mordaz, despossuído de medos ao fim, mas conservando algo que tinha sido o que tinha guiado meus passos até aqui: um ódio latente que, alimentado pelas lembranças, tinha crescido dia a dia, me fazendo compreender que só a vingança me conferiria a paz que tanto ansiava. E nela devia centrar-me, esquecendo-me de todo o resto, incluídas essas duas mulheres que tanto me turvavam.

As pessoas naquele botequim começaram a dar palmas e a seguir o ritmo com os pés, e eu vi a chegada de mais mulheres. Outros dois homens acompanhados de tambores se somaram à gaita de fole, animando a velada. Os ânimos se alvoroçaram o suficiente para que alguns se lançassem a dançar. As risadas esquentaram o lugar e a cerveja correu em qualquer parte, empurrando aos homens a animarem-se ao ritmo da música.

Depois de dar boa conta do guisado e beber minha quarta jarra de cerveja, encontrei-me aplaudindo a perna, unindo-me aos tambores, sorrindo regozijado e permitindo que os sons sibilantes da gaita de fole impregnassem meu peito. Por alguma razão, meu sangue

gaélico ressuscitou de forma inaudita ante aquelas notas, fazendo sentir-me parte daquelas verdes terras pela primeira vez desde que tinha retornado.

Ayleen saiu a dançar com seu irmão. Pelo faiscante brilho de seus olhos, soube que tinha bebido muito. Seu excessivo entusiasmo a levou a aproximar-se de mim e a sentar-se em meus joelhos, pedindo que a acompanhasse em sua dança.

Neguei-me, embora lhe sorrisse mais abertamente do que o devido.

Ela retirou uma mecha negra de minha frente e compôs uma careta suplicante, com olhar travesso.

— Anda, Lean, dança comigo — sussurrou melosa.

Ia negar de novo quando espionei pela extremidade do olho como Cora cedia ante a insistência do Alaister.

— De acordo — respondi.

CAPÍTULO 22

Lágrimas em um claro de lua

Tomei Ayleen pela cintura e comecei a dançar com ela, entre saltos regulares e giros contínuos. A moça ria, contagiando-me com sua risada, afundando em meus olhos. Arranca-rabo a meus ombros, continuou o ritmo da agitada dança com semblante sonhador. Assim que começaram a animar-se à mudança de casais por turno, seguindo um círculo amplo, e arrebataram a Ayleen dos meus braços, Cora ocupou seu lugar.

Seu sorriso e o meu se congelaram, mas nossos olhares crepitaram. Tê-la entre meus braços produziu um estranho e desconhecido comichão no ventre que me incomodou; não foi a única parte de meu corpo que reagiu ante seu contato. Traguei saliva e evitei rodear-me a ela. Por outra parte, comprovar a rigidez da moça, seu mal-estar e seu desagrado azedou meu ego o suficiente para trocar de ideia e derrubar suas defesas com um sensual sorriso, aderindo seu corpo ao meu. Por sua escandalizada expressão, aumentando os olhos sobremaneira, soube que tinha notado a protuberância que palpitava em minha virilha e, embora fizesse gesto de retirar-se, não o permiti.

— Parece que lhes recorda algo — sussurrei mordaz em tom rouco.

— Pois recorda que o rechacei — respondeu furiosa enquanto tentava apartar-se.

— Só recorda que estive a ponto de leva-la às estrelas.

Cora debateu-se entre meus braços, lutando por largar-se deles, embora em seus olhos refulgisse um desejo oposto.

— Tranquila, gatinha, não resista tanto ou fará rugir ao leão.

— Ou me solta ou esta gatinha fará uma cicatriz na outra bochecha.

— Mmm, sim? — Proferi com voz sensual, em tom baixo e rouco, penetrando-a com um olhar malicioso e escuro — Se pensa me arranhar, faça em minhas costas enquanto me afundo em você.

Cora me deu uma forte patada na tíbia. Exalei um gemido surpreso e, aproveitando meu desconcerto, consegui escapar de mim salteando aos casais de baile. Continuando, retornou carrancuda e furiosa a sua cadeira, encarando a chaminé para me dar as costas.

Outra mulher ocupou seu lugar, olhando-me deslumbrada embora com certo receio. Mesmo assim, não teve reparos em ater-se a meu corpo e me sorrir convidativa. Dancei com ela e com duas mais até que Ayleen retornou a meus braços. Esta vez, seu semblante era antissocial e reprovador. Em lugar de continuar dançando, ambos permanecemos imóveis enquanto ao nosso redor os casais envolviam em rítmicos círculos.

Tentou evadir meu olhar, mas quando consegui apanhá-la descobri um claro matiz acusador.

— Ela te atrai — murmurou com azedo pesar. Não fez falta que esclarecesse sua afirmação.

— Exaspera-me — particularizei.

— Gosta.

— Odeia-me.

— Disso quer convencer-se, mas só terá que ver como te segue com o olhar. Não pode controlar a atração que exerce sobre ela. Luta a cada instante contra ela, como deveria fazer eu.

Sustentei seu olhar com um deixo de culpabilidade e remorsos florescendo em meu rosto.

— A ela não quer protegê-la? É isso? Dá-te igual lhe fazer mal?

— Não posso machucar a quem me odeia, Ayleen, possivelmente por isso com ela me cuido menos.

— Ou possivelmente porque você tampouco pode resistir a essa atração que surgiu entre vós.

Em seu tom transcendeu a amargura e a frustração. Traguei saliva incômodo e neguei com a cabeça.

— Não a tocarei, só jogo com ela. Quanta mais aversão parece sentir para mim, mais desejo derrubar esse falso véu que se empenha em mostrar.

O azulado olhar de Ayleen relampejou desconforme e ciumenta.

— E para que, Lean? Com que objeto quer derrubar esse véu?

— Não sei. Possivelmente meu ego procure ressarcir-se.

Ela soprou sardônica e olhou-me com fixidez.

— Então você também te engana, não te tinha por um néscio.

Em mim nasceu à fúria e o desconcerto, sacudi contrariado a cabeça e a olhei molesto.

— Não acredito ter que justificar meus atos ante ninguém, nem minhas decisões, e muito menos meus impulsos, sempre deixei clara minha postura. E mais, adverti-te em muitas ocasiões que não devia esperar nada de mim, que te mantivesse longe. Sou livre, maldita seja, guarde suas recriminações e seus conselhos para quem se importe — resmunguei indignado.

O semblante do Ayleen se contraiu como se a tivessem golpeado. Senti o impulso de desculpar-me assim que vi como seu olhar se umedecia e seu queixo estremecia. Entretanto, consegui permanecer impassível. Ela baixou a vista e saiu do botequim ofuscada e enrijecida.

Soltei o ar contido e amaldiçoei para meus adentro. “Ao diabo com elas”, pensei. Se desejasse uma mulher, tomaria a qualquer que fora de meu agrado. Era um canalha e pensava demonstrá-lo.

A moça que antes tinha estado em meus braços retornou de novo e, levado por um cego arrebatamento de fúria, equilibrei-me sobre ela e a beijei. Não me rechaçou, mas bem ao reverso, esfregou-se gostosa contra mim, gemendo em minha boca. Separei-me apenas dela com a intenção de procurar um lugar mais privado, e então topei com o olhar impávido e quase angustiado de Cora. Permiti-me sorrir perniciosamente, piscando um olho, e recebi em troca uma expressão de profundo desprezo, antes de tomar à desconhecida pela cintura e sair do botequim.

Bem, assim estavam às coisas, disse-me, melhor que me odiassem, melhor que soubessem quem era realmente, melhor que se mantivessem separadas de mim. E, muito em breve, cada uma por seu caminho.

A mulher atirou de mim, dirigindo-se para o que pareciam os estábulos. A noite caía pesada, uma lua crescente iluminava as silhuetas das cabanas adjacentes e os atalhos entre elas. A urgência da jovem que me guiava não desatou nenhuma emoção em mim, nem sequer a desejava, mas me deixei arrastar ao penumbroso interior de umas quadras e permiti que me tombasse sobre o feno.

Com gestos prementes e expressão urgente, começou a despir-se, arregaçando as saias e colocando-se escarranchado sobre mim.

— É um formoso semental, e ardo em desejos de montar-lhe.

Deixei-me beijar e manusear, aguardando paciente a que o desejo despertasse, a que meu peralta “cabeçudo” entrasse em jogo, mas de momento, nada do que aquela mulher pretendia surtia efeito: continuava lânguido e inerte. Soube a razão, e era que em minha cabeça apareciam dois rostos carrancudos e em meu coração, dois remorsos diferentes, mas igual de agudos.

— Bebi muito. — Justifiquei enquanto ela aproximava seus generosos peitos a minha boca. Apartei-a brandamente para lhe sorrir a modo de desculpa — Além disso, estou muito cansado, acredito que será melhor que me retire.

A mulher tirou uma larga juba dourada do rosto e observou-me desgostada. Era atrativa e voluptuosa, em outro momento não a teria desprezado e, embora desejei desafogar-me com ela, o maldito desejo não surgia.

— Isso não é problema para mim. Deixe-me fazer.

Desenredou o cordão que fechava a braguilha de minhas calças com hábil presteza e olhou-me lasciva ao tempo que introduzia sua mão procurando meu membro. Quando o agarrou e o liberou do objeto, começou a acariciá-lo enquanto se lambia. Exalei um gemido e a deixei fazer, comprovando aliviado como meu “cabeçudo” começava a dar a talha.

— É tão formidável como você — elogiou em tom ardoroso com um nublado olhar entreaberto, tão tórrido como sua voz.

E, ante meu assombro, encurvou-se sobre mim e tomou minha grossa verga na boca. Inclinei para trás a cabeça, e um rouco gemido acariciou a garganta em sua viagem ao exterior. Aquela mulher sabia muito bem como agradar a um homem. Convexo sobre o feno, logo que incorporado em meus antebraços, observava a mestria daquela boca, lambendo, sugando com tal delírio que temi me liberar antes de demonstrar meus dotes de semental.

Agradada ante meus ininterruptos ofegos e meu latente e erguido desejo, levantou-se e me montou com ansiosa impaciência.

— OH, Deus... siimm...! — Gemeu luxuriosa.

Cavalcou entusiasta sobre mim, com tal veemência e paixão que seus seios se bambolevam violentamente me pedindo que os refugiasse em minhas mãos. Tomei nelas e elevei os quadris acomodando meu ritmo ao dele. Ao cabo, desfez-se em um ruidoso orgasmo que agitou aos cavalos da quadra, que acompanharam seu êxtase com uma série encadeada de relinchos.

Agarrei-a pelos quadris e a deslizei lateralmente para sair de seu úmido interior. Logo a fiz ficar de quatro, coloquei-me atrás dela, apartei as largas saias e a investi com ferocidade, liberando não só um possante desejo contido, mas também minha raiva e meu desconcerto. Uma e outra vez, investia-a com dureza, arrancando entrecortados e prazenteiros ofegos. Afundei meus dedos na suave pele de seus arredondados quadris e a penetrei tão profundamente que a mulher exalou um gemido rasgado, enrijecendo-se no que parecia outro orgasmo. Depois de outra série de bruscos ataques que converteram aquele ato em um simples intercâmbio selvagem de prazeres, perdi a consciência de mim mesmo. Absolutamente carente de toda emoção ou sensibilidade, sem que mediasse um só sentimento, tão somente um ato animal e primário que levou a derramar-me com um surdo grunhido e a sair dela veloz, como se precisasse me afastar daquele vazio estranho que, em lugar de me deixar satisfeito, imprimiu em mim um inaudito mal-estar.

Nem sequer fui capaz de mediar palavra com ela. Recompus minhas roupas, repassei meu cabelo penteando-o com os dedos cavados para liberar alguma fibra de feno presa nele e parti sem contemplá-la sequer. Já no exterior, pareceu-me espionar uma silhueta escura afastando-se à carreira.

Quando retornei ao botequim, a festa tinha decaído, embora meus homens rissem alvoroçados. Cora girou para dedicar-me um olhar letal e uma careta desdenhosa. Ignorei-a, sentando junto ao Duncan. Na outra mesa, Dante dormia sobre o banco. Frente a ele, Alaister conversava com o Rosston.

Reparei na ausência do Irvin. Olhei ao Gowan inquisitivo.

— As mulheres desta aldeia não perdem o tempo. — Respondeu a minha muda pergunta — Preferem aos arrumados, claro está. Possivelmente quando lhes esgotarem seja meu turno.

— Pois não o entendo — resmungou Rosston girando-se para nós — Os menos agraciados temos o mesmo entre as pernas. Alaister já rechaçou dois oferecimentos, mas nenhuma das fêmeas que se aproximaram me olharam sequer.

— Possivelmente procurem ter formosos filhos, — falou Duncan zombador — não uma besta vermelha que espante ao gado.

Os homens riram jocosos ante o ameaçador cenho do highlander ruivo.

— É melhor espantar gado que mulheres, Duncan. Embora duvide que haja uma diferença para ti.

Depois de outras ásperas gargalhadas, os homens apuraram suas jarras e bocejaram sonoramente.

Procurei com a vista ao parasita, que conversava com um amigo, e rebusquei em minha bolsa umas moedas de prata, que desloquei pensativo por meus dedos. Cora permanecia de costas a mim, imóvel, sumida em suas próprias reflexões. Não era o único que a observava, Alaister também a espionava com semblante sonhador e olhar ausente.

Pus-me em pé e me dirigi à mesa onde nosso anfitrião conversava animado.

— Meus homens estão esgotados. — Murmurei depositando as moedas na barra. Imediatamente, recebi um faminto olhar de gralha e Agnes se abateu sobre elas com um sorriso avaro — Onde está a cabana dessa viúva?

O homenzinho estirou o pescoço observando o interior do botequim.

— Faz um momento a vi por aqui, terá retornado a casa. Eu os acompanharei.

Assenti, dirigi-me novamente a meus homens e inclinei-me para tomar Dante nos braços, que deixou escapar um sonoro fôlego, mas não despertou.

— Retiramo-nos, partiremos para alvorecer.

Acomodei com suavidade ao moço contra meu peito e descobri Cora me olhando com estranheza ante minha ternura.

Alaister a agarrou galantemente do braço e a acompanhou fora do botequim. Fomos guiados até uma cabana mais apartada; de suas janelas brotava um resplendor dourado e, de sua chaminé, fumaça esbranquiçada.

O homem tocou à porta e, ao cabo, uma mulher de loiros cabelos, marcadas curvas e sorriso sensual nos abriu.

— Ela é Maddy, enviuvou muito jovem, mas respeita tanto a seu marido que se nega a desposar-se de novo.

A mulher cravou um sorriso travesso em mim e nos deixou passar.

Refez-se o recolhido, estirando seus cabelos em um escuro coque e, embora fizesse apenas uns instantes a tinha montado grosseiramente nos estábulos, olhou-me com desejo.

Os homens me observaram clandestinamente. Cora apertou os lábios e contemplou com desprezo a complacente Maddy.

— Estão em sua casa — murmurou solícita fazendo um gesto com sua mão que abrangia todo o interior.

— Bom, amigos — resmungou o homenzinho — que tenham boa viagem, e não esqueçam de recompensar à boa viúva do Maddy por sua hospitalidade.

— Acredito que já a recompensaram devidamente — balbuciou Rosston sardônico, arrancando dos outros uma cadeia de risadas, sufocadas com tosca dissimulação.

Assenti a modo de despedida e o homem partiu. Quando Maddy fechou a porta, roçou-se intencionalmente contra meu ombro.

— Pode deixar ao moço nesse colchão. Emprestaram-me o suficiente para que todos durmam cômodos, os dispus em torno da chaminé.

Examinou-me hesitante aguardando a que deixasse Dante em seu colchão. Logo se aproximou e sussurrou:

— Minha cama é muito mais cômoda — ofereceu batendo suas espessas e douradas pestanas.

— Dormirei com meus homens, embora agradeça isso igualmente.

Alaister se aproximou de mim com semblante preocupado.

— Vou buscar Ayleen — informou em tom seco.

— Não, eu irei. De todos os modos, pensava sair a procurar o Irvin. É muito mais seguro para todos que durmamos juntos.

Alaister abriu a boca para me rebater quando neguei terminante com a cabeça.

— Irei eu! — Insisti cortante — Volta junto a Cora, parece que te elegeu em seu defensor.

— Você molesta acaso?

Sua expressão desafiadora sim me incomodou, franzi o cenho e neguei áspero com a cabeça.

— Não, não me incomoda, preocupa-me. Não esqueça quem é.

Ambos dirigimos nossa atenção a Cora, que esquentava suas mãos ao calor da chaminé com tão abatido semblante que nasceu em mim a necessidade de abraçá-la. Quando olhei ao Alaister, descobri o mesmo desejo em sua expressão.

— Só é uma mulher sacudida pelo destino, — murmurou meditabundo — não merece que joguem com ela.

Olhou-me acusador, quadrando os ombros.

— Esperemos que tampouco ela o faça — resmunguei incisivo.

Grunhi mal-humorado e saí da cabana mais ofuscado do que teria gostado de admitir.

Percorri a aldeia sem que nem Ayleen ou Irvin dessem sinais de vida. Explorei os estábulos com uma sensação opressiva no ventre e uma estranha inquietação batendo as asas em meu peito. Possivelmente Irvin estivesse gozando da fogueira de alguma aldeã em alguma cabana próxima, mas e Ayleen? Onde demônios se colocou?

Partiu-se do botequim irada e doída. De menina estava acostumada refugiar-se no bosque ou ia contemplar o mar quando estava desse aspecto. Possivelmente havia procurado um rincão solitário onde grunhir sua fúria. Encaminhei-me por volta de uma das curvas do rio Teith, onde um pinar próximo se apinhava contra a ribeira. A lua chapeava com brilhos resplandecentes as escuras águas, nacarando cada relevo. No povoado sombrio talhado pelas espessas taças das árvores, apenas se desenhavam as apertadas sombras de arbustos de capim e algum penhasco. Decidi me aventurar nele, com o palpite de senti-la perto.

Ouvi um murmúrio apagado e o que me pareceram gemidos sufocados. Caminhei sigiloso até entrar no bosque. Aguardei a que meus olhos se adaptassem à escassez de luz e avancei cauteloso e atento a meu redor.

Atravessei o arvoredado até topar com um claro escondido entre o alto mato. No centro, duas figuras se fundiam em uma, em uma massa de pernas e braços enlaçados, conformando uma sombra estranha, como se um espectro da noite, uma criatura sobrenatural dançasse sob a lua.

Detive-me em seco e retrocedi com o coração acelerado. Rodeei o claro até aproximar de outro ângulo, reconhecendo tristemente quem eram e o que faziam.

Não soube o que fazer. Fiquei ali imóvel com o olhar fixo neles, desejando por um lado arrancar ao Irvin do corpo do Ayleen, intervir de algum jeito para detê-los, gritar a ela que ele era tão canalha como eu. Mas a nada disso tinha direito, porque tinha renunciado repetidas vezes a ter decisão e poder na vida de ninguém, e dela em particular ainda mais.

Entretanto, aquela noite tinha fraquejado e a tinha tomado, e possivelmente essa entrega fazia considerá-la um pouco minha, minha egoistamente. Sacudi a cabeça e apertei os dentes. Era um imbecil exímio, um maldito cínico. Eu acabava de fazer o mesmo, eu... E, então, a minha mente acudiu aquela sombra fugidia ao sair dos estábulos detrás copular como um animal. Era possível que ela...?

E, em tal caso..., entregava-se ao Irvin por isso? Não, disse-me, considerá-lo sequer era pretensioso de minha parte. Mas então o que explicava aquilo, quando ela várias vezes tinha mostrado mais que desdém por aquele homem? Neguei com a cabeça, confuso e doído. Sim, doído, porque, se cabia a possibilidade de que eu fora o culpado daquilo,

estava ocasionando justamente o que tinha desejado evitar: danificá-la até o ponto de entregar-se por rancor, a um homem que nem sequer apreciava.

Apertei os dentes e fechei os punhos com força. Seguia sem ser bom para ninguém, consciente ou inconscientemente só me equivocava uma e outra vez. Prometia-me coisas que infringia de forma contínua, tão somente ficava a meu favor a boa intenção de algo que me via incapacitado para realizar a cada instante que passava.

Decidi dar meia volta e retornar à cabana, mas meus pés não só se ancoraram ao chão, mas também pugnaram por avançar.

Dei um par de passos e situei ao bordo do claro, à vista, banhado pela lua. Permaneci ali imóvel, como uma árvore mais, como uma dessas rochas que observavam silenciosas seu entorno, muda testemunhas de seu redor, e com o olhar fixo nos amantes, para gravar que ela era tão livre como eu, e que se aquilo era sua forma de fugir do que sentia por mim, se aquele corpo era o refúgio de sua dor, de sua frustração ou de sua represália, eu, menos que ninguém, devia detê-la. Tinha que me afastar quanto antes dali.

De repente, ela dirigiu seu olhar para onde eu estava e cravou seus olhos em mim. Eram lágrimas o que refulgia neles? Durante um instante nos olhamos, enquanto os trancos do Irvin sacudiam seu corpo. O coração me encolheu, girei-me trêmulo e já começava a me afastar quando uma estrangulada exalação destacou entre os ofegos, como um triste e murcho lamento que a brisa noturna arrastou até mim, possivelmente envolvendo nele uma súplica, um desejo silencioso, um rogo desesperado que me deteve de novo.

Respirei profundamente e voltei de novo para eles. Em umas poucas pernadas equilibrei-me sobre as costas do Irvin e o arranquei literalmente de entre as nacaradas pernas de Ayleen. Ela exalou um gemido, ele grunhiu e girou para mim disposto a brigar. Esquivei o primeiro golpe, não teve tempo de mais, lancei-lhe um feroz murro que o derrubou. Quando me aproximei dele, arrastou-se retrocedendo.

— Afaste-se dela.

— Ela consentiu, ela me buscou! — Replicou furioso.

Soube que era verdade. Cravei meu olhar nela. Trêmula, contemplava-me chorosa.

— Se for o que realmente quer, partirei e a deixarei em paz. Sei que... que não tenho nenhum poder sobre ti, sei... que... sou um miserável, mas não te faça isto por rancor. Suplico-lhe isso.

Ayleen foi incapaz de falar, baixou os olhos e negou com a cabeça.

Não soube como interpretar aquilo. Dúbio, olhei de novo ao Irvin, decidindo fazer o que me nascia naquele momento.

— Vá, Irvin! Busca a cabana do Maddy, é a mais apartada.

— Quer elas todas para ti? —Reprovou hostil ficando em pé.

Encarei a ele disposto a me defender.

— Não vou te dar explicações.

— Diga que se vá! —Pedi quase a voz em grito dirigindo-se a Ayleen.

—Se me pedir isso, irei — Aceitei.

Ela arrumou nervosa suas roupas e ficou em pé. Tremia tanto que se abraçou a si mesma.

— Vá, Irvin, não foi uma boa ideia.

— Maldita cadela!

Equilibrei-me sobre ele e o agarrei nas lapelas da camisa, sacudindo-o com força em um intento de amedrontá-lo, pois não queria empregar de novo a força.

— Jamais volte a ofendê-la nem a te aproximar dela — vaiei ameaçador.

Soltei-o e, depois de um olhar rancoroso, afastou-se resmungando imprecações.

— Viu-me com ela nos estábulos, não é assim?

Ayleen assentiu e cobriu o rosto com as mãos afogando nelas um soluço.

Fiz gesto de me aproximar, mas ela estendeu um braço para me deter com um gesto seco.

— Não, Lean, tenho que te esquecer como é, e pela deusa que o farei.

— Não assim, Ayleen, não assim, ou acabará desprezando mais a ti que a mim mesmo.

— Eu não te desprezo — manifestou com voz estrangulada.

— Pois deveria.

Elevou seu empanado olhar para mim. Acariciada pelo resplendor da lua, acreditei estar frente a uma dessas estátuas de marfim esculpidas com tanto sentimento, em que tinham cinzelado com extrema delicadeza em cada rasgo uma tristeza tão infinita e perpétua que temi não poder apagá-la nunca. Senti-a tão necessitada e rota que não pude

evitar abraçá-la contra meu peito e acariciar com leveza suas costas enquanto ela descarregava seu pranto.

— O que te tenho feito, Ayleen? — Lamentei-me.

— Só... só necessito tempo. Tempo para assimilar que é tão inalcançável como essa lua que agora nos banha com sua luz. Depois voltarei a ser a de antes. Morta a ilusão, morta a dor.

Agarrou-me o rosto com ambas as mãos e me olhou com afetada emoção.

— Sabe? Eu também odeio a Lorna com toda minha alma, porque se alguém te arrancou a possibilidade de ser feliz foi ela. Durante anos mantive a esperança de te salvar, sonhei cada noite, inclusive fantasiava sobre como seria, e que estaríamos juntos, sem saber sequer se estava vivo. Mas, a sua volta, acreditei... acreditei que todos esses sonhos poderiam fazer-se realidade, que eu... que eu seria capaz de apagar todo o veneno que roía sua alma, que meu amor te curaria com mais efeito que qualquer de minhas beberagens. Mas equivoquei-me.

Baixou o rosto e negou afligida com a cabeça.

— Quando conseguir aplacar toda minha amargura, serei essa amiga e companheira de viagem que necessita; quando romper até o mais fino fio de ilusão, poderei te amar despretensiosamente. Porque sempre o farei, Lean, até o último dia de minha vida, isso sei. Poderei viver com isso, sem ti, mas com sua lembrança.

Abracei-a com mais força. Desejei poder corresponder com o mesmo sentimento. Desejei consolá-la e pedir perdão. E, ali, entre meus braços descobri que a queria, não o suficiente para merecê-la, mas muito para arrastá-la ao inferno ao qual me dirigia. Não estava impedido para amar, nem para ser amado, só estava impedido para ser feliz, mas em realidade eu não ansiava a felicidade. Quão único necessitava por cima de tudo era encontrar a paz.

CAPÍTULO 23

Como aquela vez...

Partimos pela alvorada, com o estômago cheio e um Irvin mais comedido, possivelmente porque a cama do Maddy, ou mais possivelmente sua companhia, obrou maravilhas em seu ânimo. Mesmo assim, seus olhares para minha pessoa continuavam derramando um acusado ressentimento.

As ondulantes colinas se desenharam amáveis contra um céu cambiante. Aquela formosa transição da noite ao dia era o despertar de um fogo adormecido que adquiria brio de forma gradual, em um espetáculo tão formoso que cortava o fôlego.

Imerso em meus pensamentos e com Dante diante de mim, ainda adormecido contra meu peito, cavaleguei afiançando uma nova decisão: não decidir por ninguém exceto por mim mesmo. Sempre e quando fora honesto com outros, cada qual que obrasse como melhor lhe parecesse. À exceção de Dante, não assumiria nenhuma outra responsabilidade. Nada podia fazer para aliviar o abatimento da Ayleen salvo abraçá-la e brincar com ela, simplesmente porque merecia fazê-lo e bem sabia quanto o necessitava. Respeito a Cora, tinha que reconhecer que procurava muito frequentemente seu olhar e que, quando o encontrava, só achava aversão nele. Entretanto, quando a surpreendia me observando, justo antes que hasteasse seu escudo de gelo, seus belos olhos refulgiam com um evidente brilho de desejo. Um desejo que eu compartilhava e ocultava convenientemente, como escondia meu desagrado ao comprovar como ela se deixava tratar com atenção e agradar pelo Alaister. E, embora ela risse com ele, conversava distendida e parecia agradar-lhe sua companhia, não o olhava como me olhava.

Ainda recordava o sabor de seus lábios, o suave tato de sua pele, cada grácil curva de seu corpo, e resultava inevitável desejar voltar a tê-la em meus braços. Só um pensamento apagava meu desejo, e era recordar que ela tinha estado nos braços do Hector, que, embora não a tivesse tomado, certamente a teria beijado. Um beijo roubado na intimidade de algum cuidado jardim do Inveraray, ou possivelmente em um rincão de algum salão, um beijo prévio ao compromisso. E, com esse convencimento, todo meu febril ímpeto morria imediatamente.

Algumas noites, e depois de selecionar alguns artigos de seu alforja que metia em um saco, Ayleen desaparecia. A primeira noite, preocupado por seu bem-estar, decidi segui-la, mas Alaister me deteve.

— Deixa-a, Lean, já sabe como é. Ela tem seus ritos particulares, faz oferendas à natureza, passeia um momento e retorna. Necessita-o, não se preocupe, sabe cuidar-se.

Mas aquela manhã não retornou.

Levava tempo acordado, aguardando como cada noite a volta do Ayleen, inquietando-me gradualmente conforme seguia a noite sem ouvir seus passos.

Pus-me em pé, ajustei-me o cinto, guardei meu manto, impregnei meu chapéu de asa larga e suspirei profundamente, perguntando-me por onde começar, quando vi uma sombra entre dois penhascos que agitava os braços em minha direção. Entreabri os olhos, aproximei-me daquele ponto e descobri Alaister com semblante cansado e gesto preocupado.

— Levo um bom momento buscando-a. Estive seguindo seus rastros, mas os perdi naquela colina que descende ao loch Lomond. — Vi medo em seu olhar ante o leque de possibilidades que se abria em sua mente.

— Não sabe nadar. — Recordei — Sempre teve pânico à água. Lembrava-me como ficava nervosa quando algum de nós decidíamos fazê-lo. Não pôde ser capaz de meter-se no lago, e menos de noite.

— Tampouco pode voar, mas seus rastros desapareceram, e ela está acostumada a deixar pistas para não se perder e encontrar o caminho de volta.

— Alaister, agarremos os cavalos e percorramos os arredores. Leve-me ao ponto exato onde perdeu o rastro.

Depois de avisar aos homens, montamos nossos corcéis e percorremos um bom trecho entre as colinas. Alaister guiou-me para um promontório pedregoso justo frente ao lago.

— Nessa árvore deixou preso o último pedaço — assinalou Alaister.

Mostrou-me um retalho de partes desfiadas de tecido azul.

Percorri com o olhar o lugar, escrutinando cada palmo de terreno. Em efeito, a colina descendia até o lago. Enfiei meu cavalo para o topo para vislumbrar do alto todo o entorno.

No promontório descobri que aquele ponto estava delimitado por penhascos e montículos de rocha que fechavam o acesso ao páramo. Só havia três caminhos que seguir:

o de volta, cruzar o lago a nado — algo de tudo improvável— ou escalar aqueles altos penhascos, que ultrapassavam em altura à colina. Tive clara que essa era a única opção viável.

— Deve ter ascendido por ali — assinalei o rochedo mais inclinado —. Na rocha não se podem deixar rastros, teremos que nos fixar em moitas arrancadas ou quebradas entre as pedras. Teve que aferrar-se a algo para poder escalar. Ou isso, ou começarei a pensar que sim voa.

Alaister assentiu grave e desmontou do cavalo. Imitei-o e nos dirigimos para a cara menos levantada do penhasco.

— Será melhor que eu suba, você é maior e pesado — propôs ele.

— Acredito que esquece a prática que adquiri fugindo dos cães da Lorna. Escalaremos ao tempo, por vias distintas; assim, se algum cair, não arrastará ao outro.

Calibrei visualmente a parte mais acessível e comecei a escalada. Encaixei os dedos em garra em qualquer fresta onde pudesse filtrá-los. Media as fendas com a ponteira de minhas botas, e iniciei a ascensão agradecendo a força de meus braços, que conseguiam me sustentar na busca de salientes de rocha. Com impetuosa agilidade, apesar de minha robustez, consegui chegar ao topo não sem esforço.

Alaister ainda ia a meio caminho. Titubeava perigosamente cada vez que tinha que soltar-se para aderir-se a um novo cabo, olhando com frequência para baixo.

— Não olhe abaixo — aconselhei elevando a voz —, tenta te desviar um pouco a sua esquerda, há mais ocos nesse lance!

Escorregou em um par de ocasiões, fazendo-me apertar os dentes.

— Vamos, já quase chegaste.

Pelo tremor de seus braços, soube que o esgotamento fazia trinca nele. E então me perguntei como demônios poderia ter escalado Ayleen, e menos ainda de noite. Tombei-me sobre o topo rochoso, aparecendo meio torso ao vazio e alargando o braço tudo o que pude.

Alaister olhou para cima apurado, mas aliviado ao ver minha mão tão perto.

— Só um pouco mais, amigo, ajudar-te-ei... como aquela vez...

Os azuis olhos do Alaister se aumentaram ante a recordação daquele momento. Aguardando sua ascensão, tenso e espectador, evoquei aquela situação similar fazia já tantos anos...

— Lean, tem que me ajudar!

Olhei alarmado à pequena Ayleen, que olhava para mim com desespero em suas doces feições.

— Não posso ir — espetei sem soltar a força com que estava cavando o feno dos estábulos —, tenho que terminar meu trabalho aqui e limpar os chiqueiros.

— Alaister estava jogando no escarpado e caiu por um dos ocos da rocha até um rodal de areia, mas não sabe sair.

— Chama a seu pai, estará no salão. — Escapei dela e continuei removendo o feno. Meteria-me em um sério problema se viam faltar com meus deveres, e ainda andava dolorido da última surra para poder suportar uma nova.

— Por favor, Lean. — Suplicou a menina soluçando — Meu pai já nos advertiu de que não jogássemos no escarpado, se fica sabendo, possivelmente não queira nos trazer de novo. Além disso, castigara-nos duramente.

Olhei-a com o cenho franzido e expressão desdenhosa.

— Nenhum de vós sabe o que é um castigo duro.

— Mas deixarei de vir, e eu não quero isso. Eu quero ver-te.

Olhei-a dubio. Eu tampouco queria que deixassem de me visitar. E se estava dando urgência com meus trabalhos era precisamente para poder desfrutar da companhia de meus dois únicos amigos no mundo.

— De acordo! — Aceitei depois de um fundo suspiro — Possivelmente, se não demorarmos muito, dê-me tempo a terminar antes do jantar.

Soltei a força e agarrei uma larga corda perfeitamente pendurada de um gancho.

Ayleen me abraçou agradecida, secou as lágrimas e, depois de tomar da mão, correu atravessando o grande pátio principal para uma das saídas na muralha.

Percorremos o páramo até o escarpado, a larga e escura juba da menina ondeava ante mim agitada pelo vento. Ofegantes, detivemo-nos a borda de um grande vazio na rocha que descendia até um fundo arenoso, como um poço fechado e profundo, onde Alaister choramingava assustado. Quando olhou e nos viu, sua expressão se iluminou.

— Tranquilo, tirar-te-ei daí.

Olhei em redor procurando algum saliente onde atar a corda, sem encontrá-lo. Atei ela à cintura e tombei na superfície de pedra, lançando ao fosso o resto da corda.

— Sente-se em minhas costas, Ayleen!

Senti seu leve peso sobre mim e esperei que, somado ao meu, fosse suficiente para aguentar o do Alaister.

— Adiante, te agarre à corda e começa a subir!

Começou a ascensão torpemente, sem saber muito bem como subir, grunhindo angustiado. Logo compreendi que não sabia subir. Tinha que trocar de tática.

— Provaremos outra coisa. Amarre a corda à cintura e utiliza as mãos e os pés para apartar da parede de rocha quando te avisar.

Pedi a Ayleen que se levantasse e me pus em pé.

Por muito que empurrasse, eu sozinho não poderia elevá-lo, era mais alto que ele, mas também mais magro. Então me ocorreu que possivelmente utilizando um contrapeso... mais à frente sabia que havia outro fosso igual, conhecia os escarpados à perfeição, assim optei por me lançar a ele. Talvez minha queda obtivesse o impulso necessário para tirar o Alaister daquele maldito buraco. Rezei para que a longitude da corda não me jogasse uma má passada.

Inalei uma grande baforada de ar. Abaixo, o estrepitoso som recordou-me que, em pouco tempo, a maré subiria e alagaria aqueles fossos. Não havia tempo que perder.

Olhei ao Ayleen, que me contemplava confusa e assustada.

— Tudo sairá bem, confia em mim.

A pequena assentiu, seus grandes olhos da cor do oceano se aumentaram assustados.

Olhei à frente, lá em cima o vento sempre se mostrava rude e violento, e agradei que nessa ocasião açoitasse minhas costas. Depois de uma última baforada de ar, comecei a correr com todo o vigor que fui capaz de imprimir a minhas pernas, quase chegando ao bordo senti como a corda se esticava atirando de mim para trás. Apertei os dentes e grunhi em meu avanço.

— Agora! — Gritei.

E, quase chegando ao bordo, saltei como se me lançasse ao mar. Minha queda se viu desacelerada pelo peso do Alaister. Descendi a tropicões até alcançar o fundo, sentindo os puxões da corda em torno de minha cintura. Aguardei ofegante e só consegui soltar o fôlego quando a corda começou a afrouxar-se e caiu a meus pés, amontoando-se à medida que o outro extremo maço a outra cintura se aproximava.

O furor das ondas se chocando contra as rochas começou a filtrar água gelada no fosso, cobrindo meus pés.

Uma voz alvoroçada chegou então até mim.

— Obteve-o, Lean! — Exclamou Ayleen saltitando.

Um Alaister machucado e tremendo se aproximou da borda, aparecendo temeroso.

— E agora o que fazemos?

— Vou escalar, sujeitem forte a corda, recolhendo à medida que ascendo!

Ambos assentiram.

— Alaister, desata a corda de sua cintura, poderia cair comigo, tão somente aferra-a fortemente, mas solta-a se teme cair!

Um novo tranco do mar levou uma corrente de água pelas frestas da parede de pedra, o que fez que o nível aumentasse até meus joelhos.

Agarrei ar de novo e olhei para cima com expressão decidida. Procurei salientes e aferrei a eles com habilidade, escalando com soltura. Logo compreendi meu engano quanto ao ponto eleito para escalar. Uma furiosa onda estalou com tanta violência que me golpeou, arrancando-me da parede até o fundo de novo. Um grito assustado acompanhou minha queda.

Mergulhei no que estava se convertendo rapidamente em uma estreita poça profunda. Emergi da água e, bracejando, dirigi-me para o lado oposto daquele buraco.

Sob a água, medi com meus pés fendas sobre as que me elevar. Ajudado de mãos e pés, comecei a ascensão. Não podia me deter para descansar, o nível da água aumentava rapidamente, quase escalando ao mesmo ritmo que eu. A corda de minha cintura atirava de mim, ajudando na ascensão. Estava na metade do caminho, e meus ânimos se redobram quando outra onda me golpeou virulenta contra a parede. Senti como as arestas da rocha se cravavam em minha pele, minha cabeça se chocou contra a pedra e o golpe me enjoou. Detive-me ofegante, esperando que minha vista se esclarecesse, mas o mar não me deu tempo. Outra onda açoitou de novo minhas costas, tão implacável que me desprende dos cabos aos que me aderira com tanto afinco.

Caí à água novamente, esta vez tão dolorido e aturdido que temi não poder emergir. Lutei contra a dor e o frio e nadei para a parede outra vez, entre correntes de água enfurecida que a incipiente noite convertia em bocas de ondulantes línguas escuras e afiados dentes brancos que pugnavam por me tragar.

Ofeguei com desespero sentindo minhas forças fraquejar.

— Lean, iremos por ajuda, aguenta!!!

A voz do Alaister impulsionou meus braços e minhas pernas até alcançar a parede de novo. A corda se afrouxou.

—Nããooo! — Gritei com força — Posso consegui-lo!

O terror mais absoluto agilizou meus movimentos, afinou minha habilidade e despertou meu corpo. Comecei a subir e consegui sair da água, apertando os dentes com força apelando a minha coragem, aguentando estoico o ardor das feridas, a perseverante dor de cabeça e o cansaço de cada músculo.

Devia impedir que avisassem a alguém. Se Lorna descobria que me tinha escapado do castelo sem seu consentimento, o castigo seria exemplar.

Escalei impelido pelo apressso, pelo pavor e por uma ansiedade que deu renovado vigor a meu corpo. Pouco a pouco, e afiançando cada movimento com segurança e aprumo, consegui alcançar a borda ao limite de minhas forças. Um gemido quebrado e exausto escapou de meus pulmões quando meu maltratado corpo descansou por fim de barriga para cima na superfície do escarpado, fora daquele maldito fosso.

Necessitei um bom momento para tentar sequer me pôr em pé. Quando minha respiração se regulou, incorporei-me com tal dor que acreditei haver quebrado algum osso. Olhei para o páramo, mas não consegui espionar aos gêmeos. De qualquer modo, resultaria impossível alcançá-los, já seria um milagre que pudesse caminhar. O esgotamento era tal que voltei a me tombar, aguardando meu destino.

O feroz vento acrescentava o frio intenso que me transia, me sacudindo em espasmos. Empapado e trêmulo, consegui fazer um novelo abraçando meus joelhos. O sabor ferroso do sangue chegou a meus lábios. Apalpei com cuidado a lateral de minha cabeça e descobri nela uma pequena brecha no couro cabeludo. Devia tentar me pôr em pé e me ocultar em algum de meus esconderijos antes que viessem por mim, pensei fazendo provisão de valor. Depois de um longo instante, pareceu-me ouvir um rumor de vozes e abri os olhos sobressaltado.

Incorporei-me apenas para divisar umas figuras aproximando-se. Gemendo, pu-me em pé e procurei caminhar mancando.

Ouvi meu nome na boca de Ayleen, mas não me virei, mas sim tratei de acelerar o passo para escapulir, tropecei um par de vezes, mas não me detive.

Continuaram me chamando e, em meu afã de correr, perdi o equilíbrio e caí sobre as rochas. Senti vontade de chorar de impotência, nem fugir podia.

Já me levantava de novo quando uma mão me aferrou do braço e me girou.

— Moço, está ferido! — Exclamou Ian MacNiall, me sujeitando pelos ombros.

—É... estou... bem... Tenho que ir... meee.

— Meus filhos já me contaram o acontecido. Salvou a Alaister arriscando sua vida e isso nunca o esquecerei. Necessita que o curem.

Neguei com a cabeça, e já me retirava quando o homem me agarrou nos braços. Carregando comigo, avançou em largas pernadas, apertando-me contra seu peito.

— Tenho... que... que terminar... meu trabalho.

Ian franziu o cenho com determinação e negou veemente com a cabeça. Parecia ofuscado.

— Hoje não vais terminar nada, está ferido, maldita seja. Falarei com a Lorna, e enquanto eu esteja aqui ninguém te fará mal.

Aquilo não me reconfortou o mínimo, porque Lorna reservaria sua fúria para quando Ian se fosse descarregando-a com o dobro de ferocidade sobre mim. Era tão certo quanto anoitecia cada dia, tão certo como essa resplandecente lua que era testemunha direta de minhas penúrias, tão certo como essa tênue luz que precedia ao amanhecer, me recordando que começava um novo dia no inferno. Tão certo como o voo das gaivotas, me recordando minha escravidão...

— Vamos!

Estirei ao máximo o braço quase roçando a ponta de seus dedos com meus.

Alaister grunhiu pelo esforço, centrou-se tanto em me alcançar que um de seus pés escorregou perigosamente.

— Pode fazê-lo — encorajei.

Finalmente conseguiu ascender o suficiente para que pudesse apanhar sua mão e puxar ele. Apertei os dentes com força e me arrastei retrocedendo com todas minhas energias até conseguir que alcançasse a planície.

— Maldita seja — praguejou Alaister ofegante —, parecia mais fácil do que é.

— Tudo é mais fácil com um bom incentivo — murmurei.

— E esses não lhe faltaram nunca, por desgraça.

— Faltaram-me outras coisas.

Pus-me em pé e olhei em redor.

— Meu pai o tentou. — Começou Alaister— Aquela noite discutiu com a Lorna, tratou de negociar com ela para converter-se em seu tutor. Ofereceu-lhe dinheiro e terras por te levar conosco, mas ela o rechaçou tudo.

Olhei-o sem recriminação em meu rosto. Sabia que Ian não tinha podido fazer mais do que fez por mim. Levar-me contra a vontade de minha madrastra teria desencadeado uma guerra de clãs.

— Sei, seu pai é um bom homem, fez quanto pôde. Não podia pôr em risco a seu clã — aduzi desejando trocar de tema.

— Não só cedeu por isso, Lean. — Eesclareceu — Foi um MacLean como direito, e pensava que, quando crescesse, você seria o lord e despojaria Lorna de seus direitos de tutora. Se te levava conosco e te criava sob o teto de outro clã, seu tio Lachlan tornaria-se lord e se faria com sua herança.

— Estiveram a ponto de me matar, e durante muitos anos desejei que o tivessem feito, — repliquei com acidez — ela jamais teria permitido que chegasse a me converter em adulto por essa precisa razão.

Alaister baixou a vista incômodo.

— Lamento tanto tudo o que aconteceu. — Murmurou entristecido — O dia que te lançou do escarpado para acabar com sua vida e os Grant o encontraram na borda... — Exalou um suspiro pesaroso olhando ao horizonte, seu semblante se obscureceu — Nunca esquecerei a expressão de meu pai depois de te haver metido naquele navio. Aquela noite soluçou no regaço de minha mãe, nunca o tinha visto chorar assim. E sei que sonhou com o que passou muitas vezes.

— Eu sonho todas as noites. É o único que me mantém com vida.

Alaister me contemplou com certo matiz horrorizado e compassivo no rosto.

— Só descansará quando lhes fizer pagar o que lhe fizeram, verdade?

— Isso espero, Alaister, isso espero, porque, em caso contrário, possivelmente esta vez o mar tenha a bem me acolher em seu seio.

— Mas... deveria lutar por ser feliz, por esquecer, por encontrar uma mulher que te dê um lar. Possivelmente isso te faria achar a paz que tanto anseia.

— Nem esqueço nem perdoo, levaram-me a outro país, mas o inferno viajou comigo. E temo que me acompanhará enquanto viva, nenhuma mulher resistiria isso. E, agora, procuremos a sua irmã, penso lhe dar uns açoites.

— Isso sim é temerário.

Sorri do meio lado e me centrei em escrutinar os arredores. Entre duas colinas, divisei uma cabana apartada, relativamente perto e quase oculta por um bosque de pinheiros vermelhos, uma fumaça ondulante saía de sua chaminé.

Uns estranhos pendentos rudimentares, feitos com galhos e cordas formando estrelas, adornavam os ramos mais baixos do esplendoroso pinheiro; também havia cintas de cor vermelha atadas a elas. Um pouco mais à frente, sob um robusto sarçal, reconheci um arbusto com vistosas frutas negras. A essa distância tanto podiam ser de zimbro como de beladona.

Alaister me olhou inquisitivo.

— Parece o refúgio de uma curadora — aventurei-me encaminhando ladeira abaixo.

— Ou de uma bruxa — apontou ele, tragando saliva.

— Só nos interessa se tiver a Ayleen retida — aduzi circunspeto.

— Preocupa-me mais que permaneça aí por vontade própria.

Olhei-o franzindo o cenho com preocupação.

— Logo saberemos.

CAPÍTULO 24

A profecia de uma bruxa

Uma vez frente àquela escondida cabana no bosque, onde o penacho de fumaça da chaminé pulverizava um aroma estranhamente acre que se mesclava com a fragrância de brejos e mirto, tive a intuição de que bulia a magia em seu interior.

Alaister e eu nos olhamos inquietos, mas com gesto decidido avançamos para a entrada.

O imponente pinheiro vermelho, além daqueles singulares pendentes e festões, luzia pequenas campainhas que o vento acariciava, arrancando um metálico tinido, como se anunciasse nossa chegada. Percebi uma pequena horta, e matagais de frutos. Entretanto, o que mais chamou minha atenção foram umas ovaladas e polidas pedras de rio dispostas em emblemáticas figuras sobre a terra que franqueavam a porta, formando círculos com um triângulo em seu interior.

Soube que eram alegorias pagãs, representações de ocultismo que simbolizavam o poder profético de um visionário. Tinha tido em minhas mãos alguns dossiês copiados por um falsificador em Sevilha do famoso *grimório*¹⁹ do Papa Honório. Recordei à perfeição como o habilidoso imitador ilustrava a coberta com pão de ouro. E o desenho que perfilava com tanta maestria era um círculo encerrando um triângulo. O livro estava composto de feitiços e conjuros destinados a convocar a diversos demônios.

Detive-me com uma sensação sinistra me fazendo cócegas a nuca. Respirei fundo e bati na porta com veemência.

Não demorou a abrir-se, mas ninguém saiu a nos receber. Instintivamente, empunhei minha shamshir e decidi entrar seguido pelo Alaister.

Uma aguda apreensão me arrepiou a pele. No interior fluuava um desagradável aroma de estramônio e arruda que emanava dos alambiques que pendiam sobre a chaminé. Fardos de ervas secas penduravam do teto, prateleiras poeirentas cheias de potes cobriam as paredes. No centro havia uma mesa repleta de pergaminhos pulverizados,

¹⁹ **Grimórios** (do francês *grimoire*) são coleções medievais de feitiços, rituais e encantamentos mágicos invariavelmente atribuídas a fontes clássicas hebraicas ou egípcias. Tais livros contêm correspondências astrológicas, listas de anjos e demônios, orientações sobre como efetuar feitiços ou misturar remédios, conjurar entidades sobrenaturais e da confecção de talismãs.

pilão com restos esverdeados em seu interior, cogumelos em um cesto de vime e o que reconheci como raiz de mandrágora. Em efeito, era a guarida de uma bruxa.

— O que poderiam requerer de mim dois homens tão arrumados?

Giramo-nos sobressaltados para aquela rasgada e pausada voz, que nos enrijeceu no ato e nos acelerou o pulso.

A anciã nos escrutinou com olhar matreiro. Seus cabelos eram largos, grisalhos e crespos. Seu rosto ossudo e anguloso, sua tez alhada, esquartejada por profundas rugas, embora seus olhos fossem belos e de um resplandecente tom azul gelo. Era alta e esbelta, de porte orgulhoso e queixo altivo.

— Procuramos minha irmã — respondeu Alaister com timbre medroso.

A mulher aproximou-se com parcimônia, como desfrutando da tensão em nossos rostos.

Fixou seus olhos em Alaister e assentiu como confirmando um pensamento. Depois me emprestou toda sua atenção com o olhar entreaberto e o cenho franzido.

— Há muita escuridão em ti, leão.

Abri a boca mudo e, inconscientemente, retrocedi.

— Como... como sabe...?

— Sei muitas coisas, a maioria vem de seus silêncios.

— É uma druidhe! — Gaguejou Alaister impressionado e horrorizado, olhando inquieto a seu redor.

A bruxa esticou o braço e me tocou o ombro, apreensivamente me apartei.

— Se não apartar essa escuridão, — continuou penetrando um olhar grave — acabará te devorando. Seu destino é desgraçado, leão, não siga adiante ou te condenará. Embora meu amo achasse um poderoso servo.

— Onde está minha irmã?

A anciã girou com veemência o rosto para Alaister, inclinando levemente a cabeça enquanto se aproximava dele e esgrimia um sorriso sinistro.

— Tem os mesmos olhos que ela, mas não pode ser mais distinto.

Alaister desencapou sua espada e a apontou para a mulher, que sorriu como se, em lugar do afiado aço, hasteasse um inocente ramo.

— Não o repetirei — ameaçou.

— Ayleen, vieram te buscar — pronunciou a anciã em um tom que vibrou uma espécie de arrepiante musicalidade.

Ambos dirigimos a atenção para o lugar onde ela olhava. Em um rincão, umas puídas cortinas pareceram agitar-se. Contive o fôlego.

Uns dedos esbranquiçados apareceram entre o tecido e a abriram lentamente. A tensão quadrou meus ombros enquanto aguardava intrigado.

Depois dos parduscos cortinados apareceu Ayleen, lívida, com o olhar perdido e semblante impávido, como alheia a tudo.

Alaister correu para ela e a abraçou.

— Santo Deus, está fria como uma morta! — Exclamou alarmado.

— Deve haver sentado mal a infusão que preparei para tomar o café da manhã — proferio a mulher, dedicando uma careta sardônica.

— Maldita seja! O que lhe tem feito?

— Além de dar conselhos úteis e alguma que outra indicação, nada. Verdade, querida?

Ayleen assentiu ainda como em transe. Dirigi-me a ela e agarrei-a pelos ombros.

— Encontra-te bem? Reconhece-nos?

Consegui que enfocasse a vista em mim. Assentiu, mas seu mutismo era claro indício de ter sido envenenada por alguma das beberagens da bruxa.

— Você vai ficar bem

Peguei sua mão para tirá-la daquele lugar, mas a anciã se colocou frente à porta olhando Ayleen com semblante grave.

— É formoso e feroz, mas está condenado. — Murmurou — Nunca te amará, Ayleen, só será fonte de dor e sofrimento para ti. Só você pode trocar isso, só o aprendido esta noite te ajudará, só nesse púlpito será escutada. Dei-te a chave para que todos seus desejos se cumpram.

Fulminei à bruxa com um olhar ameaçador e avancei encarando-a.

— Afaste-se anciã, ou o farei eu.

— Não me amedronta, leão! Seu negrume não é maior que o meu. Deveria seguir meus conselhos e abandonar estas terras, que só trouxeram amargura e o continuarão fazendo. Crê que não pode sofrer mais do que já o tem feito? Equivoca-te, o que vejo em seu futuro supera qualquer sofrimento passado. Assim, diga, é tão néscio para te expor de novo e expor aos que mais quer?

— Não é teu assunto, afaste-se da porta.

A mulher esfregou os ossudos dedos entre si e franziu os lábios com desagrado.

— Não, não o é. Mas não quero que as almas condenadas me reprovem por não o haver advertido.

Sustentei seu incisivo e escuro olhar, senti um calafrio enroscando-se insidioso em minha nuca. Quase pude sentir um gélido rastro escorregadio em minha pele. Estremeci, mas não mudei minha dura expressão ameaçadora.

— Fico advertido. Deixe-nos sair.

— Afaste-me você! — Desafiou-me com olhar pernicioso.

Apesar de meus apreensivos reparos por tocá-la, não ficou alternativa. Agarrei-a pelos ombros para colocá-la a um lado, sem me dispor do sorriso trionfal que curvou seus magros e pálidos lábios.

Então, e como se um raio me tivesse fulminado, minhas costas se arquearam violentamente e minha cabeça se inclinou para trás com inusitada brutalidade. Meus olhos se abriram horrorizados e ficaram fixos no teto da cabana, meu coração acelerou descompassado e minha garganta se fechou. Sobre minha cabeça, uma luz se abriu em um círculo resplandecente e, dentro, uma imagem sacudiu-me com a força de um furacão.

O terror me paralisou, a angústia me sepultou e tudo começou a dar voltas em minha mente. A imagem se distorceu em uma voragem de emoções e sons estirados e confusos. Quase chiantes, aturdindo-me até o ponto de sentir que os joelhos não me sustentavam. Sacudi-me tropeçando e caí de joelhos afundando a cabeça sobre o peito. Fechei os olhos ofegante, temendo que o coração escapasse de meu peito.

— Lean!

Alaister tentou me pôr em pé, mas rechacei sua ajuda. Tremia violentamente, um frio opressivo tinha me apanhado em suas garras. Quando consegui abrir os olhos e assimilei o que tinha visto, contemplei minhas mãos aproximando-se de meu rosto. Neguei com a cabeça. Aquilo não podia ser, não era uma visão clarividente, devia ser o venenoso e

maligno ardil da bruxa em seu empenho de me atemorizar. Não, eu jamais... jamais... poderia...!

Gemi transtornado, apoiei as palmas no chão da cabana e sacudi a cabeça com vigor, em um fútil intento de diluir aquela imagem atroz, aquela versão demoníaca de mim mesmo.

Quando elevei o rosto, topei-me com o inquietante olhar da druidhe, conhecedora de minha visão.

— Esse é seu destino. — Proferio em tom tétrico — Nenhuma sidhe nem nenhuma árvore sagrada o protegerão enquanto seus pés repousem nestas terras. Não há feitiço nem conjuro que possa evitá-lo, ainda está a tempo...

— Afaste-se de mim! — Murmurei confuso e tremente — Só deseja apanhar-me em seus malévolos jogos. Tudo é um engano, sei.

— Não o é, leão, é seu futuro. Seu coração sabe e mostra isso, eu só liberei seu conhecimento.

— Não!!! Gritei negando com a cabeça com veemência — Não é certo, não pode sê-lo...

— Saíamos daqui! — Exclamou Alaister consternado.

Consegui pôr-me em pé, ainda impressionado e tremente. Aquela imagem seguia nítida em minha cabeça, martelava implacável, cortando o fôlego e encolhendo meu peito.

A bruxa se apartou para nos deixar passar, evitei olhá-la enquanto Alaister tirava sua irmã, que continuava ausente e perdida. Já os seguia quando a anciã aferrou meu braço. Um violento estremecimento me percorreu de novo. Escapei bruscamente cravando nela um olhar feroz.

— Desfruta quanto possa da vida. A morte te desdenhou duas vezes, não o fará uma terceira, e logo virá a seu encontro. Pôs os olhos em ti a sua volta.

— Esta vez lhe plantarei cara.

A druidhe se ateu ao estragado xale que cobria seus ombros e negou pausadamente com a cabeça. Várias mechas grisalhas, desprendidas de seu coque, balançaram-se lânguidas, como os chapeados fios de uma teia de aranha. As profundas rugas que rodeavam seus lábios se suavizaram no nascimento de um amplo sorriso sibilina.

— Negociará sua morte em um contrato que você mesmo assinará. — Sentenciou funesta.

— Lean, vamos! — Urgiu Alaister ansioso.

Olhei à bruxa nos olhos, indagando neles, e achei tal escuridão nesse claro gelo que senti como se o gélido fôlego de uma espessa nevada congelasse minha alma, como se um invernal vento soprasse a chama de meu coração fazendo-a titilar. Apartei veloz a vista e saí daquela penumbrosa cabana como se me tivessem arrebatado grande parte de minha vitalidade.

Afastamos a grandes pernadas, desejosos de tomar distância, de esquecer o acontecido. Entretanto, senti como se uma aranha tivesse afundado suas presas em mim, inoculando um letal veneno que agora percorria minhas veias, queimando com um terror que acreditava esquecido. Um veneno que devia deter apagando aquela visão de minha mente de qualquer forma.

Senti os joelhos fraquejarem e tive que me apoiar no tronco de uma árvore para não cair.

Alaister, que carregava Ayleen, parou-se, olhando-me com funda preocupação.

— Tem o rosto abatido e tão pálido como o de um espectro. Não sei o que viu, mas não o creia, Lean. É tão somente um feitiço que se diluirá assim que nos afastemos.

Assenti, convencendo-me daquilo e os segui ascendendo a colina, pensando no impossível de descer sem uma corda e com Ayleen naquele estado. Alaister pareceu chegar à mesma conclusão e resmungou uma imprecisão.

— Teremos que encontrar outra forma de chegar aos cavalos — murmurei olhando em redor.

— Há... uma cova justo sob a colina.

Ambos nos giramos sobressaltados ante a apagada voz do Ayleen, que parecia recuperar a lucidez.

— Nos guie, Ayleen.

O olhar da moça pareceu mais centrado e, enfocando-o sobre nós, conseguiu assentir com a cabeça.

Alaister a soltou com supremo cuidado e a contemplou espectador. Ao princípio caminhava insegura enquanto descíamos a colina, conforme avançava pareceu ir despertando à realidade, embora seu rosto continuasse nublado por uma nuvem escura e confusa, ainda inexpressivo e impávido.

Seguimo-la até o pé da ladeira, rodeando-a até uma parede de rocha coberta de hera que pendurava em entupidas lianas emaranhadas. A moça apartou com firmeza a cortina de folhas em formas de coração de um verde brilhante e nos descobriu a entrada a uma cova. Em efeito, Ayleen não tinha escalado o penhasco, mas sim o tinha atravessado.

Não levávamos tocha, mas comprovei que não era necessária. Era um túnel curto que perfurava a rocha de parte a parte. Podia-se vislumbrar ao final o luminoso refulgir do dia, esquadrejado pelo matagal de folhas de hera que ocultavam a saída compunham uma vidraça verde, onde em lugar de juntas de chumbo, era o iridescente resplendor do sol o que fundia aquela tapeçaria natural.

Os irmãos entraram na cova enquanto eu sujeitava aquele pano de fundo de hera. Já me dispunha a segui-los quando senti uma aguda coceira na nuca. Girei-me sobressaltado e dirigi a vista para a cabana. Distingui com clareza a esbelta figura da druidhe olhando em minha direção. O eco de suas proféticas palavras ressonou em meus ouvidos penetrando minha mente como facas ardentes.

Se aquele era meu destino, lutaria contra ele, mas sem fugir, enfrentando-o com todas minhas armas. Combateria não só por salvar minha vida, mas também minha alma, lhe demonstrando à fatídica Providência, que tanto se empenhava em me atormentar, que agora esgrimia o escudo da resistência e a espada do conhecimento.

Atravessamos o túnel a bom passo e saímos ao claro frente ao lago Lomond, onde nos aguardavam os cavalos. De repente Ayleen se voltou para mim com o olhar empanado, ainda macilenta e trêmula; estava tão fria como a passagem de pedra que acabávamos de deixar atrás.

A acolhi em meus braços, tão necessitado como ela de consolo. Comecei a esfregar suas costas com vigor, sussurrando que tudo estava bem, que aquele malefício que ainda a capturava logo se evaporaria. Seus braços permaneceram inertes a ambos os lados de seu corpo, mas de seus lábios escapou um gemido reconfortado.

Alaister aproximou os cavalos, com a estupefação ainda fixa em suas feições.

— Vamos, Ayleen, sobe em meu corcel.

Ela então elevou os braços e os enlaçou em meu pescoço, atendo-se com inusitada força a mim.

— Montará comigo — murmurei interpretando seu arroubado gesto.

Alaister assentiu sério, a inquietação aprofundou em seu rosto e velou seu olhar.

Separei Ayleen de mim e encarapitei ao Zill com presteza. Logo inclinei-me para ela esticando o braço para ajudá-la a subir. A jovem se impulsionou no estribo e elevou-se sobre meu regaço. Sentada de lado na cadeira, abraçou-se a minha cintura, apoiando sua bochecha em meu peito. O decote de seu vestido se cavou ligeiramente, mostrando ver um estranho pendente entre seus seios.

— O que é isso?

Ayleen fechou o decote com alarmada presteza e desviou o olhar.

— Nada, — apressou-se em responder cobrindo com a mão o decote de seu vestido em atitude possessiva — só é um de meus pendentes.

Partimos a todo galope para o acampamento. Agradei o calor da moça, seu peso contra meu corpo, como se precisasse me ancorar à realidade. Bebi daquele apego convencido de ser digno dele, pois, se me amava, possivelmente fora porque meu coração não era tão negro como pensava, e possivelmente esse afeto conseguisse me redimir e evitar acreditar naquela horripilante visão que a druidhe tinha posto em minha mente. Aquele ser enlouquecido e ensanguentado, devorado pelo ódio e espantosamente abjeto não podia ser eu.

O mal-estar continuava azedando minha garganta e sacudindo meu estômago. A azeda inquietação se deslizava escorregadia por minha espinha dorsal como uma cobra serpenteando, e não só pela imagem que tinha visto, mas também, além disso, as emoções da horripilante cena me tinham impregnado com sanha, como se me cobrisse uma pesada e empapada capa pegajosa e fria.

De repente notei uma cálida umidade na camisa. Ayleen chorava contra meu peito.

— Seja o que for o que tenha vivido nessa maldita cabana, tem de esquecer-lo aconselhei—. Arranca-o quanto antes de sua mente.

— Fez ver coisas... também a ti.

— Só são malefícios com os que engana a nossa mente para semear o pânico em nós, nada mais. Devemos tentar apagar de nossa cabeça.

Ela elevou o rosto. Seus grandes olhos, de uma fascinante cor água-marinha, fixaram-se em meu rosto e o inspecionaram intrigados.

— O que foi o que viu?

Apertei os lábios e neguei apenas sem me atrever a olhá-la.

— Não darei voz ao que vi, porque seria de alguma estranha maneira, fazê-lo real. Será um mais de meus pesadelos, estou já curtido neles, não se preocupe.

Os suaves dedos de Ayleen percorreram a linha de meu queixo. Baixei a vista para ela de novo.

— Possivelmente, se lhe der voz, consiga liberar essa visão e que voe longe.

— Faz você, se for o que acredite.

O rosto da moça se crispou, seus olhos se turvaram e seu rosto esticou em uma careta angustiada.

— Eu... não posso... Eu... eu te amo, Lean.

Voltou-se de novo a meu peito tremente.

Sua repentina confissão, sem vir ao caso, pronunciado em um tom tão lastimoso e arrependido, fez-me compreender que eu era parte daquela espantosa revelação. Tive a certeza de que era vital não voltar a tocar o tema, que, fora o que fosse o que tinha ocorrido a noite passada naquela cabana, devia ficar no esquecimento. Só imaginar o que poderia ter feito a bruxa com ela durante tantas horas me estremecia sobremaneira. O tempo ajudaria a sanar a ferida, ou ao menos isso era o que esperava.

Durante o trajeto compartilhamos silenciosas inquietações, incertezas e consolo. Mas, sobretudo, dois segredos escuros que devíamos tirar dos ombros ou nos sepultariam.

Chegamos ao acampamento, os homens estavam sentados em torno de um bom fogo, onde assavam uma lebre e bebiam de seus odres. Duncan e Malcom ficaram em pé alarmados ao ver o desconsolado semblante de Ayleen abraçada a meu peito.

— Que demônios...? — Começou Malcom carrancudo.

Alaister desmontou, olhou à patrulha com gesto confundido e agitado, sem saber muito bem o que dizer.

Eu também desci do cavalo, depois de separar Ayleen de mim. Logo a tirei da cintura e a deslizei até o chão. De novo se pendurou de meu pescoço e escondeu o rosto em meu ombro.

— Perdeu-se e se assustou, nada mais — esclareci circunspeto.

— Pois parece que os três tenham visto um fantasma. — Assinalou Duncan — Estão pálidos e agitados.

— Levamo-nos um susto, sim, mas não passou daí. Ayleen está bem, só precisa descansar e comer algo. Passou a noite perdida na charneca.

Cora se aproximou de nós com uma manta nas mãos e cobriu com ela as costas de Ayleen. Olhamo-nos um instante, vi preocupação em seu rosto, e acreditei perceber um deixo intrigado e incrédulo.

Acomodei a manta ao corpo de Ayleen e a separei brandamente do meu.

— Tem que comer algo e tentar dormir um momento. Temos que seguir a viagem — murmurei com carinho.

Cora assentiu e a atraiu para si, rodeando seus ombros com o braço.

— Vamos junto ao fogo, está gelada.

Ayleen me olhou ofegante antes de deixar-se arrastar junto à fogueira.

Cora começou a sussurrar palavras tranquilizadoras para reconfortá-la enquanto voltava a cabeça para mim, mostrando de novo um acentuado deixo preocupado. O fato de que não dirigisse esse mesmo gesto ao Alaister resultou mais que revelador.

Também ele captou esse detalhe, dado o pano sombrio e opaco de seu rosto. Quando me olhou, não detectei rancor para mim, a não ser tão somente uma muda aceitação que começava a assimilar, como a que mastiga um duro e desanimado bocado de pão, desejando tragá-lo quanto antes.

Dirigi-me para a fogueira com passo inseguro, quase cambaleante, embora decidisse permanecer mais afastado e sentei-me sob uma grande videira. Eu também tinha frio, mas não desejava companhia nem conversação, só cochilar um pouco e assimilar o ocorrido. Envergonhava-me comprovar que não podia deixar de tremer.

Dante foi ao meu lado, mas foi tão sagaz que não perguntou nada. Só se amassou junto a mim, percebendo quanto necessitava do calor de outro corpo. Surpreendi-me abraçando-o, era a primeira vez que o fazia.

Já fechava os olhos com a cabeça apoiada no rugoso tronco quando adverti o olhar de Cora fixo em mim. Algo tinha trocado nela, e pude ver com clareza uma brilhante chama afetuosa aflorando em seu rosto, delatando nela um desejo ansioso e possante por vir a meu lado e dar o consolo que me outorgava Dante. Reconheci que desejei que o fizesse.

Fazia já tanto tempo que não precisava de calor, de carinho, de consolo e que não me sentia tão vulnerável e necessitado que compreendi naquele instante que possivelmente, depois de tudo, não estava tão morto como acreditava.

CAPÍTULO 25

Entre bruma azul

Depois daquele acontecimento, e apesar de fingir que nada tinha mudado, em realidade tinha mudado tudo.

Não soube discernir se foi minha vulnerabilidade daquele dia o que mudou a atitude de Cora para comigo, ou se o fato de que Ayleen se mostrasse abertamente carinhosa comigo, revelando-se inclusive possessiva em ocasiões, foi o que estimulou uma rivalidade que crescia entre elas dia a dia. Embora não pudesse tachar-se de rivalidade realmente, pois Cora, como contraponto, permanecia afastada de mim, distante em seu trato. Entretanto, suas reveladoras olhadas, seu sofrimento e sua tribulação aumentavam, como crescia minha impotência.

Também recebia olhadas reprovadoras e acusadoras de meus homens, como me impelindo a deter aquilo. Mas como explicar que a única solução consistia em me afastar de ambas? Como lhes dizer quão difícil era para mim aquela situação? Sentir-me atraído por uma mulher, querendo a outra, era sem dúvida um tema difícil e delicado em extremo. Algo inexplicável para muitos, também para mim. E não é que Ayleen não suscitasse em mim desejo, mas comparado com as brasas que despertava Cora, sem dúvida empalidecia. Provavelmente se tratava da intensidade acumulada de um desejo insatisfeito que possivelmente desapareceria, mas era muito perigoso tentá-lo sequer. Pois, apesar de ter decidido não me fazer responsável por ninguém exceto de Dante, em meu foro interno algo retinha a não desafogar minhas necessidades, a controlar meus impulsos, por cima de todo meu instinto de amparo para Ayleen. Ela me amava e, embora conhecesse minha reticência e minha decisão, fazê-la testemunha de meus devaneios com outra mulher era um ato de tremenda crueldade. E se havia algo que eu desejasse inclusive mais que a paz era demonstrar que aquela visão jamais se cumpriria que aquele demônio que tinha visto nela não era eu.

Aquela noite me senti sem apetite e apático, só desejava beber e esquecer a amargura que começava a crescer dentro de mim, como a madressilva conquistando um muro, entrelaçando suas raízes em meu peito com inquietante celeridade.

Apurei a aguardente de meu odre e amaldiçoei sacudindo-o frustrado. Gowan me passou o seu, forcei uma careta agradecida e bebi ansioso um longo e ardente gole que

parecia ser quão único conseguia esquentar meu espírito. Comecei a me sentir enjoado e ébrio. As vozes e as gargalhadas ressonaram com um brilhante e estirado eco em meus ouvidos, e a vista falhou um instante. Sacudi a cabeça em um intento de afastar o peso que flutuava nela.

— Não deveria beber mais — repreendeu Ayleen, franzindo o cenho e sentando-se em meu regaço. Enlaçou seus braços a meu pescoço e sorriu docemente.

— Tenho sede.

— Pois beba água.

— A água não esquent.

— Se buscas calor, há melhores formas de encontrá-lo.

Sorri, arqueando uma sobrancelha, formando uma careta travessa.

— Não o duvido, — concordei risonho — mas seguro que implicam pior ressaca que esta aguardente.

Ayleen suspirou aproximando seu rosto ao meu. Seus olhos posaram intencionados em meus lábios.

— Bendita ressaca então, desejaria que me acompanhasse sempre, que recordasse cada instante sentido a seu lado.

— As ressacas revistam deixar um gosto amargo e uma espantosa dor de cabeça, lamentando o excesso cometido.

Ela sorriu negando com a cabeça. Escuras mechas escapadas de sua grossa trança fizeram cócegas meu rosto.

— Eu não lamentaria jamais semelhante excesso, de fato, jamais o consideraria tal. E mais, acredito que nunca teria suficiente de ti, de suas carícias, de seus beijos, de seus olhares...

— Ayleen... — pronunciei em um gemido rouco, e quis imprimir uma nota admonitória, sem consegui-lo.

— O que..., grandalhão? — Sussurrou ela com voz grave e sensual, roçando seus lábios contra meus.

Suspirei e fechei os olhos. O álcool saturou meus sentidos, mas aquele doce fôlego os nublava perigosamente.

— Deveria te afastar de mim — aconselhei.

— Pede muito — respondeu, depositando um beijo suave em meus lábios.

Entreabri a boca para replicar e ela introduziu audaz a ponta de sua língua. Gemi surpreso, encontrando-me sem força suficiente para detê-la. Deixei que explorasse meu interior, que derramasse em mim seu desejo. Recebi indolente seu beijo enquanto repetia a minha turvada mente que parasse aquilo. Agarrei-a pelos ombros com intenção de separá-la e abri os olhos para romper a borbulha de devaneio que ameaçava me capturando, mas topei com um fogo verde pesaroso e furioso que me fulminou como dardos ardentes. A sombria expressão de Cora possivelmente fora um fiel reflexo da minha. Nunca havia sentido tão detento de minhas emoções. Por fim conseguiu apartar irada a vista, girando-se para me dar as costas.

Fixei meus olhos naquela juba de fogo que, ao resplendor das chamas, pareceu ter vida própria. Desejei afundar meus dedos nela, apanhar sua nuca e obrigá-la a me olhar de novo. Fechei os olhos com força apanhando neles a mistura de sentimentos confusos que sentia, recebendo o desesperado beijo de uma mulher que tinha entregue seu coração sem eu merecê-lo.

Afundi meus dedos com determinação nos ombros do Ayleen e a separei de mim aturdido e abatido.

— Não posso...

Ela baixou a vista, tão desolada que me partiu a alma. Depois de um instante, elevou-a de novo, esta vez com um halo de furiosa incompreensão nela.

— Bem pôde aquela noite — reprovou doída.

— É uma mulher formosa e desejável, Ayleen. Compartilhamos prazeres em uma noite mágica que nunca esquecerei. Mas repetir aquilo seria um engano, e ambos sabemos.

— Tudo que sei é que ela se interpõe entre nós — vaiou irada.

Fechei os dedos em torno de seus braços e a contemplei severo.

— Não há um “nós”, Ayleen. — Recordei-a com gravidade, olhando-a com fixidez — Acredito que fui brutalmente honesto nesse ponto. E ela não pode manter-se mais afastada de mim do que já o faz. Acredito que é absurdo cimentar uma base de algo que não estou disposto a construir.

— De algo que não nasceu para construir... — apostilou com rancor.

— Não vou negar que me importa, mas não como você deseja que o faça. Não posso corresponder a seus sentimentos para mim do mesmo modo. Sempre te considereei como

uma irmã, uma amiga, e possivelmente uma amante ocasional, você merece muito mais que as migalhas de um miserável.

— Não procuro que me ame, Lean. Assumi que te perderei quando for, mas te desejo, meu corpo te anseia em meu interior constantemente, recorda suas mãos sobre ele e o prazer com que o tratou com atenção. Eu... não posso me manter separada de ti, não posso. Tome-me como amante, não esperarei nada mais de ti nem albergarei vãs esperanças. Só quero ser tua enquanto dure esta aventura. Preciso-te.

Enlaçou-se a meu pescoço de novo, escondendo seu rosto em meu ombro. Abracei-a em silêncio, com o coração pesado e a culpa fechando sua argola em torno de minha garganta, que se obstruiu apanhando nela umas palavras que a feririam. Entretanto, devia as liberar, embora me odiasse por isso.

— Ayleen, seria egoísta de minha parte desfrutar de ti, atando-a às lembranças, sabendo o que sente. Quanto mais momentos compartilhássemos juntos, mais difícil seria a despedida, não pode fazer isto. Eu não poderia suportar fazê-la sofrer desse modo. Deixemos as coisas como estão, é o melhor para todos.

Ela assentiu com o olhar úmido e o rosto aflito.

— Pode que tenha razão. — Aceitou em um fio de voz — Não voltarei a humilhar-me oferecendo a ti. Sou uma estúpida.

— Ayleen..., não...

Apartou-se ofuscada e envergonhada e ficou em pé com gesto brusco.

Seu irmão foi ao seu encontro. Tinha estado presenciando com preocupação a cena e, apesar de que Ayleen quis evitá-lo, ele a apanhou em um consolador abraço fraternal.

Inalei uma grande baforada de ar que não aliviou a opressão que me atendia e bebi de novo um longo gole. Sabia que não poderia dormir e que tentá-lo seria perder o tempo, assim que me pus em pé e fui à jaula do Sahin. Agarrei uma corda, abri a portinhola e, entre ganidos de ave e batidas de asas assustadas, consegui atar uma de suas patas. Logo o tirei posando-o em meu antebraço. Senti suas afiadas garras em minha pele, apertei os dentes e caminhei para a escuridão da pradaria.

O falcão estendia as asas nervoso, inquieto ante a liberdade da noite que se abria a ele. Afiancei bem a corda na outra mão e elevei o braço riscando um amplo arco para o céu. A ave tomou voo até esticar toda a corda e eu comecei a correr veloz, escapando dos remorsos, da culpa, da frustração e o medo que o destino me proporcionaria.

Corri até que meu peito ardeu e minhas pernas fraquejaram. E, quando me detive ofegante, uma brusca sacudida da corda e um estirado chiado me fizeram levantar a vista ao estrelado manto azulado que uma formosa lua cheia iluminava. Vi a silhueta do Sahin descender em picado como se fora um raio sulcando o céu. Elevei o braço, comprovando agradado como o falcão soltava sua presa a meus pés antes de sujeitar-se novamente em meu antebraço.

Pus-me de joelhos e agarrei o emplumado corpo inerte do que parecia uma coruja. Sahin emitiu um agudo ganido faminto e eu lhe aproximei a ave que tinha caçado e a ofereci. O falcão saltou de meu braço ao chão e começou a devorar sua presa. Observei sua voracidade imerso em meus próprios pensamentos. Tinha retornado a Escócia para ser falcão e, entretanto, começava a me sentir a presa. E a cada instante que passava notava as bicadas do destino, cada vez mais implacáveis, mais ameaçadoras. Aquela visão provocada pela magia da druidhe seguia assustadoramente nítida em minha mente, e possivelmente aquilo fora o que me abatia, fazendo duvidar inclusive se retornar a Sevilha e esquecer de minha vingança. Tudo estava se enredando mais do que o devido, implicando em sentimentos que não eram mais que obstáculos em minha missão. Não podia ficar muito para chegar ao Dumbarton, pensei. Talvez um par de jornadas de viagem como máximo. Logo voltaria a ser falcão, disse-me. Só devia reforçar minha couraça e aguentar um pouco mais. Possivelmente o malefício depois de um tempo desaparecesse de minha mente. Devia confiar que assim fosse.

Não sei quanto tempo passei ali sozinho no meio do pátio, rodeado de uma espessa bruma azul da que pareciam pender todas minhas inquietações, onde nada parecia real, onde o misticismo daquelas formosas terras pulsava em cada pedra e em cada rincão, dando vida a lendas e força à magia; onde tudo era possível caso acreditasse nisso; onde duendes, gnomos e ninfas aproveitavam a noite para percorrer os bosques, confundindo suas vozes com o sussurro do vento e o roce das folhas balançadas por ele; onde o murmúrio da água se compassava com as melodias de suas canções ou o toque de campainha de suas risadas. E então soube por que Ayleen vagava de noite: para entrar naquele mundo oculto e gozar de seus mistérios, para caminhar por um mundo distinto, um mundo que a noite vestia de enigmas e secretos que só esperavam pacientes a ser descobertos, mas, sobretudo, para gozar da paz de um mundo dormido e, de uma vez, tão cheio de vida.

Pus-me em pé e caminhei de retorno com o Sahin em meu antebraço, enquanto recordava as palavras da Anna sobre meu nascimento embaixo daquela grande nogueira, minha árvore. Nasci maldito, havia dito outra druidhe fazia já tantos anos, e na verdade o estava. Minha vida assim o deixava claro; não obstante, minha maldição não só me

alcançava, mas também aos que me amavam, a todo aquele que me aproximava, como se fora a peste, aniquilando a meu redor e deixando a mim com vida para maior tortura.

Via como Ayleen piorava visivelmente dia a dia consumida por um amor não correspondido, como Alaister se sumia na apatia por uma mulher que só tinha olhos para mim, mas que, paradoxalmente, detestava-me, obtendo assim sufocar essa atração maldita que me professava. Maldita, essa era a palavra; maldito..., esse parecia ser meu lema. Via o rancor do Irvin, o receio do Gowan, a condenação do Malcom e a inveja do Duncan. Ao menos Rosston e Dante pareciam imunes a meu halo venenoso de momento, pensei pesaroso. Devia me afastar de todos quanto antes.

De volta, encontrei as silhuetas de corpos amassados no chão em torno de uma moribunda fogueira. Deixei ao Sahin em sua jaula e, ainda insone, decidi caminhar sem rumo ao redor do acampamento. Sentia-me perdido, solitário e triste, inquieto e angustiado, como um animal enjaulado que grunhe a sua sorte, rugindo a suas grades.

De repente, senti um rumor de passos detrás de mim e me girei para a silhueta que se aproximava.

— Está sangrando.

Franzi o cenho com incompreensão para o lugar onde aquele claro olhar indicava. Uns escuros cercos empapavam minha manga à altura do antebraço.

—Só é um arranhão.

—Necessita de uma luva de falcoaria.

—Necessito mais coisas.

Cora sustentou meu olhar com uma estranha expressão no semblante.

—Também eu — murmurou afetada.

—Como, por exemplo?

—Que tudo fosse diferente — respondeu.

—Também eu o desejo, mas isso é impossível.

Cora baixou a vista, seus lábios se oprimiram contendo uma careta frustrada. Tentou pintar sua cara de aceitação, assentindo com fundo pesar. Encolheu-se sob seu xale e já dava a volta quando, em um impulso, nascido de algum indômito rincão de meu ser, capturei seu braço e a detive.

Simplemente nos olhamos, aprofundando nos olhos do outro. Procurei o que já sabia, encontrei o que não devia, e não pude resistir.

Atraí-a contra meu peito, rodeei-a com os braços e a beijei com desespero, confiando em achar resistência, mas não foi assim. O que achei foi o mesmo desespero que me dominava. Sua apaixonada disposição me enlouqueceu transbordando minha fome. Beijei-a com delírio, como se a paz que tanto desejava se escondesse dentro de sua boca, como se precisasse respirar através dela, como se a vida escapasse e seu fôlego não me enchia. Nossas línguas se esfregaram vorazes, nossos dentes chocavam-se, nossos gemidos se interpunham. Nossa paixão nos afligiu de tal forma que caímos sobre o leito do bosque fundidos em um apertado abraço, incapazes de nos separar. Jamais em toda minha vida havia sentido tal paroxismo emocional, tão urgente necessidade e tão ardorosa paixão. Mas o que fazia cócegas em meu ventre, encolhia meu peito e umedecia meus olhos era tão desconhecido para mim como o que se escondia depois das estrelas ou como o que encerrava o fundo do mar.

Cora abriu minha camisa com inusitada veemência em sua ânsia por tocar minha pele. Sua intensidade acendeu cada um de meus já exacerbados sentidos e acentuou minha necessidade dela. Tomei seu rosto entre as mãos avivando o beijo mais ainda se pudesse, enquanto Cora passeava luxuriosa as mãos por meu torso e minhas costas, as filtrando pela cintura de minhas calças até acessar a minhas nádegas. Grunhi quando me cravou as unhas nelas. Senti pulsar o sangue que enchia meu pênis como se fosse lava ardente, em um pulsante desejo que palpitou com ferocidade em uma pontada que encolheu meu testículo. Pensei que morreria se não a tomasse. Mesmo assim, consegui me separar o suficiente para olhá-la aos olhos. “Meu Deus, é tão formosa!”, pensei admirando suas bochechas avermelhadas, seu aceso olhar e seus inflamados lábios. Vê-la ali, tão entregue, tremendo de desejo, nublou meu julgamento um instante e acelerou o pulso.

— Agora é o momento de sua vingança, Cora Campbell, porque se me diz que te solte, eu o farei, morrendo por isso.

Ela sorriu emocionada, olhando-me com tal arroubo que soube sua resposta antes que saísse de seus lábios.

— Serei eu que morrerei se me soltar, Lean MacLean.

— Vivamos, pois — disse.

E caí sobre ela com redobrado furor. Abri bruscamente seu sutiã para liberar seus altivos seios, que dançaram tentadores ante meus olhos. Abati-me sobre eles tomando-os alternativamente em minha boca. Suguei com fruição e entregue deleite suas erguidas cúpulas rosadas, arrancando de sua garganta prazenteiros gemidos que se perdiam na

noite. Ela afundou seus dedos em minha juba e apanhou em seus punhos umas mechas, aproximando-me dela.

—Deus, Lean...! —Gemeu arqueando-se.

—Gatinha, quero te ouvir miar...

Coloquei as mãos entre suas saias e percorri a suave seda de suas pernas, sem deixar de lambe seus seios, mordiscando-os brincalhão, sugando-os, soprando e voltando a capturá-los brandamente entre meus dentes. Deslizei minha mão pela parte interna de suas coxas até o vértice de suas pernas. Detive-me justo em sua virilha, aumentando sua agonia e seu desejo. Elevei a cabeça e a olhei absorvendo a ávida expressão de seu rosto. E, então, rocei as úmidas e quentes dobras de sua feminilidade com a ponta de meus dedos. Ela se estremeceu ante o contato. Comprovar que estava mais que preparada para mim ameaçou derrubar minha resistência. Acaricieei sua fenda com carinho, passeando meus dedos por ela, detendo-me em seu inflamado botão, esfregando-o em círculos, aumentando o ritmo progressivamente. Cora se retorcia debaixo de mim, presa do enlouquecedor prazer que a consumia. Beijei-a para tragar cada um de seus ofegos, enquanto minha mão procurava um êxtase atrás de outro. Introduzi dois dedos nela, notando como seu interior se contraía e derramava seus sucos. Desejei dedicar uma atenção mais minuciosa com minha língua, queria provar seu sabor e beber seu clímax, mas a pulsante e dolorida dureza que latejava contra meu ventre não podia aguentar muito mais. Ver como ela elevava desejosa seus quadris derrubou o magro fio de controle e me acomodei entre suas pernas para liberar meu desejo.

Olhá-la enquanto me introduzia nela, devagar e com extrema delicadeza, foi tão especial que jamais se apagaria de minha mente seu semblante extasiado. Observei atentamente seus gestos, atento a qualquer signo de dor ou moléstia. Quando me afundei por completo nela, seu rosto apenas se esticou um instante e seus olhos aumentaram. Detive-me, aguardando paciente a que sua carne se amoldasse à incursão tremendo de desejo, aguentando estoico as vontades de me mover dentro dela. Cora entreabriu os lábios e olhou-me suplicando um beijo. Inclinei-me sobre ela e tomei sua boca com impetuosa doçura. Logo ela permutou a calda de açúcar em fogo, e minha contenção se derrubou.

Comecei a me mover ao princípio lentamente, mas quando Cora capturou minhas nádegas impelindo mais vigor a minhas investidas, deixei-me arrastar à loucura. Ela se agitou veemente em um espasmo brusco que arqueou todo seu corpo, acompanhando seu clímax de um longo e quebrado ofego. Aquilo foi o prelúdio do meu, que escapou ao

tempo que um grunhido rouco. Derramei-me arqueando as costas, ela cravou suas unhas em minha pele e eu gemi em uma liberação que me sacudiu por inteiro.

Trememente e esmigalhado por uma miríade de emoções intensas que me confundiram, observei-a ofegante. Cora me contemplava emocionada e subjugada, com o olhar úmido, presa naquele forte vínculo que nos unia.

Ainda reticente a sair dela, segurei-lhe rosto, gravando cada deliciosa pincelada. Ela elevou uma mão e repassou a linha de meu queixo lentamente, desenhou meu queixo e subiu até minha boca, que delineou fascinada. Beijei a ponta de seu dedo indicador e sorri tão fascinado como ela.

—O que nos está passando, Lean?

—Não importa o que, nem como, nem onde, só importa isto.

Beijei a ponta de seu nariz, sua boca e seu queixo.

Saí dela e rodei para me tombar de barriga para cima, arrastando-a sobre meu corpo. Acomodou-se contra meu flanco e rodeou-me com os braços. Estendeu sua capa presa de folhagem sobre nós e se aconchegou em meu peito.

E ali, abraçados e estendidos sobre o leito do bosque, rodeados por aquela brumosa neblina azul que gotejava do chão, como se nos envolvesse o fôlego da noite, nos ocultando do mundo real, deixei-me levar por um sonho.

Imaginei que tê-la era possível, que o que sentia transbordando em meu peito não teria que ser estrangulado quando o sol evaporasse com sua luz aquele sonho compartilhado. Que meu destino não era aquele que uma bruxa tinha desenhado em minha mente, e que talvez não fosse um homem sem futuro, depois de tudo.

Ali, com Cora entre meus braços, sonhei que não estava maldito, que a felicidade que não procurava tinha me encontrado e que com ela viajava a paz. Que minha vingança não tinha sentido já porque, a seu lado, os pesadelos morriam e meu coração ressuscitava.

Ali, entre aquela espessa bruma azul, sonhei que minha vida era outra.

CAPÍTULO 26

Um ponto vermelho no horizonte

Partimos pela manhã seguinte rumos à região do Drymen, cavalgando por verdes pradarias entre majestosas montanhas, de cujas altas cúpulas descendiam chapeados e revoltosos riachos, arroios briosos que espumavam sua vitalidade contra as rochas com as que se topavam, saltando com ligeireza em um buliçoso e fresco murmúrio reconfortante.

O perfume da urze flutuava amável em uma brisa lânguida que agitava a larga cabeleira frisada de Cora e convertia suas ondulantes mechas em vivazes serpentes de fogo. De vez em quando, algum resolvido raio de sol escapava da prisão das densas nuvens que esponjavam a grande totalidade do céu e se refletia no cobre de seu cabelo, fazendo-o refulgir com tal viveza que parecia uma crepitante chama estirada pelo vento. E, como tal, experimentei a necessidade de me aproximar dela e sentir seu calor.

Em minha mente revivia uma e outra vez a noite anterior. Tinha-me submerso tanto naquele olhar esmeralda que ainda era incapaz de ver outra coisa. Ainda estava enfeitiçado por ela, pela tangível magia que tinha envolvido nossa primeira entrega. Ainda as mariposas batiam as asas em meu peito e meu pulso se acelerava quando nossos olhos se encontravam. Meu sorriso luzia mais amplo e meu ânimo permanecia em uma flutuante sensação de sonho difícil de dissimular.

Não obstante, devia me esforçar por controlar meus impulsos, ao menos até que Ayleen assimilasse meu rechaço. Estrangulava, quase constantemente, o desejo de tomá-la entre meus braços quando passava por meu lado observando de esguelha, dedicando um travesso olhar cúmplice que me desarmava. Sufocava sorrisos sem fundamento ou evitava olhá-la mais da conta, embora meus traidores olhos frequentemente a seguissem sem remissão.

Açulei meu cavalo até me pôr a sua altura, só para capturar seu olhar e me embeber de seu perfil, sem cruzar palavra. Não fazia falta, nossos olhos falavam mais do devido. Conversavam sobre um mesmo idioma, manifestando o desejo oculto de que chegasse a noite para podermos escapulir como fugitivos, como amantes secretos, longe de olhadas, de recriminações, de rancores ou de julgamentos condenatórios. Nada me importava até chegar ao Dumbarton, nada desejava mais que me entregar sem reservas a essa implacável

necessidade de me fundir com ela. Desejava-a como jamais tinha desejado nada, e foi precisamente isso o que me fez entender o duelo da Ayleen.

Olhá-la fazia sentir-me um miserável, ela procurava não me emprestar atenção, endurecer-se ante mim, e eu desejava fervorosamente que o conseguisse. Nada podia fazer por ela, exceto ocultar a paixão que sentia por outra mulher.

Malcom, que ia a cabeça, elevou a mão de repente, freando abruptamente a seus arreios. Todos nos detivemos alertas. Avancei para ele, dirigindo a vista para onde assinalava com expressão tensa.

Divisei um ponto vermelho no horizonte, que começou a estender-se convertendo-se em uma massa vermelha silhueta. Entreabri os olhos aguçando o olhar. Pareciam cavaleiros uniformizados. Aquelas casacas vermelhas deixavam bem clara sua origem: era uma patrulha inglesa.

Descendiam uma levantada colina, ainda longe de nós. Mas, assim como os víamos, eles também tinham reparado em nosso grupo. Olhei agitado para trás, para o vau de que provínhamos, e decidi retroceder e que nos escondêssemos em lugar de nos enfrentar à patrulha. Eles levavam mosquetes e era ao menos uma vintena.

Os cavalos relincharam nervosos, farejando um perigo iminente.

—Devemos voltar e galopar como se nos perseguisse a morte — aduzi em tom premente.

Manobrei com as rédeas reconduzindo ao Zill, pressionando com os joelhos seus flancos para trocar de direção.

Olhei com preocupação a Dante, que montava detrás de Ayleen, abraçado a sua cintura. Ela me deu de presente um gesto tranquilizador que agradeci com um ligeiro assentimento de cabeça e um tímido sorriso. Rosston levava a jaula do Sahin, coberta com um escuro pano e amarrada a sua cadeira.

—Partam, eu tomarei outro caminho para despistá-los, Zill é mais rápido que qualquer de suas montarias, alcançar-lhes-ei. Rosston, não poderá galopar com essa jaula, libere o Sahin.

O gigante ruivo me olhou assombrado, mas se limitou a obedecer.

—É muito arriscado. Além disso, é possível que se dividam para nos perseguir a todos — indicou Malcom reticente.

—É uma temeridade — coincidiu Alaister reprovador.

—Eu acredito que é uma medida sensata, — apontou Gowan— só perseguem a ele. Matou a um dos Grant, e esse clã é um capitalista aliado do Argyll, puseram preço a sua cabeça. Podemos acordar um ponto de encontro e voltar a nos reunir. Não tem sentido pôr em risco a todo o grupo, há mulheres e meninos nele.

—Gowan tem razão, perseguem-me. Encontraremos-nos no mole do Dumbarton. Se em um prazo máximo de uma semana ainda não chegar, embarquem sem mim.

Ayleen olhou com apreensão no rosto e medo cintilando em seus olhos.

Mas, quando dirigi o olhar para Cora, encontrei uma expressão ansiosa e decidida que me desconcertou.

—Nos apressemos, já chegam! — Exclamou Duncan inquieto.

—Partam, maldita seja! — Apressei terminante.

Um ganido acompanhou à liberação do Sahin. O animal desdobrou suas esplendorosas asas e as agitou com elegância antes de elevar o voo.

E como o formoso falcão, todos partiram velozes, entre o ensurdecido som dos cascos de seus cavalos. Aguardei um instante controlando ao Zill, que se agitava nervoso. Observei à patrulha inglesa, temeroso de que dessem uso a seus mosquetes, pois não demorariam em me ter a tiro.

Voltei a olhar a meus homens, que se perdiam ao longe, exceto um, que parecia perder carreira e ficou atrasado. Um rosto se voltou a me olhar, sua juba refulgia como um halo, era ela. Cora tinha se detido. Amaldiçoei. Os ingleses se aproximavam velozes, pude advertir como alguns apontavam seus mosquetes em minha direção.

Eu olhava alternativamente a ambos os lados com o coração em um punho, e me senti desfalecer quando Cora trocou de direção e cavalgou de novo para mim.

Um disparo sulcou o prado como o assobio de um condor. Instintivamente, agachei-me e sacudi as rédeas, enfiando ao Zill rumo a Cora. Ela teve a prudência de deter-se e aguardar que eu chegasse e, quando a alcancei e pus a seu lado, lancei um olhar furioso. Dirigi-me para os altos e pedregosos penhascos, esperando encontrar algum esconderijo onde nos ocultar. Atravessar a pradaria até chegar às montanhas já não era uma opção, Zill era rápido, mas a égua de Cora não o era. E não podia me arriscar.

Galopamos cortando o vento, pondo ao limite os cavalos, sacudindo veementes as rédeas e olhando atrás para descobrir que os ingleses ganhavam terreno. Constantemente, Zill se adiantava e tinha que freá-lo para não perder Cora. Sua égua resfolegava exausta,

não aguentaria muito mais. Tampouco tínhamos o suficiente tempo para conseguir nos ocultar com tão pouco trecho de distância entre eles e nós. Só encontrei uma alternativa.

Compassei a velocidade com a de Cora e me aproximei de sua égua tudo o que pude. Ela me olhou confusa e assustada.

Ancorei com força minhas pernas aos flancos do Zill, agarrei-me tenazmente ao corno da cadeira, elevei-me nos estribos e me inclinei tudo o que pude sobre ela. Continuando, afofeguei-a fortemente da cintura e me impulsionei veloz de novo a minha cadeira, arrastando-a comigo. Cora deixou escapar um grito surpreso e um fraco gemido dolorido quando a depus com brutalidade sobre mim. Abraçou-se a meu pescoço tremendo e eu tomei as rédeas de novo, as agitando vigorosamente, incentivando ao Zill a que pusesse a prova sua raça.

Voamos sobre o páramo como voa uma fibra de erva em um vento impetuoso. Olhei atrás e descobri agrado que a patrulha ia perdendo terreno. De repente, algo voou mais rápido que nós, e um reconhecível estrondo me encolheu sobre Cora em um gesto protetor. Senti uma ardorosa pontada na coxa. Ela se sobressaltou contra meu peito. E eu afofeguei ao Zill com desespero.

Troquei de direção em uma garganta entre colinas, onde se abriam vários desfiladeiros sinuosos; atrás ressonavam os disparos de mosquetes e os cascos de cavalos. Entrei em um deles procurando proteção em suas curvas, mas em lugar de seguir o estreito atalho entre montanhas, apus-me depois de uma rocha coberta de líquen. Cora me olhou ofegante, posei em seus lábios meu dedo indicador e a rodeei com os braços. Ao cabo ouvimos como a patrulha atravessava o desfiladeiro e contivemos o fôlego. Vi passar um grupo de seis homens, adivinhando que o resto se teria repartido entre as outras bifurcações. Era arriscado sair daquele desfiladeiro para retornar ao páramo, mas se o grupo que nos tinha ultrapassado voltava, encontrar-nos-iam de frente. Respirei fundo e olhei minha perna, um longo arranho sangrava empapando minha calça.

Estiquei as rédeas ao redor das mãos e dirigi meus arreios para a entrada, rezando por não me topar com nenhum soldado.

Cavaleguei entre as abruptas paredes da quebrada, alerta e temeroso. Já saía quando um cavaleiro me cortou o passo. Apontou-me com sua arma e gritou a seus companheiros, advertindo-os. Elevei uma mão em sinal de rendição, com a outra sujeitava a Cora e as rédeas.

— As duas mãos bem visíveis, bastardo sujo.

Aproveitando que a capa de Cora ocultava minha mão, extraí a adaga do cinto e, quando fiz gesto de levantá-la, lancei contra a garganta do soldado a faca, que se cravou certo nela. O homem aumentou os olhos, abriu a boca regurgitando sua agonia e levou as mãos ao pescoço, que começou a sangrar profusamente. Cora voltou a gemer escondendo seu rosto em meu peito. Não perdi o tempo, saí dali a todo galope.

Esta vez não olhei atrás. Cavaleguei como se me perseguisse o alarido de uma alma penada. Esporeei os arreios ao tempo que a respirava com sonoros grunhidos e sacudia frenético as rédeas.

Percorremos a ampla pradaria, já sem ouvir cascos nem vozes, tão somente o vento assobiava a nosso redor.

Não soube quanto tempo tinha transcorrido nem onde estávamos, mas Zill se achava ao limite de suas forças e devíamos nos deter. Divisei o remanso de um riacho na proteção de um bosque de pinheiros, meio ocultos por grandes rochas, e decidi descansar ali.

Desci do cavalo e ajudei a Cora a desmontar. Parecia em choque.

— Está bem?

Apartei a espessa juba de seu rosto, sujeitando-o com ambas as mãos.

Ela assentiu e baixou o olhar trêmulo.

— Por que demônios...?

Elevou-o de novo e me observou com funda emoção.

— Algo me puxou para ti, é quanto posso dizer.

— Foi uma completa loucura — a repreendi forçando um cenho que não conseguia sustentar, pois só desejava beijá-la.

— Abrace-me — pediu escondendo-se em meu peito.

E o fiz, e o teria feito sem que me tivesse pedido isso, e soube que o faria com prazer pelo resto de minha vida se tivesse um futuro que oferecer.

Permanecemos assim um longo instante, desejando evaporar a angústia sofrida, a tensão da perseguição e aquele estranho, mas férreo fio que nos unia.

Tive que reconhecer que custou soltá-la, mas custou muito mais assimilar essa esmagadora necessidade dela. Neguei-me a pensar demais, a afundar naquelas desconhecidas emoções que me sacudiam com tão apaixonado ímpeto. Tão somente me deixei levar por elas, saboreando cada instante a seu lado.

Levava um pouco de pão e queijo nas alforjas, mas foi suficiente para acalmar nossa fome. A tarde deu passo a um preguiçoso anoitecer que obscureceu o sombrio refúgio, nos envolvendo em sombras acobreadas. Não podíamos acender uma fogueira, assim sentei apoiado no tronco de uma árvore com ela entre minhas pernas, admirando como a ascensão da lua se refletia na brilhante superfície do arroio.

—Sente falta de sua vida em Sevilha?

—Sinto falta da gente em Sevilha.

—Alguma mulher em especial?

—Duas.

Cora se voltou para me olhar consternada, seu nariz se enrugou em uma careta escandalizada.

—Tinha duas mulheres? Bom, é meio árabe e dizem que a poligamia é algo comum entre vós, mas pensei que era tão somente uma lenda.

Sua voz transpareceu um desagrado tão evidente que esbocei um sorriso divertido.

—Não eram minhas, — esclareci— e para praticar a poligamia tem que te casar com duas mulheres. Eu sempre fui tão livre como o é agora Sahin.

—Duas apaixonadas?

—Não, só duas maravilhosas mulheres que esquentavam minha cama e espantavam meus pesadelos, mas também tenho saudades do meu mestre e a meus companheiros da gíria.

Cora enrugou o cenho intrigada, mostrando sua incompreensão.

—Uma gíria digamos que é como uma irmandade de delinquentes, pistoleiros, valentões e estelionatários. Revistam gerenciar prostíbulos e casas de jogo clandestino, também fazem encargos de todo tipo — expliquei nostálgico.

—E posso saber qual era sua função ali?

—Bom, tive muitas, comecei de moço sendo um trombadinha hábil, mas logo treinei com a espada e, vendo dom Mendo talentosa habilidade em mim, acolheu-me sob seu cuidado, afinando meus dotes na esgrima. Era xequê em Sevilha, controlava que se cumprissem as regras e se pagassem as dívidas. Punha ordem em rixas, amparo nas mancebías e oferecia minha espada quando a requeria.

—Um rufião — simplificou ela.

— Isso me temo.

— E essas... duas mulheres eram...

— São prostitutas, as mais belas sarracenas de toda Sevilha.

— E sente falta delas? — inquiriu com indignado assombro.

— Pois sim, não só compartilhávamos leito, mas também largos bate-papos, amizade e risadas.

Cora franziu os lábios, o que atraiu minha atenção sobre eles. Observou-me mais atentamente, com aberta curiosidade.

— E... lhe... deitava-te com as duas... de uma vez?

Assenti sorrindo pícaro, esta vez foi ela a que se prendeu em minha boca.

— Elas me ensinaram como agradar devidamente a uma mulher. Revelaram-me que não só se dá prazer com o corpo, que as olhadas, os sussurros, os gestos são os que verdadeiramente mostram a dedicação que toda entrega exige.

— Dedicava tanta atenção a todas suas amantes?

— Em realidade, não, só a aquelas com as que me deitava por gosto. Quando me pagavam, era tudo mais... frio e distante.

Cora aumentou os olhos, estupefata e se separou esmagada de mim, com um claro véu perturbado em seu rosto.

— Você... também...? — Entreabriu os lábios, chocada e me contemplou enrugando o nevoeiro em uma careta consternada — Não sabia que os homens... também...

O emergente rechaço que aflorou a seu olhar, junto com seu assombro, esfaqueou meu orgulho. Ela se enrijeceu nervosa e contrariada afastando-se entre perplexa e confusa. Possivelmente fora melhor que soubesse quanto antes quem era eu realmente.

— Acredite, fiz coisas muito piores. E, mesmo assim, empalidecem em comparação as que me fizeram.

Irritado por sua reação, pus-me em pé e aproximei-me da borda do riacho, inundando meus funestos pensamentos em suas enegrecidas águas.

Ouvi seus hesitantes passos aproximando-se de minhas costas. Sua mão se posou em meu ombro.

—Lamento te haver ofendido, eu... não era minha intenção..., tão somente me surpreendeu.

Girei-me para ela e a agarrei pelos ombros com firmeza.

—Não sou mais que um pobre demônio, Cora — murmurei penetrando-a com um olhar frio e duro. — Um ser escuro e atormentado que unicamente procura a paz repartindo o que considero justo, e partir para inferno de uma maldita vez arrastando comigo a quem me converteu no que sou.

Uns braços graciosos me rodearam e apertaram-me com força. Seu corpo se aderiu a minhas costas, mas seu calor não evaporou minha frieza.

— Não espiono a imaginar quanto pôde sofrer, mas estes dias sim vislumbrei em ti gestos que contradizem suas palavras. Vi bondade, generosidade, carinho, valentia, honestidade e compaixão. E uma sensualidade tão entristecedora que as mulheres não podem separar-se de ti. Não é um demônio, Lean.

Inclinei a cabeça para trás e contemplei a lua imerso em lembranças dolorosas.

—Possivelmente ainda esteja a meio de caminho de sê-lo, porque só um demônio poderá acabar com outro.

Cora me rodeou colocando-se frente a mim e agarrou meu rosto entre as mãos.

—Possivelmente deva retornar a Sevilha.

Seu semblante se escureceu, seu rosto se crispou em uma careta desolada e baixou imediatamente a vista. Esta vez fui eu quem sujeitou seu queixo e a obriguei a me olhar.

—Não é a primeira que me aconselha isso, e na verdade seria o mais sensato. Mas aqui nasci e aqui morrerei. Aqui tenho que arrumar minhas contas, liberar meu ódio e me entregar a meu destino.

—Um destino que te conduz à solidão, ao perigo e possivelmente à morte.

Seus formosos olhos se obscureceram afligidos.

—Vi seu corpo, Lean, suas cicatrizes falam por si só da tortura sofrida. Ouvi os homens falar de sua história em torno do fogo, imagino que o que se conta não é nenhuma pincelada de tudo o que viveu. Ouvi-te soluçar em sonhos, grunhir em pesadelos que me arrepiaram a pele, vejo a dor em seus olhos ante a recordação de alguma cena de seu passado e, mesmo assim, sigo sem entender suas ânsias de vingança. — Aproximou seu rosto ao meu cravando seu enviesado olhar em meus olhos com penetrante intensidade — Porque não achará paz na vingança, porque acabar com quem te fez tanto dano não diluirá

seus pesadelos nem apagará seu passado. Não só não trocará nada, mas também o piorará. É um homem bom, Lean. Eu acreditei te odiar, mas não te conhecia, vejo como trata a esse menino, como tenta não ferir a Ayleen, como cuida inclusive desse falcão e se preocupa de seus homens. Ao final, esse demônio que buscas não conseguiu acabar contigo, não pôde apagar a chama de um coração bom embora maltratado. Vive sua vida e demonstre ao destino que venceste. Já estive no inferno, não baixe de novo a ele.

Embebi-me de sua emocionada expressão um instante. Acaricieei seu rosto com ternura, delineando o contorno sumido em meus pensamentos.

Como explicar que nunca tinha saído do inferno? Como fazer entender que já não havia vida possível para um homem marcado pela dor? Como me atrever sequer a confessar que cada pesadelo me afundava cada dia um pouco mais no abismo, obscurecendo minha alma? Não, era impossível fazê-la ver que a bola de ódio que continha em meu interior crescia de maneira alarmante, que só seria justo liberá-la ante quem a tinha semeado em mim. Pois, caso contrário, terminaria estalando, massacrando sem piedade a quem me pusesse diante de qualquer situação violenta, em uma última gota que transbordaria essa fúria contida e latente que ameaçava devorando minhas vísceras... como o fez aquela noite...

— Adverti-lhe que não aceitasse o encargo, Assem, mas não me fez conta.

Azahara começou a chorar desconsolada, abracei-a para tranquilizá-la.

— Tranquila, a trarei de volta, ninguém tem que sabê-lo, entendido?

Assentiu apressadamente. Beijeii sua cabeça e acaricieei sua juba castanha antes de sair do quarto.

Fabila levava um dia desaparecida. A noite anterior tinha saído com um cliente da mancebía para um trabalho misterioso, mas bem remunerado. O cliente em questão não tinha ido a dom Nuño para acordar um preço, mas sim tinha negociado o assunto diretamente com ela, algo que, se soubesse o velho jayán, poria em severos apuros a Fabila, que por algum maldito motivo estava atuando por sua conta. Ninguém que ele conhecesse saía vivo se surpreendia regulando benefícios à gíria.

Dom Nuño era muito rígido a respeito. Tinha o convencimento de que, se alguém falhava uma vez e era perdoado, não só respirava ao resto a relaxar seu juramento de fidelidade à irmandade, mas também voltaria a fraquejar de novo. Dom Nuño valorava por cima de tudo a lealdade, e uma traição, por pequena que fora, tinha que ser castigada. Em uma sociedade delitiva como aquela, repleta de homens sem moral, devia ser severo com as normas, desde cortar algum dedo, até atar

uma pedra no pé e lançar ao traidor ao Guadalquivir, passando por toda uma série de corretivos pavorosamente criativos. O último tinha sido tão estremecedor para mim que tinha estado a ponto de embarcar em qualquer galeón rumo a Terra firme.

Ao condenado por traição o tinham encerrado e amarrado em uma cama, onde tinha sido violado brutalmente por quatro sodomitas turcos que trabalhavam para dom Nuño, para tal fim, em um dos antros que comandava em Pomar do Rei. Depois deixou atirado em uma rua pública, golpeado e esmigalhado, com um cartaz de sodomita no pescoço. Não demoraram em capturá-lo os oficiais acusando-o de pecado nefando, uma pena que se pagava com a morte na fogueira em caso de ser julgado por um tribunal civil, ou com a prisão e castigo público, se fazia carregar o Tribunal da Inquisição com seu correspondente arrependimento. O homem não teve essa sorte, pois foi julgado pelos seculares.

Caminhei envolto em minha capa, com meu chapéu emplumado de asa larga bastante impregnada e inclinado sobre o rosto, justamente para ocultá-lo. Costumava levar o cabelo recolhido em uma cauda, embora minhas feições estivessem acostumadas a me identificar naqueles bairros portuários infestados de malfeitores e mexeriqueiros. E era a estes últimos a quem procurava.

Percorri o bairro do Areal começando da Torre do Ouro, à beira do Guadalquivir, que àquelas horas da noite era um dos mais perigosos de toda Sevilha, apesar de estar repleto de capelas. Aventurei-me por uma ruela anexa às muralhas das Fortalezas, recordando uma inesquecível visita ao seu interior acompanhando meu mestre, que devia entregar uns documentos da Casa de Contratação. Nunca esqueceria que tinha podido atravessar a Porta do Animal de caça e admirar aqueles excelsos jardins. Suspirei pensando se alguma vez teria ocasião de retornar.

Depois de perguntar a um par de mexeriqueiros, soube que Fabila tinha sido levada a uma casa no bairro da Cruz. Assim, enfiei meus passos para a Giralda, o emblemático campanário da catedral de Sevilha. Um pouco mais ao Este se encontrava o bairro da Santa Cruz, antiga comunidade hebreia que, depois da expulsão dos judeus, tinha piorado muito, por desgraça.

Não tive problemas em achar a hospedaria que tinham apontado.

Quando entrei no infecto lugar, vários olhos receosos me seguiram até a barra. Deslizei intencionalmente minha mão ao punho de meu aço para desalentar a algum atrevido cliente.

Perguntei por uma formosa sarracena que acompanhava, segundo indicações do mexeriqueiro, a um homem de porte distinto, possivelmente algum principal de alguma casa de linhagem; um nobre de tantos, pervertido no gozo do proibido, com gostos peculiares que satisfazia em antros como esse.

Recebi só silencio e um olhar briguento do taberneiro, que negou com a cabeça ao mesmo tempo em que olhava significativamente minha bolsa.

Deslizei umas quantas moedas sobre a barra, espreitando precavido a meu redor.

Então me indicou em um sussurro, uma habitação no segundo andar.

O gemido dos dismantelados degraus de madeira acompanhou meus passos. Das distintas portas brotavam toda classe de sons: retumbantes gargalhadas masculinas, risadas femininas, ardorosos gemidos, grunhidos, golpes e roncões, algum grito brincalhão e murmúrios de conversações.

Detive-me frente à porta mais retirada, ao fundo daquele corredor.

Respirei fundo e a abri. De tudo o que tinha imaginado ver, a cena que descobri me sobressaltou cortando o fôlego.

Fabila estava nua e amordaçada sobre uma desvencilhada cama, de joelhos, com as mãos atadas às costas, coberta de sangue que emanava abundante de vários cortes em seu corpo. Detrás dela, um homem de média idade a montava com selvageria, enquanto manuseava o corpo sangrento da moça, pulverizando seu próprio sangue com uma mão ao tempo que, com a outra, continuava cortando com o que lhe parecia com uma navalha de barbeiro.

Aquele arrepiante espetáculo desatou em mim tal ódio, tão duras lembranças que, quando entrei na habitação, algo estalou em meu interior rugindo de raiva e de ódio.

Equilibrei-me sobre aquele homem com um grunhido feroz e o arranquei do corpo da Fabila, que se derrubou como um saco sobre o leito. Comecei a golpeá-lo com tal sanha que não soube nem discernir onde o fazia. Desatei toda minha brutalidade nele, enlouqueci liberando todo meu ódio.

Nem os gemidos sufocados, nem o pranto suplicante, nem o quebrar de seus ossos sob meus punhos, nem seu olhar aterrorizado e dolorido conseguiram apaziguar a besta em que me tinha convertido. Nem sequer fui capaz de deixar de golpeá-lo no chão, inerte e ensanguentado. Entretanto, tampouco é que o visse, mas sim ante mim unicamente via os verdugos de minha infância, a aquela sádica zorra e a seus capangas. Ante mim unicamente tinha ao maldito destino que tinha arrebatado isso tudo. Só me detive quando o esgotamento me venceu.

Ofegante, por fim consegui ver o horror de minha loucura.

O homem jazia morto e destroçado a meus pés. Retrocedi transtornado e trêmulo, esmagado e arrepiado ante minha ferocidade, uma brutalidade que nunca tinha desdobrado nem nas batalhas que tinha participado. Cobri o rosto com as mãos e neguei com a cabeça.

Meu deus! O que tinha feito? Que demônio se escondia dentro de mim? Senti repugnância de mim mesmo, e uma angústia tão incomensurável que por um instante não pude respirar. Faltou-me o ar e caí de joelhos.

Um sufocado soluço conseguiu me tirar de minha estupefação para me dirigir veloz à cama e desatar a Fabila, que me abraçou com desespero. Tinha que lavá-la, enfaixá-la e vesti-la para tirá-la rápido dali. E assim fiz, enquanto ela só chorava e gemia.

— Tudo sairá bem, tudo sairá bem — repetia incessante, ainda afetado e confuso pelo ocorrido.

Enquanto a tirava da hospedaria nos braços e percorria os estreitos e escuros becos da cidade, rumo à mancebía, quis me convencer de que, em efeito, tudo sairia bem.

Pouco podia saber então que aquele ato de loucura me levaria à prisão dias mais tarde...

Traguei saliva com desagrado, aquelas lembranças secaram minha garganta e agitaram meu estômago. Estremeci e me afastei de Cora, aproximei mais à borda, onde me agachei para pegar água no oco de minhas mãos e esfregar o rosto com ela. Agradei seu frescor, embora o mal-estar permanecesse.

— Já nada pode deter o que comecei. — Murmurei apático — Matei a seu marido e a um dos Grant. Virão por mim, e eu os esperarei ansioso.

Não fui capaz de olhá-la, embora pudesse adivinhar como se estendia a desesperança por ela. Sentir-se atraída por um homem condenado era um duro golpe, ao menos acabava de lhe dar um escudo para manter seu coração longe de mim.

— Pensaste o que fará com sua vida se sobreviver a sua vingança?

Pus-me em pé, ainda lhe dando as costas, observando pensativo, as borbulhantes águas do arroio; a claridade lunar arrancava brilhos em sua superfície.

— Não sei, uma vez cumprida minha vingança se perderia o único motivo que me mantém em pé.

— Busca outro motivo — murmurou com firmeza.

Girei-me para ela e a contemplei inquisitivo.

— Possivelmente esteja tão quebrado que já não possa procurar nada.

— Em tal caso — murmurou dirigindo-se para mim, enlaçou os braços a meu pescoço e reparei pesaroso em seu manchado olhar e em seu contrito semblante — deixa que eu o busque.

Elevou-se sobre a ponta dos pés e me beijou com tão deliciosa doçura, com tão aveludada ternura que algo dentro de mim se rasgou. Senti vontade de chorar, o nó que aprisionava meu peito se suavizou. Sua boca foi a condutora a um ansiado esquecimento momentâneo. Sua língua me levou muito longe, a uma nuvem etérea que evaporou a

realidade e sumiu em um paraíso de emoções maravilhosamente desconcertantes. Senti o coração mais ligeiro e uma distração que fazia tempo que não desfrutava.

Deixei-me arrastar por aquele doce beijo, que com sua magia afastou minhas sombras e me encheu de uma luz desconhecida.

CAPÍTULO 27

Uma luz com nome de mulher

Cavalgar juntos por aqueles formosos prados flanqueados pela magnificência de cordilheiras de brumosas cúpulas, esverdeadas ladeiras e desfiladeiros rochosos era o mais perto que tinha estado do paraíso.

Sentir os braços de Cora rodeando minha cintura e sua cabeça apoiada em meu ombro inchava meu peito de uma emoção a que não sabia pôr nome. Só sabia que aquela luz que agora guiava meus passos provinha de seus olhos.

Quando me olhava com tanta atenção e fixidez, tudo se diluía a meu redor. Não só compartilhávamos nossa paixão, desesperados por encher essa necessidade primária que despertávamos no outro, mas também com nossos bate-papos e debates íntimos, compartilhando toda classe de pensamentos, também despíamos a alma. E a alma que descobria nela me cativava mais que seu corpo, e isso já era muito dizer, pois reconhecia que nunca tinha desejado a nenhuma mulher como a desejava.

Pelas noites estava acostumado a conversar ante um bom fogo. Ela sempre insistia em saber coisas de meu passado, mas eu evitava as lembranças acidentadas, fazendo insistência em anedotas que a entretinham e a faziam sorrir.

— Por que seu pai não te levou alguma vez a corte?

Cora, que mordida uma coxa de lebre assada, encolheu-se de ombros.

— Não sei com segurança, deixou-me desde bem pequena aos cuidados do Colin, o primo de Argyll. Estava acostumada a passar largas temporadas no castelo do Kilchurn. Não fui uma menina fácil — lamentou com uma careta arrependida — Eles tiveram muita paciência comigo, sobretudo Colin. Acredito que comecei a me dar mal no Inveraray só para que mandassem ao Kilchurn.

— Seu pai não ia visitar-te?

— Raramente. — Respondeu fingindo indiferença, imprimindo a suas palavras um tom ligeiro, embora não passou despercebido em seus olhos um ar sombrio — Só quando o reclamava Argyll por temas políticos. Era seu... infiltrado.

O deixo de desprezo foi tão evidente que esticou seus ombros um instante antes de voltar a morder a coxa. Mastigou e tragou em gesto tirante antes de continuar.

— Eu ao princípio corria a seu encontro quando sabia que estava no castelo, voava entusiasmada pelos grandes corredores do Inveraray até o escritório do marquês, para encontrar o descuido e o mau humor em um homem que não mostrava nenhum tipo de afeto por sua filha. Depois, se ele não me buscava, mantinha-me afastada. Saber-me rechaçada era uma coisa; senti-lo na carne, outra. Seu trato doía muito.

— Sempre foi assim?

— Que eu recorde, sim. Embora me contaram que antes foi diferente. Algumas parentes de minha mãe sustentam que, depois de uma forte discussão com ela, pouco depois de meu nascimento, mudou radicalmente. Asseguram que minha mãe chorou durante dias, que adoeceu de tristeza e que, por isso, morreu meses depois. Outras asseguram que nunca amou a meu pai, e que depois da mudança não pôde suportar estar além com uma pessoa a que lhe venceu a amargura. Como resultado daquela forte briga, meu pai abandonou o castelo e partiu a corte. Não voltou a vê-la com vida.

Imerso em seus gestos e expressões, outro rosto me veio à mente, cintilando nela uma suspeita que me sobressaltou.

Admirei o vermelho intenso de seu cabelo, seu nariz miúdo e altivo e a forma de sua boca, ampla e amaciada, com seu peculiar franzir de lábios quando algo a contrariava. Era possível que...?

— Sua mãe era ruiva?

— Não, era morena com os olhos verdes e rasgados como meus.

— E seu pai?

— Tampouco, tem o cabelo escuro e os olhos cinza. Acredito que tive uma avó com minha cor de cabelo.

Emprestei atenção a seus traços procurando neles coincidências e similitudes com o rosto masculino que flutuava nebuloso em minha cabeça. Uma chama de conhecimento me golpeou com força, encontrando semelhanças mais de imaginadas. Surpreendeu-me que nenhuma pessoa próxima a eles tivesse advertido tão evidente parecido. Era impossível prová-lo, naturalmente, e desvelar minha conjectura à ligeira, possivelmente tirando a luz um segredo tão oculto, traria nefastas consequências. Se aquilo permanecia em sombras, devia ser por algo. Pois naquele momento, e rememorando conversações com ele, tive a certeza de que Colin sabia.

Cora permaneceu pensativa um bom momento, com o olhar perdido no fogo. Era fácil ver por suas manifestas expressões que revivia cruéis momentos de decepção com aquele que acreditava seu pai. Decidi ser prudente com um assunto tão delicado e troquei de tema para arrancar sua abatida situação.

— Se me contar sua pior travessura de menina, digo-te a minha.

Ela elevou o rosto e sorriu. Enrugou o nariz evocando lembranças com um sorriso pícaro que me enfeitiçou. Separou-se do rosto rebeldes mechas frisadas que acomodou atrás de sua orelha e ampliou seu sorriso ao topar-se com um momento divertido.

— OH, Deus, quase desalojei todo o castelo!

— Vamos, — animei risonho e curioso — já veremos se supera à minha.

— A filha maior do Colin era uma menina estirada e séria, apesar de ter a mesma idade que eu, naquela época uns onze anos. Estava acostumada a passar o dia lendo e repreendendo-nos por brincar de correr pelo castelo imersos em nossos jogos. Eu sempre estava com os dois menores, maquinando diabruras entre provocações e graças. Um dia me desafiaram a fazer sair a Katrina do salão. Estava acostumada a passar o dia embutida em uma poltrona junto à chaminé, e aquela manhã chovia muito. Agarrei um ramo molhado do pátio, joguei-a ao fogo sem que me visse e saí do salão, aguardando no corredor depois da porta até ouvi-la tossir. Quando começou a fazê-lo, entrei de novo e comecei a vociferar alarmada que o castelo estava incendiando, que corrêsemos ao pátio. A sala estava começando a ser invadida por uma fumaça espessa e branca, e Katrina partiu para a carreira detrás de mim. Evitei rir enquanto ela chiava assustada gritando “fogo!” sem parar. Quando irrompemos no pátio, só me lembrei de me gabar de minha vitória ante os irmãos, sem reparar na turba de gente que entrava no castelo com baldes de água. Encharcaram todo o salão, empapando o mobiliário e estragando muitas coisas, entre elas, o livro que lia Katrina.

— Armou uma boa confusão.

Cora assentiu com a cabeça, suas rebeldes mechas voltaram a soltar-se, balançando-se em torno de seu rosto.

— Esse livro havia custado um bom dinheiro ao Colin em Edimburgo. Katrina deixou de falar comigo e sua mãe me castigou a bordar a seu lado nos dias seguintes, proibindo de sair a jogar. Nem sequer podia falar sem que me perguntassem.

— Que livro era?

— Sonho de uma noite do verão, do Shakespeare.

—Formoso livro, embora prefira Hamlet.

—Uma obra muito dramática para meu gosto — opinou ela.

—Depende de com o que se compare.

Cora me observou compreendendo o que encerravam minhas palavras. Baixou a vista e se alisou a saia.

—É a sua vez.

—Teria uns oito anos. — Comecei— Naquela época, meu pai costumava encerrar-se na biblioteca, fugindo de... de sua segunda esposa. Eu estava acostumado a segui-lo e estar onde ele estivesse, porque em sua presença, ela cuidava de não me maltratar. Na biblioteca fingia ler, mas o que fazia realmente era contemplar o retrato de minha mãe com tal expressão desolada e nostálgica que me contagiava sua tristeza e sua saudade. Além de mostrar-se apático, sua saúde minguava dia a dia, queixava-se de intumescimento no rosto, comichão na língua e mal-estares estomacais. Um dia consegui convencê-lo de que me levasse a pescar, mas Lorna insistiu que Hector nos acompanhasse. Eu não queria, desejava ter meu pai só para mim, conversar com ele, tirar algum sorriso, desfrutar de sua companhia, assim ideei um plano.

Cora se inclinou para frente com o rosto entre as mãos, intrigada por meu relato, dedicando toda sua atenção. Adorava me embeber daquele olhar faiscante e cheio de vida, dessa luz que ela despedia me esquentando o interior.

— Pois bem, — continuei— essa manhã joguei nas papa de aveia uma generosa quantidade de infusão de urtiga e sementes de linho, já saberá que se utilizam como purgante, com a intenção de indispor o ventre do Hector. Mas tão impaciente estava com minha travessura que não caí na conta de que dessa panela comeria toda a guarnição do castelo, incluído meu pai. Pode imaginar a quantidade de homens em cócoras, com as calças baixadas e gemendo entre cólicas, que rodearam o castelo, pois não havia cabines suficientes. Mesmo assim, consegui ir pescar com meu pai. Eu sujeitava a vara, enquanto ele me falava detrás de uns arbustos ao tempo que defecava sem parar.

Cora estalou em gargalhadas imaginando a cena, a musicalidade de sua vibrante risada acariciou meus sentidos. Ri com ela, surpreendido com meu próprio som, tão desconhecido por mim. Não consegui recordar quando tinha sido a última vez que tinha rido assim.

— Santo céu, o teu é muito pior! — exclamou entre risadas.

— Melhorou sua relação com a Katrina?

— A verdade é que não. E isso que tentei emendá-lo, pedi a meu pai que, por favor, conseguisse-me um exemplar dessa obra em Londres para dar de presente a Katrina, em uma de suas escassas visitas. Mas nunca se lembrou.

Seu semblante se apagou de repente, olhou o fogo de novo e abraçou a si mesma.

— Possivelmente deva retornar ao Kilchurn quando eu embarque para o Mull e darei de presente esse livro a Katrina — disse.

Pus-me em pé e dirigi a meu cavalo. Extraí das alforjas um par de livros um pouco desencadernados até que encontrei o que procurava. Cora me contemplava intrigada.

Aproximei-me dela e lhe estendi o volume. Por sorte, conservava-se bem.

Ela abriu a boca muda e agarrou o livro entre as mãos, admirando-o perplexa.

— “O amor não olha com os olhos, a não ser com a alma” — recitei.

— Mesmo assim, resulta muito prazenteiro te olhar com os olhos — replicou ela cativada.

Continuando, cravou seu subjugado olhar em mim e um ligeiro rubor apareceu em suas bochechas.

— É uma frase dessa obra. — Esclareci— O Sonho de uma noite de verão do Shakespeare.

— É uma frase preciosa.

— Há muitas. Em realidade, todas suas obras são dignas de louvor.

— Tive a oportunidade de ler alguma. Recorda mais citações?

— “O amor é uma fumaça que sai do bafo dos suspiros; ao dissipar-se, um fogo que faísca nos olhos dos amantes; ao ser sufocado, um mar nutrido pelas lágrimas dos amantes; que mais é? Uma loucura muito sensata, um fel que sufoca, uma doçura que conserva.”

— Romeo e Julieta — acertou ela sorridente.

Assenti e acariciei seu rosto me perdendo em seus olhos.

— Outra — pediu.

— “Não existe nada bom nem mau; é o pensamento humano que o faz parecer assim.”

— Hum..., Hamlet? — respondeu sorrindo entusiasmada.

— Vou ter que lhe pôr isso mais difícil.

Franzi o cenho pensativo até escolher a seguinte entrevista.

— “Somos feitos da mesma matéria que os sonhos. Nosso pequeno mundo está rodeado de sonhos.”

Cora oprimiu os lábios e entreabriu os olhos recordando os títulos do dramaturgo inglês para aventurar-se com algum.

— Macbeth?

Neguei com a cabeça sorridente.

— A tempestade — respondi enfeitiçado por sua encantada expressão — Justo o que provoca em mim quando me olha assim.

— Lean...

Inclinei-me sobre ela para provar de novo sua doce boca, me embriagando de seu sabor, deleitando-me em cada gemido, no comovedor modo em que se rendia para mim, em como se estremecia entre meus braços, vibrando como a corda de uma harpa. Explorei sua boca com ousadia, bebi seu mel, enredei sua língua, derramando naquele beijo toda a paixão que despertava em mim.

Nossas mãos começaram para buscar-se com a mesma ânsia que nossas bocas, em gesto impaciente e rude, desesperavam-se por despojar de roupa o terreno que deviam conquistar, como um mapa virgem sobre o que exibir um estandarte vitorioso por cada palmo tratado com atenção. Cada suspiro era uma meta alcançada, uma fronteira que se abria a regiões inexploradas, alimentando nossos desejos colonizadores.

Nus sobre meu manto, fundimo-nos em apenas um, e novamente fundo nela, senti como se meu peito se abrisse, como se minha alma perdida até então se ancorasse. Como se algo intangível e mágico nos unisse, nos envolvendo em um brilhante fio de seda, nos convertendo em uma iridescente larva que nos isolava do mundo.

E, enquanto me movia em seu interior e me inundava em seu entusiasmado olhar, detento de emoções jamais sentidas, descobri-me mais vivo que nunca. E essa luz que brotava de seus olhos afastou minhas sombras, me abrindo a um mundo novo.

Cora cavou as mãos em torno de meu rosto, seus olhos brilhavam cheios de lágrimas contidas.

— Meu leão..., meu negro e formoso leão com olhos de sol.

— Minha gatinha, minha fera e doce gata vermelha.

As lágrimas de Cora escorregaram para suas têmporas, embargada pelo mesmo sentimento que oprimia meu peito. Beije seus olhos, a ponta de seu nariz e seus lábios com infinita ternura. Depois de um instante, comecei a me mover de novo tomando sua boca com desespero, até que o prazer convulsionou nossos corpos em um esplendoroso clímax compartilhado.

Custou-me sair dela. Aquele esforço só me fez perguntar como demônios conseguiria me separar de seu lado quando chegássemos ao Dumbarton. E, apesar de compreender o fracasso de meu plano, quanto a me manter afastado de todos e de tudo, de não criar vínculos, de proteger a outros, pensando ingênuo que eu não cairia nessa armadilha, não lamentei me haver deixado levar, me haver entregue de semelhante forma, embora o destino nos separasse breve. Eu era um prófugo, um homem condenado por seu próprio ódio, apressado já em uma vingança que devia culminar. Mas, ao menos, fora o que fosse de mim, já poderia dizer que tinha visto a luz, que tinha gozado dos méis disso que chamavam amor, que pela primeira vez em minha vida compreendia o que era estar no éden. Só esperava que Cora tampouco o lamentasse.

Depois de três dias de viagem, tivemos que dar um amplo rodeio pelos verdes páramos do Perth, perto do castelo do Stirling, mas nos cuidando bem de seguir caminhos pouco transitados, chegamos aos arredores do Dumbarton.

Aquela possivelmente fosse nossa última noite juntos. Saber que nosso idílio chegava a seu fim impedia de nos separar. Cora me abraçava tão forte, suspirava tão afligida e me olhava com tal intensidade que me fechava a garganta. Eu, de minha parte, sentia uma aguda opressão no peito e um desgosto insidioso pelo destino dela. Não podia partir sem convencê-la de que fosse ao Kilchurn e se acolhesse ao amparo do Colin, nem permitir que fizesse a viagem sozinha. Disporia uma escolta para ela. Possivelmente Rosston e Duncan, ponderei pensativo. E então caí na conta de que Colin me devia mais de um favor. Possivelmente não fora desatinado lhe pedir em uma missiva que se fizesse cargo de Dante. Essa decisão pouco aliviou meu mal-estar, apesar de saber que estava fazendo o correto. Que ela não me olhasse com rancor também ajudava, algo que realmente agradeci.

—Quero te desenhar! —exclamou de repente.

E, animada pela ideia, saiu de meus braços e se equilibrou sobre as alforjas de minha cadeira, onde sabia que eu guardava um cálamo e um recipiente com tinta. Extraiu também um maço de pergaminhos enrolados e, equipada de um iludido sorriso, plantou-se frente a mim com uma careta decidida.

—Só tem que me olhar e ficar quieto.

—Empreitada difícil, tendo-a tão perto.

Cora sorriu e negou com a cabeça em gesto admonitório.

—Preciso poder te olhar cada dia para me repetir que não foste um sonho — confessou em tom estrangulado.

Suas palavras fecharam minha garganta com uma emoção que me sobressaltou. Simplesmente atinei em assentir, embora desejasse envolvê-la com meus braços e não a soltar nunca.

Ela me olhou com fixidez, percorrendo com seus olhos de forma pausada e concentrada cada um de meus rasgos.

Ao cabo, abriu o pote com a tinta, empapou a ponta do cálamo nela e logo a agitou brandamente para desfazer do restante. Depois de outro penetrante olhar, começou a esboçar traços com mão firme.

Observei-a fascinado, admirando sua expressão, sua conscienciosa dedicação, a graciosidade de seus movimentos, a imutabilidade de sua artística evasão, a maneira de inclinar a cabeça para empapar-se de cada linha de meu rosto plasmando-a no pergaminho.

Eu também desenhava a ela, absorvendo com meus olhos suas feições, as memorizando a fogo em minha mente, me embebendo de cada um de seus gestos, dessa chama ondulada que adornava sua cabeça, desses olhos da cor de uma folha atravessada pelo sol. E, nesse preciso instante, soube que não a esqueceria enquanto vivesse.

Quando pareceu ficar de acordo com o resultado e me mostrou isso, não sei se fiquei mais surpreso de sua admirável habilidade com o desenho ou do brilho emocionado com que o contemplou.

—Impressionante — murmurei maravilhado.

—Nem a metade do que você o é.

—Cora, eu...

—Shhh..., não diga nada. Quero que te dispa lentamente e te mostre completo ante mim. Eu também o farei.

Pusemo-nos de pé com os olhares engastados, respirando agitadamente.

Ela começou a desenredar o sutiã de seu vestido e eu a soltar o cordão que fechava minha camisa. Tirei-me isso pela cabeça e a lancei ao chão. Aguardei que ela se desfizera do sutiã, contive o fôlego quando baixou a regata de seus ombros até sua cintura,

mostrando seu torso como eu mostrava o meu. O frescor da noite ergueu seus mamilos, me tentando a esquentá-los com minha boca.

Então eu me desprendi do cinto abrindo a fivela de meu cinturão para deixá-lo cair ao chão, e me dediquei a desatar a corda de minhas calças ante seu luxurioso olhar. Ela, por sua parte, levou as mãos às costas e começou a soltar os laços de sua saia. Quando caiu a seus pés, saiu da roda do objeto, só com a larga regata de seus quadris. Filtrou suas mãos entre o fino linho e o fez descer lentamente até desprender-se de toda vestimenta, ficando nua e exposta ante mim, tão somente com as meias de fino algodão até a metade da coxa.

Estava tão formosa, tão sedutora e arrebatadora que minha dureza palpitou dolorosamente faminta. A ponta de meus dedos fez cócegas ante o desejo de percorrer aquela aveludada pele, e minha boca secou sedenta da sua.

Tirei-me apressado as botas e as calças e me ergui ante ela, estremecendo ante seu penetrante escrutínio.

— É ferozmente formoso, Lean, tão grosseiramente exuberante que tira o fôlego. — Começou a aproximar-se de mim, devagar, acariciando com os olhos cada linha de meu corpo — Nem as cicatrizes nem as tatuagens conseguem opacar a beleza de seu corpo.

Começou a desenhar com as pontas de seus dedos os escuros traços dos símbolos que percorriam meu peito em um cordão repleto de arabescos e triquetras celtas²⁰, com minha árvore tatuada justo no centro de meu peito. Com parcimônia, começou a seguir o desenho que descidia por ambos os braços, cobrindo-os por completo até o dorso de minhas mãos, onde se repetia o desenho. Um intenso formigamento arrepiou minha pele, meu pulso se acelerou.

— Possivelmente inclusive lhe imprimam mais magia, — continuou cativada — a magia de alguém especial, de um sobrevivente nato, de um guerreiro. — Suspirou enfeitiçada — Outorgam-te força e poder, mas, sobretudo, resistência. Seus músculos elásticos e vigorosos desprendem tão esmagadora elegância felina quando te move que subjagam em sua contemplação. Emana tal halo de sensualidade que quase golpeia, aturdindo o julgamento de qualquer mulher que te olhe. Envolve-te tal aura de mistério

²⁰ Originário das tradições Celtas, ele representa as três faces da Grande Mãe, a energia criadora do universo, cujas três faces são a Virgem, a Mãe e a Anciã. Também representava as estações do ano, que antigamente era dividido em três fases, primavera,

verão e inverno. Para os cristãos, o triquetra simboliza a Trindade



que quase não parece humano, a não ser uma criatura mística e etérea, um sonho que caminha e que é capaz de arrebatá-la com um olhar apenas. Há tanta dor em sua alma que não posso evitar desejar paliá-la à força de beijos e abraços.

Prendeu-se a meu corpo, aferrando com suas mãos meus ombros. Seus seios se esmagaram contra minha pele turvando meus já inchados sentidos.

— Meu leão, desejaria tanto apagar seu passado como desejo agora mesmo que se detenha o tempo.

— O que está fazendo, Cora? Sinto como se fosse me arrebentar o peito.

— Ato-te para mim — respondeu-me atravessando com um olhar profundo e carregado de sentimentos — para que nem a distância nem o tempo consigam me sumir no esquecimento.

— Antes me esqueceria de respirar — sussurrei-me abatendo sobre ela, tão convencido de minhas palavras como sabia que a mulher que tinha entre meus braços também se penetrou em meu coração.

Fizemos amor com tão entusiasmada entrega que não foi um mero ato físico. Foi um pacto selado entre duas almas, um compromisso eterno forjado a fogo lento que acendíamos com cada beijo, com cada carícia e com cada um de nossos olhares, salpicando faíscas incandescentes que se gravavam em nossos corações. Foi uma despedida e um encontro, uma peculiar mistura de sensações e sentimentos que flutuaram etéreos na noite, possivelmente para fundir-se no halo da lua e assim poder contemplá-los cada um por separado, evocando todas as emoções que nos arrastavam naquele momento.

Atamo-nos sob as estrelas, embaixo daquela grande lua, embaixo daquele sentimento que perduraria vencendo ao esquecimento.

CAPÍTULO 28

A marca da bruxa

Dumbarton era uma vila portuária bastante importante.

Estava situada na borda norte do grande rio Clyde, cravada justo na desembocadura de um de seus afluentes, o Llevem. Desde seus deques partiam barcos comerciais que navegavam para as rotas das Índias Ocidentais. Aquele dinâmico tráfico marítimo dotava ao burgo de uma buliçosa vitalidade, que ficava de manifesto em suas lotadas ruelas, na proliferação de armazéns de carga que saturavam o cais, de estabelecimentos de compra e venda de todo tipo de artigos, de escritórios de agiotas, de concorridas tavernas e numerosas carroças estralando por suas ruas.

Recordou-me ao bairro do Areal, tive saudades de Guadalquivir, embora, apesar da atividade que borbulhava a nosso redor, faltava essa graça inata dos sevilhanos, esse alvoroço natural e os eternos sorrisos que pareciam sempre esgrimir, possivelmente animadas por um sol terminante e as cantorias jubilosas com que executavam seus trabalhos.

Dirigi ao Zill com mão firme, pois de viajar tanto tempo em campo aberto, estar rodeado de semelhante agitação o inquietava. Girava agitado o pescoço, aumentando os olhos ante a confusa e intensa mixórdia de aromas. Continuamente lhe sussurrava em árabe acariciando suas crinas para tranquilizá-lo, enquanto fixava minha atenção na gente que perambulava pelos cais, procurando algum rastro de meus homens.

Tinham transcorrido cinco dias desde nossa separação e meu maior temor era que não estivessem ali. Entre a grande variedade de feileadh mor que luziam os homens, não distingui as cores MacLean.

— Terei de procurar nas tavernas e perguntar — murmurei conduzindo meus arreios para uma delas, o que parecia mais lotada, por isso pude apreciar suas janelas abertas.

— Esse apelido te teria representado à perfeição naquela poça — acrescentei a seguir.

Cora olhou para o pôster que assinalava e se voltou para me sorrir ruborizada.

A Sereia Vermelha chamava-se aquele local, ilustrado além com um desenho bastante sugestivo de uma. Detive o cavalo, desmontei e atei as rédeas à cerca da entrada destinada a tal fim.

— Possivelmente seja melhor que não entre. — Sugeriu — Que um bando de marinhos bêbados veja entrar uma verdadeira sereia possivelmente seja muito temerário.

— O perigo será você sair daí quando as prostitutas que possa haver nesse antro se lancem sobre ti.

— Não fica remédio do que me arriscar — aduzi risonho.

Cora colocou as mãos nos quadris, inclinou levemente o rosto e simulou grunhir mal-humorada. Sorri divertido.

— Se me vir em apuros, avisar-te-ei, gatinha — brinquei piscando um olho.

Em um incontrolável impulso, agarrei-a pela cintura e a beijei. Ela rodeou meu pescoço e aprofundou o beijo me deixando sem fôlego.

— Para que deseje sair quanto antes — murmurou avermelhada, mordendo-se ofegante o lábio inferior.

— Já nem sequer quero entrar.

Sorriu agradada, soltou-me e me empurrou para a porta.

— Procura que não tenha de entrar e te resgatar — repôs com ironia.

Alarguei a comissura de meus lábios em um zombador sorriso oblíquo e entrei no abarrotado lugar.

Passei meus olhos pelas animadas mesas, onde homens de aparência briguenta me olharam com áspera desconfiança.

Aproximei-me da barra e, antes de abrir a boca, o taberneiro me pôs diante uma generosa e transbordante jarra de cerveja.

— Por acaso recorda ter visto por aqui a um grupo do MacLean com uma mulher e um menino?

Rebusquei em minha bolsa olhando-o intencionalmente enquanto extraía algumas moedas.

O homem, de aspecto inculto e gesto turvo, franziu o cenho um instante, enquanto parecia meditar bem sua resposta, sem deixar de observar minha bolsa.

— Pode.

Sorri matreiro e me apoiei na barra com gesto desenvolto. O muito rufião pretendia me enganar.

— Estou acostumado a ser generoso com meus confidentes, mas também desumano com quem busca me fraudar. Por isso, procuro ser precavido requerendo informação precisa antes de afrouxar minha bolsa.

O homem tragou saliva com evidente desconforto. Seu briguento olhar se endureceu sopessando seu próximo movimento.

— Ontem à noite passaram por aqui.

Assenti circunspecto, agarrei a jarra e bebi sedento.

— Certamente me agradaria saber que meus amigos passaram por aqui, mas é tal minha ilusão que não quereria me levar uma amarga decepção se errasse em seu juízo. Assim, saberiam descrever à mulher e ao menino?

O taberneiro espremeu nervoso o imundo pano que tinha entre as mãos calibrando inquieto sua resposta.

— A... a mulher era... castanha..., eehhh..., sim, castanha escura. — Assenti sorridente e distendido animando-o a continuar— E o menino... tinha o cabelo claro como os olhos, recordo-o bem — sentenciou com determinação.

— Vá, que memória! Vêm muitos meninos por aqui?

— Não, a verdade, por isso me chamou a atenção.

— E levavam as cores MacLean?

— Não revistam acontecer muitos por estas bandas, mas são fáceis de reconhecer.

— Já vejo.

Apurei de um último gole a jarra e, quando a deposei na barra, inclinei-me sobre ela e agarrei ao homem pelo peitilho de sua camisa, atraindo-o para mim em um gesto ameaçador.

— Obrigado pela informação, — murmurei mordente— mas não são eles. E, como a desilusão está acostumada acalmar-se com cerveja, agradeço-lhes que me tenha convidado a uma.

Soltei-o bruscamente e saí do local ante o atento e mal-humorado olhar dos clientes, que me seguiram com a vista até a porta.

Cora estava adoravelmente apoiada no corrimão da entrada, com a cabeça inclinada para trás, procurando com seu rosto os mornos raios de um sol que tinha conseguido

liberar do jugo das nuvens. Tinha os olhos fechados e uma expressão tão melancólica que permaneci um instante imóvel, observando-a absorto.

Seu longo cabelo vermelho grosso e sedoso era uma cascata de chamas que lambeu sua cintura, liberando flashes de cobre polido. Era uma cascata de chamas que lambeu sua grossa cintura sedosa, liberando flashes de cobre polido. Seus cachos marcados, como ondas ondulantes em um mar de fogo revoltoso, eram agitados por uma suave brisa que os balançava sobrepondo-os. Seu perfil, como esculpido por um virtuoso escultor do Renascimento, desenhava-se nítido contra um céu anil, subjugando por sua deliciosa beleza, pela harmoniosa proporção de tão delicadas feições.

Suspirei arrebatado, reprimindo o impulso de afundar minhas mãos em sua juba e me perder em sua boca.

Ela abriu os olhos de repente e me contemplou com estranheza. O verdor de seus olhos e aquela expressão embebida e sonhadora arrancou o laço de minha contenção. Equilibrei-me sobre ela e a beijei ardoroso, impaciente e faminto.

Ao princípio pareceu aturdida ante minha veemência, mas logo se enlaçou a meu pescoço com a mesma desesperada urgência que me apressava. Grunhi em sua boca com tal desejo, com tal voracidade, que ela se estremeceu, adoecendo entre meus braços, rendendo-se a meu ardor, completamente apaixonada.

Nublado não só pelo desejo carnal, mas também pela dilaceradora necessidade que ela despertava em mim, senti o implacável impulso de arrastá-la a qualquer rincão oculto e tomá-la até desfalecer. Obriguei-me a dissipar aquela espessa nuvem que saturava meus sentidos até conseguir me apartar dela.

— Não sei que classe de feitiço exerce sobre mim, — sussurrei assanhado — mas embora esteja longe, sempre levarei sua magia no coração.

Cora me olhou com lágrimas nos olhos e expressão compungida.

— Encontrar para te perder... é tão injusto — lamentou.

— Sobretudo porque seria a segunda vez que te acontece — murmurei com pesar.

Cora negou doída com a cabeça. Ardentes lágrimas se derramaram grossas por suas bochechas, rodando lânguidas e ziguezagueantes. Senti uma pontada no peito.

— Não, não é a segunda vez. Jamais havia sentido nada igual, só sonhei poder senti-lo, embora sabedora de que aquele sentimento que descreviam as protagonistas das novelas românticas que estava acostumada a ler de menina era tão pouco usual que minhas possibilidades eram quase nulas. E, embora desfrutasse lendo, sempre fui

consciente de que jamais sentiria nada parecido. Quando aceitei casar-me com o Hector, não foi porque inspirasse em mim nenhuma emoção, mas sim por escapar da prisão do Inveraray, de encontrar meu próprio lugar. E então... chegou você e sacudiu todo meu mundo. Desde a primeira vez que te vi algo em mim se removeu inquieto, vesti-o de ódio quando em realidade era uma atração tão devastadora que lutei contra ela, porque senti que era o que devia fazer. Lutei contra mim mesma por me sentir uma traidora à memória de meu marido, embora fora para mim um completo desconhecido. — Deteve-se um instante para tomar fôlego, tremente e afligida por sua própria confissão — Dia a dia descobria uma nova faceta de ti, e esse muro de ódio que me tinha obrigado a construir foi desmoronando pouco a pouco, como a chuva perfurando um amontoado de areia. E então não ficou mais remédio que aceitar que me tinha roubado o coração e a razão. Pois me entregar abertamente a aquele sentimento que acreditei impossível sentir de menina era abrir a porta também à dor de te perder, de assimilar a vida sem ti. Sempre soube que nada te reteria, que só havia uma missão em sua vida e, mesmo assim, não pude resistir à tentação de me render ao que sentia, de provar aquilo que me consumia, embora saiba do imenso vazio que ficará minha vida quando fosse.

Baixou a cabeça e de seus lábios escapou um débil soluço quebrado. Seus ombros se sacudiram e meu coração se encolheu.

Abracei-a contra meu peito, com tantas palavras retidas em minha garganta, com tantos sentimentos despontados e tantas emoções dilaceradoras, que temi me afogar nelas. E, embora meus sentimentos fossem recíprocos, dar voz justo quando devia me reforçar para poder me afastar dela teria sido uma loucura.

Naquele instante lamentei mais que nunca meu destino. E, embora esses dias tivesse baralhado a possibilidade de ter um futuro com ela me afastando de tudo, esquecendo minha vingança, em meu foro interno sabia que só seria me enganar e enganá-la. Era um homem estigmatizado por uma dor tão profunda, por um ódio tão azedo que jamais poderia ser capaz de fazer feliz a ninguém, porque o veneno que tinham inoculado em minha infância continuava estendendo-se por meu interior, me obscurecendo paulatinamente, porque, se não o liberava, acabaria comigo e com todo meu redor. E não podia permitir que ninguém estivesse ao meu lado quando isso ocorresse.

Ao menos, pensei, ela teria a lembrança de um homem que a tinha amado como melhor tinha sabido e tinha podido. Ao menos ela não veria nunca o negrume que logo vomitaria, nem conheceria aquele demônio que se gerava em meu interior. Não era um grande consolo, mas não tinha outro a que me agarrar.

Nada disse, desatei as rédeas do Zill, rodeei os ombros de Cora colocando-a no meu flanco e caminhei pelo porto com ela a meu lado.

Os mastros de vários navios de carga projetavam suas sombras sobre o molhe, listrando de claro e escuro o pedregoso pavimento do meio-fio. As embarcações amarradas aos postes se balançavam preguiçosas produzindo rítmicos estalos contra a água, que, insaciável, lambia seus flancos desejosa de arrastá-los à deriva. E à deriva ia naquele momento minha alma, perdida em outro mar, um mar tempestuoso que caiu contra mim em ondas ferozes cheias de profunda tristeza que espumavam fúria e dor. Entretanto, consegui cobrir meu rosto com uma máscara imperturbável e velar meu olhar com um fraudulento pano de serenidade. Enquanto, ela lutava por recompor-se contemplando a espelhada e brilhante superfície do rio.

Caminhando, escrutinava atento a meu redor. Embora àquela hora da tarde a atividade devesse ter sido mais sossegada, cavaleiros e gente diversa, de toda índole e condição, perambulavam pelo porto desfrutando da brisa de verão e da formosa paisagem que formava aquele estuário.

Em um amontoado, um homem subindo a um caixote de madeira parecia proclamar a viva voz sua veemente reclamação a um público que, exacerbado, rubricava com ofuscados gestos o que aquele pregador bramava furioso.

— Devemos as perseguir, caçar e aniquilar! — Exclamou o homem exaltado — Todos sabemos onde se reúnem, todos sabemos que a heresia está condenada pela lei secular e a eclesiástica, mas as autoridades parecem haver-se esquecido de nós. Tomemos, pois, a justiça que nos confere o dever de proteger a nossos filhos. Não permaneçamos impassíveis ante a reunião das servas de Satã conjurando contra nós. Acabemos com elas!

A multidão animou avivada, elevando seus punhos e suas vozes, expandindo sua indignação e seu furor.

Cora estremeceu, rodeei-a mais a mim e beijei sua cabeça.

— Do que está falando? — perguntou me rodeando a cintura.

— Acredito que pretende impulsionar uma caça às bruxas.

Aumentou os olhos, olhando condenatoriamente ao homem que continuava enaltecendo os ânimos dos ali congregados.

— Há muitos homens assim pelas Highlands, — explicou com desagrado — dizem serem monges expulsos, normalmente desenquadrados, que vagabundeiam ganhando esmolas com sermões apocalípticos ou adventos demoníacos, carregando contra as

mulheres, semeando nos homens a semente do receio e o rechaço. Isso provoca que olhem às mulheres ressentidamente e com desconfiança, até que desaparecem e tudo volta para a normalidade. Não quero nem imaginar a brutalidade que possivelmente tenham podido desatar em terrenos abonados. Só me produzem repugnância.

— Também a mim, tudo é produto da ignorância e o engano, mas ao mesmo tempo usam o medo como ferramenta para dominar e submeter.

Observamos aos ali congregados, que murmuravam maledicentes entre si, possivelmente planejando alguma maldade contra qualquer festa pagã que estivesse pronta a celebrar-se.

— Já faz muitas semanas que foi Beltane. — Murmurei pensativo — Não recordo nenhuma outra celebração antes do Samhain.

Amanhã se festeja Litha, — aduziu Cora— a celebração do solstício do verão. É um sabbat celta para comemorar o dia mais largo e que o sol esteja em seu ponto mais gélido antes de partir para a escuridão. Minha aia estava acostumada a contar lendas pagãs irlandesas.

— Pois temo que lhes vão arruinar a festa.

Eu não gostei do gesto feroz nos rostos dos confabuladores, nem o olhar pernicioso que brilhava alvoroçado e impaciente em seus olhos. Maquinavam algo grave, e só rezei para que não tivesse que lamentar mais que uma celebração arruinada.

Continuamos o passeio até o final do molhe sem topar com o grupo. Depois de perguntar em vários botequins, só um homem atinou a me descrever ao Rosston, levando a um pirralho da mão das características de Dante que, além disso, parecia resmungar em um idioma estranho. Tinham que ser eles, disse-me mais animado. Segundo o homem, tinham jantado ali a noite passada, mas nem ideia de aonde tinham ido.

A tarde caiu em um ocaso que dourou o horizonte como se prendesse uma chama, apagando o céu com pinceladas púrpuras e rosadas, formando um vistoso tapete de bem-vinda à meia lua que já se elevava tímida no céu.

— Teremos que encontrar alojamento e seguir procurando amanhã — decidi.

— Isso me temo, e isso desejarei temer amanhã — murmurou ela.

Sorri peralta e a aproximei de mim, esfregando meu nariz no lateral de seu pescoço. Aspirei ao jasmim que emanava de sua pele e suspirei prendado.

— Não pensemos em manhã, a não ser em quão larga é a noite.

- Acredito que vou desejar que seja eterna —repôs ofegante.
- Esse seria um desejo compartilhado, gatinha.

Não foi eterna, nem sequer larga, a não ser magicamente efêmera.

Odiei cada feixe de luz, a sensação de frio e solidão em que ficaram meus braços quando ela saiu da cama, o desconsolo de meus lábios tendo saudades dos seus, a quase perceptível dor física de minha pele longe da sua. E, sobretudo, odiei sentir essa dependência desconhecida e aguda que todo meu ser sentia por ela.

Não só tínhamos feito o amor até desgastar nossos corpos, também tínhamos conversado de tudo, despindo parte de nossa alma. Tínhamo-nos contemplado em silêncio, entre carícias e carinhos, sentindo uma familiaridade tão acusada que me perguntei como tinha podido viver até então sem esse calor que só ela me outorgava. Minha vida seria muito mais fria a partir de agora, fui consciente disso. Não obstante, possivelmente ter conhecido esse purificador fogo que ela imprimia em meu peito fora motivo suficiente para lutar por uma vida que sempre tinha acreditado perdida.

Sáímos da hospedaria para vagar sem rumo pelo burgo, perguntando aos vizinhos pelo grupo do MacLean. Tinha decidido ir a pé, deixando ao Zill no estábulo gerenciado pelos proprietários do estabelecimento.

Nas poeirentas ruas, grupos de gansos grasnavam ante a indicadora vara do granjeiro que os guiava. Vivazes meninos brincavam de correr sumidos em jogos e travessuras. Mulheres de diversas idades estendiam roupa ou varriam através da porta de seus lares em enérgicos gestos. Anciões se sentavam em banquetas junto à parede de suas cabanas, com a única ocupação de ver a vida passar, possivelmente por última vez. E, entre todo aquele bulício, nem um rosto conhecido.

- Onde demônios se colocaram?

Cora encolheu os ombros, derramando seu olhar pela praça onde convergiam várias ruelas.

- Eles estarão também se perguntando isso.

No centro da mesma se elevava um cadafalso de madeira sobre o que tinham disposto vários postes. Na base de cada um deles tinham amontoado perfeitamente ramos secos, deixando clara a finalidade daquela pronta execução. Então recordei ao bagunceiro do porto, e por algum motivo senti certa apreensão na boca do estômago.

Em outra esquina tinha situado outro assoalho, onde um pobre moço era vexado em um pelourinho por outros meninos de sua idade.

Senti a urgente necessidade de encontrá-los e abandonar aquele lugar. Minha intuição me dizia que fugisse quanto antes. Percebia misteriosamente um palpito opressivo, como um luminoso alerta, como um batimento do coração fraco, mas regular, uma vibração insalubre e insidiosa que avisava de um risco.

Observei com mais atenção a meu redor. No ambiente pesava uma tensão evidente, uma inquietação ansiosa e uma crispação oculta de normalidade. De onde estava não podia ouvir as conversações entre os diferentes grupos de homens, que maquinavam confabuladores em sussurros soterrados. Também adverti que foram armados e providos para uma escaramuça.

Detive uma mulher que levava um cântaro de leite sujeito às costas.

— Desculpe, sabe-se quem são os réus?

A mulher franziu com desgosto os lábios antes de responder.

— Foram detidos faz duas noites. São forasteiros, chegaram faz uns dias, só vagabundeavam pelas ruas fazendo perguntas. Levavam a um estranho moço consigo. As bruxas revistam ajudar-se de meninos para usar os de ceva e atrair presas.

Um nó fechou minha garganta. Dos lábios de Cora brotou um gemido estrangulado e seus dedos se cravaram em meu braço.

— Do que os acusam? O que foi que ocorreu?

Tentei conferir a minha voz um tom curioso e cometido, mas a ansiedade se sobrepôs.

— Faz dois dias viram o pequeno Kael jogando com esse menino no porto, era o que acompanhava ao grupo de forasteiros. As testemunhas que os viram juntos no molhe asseguram que o outro menino falava uma língua estranha e lhe sussurrava ao ouvido. Ninguém viu o que passou depois, mas encontraram o corpo do Kael flutuando de barriga para baixo no rio. Armou-se um grande reboliço. Outro homem desse grupo, de aparência agradável, de porte distinto, lançou-se à água e o tirou. A jovem ia com eles se equilibrou sobre o inerte corpo do pequeno e começou a lhe golpear no peito com violência. O menino tossiu expulsando água, mas logo a bruxa aproximou sua boca a ele e lhe absorveu a vida diante de todos os que presenciaram a tragédia. —A mulher se benzeu temerosa— Que Deus nos ajude, estamos condenados!

— Essa mulher só tentava reanimá-lo! — Exclamei furioso e sobressaltado. Estava claro que eram eles — Quis salvar a vida desse menino, não é nenhuma bruxa. Qualquer

teria feito o mesmo. — A mulher negou terminante com a cabeça, seus olhos cintilaram assustados.

— Levava a marca da bruxa em cima. Todos viram o pendente que luzia. Quiseram retê-la até que chegasse o oficial maior. Seus amigos tentaram protegê-la. Houve uma grande briga, finalmente foram reduzidos e levados aos calabouços acusados de serem cúmplices de bruxaria.

— A marca da bruxa? — Inquiri esmagado e angustiado. Aquilo não podia estar passando. E então recordei o pendente que Ayleen me tinha oculto nervosa quando saímos da cabana daquela maldita druidhe.

— É um nó de poder, um amuleto que levam as bruxas para nos atar com feitiços. Será usado em seu contrário no julgamento, quando a capturarem. Todos os presentes o viram em seu pescoço.

— Onde estão os calabouços?

A mulher assinalou uma grande casona de pedra.

Agarrei a mão de Cora e fui para a prisão a grandes pernadas com o pulso batendo acelerado nas têmporas, sufocando com muita dificuldade a raiva e o medo. Devia manter a mente fria e me centrar na maneira de tirá-los dali.

CAPÍTULO 29

Entre feitiços, lendas e grillhões

O eco de nossos passos ressonou pelos estreitos e escuros corredores da prisão do Dumbarton, ricocheteando nas paredes de pedra, seu som somando-se ao ruído da água gotejando de seus muros e ao dos sinistros lamentos estirados e agônicos dos presos ocupavam suas míseras celas.

Tochas piscando derramavam brilhantes cercos dourados que pouco conseguiam afastar as sombras daqueles lôbregos passadiços. Diante de nós caminhava curvado o carcereiro, um homem bojudo, de grande estatura e expressão arruda ao que tive que subornar generosamente para poder visitar os réus.

O fedor úmido e imundo que flutuava naquele lugar obrigou Cora a cobrir seu nariz com um lenço e a mim a apertar fortemente a boca.

Em uma das portas aparecia da janela superior, coberta de grades, um revoar de moscas acompanhado de um molesto zumbido. Ao passar junto a ela, uma baforada pestilenta me provocou uma violenta arcada que me fez tossir.

— Faz dias que esperamos ao coveiro — justificou o homem, a quem não parecia que aquela fetidez lhe afetasse em modo algum.

Saber que um cadáver estava apodrecendo a poucos passos de nós não ajudou a sufocar minhas náuseas.

Chegamos ao final da galeria e giramos uma curva à esquerda. Ali, a destilação do teto caía de maneira regular, formando pequenos atoleiros nos vazios da rocha calcária com que tinham pavimentado o chão.

Finalmente nos detivemos junto a uma porta. O carcereiro rebuscou no aro onde pendia todo um ramalhete de chaves de ferro, agarrou uma e a introduziu na fechadura. Depois de dois giros, a porta se abriu lamentando.

O homem retrocedeu e se apoiou indolente na parede, me entregando a lamparina que levava.

Pela abertura só aparecia um moribundo halo cinzento rodeado de absoluto negrume.

— Alaister...

Um murmúrio de cadeias agitou o ar, e vários gemidos esperançados se interpuseram uns sobre outros. Reconheci aliviado o de um menino.

Entrei na cela seguido de Cora, encontrando frente a mim rostos imundos e desolados, com um débil resplendor iludido matizando sua incerteza.

— Santo Deus, Lean, por fim aparece!

Alaister sorriu, embora com funda aflição. Fui para ele e posei minha mão em seu ombro, pressionando-o afetuosamente. Uns pequenos braços enlaçaram minha cintura. Agachei-me e cobri a Dante em meu peito. O pequeno soluçou em silêncio.

— Tirar-lhes-ei daqui.

Elevei a lamparina e descobri ao Rosston, que sorria emocionado; ao Irvin e ao Gowan, que me dedicaram um gesto bastante antissocial e desesperançado, e ao Malcom e ao Duncan, que me rodearam inquisitivos e preocupados. Todos mostravam machucados no rosto. Seu olhar grave carregou-me com uma responsabilidade que tinha adquirido quando os tomei a meu serviço.

— Amanhã nos julgarão, — revelou Malcom— têm que organizar nossa fuga esta noite.

— Onde está Ayleen?

— Conseguiu escapar. — Respondeu Alaister — Na briga, montei-a em meu cavalo e a vi afastar-se a todo galope, não sei se a perseguiram.

— Disse para onde pensava dirigir-se? Ficaram em algum ponto?

Alaister baixou a vista pesaroso, meditando sua resposta. Parecia inchado e cansado.

— Disse algo de um púlpito. — Mencionou sentindo saudades — Entendi que pensava nos auxiliar, mas que necessitava ajuda.

— Um púlpito? — Inquiri.

Ele assentiu confuso e se encolheu de ombros.

De repente, aquela palavra pareceu iluminar-se em minha cabeça, piscando insistente, cintilando em uma lembrança que me sobressaltou. Uma frase foi a minha mente e tudo se iluminou encaixando no lugar correto.

— Aquela druidhe sugerio a Ayleen algo sobre esse púlpito.

— É certo! — Exclamou Alaister.

Olhamo-nos ansiosos recordando a frase exata.

— Disse algo a respeito de que só nesse púlpito seus desejos seriam escutados. Também falou de uma chave, e acredito saber a que se referia — adivinhei.

— Creio que se referia a um enclave preciso utilizado para rituais? — Perguntou Alaister.

Os rostos dos homens mostraram uma acentuada confusão.

— É justo o que acredito.

O rosto do Alaister empalideceu de repente e seu olhar se obscureceu.

—É capaz de invocar ao muito mesmo demônio com tal de nos ajudar — murmurou aflito. Seu olhar se turvou com um deixo apreensivo e temeroso que lhe fez aumentar os olhos — Então... essa chave é o maldito pendente que lhe arrancaram durante a briga, que originou todo o pandemônio.

— Que nos condenará por cúmplices de bruxaria — cuspiu Gowan acusador.

Alaister encarou-o. Ambos se mediram com olhadas ameaçadoras.

— Essa cadela deveria morrer na fogueira e confessar que nos utilizou e nos enganou nos ocultando sua verdadeira e malévola identidade — resmungou Irvin com exacerbada aversão.

Alaister agarrou ao Irvin pelo espartilho e o sacudiu até estampá-lo contra a parede.

Temí que o carcereiro interviesse e detive o Alaister.

— Vou lhes tirar daqui, maldita seja, — vaiei furioso — mas antes tenho que encontrar Ayleen. Acredito que esta noite todos os homens desta condenada vila sairão em caça.

—Litha. — Interveio Cora — Esta noite se celebra esse ritual pagão. É muito possível que druidas e adoradoras da religião celta se reúnam em um lugar sagrado, um ponto mágico para festejar a culminação do dia mais longo do ano.

— O púlpito! —Exclamamos Alaister e eu quase ao unísono.

—Terá que avisá-los ou se converterá em um ritual de morte. — Repus angustiado— Temos que averiguar onde está esse lugar e nos infiltrar para lhes advertir e lhes dar tempo a escapar.

—Só são bruxas — interrompeu Irvin depreciativo. Seu claro olhar brilhou com ódio e ressentimento.

—E você só é um insensível e um miserável filho de cadela — balbuciou Alaister iracundo.

Coloquei-me entre eles pedindo calma e os fulminei com o olhar.

—Quando recuperar Ayleen, retornaremos para tirá-los daqui. Estarão muito ocupados toda a noite, estes calabouços ficarão desatendidos. Sairemos daqui e partiremos rapidamente.

Uns passos irromperam na cela.

—Acabou-se o tempo — anunciou o carcereiro.

Dante se equilibrou sobre mim e me abraçou de novo, chorando assustado.

—Shhh..., não se preocupe, pequeno. Tudo sairá bem.

—Só... só estava jogando com esse menino. Eu... eu não o empurrei, juro-o! Caiu ao rio e se golpeou contra as pedras do dique.

Acaricieei meigamente seu cabelo, sussurrando palavras tranquilizadoras até que se acalmou.

—Logo partiremos deste lugar, confia em mim.

Dante assentiu enquanto se sorvia o nariz e se limpava as lágrimas com o antebraço de sua imunda camisa, abrindo os olhos negros que cobriam seu rosto, olhando iludido.

—Cuidarei dele — declarou Rosston.

Assenti agradecido e, antes de sair, girei-me para o Alaister.

—Encontrarei-la — afirmei convencido justo antes que se fechasse a porta.

Caminhei para a saída pensativo, ideando a maneira não só de encontrar esse lugar, mas também de me adiantar e conseguir interromper a celebração. Seria uma situação perigosa e não desejava expor Cora, devia deixá-la na hospedaria aguardando minha volta.

—Possivelmente a mulher com que falamos saiba algo do púlpito — sugiero.

Era justo o que eu pensava. Perguntar por esse lugar. Certamente seria o tema de conversação em todos os grupos.

—É o mais direto, e não tenho tempo que perder.

—Tenho?

Cora me olhou franzindo o cenho. Pôs os braços na cintura e compôs uma careta tenaz.

— Sim, tenho. — Aduzi terminante — Não vais acompanhar-me, é muito arriscado. Esperara-me na habitação de uma hospedaria.

— Nem pensar. — Objetou teimosa — Irei contigo, e te juro que se me encerra jogarei a porta abaixo e te seguirei.

— Por favor, Cora, seja razoável.

— Nunca o fui, não vejo por que tenho que sê-lo agora.

Admirei o brilho decidido de seus olhos, tendo a certeza de que não retrocederia em seu empenho de me acompanhar. Devia lhe fazer entender que sua companhia me faria mais vulnerável.

— Cora, escute! — Insisti agarrando seu queixo e cravando meu pertinaz olhar nela — Se vier comigo, estarei mais preocupado pelo que te possa passar que por minha missão. É mais provável que haja enfrentamentos diretos e não poderei lutar com o mesmo arrojo se temer por ti. Não é conveniente dividir minha atenção em uma situação tão arriscada. Haverá dezenas de homens dando caça a mulheres, não posso consentir te pôr em semelhante perigo. Espera-me nessa condenada habitação até que retorne, entendido?

Cora agravou seu cenho, cruzou-se de braços contrariada e ofuscada e soprou com sonora frustração.

Aproximei-me dela e a abracei apoiando o queixo em sua cabeça.

Ela permanecia indignada, sem me rodear com os braços. Curvei-me sobre ela como cobrindo-a em meu peito em gesto protetor e beijei sua cabeça.

— Se algo te passasse, eu... — confessei sem me atrever a baralhar essa possibilidade.

Elevou o rosto e me observou com atenção, sem poder ocultar uma crescente emoção tinta de agonia.

— Outro desejo compartilhado, — repôs — o de te proteger.

Sorri fraco e rocei sua boca brandamente. Ela exalou um fraco gemido entreabrindo seus doces lábios, um gesto que me cativou.

Apesar de meu desejo por tomar sua boca, consegui me apartar dela e agarrar a mão. Caminhamos sobre em direção ao alojamento onde tínhamos passado a noite. Ali, a mulher do taberneiro nos recebeu com um amplo sorriso enquanto esfregava a superfície

da barra com um pano, suas generosas formas se balançavam sobre a madeira com mais garbo que o pano que usava para tal fim.

— Necessitaremos a habitação outra noite — disse sorrindo com ligeireza.

— É obvio, senhor. — Jogou uma olhada a Cora e esboçou um pícaro sorriso — Recém-casados, verdade?

Assenti cobrindo os ombros de Cora com meu braço em gesto possessivo.

— Em efeito, minha bela esposa está muito cansada. Se nos servirem algo de comer, passaremos o dia no quarto.

Pisquei-lhe um olho cúmplice, e a mulher assentiu com semblante risonho.

— Por certo, dando um passeio pelo lugar nos contaram a terrível morte que aconteceu faz dois dias. — Começou Cora em tom impressionado — Que Cristo nos ajude! Meu marido deseja unir-se à patrulha para lhes dar caça, deve fazer-se justiça.

A mulher assentiu veemente. Em seu rosto se pintou uma expressão horrorizada e compungida.

— A mãe está destroçada. — Comentou compassiva — É uma tragédia, o pequeno Kael era querido por todos.

— Todos falam de um púlpito onde as bruxas pensam reunir-se esta noite — intervim — mas nunca ouvi falar de um lugar assim.

A mulher se inclinou sobre a barra para sussurrar sua resposta, como se dizê-la em voz alta pudesse convocar a algum espírito maligno.

— É conhecido como o Púlpito do Diabo, por seu aspecto e pelas assembleias que as bruxas celebram ali. É uma abrupta garganta escura que se abre em metade do bosque como um talho sangrento na densa vegetação. Por ela discorre um rio de águas vermelhas e sulfurosas, e dizem que no fundo desse desfiladeiro há um altar de pedra onde ainda se pratica a antiga magia. É um lugar cheio de lendas, carregado de um poder que, como asseguram os que estiveram nele, inclusive crepita no ar. Além disso, até se pode ouvir o lamento das almas condenadas.

— Aterrorizante! — Exclamou Cora com fingido assombro, benzendo-se exageradamente.

— Onde se encontra, exatamente?

— No Finnich Glen, está perto daqui, ao noroeste em direção ao Stirling, perto do Drymen.

Rodeei a Cora pela cintura e a aproximei de mim, sorrindo-lhe travesso.

—Possivelmente minha apaixonada esposa me permita evadir meus deveres conjugais esta noite para fazer justiça.

A taberneira me olhou com descaramento e negou com a cabeça dirigindo-se a Cora.

—Eu não o permitiria se estivesse em seu lugar. Dizem que não há nada como montar um bom semental, e seu marido tem pinta de sê-lo.

Cora forçou um sorriso tão tirante que acabou convertendo-se em uma careta ofuscada e em seus olhos refulgiu um traço ciumento.

Enlaçou com certa brutalidade meu braço e me levou a uma das mesas.

Sentamo-nos um frente ao outro, Cora continuava olhando carrancuda à taberneira.

—Alguma vez te resistiu alguma mulher? — Perguntou molesta.

—Você.

Negou com a cabeça detrás respirar fundo.

—Eu melhor que ninguém sei o maldito influxo que exerce nas mulheres, e não sorria assim, condenado velhaco, ou terei que lhe demonstrar isso.

Sorri briguento ao tempo que arqueava uma sobrancelha em um gesto provocador.

—É a ameaça mais tentadora que recebi.

Nossas mãos se entrelaçaram por cima do tabuleiro e nossos olhares se engastaram derramando nelas profundos e arraigados sentimentos. Senti um nó na garganta e uma emoção constrangida e aguda no peito. O tenso silêncio que crepitava entre nós foi tão sufocante que temi deixar brotar de minha garganta o que emanava a fervuras de meu coração.

— Devo partir imediatamente, tenho que dar com esse lugar e encontrá-la antes que anoiteça.

Cora assentiu contida, desviando seu úmido olhar carregado de preocupação.

A taberneira nos serviu duas terrinas de guisado e duas generosas jarras de cerveja e se afastou rebolando seus amplos quadris.

Não tinha apetite, mas necessitaria forças para o que estava por vir. Comemos desinteressados, sumidos em um profundo desassossego, compartilhando a mesma

inquietação. Os lábios de Cora se apertaram entre si, detentos do temor e da angústia. Soltou a colher e respirou fundo, contendo as lágrimas.

— Não posso ficar aqui, — anunciou com voz estrangulada— voltar-me-ia louca aguardando sua chegada.

—Cora, rogo-lhe isso, não insista.

—Morrerei de angústia. Possivelmente se levar-me ali oculto-me em alguma cova ou refúgio antes de chegar a esse desfiladeiro... Eu te esperaria e...

—Não. — Interrompi cortante — Seria uma completa temeridade, haverá patrulhas de homens rastreando toda a zona. Se dessem contigo antes que eu chegasse... Não, Cora, não penso transigir nisto. Não tema por mim, sei me cuidar bem. Retornarei, confia em mim.

Pus-me em pé apurando minha jarra e logo a conduzi para a escada.

—Vou deixar-te nesse quarto e nele permanecerá até que retorne —sentenciei com firmeza.

Franzi o cenho reforçando o inapelável de minha decisão.

Cora baixou o olhar afligido, assentindo a contragosto.

—Prometa-me isso — exige intransigente.

—Prometo-o — aceitou ofuscada.

Chegamos à porta do quarto, entramos e fechei detrás de mim. Antes que ela desse um passo, aferrei-a pela cintura, girei-a e capturei sua boca com fome desatada. Ela gemeu surpreendida, entregando-se ardente a um beijo rude e necessitado. Minha voracidade me consumia em um fogo que, por muito que liberasse, não conseguia apagar, mas sim, pelo contrário, aumentava desaforadamente. Era por completo impossível me saciar de seu sabor, era como se todo meu corpo rugisse ante o desesperado desejo de me fundir nela.

Obtive, não sem doloroso esforço, separar-me de Cora. Agarrei seu rosto entre as mãos e cravei meu penetrante olhar nela.

—Voltarei e me despedirei como é devido.

—Desejarei o primeiro e lamentarei o último em igual medida — suspirou afligida.

Estreitei-a contra meu peito, afligido por quanto o estimulava. Cheirei seu cabelo, gravando em minha memória seu perfume, e fechei os olhos um breve instante assimilando a miríade de emoções diversas que me sacudiam.

Não fui capaz de acrescentar nada mais. Simplesmente a soltei e saí, temeroso de ceder a seu rogo e levá-la comigo.

O sol começou sua indolente descida, em busca de seu merecido descanso, embora naquelas terras não se luzisse muito. Dando espaço às perigosas sombras que já se alargavam alvoroçadas e ofegantes por estender seu escuro domínio.

Cheguei ao confine de um bosque espesso e tão verde como os olhos que me tinham acompanhado todo o trajeto. Reduzi a marcha, permanecendo atento a meu redor, rastreando rastros e rezando por encontrar a Ayleen antes que as partidas de busca. Embora isso não fosse o único que me inquietava.

Se essa noite se celebrava Litha, participariam não só adoradoras da antiga religião, mas certamente também druidhe de todo tipo, assim como feiticeiras escuras. Inclusive era possível que a figura de um necromante²¹ que as liderasse, aproveitando aquela concentração para invocar ao diabo com suas maléficas artes.

Só pensar que Ayleen desejava converter-se em uma espécie de figura faustiana²², como naquele clássico alemão, o Volksbuch²³, a história em que Fausto vendia sua alma ao Mefistófeles²⁴ em troca de poder e conhecimento infinito, produziu-me calafrios.

Em Sevilha tive a oportunidade de ler uma grande diversidade de obras, graças aos falsificadores de arte, tanto escritas como ilustradas. Copiavam tratados e os vendiam como originais, e eu os acompanhava em suas transações como protetor da prata recebida, que devia escotar até que chegasse às mãos de dom Nuño.

Aquele trabalho agradava-me mais que nenhum outro, pois punha a meu alcance livros que, de outro modo, jamais poderia ter lido. Inclusive pude dar uma olhada, não sem certa apreensão, ao afamado tratado sobre bruxaria que utilizavam alguns inquisidores para o reconhecimento e a anulação de todo tipo de feiticeiras, o Malleus Maleficarum, o “Martelo das bruxas”. Nele se desdobrava todo um compêndio de justificações malévolas contra a figura feminina. E, embora meu demônio em questão tivesse sido uma mulher, aquele abominável tratado resultava todo um atroz desatino contra elas, pois as apresentava como seres inferiores, suscetíveis de toda classe de vícios e

²¹ **Necromante.** Aquele que pratica a necromancia, pessoa que se comunica com os mortos, a fim de adivinhar o futuro, mágico, feiticeiro.

²² **Faustiana** relativo a ou próprio de Fausto, personagem legendário alemão que fez um pacto com o diabo e que se tornou universal por meio de célebre drama de Goethe

²³ **Volksbuch** é um termo introduzido por Joseph Görres e Johann Gottfried von Herder no final do século 18 para escritos populares, geralmente escritos em prosa e lidos desde a história da Idade Média.

²⁴ **Mefistófeles** é um personagem satânico da idade média, conhecida como uma das encarnações do mal, aliado de Lúcifer

debilidades, taxando-as de luxuriosas e perniciosas. Em troca, não se mencionava nesse libero ao nigromante²⁵, uma figura masculina, nem se acusava a nenhum homem de praticar essa diabólica arte, queimando-o em fogueiras. Simplesmente ficava em um conveniente segundo lugar, tão místico e irreal, uma figura mais de lenda que não provocava nenhuma preocupação contra a fé professada por prelados nem seculares.

A minha memória acudiu uma antiga lenda referida por meu mestre que estava acostumado a contar-se em noites de vigília. Tratava-se da lenda do marquês Enrique da Villena, grande mestre da Ordem da Calatrava que culminou sua vida no Toledo lá pelo século XV e deu origem a seu horripilante relato. Tinha sido um grande erudito para sua época, pois possuía excelsos conhecimentos em diversas matérias que tinha planado em várias obras, tanto sobre medicina como de astrologia e inclusive gastronomia. Entretanto, a que mais polêmica suscitou foi seu Tratado de alquimia, pois revelava sua inclinação pela nigromancia e as artes escuras. Em sua obra, o marquês confessava suas relações com o diabo e manifestava a criação de um elixir para devolver a vida aos mortos, um elixir que ele mesmo decidiu provar.

Deixou o macabro encargo a seu criado, dizendo o que ele devia fazer a seu falecimento. As instruções eram precisas: cortar em pedaços seu corpo e introduzi-lo em um grande balão de ensaio de vidro repleto do milagroso elixir que ocultava no porão de sua casa. Também tinha que suplantá-lo no tempo que demorasse para produzir a transmutação. E, depois de falecer de umas delirantes e dolorosas febres, o obediente criado fez o que seu amo lhe tinha indicado. Logo se vestiu com suas roupas e foi a missa como acostumava o marquês, com tão má sorte que se topou com o vigário e passou sem tirar o chapéu por seu lado ante a indignação dos paroquianos, que descobriram o ardil quando o obrigaram a mostrar-se. Ao final, o fiel criado contou a verdade e todos foram ver com seus próprios olhos semelhante aberração. Em efeito, o corpo desmembrado do marquês flutuava em um líquido esverdeado, fundido grotescamente em uma espécie de monstro. Os vizinhos acabaram com aquilo a golpe de tocha. O grande mestre morreu pela segunda vez, mas nasceu em uma lenda que seguia assustando aos meninos.

De repente, uma ideia foi tomando forma em minha cabeça. Aqueles homens, supersticiosos, mas também covardes, partiam valorosos a dar caça a assustadas mulheres, desejosos de derrubar nelas sua vil superioridade. Mas esses homens não esperavam enfrentar-se a um igual, mago e poderoso, além disso. Possivelmente se irrompia naquela cerimônia como um nigromante, congregadas, bruxas ou não, acreditariam em meu aviso. De igual modo, e dessa guisa, poderia enfrentar aos caçadores semeando o terror neles, afugentando-os sem necessidade de combatê-los.

²⁵aquele que invoca os mortos.

Maturando aquela mutreta desmontei e olhei em redor, procurando na natureza elementos que pudessem compor meu disfarce. Tinha que resultar impactante e artificioso, e devia me conferir não só aspecto de mago, mas também uma diabólica e estranha aparência, mais de animal que de homem. Uma besta meio humana que desatasse o horror entre os batedores e a subjugação entre as druidhe.

Aspirei profundamente, me encomendando ao Alá, a Cristo e a qualquer deidade pagã que tivesse a bem me escutar e pus mãos à obra enquanto a noite caía sobre aquela lúgubre paragem, possivelmente despertando a magia que pudesse ocultar-se nele.

CAPÍTULO 30

Um demônio de olhos de fogo

O repetitivo ulular de uma coruja ressonou na noite, vibrando no topo das árvores e viajando através do vento, perdendo-se em uma esplendorosa noite luminosa. Um perfeito e resplandecente círculo nacarado a presidia, azulando o bosque, silhuetando de prata contornos e arestas, estendendo seu mágico manto em cada curva ao tempo que lhe conferia um misticismo quase tangível.

Na espessura daquele arvoredo que conduzia à garganta de pedra tinha engehado meu disfarce utilizando quanto achei naquele agreste entorno. E, certamente, minha aparência era assustadora.

Agachado sobre uma rocha, observei minha imagem na chapeada superfície da água do arroio apanhada em um remanso musgoso. Contemplei meu reflexo um instante estudando meu aspecto e encontrei nele a um estranho de aspecto demoníaco, um ser de lenda.

Tive a sorte de achar os restos do cadáver de uma dessas vacas de cabelo comprido tão características das Highlands, provavelmente devorada por um lobo. Depois de raspar meticulosamente a pele com o fio de minha adaga, limpando os restos de sangue e carne ainda tenros, separei a pele e o esfreguei com um punhado de ervas para secá-la. Em seguida, dispus-me, trabalhosamente, a separar a peça do crânio de onde emergia sua galhada. Com as peças que devia utilizar bem-dispostas, despi-me por completo e alvorecei meu comprido cabelo negro, desgrenhando-o.

Vesti minhas costas com a pele da vaca e a atei sobre meu peito igual uma capa. Cobri minha cabeça com a galhada do animal, fixando a peça do crânio com uma fina corda que levava em meus alforjas, ao redor de meu rosto, rodeando-a sob meu queixo. Ocultei minhas vergonhas depois de uma improvisada aba feita de samambaias e folhas entrelaçadas em torno de uma corda, que atei a meus quadris. Continuando, com o sangue já quase ressecado que extraí dos despojos, impregnei a ponta de meus dedos e desenhei em meu rosto uma estrela de seis pontas. Aqueles dois triângulos investidos ocupavam todo meu rosto, ressaltando o âmbar de meus olhos. Logo risquei ondulantes arabescos por todo meu corpo, que, junto com as tatuagens, converteram minha pele em um emaranhado e confusa tapeçaria de formas inquietantes. Mais parecia uma besta que um homem. Por último, consegui esconder minha adaga na corda que levava no quadril, atei

Zill a uma árvore e caminhei rio acima. Não pude evitar me deter ante aquele espelhado remanso para contemplar o resultado. O que vi impactou-me, por isso não duvidava do êxito de meu plano. Mais que um nigromante, tomariam pelo muito mesmo, um demônio.

Ia descalço, e caminhar por aquele abrupto terreno desacelerava minha marcha. Também tinha frio, embora a espessa pele do animal cobrisse minhas costas até quase os pés. Era como se uma geada tivesse esmigalhado a pele e seu gelo se estendesse de forma progressiva por todo meu ser. Interpretei-o como um sinistro sinal de perigo.

Caminhei com extremo cuidado, apesar de que a lua cheia favorecia o avanço, iluminando o pedregoso terreno. Conforme andava, as paredes daquela garganta se elevavam sombriamente escuras, dando a impressão de abrir-se como a boca de um monstro para engolir àquele que entrasse nela. O rio caía em pequenas e melódicas cascatas que saltavam as rochas com brio, espumando em sua descida. Foi fácil subir pelo atalho que flanqueava aquele arroio, serpenteando entre rochas musgosas e meandros arenosos. Conforme avançava, aquela gélida e desconfortante sensação aumentava.

Depois de dobrar uma das curvas, onde o desfiladeiro parecia mais estreito e acidentado, ouvi com clareza algo semelhante a um lamento estirado que pareceu ricochetear nas altas paredes de pedra que me rodeavam.

Agucei o ouvido e me detive um instante, e então descobri um mortiço resplendor dourado que emergia da seguinte curva. Caminhei precavido e sigiloso, já envolto em uma espécie de homilia sussurrante. Pareciam rezas entoadas, várias vozes se sobrepunham repetindo ladainhas cantadas por uma voz principal muito mais profunda. Tive que entrar em um lance do arroio para poder seguir avançando. Sob a luminosidade irradiada pelas tochas que eu ainda não via, descobri a singular coloração das águas. Eram vermelhas, dando a impressão de que alguém estava indo por um rio sangrento. Comprei que se tratava do fundo, composto por uma vistosa e singular lama de terra avermelhada que emanava um aroma acre, um pouco impregnado de enxofre. Sem dúvida, aquela recôndita paragem fazia honra a seu nome, pois bem parecia o púlpito do diabo, sua morada na Terra. Era nutrida fonte de lendas e superstições, todo um enclave mágico onde parecia pulsar a maldade, embora eu não a atribuísse a nenhuma força sobrenatural; com a do homem era mais que suficiente para impregnar aquele lugar de vibrações insalubres.

Respirei profundamente antes de aparecer em curva, pego à parede de pedra, com a água redemoinhando em torno de minhas panturrilhas. Espreitei cauteloso e descobri, ante meu estupor, ao fundo desse lance um altar de pedra, em efeito, um púlpito. Nele, uma figura encapuzada elevava as mãos ao céu, rodeada por um séquito de aproximadamente uma vintena de pessoas dentro de um círculo no chão feito com ramos

secos, formando uma extensa roda em chamas. Todos levavam negros hábitos e capuzes volumosos.

De repente, a figura principal tirou o chapéu, era um homem. Segui-o com o olhar até uma pessoa que permanecia agachada e ao parecer tremente: era uma mulher completamente nua, suja e machucada. Seu comprido cabelo escuro cobria boa parte de suas costas. Senti um beliscão no estômago ao acreditar reconhecer aquela juba. O homem deu um objeto e ela ficou em pé, subiu ao altar de pedra e se tombou.

De novo, umas rezas convertidas em uma arrepiante prece foram ganhando intensidade. À medida que o sinistro dirigente se inclinava sobre a mulher tombada, executando o que parecia algum tipo de ritual sobre seu corpo, minha ansiedade cresceu, me transbordando. Tinha que fazer algo e sem perda de tempo.

Saí de meu esconderijo caminhando curvado e ondulando meus braços ao tempo que rugia furioso com voz grave. Todos os participantes, magos, feiticeiras e druidas, sobressaltaram-se ante minha presença e retrocederam alarmados. Depois daquela teatral interrupção, ergui-me com aprumo e avancei a grandes pernadas, derramando em cada passado uma segurança e uma confiança que não sentia.

Todos os presentes caíram de joelhos ante mim, inclinando servis suas cabeças. O dirigente começou uma oração com funda devoção:

— Salve Satanás, salve Satanás, salve Satanás. In nomeie die nostri Satanas luciferi excelsi Potentum tuo mundi de Infernizo, et non potest Lúcifer Imperor Rex maximus, dud ponticius glorificamus et in modos copulum adoramus Ihe Satan omnipotens in nostri mundi. Domini agimas Iesus Nazareus Rex Iudaeorum. In nostri terra Satan imperum in veta Lúcifer, ominus fortibus Obsenum corporis dei nostri satana prontem. Reinus Glorios em in Terra eregius Luciferi Imperator omnipotens Salve Satanas, salve Satanas, salve Satanas.

Depois daquela exaltada ladainha, todos elevaram seus cativados rostos para mim.

— Partam imediatamente! — Trovejei adotando um tom sinistro e gélido — Logo lhes darão caça, toda a zona está sendo batida por homens armados com almas de inquisidores. Afastem-se quanto possam ou não sairão vivos daqui.

— Estamos aqui para lhe honrar, nada teremos que temer ante sua presença, OH, meu senhor! — Exclamou fervoroso.

Aproximei-me dele e sorri diabólico, mostrando em uma careta grotesca meus dentes.

— Só sou o emissário daquele a quem servem e a quem invocam — respondi me abatendo sobre ele.

Minha estatura dava uma considerável posição avantajada para amedrontar, meu penetrante e implacável olhar somou suas forças para que o homem se estremecesse e me contemplasse com certa admiração.

— Enviou-me para adverti-los. Devem desagregar ou morrerão na fogueira.

Um gemido surpreso e esmagado chamou minha atenção. Esquivei ao homem e me dirigi ao altar. Ali, Ayleen cravou seu turvo olhar em mim. Tinha vários cortes no corpo que formavam inquietantes símbolos. Negou com a cabeça como rechaçando minha presença ali, choramingando inteligivelmente, imersa em confusos desvarios e tão abalada que parecia ter perdido todo contato com a realidade.

Equilibrei-me para uma mulher e pedi que tirasse o hábito. Fez com prontidão, por sorte levava um vestido debaixo. Seu rosto redondo e assustado formou uma careta temerosa e impressionada e, tremendo como uma folha entregou-me o hábito e retrocedeu cambaleante. Seus grandes olhos castanhos titilaram horrorizados ante mim, sua boca se entreabriu e seu queixo estremeceu completamente espantado.

Dirigi-me para o púlpito, incorporei a Ayleen e a cobri com aquele hábito cerimonioso.

— Essa mulher é para seu senhor, íamos entregar a ele — replicou o homem. Seus pequenos olhos escuros resplandeceram contrariados, embora também com medo ante minha reação.

— E a ele levo.

Saber que estavam dispostos a fazer um sacrifício de sangue diluiu a intenção de salvar os dos caçadores. Aquilo não era uma simples celebração paga para honrar aos deuses e pedir bênçãos. Aquilo era um maldito covil, uma missa negra.

— Pode entregar-lhe a ele aqui mesmo. — Insistiu— É sua representação na Terra, toma-a e goza-a ante nós, e logo marca seu corpo. Ungirmo-nos com seu sangue celebrando seu poder.

De repente, a mulher que me tinha entregado seu hábito se aproximou com olhar suplicante. Deslizou as mangas de seu vestido e desatou a laçada de seu sutiã, fazendo descender o objeto até a cintura e mostrando seu torso nu.

—Desejo ocupar seu lugar.

—Meu amo já a escolheu — respondi impaciente e áspero. Adverti o ostentoso anel que luzia em sua mão direita, e o cuidado de suas mãos, detalhe que manifestava sua classe social. E, então, decidi guardar um ás na manga. —Mas se tanto deseja ser a seguinte, marcar-te-ei para ele.

A mulher assentiu com semblante arroubado e se ateu para mim rodeando minha cintura. Seus olhos escuros se nublaram lascivos e extasiados.

Fiz o único que me ocorreu naquele momento. Rodeei-a com meus braços e escondi meu rosto na curva de seu pescoço. A mulher se estremeceu, e então posei meus lábios em sua pele e comecei a absorver com força, concentrando o sangue de suas veias naquele ponto. Depois de um comprido instante, separei minha boca dela e contemplei satisfeito a grande marca escura de tons violáceos que adornava seu pescoço.

—Será a seguinte — anunciei grave e solene.

Separei-me dela e agarrei ao Ayleen em braços. Continuava ausente e trêmula.

— Nós lhe invocamos, é neste púlpito onde tem que derramar seu sangue, não pode levar isso.

Fulminei ao oficiante com o olhar, estendendo minha fúria a todos os congregados, que retrocederam aterrados.

— Não há tempo para o ritual! —Bramei iracundo— Os caçadores se aproximam. Fugam antes que seja muito tarde.

Os presentes se olharam dúbios. O desconcerto dominou suas expressões. Temi que se revolvessem contra mim e me cortassem o passo. Não podia lhes dar tempo de acumular arrojo, assim saí do círculo de fogo com passo decidido.

Justo neste instante ouvi um disparo detrás de mim.

Girei-me sobressaltado e descobri como um grupo de homens armados com mosquetes e espadas irrompiam no desfiladeiro pelo outro extremo. Meu pulso se acelerou. Peguei a uma das paredes de pedra, baixei Ayleen de meus braços e a agarrei pelos ombros com firmeza, olhando-a fixamente.

— Escute bem, temos que correr tudo quão rápido possa. Conseguirá fazê-lo?

Seu olhar seguia perdido, mas ao menos assentiu. Tirei-a da mão e, aproveitando o paroxismo de terror que se desatou no púlpito, entre gritos afogados e lamentos doloridos, comecei a correr atirando ela, rio abaixo.

Não olhei atrás, só aferrava com força a mão gelada de Ayleen, e corri sorteando rochas, bordeando o riacho e rogando não ser interceptados, pois se ascendiam a garganta por esse lado, topar-me-ia de frente com eles e não teria escapatória alguma. Aquele condenado lugar era a emboscada perfeita, uma armadilha infalível onde se cortavam as duas únicas saídas possíveis.

Com o coração troando com força em meu peito, obriguei-me a baixar o ritmo ante os contínuos tropeços do Ayleen. O último lance decidi agarrá-la em meus braços e avancei como pude. Entretanto, quando cheguei ao bosque, o relincho de vários cavalos me freou em seco. Aproveitei a primeira linha de árvores para me esconder detrás, mas quando ouvi vozes e passos próximos, recordei o que era o que vestia minhas costas. Soltei ao Ayleen, obriguei-a a estender-se no leito do bosque e tombei sobre ela, nos cobrindo quase por completo com a pele lanzuda e escura do animal, enquanto rogava que passássemos despercebidos.

Quase aguentei a respiração quando ouvi um ranger de folhas próximo.

— Estamos perdendo a festa, Rob.

— Espero que deixem alguma com vida, Alain tem desejos de desfrutar de uma boa fogueira.

— Nada como o aroma de bruxa queimada.

Ambos os homens riram jocosos, seus passos se aproximavam perigosamente.

— Dizem que a ele, de menino, sequestrou uma bruxa e, como conseguiu escapar, ela retornou por seu filho. O pequeno morreu pouco depois de nascer, não?

— Em efeito, foi um duro golpe. E agora o pobre Kael, deveríamos ter feito isto faz muito tempo.

— Daremos tal castigo que será recordado durante décadas.

Os passos se afastaram de forma progressiva. Aguardei um pouco mais para me assegurar e logo elevei a cabeça espionando com precaução. Tão concentrado estava que demorei em reparar em que Ayleen se removia debaixo de mim. Pensei que meu peso a estava esmagando e me elevei algo mais sobre meus antebraços. Foi então quando me precavi de como ela separava as coxas para que me penetrasse entre elas e de como suas mãos se deslizavam por minhas costas até me capturar as nádegas as aferrando com força. Dava um coice.

Os passos retornaram, estiquei-me e me cobri de novo.

— Fique quieta — supliquei sussurrando.

De novo baixei a cabeça, aproximando meu rosto ao seu, naquele refúgio quente e escuro que nos oferecia a pele. Ela começou a esfregar-se contra mim. Amaldiçoei quando uma de suas mãos começou a rebuscar entre a aba de samambaias que cobria meu sexo e apanhou meu falo nela.

— Acredito que Alain mandou chamar um inquisidor do Edimburgo.

A voz me chegou tão clara que me enrijei. A mão de Ayleen era suave, mas firme, e apertei os dentes com força quando começou a me acariciar.

Peguei a frente à dela e neguei sutilmente com a cabeça para lhe pedir que deixasse aquilo, mas o único que consegui foi que seus lábios procurassem meus. Inclinei o rosto e ela grunhiu. Imediatamente selei sua boca com a minha, embora lhe impedindo de me beijar como ela pretendia.

—Possivelmente se celebre o maior julgamento por bruxaria de todos os tempos, — resmungou a outra voz— Alain estará tão ocupado que possivelmente sua ardente pequena mulher volte a me aceitar em sua cama.

—Rob, deve tomar cuidado com isso, se te apanha é homem morto.

Tinha que fazer algo para deter Ayleen, assim que me deixei cair sobre ela sem o apoio de meus braços, esmagando-a com meu corpo. Ao menos já não tinha liberdade de movimento. Minha dura verga ficou aprisionada entre sua mão e nossos corpos.

Uma vez mais, os passos se afastaram. Depois de um longo e tenso instante, separei minha boca da sua e me incorporei pela metade para voltar a espreitar. Soube que tinha que aproveitar aquele momento e escapar de uma maldita vez daquele lugar.

Fiz gesto de levantar quando ela me enlaçou com suas pernas e seus braços aderindo-se a meu corpo.

—Entrego a ti, demônio de olhos de fogo, sou tua — proferio fervorosa.

—Ayleen, sou eu, Lean. Temos que sair daqui, solte-me — roguei com voz tensa e urgente.

—Não, meu Lean não é um demônio, não o é...

—Temo-me que sim — sussurrou uma voz alhada.

Um violento calafrio percorreu todo meu corpo, meu estômago deu um tombo e meu pulso se descontrolou.

Pus-me em pé arrastando a Ayleen comigo. Uma escura figura encapuzada se elevou ante nós.

— Vem comigo, Ayleen, só eu posso cumprir seus desejos.

Um braço se estirou em nossa direção, reclamando-a. Ayleen fez a ameaça de ir a sua chamada, mas a detive.

A figura tirou o chapéu: era a velha druidhe da cabana.

Extraí minha adaga e a mostrei ameaçador.

— Ela nos pertence, — murmurou sibilina — e logo o fará você.

Nesse momento ouvi umas vozes detrás de mim. Girei-me para elas e me encontrei de frente com os dois homens que faziam a guarda. Completamente horrorizados ante meu aspecto, retrocederam cambaleantes. À luz da lua, pude apreciar suas feições desencaixadas e o pavor que gotejava de seus olhares. Um deles começou a gritar imobilizado pelo terror. O outro sim reagiu: elevou seu mosquete e o apontou para nós. Não pensei. Comecei a correr para ele, agachei-me ao chegar quase a sua altura, flexionei os joelhos e saltei sobre seu corpo tremente, derrubando-o sobre a folhagem. Degolei-o com precisão e girei veloz aguardando o ataque de seu companheiro. Mas este só retrocedia chocado, com os olhos transbordantes de terror.

Olhei em direção ao Ayleen e descobri esmagado que tinha desaparecido junto com a druidhe. Corri para o lugar onde acabava de deixá-la e logo procurei frenético pelos arredores. Chamei-a entre a espessa folhagem, praguejando furioso e amaldiçoando entre dentes. Da entrada da escura garganta emergiu um horripilante eco de gritos e vozes prementes.

Tinha que sair dali quanto antes. O outro homem também tinha desaparecido. Corri veloz pelo bosque sorteando árvores e saltando penhascos, qualquer um que tivesse me visto naquele momento teria acreditado ser uma estranha besta nascida da noite. Cheguei ao terreno baixo onde tinha deixado preso meu cavalo, que por sorte seguia ali. Um relincho inquieto me recebeu. Sacudiu com vigor sua larga cauda azeviche e me cheirou jubiloso.

Desprendi-me da pele da vaca, de sua galhada e da aba vegetal e me vesti a toda pressa. Não me entretive em limpar os desenhos com sangue que adornavam meu corpo e meu rosto. Depois, montei apressado e agitei as rédeas. Antes de partir, entretanto, arrisquei-me a percorrer o perímetro do bosque em busca de Ayleen. O resplendor das tochas e o som de barulho me impeliram a permanecer atento e oculto depois de uma apertada linha de serbales. Vi emergir uma carroça que estralava estrepitosa, puxada por

dois robustos burros. Era uma carroça para prisioneiros. Entre os férreos barrotes de ferro, divisei a brancura de mãos obstinadas, como se fossem mariposas brancas batendo as asas dentro de uma rede. De seu interior brotava toda uma sinfonia de lamentos e soluços que contrastavam com as risadas trionfais dos caçadores. Os sons noturnos ficaram relegados a um simples coro, no que a voz principal foi a da barbárie. Um dos cavaleiros deslizou com violência um porrete pelas grades, golpeando todos os dedos que apareciam delas.

Nada podia fazer, exceto comprovar se Ayleen se achava entre os prisioneiros. Aguardei que passassem, espionando entre os ramos dos serbales. De repente, um braço saiu de entre os barrotes e me assinalou sem demora, apontando exatamente para onde eu me encontrava, embora fosse por completo impossível que me visse. Uma risada macabra e oca ressaltou entre os lamentos.

Soube nesse instante que Ayleen e a anciã druidhe estavam dentro.

Cheguei ao Dumbarton antes que eles. Apesar de ter que dar um considerável rodeio, cavalgar no lombo do Zill era como voar pelos páramos. Ele e eu, convertidos em um, fundidos em uma fugaz sombra negra, atravessamos as rochas entre colinas, veredas e arroios, gargantas e arvoredos sem diminuir a marcha até chegar ao molhe onde se achava a estalagem.

Deixei meu puro-sangue nas cavalariaças e me dirigi à hospedaria. Acreditei não encontrar ninguém levantado essas horas, mas a taberneira, coberta por uma regata de dormir e um xale cinza de lã, baixava justamente pela escada com semblante sonolento.

Deteve-se assombrada ao ver-me, elevou o lampião e entreabriu o olhar intrigado.

—Pensei que era meu marido. Mas é você.

Assenti e inclinei a cabeça a modo de saudação, quis sorteá-la na escada, mas me fechou o passo.

—Pelo amor de Deus, está ferido!

Seus olhos percorreram meu rosto com espanto.

—Não, não, não é meu sangue.

Seu horror se aumentou ante minha resposta.

—O que passou? Desde que meu marido saiu com as partidas de caça não pude conciliar o sonho. Adverti-lhe que não fosse, tive o palpite de que algo mau lhe passaria.
— Agarrou-me o peitilho da camisa espremendo-a entre seus dedos, cravando em mim

um olhar suplicante — Seja o que for, diga o que se passou nesse lugar maldito, quase o intuito.

Parecia mais ansiosa de saber que seu palpite estava certo do que preocupada com seu marido.

— Tudo saiu como foi pedido, senhora. Eram muitos homens e não reparei no seu. Mas seguro que estará bem. Acredito que não terá que lamentar baixas, as vassouras não matam, nem as olhadas tampouco, foram desarmados. Trazem-nos para a prisão em uma carroça. Amanhã será um dia ocupado, vem o inquisidor geral para o julgamento. Se me desculpar, minha esposa também me espera.

A mulher assentiu com certa lividez estendendo-se por seu rosto e olhar inquieto. Apartou-se e eu ascendi os degraus de dois em dois.

Quando abri a porta, o fogo do lar iluminava insuficientemente a estadia. Cora estava vestida, olhando pela janela para o porto. O gemido das dobradiças a alertou e se voltou para mim. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Quando me viu correu a meus braços. Abri-os para recebê-la, enquanto fechava a porta de uma patada.

Sentir seu quente corpo contra o meu foi a distração que necessitava. Seu perfume foi como um bálsamo reparador, e sua entrega o refúgio que precisava.

Apartou-se apenas para me contemplar, seu rosto se mudou turbado.

— Não estou ferido, — expliquei — só é parte de meu disfarce.

Franziu o cenho confusa e acariciou meu rosto com carinho, comprovando que unicamente eram manchas.

— Dá-te um aspecto mais selvagem, se couber. Seu cabelo solto e alvoroçado e essas pinturas...

— Não são pinturas, é sangue.

Abriu os olhos com assombro, dirigiu-se a penteadeira que havia em uma esquina, agarrou a jarra de cerâmica e verteu água na bacia. Logo tirou seu lenço e o umedeceu nela.

— Encontrei-a?

Assenti. Meu rosto se escureceu.

— Mas tornei a perdê-la: têm-na feito prisioneira junto com todos os congregados ao ritual.

Cora apertou contrariada os lábios e me olhou grave enquanto esfregava seu lenço contra minha cara.

— E o que vamos fazer agora? Como vamos tirar todos dali?

— Não sei, mas tenho que pensar algo. Esta noite, com os calabouços cheios de bruxas, o guarda redobrá o cuidado. Amanhã acudirá um inquisidor geral desde Edimburgo.

— Acredito que já está — murmurou referindo-se a meu rosto.

— Melei-me todo o corpo — disse, e abri a camisa lhe mostrando o peito.

— Cheira fatal.

— O que não impediu que me abraçasse.

— Para evitar isso deveria cheirar muito pior.

Agarrou-me da mão e me levou a cama, sentou-me na borda e me tirou a camisa.

— Conte o que aconteceu enquanto lavo sua pele.

Senti-me estranho, nunca ninguém, que eu recordasse, tinha-me ajudado em meu asseio pessoal.

— Posso fazê-lo eu — proferi detendo sua mão.

— Mas resulta que desejo o fazer — replicou docemente — Dispa-te, deixo isso a ti.

— A suas ordens, minha senhora.

Cora sorriu, embora em seus olhos permanecesse um véu pesaroso.

— Se ontem odiava que amanhecesse, esta noite me aterra só pensá-lo.

Agarrei-a na cintura e a coloquei entre minhas pernas. Elevei a cara e ela tomou entre suas delicadas mãos.

— Sairemos desta. Ainda tenho muito sangue que derramar.

Ela sacudiu a cabeça desgostada.

— Se pudesse conseguir te colocar em um desses navios e te mandar longe daqui, por são Ninian que o faria.

— Prometi que os tiraria daqui, e juro que o farei, logo me coloque onde queira — repliquei com um intencionado gesto pícaro.

— Já te meteu em um lugar de onde duvido que saia jamais.

Beijou-me com afetada doçura, com impetuosa entrega, como se rubricasse suas palavras as selando em meus lábios em um pacto que nem o tempo nem a distância pudessem romper.

CAPÍTULO 31

No fragor de uma condenação

A praça estava completamente abarrotada.

Tivemos que empurrar e procurar frestas entre a multidão para conseguir nos fazer avançar. O ambiente era festivo, mercadores de todo tipo vociferavam seus produtos, trovadores entoavam animados cânticos que a gente aplaudia. A gritaria era a tônica geral nos semblantes dos aldeãos. Os meninos chiavam alvoroçados e as mães os subiam a ombros para que não perdessem detalhe da execução. Porque se algo tinha claro era que a haveria. Aquele julgamento era tão somente um trâmite necessário para justificar aquela barbárie. As acusadas não só seriam condenadas a morte, mas também além disso teriam que renunciar a Satã reconhecendo ser suas servidas e acolher-se em braços de Cristo, tudo em um macabro processo de torturas caso se negassem a declarar. Se confessarem imediatamente, procederia a sua queima na fogueira, castigando seu corpo, mas liberando sua alma.

Já tinha acordado com Cora que tentaria uma manobra de distração para que ela pudesse escapulir-se até os calabouços, que estavam claramente desatendidos ante a espera do julgamento, agarrar o cacho de chaves de onde vimos que o carcereiro as deixava e liberar a meus homens.

Olhei para o cadafalso. Em um extremo se dispôs uma larga mesa onde os gentis-homens da vila, o oficial maior e o inquisidor geral se achavam sentados em fileira com semblantes antissociais e porte régio e solene, junto a um diácono com expressão sombria e taciturna.

Durante a noite, minha cabeça não tinha deixado de engenhar a maneira de resolver aquela situação. E, uma e outra vez, meus pensamentos me levavam a um mesmo ponto. Por outra parte, aquela difícil decisão que ocultava a Cora só expor mil travas e dificuldades e um risco tão evidente como inútil se não resultava como desejava. Entretanto, tinha que tentá-lo. Esta vez tinha que conseguir.

Joguei intencionalmente o olhar atrás, pois era naquele tempo onde acharia as ferramentas necessárias para solucionar tão complicado e delicado cenário. Essa não era a

primeira vez que enfrentava a um tribunal da Santa Inquisição. Aquela vez em Sevilha... As lembranças me assaltaram com tanta força que cambaleei um pouco...

... Quando chamaram com tanta veemência às portas de nossa casa, temi até que estivessem estilhaçando as portinhas com uma tocha. Meu meste se vestiu com urgência e, tão lívido como trememente, foi abrir.

Os soldados irromperam com violência no interior. Um deles desenrolou uma folha e leu em voz alta, com metida pompa e sobriedade, enquanto o resto procurava em cada estadia.

— Por ordem do governador maior, o muito ilustre comendador de Sevilha e o inquisidor geral, dom Diego do Arce e Reinoso, bispo da Plasencia, acusa-se a dona Elena da Mendoza de práticas hereges e bruxaria, adoradora de Satã e crenças judaizantes, por isso será julgada em um ato de fé na praça de São Francisco na data aqui estabelecida, permanecendo até então nos calabouços do castelo de São Jorge na Triana, sede do tribunal da Inquisição que expede e assina esta ordem!

Eu corri para a habitação da Elena para impedir tamanha injustiça, gritando encolerizado, mas fui detido por dois robustos guardas que me golpearam sem olhar.

— Assem, meu filho, não complique mais semelhante despropósito! — Suplicou esmigalhado, meu mestre. Em seu rosto reluziu tal dor que senti esse golpe com maior dureza que os recebidos em meu corpo — Acharemos uma solução a esta ofensa, pois já lhes digo, senhor, que tudo isto é um grande mal-entendido. Minha esposa está doente e não é conveniente que a umidade das celas agrave seu delicado estado. — Ajoelhou-se com desespero e elevou um olhar suplicante e úmido — Vos rogo que lhe permitam aguardar a data indicada aqui em seu lar, apostando seus guardas a minha porta. Temo que não chegue com vida ao julgamento.

O homem franziu incrédulo o cenho, a frieza de seu gesto foi evidentemente indicativa de sua intransigência a essa demanda.

— Só cumpro ordens, e são claras e precisas.

Um lamento e um soluço quebrado brotaram do quarto. Ver como a arrastava pelo corredor revolveu meu sangue e incrementou minhas forças. Consegui me desembaraçar de um dos soldados, golpeando com força desatada ao outro. Não tive tempo de mais nada, pois me bateram com um porrete enquanto Elena chorava desconsolada.

— Por favor, por favor, só é um moço! — Desculpou meu mestre sobressaltado e transtornado pela situação.

Os soldados se detiveram e se dirigiram à porta.

Elena nos contemplou do saguão, chorosa e abatida. Um violento acesso de tosse a dobrou em dois. Beltrán se equilibrou sobre ela e a abraçou com força, sussurrando ao ouvido. Ao menos lhes permitiram despedir-se, enquanto me lançavam olhadas admonitórias.

Quando os separaram e quase a tiraram ela em puxões da casa, Beltrán posou as palmas de suas mãos na porta fechada, com a vista perdida e uma expressão tão rota que me angustiou mais do que já o estava. Depois caiu de joelhos completamente desolado, cobriu-se o rosto com as mãos e soluçou com desespero. A culpa o devastava, também a mim. Mas era um risco que tínhamos que correr.

Ver como aquela maldita enfermidade consumia Elena dia a dia era mais do que ambos podíamos suportar. A tísica descarnava seu corpo, rasgava-a em tosses violentas que a deixavam lívida e azulava seus lábios. Sacudia-a em intensos calafrios e exsudava seu corpo em febres altas que a faziam delirar. Não dormia, não comia, nem se tinha em pé. Era fácil ver como a garra da morte começava a fechar-se sobre ela.

Todos os médicos ruins aos que tínhamos acudido a tinham despejado por encontrar tão avançada a infecção. Assim só tínhamos visto uma última saída possível, e tinha sido levá-la à casa da mais famosa curadora de toda Sevilha, o feijão Betsabé.

Sabíamos que era um risco, pois ter entendimentos com a comunidade hebréia — a pouca que tinha resistido a expulsão em troca de converter-se ao cristianismo e renunciar não só a sua fé, mas também a seus costumes— levantava suspeitas. Ir ao lar de Betsabé no bairro de judeus de São Bartolomé e ser visto entrando em sua casa era o mais temerário. Por isso, os mais altos cargos da comunidade que precisavam seus serviços enviavam a um laçao para que recolhesse as indicações da curadora, carregando sobre seus ombros a responsabilidade de receber alguma acusação, se acaso algum vizinho suscetível decidia denunciá-lo. E aquele era o tema difícil do assunto, pois os rumores e os falatórios faziam mais dano que os fatos em si. Muitas invejas e rivalidades comerciais tinham desbancado a molestos competidores com denúncias falsas. Ter um familiar doente e um inimigo atento centrava a atenção em seus passos. E dinheiro não tínhamos, mas inimigos tantos como a má erva florescendo sob a chuva.

Não foi fácil reunir tão considerável quantidade de ducados de ouro para acessar aos privilegiados dons da curadora. Eu tive que aceitar mais de um encargo, muito pessoal, com libidinosas damas de linhagem. E meu mestre obtinha exíguos lucros de seus entendimentos com os contrabandistas do Areal em troca de conseguir permissões portuárias e armazéns sem vigilância. Mas tudo era pouco se obtínhamos que Elena sanasse. E assim resultou ante nossos maravilhados olhos.

Na primeira visita, Betsabé mostrou seus avançados conhecimentos e sua grande habilidade combatendo a enfermidade. Depois de inspecioná-la minuciosamente, decidiu extrair o sangue

pútrido do pulmão doente para descongestioná-lo. Para tal fim, perfurou o órgão com uma afiada lanceta desde suas costas e recolheu a imundície que brotava, escura e sanguinolenta, com um funil metálico que a vertia em um frasco. Além disso, explicou-nos que de vez em quando terei que instilar vinho agüado em sua garganta para provocar tosse vômica, de modo que vá expulsando as secreções acumuladas. Depois da intervenção, aconselhou-nos que tomasse abundantes infusões de pétalas de rosa, tal e como sugeria Avicena em seu afamado tratado de medicina. Na segunda visita, aplicou cataplasmas torácicos com emplastros de eucalipto, que melhoraram de forma visível suas tosses. E, na terceira, expô-la a inalações de vapores de sandáracas, ao parecer uma resina extraída do zimbro que a ajudava a respirar melhor. A melhoria foi tão notória que mereceu cada ducado. Começou a comer, descansava pelas noites, suas bochechas se tornaram rosadas e seus olhos faiscavam animados.

Não podíamos estar mais ditosos com o resultado. Mas o destino sempre parecia esperar escondido para lançar sua cruel garra sobre mim.

Depois daquele desgraçado dia, conseguimos consultar com um letrado, que nos tranquilizou nos explicando que, se ela confessava e se arrependia de confabular com uma herege, o tribunal se mostraria clemente.

Em relação à figura do Betsabé, existia tão repugnante hipocrisia que evidenciava a corrupção da moral em função de quão proveitoso resultasse justificar a condenação ao que utilizava seus serviços e não a quem os oferecia. Para sossegar essa corrompida e aparente moral, de vez em quando mandavam colocar presa à curadora um dia no calabouço, no máximo dois. Ela mostrava arrependimento, era perdoada e de novo voltava para sua casa. Não se podia prescindir dos dotes de uma mulher tão útil.

O letrado em questão não obteve que nos deixassem visitar Elena na prisão. Assim, quando aquele ensolarado domingo de maio, dos degraus dispostos frente ao cadafalso, vimo-la subir a escadaria, meu mestre e eu emudecemos horrorizados. Ia vestida com uma esfarrapada túnica, descalça e desgrehada, e estava tão magra que podíamos ver como seus ossos ressaltavam no tecido. Encontrava-se tão fraca que tropeçava continuamente, e tão lívida e cansada que parecia mais uma alma que uma pessoa de carne e osso. Senti como se todo o sangue de meu corpo começasse a bulir dentro de mim em coléricas ferveuras.

Tiveram que ajudar a subir à plataforma de madeira empilhada onde se erguia o poste. Ali foi vilmente atada.

Todo meu corpo começou a agitar-se detento de uma ira transbordante ante tamanha injustiça. Não, disse-me, não há pior maldade no mundo do que sair do ser humano. Essa maldade não necessitava beberagens, nem conjuros, tampouco precisava de nenhum tipo de magia, tão somente se inventava decretos, mandamentos, imposições, marcando um férreo atalho pelo que todos devíamos

caminhar, e pobre daquele que não o fizesse. Mas ainda ia mais à frente: inclusive percorrendo obediente e submisso esse caminho, surgiam braços que lhe empurravam fora dele para te acusar com o dedo. E, uma vez fora, derrubava-se contra o expulso toda a brutalidade que a criatividade de uma mente engenhosa pudesse idear.

E quanto a engenho, a Inquisição destacava por seus originais métodos de tortura. Do aterrador “potro”, onde o réu era estirado até desencaixar seus membros, até o “berço do Judas”, onde o condenado era elevado sobre uma pirâmide de aço e solto a chumbo sobre seu vértice para destroçar suas partes mais nobres. Ou a “garra de gato”, em que se atava ao acusado a um poste e lhe arranhava as costas com uma espécie de gancho de ferro até descarná-lo. O “pêndulo”, onde atavam as mãos às costas da vítima e logo era içada com um peso nos pés para desarticular seus ossos. E uma das mais horripilantes, chamada “a serra”, onde o pobre infeliz, de general sodomita, ou uma desgraçada mulher acusada de bruxa e de levar, além disso, o filho de Satã em seu ventre, era colocado em posição investida com o fim de evitar que perdesse o conhecimento e o serrava pela metade partindo da virilha. Não se desvanecia até que o cortavam à altura do umbigo ou, em ocasiões, do peito. E, assim, muitas outras que denotavam uma mente não só perversa, mas também desumana, que se desfrutava na barbárie. Não unicamente do que a executava, mas sim do público que a desfrutava, pois não assistir a um ato de fé levantava suspeitas entre os convizinhos. Todos deviam presenciá-los, não havia melhor corretivo nem melhor ocasião para estender o manto do medo entre uma congregação que devia ser submetida ao capricho de uma fé manipulada por uns poucos, só por seu afã de poder e dominação.

Dirigi a vista para meu mestre, que chorava em silêncio com tão azedo amargor que todo meu ser se revolveu em uma voragem de emoções extremas que soube que seriam difíceis de controlar.

O inquisidor geral escrutinou à réu, revisou umas folhas e ficou em pé.

— Dona Elena da Mendoza, — começou enfático — a acuso de confabulação em práticas heréticas com o cargo de traição, pois de todos é sabido a feitiçaria que caracteriza o lugar que visitaram. Testemunhas que contribuíram com declaração jurada e que preferem ocultar sua identidade mantêm que entrou em casa da herege em padiola e saíra caminhando, que lhes viram dançando de noite pelas ruas, entre risadas maléficas, e que oferecem seu corpo em troca de lealdades ao Caído. Confessa, pois, seus pecados, mostrando arrependimento com a promessa de ser fiel ao único e verdadeiro Deus?

Elena fez o gesto de assentir, mas quando entreabriu os lábios para expressar sua confissão, um violento ataque de tosse a dobrou em dois, sacudindo-a como uma boneca de trapo. Contive o fôlego, e Beltrán se enrijeceu angustiado. Os presentes exalaram uma exclamação surpresa que se elevou a espantada quando um cuspe sanguinolento escapou dos lábios da Elena para o rosto do inquisidor,

quem com evidente repulsa retrocedeu e limpou o escarro da bochecha com seu lenço, mostrando a todos os presentes sua textura negra e densa escorrendo-se pelo linho branco.

— Temo-me que o demônio está nela e a impede de arrepender-se. Está claramente possuída por ele, só o fogo purificador poderá salvar sua alma.

Elevou uma mão e o verdugo se dirigiu para um extremo, onde começou a manipular uma larga tocha.

A multidão animou exaltada e ávida de sofrimento alheio. Meu estômago se revolveu detento das náuseas, gerando uma bola de fúria tão capitalista que todo meu corpo tremeu. Apertei os punhos e os lábios e me pus em pé ante o clamor da multidão.

— Não é uma bruxa!!! — Gritei a pleno pulmão — É tão somente uma pobre mulher doente de tísica, não está possuída, não tem culpa de nada! Eu a levei a casa de Betsabé em meu desespero porque sanasse. É inocente, eu sou o único culpado!!!

Beltrán tocou meu braço para me sossegar. Todos os presentes cravaram suas impressões em mim.

— Quem interrompe o processo de tão alto tribunal?

— Assem, meu filho, foge. — disse Beltrán — Esconda-se uns dias ou passará este duro duelo em um calabouço. Não some mais dor a meu coração, rogo-lhe isso. Ela não quereria que presenciasse tão cru e injusto final. Escapa, suplico-lhe isso!

Elevei a vista, descobrindo desde aquela distância como Elena negava entre prantos com a cabeça, e como dois guardas, ao sinal do magistrado, precipitavam-se para os degraus.

— Mas não posso ir. — Choraminguei quebrado — Nunca disse que a amava.

Beltrán negou com a cabeça, seu rosto era uma máscara atormentada e seus olhos dois poços negros de sofrimento, mesmo assim não lhe tremeu a voz quando replicou:

— Sim o tem feito, Assem, em cada gesto que lhe dedicaste, no tom de sua voz quando dirigia a ela, em cada olhar que lhe oferecia, inclusive em seus silêncios. Ela sabe. Ela te amou do momento em que te aceitou como um filho, quando chegou a nós. E ela nunca se irá de tudo, porque a levaremos dentro, em nosso coração e em nosso pensamento. E agora, corre, já chegam.

Assenti tão desolado e derrotado que meus pés não se moveram. A vida parecia aguardar escondida para voltar a atirar um novo golpe, como se meu destino em efeito estivesse maldito, cevando-se com tudo aquele que fora importante para mim. Ante um gesto premente de meu mestre, rompi minha imobilidade e saí à carreira com a vista empanada e o rosto desencaixado de dor,

empurrando às pessoas como se desse modo pudesse apartar ao destino de mim, cheio de rancor e cólera.

Sob um sol radiante, em uma manhã formosa, abandonei a praça de São Francisco com o coração sangrando e a firme decisão de não o entregar nunca mais...

Nesse instante, um coro de tambores ressonou com força emudecendo a plebe. Dos calabouços emergiu uma fileira de rés atadas entre si com uma mesma corda da que atirava o carcereiro. Perguntei-me o que teria passado com o oficiante do rito. Todas levavam um hábito puído em cor crua, o cabelo alvoroçado e solto e olhadas assustadas que dirigiam de soslaio à multidão congregada, que as repreendia soez. Contive o fôlego quando reconheci Ayleen entre elas. Ainda parecia aturdida e dispersa, como se alguém dominasse sua vontade. Aquilo me sobressaltou aumentando a inquietação e o desassossego.

Conduziram-nas para a escada que levava a tribuna, pela que subiram entre vaías, imprecações e cuspidelas. Fizeram-nas colocar-se cada uma frente a uma das plataformas de lenha amarradas empilhada sobre a que se erigia um poste. Eram seis e, entre elas, a anciã druidhe era a última, ao lado de Ayleen.

O som dos tambores cessou de repente, e o tonsurado monge ficou em pé hasteando uma larga cruz dourada com relevos em sua superfície e gemas incrustadas. Na outra mão levava uma pequena Bíblia aberta e, com voz grave e alta, começou o sermão de fé, exortando aos fiéis a rechaçar as tentações do demônio e elogiando a divindade do Deus cristão como o único verdadeiro, ressaltando que era um Deus piedoso que nunca abandonava a seus filhos, acolhendo-os em seu seio ante arrependimentos. Escolheu uma passagem bastante inquietante e lúgubre do Apocalipse, perfeito para sensibilizar aos presentes sobre o perigo de cair em tentações demoníacas, pois a principal função daquele ato de fé, como todos, além de usar-se como corretivo, era amedrontar aos fiéis para oprimi-los sob o jugo do medo com uma só finalidade: estender a garra do poder sobre eles.

Depois do sermão, iniciou o auto. O inquisidor geral ajustou as lentes sobre a aquilina ponte de seu nariz, entreabriu os olhos e seguiu com o dedo um parágrafo da folha que tinha entre as mãos, lendo para si, franzindo o cenho à medida que avançava.

Ao cabo, ficou em pé. Sussurrou algo ao ouvido do diácono e se aproximou das rés seguido por ele.

— Em vista da gravidade do assunto que terá que julgar, este processo inquisitorial prescindirá de algumas fases e passos que se subentendem inúteis, dadas as provas contribuídas e a multidão de testemunhos coincidentes. Assim, evitaremos a fase sumária, dando passo somente à fase judicial. Em primeiro lugar, escutaremos a exposição de algumas testemunhas em sua acusação formal contra as rés, sob declaração jurada, depois da qual, e pela graça de Deus, procederá a obter a confissão das acusadas para poder ditar sentença. Dará a oportunidade de confessarem seus pecados, em ato de contrição e abraçando a fé de Cristo, com um beijo a sua cruz. Em caso de não confessar seus pecados e seus pactos satânicos com o Maligno, abrirá a fase de tortura. Se mantiverem sua inocência durante um máximo de três torturas, serão declaradas inocentes e postas em liberdade. Depois do passo das confissões, abrirão as compurgações, dando a oportunidade de que alguém apresente testemunho em defesa de qualquer das rés, com o sabido risco de ser acusado de cúmplice herético e de compartilhar o destino de sua defendida. E, em último lugar, dir-se-á a sentença, que se executará no ato.

De novo, o inquisidor geral colocou as lentes para olhar com gravidade às acusadas. Depois voltou para seu lugar e se sentou com as costas retas e rosto circunspeto. O magistrado situado a sua direita chamou a declarar ao Angus Ferguson.

Um homem robusto, de olhar fugidio e gesto nervoso subiu ao estrado. Ato seguido, aproximou uma Bíblia, sobre a que jurou com solenidade.

— Senhor Ferguson, — começou o magistrado — foi testemunha presencial do covil levado a cabo no lugar chamado Púlpito do Diabo, na região do Finnich Glen. Poderia descrever o que presenciou ontem à noite?

— Meus homens e eu irrompemos naquele sabbat justo quando as bruxas aqui presentes acabavam de invocar ao demônio, entregando a ele seus luxuriosos corpos. — Tomou uma funda baforada de ar e, espremendo seu boné entre as mãos, continuou — Duvido que possa esquecer o que ali aconteceu, nem que minhas palavras consigam descrever com a devida precisão o horror vivido, pois vimos como o diabo tomava em braços a uma delas e a levava a seu reino.

A multidão deixou escapar ao unísono um gemido impressionado. O ambiente se carregou com um detestável temor, que deu passo a falas soterradas que exaltaram os ânimos.

— Poderiam fazer um esforço e nos descrever a essa figura demoníaca?

O homem se apressou a assentir.

— Era uma besta, metade carneiro, metade homem, tinha chifres, comprido cabelo negro e olhos de fogo. Ia nu e sua pele estava por completo infestada de símbolos satânicos. Era muito alto e fornido, de rosto feroz e semblante maligno. Estava inclinado sobre sua presa disposto a devorá-la quando nós chegamos, e ante nossos estupefatos olhos desapareceu. Ao menos conseguimos capturar a suas adoradoras para que se obre justiça.

Cora me dirigiu uma olhada flagrante, pois tinha descoberto claramente a quem se referia. Inclinei-me sobre ela e lhe sussurrei ao ouvido:

— Em realidade, era uma vaca.

Fulminou-me com um olhar ofuscado, franzindo os lábios com impotência, reprimindo uma réplica fácil de adivinhar.

— Reconhecem, pois, a estas seis mulheres como as assistentes a esse ritual?

O homem assentiu terminante.

— Pode abandonar o estrado.

Depois dessa declaração, outros dois homens manifestaram testemunhos exatos, possivelmente adornados inclusive com mais artifício.

Passei a vista pela tribuna calibrando aos homens sentados à mesa, procurando em seus rostos retalhos de seu caráter para enfocar minha atuação com mais acerto, quando uma mulher captou poderosamente minha atenção. Estava sentada em um extremo daquela mesa, como se ocupasse algum cargo importante. Mantinha um semblante impávido e um porte régio. Era de média idade, embora ainda viçosa. Levava seus dourados cabelos recolhidos com sobriedade, um vestido fechado e casto, e uma curiosa e conveniente cinta rodeando sua garganta, ocultando uma condenatória marca..., que ela mesma tinha pedido que lhe fizesse.

Sorri para meus adentro, acabava de encontrar um ás que utilizaria sabiamente. Girei-me para o homem que tinha a minha esquerda e perguntei com ligeira curiosidade:

— Desculpe, quem é a distinguida dama que ocupa a mesa do tribunal?

— É Moira MacNab, a mulher do Alain, o oficial maior.

E, de repente, começaram a encaixar em minha cabeça os fragmentos da conversação mantida por aqueles dois homens no bosque, descobrindo uma informação tão valiosa como delicada e que, se dirigia de forma adequada, poderia me ser de grande ajuda.

Sorri-lhe agradecido a meu interlocutor e acrescentei com naturalidade:

— Por certo, não vejo o Rob, perdi-o de vista na partida.

O homem aguçou a vista franzindo o cenho até que descobriu ao aludido assinalando-o com o dedo.

— Aí o têm, dizem que se enfrentou ao demônio e saiu vivo de milagre. Kendall não teve tanta sorte.

Ante meu assombro, descobri ao taberneiro, junto a sua esposa, ambos em um extremo da primeira fila. Cora me observou intrigada com o olhar obscurecido de preocupação. Rodeei-a contra mim, não soube se para tranquilizá-la ou se por acaso não voltava a desfrutar da oportunidade de tê-la perto.

O inquisidor voltou a ficar em pé e se dirigiu para as rés, novamente seguido do tonsurado clérigo que levava o ostentoso crucifixo.

Detiveram-se frente à primeira presa.

— Confessa seus pecados, admitindo ser sirva de Satã o ignominioso? —inquiriu o prelado.

—Confesso-o — apressou-se a responder ela.

Ato seguido, o anódino prelado começou a recitar o miserê, aguardando a que a mulher fora repetindo cada estrofe. Depois lhe ofereceu a cruz, que ela beijou com impaciente devoção.

— Deus, em sua infinita piedade, lhe acolherá em seu seio limpa de pecado. Quando as purificadoras chamas liberem sua encarnação terrestre, sua alma será recebida na morada do Muito alto.

A mulher assentiu soluçando enquanto o verdugo a arrastava para a escadaria traseira da pilha de madeira e a impelia para que subisse por ela. Uma vez acima, atou-a ao poste com uma corda e desceu encaminhando-se junto com o inquisidor e o clérigo para a seguinte. Repetiu-se o processo com as quatro primeiras. Quando se detiveram frente a Ayleen, contive a respiração.

Depois de perguntar o mesmo que ao resto, Ayleen elevou o rosto e negou com a cabeça. Amaldiçoei entre dentes e fechei os olhos em gesto furioso.

— Não sou serva de Satã. — Proferio em tom firme e alto, impregnado de uma elogiável valentia — Não sirvo a ninguém, mais que a meu coração. Só rendo culto a deidades pagãs tão válidas como as de outras religiões. Só hospedagem ao deus Sol e à mãe Terra, cuidando tudo o que brota e vive dela. Celebro as estações e rezo à natureza,

mas não faço mal a ninguém, ao menos de maneira intencionada. Não sou uma bruxa, só sou culpada das circunstâncias e de meu próprio desespero.

Fez-se um pesado silêncio que se estendeu detestável pela abarrotada praça. A espera mudou ao vulgo, que aguardava a pronúncia do inquisidor.

— Em tal caso, será torturada no potro, onde ficará a prova da veracidade de suas palavras. Se conseguir superá-la, já decidiremos qual será a segunda.

O inquisidor avançou para a última acusada, posando seu escrutinador olhar nela. A anciã druidhe a sustentou desafiante com um sorriso malévolo. Antes que tenha sido efetuada a pergunta de rigor, a mulher falou em voz alta com tom provocador:

— Eu sim sou uma bruxa, e reconheço ante vós ser serva e adoradora de Satã e de todas suas legiões. Mas não sou a única aqui, pois vejo entre vós minhas irmãs. Não aqui, neste cadafalso, a não ser infiltradas entre o público, camufladas de boas vizinhas, mas que nas noites de lua cheia se reúnem comigo para adorar ao único e verdadeiro deus, fazendo oferendas de sangue e entregando gostosas seus corpos.

Aquele testemunho despertou uma densa nuvem receosa na turfa, conseguindo que uns e outros se olhassem com acusada desconfiança e incipiente temor. A anciã sorriu triunfal, sabedora de ter semeado uma semente hostil em terreno fértil.

Depois da confissão, a druidhe rechaçou o ato de contrição e o de reconciliação, por isso seu corpo foi condenado à fogueira e sua alma ao inferno.

Continuando, o inquisidor se dirigiu ao público dando passo a seguinte fase.

—Iniciam-se as compurgações, — anunciou— alguém deseja interceder em defesa de alguma das acusadas?

Respirei profundamente e olhei a Cora com intensidade antes de elevar minha voz entre a multidão.

— Apresento-me como compurgador em favor do Ayleen MacNiall!

Uma sobressaltada exclamação ressonou na praça, e todas as olhadas se fixaram em mim.

Cora me observou sofrida, nascendo nela um rosto contido e angustiado.

— Quão forte é seu vínculo para que arrisque a vida por ela? — murmurou com voz estrangulada e olhar aquoso.

— Ela o merece. — Limitei-me a responder — Libera a meus homens, não haverá outra oportunidade.

— E você? —inquiriu preocupada.

— Eu não importo.

— Importa-me.

Seus verdes olhos alagados em lágrimas me encolheram o peito. A ponto estivera de brotar dele umas palavras que tive que conter. De nada serviria que ela conhecesse meus sentimentos, melhor recordar como um amante se o assunto saía mal. Dominei deste modo o desejo de beijá-la e tão somente fui capaz de forçar uma careta indecifrável.

Já avançava para a tribuna quando um leve puxão antes de soltar minha mão me fez olhá-la de novo. A necessidade de estreitá-la entre meus braços me afligiu tão implacavelmente que tive que apertar os dentes e esticar a mandíbula com férrea determinação para conseguir caminhar entre a multidão me afastando dela

CAPÍTULO 32

A ordalía da água

Subi ao estrado com aprumo e segurança, aparentando uma calma e uma confiança que não sentia.

O primeiro que fiz foi dirigir, com profunda intencionalidade, o olhar à mulher a que eu mesmo tinha marcado. Ela me contemplava com profunda curiosidade, naturalmente sem me reconhecer ainda. Para lhe refrescar a memória, e ante a estranheza dos presentes, desfiz a laçada que sujeitava minha larga cabeleira em um acréscimo baixo e me alvorecei o cabelo. De novo, observei-a com fixidez, enfocando a vista na cinta que levava ao pescoço e lambendo os lábios a um tempo. De repente, ela se mostrou inquieta, agitando-se em sua cadeira. Sorri matreiro, ela tragou saliva incômoda e nervosa.

O inquisidor se dirigiu para mim com olhar escrutinador, denotando certo assombro em seu rosto.

— Vos lembra, antes de começar seu testemunho, que Ayleen MacNiall está acusada, além disso, de provocar a morte do pequeno Kael. E que, por tanto, além dos testemunhos que a assinalam como culpado, existe uma prova física de sua condição de bruxa: um pendente que levava em cima, um nó de magia. Agora, e tendo em conta todos os indícios e as acusações ligadas à sua defendida, e recordando que as compartilharão se seus argumentos são desprezados, pode começar seu juramento e sua exposição.

Aproximaram-me uma Bíblia e pronunciei meu juramento sobre ela, pensando para mim no revoa que se armaria se descobrissem que um herege muçulmano perjurava sobre seu livro sagrado.

Ante o gesto de assentimento do magistrado, e com os olhos fixos em mim de toda a concorrência, comecei minha declaração.

— Tenho em meu poder a prova que demonstrará a inocência do Ayleen MacNiall. Ela não atuou de forma voluntária, pois sua vontade estava submetida justamente por esse pendente ao que fazem referência. Faz umas semanas, ela se perdeu no bosque. Seu irmão e eu a encontramos na cabana dessa druidhe —assinalei à anciã, que me contemplava com gravidade— e, quando a resgatamos, nenhum se dispôs do pendente oculto que levava. Como resultado desse momento, ela começou a trocar como se estivesse presa de um

feitiço. Em nenhum instante foi consciente de seus atos, pois estes claramente eram dirigidos por essa bruxa. Mas aí não acaba sua desgraça, posto que além disso foi sequestrada e entregue como oferenda a Satã. Ayleen MacNiall é só uma vítima de um encantamento, sem o pendente, está recuperando sua vontade.

O inquisidor franziu o nevoeiro e esfregou a mandíbula pensativo.

— Mesmo assim, seu testemunho é evidentemente condenatório, pois confessou sua heresia adorando a deuses pagãos.

— Ainda está sob o influxo da bruxa, ela controla sua mente — respondi.

— O que não fica claro a este tribunal —interveio o magistrado, um homem ancião de olhar sagaz e semblante contrariado— é como conseguiu escapar das garras do demônio. Há testemunhos que dizem havê-la visto em seus braços desaparecendo com ela. Se for a vítima que asseguram, por que o demônio não a levou consigo aos abismos?

— Porque não houve nenhum demônio nesse sabbat.

Uma surpresa exclamação se elevou entre a plebe.

Comecei dando certo ar distraído a meu gesto, a desenredar minha camisa.

— Contradizem em tal caso os testemunhos aqui contribuídos sob juramento sagrado?

— Não, eles manifestam sua verdade. E sua verdade é que viram com seus próprios olhos ao diabo. Mesmo assim, eu posso demonstrar que não o era.

Murmúrios surpresos se elevaram em uma nuvem gotejantes de estupefação e confusão que começou a irar aos presentes em meu contrário.

Tirei o colete de pele curtida e tirei as abas de minha camisa valona em um gesto brusco.

— O que se supõe que está fazendo? —repreendeu o inquisidor aturdido.

— Mostrar minha prova.

Vários guardas se aproximaram alertas e receosos com as mãos em seus punhos.

— Vou desarmado, — recordei— e estou sob juramento.

Tirei a camisa, ante a explosão chocada da multidão. Continuando, elevei o rosto capturando um tímido, mas efetivo raio de sol para conseguir que meus olhos âmbar refulgissem mais claros, e dirigi a vista para a Moira MacNab, que se levou a mão a sua boca entreaberta em um fútil intento por controlar seu estupor.

Também olhei ao Rob, o taberneiro, que me observava consternado, negando com a cabeça e retrocedendo ao tempo que abria a boca como um peixe.

— Esse homem, Rob — o assinalei para atrair sobre ele o confuso olhar dos presentes e que se precavesses assim do terror que desencaixava suas feições—, pode corroborar que fui eu quem, disfarçado com a pele de um animal, com uma galhada que atei a minha cabeça e o corpo pintado com sangue, fingi ser a besta que invocavam com o único objeto de resgatar ao Ayleen das garras da feiticeira.

Um clamor popular estalou entre a multidão. O inquisidor ordenou silêncio e o clérigo se benzeu observando com espanto minhas tatuagens e o pendente da árvore sagrada, que quase coincidia com o que levava impresso em minha pele.

O taberneiro assentiu com os olhos exagerados, ao parecer sem poder acreditar que eu fosse em realidade humano. Para falar a verdade, e por como me examinavam, temi que todos acreditassem o mesmo.

Aproveitei para escrutinar à multidão. A essas alturas, Cora já devia ter podido liberar a meus homens. Deviam procurar um birlinn e, se Ayleen e eu não conseguíamos escapar com vida, embarcar nele.

— Em tal caso, mataram ao Kendall Forbes, — começou o magistrado— por isso terão que ser julgado em um tribunal civil.

— Até então, sigo de compurgador. — Aduzi determinante — Não houve nenhum demônio nesse púlpito. Ayleen atuou manipulada e enfeitiçada pelas artimanhas de uma bruxa, não participou do covil, mas sim foi a vítima que pensavam sacrificar, o que demonstra que não era uma igual. Há testemunhos que viram o presumido demônio, neste caso eu, fugindo com ela em braços, o que confirma minha declaração. E, no suposto de que se precisem mais provas... — dirigi de novo o olhar a Moira MacNab, que se mostrava chocada e tremendo ante minha revelação, temerosa de que a acusasse — contribuírei-las, pedindo a outra testemunha aqui presente que confirme minhas palavras, de ser necessária para mim sua intervenção.

Com a respiração agitada e o semblante decomposto, Moira se levantou de sua cadeira e, depois de aproximar-se de seu marido Alain, o oficial maior, sussurrou-lhe algo ao ouvido.

Ato seguido, os homens da mesa se reuniram entre falas, até que o inquisidor, depois de arranhar-se com desagrado sua calva cabeça, aproximou-se de mim.

— Já pode se cobrir. — Ordenou espionando com censura minhas tatuagens — Apesar de sua declaração, surgem-me muitas incógnitas, que temo, só me serão

esclarecidas de uma única maneira: submetendo à acusada em questão a ordália²⁶ da água. Tão puro elemento decidirá seu destino. Será lançada ao rio com a mão direita atada ao pé esquerdo e vice-versa. Se a água a rechaça e frota, é uma bruxa; se afundar e esta a aceita em suas profundidades, é inocente.

Amaldiçoei para meus adentro olhando com inflamo a toda a mesa.

— Acredito recordar que já não se permite que um inocente tenha que morrer para demonstrar sua condição — repliquei furioso.

— Claro que não. — Admitiu carrancudo o inquisidor. — Ataremos uma corda à cintura para içá-la, se afundar. Uma vez efetuada a ordália, procedera-se à sentença de morte na fogueira de todas as condenadas. E não esqueçam que vocês compartilharão seu mesmo destino, seja o que for.

E, assim, e ante a exaltação da gente, animada ante o iminente espetáculo, Ayleen foi conduzida ao porto para ser lançada ao rio Llevem, onde, ao ser um afluente do grande rio Clyde, situado além na união do estuário, as correntes eram mais rápidas. Depois dela fui escoltado já como prisioneiro, em vista dos dois homens armados que me flanqueavam.

Depois de chegar a um extremo mais solitário do molhe e congregar-se todo o vulgo naquele lugar, aproveitei para me aproximar de Ayleen fingindo lhe dar um beijo na bochecha.

— Esvazie seus pulmões de todo o ar que possa antes de cair à água — aconselhei em um sussurro.

— Acreditei que se tratava de justamente o contrário, de enchê-los para aguentar mais tempo — respondeu confusa e assustada, em apenas um murmúrio.

— Não, se frotas te valerá de pouco respirar. Quanto mais ar tenha dentro, mais possibilidades de flutuar. Tenta não te debater ou os movimentos a levarão a superfície. Combate o medo e permanece imóvel, deixando arrastar às profundidades.

Separei-me dela para ver o terror e a ansiedade apagando suas feições.

— Aterra-me a água, já sabe — choramingou angustiada.

— Não permitirei que te aconteça nada — prometi abraçando-a.

Separaram-nos bruscamente. E, depois de outro sermão de fé, durante o qual, por sorte, ao menos se fez o silêncio, Ayleen foi atada como tinha disposto o inquisidor. Elevei

²⁶ Prova judiciária destinada a inocentar ou inculpar um acusado. (O ordálio, também chamado juízo de Deus, foi muito usado nos primeiros séculos da Idade Média. Consistia em submeter à prova do fogo ou da água o acusado, que, se dela saísse salvo, era em geral declarado inocente.).

o queixo e olhei em redor procurando Cora, mas não a vi por nenhum lugar. Tampouco vi nenhum de meus homens.

Ayleen me dirigiu um olhar desesperado, grossas lágrimas sulcavam seu rosto. Já uma vez, de pequena, tive que tirá-la do mar, quando caiu de um bote. E naquele olhar vi a mesma lembrança, junto a uma súplica rasgada. A firmeza de minha expressão e um leve assentimento de cabeça pareceram reconfortá-la. Nesse instante, dois homens a agarraram em empurrões e a lançaram ao rio.

Meu estômago deu um tombo e, apesar de estar escoltado, pude me aproximar com certa liberdade ao bordo do embarcadouro e me colocar junto aos dois homens que sustentavam a corda que amarrava a cintura de Ayleen. Ninguém melhor que eu compreendia a tortura pelo que estaria passando, a sensação de sufoco, o temor e a angústia. Apertei os punhos e estiquei a mandíbula observando como um redemoinho de borbulhas subia à superfície em um baile errático, indicativo do tormentoso suspiro de Ayleen em sua luta contra o medo. Pude distinguir seu corpo encolhido a meio caminho do fundo, negando-se a seguir descendo. Todos os músculos de meu corpo se esticaram como a corda de uma harpa. Ser testemunha passiva de sua agonia estava devastando minha inercia. Tive que estrangular o desejo de me lançar a ela. Depois da aparição de grandes borbulhas que ascenderam ligeiras e estalaram na superfície, tive a certeza de que Ayleen se afogava e de que podia ter perdido já o conhecimento. Girei-me impaciente para o inquisidor.

— Não flutua, tirem já!

O homem apareceu com expressão conscienciosa, oprimindo ligeiramente seus magros lábios.

— Ainda é cedo para sabê-lo.

— Está se afogando, pelo amor de Deus! — reprovei furioso.

Os homens que me flanqueavam, agarraram ambos os braços temendo um enfrentamento. Debatí-me irado.

A espelhada superfície do rio pareceu ficar em calma. Os presentes mais próximos se inclinavam sobre a borda curiosos e confusos.

Dirigi um ameaçador olhar a Moira, que se encolheu temerosa ante meu decidido semblante.

— Tenho algo mais que declarar! — Vociferei.

A mulher se adiantou aos trancos e sussurrou novamente a seu marido.

—Icem já! — Ordenou o oficial maior.

O inquisidor assentiu com inapetência e os homens que aferravam a corda começaram a puxá-la com urgência. Contive o fôlego quando vi como as curvadas costas de Ayleen começava a emergir. Seu corpo estava imóvel e lânguido. Justo antes que a içassem sobre as águas, o inquisidor se adiantou e observou escrutinador o corpo.

—Soltem a corda, já está morta!

—Nãããooooo...!!! —Gritei colérico.

Os homens a soltaram e o corpo começou a descer de novo. Não havia tempo a perder. Revolvi-me como uma serpente contra meus captores e consegui escapar de um deles. Não pensei e lancei um feroz murro ao outro. Enquanto se recompunha, afundei uma cotovelada no ventre do que tentava me capturar de novo, consegui escapar e, sem demora, lancei-me ao rio.

Apesar da estação, a água estava fria. Bracejei com vigor para o fundo, vislumbrando o corpo imóvel da Ayleen.

Naquele mundo aquático, onde as filamentosas algas ondeavam como se desejassem me capturar, onde os peixes fugiam velozes por minha intromissão, onde um fundo verde azulado atravessado por faz dourados me envolvia em um abraço irreal, retornei a aquele recordo de procurar a morte no fundo do mar para escapar do horror. E, enquanto bracejava, senti o imenso desejo de voltar a ver aqueles olhos que vi então e de ouvir aquele sussurro em minha mente. Senti de novo a urgente necessidade de senti-la perto uma vez mais, mas, para minha desgraça, a minha cabeça acudiu justamente o que menos desejava invocar, a imagem dos Grant me tirando da borda a rastros entre risadas ásperas e comentários soezes. Por um momento me detive, como se me tivessem golpeado. Aumentei os olhos, transtornado por aquela lembrança que começou a bloquear meu corpo. Grunhi furioso e uma grande baforada de ar contido escapou. Não podia deixar que me afetasse agora, não agora.

Fixei a vista na Ayleen e recuperei as forças imediatamente. Não ficava muito ar nos pulmões, e o precisaria para a ascensão. Depois de outro par de braçadas, consegui apanhá-la. Seus largos cabelos dançavam em torno de seu rosto, estendendo-se a seu redor como se um escuro polvo negro cobrisse sua cabeça. Aferrei-a pela cintura e comecei a nadar para a superfície com todo o vigor que pude imprimir a meus movimentos.

Uma sensação de ardor começou a queimar meu peito, a necessidade de respirar era tão dolorosa que senti ferroadas lacerantes. Abri a boca em um último grunhido esforçado,

liberando uma miríade de borbulhas mais impaciente que eu, e as segui quase ao limite de minhas forças.

Emergi por fim e tomei uma desesperada baforada de ar, logo nadei ofegante para a borda. Uns braços compassivos se estiraram para mim para me ajudar. Aproximei-lhes o corpo de Ayleen e a tirei da água. Eu saí não sem esforço: doía-me o peito e estava exausto. Mas não me tombeï sobre o embarcadouro a recuperar o fôlego. Aproximei-me de Ayleen a gatas, tremente e assustado.

Parecia um novelo, por culpa dessa atadura que a curvava sobre si mesma. Quando cheguei a ela, pedi uma faca, que alguém, de entre todos os rostos que nos rodeavam, ofereceu-me e segui as cordas. Apartei o cabelo de seu rosto e o medo me assaltou. Estava pálida e por completo inerte.

Inclinei-me sobre ela e peguei minha boca à sua para insuflar ar a seus pulmões. Tomei entre meus braços e a sacudi ligeiramente, tentando-o de novo. Não obtive nenhum tipo de resposta alentadora. Tinha que conseguir que expulsasse a água acumulada em seu interior. Dava-lhe a volta, colocando-a de barriga para baixo, e montei sobre a zona baixa de suas costas. De joelhos atrás dela, deslizei meus braços por seu peito, enlacei os dedos e a oprimi com força elevando seu torso em cada sacudida. Uma e outra vez, realizei aquele movimento brusco, oprimindo seus pulmões em espasmos contínuos, até que por fim começou a expulsar baforadas de água.

—Vamos, pequena, vamos! Luta, maldita seja!

Continuei a intervalos regulares até que comecei a ver como se obrava o milagre e o corpo do Ayleen começava a reagir. Depois de várias arcadas nas que se convulsionou vomitando toda a água que tinha tragado, e detrás emitir um rasgado gemido em busca de ar em uma respiração larga e agônica, soube que o tinha conseguido. Apartei-me e lhe dava a volta, abraçando-a com força sobre meu regaço, enquanto aguardava que terminasse de recompor-se.

Então, um rosto apareceu reconhecível entre a diversidade de caras que me contemplavam boquiabertas.

Cora me observava com uma expressão tão estranha e comovida que não soube interpretá-la. Era uma mescla de dor, orgulho e ciúmes que convertia seu rosto em todo um tecido de emoções cambiantes.

Inundou-se em meus olhos um momento antes de dirigi-los alertadores para um ponto em particular.

Olhei para a baía. Um birlinn se balançava junto ao molhe. Distingui silhuetas familiares e uma menor, que claramente correspondia a Dante. Tinha que colocar ao Ayleen nesse bote.

Pus-me em pé, algo cambaleante, com ela em braços e me dirigi ao inquisidor com olhar penetrante e decidido.

— Como você bem disse, se afunda é inocente. — Logo me girei para a turfa de rostos que nos olhavam e espetei a viva voz — A água, como elemento puro, já deu seu veredicto: Ayleen MacNiall é inocente dos cargos que lhe imputam!

— Não esqueça que tem causas pendentes com a justiça — recordou o inquisidor ressentido.

Não repliquei, tão somente o fulminei com o olhar e avancei entre a multidão empapado, sem camisa e com expressão feroz. Abriram-me um caminho entre gestos zangados e admirados.

Frente a mim surgiu de novo a figura de Cora, e Alaister, que se equilibrou sobre mim para agarrar em seus braços a Ayleen. Temi que o reconhecessem e a entreguei aproveitando ainda a confusão do momento. Não me fez falta olhar atrás para saber que não me permitiriam escapar. O olhar contrariado do Alaister me confirmou que me seguiam os homens do oficial.

— Jogue-se na água e nade, afaste-se da borda, recolheremos no birlinn — sugerio em um sussurro.

Nesse instante, umas férreas mãos apanharam meus braços e senti o redondo orifício de um mosquete pressionando a pele de minhas costas.

Contemplei a Cora com profundo pesar e neguei levemente com a cabeça, me dando por vencido.

Ela se equilibrou sobre mim, rodeando meu pescoço com os braços, com tal desespero que todo meu ser foi sacudido pela entristecedora necessidade de liberar essas palavras que tinham estado queimando minha garganta todo esse tempo.

Retive-as, embora a dor aguda em minha garganta fora quase insuportável.

Senti em meu ombro o calor das lágrimas de Cora, seu corpo agitando-se em um pranto silencioso. Afundei meu rosto em sua juba vermelha e aspirei possivelmente por última vez sua fragrância.

— Não lhe deixaremos aqui — prometeu com voz rota.

Separou-se de mim para tomar meu rosto entre as mãos, elevou-se nas pontas dos pés e me beijou com valentia. Sentir a calidez e a suavidade de sua boca encolheu-me o coração, detento de um sentimento tão profundo que emanou de cada poro de minha pele, de meu olhar e de meus gestos, iluminando meu rosto.

—Parte! — Consegui dizer— Encontrar-lhe-ei!

— Lean..., eu...

— Não, não diga nada...

Mas, embora sua voz não o dissesse, expressou-o a gritos seu olhar, como imaginava que o gritava a minha.

— Alaister, leva-lhe.

Os guardas começaram a me afastar deles e deixei arrastarem-me sem apartar o olhar de Cora, que chorava com tal desconsolo que tive que lutar contra o impulso de escapar só para poder abraçá-la de novo. Baixei a cabeça em gesto derrotado, sentindo em meu maltratado coração como a cada passo que me afastava dela se fragmentava uma vez mais, arrancando a crosta de feridas que acreditei cicatrizadas.

A multidão foi se fechando me acompanhando novamente para a praça.

Fui levado a tropicões à tribuna. As cinco condenadas já estavam maniatadas aos postes, dispostas ao cumprimento das sentenças impostas. Ante minha consternação, divisei uma patrulha inglesa e dois cavaleiros que não me eram desconhecidos.

Aproximaram-se do patíbulo. O oficial inglês e Stuart Grant desmontaram para subir a ele. Seus passos ressonaram ocos e contundentes na madeira. O olhar arteiro e cheio de rancor do Stuart não mudou minha expressão, embora em meu interior o ódio bulira a fervuras.

O oficial se apresentou aos juízes, inclinando-se respeitosamente e lhes entregando um decreto.

—Este homem está reclamado pela justiça, é um traidor e um assassino, e devemos entregá-lo à competência do marquês do Argyll para ser julgado por seus crimes.

O magistrado encaixou seu monóculo na concha de seu olho esquerdo e esquadrinhou o mandato do Argyll, pondo especial atenção ao selo de lacre que identificava sua casa.

— Também aqui o acusa do assassinato do Kendall Forbes. — Anunciou— Não obstante, e posto que a autoridade do marquês é indiscutível, entregará ele amanhã para que possam partir para alvorada.

— Por que manhã? — Inquiriu Grant contrariado.

—Estamos em pleno auto de fé — respondeu molesto o magistrado—, tenho muita papelada que preencher. Expedirei a transferência do prisioneiro, detalhando o crime cometido nesta vila e as peculiares circunstâncias que o rodeiam. Não posso entregá-lo assim, sem mais, é minha responsabilidade.

O oficial inglês assentiu, ajustou sua casaca e se retirou conforme. Em troca, Stuart Grant permaneceu um instante frente a mim, atirando em um olhar escuro todo seu ódio. Tive a ousadia de lhe sorrir desafiante, um gesto que decompôs seu semblante em uma careta furiosa.

— Logo estará em minhas mãos, cão sarraceno — sussurrou ameaçador antes de retirar-se.

O magistrado me observou carrancudo, pigarreou e reajustou o monóculo.

— Levem aos calabouços. E que dê começo a execução.

Antes de ser descido do patíbulo, algo me levou a olhar a druidhe, que, rodeava ao poste com uma grossa corda, tinha o olhar cravado em mim.

— Vereemo-nos no inferno — pronunciou com aterrador convencimento.

Uma sensação assustadora passou por minha espinha dorsal como se uma língua fria e áspera a percorresse. Estremeci.

O eco daquela frase me acompanhou até os calabouços. Também aquela apreensiva sensação. Mas não foi o único que me acompanhou. As lembranças de minha estadia no Cárcere Real de Sevilha por matar ao gentil-homem que tinha torturado a Fabila, e ao que teria matado mil vezes mais, despertaram vivos entre aqueles lôbregos muros...

CAPÍTULO 33

Entre aqueles lôbregos muros

... Foi um julgamento rápido.

Numerosas testemunhas me tinham visto subir e descer da habitação com a meretriz, Fabila, que tinha acompanhado ao defunto pelo que me julgava. Para minha desgraça, tratava-se de uma nobre de linhagem, marido de uma grande dona sevilhana, parente do nono duque da Medina Sidonia, dom Gaspar Pérez do Guzmán e Sandoval, homem poderoso em demasia, condição de amparo e respaldo que aproveitava o sádico ao que tinha matado, acreditando-se com suficiente liberdade para desatar sua veia macabra com quanta coína capturasse para tais atrocidades.

Na confluência da rua Serpentes com a praça de São Francisco, elevava-se um grande edifício de três novelo junto à Audiência. Era de pedra, onde uns mil presos de toda índole e condição subsistiam a base de engenho ou de bons reais, pois se podia alugar uma cela única por quinze reais ao mês, te evitando assim compartilhar uma cela comum, em que se amontoavam ao redor de trezentos presos em condições de insalubridade sub-humana.

Muitos malfeitores de baixo estofo com bons dinheiros conseguiam inclusive continuar paradoxalmente suas atividades delitivas em sua reclusão, feito que se obtinha com extorsões aos guardas. Sem dinheiro não se recebia sustento sequer, nem tampouco se podiam usar as latrinas. Isso acontecia na cela comum, os pobres desgraçados que não tinham nada que oferecer viviam mal naquele buraco fedido fazendo suas necessidades onde habitavam, formando tal atoleiro de imundície que se derrubavam nele. Para evitar os castigos dos carcereiros, até se atreviam a lhes lançar bolas de imundície para espantá-los. Eu, por sorte, comecei gozando de uma cela privada, recebendo comida em condições e alguma que outra visita de alguma de minhas duas formosas sarracenas para aliviar minha solidão. Felizmente, Fabila sanou rápido e voltou a ser a que era.

Além disso, e graças a meus conhecimentos de letras, pude manter a mim mesmo sem a contribuição econômica de meu mestre. Montei em minha sela um scriptorium²⁷ e comecei a cobrar por redigir cartas e cédulas oficiais aos pobres desventurados que as requeriam. Nas zonas comuns não estava acostumado a ter problemas; não soube se foi minha corpulência ou minha fama o que evitou alguma que outra briga, mas ninguém se atreveu a me importunar. Tampouco me integrei

²⁷ **Scriptorium**, literalmente, "um local para escrever", é comumente usado para referir-se a um quarto nos mosteiros medievais europeus destinado aos monges copistas que, na época medieval, escreviam os manuscritos; ou seja, o **scriptorium** era um complemento da biblioteca.

em nenhum círculo, mas sim permaneci solitário e hermético, indiferente a meu redor, exceto aquele dia.

Tinha entrado no cárcere um juvenzinho, o típico enganador aprendiz, que, de ser tão bonito, parecia uma empregada. Ainda imberbe, de cabelos dourados e doces olhos celestes, seus suaves rasgos, ainda imaturos, outorgavam-lhe um aspecto cândido e feminino que chamou poderosamente a atenção dos detentos mais depravados. Aquele dia, fiquei sem tinta, fui à câmara de um dos carcereiros para comprá-la. Encontrei ao Cosme, o guarda, no corredor, justo frente a sua porta fechada, um detalhe que estranhei, já que pelo geral estava acostumado a encontrar-se dentro, à frente dos fornecimentos que ia dispensando em troca de bons reais. Quando me viu, enrijeceu-se nervoso, dirigiu um inquieto olhar à porta e, forçando um sorriso, foi a meu encontro para evitar que seguisse me aproximando.

— Assem, o que necessita?

— Necessito tinta, tenho muito trabalho por entregar.

Cosme estirou o rosto em uma careta tensa e compôs um sorriso incômodo.

— Lamento-o, mas agora mesmo não disponho dela. Assim que a receba, eu mesmo lhe levarei isso.

— Por que está fechada a câmara? Eu gostaria de adquirir outras coisas — Menti. Era óbvio que algo estava ocorrendo dentro, e que Cosme se limitava a vigiar que ninguém entrasse. Aquilo chamou poderosamente minha atenção.

— Pois..., né..., resulta que a estão arrumando.

— E para isso têm que fechá-la?

O homem se arranhou a frente confuso e sorriu encolhendo-se de ombros.

Nesse instante, um gemido doloroso brotou da porta. Depois dele, uma risada sufocada e um soluço estrangulado chegaram com clareza até onde nos encontrávamos.

— Assem, volta para sua cela. Isto não te incumbe.

— Quanto lhe pagaram?

— Não quero problemas, já aceitei o encargo e cedi minha câmara. Dá meia volta e esquece que vieste até aqui.

— Pago-te o dobro se sair e retorna dentro de um bom momento.

Cosme abriu os olhos com assombro e incompreensão e com expressão interrogante.

— Por quê? O que pensa fazer?

Apesar de que, o dia que tinha ingressado na prisão, minha máxima tinha sido me manter à margem de tudo e de todos, a forte intuição sobre o que estava ocorrendo naquela estadia impedia que me mantivera impassível.

— É o menino novo, não?

— Ele ou outros, Assem. Esse menino tinha seu destino marcado o dia que entrou por essa porta.

— Mas resulta que não acredito no destino. Te aparte.

Rebusquei no bolso de meu colete, tirei alguns maravedies de prata, que deviam supor uma pequena quantia, e os entreguei com gesto seco. Estava acostumado a levar uma regata ampla de tabelião com um colete que rodeava meu poderoso peito, arregacei minhas mangas e sorteei ao carcereiro.

Continuando, pude ouvir com clareza os repulsivos ofegos que emanavam do interior da câmara e me apartei apenas para lançar uma feroz patada contra a porta, que se abriu batendo-se em suas dobradiças. Ante mim, quatro homens, com suas eretas vergas em suas mãos, esperavam seu turno. O quinto mantinha ao jovem contra uma mesa. Uma mão o tinha do cabelo agarrado e a outra aferrava os quadris do moço enquanto o investia. Tão absorto se achava em seu próprio prazer que foi o último em dispor-se de minha intromissão. Fechei a porta detrás de mim e me lancei sobre o sodomita descarregando toda minha ira. Aquela crua cena desatou todos meus demônios, que liberei sem espionagem de remorsos. Golpeei com tanta dureza, que o violador caiu inconsciente como um vulgar fardo. Não perdi tempo, me equilibrando com violência inusitada sobre os outros, que, admirados por minha brutalidade, não tiveram tempo de reagir. Liberei minha cólera acompanhada de minha técnica no combate corpo a corpo, de minha época de soldado na tropa e mercenário em todo tipo de escaramuças. E só me detive quando o moço, escondido em um rincão, pediu-me isso com semblante apavorado.

Ofegante, sentei-me no chão com a espada apoiada na parede, os punhos manchados de sangue e minha formosa camisa de fio fino salpicada. Olhei aos cinco homens inertes no chão. Não soube se estavam vivos ou mortos, tampouco me importava. Uma vez que te acusava de assassino, te considerando como tal, dava igual a quantidade de gente que matasse: a pena era a mesma e nada trocava. E menos se as vítimas eram presidiários. Quanto a minha consciência, fazia tanto tempo que não me detinha olhá-la...

— Diga a todos que é meu protegido, não voltarão a te incomodar.

— Tenho... tenho que... ir a sua cela?

Neguei com a cabeça, respirando agitadamente ainda.

—Como te chama?

—Martín Soler

—Bem, Martín Soler, quero que me agradeça aprendendo a ler e a escrever. Se quiser, posso te ensinar eu; senão, busca quem o faça. Mas se não te busca um ofício, acabará de mancebo em qualquer antro.

O moço assentiu recolocando as calças, que voltou a atar com uma corda. Em sua expressão ainda refulgia o medo.

—Por... por que me ajuda, senhor?

—Porque a mim ninguém ajudou...

A contínua destilação que caía do teto resultava adormecedor.

Apoiado contra aquele frio e rugoso muro de pedra, abraçado a meus joelhos, escutava ensimesmado o eco dos passos que ressonavam pelo corredor principal. Desde minha pequena janela gradeada na parte superior da cela se filtrava uma tênue luz cinzenta, pálido reflexo da prata derramada pela lua. Ao menos, o frescor e a brisa da noite tinham conseguido dissipar o nauseabundo aroma da carne queimada. As últimas palavras da bruxa seguiam ressonando em minha cabeça, junto com as imagens que ela mesma tinha posto aí aquele dia em sua cabana, me atormentando em uma tortura que, de poder aplicá-la a Inquisição, sem dúvida o teria feito. Via-me de novo perdendo os estribos, empapado em sangue, convertido em uma besta desumana, rota e rasgada, desatando minha ferocidade como nunca. Entretanto, naquela espantosa cena, onde em efeito o demônio era eu, não conseguia ver o que tinha provocado minha loucura, pois sabia que aquela visão era futura, e isso era o mais aterrador de tudo. Que situação tão dramática podia me levar a esse estado, a essa catarse tão violenta e brutal? Com a certeza além de que aquele ato condenaria minha alma por toda a eternidade.

O som oco de passos se aproximou até minha porta e se deteve ante ela. O som metálico da chave girando na fechadura me pôs em pé. Ao menos tinham deixado me vestir e, embora a ligeireza do linho de minha camisa não freava o frio que brotava daqueles muros, ao menos separava minha pele do tato da pedra.

A porta se abriu, o bojudo carcereiro me dirigiu um olhar inexpressivo e se apartou para deixar entrar Stuart Grant. Perguntei-me onde estaria seu — graças — único filho.

— Pensei que possivelmente te encontre muito só aqui — disse.

—Sempre tão atento — murmurei sarcástico, me pondo em guarda.

— Acredite, se tivesse uns anos menos, possivelmente me oferecesse a te fazer companhia. Entretanto, prefiro as crianças, são mais... tenros.

—E mais fáceis de dirigir para um covarde depravado.

Stuart rio mostrando uma infecta e enegrecida dentição, que contrastou com a brancura de sua barba. Seus olhos cruéis e pequenos, da cor do gelo, despediram a mesma frieza.

—É tão somente questão de gostos. Entretanto, tive a consideração de te buscar companheiros de acordo aos teus. E isto é tão somente uma amostra de tudo o que te aguarda quando estiver em meu poder.

Avancei para ele ameaçador. Stuart retrocedeu me apontando com uma pistola de avancarga martelada.

—Poderia te matar agora mesmo e ninguém reprovaria, mas não merece uma morte rápida, bastardo. Além disso, quero te oferecer toda minha atenção e minha dedicação. E Argyll já me prometeu te entregar quando ajustar umas contas pendentes contigo. Infelizmente, não fica mais remedeio que adiar minha diversão. Enquanto isso, agrada-me saber que esta noite sofrerá um pouquinho mais graças a mim.

—Só é um maldito covarde! Matei a seu filho frente a seus olhos e não moveu um dedo. Adiante, montão de merda, venha a seu filho, desfrutei tanto lhe arrancando sua mísera vida — provoquei, desejando que se lançasse contra mim.

Stuart decompôs seu semblante em uma máscara furiosa e contida que o fez apertar os dentes estirando suas feições. Mas o maldito não reagiu.

—Vou dizer-te o que farei eu — comecei—. Vou castrar-te como a um porco, antes de te esfolar vivo. Vou arrancar-te o coração e mostrarei isso antes que morra, e vou desfrutar.

Grant sustentou a ferocidade de meu olhar com rosto rígido e trêmulo de raiva.

Fez um gesto ao carcereiro, que entrou levando uma grande gaveta sem tampa de que emanavam uns chiados arrepiantes. Continuando, derrubou a caixa de madeira e ambos se retiraram velozes e fecharam detrás de si a porta. Dela começaram a aparecer grandes ratos tão assustados como famintos. Retrocedi me pegando à parede, respirando agitadamente. Tinham bom tamanho e eram perto de uma dúzia. Começaram a brincar de correr nervosos pela reduzida cela enquanto emitiam agudos chiados.

Só contava com minha astúcia, minhas mãos e meus pés. Se me mordiam, podia adoecer e morrer, como tinha visto que às vezes acontecia em minha estadia no cárcere de

Sevilha. Esses animais imundos contagiavam toda classe de doenças. Antes que os ratos comprovassem que não podiam escapar e reagissem com violência, equilibrei-me sobre a gaveta e o estrolei contra o muro, com o que consegui convertê-lo em tabuas estilhaçadas. Agora já estava armado.

Surpreendeu-me quão rápido começaram a me atacar, pois, como se meu aroma as atraísse, precipitaram-se sobre mim quase ao unísono.

Comecei a descarregar porradas com a tábua que esgrimia a destro e sinistro, em golpes que lhes arrancava chiados ainda mais horripilantes quando as arrebatava contra os muros. Algumas começaram a saltar sobre mim, mas consegui arrancar de minha roupa e as espancar com sanha no chão. Depois de uma breve luta, aniquilei todos os ratos. Algumas se sacudiam ainda em espasmos, afogando-se em seu próprio sangue. Enojado, furioso e exausto, empurrei com o madeiro os cadáveres dos roedores até um rincão, e golpeei com força a porta até que ouvi de novo passos em minha direção.

—Deixa de golpear, maldito! —Grunhiu o carcereiro.

—Preciso falar com a Moira MacNab, ela mesma o recompensará generosamente pelo encargo. Só terá que lhe entregar uma nota. Ela está esperando — menti.

—Juro-te que se me meter em uma confusão...

—Viu alguma vez de perto um ducado de ouro?

Um grunhido me respondeu, e os passos começaram a afastar-se. Apoiei a frente na porta rogando que retornasse detrás reconsiderá-lo.

Ao cabo, voltaram a soar os pesados e reconhecíveis passos do carcereiro, arrastava um pouco o pé direito.

Pelas grades da abertura superior da porta, passou-me uma folha, uma pluma e um recipiente com tinta.

Pus-me de joelhos no pavimento de lajes e comecei a escrever a nota.

Suponho que seu hematoma deve estar inclusive mais escuro que esta manhã, certo a que dorme com essa bonita cinta ao pescoço. Também recordo o chamativo lunar de luz em seu seio direito próximo ao mamilo, e possivelmente se pergunte como conheço sua posição. Estou mais que seguro que virá ver-me para evitar que comece a dar respostas a perguntas que só você pode evitar que a exponham. Ardo em desejos de voltar a ver...

O demônio

Agradado com a missiva, soprei para secar a tinta, dobrei-a cuidadosamente e a entreguei ao carcereiro por entre as grades.

Sem acrescentar nada mais, voltou a partir, deixando-me só com meus pensamentos. Escolhi o rincão oposto aonde se amontoavam os ratos mortos, e me sentei encolhido disposto a dormir um pouco até que a dama em questão fosse à entrevista.

O gemido do roce metálico na fechadura me arrastou fora do estranho cochilo em que me tinha sumido. Incorporei-me ligeiramente aturdido e me pus em pé. O estômago rugia feroz e todos meus músculos estremeciam extenuados. Esfreguei meu rosto com as palmas das mãos e sacudi com brutalidade a cabeça para afastar o cansaço e o torpor. Devia utilizar de forma devida a única forma de que dispunha para sair dali aquela mesma noite.

Moir MacNab, coberta com uma escura capa, descobriu sua cabeça apartando o capuz e me observou carrancuda e furiosa. Depois de uma leve inclinação do queixo, o carcereiro nos deixou sozinhos.

—O que deseja de mim? — Pronunciou com arisca impaciência.

Esbocei um sorriso sardônico e me aproximei dela como um gato encurralando a um camundongo, matreiro e com olhar enviesado.

—Acredito que compartilhamos um mesmo desejo. — Comecei esmagando-a com minha corpulência. Ela retrocedeu temerosa — Que eu desapareça deste lugar.

A mulher tragou saliva e assentiu. Notei como fixava absorta o olhar em meus lábios. Parecia que ainda desejava ser a seguinte, por muito que eu fosse um impostor.

—E para isso me necessita, naturalmente — disse.

Inclinei a cabeça, sorri do meio lado e estalei a língua.

—Naturalmente, — respondi cravando meus olhos nela — a menos que deseje que seu marido e seus convizinhos descubram suas... peculiares afeições ocultas.

Passei em gesto distraído, um dedo pela curva de seu pescoço, acariciando a cinta justa no lugar exato onde se ocultava o hematoma que lhe tinha feito minha boca. Ela se estremeceu em um suspiro profundo e ofegante. Não, não era temor o que sentia... Seu olhar se nublou, entreabriu um pouco as pálpebras, elevou o queixo e entreabriu a boca liberando um ronrono revelador.

Aproximei meus lábios a sua orelha e lhe sussurrei:

—Têm que me tirar este preciso instante daqui ou lhe revelarei antes que me levem os ingleses.

—Farei, têm-me em suas mãos.

Sorri jactancioso. “Isso queria ela”, pensei. Apartei-me e me acomodei contra a parede flexionando um joelho, apoiando o pé no muro e me cruzando de braços.

Olhou-me contrariada e confusa. Com gesto distraído, acariciou seu decote com a única intenção de que eu me fixasse em sua proeminente curvatura.

—Estou esperando — recordei, desfrutando de seu desconforto.

—A noite é larga. — Murmurou ela aproximando-se— E, em minha situação, não vejo que possa rechaçar nada do que você peça.

Ampliei meu sorriso e neguei com a cabeça.

— Não vejo que mais posso exigir de você, que eu necessite.

A mulher franziu o cenho com frustração, comprovando como suas artimanhas sedutoras caíam em saco quebrado.

—Me olhe bem! —sussurrou provocadora, abrindo seu decote— Seguro que não necessita nada mais de mim?

Pegou-se a meu corpo e passeou as palmas de suas mãos por meu fornido peito.

—Com certeza é a besta que fingira ser — murmurou lasciva.

Começou a esfregar-se insinuante contra mim. Por um momento agradeci seu calor, mas quando ela elevou o rosto procurando minha boca, aferrei-a pelos pulsos e a separei de mim.

— A única besta que encontrará aqui é a que há nesse rincão.

Dirigiu a vista para onde eu assinalava com a cabeça e descobriu entre a penumbra daquele rincão os peludos corpos aglomerados dos ratos. Deu um coice e compôs uma careta apreensiva enrugando o cenho. Fulminou-me com um olhar ressentido, ofendida por meu rechaço, e se dirigiu novamente à porta fechando o decote.

—Na verdade é um demônio — sentenciou ofuscada.

—Ultimamente me dizem isso muito — repliquei mordaz.

Bateu na porta com seus brancos nódulos, onde refulgiu o anel que levava no ritual e que a identificou como pessoa de alta fila.

— Advirto-lhes que não sou um homem muito paciente. Além disso, tenho fome, e embora não da carne que me oferece.

A mulher franziu os lábios irada, e seus claros olhos se entreabriram em um olhar letal.

— Esta porta não se fechará quando eu sair daqui. — Assegurou— Quanto a sua fome, você não vai morrer por ela.

Sorri zombador e assenti em um gesto agradecido. Já partia quando espetei:

— Por certo, acredito que o carcereiro sim estaria disposto a comer... de sua mão, o que não sei é se perdoará o escudo de ouro que espera de você. E, um conselho: deveria prescindir desse anel ou de qualquer outra coisa que lhe delate, ou a próxima vez pode que não tenha tanta sorte.

Moira olhou seu anel, compreendendo o motivo de que a tivesse marcado. Grunhiu furiosa, o arrancou do dedo e me lançou isso aos pés.

— A vaidade e a discricção revistam ser incompatíveis.

— Vades ao inferno! — resmungou iracunda.

— Não posso ir a um lugar do que nem sequer saí.

Depois de uma última adaga visual, saiu da cela fazendo ondear sua capa.

Em efeito, a porta ficou aberta. Aguardei que os passos se afastassem para aparecer com cautela. Tinha que recuperar meu shamshir, meu colete, meu chapéu de asa larga e minha capa. Todos meus efeitos pessoais os tinha o carcereiro em um baú. Caminhei sigiloso pelo escuro e lóbrego corredor para descobrir que a sala de espera de entrada estava deserta.

Também era verdade que o único preso era eu. Corri até o baú, abri-o e rebusquei minhas roupagens e minha espada. Equipei-me com tudo sem deixar de olhar a porta de entrada. Por fim envolto em meu herreruelo de pano, com o que me cobri os ombros, com meu chapéu e minha espada ao cinto, saí dos calabouços no meio da noite, como uma sombra escondida de um rincão a outro. Minha indumentária já era claramente reveladora em um país no que não se usavam as calças.

De repente, alguém me chamou. Detive-me em seco. Uma sombra pequena atravessou fugaz uma travessa, fundindo-se na penumbra de um beco. Ouvi meu nome, mas não o gaélico. Imediatamente adivinhei a quem pertencia essa rápida e pequena sombra: Dante.

Apressei-me a cruzar a praça furtivamente, as luzes de uma taverna próximo derramavam nos paralelepípedos um cerco dourado que devia evitar. Detive-me na esquina me pegando à parede em frente, me resguardando nas sombras que projetavam os beirais das casas, evitando que aquela mancha de luz revelasse minha presença.

Por fim mergulhei na segura escuridão daquele beco e corri atrás daquela sombra, que me levou até o porto. Quase nos demos de frente com um grupo de gente.

—Por Deus, Lean! —Exclamou assombrado Alaister— Como demônios escapaste você sozinho? Mandamos a Dante a inspecionar os calabouços para nos avisar da posição do guarda.

O pequeno malandro se abraçou a minha cintura com tal força que me arrancou um soterrado sorriso. Revolvi o cabelo com afeto.

—Não há tempo para explicações agora, temos que fugir — aduzi premente.

—Temos o birlinn preparado, as mulheres nos aguardam a bordo.

—Onde estão Irvin e Gowan?

—Despachei-os — se limitou a responder Alaister com semblante tirante.

—Vamos! —urgi.

Corremos pelo molhe até o lugar onde a embarcação mencionada capturava em sua única grande vela quadrada o resplendor da lua. Subimos a bordo e nos sentamos, agarrando os remos entre nossas mãos. Na popa estava Cora, sustentando em seu regaço a cabeça do Ayleen, que dormia profundamente, imaginava que ainda afetada pelo acontecido. O olhar de absoluto alívio de Cora lhe arrancou umas lágrimas que desejei limpar com meus lábios. Voltei a vista à frente e agarrei os remos de ambos os flancos, esperando que Malcom, Duncan, Rosston e Alaister tomassem posições. Dante se sentou a meu lado, sorrindo-me tão emocionado como ditoso.

—Sabia que o conseguiria, meu senhor.

—Deixa de me chamar senhor, para ti sou Assem.

Cora, que nos ouvia falar em castelhano, pareceu captar minha última palavra e a repetiu ante meu estupor:

—Assem.

Ouvir meu outro nome em seus lábios obrou o mesmo efeito que uma carícia. Girei-me para ela de novo e lhe sorri.

— Assim te fazia chamar em Sevilha?

— Também é meu nome, meu nome árabe, minha mãe me pôs dois.

— Assem — repetiu com tão melosa cadência que me estremeceu —, eu gosto. O que significa?

— Quão mesmo Lean.

Ela se inclinou para frente ligeiramente e sussurrou:

— Meu leão.

Quando me virei de novo para ela, nossos rostos estavam tão perto que apenas roce de seu fôlego esquentou minha alma.

— Minha gatinha.

Nossos olhares se engastaram sob a madrepérola de uma lua minguante, mostrando através de nossos olhos tudo o que nos transbordava por dentro.

Os homens começaram a remar. Uni a eles com o coração batendo as asas em meu peito como se de uma aturdida mariposa se tratasse, uma mariposa apanhada em uma rede que procurasse uma saída, mas tão subjugada por sua sedosa trama que não atinasse a escapar.

Enfiamos a proa por volta do estuário para percorrer o fiorde do rio Clyde até bordear a ilha do Arran e sair ao mar do Norte, rumo ao Mull. Rumo a aquele que nunca foi meu lar, mas, entretanto, sim minha origem. Com minha missão incompleta, mas com a esperança de acabá-la onde começou.

Senti de repente a necessidade de me refugiar sob a grande monopoliza da nogueira que me viu nascer...

Minha árvore sagrada.

A árvore da vida celta.

O Crann na Beatha.

CAPÍTULO 34

Um selo no peito

Foi uma travessia dura.

A forte confluência das marés do mar do Norte tinha exigido um sobre esforço de nossos braços remando entre correntes opostas. Não foi fácil bordear a costa ao redor de ilhotas e pequenos arquipélagos, lutando contra o impulso de um agitado mar que nos impulsionava para o recôndito interior de suas mandíbulas.

Vislumbrar a silhueta do castelo do Duart recortada contra um céu plúmbeo, elevando-se régio sobre os escarpados do Mull, provocou algo sem precedentes em mim: uma sensação de estranho apego, um sutil despertar de minhas apagadas raízes, que palpitarão timidamente em meu peito, ante meu emudecido estupor.

Os homens fixaram seus olhares naquela fortaleza de pedra, com um sorriso de saudade e desejo que, em certo modo, invejei. Minha incipiente faísca de familiaridade não chegava a tanto, ainda era apenas uma cintilante chama, tão fraca que o simples indício de qualquer desgraçada lembrança a apagaria com soma facilidade. Mesmo assim, desconcertou-me sentir algo que não fora repulsa e rechaço por aquele lugar, que tão somente tinha sido um inferno para mim. Pensei que possivelmente a nostalgia por um passado distinto de que tudo, junto a uma mãe a que não conheci e a um pai ao que perdi muito em breve, era suficiente para criar em mim a névoa de uma vida que poderia ter sido tão distinta da que sofri.

A beleza mística e grosseiramente agreste do Mull o convertia em uma paragem mágica, berço de ancestrais lendas, de ritos pagãos, de deuses celtas e sabedoria tão antiga como as rochas do páramo. Não teria resultado estranho ver aparecer de entre os grandes penhascos toda uma fauna de criaturas místicas: das aullantes banshees, espíritos femininos que anunciavam com seus estirados lamentos a morte de um parente, às ceags, donzelas mágicas das ondas das que se dizia que, se conseguiam ser capturadas por um humano, concediam três desejos se este as devolvia ao mar; os maléficos kelpies, cavalos aquáticos que arrastavam aos homens às profundidades de lagos encantados; ou as selkies, criaturas mágicas que tinham o poder de desprender-se de sua pele de foca para aparecer-se ante os homens como mulheres de singular beleza. E, assim, um sem-fim de

seres mitológicos que povoavam de mistério cada rincão da ilha, outorgando um halo sobrenatural que se fundia com a bruma do mar e a névoa do interior, convertendo aquela paragem em um lugar de aparência irreal, cenário de fábulas, sombrio reino de elfos e ninfas, paraíso de formosas sidhes que habitavam sob as raízes das mágicas árvores de espinheiro.

Suspirei, rememorando contos que lia com avidez na minha infância para combater a tristeza que me assaltava ao cair a noite e ter saudades o beijo de uma mãe a que sentia, mas não via, com quem eu falava, mas não me respondia. Tantas horas de leituras, viajando a mundos que não eram o meu, tinham-me salvado da loucura, da realidade e da dor que deixava atrás em detrás de viver na pele de multidão de protagonistas aventureiros, transbordantes de ilusão e vida, certamente para roubar dessa vivência aquela faísca da que eu carecia. Muitos livros falavam de algo que chamavam esperança, mas nenhum explicava como se recuperava esta, uma vez perdida.

Desembarcamos na pequena praia próxima ao castelo. A reduzida envergadura do birlinn²⁸ facilitou que chegássemos quase à areia, onde arrastamos a embarcação até encalhá-la. Alaister agarrou a sua irmã nos braços e eu tomei Cora nos meus. Sentir seu leve peso contra meu peito despertou um marcado desejo de possessividade.

Ela rodeou meu pescoço, inundando-se em meus olhos. Com uma mão começou a acariciar minha nuca, apanhando mechas entre seus dedos.

—Gatinha, não me faça rugir, ou te sequestrarei em minha cama até que sacie toda minha fome.

—Tentador...

Dediquei-lhe um sensual sorriso, carregado de indecentes promessas, que acendeu em seus olhos uma chama tão ofegante como a que refulgia em meus.

Carreguei-a todo o trajeto até a ascensão ao castelo. Sentir seu olhar em mim, seus dedos revoando em meu pescoço e sua fragrância foi como entrar em um mundo novo, desconhecido e conhecido ao mesmo tempo.

Quando depusitei seus pés no chão, Cora olhou em redor. O vento marinho ondeava seu cabelo e batia as asas no voo de sua saia, formando redemoinhos. O grasnido de gaivotas e corvos-marinhos cruzava o céu, mesclando-se com o entrecostar das ondas contra as rochas.

—Este lugar é muito formoso — declarou.

²⁸ Birlinn é uma embarcação de madeira impulsionada por velas e remo, usada extensivamente nas Hébridas e nas Terras Altas Ocidentais da Escócia desde a Idade Média

Mais à frente, o páramo rochoso se estendia árido e nu até o topo dos grandes escarpados, repletos de vazios e esconderijos, de fissuras abertas a estreitos labirintos que atravessavam os altos penhascos descobrindo baías ocultas. Aqueles túneis de rocha calcária, cinzelados pela caprichosa erosão dos elementos, tinham terminado formando pórticos naturais encurvados, com capiteis rugosos que davam a aparência de uma estranha, mas formosa catedral de rocha pela qual tinha gostado de me perder quando menino. E, naquele instante, desejei percorrê-la de novo com ela. Também desejei mostrar os bosques mais ao sul, repletos de árvores centenárias, carvalhos, espinheiros, castanhos, nogueiras e serbales; as cachoeiras e os lagos do interior; a bela serenidade de suas amáveis praias, cuja areia resplandecia a luz da lua como um manto perlado, e a magnificência daquele insondável oceano, cuja privilegiada contemplação, do topo de um escarpado, não tinha comparação.

—É-o — reconheci, e suspirei pela primeira vez.

—E tão selvagem como o homem que se forjou aqui.

—Não me forjou este lugar, a não ser as almas que o habitavam naquele tempo.

Meu olhar se obscureceu. Cora lamentou ao ponto suas palavras.

—Não pretendia...

—Não, não se preocupe. Às vezes penso que foi precisamente a natureza deste entorno, sua beleza, sua reconfortante paz, o único formoso que vivi aqui, o que conseguiu me isolar do terror que suportava dentro desses muros cada dia.

Cora trabalhou em excesso infrutíferamente por reprimir a angústia que começava a empanar seu rosto.

—Aquilo já passou.

Não tinha ciência certa os detalhes que lhe tinham contado sobre minha infância, mas não seria eu quem revelaria a crua verdade.

—Vamos, tenho tanta fome que abriria passo por essa porta a batidas nos dentes!

Nesse instante, os portões de entrada ao castelo se abriram. Alaister, que se tinha sentado em uma rocha a descansar com o Ayleen meio dormida em seus braços, observou-nos com expressão entristecida e rosto tirante. Ao reparar em minha atenção, forçou imediatamente um morno sorriso, escondendo o desagrado anterior.

Um ganido agudo sulcou os céus atraindo minha atenção sobre eles. A grácil figura de um falcão peregrino que voava em círculos sobre nós me fez entreabrir os olhos e observá-lo atentamente, detento de uma intuição. Mas não, não podia ser ele.

Levado por uma percepção formigante, elevei o braço, assobiei com força e o chamei:

—Sahin!

Ante minha estupefação, a ave desceu em picado, acompanhada de seu característico chiado, até posar-se em meu antebraço. Continuando, agitou suas poderosas asas até dobra-las e olhou à frente como se nunca se separou de mim.

Os homens assobiaram impressionados.

—Extraordinária demonstração de fidelidade. — Resmungou Rosston— Já quereria a mesma de sua mulher, Duncan...

—Ao menos eu tenho mulher que zelar.

Riram jocosos, aplaudindo-se entre si.

—Acredito que nunca tive tanta fome. — Resmungou Rosston, esfregando o ventre — Comería a um menino.

Dante, que pareceu entender a brincadeira, rio e pôs-se a correr rumo aos portões. Seguimo-lo com o ânimo ligeiro, embora completamente extenuados.

Acaricieei a cabeça do Sahin, ainda maravilhado pelo reencontro. O falcão tinha passado tantos anos em cativeiro que, para ele, a liberdade era ser cuidado e alimentado por alguém que se fizesse cargo dele. Entretanto, que eu recordasse, Lorna o tinha encadeado sempre temendo que escapasse, e possivelmente o teria feito, como o teria feito eu se tivesse podido.

—Se pudesse recuperar ao Zill... — proferi contrariado.

—Alaister já o previu, — informou Cora sorridente— Pagou uma boa bolsa de moedas ao encarregado do armazém do porto do Dumbarton para que transportasse nossos cavalos até o Mull, com a promessa de lhe pagar a outra metade à entrega.

Meu tio Lachlan nos alcançou no pátio de armas, rodeado de seu séquito militar. Saudou seus homens com afetuosa cercania e depois se aproximou de mim, me aplaudindo as costas, luzindo um sorriso agradado.

—Como me alegra voltar a ver-te, Lean! Tenho entendido que tivestes dificuldades com a missão.

—Essa não seria a palavra correta, — murmurei— mas com gosto te informarei de tudo se nos deixar descansar até a noite.

Olhou a Cora e de novo a mim, em espera de uma apresentação.

—É Cora Campbell.

Lachlan abriu horrorizado os olhos, me fulminando com um olhar inquisitivo.

—Não é uma prisioneira, ajudou-nos, renega de seu sobrenome, — apressei-me a esclarecer — Acredito que odeia ao Argyll quase mais que você.

Meu tio pareceu soltar o ar contido e estendeu a mão a Cora. Ela a ofereceu e o lord beijou o dorso com galanteria.

—É obvio, deixá-los-ei descansar. Avisarei a Anna para que prepare um quarto para Cora.

Ela me olhou não muito contente estando em outro quarto. Entretanto, devia proteger sua reputação em público, ou sua honra se arruinaria, dava igual o clã que a acolhesse.

—Por certo, — acrescentou Lachlan jovial— esta noite há uma festa. David Leslie, um dos melhores generais do marquês do Montrose, está a ponto de chegar, preparava-me para recebê-lo. Vem com sua esposa e seus assessores. Convidei aos dignitários do Craignure e do Oban, e aos poucos nobres das zonas limítrofes. Precisamos aliados à causa. Os Covenant estão massacrando nossas tropas. Desde que Montrose teve que fugir a Noruega, nossa única esperança é Leslie.

—E MacColla?

—O irlandês retornou a sua pátria, requeriam-lhe ali. Já fui informado de seu descobrimento no escritório do Argyll. Partiu com seus homens assim que o comuniquei.

Colin Campbell tinha cumprido sua promessa. Assenti agradado.

—Eu gostaria de te pedir outro favor — murmurou animado.

Nesse momento saiu Anna pela porta de acesso à torre da comemoração e me abraçou com força.

—Anna, busca um cômodo quarto para esta dama. Certamente quererá tomar algo antes de descansar.

—Alegra-me vê-lo, moço.

—Também a mim, cada dia está mais bonita.

A anciã rio e me golpeou maliciosa no braço.

—E você, cada dia mais rufião.

Passou o braço pelos ombros de Cora e a arrastou para o interior. Ela me lançou um último olhar ofegante. Sorri-lhe pícaro.

—Que classe de favor? —perguntei-lhe com receio ao Lachlan.

—Um muito fácil de conceder. Só quero que esta noite luza as cores MacLean, quero presumir de sobrinho e demonstrar que seu apoio reforça o clã. Seguro que está magnífico com o traje de ornamento.

—Não prometo nada, nunca levei um feileadh mor.

Lachlan me observou com assombro e pena, recordando o esquecido que teve a seu sobrinho tantos anos.

—Meus homens o ajudarão a vestir-se.

—Esse dado não me anima muito, a verdade.

Rio aplaudindo minhas costas. Parecia estar muito entusiasmado com aquela festa. Perguntei-me se não esconderia algum outro motivo.

— Tenho que deixar Sahin em sua jaula, não quero que ninguém me incomode em todo o dia. Estou esgotado.

—Até a noite, então.

Tinha dormido todo o dia e despertei ao entardecer, faminto de comida e de outras necessidades que possivelmente uma gatinha vermelha tivesse a bem satisfazer.

Sorri, me estiquei com indolência, desfrutando dos acobreados halos revestidos que me banhavam, e inundei o olhar nas espetaculares vistas do ocaso no mar, como se o sol se banhasse nas águas, deixando retalhos de seu fogo lutando com as sombras em uma batalha confusa, mas tão formosa que apanhava por mais que se soubesse de antemão o vencedor.

Já saía da cama quando a porta de minha câmara se abriu de repente. Dois homens levavam uma banheira de cobre; depois deles, Anna e várias donzelas, levando baldes de água quente, tecidos para me secar e roupas.

Estava nu, e me cobri com urgência ante a risada nervosa das jovens, que murmuraram entre si.

—Que demônios...?

—Têm que o arrumar para a velada desta noite, ordens de seu tio.

—E essas ordens incluíam irromper sem chamar?

—Não. — Respondeu divertida Anna — mas se tivéssemos chamado, estas pobres moças não teriam presenciado um espetáculo tão soberbo. Não imaginam as voluntárias que se ofereceram a subir os baldes.

Olhei-a reprovador, acentuando meu cenho.

— Tanta expectativa levantam minhas tatuagens?

— São chamativas, mas a expectativa quem levanta é você. — Respondeu esvaziando o fumegante balde — Parece que você deixou o galhardete do seu navio alto. A faxineira que compartilhou leito com você a sua volta esteve suspirando dias inteiros atrás de sua partida.

Reprimi um varonil sorriso jactancioso. Pus-me em pé, com a colcha enrugada em torno de meus quadris, e me aproximei para as roupas que tinham depositado sobre a arca ante o suspiro das donzelas, que me observavam com evidente admiração.

Fixei meus olhos naqueles objetos e os acariciei com estranheza. Reconheci imediatamente os pertences, pois recordava os haver visto sobre meu pai.

—É mais corpulento e alto que seu pai — apontou Anna— mas de todos os modos acredito que ficará bem.

Acaricieei pensativo a suave lã do plaid de ornamento com as cores MacLean. Sobre um vistoso fundo vermelho, largas bandas em verde bosque e finas fitas de seda azuis perfilados com linhas negras e brancas quadriculavam todo o desenho. O espartilho era de veludo verde escuro, a camisa abalonada branca, uma laçada vermelha, o sporran rematado com três borlas; botas de pele e broche com a insígnia de meu clã. Tomei entre as mãos e acariciei sua lavrada superfície de prata velha. Percorri com a ponta dos dedos a torre crenulada de navio, o cinturão que a rodeava e a gravura com nossa insígnia: "*Virtue Mine Honour*", "A virtude é símbolo da minha honra". E nosso lema: "Bs não Beatha", "A morte ou a vida".

Aquelas simples palavras obraram outra mudança em mim. Uma incipiente incandescência orgulhosa de minhas origens piscou de maneira inusitada em meu peito, iluminando-o de algo que não acreditei possuir. Descendíamos da antiga linhagem dos Dalriada, uma poderosa tribo gaélica proveniente da Irlanda, fundadores dos primeiros clãs das Hébridas. Por minhas veias corria o sangue de grandes guerreiros e

conquistadores e o orgulho de um clã que tinha conseguido estabelecer-se e dominar regiões tão agrestes e duras, demonstrando uma fortaleza e uma firmeza admiráveis.

—Está escorrendo essa colcha! — avisou Anna, fingindo escandalizar-se— Não quererá que minhas moças andem todo o dia nas nuvens por sua culpa, não, patife?

Apressei-me a rodear o cobertor e me girei para ela fulminando-a com o olhar.

—Largue isso! —Grunhi forçando uma careta severo, embora em meus olhos dançasse um sorriso vaidoso.

As mulheres revoaram pelo quarto como galinhas descabeçadas, deixando utensílios de asseio, os tecidos e sorrisos ruborizados.

— Quando sair da banheira, avise se necessitar de ajuda com o plaid. Acredito que não faltará mãos — resmungou Anna ao tempo que lançava olhadas reprovadoras às jovens faxineiras.

Uma vez sozinho, inundei-me na banheira depois de um fundo grunhido prazenteiro. Inclinei para trás a cabeça e fechei os olhos. O bafo e o aroma das essências que tinham misturado na água adoeceram meu corpo em um torpor que me afastou da realidade para um paraíso que só faltava para completá-lo o ardor e a suavidade de uma preciosa gatinha de cabelos de fogo.

“Cora — pensei—, o que vou fazer contigo? E o que farei sem ti?”

Minha situação seguia sendo delicada. Era um fugitivo, já não era o único que procurava vingança, e tinha uma visita pendente ao Skye. Em minha vida não encaixava ela, por muito que sentisse que enchia um oco que nem sequer acreditei que existisse entre as ruínas que me tinham deixado por coração. Por outra parte, tampouco considerava justo fazer que me esperasse, nem criar ilusões a respeito, de possivelmente, um futuro juntos. Essa palavra, futuro, era quase desconhecida para mim. Não estava acostumado a usá-la, e menos pensá-la. Estava acostumado a viver o presente, sem temer nem ambicionar um futuro, perambulando perdido em uma existência cinza e oca, às vezes tão vazia que inclusive podia ouvir o eco de meus próprios pensamentos divagando, sem outra coisa melhor que fazer. Vivia, comia, gozava, sofria, lutava, mas tudo carente de brilho, dessa ilusão que iluminava o semblante de outras pessoas e que eu tanto tinha invejado. Tampouco era muito justo para mim, começar a sentir essa luz naquele preciso momento, quando me tinha entregue às sombras que tinham estado me espreitando toda minha vida.

Agarrei o sabão de mirto do chão e comecei a esfregá-lo contra meu úmido torso. Lavei o cabelo e, embora minha disposta verga parecesse brincalhona por entre a espuma,

não lhe concedi o alívio que me pedia. Desejava que outro corpo a recebesse com ânsia essa noite.

Saí da banheira com o último balde de água, já morna, e me sequei com os tecidos de linho. Logo, completamente nu, observei-me no espelho, ainda com meu comprido cabelo escuro gotejando. Apesar dos washamm negros que tentavam camuflar minhas cicatrizes, estas ressaltavam rebeldes em minha pele como finos estrebilhos rugosos. Percorriam os antebraços, os ombros, as clavículas e ambos os peitorais. E, pese ao excelente trabalho do artista, percebiam-se com clareza se prestasse a devida atenção. A árvore sagrada de meu pendente também o levava impresso na pele. Era tanta a devoção que tinha pelo único vestígio tangível de minha mãe que Lorna me arrebatou isso depois de uma surra. Entretanto, tanto afanco pus em sua busca que o encontrei, embora não foi tão único encontrei...

...Depois de dias de busca, aquela manhã me atrevi a entrar no quarto da Lorna quando saiu a cavalgar. Aparentemente era um quarto normal, mas o ar que se respirava naquele lugar destilava tal maldade que me deixou muito nauseabundo. Aproximei-me do leito anexo e me agachei para jogar uma olhada debaixo, sem deixar de lançar furtivos olhares para a porta. Não queria nem imaginar do que seria capaz se me descobria ali. Também me tinha assegurado da ausência do Hector, que praticava com o arco na pradaria que havia depois do castelo. Inspecionei cada rincão, rebusquei nas gavetas de sua cômoda, nas arcas e nos cestos de vime onde dizia guardar suas ervas. Foi nestes últimos onde achei um velho manuscrito dentro de um pacote de ervas secas. Curioso, tirei-o e o estendi com cuidado. Em princípio tomei como uma receita estranha, mas o que descobri ao dorso me gelou o sangue: "A tintura de flor de acônito deve subministrar-se com tato se desejar que a vítima se vá apagando lentamente sem levantar suspeitas. Ao princípio lhe afligirá um formigamento comichão no rosto e picor de língua. Logo sobrevirão moléstias estomacais, náuseas e vômitos; seguidamente, enxaquecas e lassidão nos membros. Se continuar com a dose, ao cabo de poucos dias mais lhe paralisarão os músculos respiratórios e o afetado morrerá por asfixia, obtendo assim que lhe certifique uma morte natural".

Com o coração pulsando descompassadamente, recordei como meu pai, depois de sofrer os sintomas especificados naquela receita, morreu dias depois em seu escritório. Nunca esqueceria de vê-lo boquear agônico enquanto se arranhava a garganta com as mãos, como se algo a bloqueasse, com o rosto azulado e congestionado em uma careta dolorosa. Vê-lo contorcionar-se em espasmos, retorcendo-se sobre o tapete enquanto eu gritava entre soluços, foi como se me arrancassem a alma a dentadas.

Aquela puta imunda tinha matado a meu pai! Não era uma mulher, não podia sê-lo, era uma besta cruel, um vil feto satânico. Ia matá-la por aquilo! Por tudo o que me tinha feito do condenado dia que apareceu em nossas vidas!

Grossas lágrimas correram por meu rosto, tão ácidas e amargas como o pior dos venenos. E isso era o que me corroía por dentro: o veneno de um ódio tão azedo e transbordante que o único antídoto possível seria afundar uma adaga no coração daquela víbora infame.

Detento da raiva, comecei a dar patadas aos cestos, a golpear quanto me encontrava, a revolver sua cama e a esmurrar seu travesseiro. E foi então quando descobri meu pendente debaixo dela. Depois de um soluço que rasgou minha ardente garganta, agarrei-o entre as mãos e o rodeei a meu peito, chorando desconsolado.

Assim me encontrou ela: de joelhos, choroso, iracundo e com o pendente nas mãos. Era quanto tinha e, quando me equilibrou como uma harpia furiosa, descarreguei-o com toda a cólera que nesse instante me assaltava contra seu rosto.

O medalhão de prata a golpeou com força na têmpora esquerda e abriu uma brecha considerável. O sangue emanou sobre a lateral de seu rosto. Ela, impávida ante minha agressiva reação, aumentou os olhos e abriu a boca chocada. cambaleou-se para trás aturdida e caiu sentada. Poderia ter fugido nesse momento, mas uma ira cega continuava me assolando implacável. Pus-me em pé e me equilibrei sobre ela. Comecei a golpeá-la descrevendo arcos com o pendente no ar, como se esgrimissem um látigo. Lorna protegeu a cabeça com os antebraços, contendo os impactos do medalhão enquanto gritava desmedida. Como tinha os braços elevados, troquei o curso de meus golpes contra suas desprotegidas costelas. Ouvi-la uivar de dor me produziu tal satisfação que redobrei meu ataque.

Os gritos atraíram a seus lacaios, que me reduziram com prontidão enquanto eu chiava detento da loucura que me dominava.

Esse dia não recebi meu castigo. Fui encerrado nos calabouços do porão e, à manhã seguinte, levaram-me a ferraria, onde ela me esperava. Vê-la machucada, com a frente enfaixada e andando abatida fez brotar em mim um sorriso trionfal que logo ficaria congelado em meus lábios.

Com cara de desculpa antecipada, o ferreiro enterrou nas brasas incandescentes meu pendente, removendo as faíscas, que flutuaram resplandecentes sobre a forja. Acreditei que Lorna faria fundir o medalhão diante de mim para vingar-se, mas me equivocava: sua intenção era muito mais espantosa.

— Arranquem sua camisa!

De um brusco puxão, fizeram-na farrapos.

— *Manchou meu quarto, meus pertences e meu corpo com seu ódio por um sujo pendente que te arrebatei.* — *Declarou Lorna* — *Por fim compreendo quão importante é para ti. Portanto decidi entregar isso para que o conserve de por vida.*

Sujeitaram-me com força e, apesar de meus quase doze anos, observei com orgulho que lhes custava me imobilizar. Um murro no flanco conseguiu amansar minha rebeldia no ato. O ferreiro se aproximou com gesto sofrido, mostrando claramente sua desaprovação e quão forçado cumpria aquele inevitável encargo. Não quis alargar mais a agonia e aderio a meu peito o candente medalhão, me marcando como a uma cabeça de gado. Meu alarido o espantou, e o retirou veloz com expressão arrependida. Mesmo assim, minha carne se enrugou pelo calor, avermelhando e inflamando-se no ato. A dor era insuportável, ferroadas ardorosas me atravessavam, a pele me ardia em um batimento do coração contínuo e desesperador.

Lorna sorriu com arrebatado prazer antes de retirar-se.

— *Por sempre teu, bastardo sarraceno.*

Caí de joelhos entre urgentes tremores. O ferreiro correu disposto para um rincão, agarrou um balde de água fria e o lançou contra meu peito. Só recordo que chamou a Anna e que me levaram a meu quarto. Foram dias de bálsamos, dores e curas que deixaram uma indelével marca em meu peito. Tanto por dentro, como por fora...

Não quis ocultar a cicatriz do peito, a não ser ressaltá-la. Fiz insistência em que, apesar de que a queimadura ao curar só tinha engrossado a malha da taça da árvore e das raízes em uma massa que não recordava a nada, definisse-se cada risco com precisão. E, seguindo minhas indicações, essa marca que a aversão e a sanha deixaram em minha pele se converteu em uma árvore sagrada celta, o símbolo de vingança e de minha força, graças a hábil mestria do tatuador.

A fina e chapeada, apenas perceptível, cicatriz de minha bochecha esquerda sempre me tinha outorgado um aspecto perigoso que amedrontava a homens e atraía a mulheres.

Contemplei-me de pés a cabeça, sem terminar de compreender essa atitude que diziam ver em mim. Sem dúvida não era um homem comum, e menos naquelas redondezas. Meu cabelo negro e comprido, minha pele canela e meus olhos claros, da cor do melaço, na verdade resultavam exóticos. E, certamente, a atração que exercia se devesse ao diferente de meus rasgos, a essa sensualidade que diziam que desprendia em cada movimento e a selvagem resistência e fortaleza que emanava de meu corpo, um corpo curtido como nenhum outro a base de dor e luta. Um combate que tinha forjado músculos poderosos e afiado uma mente sagaz.

Suspirei profundamente e comecei a me vestir, me cobrindo primeiro com a camisa de fino fio.

Nunca tinha posto um feileadh mor, mas tinha visto meu pai o colocar muitas vezes. Assim, comecei a riscar cada movimento com fluidez. Estendi o extenso plaid no chão, ajoelhei-me junto ao suave breacan e comecei a dobrá-lo a intervalos, vincando o tecido. Deixei ambos os extremos sem pregar e, por debaixo, introduzi um fino cinturão. Continuando, tombeimei-me no centro do vincado, agarrei o cinturão e me rodeei isso ao corpo. Logo me incorporei e me pus o espartilho verde escuro. Por último, recolhi as abas do plaid unindo o extremo dianteiro e traseiro com o broche do clã em meu ombro. Ajustei-me um largo cinturão de fivela, calcei as botas e encaixei o sporran aos quadris, centrando-o na entreperna. Esta era meramente decorativo, um peso em si para evitar que a saia se elevasse muito ao saltar nos bailes, ou para impedir que o tecido se esticasse ao sentar-se com as pernas abertas, deixando à vista as partes mais nobres de um homem.

Penteei meu cabelo para trás formando uma cauda baixa a que atei uma cinta verde e, de novo, observei-me no espelho.

Por um momento me senti disfarçado, desconjurado e incômodo. Meu físico não acompanhava a essas roupas, ou ao menos isso acreditei. Soprei resignado e saí do quarto temendo as brincadeiras que teria que suportar sobre minha aparência.

CAPÍTULO 35

Todo um MacLean

Pelo bulício, soube que a festa tinha começado.

Baixei a escada com naturalidade, desejando poder me escapular me ocultando em algum rincão tranquilo. Mas, a metade do caminho, senti muitos olhares fixos em mim. Detive-me em um degrau e descobri então que os murmúrios se apagaram. Toda a atenção estava posta em mim. Amaldiçoei e continuei baixando, esta vez com mais solenidade. Certamente seriam minhas imaginações, mas acreditei perceber o cativado olhar de algumas mulheres que me percorriam de pés a cabeça com expressões gratamente assombradas. Os homens também me escrutinavam com interesse.

A meu passo, ouvi expressões que obtiveram algo que jamais acreditei possível, e foi me sobressaltar. Palavras como soberbo, imponente ou magnífico pronunciadas com um deixo deslumbrado e quase reverencial me afligiram. E, embora estivesse mais que acostumado ao descaramento de algumas mulheres, aqueles olhares fascinados não eram luxuriosos, a não ser tão somente admirativos.

Lachlan me assaltou, passando seu braço sobre meus ombros e me enfiando para um grupo de metidas amizades.

—É todo um MacLean, não imagina o orgulhoso que me faz sentir. Vê-te poderoso, galhardo e régio.

—Eu só me vejo ridículo.

—Pois não vejo mofa a seu redor precisamente. Impactaste de forma grata à concorrência. Duvido que esta noite te deite sozinho.

Dedicou-me uma pícara piscada e me apresentou com pompa ao grupo de homens e mulheres, que me contemplaram com toda atenção.

— É um curioso representante MacLean. — Opinou um homem alto e desajeitado — Sua ascendência árabe resulta mais que evidente. Dizem que as mesclas de raças, ao contrário do que se pensa, revistam dar exemplares excelsos.

— Sem dúvida em seu caso, — interveio uma dama de meia idade— mas pelo geral subtrai pureza e virtudes. Deve-se cuidar a conservação tanto da raça como das tradições. É similar à cria de cavalos: quanto mais puro o sangue, maiores seus dons.

—Se me permitirem uma observação, — comecei— eu gostaria de esclarecer que os cavalos se cruzam com éguas de sua mesma família para obter sua pureza. Se entender que nem você nem ninguém de sua família praticou o incesto, posso lhes assegurar que seu sangue, igual ao meu, não tem nada de puro.

Depois de algumas exalações surpresas e reprovações, a mulher me olhou ofendida e, franzindo os lábios em desgosto, murmurou:

—Por isso vejo, além da aparência, carece da educação de um escocês respeitável.

—Lamento tê-la ofendido, não sabia que contradizer alguém se considerava uma falta de educação.

Sufoquei um sorriso divertido ao ver como o rosto da dama se contraía furioso.

—Cursou algum tipo de estudos em Sevilha? Parece um homem instruído — perguntou um homem de aspecto distinto e porte altivo.

—Instruíram-me as ruas, a fome, as injustiças e a necessidade. Os conhecimentos os aprendi da vida e dos livros.

O homem sorriu agradado, assentindo enquanto elevava sua taça.

—Eu também adoro ler. Em concreto, além dos madrigais de Petrarca, descobri recentemente sua prosa. Resulta fascinante o modo de abordar temas de consciência sobre sua própria pessoa.

Dediquei-lhe um olhar matreiro. Odiava que me desafiassem, mas não pude evitar recolher a luva.

—*Secretum*²⁹ é uma obra bastante polêmica em si, uma análise conscienciosa de seus pensamentos e seus sentimentos mais profundos. Até se atreveu a revelar a inveja que professava a Dante Alighieri.

O homem compôs um semblante de admirado assombro.

—Não só impressiona seu porte, asseguro-lhe isso. Nunca imaginei que pudesse encontrar alguém que conhecesse a obra de Petrarca.

²⁹ *Secretum (De secreto conflictu curarum mearum* , traduzido como *O Livro Secreto* ou *Secreto*) é uma trilogia de diálogos em latim escrita por Petrarch em 1347 a 1353, na qual ele examina sua fé com a ajuda de Santo Augustinho e "na presença de The Lady Truth ".

— Seu *Canzoniere*³⁰ costuma ser mais conhecido, embora a poesia lírica italiana não infiltre nestas terras. E agora, se me desculparem, eu gostaria de apresentar meus respeitos ao resto dos convidados.

Lachlan me contemplou boquiaberto, tão impressionado como outros integrantes do grupo. Depois de um gesto respeitoso, atravessei a sala procurando um cabelo vermelho e uns brilhantes olhos verdes.

Uma mão se elevou entre as cabeças chamando minha atenção. Em uma esquina localizei Rosston, que me saudava risonho. Decidi me dirigir para ali.

A melodiosa música de alaúdes e flautins convidou aos presentes a formar redemoinhos dançando no centro do grande salão. Os grandes candelabros de cristal banhavam de luz a estadia, refulgindo na transparência do fino cristal, nas curvas das jarras de prata e nas suntuosas joias e ornamentos das damas que dançavam com tão deliciosa elegância. Minha presença sem dúvida era o centro de olhares e falações. Quadrei os ombros, suspirei e atravessei a sala com passo fluido e queixo altivo.

Uns rasgados olhos verdes se cravaram orgulhosos em mim, com um marcado deixo impressionado, brotando deles tal desejo que tive de recordar que não estávamos sozinhos.

Outro olhar da cor do oceano me calibrou com a boca entreaberta e fascinada. Adiantando-se, interceptou-me e se plantou frente a mim.

— Está incrível, Lean! — exclamou Ayleen com admiração.

Sorri e ela se lançou a meus braços. O semblante de Cora se obscureceu mostrando seu desconforto.

— Devo-te a vida, eu... sinto tanto te haver posto em perigo.

— Prefiro pensar que essa druidhe te enfeitiçou, porque não consigo entender que motivo te levou ao Púlpito do Diabo.

Ayleen baixou a vista arrependida, tomou uma grande baforada de ar e murmurou:

— Ela me disse que nesse púlpito, mediante um rito e... o pendente do nó de bruxa, cumpria-se qualquer desejo; que me esperava para celebrar Litha e me ajudar com mi... desejo.

³⁰ *Canzoniere* é a história, contada através da poesia, da vida interior de Petrarch .

Francesco Petrarch foi um escritor , poeta e filósofo, italiano , considerado o fundador da ' humanismo e uma pedra angular da literatura italiana.

Olhei-a com gravidade, de maneira tão intensa que Ayleen apartou novamente a vista.

— Imagino que pensaria que o diabo ajudaria a seu irmão e a outros a escapar da prisão, por muito desatinado que isso seja. Esse era seu desejo, não?

Assentiu sem atrever-se a me olhar. Elevei seu queixo e sorri com doçura.

— Não te desculpe, chama-se desespero. Por sorte, tudo saiu bem.

Voltou a me abraçar. Quando se separou, contemplou com inveja aos casais de bailarinos e logo a mim. Titubeou indecisa se me pediria que a tirasse para dançar, embora pareceu desprezar a ideia compondo um semblante abatido. Era tão fácil ler em seu rosto.

— Mas poderia ter saído horivelmente mal — lamentou.

— Nada como uma boa dança para esquecê-lo, não? — repus.

Sua expressão se iluminou de repente em um sorriso jubiloso.

Reparei que estava muito bonita com seu cabelo trancado em um coque alto e um vestido em tons anis que realçava a cor de seus olhos. Antes de me deixar arrastar ao centro da sala, dispus-me do brilho aborrecido nos olhos de Cora.

Começamos a dançar ao som da animada melodia que tocavam os músicos nesse momento, e a minha mente acudiram as classes de dança recebidas no páramo pela Ayleen quando fomos meninos. Giramos e dançamos risonhos, como naquele tempo, como meninos alegres que esqueciam naqueles rítmicos passados, os medos, as angústias, as inquietações e a solidão, tão somente felizes de sentir o vento nos cabelos e as risadas vibrando nas gargantas. Aqueles momentos que me tinha agradável Ayleen na época mais dura de minha existência também tinham salvo minha vida.

Em sua exaltação, abraçou meu peito, elevou-se nas pontas dos pés e me beijou.

Foi apenas um roce tentativo, mas eu me enrijei reticente ao contato. Ela se deteve ante meu rechaço e oprimiu os lábios sufocando seu mal-estar. Logo se voltou ofuscada e desapareceu entre a multidão.

Em meio de dançantes casais, contrariado e pesaroso, com um deixo amargo na garganta, compreendi que não devia provocar situações como essa, mas sim devia me obrigar a ser mais frio e distante com ela. Ao parecer, quando mediavam sentimentos não correspondidos, a amizade não era uma vaza, ao menos até que estes se esfriassem.

Permaneci imóvel no centro do salão, vendo os casais me rodear imersos em seus giros. E, de entre todas elas, um cabelo vermelho captou minha atenção.

Cora dançava com Alaister. E, apesar de dançar entre seus braços, seus olhos não se separavam de mim. Sabia que estava molesta e que pretendia me pôr ciumento, e naquele momento comecei a me faltar de tudo aquilo. Desse apego possessivo ao que chamavam amor. Das rivalidades, as suscetibilidades, os aborrecimentos e os pulsos. Não só das mulheres para mim, mas também de mim para elas, como se estivéssemos detentos de uma maldição.

Afastei-me dali e me dirigi à mesa onde serviam as bebidas. Agarrei uma taça de clarete que apurei de um só gole e voltei a oferecê-la para que enchessem novamente. Malcom me aproximou me acompanhando com outra taça.

— Não ponha esse cenho, moço. — Resmungou o velho capitão — Para mim, queria eu seus problemas de saias.

Estirei tirante a comissura do lábio e arqueei uma sobrancelha em um rosto zombador.

— Com certeza que sim.

O homem rio e me bateu nas costas.

— Suas pernas estão criando furor.

Rimos entre brinde. Eu observava com o olhar entreaberto como Cora fingia passá-lo bem nos braços de Alaister, rindo entre sussurros imaginava que alguma galanteria. Levava um formoso vestido verde maçã de cetim, com finos brocados de folhas e franzidos chapeados em torno de um pronunciado decote quadrado que oprimia as suaves curvas de seus tersos seios, realçando-os. As mangas eram abalonadas, com encaixes e gazes formando folhas menores também em prata, e a saia era ampla, drapeada, do mesmo tecido que o sutiã. Seu chamativo cabelo luzia recolhido em um favorecedor coque alto, sujeito por um alfinete de prata lavrada. A ambos os lados de seu ovalado rosto, várias mechas finas caíam em compridos cachos de cabelo até seu decote. Tinha as bochechas avermelhadas, amaciados lábios vermelhos e úmidos e um precioso olhar, tão verde como seu vestido, me espreitando com interesse.

Saber que era em meus braços onde desejava estar resultava um duro esforço de contenção, pois meus mais selvagens impulsos tentavam a arrebatá-la de Alaister, tomá-la em braços e levá-la a meu quarto.

Mesmo assim, não o fazia, porque era precisamente isso o que ela procurava. Se obtinha a resposta que desejava, utilizaria sempre a mesma argúcia do ciúmes para me dominar. E, se eu era algo, era indomável.

Mais à frente, e atrás de outro longo trago, descobri uma mulher me comendo com o olhar. Era morena, de olhos negros, pele nívea e rasgos felinos, bastante atrativa. Ao sentir-se descoberta, sorriu convidativa. Eu não pensava me mover de onde estava, mas não a rechaçaria caso se aproximasse. Por minha experiência com as mulheres, intuí que aquela só procurava uma coisa de mim. E uma, além disso, em que não fazia falta mesclar nenhum sentimento, nem nenhuma outra complicação.

Comecei uma sedução astuta com base em incitantes olhares e sorrisos lascivos, atraindo a presa para mim.

— Essa vem direta a lhe devorar — observou Malcom com maliciosa inveja.

E, em efeito, a mulher caminhou para o lugar onde nos encontrávamos.

Quando chegou a minha altura, inclinou respeitosa a cabeça e me ofereceu sua taça vazia.

— Seria tão amável de me pedir outra?

— Eu gosto das mulheres que repetem.

Malcom afogou uma risada e se girou para tossir, engasgado com a bebida.

— E a mim os homens que sabem agradar as petições de uma mulher.

Sorri matreiro, girei-me para o lacaio que levava a jarra e estendi a taça vazia. Uma vez cheia, a entreguei à mulher.

— Espero haver agradado devidamente.

— Sempre se pode melhorar.

De soslaio, captei as olhadas furiosas de Cora. Ia demonstrar-lhe que esse era um jogo arriscado ao que era desnecessário jogar. Devia ensinar a administrar sua frustração, seus ciúmes e seu orgulho, como pensava demonstrar a Ayleen, quando tivesse ocasião, que não se podiam forçar as coisas, e muito menos o amor.

— Nesse ponto, estou completamente de acordo com você — coincidi sedutor.

— Meu nome é Shannon MacKenzie.

Estendeu a mão, tomei na minha e beijei seu dorso, sem deixar de olhá-la com descaramento.

— Tenho a suspeita de que não é necessário que me apresente — repus.

Ela sorriu negando com a cabeça.

— Não, não é necessário. Encontro mais necessárias outras coisas.

Elevei uma sobrancelha e me encolhi de ombros fingindo ingenuidade.

— Se posso ser de alguma ajuda...

A mulher se atreveu a aproximar-se e a repassar com a ponta de seu dedo indicador a linha de meu ombro, enquanto dava de presente um olhar insinuante.

— Pode ser de inestimável ajuda, sem lugar a dúvidas.

— Alguma sugestão? — Murmurei pícaro.

— Muitas, mas não aqui, em algum lugar mais... privado.

Sorri abertamente ante tão atrevido oferecimento. E, embora devesse ter aceito o convite e me haver perdido nos braços daquela mulher, soube que meu corpo não teria respondido como deveria, porque permanecia detento de um feitiço cuja conjuradora continuava me lançando ferozes olhares.

Entretanto, e para incentivar a reação que eu procurava, inclinei a cabeça para a boca do Shannon sem chegar a roçá-la, só para acariciá-la com meu fôlego murmurando uma desculpa. De soslaio, espionei a Cora avançar para mim e estrangulei um sorriso agradado.

— Apesar de que o oferecimento resulta muito tentador, não posso aceitá-lo — disse.

A mulher me deu de presente uma expressão confundida e ofendida.

— Acaso jogava comigo?

— Sim, embora não como você teria desejado.

Shannon MacKenzie destinou-me com um olhar furioso, já elevava a mão para meu rosto quando a freei aferrando sua, a girei e beijei seu dorso com cortesia.

Ela se largou com brutalidade e quase bufou frustrada ante meu sorriso suficiente.

Nesse instante, Cora, fingindo nos ignorar, aproximou-se da mesa das bebidas com gesto veemente e altivo, me empurrando ligeiramente. Fulminando Shannon com um olhar desdenhoso, pediu uma taça.

Inclinei-me para ela e sussurrei contra seu cabelo:

— Sedenta, gatinha? Alaister não enche sua sede?

Girou-se para mim como uma Gárgula, cravando um olhar carrancudo e irado.

— A tua, em troca, parece que qualquer uma a enche— recriminou furiosa, contemplando com desprezo ao Shannon.

— Seriamente prefere a uma moça torpe e desbocada que a uma mulher experimentada e cabal?

Cora bufou iracunda, agarrou sua taça e se plantou frente a Shannon com gesto combativo.

— Sou eu a que não prefere a ele. Se gostar de mulheres licenciosas e descaradas, não é meu tipo de homem.

Com os braços em jarras, Shannon arqueou uma sobrancelha e sorriu ladina.

— De for assim, e sem competidora, tenho que supor que o troféu é todo meu? — Incitou provocadora.

Cora me olhou, agitada e colérica. Sua tensa expressão me comoveu. Desejei tomá-la em braços e levá-la a meu leito.

— Todo seu.

Em um arrebatamento, derramou em meu peito o conteúdo de sua taça com um gesto seco.

— Acabo de lhe dar uma desculpa perfeita para que o ajude a trocar-se.

Shannon sorriu abertamente, bateu coquete suas escuras pestanas e umedeceu os lábios me examinando com desejo.

— Nada me agradaria mais que ajudá-lo a despir-se.

Cora avermelhou indignada, em seus olhos brilhava a impotência e a amargura. Já se ia quando a sujeitei pelo cotovelo. Ela se debateu sem me olhar, escapou com rudeza e cruzou o salão em direção à ampla escadaria principal.

— Por seu olhar, vejo que já escolheste — disse Shannon.

Assenti endurecendo o queixo. Possivelmente aquilo era o melhor para ambos, pensei com pesar. Possivelmente deveria agarrar a Shannon e me perder em sua experiência, esquecendo em seu corpo o que sentia por outra mulher. Possivelmente deixar que Cora me desprezasse a ajudaria a arrancar-me de seu coração quando me fosse. Mas todos esses “possivelmente” foram caindo fracos a meus pés ante a veemência de um impulso tão agudo como primário que me impelia a segui-la.

— Não escolhi eu. — Murmurei mais para mim que para ela — Como uma vez bem me disseram, é o coração que escolhe.

E saí detrás de Cora, sabedor de que cada passo era um engano, cada sentimento um equívoco, cada emoção uma trava. E, mesmo assim, não me detive.

Já subia a escada até a planta superior, recolhendo as saias, quando se girou e me surpreendeu ao pé da mesma, observando-a. Apressou o passo, afastando-se. Eu sorri arteiro; não escaparia de mim, disse-me.

Subi os degraus de dois em dois e quase cheguei enquanto ela ao primeiro piso, mas foi rápida e correu pega ao corrimão para ascender o seguinte lance. Justo na curva de ascensão, consegui capturá-la. Revolveu-se como uma gata furiosa.

— Solte-me, maldito!

— Nunca!

Começou a me golpear o peito com os punhos fechados, com tanta força que seu coque começou a cambalear-se liberando grossas mechas. Agarrei-a pela cintura fundindo-a a meu peito, cortando sua capacidade de ação. Entretanto, tão furiosa estava que me arranhou a bochecha para que a soltasse.

—Odeio-te!

— Ama-me!

Esbofeteou-me fora de si. Eu lhe aferrei ambas as mãos com uma só mão e as sujeitei às costas. Debateu-se com desespero, tinha lágrimas nos olhos e a frustração a embargava.

— Já não quero saber nada de ti! Repugna-me seu contato, seu fôlego e sua presença!
— Resmungou frenética.

— Ama-me e me deseja, embora odeie me amar e me desejar, mas não pode fazer nada por evitá-lo. Como eu não posso evitar me confessar cativo de seus olhares, escravo de seus lábios e servo de seu corpo. E tampouco posso evitar me odiar por não te deixar escapar. Mesmo assim, sou incapaz, Cora, não posso, sinto-te tão minha que é impossível não tomar.

Ela respirava agitadamente, me olhando doída e tão rasgada por aquilo que nos unia como eu.

Não pude aguentar mais e me equilibrei sobre sua boca, com tal desespero que não me importou que me mordesse, que girasse o rosto evitando a minha, que se retorcesse raivosa. Não retrocedi.

— É minha, goste você ou não! Ouve-o? E, enquanto esteja ao seu lado, não haverá outro homem.

— Não! Penso me colocar entre os braços do primeiro que encontre! Alaister estaria encantado de me aceitar em seu leito! Qualquer menos você!

Liberei suas mãos e lhe aferrei o rosto com ambas as mãos. Olhei-a furioso, só imaginá-la em braços de outros homens me nublava a razão.

— Vou marcar-te, e para sempre. Esteja ao seu lado ou não, será sempre minha, só minha — proferi desequilibrado.

Beijei-a de novo, imobilizando-a contra meu corpo. Embora continuasse me golpeando, minha língua aproveitou um grunhido de raiva para filtrar-se entre seus lábios. E, então, cerquei a sua, esfreguei-a com denodo, percorri cada rincão de sua boca e saboreei com rudeza e urgência seu úmido e quente interior.

Minha fome se desatou feroz, precisava me gravar em sua pele, em sua mente, em sua alma inclusa. Não pensei, não me questionei nada, só ardia.

Quando a soltei, agarre-a pela nuca e cravei um profundo olhar nela.

— Nunca, — grunhi grave — jamais nenhum homem te fará sentir nem a metade do que sente por mim. Nunca deixará de me amar, seu corpo será só meu, seu coração também. E te juro que, se pudesse de algum modo enlaçar sua alma à minha, faria.

— Isso seria uma maldição! — espetou chorosa.

Seu semblante obstinado e seu olhar hostil me fizeram perder o controle.

— Porque o seja, não me importa, enquanto ato-me a ti.

Voltei a beijá-la quase com sanha, com tal desespero que meu coração se desbocou prenhendo de necessidade, de um desejo tão voraz e urgente que senti cada pontada como uma dor física, como se um punho de ferro me oprimisse o peito estrangulando cada batimento do coração.

Cora começou a render-se entre cálidas lágrimas que também molhavam meu rosto, respondendo a meu beijo. Mas quando seus punhos perderam rancor e se abriram para cobrir-se em minha nuca, meu coração se deteve de uma sorte tão liberadora que me fechou a garganta.

Ela conseguiu apartar um instante para me olhar suplicante.

— Deixe-me ir!

— Não, morreria! Deus, Cora...! O que me está fazendo?

Fechei os olhos sufocando minha própria confusão, esmigalhado e desfiado em mil emoções tão extremas que por um instante acreditei que estava abrindo meu peito ao meio.

E então Cora tomou minha boca com a mesma paixão possessiva que eu tinha derramado sobre ela. E a tormenta se desatou.

Abaixo, a festa seguia em todo seu apogeu, a música flutuava envolvendo cada rincão. A luz das velas dourava a sala inferior. Os murmúrios soterrados de joviais conversações ascendiam como um rumor difuso. As risadas atraíam vibrantes e irregulares, e nós, envoltos na parcial privacidade desse rincão sombrio do patamar do primeiro andar, nos entregamos a uma paixão tão transbordante que o mundo perdeu consistência e a realidade se apagou.

Beijamo-nos como animais famintos. Nossas mãos ansiosas percorriam cada porção de nossos corpos com frenesi, desesperava-se por procurar alívio na pele do outro. Baixei o sutiã de seu vestido, e seus seios apareceram me oferecendo seus rosados e altivos frutos, que eu tomei em minha boca com delírio. Cora se arqueou para trás, gemendo de prazer enquanto eu devorava suas erguidas cúpulas e mordiscava a cremosa turgidez de seus redondos e firmes seios. Não consegui encher minha fome, aquela mulher me convertia em uma besta insaciável e luxuriosa. Arrebatava-me a prudência e o controle, reduzindo-me a um pobre e fervoroso adorador de seu corpo.

Girei-a entre meus braços e a apertei contra o lustroso corrimão de carvalho maciço. Atrás dela, comecei a lamber seu pescoço, enquanto minhas mãos amassavam seus peitos. Cora se acomodou contra mim, dobrando-se a minha paixão. Subi com impaciência suas saias e me agachei atrás dela. Com uma mão na parte baixa de suas costas, obriguei-a a inclinar-se sobre o corrimão, abri-lhe as pernas e afundei o rosto em suas néveas e suaves nádegas. Mordisquei, lambi, açoitei brandamente e beijei cada uma com voracidade. Logo passei meus dedos por sua úmida e ardente entreperna, acariciando suas sedosas pétalas, pondo especial dedicação nesse inflamado botão de carne escura, que rodeei com a ponta de meu dedo indicador, riscando delicados círculos que a estremeceram arrancando profusos gemidos que o bulício da festa sufocou. Continuei estimulando seu prazer, aumentando o ritmo de minhas carícias. Ao tempo, introduzi dois dedos em seu interior e comecei a movê-los ao unísono. Ela acompanhava meus movimentos com seus quadris, aquela dança estava me deixando louco. Mordi com suavidade suas nádegas, acelerando minhas carícias. Em um espasmo veemente, sacudiu-se frenética e se derramou em minha mão. Seus sucos gotejaram briosos, escorrendo-se pelo interior de suas coxas. Agachei-me

um pouco mais e os lambi de abaixo acima, até lambê-los diretamente de seu sexo. Cora se agitou presa de contínuos clímax que a contorcionava contra minha boca. Cego de desejo, elevei a saia de meu feileadh mor, descobri minha palpitante e dura verga e deslizei sua grossa cabeça por sua úmida e succulenta fenda. Avancei com cuidado, apesar de que o desejo contido me queimava, e me introduzi nela devagar, tremendo de prazer.

Cora emitiu um gemido longo e quebrado, e eu, com os dentes apertados, rebuscando um ápice de controle ao que me aferrar, comecei a mover-me dentro dela, cada vez com mais vigor e rudeza. Não pude ser doce, uma possessão me dominou.

O seco tamborilar da carne contra a carne, os ofegos ininterruptos e a sutil fragrância da luxúria nos levaram a um paroxismo sem igual. Incorporei-a, rodeando-a a meu peito. Deslizei a palma de minha mão para sua garganta e mordi o lateral de seu pescoço sem deixar de penetrá-la. Ela se rompeu em um ofego longo que anunciava um novo clímax. Pude sentir como seu interior se contraía em espasmos capturando minha carne, de novo se derramou em torno de mim e aquilo rasgou o fino fio de minha contenção. Grunhi grosseiramente, detento de um prazer descontrolado que todo meu corpo se esticou vibrando naquela liberação.

Ainda estremecido e aturdido pela nuvem densa de um gozo tão extremo como o que acabava de viver, fui incapaz de sair dela. E, quando por fim consegui acumular suficientes energia para fazê-lo, o fiz com soma reticência, como se meu corpo se sentisse solitário sem o seu, como se aquele refúgio, não só físico, que ela me oferecia, fora a morada dos deuses, a distração na batalha, a luz entre as sombras. Soube que aquele sentimento que nos unia não era comum nem sequer em casais apaixonados. Não, o nosso ia muito mais à frente.

Quando a girei para mim, Cora tinha o olhar arrasado em lágrimas.

—Lean...

Abracei-a contra meu peito. Ambos os trêmulos, ambos emudecidos, ambos abalados por aquele invisível fio que nos envolvia em tão vertiginosas voltas, que aturdiu nossos sentidos.

Não pude falar, só desejava não a soltar nunca. E fiz isso. Tomei em braços e subi até o segundo andar, onde estava meu quarto. Ela cobriu seu rosto em meu ombro. Senti seu quente fôlego em meu pescoço como o reconfortante sopro de uma brisa estival, seu peso entre meus braços como uma manta no inverno e o roce de seu cabelo como se uma miríade de mariposas revoasse magicamente em torno de mim. Com ela a meu lado, as sombras se diluíam e uma luz radiante dava cor a tudo a meu redor. O opaco brilhava, o negro tornou-se cinza, a amargura se diluía e as lembranças se apagavam, conseguindo o

impensável, que um relance incandescente de esperança refulgisse entre as rasgadas fissuras de um coração quebrado tantas vezes. Uma esperança, possivelmente seladora, suficientemente forte para obter não só unir as partes, mas também fundir em uma peça nova.

Suspirei quando cheguei a minha porta. Abri-a, entrei em meu quarto e fechei de uma patada. Levei Cora a minha cama e tombei sobre esta com ela amassada sobre meu peito. Permanecemos abraçados sem necessidade de falar, deixando brotar nossos sentimentos, nos olhando aos olhos e acariciando nossos rostos. E, por fim, pus nome a aquilo que sentia. Amava-a com tal força arrebatadora que cada pulsado me deixava sem fôlego.

E, apesar de amá-la com todo meu ser, não quis traduzir esse sentimento tão profundo através de minha voz em palavras que não conseguiriam expressar a magnitude do que palpitava em meu peito, em palavras que ela pudesse recordar em um futuro sem mim, convertendo-se desse modo em adagas. Não, possivelmente fosse mais fácil esquecer olhadas e gestos, paixões e sensações, embora egoistamente desejasse com toda minha alma que nunca me esquecesse.

Armazenei em minha memória cada emoção sentida, para beber delas em caso de agonizar de desejos quando a perdesse. Soube que aqueles escassos momentos de imensa sorte era quanto me levaria a tumba. Eu era um homem condenado, possivelmente desde meu nascimento, desde que aquela druidhe me amaldiçoou no ventre de minha mãe. E, agora, arrojado sem comiseração a um amor como aquele, sem reflexos de futuro, tão somente para me fazer degustar o paraíso como uma mera ilusão, antes de me fazer retornar ao inferno.

Não obstante, então algo se rebelou dentro de mim. Se o destino me tinha outorgado aquela luz, que agora dormia placidamente entre meus braços, por que não lutar por ela?

Estava no Mull, protegido por meu clã. Os Grant não se atreveriam a assaltar Duart. Podia ficar ali com ela, e possivelmente... fazê-la minha esposa.

Pela primeira vez em minha vida, dormi com um sorriso nos lábios.

CAPÍTULO 36

Alimentando uma esperança

Despertei de um sono profundo, carente de pesadelos, de angústias e incertezas. Senti-me leve e animado. E a culpada de meu ânimo piscava confusa despertando a sua vez de sua letargia. Soube imediatamente que o primeiro passo de minha luta era confessar abertamente o motivo dela.

— Fazia tempo que não dormia assim — disse Cora com voz pastosa e um luminoso sorriso no rosto.

— Eu nunca dormi assim.

Preso da emoção, acariciou-me o queixo e beijou minha bochecha.

— Não quero sair nunca de seus braços — confessou, apertando-se mais contra mim.

— E, se Deus quiser e a sorte me acompanha, não o fará.

Ela me olhou confusa, incorporou-se sobre um cotovelo e me observou com expressão concentrada e carrancuda e um adorável halo de esperança tingindo seu semblante.

— Não penso te deixar escapar, Cora, não, sentindo o que sinto — declarei.

Seu rosto se contraiu de emoção. Contemplou-me afetada e ansiosa.

— Amo-te, gatinha, tanto que este leão já só ruge por ti. Não acho mais sentido na minha vingança, nem encontro mais sabor na vida que dormir cada noite entre seus braços e amanhecer com seu sorriso.

— Lean...

Seus olhos se encheram de lágrimas, que, acumuladas, transbordaram-se em finos fluxos por suas bochechas.

Freei uma delas com o dorso de meu dedo, levei-a a meus lábios e a saboreei.

— Não faz muito, disse-me que procurasse um novo motivo para viver e encontrei em seus olhos, em sua luz, em seu sorriso, na maneira que enruga o nariz quando te zanga. Nesse teu costume de me tocar quando fala, inclusive quando discutimos. Na expressão

subjugada que você me dá quando falo, e no fogo abrasador de sua paixão. Minha vida começa e acaba em ti. Nada mais importa.

Cora exalou um incontrolável soluço antes de me beijar com frenesi. O salgado sabor de sua emoção impregnou em minha boca e em meu peito, constrangendo-o detento do amor tão incomensurável que o alagava.

Logo se apartou apenas para inundar-se em meus olhos.

— Tem ideia de quanto te amo? — Murmurou com voz estrangulada — Do que me faz sentir com apenas um olhar? De algum modo, sempre hei sentido uma estranha familiaridade contigo. Em mim nascia de maneira natural o desejo por te tocar, embora fora uma leve carícia no peito, ou roçar seu braço, como se necessitasse disso, como se fora fruto do costume quando quase não te conhecia. E eu, embora tentasse me refrear, atuava por impulso, de maneira inconsciente. Não sei o que é isto que nos atou de um princípio, Lean, se for amor, destino ou maldição, só sei que não quero me liberar nunca disso. Inclusive se algum dia não está junto a mim, não poderei lamentar ter vivido cada mágico instante a seu lado.

Sorri com olhar úmido, a emoção me embargava. Deslizei o dorso de minha mão pela suave pele de sua mandíbula.

— Não será fácil me amar — adverti.

— Crê que não sei? Crê que é fácil ver como as mulheres caem rendidas a seus pés? Que me agrada presenciar como Ayleen te ama quase com a mesma intensidade que eu? Detesto cada olhar que te dedica, cada roce com ela, cada conversação. E, mesmo assim, não posso reprovar nada, inclusive às vezes penso que deveria te haver apaixonado por ela. Ela te faz bem, cuida-te, dá-te distração e te faz rir. Não, meu amor, não é fácil, mas não há opção possível, porque é impossível não te amar.

Tomou minha boca com apaixonada possessividade. Grunhi em seu interior, permitindo me dirigir a seu desejo, selar com seu nome e gravar com sua essência, me fazendo dela.

Continuando, agarrou minhas mãos, elevou-me os braços por cima da cabeça e se colocou escarranchada sobre mim. Sentada sobre meus quadris, começou a desabotoar meu espartilho de veludo verde, me olhando com ardorosa intensidade. Uma vez aberto, desenredou as laçadas de minha camisa e a separou de meu torso para posar suas palmas estendidas sobre minha pele. Estremeci-me ante seu contato.

Percorreu meu peito com expressão embebida, riscando cada poderosa linha de meus peitorais. Lentamente foi descendendo por meu resistente ventre, mordendo o lábio inferior com semblante lascivo.

— Deus, Lean, é tão desejável, tão formoso, tão subjugador. Entendo-as, me acredite que o faço, sei que todas desejariam estar em meu lugar. Mas estou eu, ouve-me? E nenhuma outra tomará o que é meu! Quando te colocou nu naquele lago, estando eu atada a essa árvore, observava-te maravilhada pelo que via, cativada por suas formas, capturada nessa natural e indolente sensualidade que emana como um halo embriagador que enfeitiça sem remissão. É tão distinto, tão especial, que às vezes me pergunto se é real, por isso sinto a necessidade de te tocar a cada momento, para comprovar que não é uma cruel miragem. Mas quando me demonstro que é real, tangível, só desejo me fundir contigo, já não só em seu corpo, a não ser em sua alma. Compartilhamos, pois, o mesmo desejo, o mesmo sonho ou a mesma maldição.

— Cora... — gemi inebriado.

Ela negou com a cabeça e posou seu dedo em meus lábios.

— Quis-te para mim no primeiro instante em que te vi. A seu lado, meu coração vibrava como nunca o tinha feito, e meu corpo se estremecia detento de um desejo esmagador.

Tirou as abas de minha camisa e começou a soltar a fivela de meu cinturão. Elevou-se para manipulá-lo, eu me arqueei contra o colchão para facilitar que o deslizesse e, assim, foi me despojando de quanta objeto me cobria.

Completamente nu, convexo e disposto para a paixão, deixei que ela me acariciasse, esta vez com seus olhos. Saiu do leito e começou a despir-se com urgência. Admirei cada porção de seu corpo, sentindo como me aguilhoava o desejo e a impaciência. Tão nua como eu, voltou a colocar-se escarranchada sobre mim. Eu me incorporei contra a cabeceira, de modo que minha boca ficasse à altura de seus erguidos mamilos. Sentir seu roce em meus lábios liberou um rouco grunhido de minha garganta.

—Ruge, meu leão? —Ronronou sensual.

—Rujo e rugirei por ti enquanto fique um hálito de vida.

Esquentei com meu fôlego a zona que desejava devorar, observando como sua pele se arrepiava ofegante. Com a ponta de minha língua, rodeei sua rosada auréola, arrancando um leve suspiro. Abrangi seus seios com as mãos e esfreguei meu rosto neles. Depois de um olhar prenhe de desejo, abri a boca e capturei entre meus lábios seus tersos mamilos, que suguei com delicadeza. Logo os liberei, soprando brandamente para vê-los

constranger-se suplicantes e, de novo, tomei em minha boca. Dediquei-lhes toda minha atenção enquanto ela gemia longamente, dobrando minha contenção.

— Deus, Lean...!

Levei uma mão a sua nuca e a atraí para mim. Apanhei seus lábios com voracidade, mordiscando-os brincalhão, esfregando minha língua com a sua, me retirando a cada instante, só para olhá-la luxurioso e, de novo, me abater sobre ela. Cora entrou em meu jogo e nossas bocas se buscavam e se esquivavam a intervalos, entre sorrisos travessos e ronronar sensuais. Fiz descer minha mão pela curvatura de suas costas, enquanto com a outra lhe aferrava as nádegas. Ela se arqueou para trás e eu passei minha língua pela cremosa pele de sua garganta, me deleitando em seu sabor. Senti minha verga pulsando debaixo dela, agasalhado entre suas coxas, percebendo a cálida umidade de seu sexo esfregando-se contra mim. Exalei um longo gemido contido e Cora sorriu ardorosa.

— Vou fazer-te meu, ninguém mais voltará a possuir-te.

Apoiou-se em meus ombros, elevou-se apenas e me introduziu em seu interior. Desceu lentamente até acoplar-se em uma penetração profunda que me arrancou um gemido quebrado e grave. Tomou meu rosto entre suas suaves mãos e começou a mover-se, arqueando seu gracioso corpo sobre o meu, ondulando-o com tão sensual erotismo, com tão lânguida entrega que o prazer me sacudiu com a veemência de um feroz raio quebrando o tronco de uma árvore. Agarrei suas nádegas e beijei seus lábios, tão arroubado, excitado e comovido que notei como cada fibra de meu ser se desfiava em uma neblina densa e escura de puro desejo.

Urgentes pontadas de prazer me esfaquearam implacáveis. Apanhei toda sua indomável juba vermelha com uma só mão, gentilmente puxando-a e mordi sua garganta com delírio. Senti que perdia o controle e a afiancei contra mim, imobilizando-a. Cora se revolveu me arrebatando a prudência. Então, abracei-a e rodei sobre o colchão, invertendo as posições sem me sair de seu interior, apanhando-a sob meu corpo.

— Agora mando eu — adverti fora de mim.

Capturei suas mãos, elevei-as sobre seu cocuruto, tomando sua boca com áspera urgência, e comecei a me mover com veemência, marcando cada tranco com mudanças de ritmo, com olhadas felinas e beijos arrasadores, deixando escapar o feroz animal que morava em meu interior.

Grunhi desmedido, tomando-a com tal paixão, com tal abandono que aquele ato deixou de ser corpóreo para transcender a um nível mais profundo. Afundei-me nela com uma só premissa, me fundir em seu corpo, em sua alma e em cada um de seus sentidos,

gravando minha essência na sua. Jamais em toda minha vida havia sentido nada igual, jamais tinha vibrado com essa cadência tão avassaladora, jamais meu corpo se estremeceu com tanta paixão e tanto sentimento. Cativado e trêmulo por quanto me sacudia, acelerei meus movimentos, intensificando-os, liberando todo meu selvagem apreço. Cora ofegou sonoramente, saindo ao encontro de cada ataque, elevando seus quadris para me receber por completo, rendendo-se de forma tão desatada como eu a aquela paixão que nos açoitava implacável.

Derramamo-nos em uníssono, enlaçando nossos gozos em um mesmo grito liberador, prenehe de um prazer incomensurável e de uma emoção dilaceradora.

Desabei-me com suavidade sobre ela, relaxado e tão pleno que um sorriso beatífico curvou meus lábios.

Ela enredou seus dedos entre minha espessa juba, me acariciando. Grunhi agradado.

— É minha recompensa, Cora, meu refúgio. — Murmurei elevando o rosto para beber de seu olhar— É a única luz que afasta minhas sombras. Meu coração só pulsa através do teu.

Contraíu seu rosto em uma careta enternecida, seu queixo estremeceu, e oprimiu ligeiramente os lábios em um vão intento por conter as emoções.

— E que planos tem para nós?

— Só estar juntos enquanto a vida nos permita isso.

Sorriu apaixonada, depositando um beijo na ponta de meu nariz.

— Aqui, no Mull?

— De momento, é o mais seguro.

Repassou pensativa a linha de meus lábios e assentiu sorridente.

— Eu gosto de sua ilha.

— É formosa, também selvagem e indômita — murmurei.

— Como você — aduziu roçando meus lábios com os seus.

—Eu vou te mostrar, quero que conheça minha árvore. Há lugares realmente mágicos.

Enlaçou minha nuca com os braços e mordiscou meu queixo travesso.

—Quero conhecê-los todos, que tal se comermos algo e os percorremos?

Assombrosamente iludido com a ideia de percorrer a ilha levando-a na minha mão, saí do leito e reparei no novo traje que as donzelas tinham deixado sobre a arca ao sair ontem à noite do quarto.

Era uma singela camisa branca de mangas abalonadas e o plaid de caça MacLean, com o fundo verde escuro, quadriculado com linhas brancas e negras, um cinturão de pele torrada e umas botas para fazer o jogo.

— Mandarei chamar a Anna para que te traga um vestido mais cômodo, embora esse verde fique uma fábula.

Cora se apoiou de flanco sobre um cotovelo, observando com certa fascinação como me vestia.

— Nunca vi como se utiliza um plaid.

— Eu o vi muitas vezes, mas até ontem à noite nunca tinha vestido com um.

Repeti o processo da noite anterior ante as caretas assombradas de Cora.

— É todo um ritual. — Comentou maravilhada — E tem que ser no chão?

— Em uma superfície ampla e reta.

Ajustei o cinturão, cavei a camisa e uni os dois extremos, dianteiro e traseiro, do plaid com o alfinete do broche do clã.

— Está formidável — elogiou — seu cabelo negro solto sobre os ombros te dá certa aparência animal que encanta.

— Nisso é no que me converto entre suas pernas, gatinha.

Cora rio e me lançou um beijo.

— Descerei à cozinha e subirei algo de comer. Eu mesmo te trarei o vestido.

Pisquei um olho e saí fechando a porta detrás de mim.

Percorri com passo ligeiro o corredor e desci a escada tão faminto como ditoso.

No salão, vários homens comiam na larga mesa conversando com semblantes carrancudos. Lachlan escutava a um deles com atenção, observou-me cruzar a estadia e esboçou um tímido sorriso orgulhoso ante a eleição de meu vestuário.

Nas cozinhas, as mulheres trabalhavam em excesso entre grandes marmitas e preparações. Localizei Anna em um rincão, dando indicações a uma jovem donzela.

Quando reparou em mim, olhou-me aprovadora de cima abaixo, mostrando uma lambida satisfação antes de franzir o cenho e aproximar-se de mim com os braços em jarras.

—Não se permitem homens em minha cozinha: só sabem roubar bebida, pedir comida e beliscar traseiros.

—Eu sei fazer mais coisas — repliquei zombador.

—E não duvido, dado seu êxito com as mulheres. Por certo, esta manhã fui despertar à ruiva e não estava em seu quarto. Pergunto-me onde terá passado a noite...

Deu-me de presente um olhar acusador que em realidade escondia um sorriso matreiro.

—Eu só me pergunto onde poderei encontrar um vestido para minha prometida ruiva. Queremos passear pelo páramo.

Anna abriu os olhos muda, ao tempo que as faxineiras exalavam exclamações surpresas e, entre risadas, começavam a sussurrar.

—Pela Santa Brígida! Ides casar-vos?

—Se me aceitar, sim.

A anciã se aproximou com a emoção titilando em seus pequenos olhos escuros. Abraçou-me comovida pela notícia.

—Condenado rufião, não sabem quão feliz têm feito a esta velha.

Abraçou-me tão energicamente que tropecei para trás entre risadas.

Quando elevou seu afetado rosto para mim, em seus vivazes olhos dançava uma umidade comovedora.

—Por fim minhas rezas se cumprem — murmurou.

Olhei-a inquisitivo, tirei-a do queixo e elevei uma sobrancelha interrogante.

— Vê-lo sorrir — respondeu a minha muda pergunta.

Estiquei a mandíbula estrangulando minha própria emoção e a abracei com força, beijando seu grisalho cocuruto.

Sabíamos-nos curiosamente observados, o que não impediu que alargássemos aquele abraço, carregado de sentimento.

Ao final, Anna, separou-se, agarrou-me no braço e me conduziu fora da cozinha pela porta que dava ao pátio de armas. Tirou-se um enrugado lenço do decote e se enxugou meigamente as lágrimas dos olhos.

—Ides conseguir que creiam que não sou uma pedra — repreendeu carrancuda.

—Não o é.

—Mas devo fingi-lo para que essas folgazonas não me abrandem com suas queixas.

Ri e sacudi a cabeça. Anna voltou a fixar o olhar em mim.

—Desde que morreu seu pai, não havia tornado a lhe ver sorrir.

—Bem sabe que não me deram motivos.

—Cada noite — murmurou com certo ar ausente — rezava para que ela morrera. Cada manhã rogava que sua tortura terminasse, e cada dia me amaldiçoava por não poder fazer nada mais por você.

Não pôde evitar chorar, mostrando toda a dor que tinha acumulado durante aqueles infernais anos de minha infância, aquela impotência que a tinha obrigado a presenciar minhas penúrias sem poder intervir e que se cravou nela com a adaga de um amargo remorso. Eu sabia que se não se foi do Mull tinha sido por mim, mas até esse momento não fui plenamente consciente de sua própria angústia, do duro que foi não poder impedir tanto vexame e crueldade, sendo testemunha direta do sofrimento de um menino. Mas ela nada podia fazer. Tão somente o que fez: curar minhas feridas, abraçar minha dor e procurar que tivesse comida no estômago.

—Anna — tomei seu queixo de novo e a olhei com gravidade— Nada pode te reprovar, mas bem ao contrário. Carregou a suas costas uma tortura que não te correspondia, pôde partir, escapar ao horror, mas ficou por mim. E não só isso, mas também te converteu em minha âncora, em meu apoio, compartilhando minha pena. Nunca tive ocasião de te agradecer tudo o que fez por mim, mas o faço agora. Naquele inferno, rodeado de demônios, você foi um de meus anjos.

A anciã se abraçou de novo a meu peito, desatando em soluços todos os nós que ainda permaneciam em sua consciência.

E, então, outro desses anjos apareceu pela arcada principal, me contemplando com arrependimento e um deixo de culpa. Deteve-se um instante, hesitante, até que finalmente se decidiu a desaparecer por onde tinha vindo.

Anna se apartou, secou as úmidas bochechas e tomou uma grande baforada de ar para recompor-se. Ao cabo, voltou a adotar sua aprumada atitude serena, estirou-se com enérgicos gestos o avental e compôs uma expressão agradada.

—Eu mesma levarei esse vestido. — Ofereceu— Morro por conhecer a mulher que roubou seu coração.

Retornou à cozinha com porte erguido.

E eu caminhei para a arcada em busca do Ayleen. Era necessário que mantivesse uma conversa com ela, sobre algo que nem meu tato nem minha prudência poderiam suavizar. Mesmo assim, melhor que soubesse por mim que por outros, disse-me, já que logo a notícia correria como a pólvora.

Encontrei-a no jardim, agachada, examinando umas folhas de acelga. Levava sua castanha juba em uma grossa trança as costas e um vestido pardo e azul com as cores de seu clã.

—Acredito que deveríamos falar.

Incorporou-se sacudindo as mãos. Embora manteve uma expressão sóbria, quase inexpressiva, seus olhos percorreram minhas roupas com certo assombro.

—Vejo com agrado que começa a te deixar seduzir por sua origem.

—Embora jogue de menos minhas calças. Sinto-me... muito exposto.

—Acostumara-te, para muitas coisas... é mais cômodo o feileadh mor. Além disso, já ouvi o êxito que teve entre as mulheres.

Seu tom foi tão afiado como seu olhar.

—Ayleen..., acredito que devo justificar meus sentimentos.

— Não é necessário. — Apressou a replicar— Os que me repercutem são os únicos que me interessam. E já matei minhas esperanças a respeito deles, assim não tem que preocupar-se por mim. Em realidade, deveria te pedir desculpas por... te haver assaltado assim. Eu... simplesmente estava feliz e te beijei sem pensar em seu desconforto. Não tenho direito a te pôr em nenhum compromisso. Devo-te tanto, Lean.

—Não me deve nada. Ao reverso, em todo caso. Sempre estive disposta a me ajudar, sempre estive aí para mim.

—Mas não foi suficiente — replicou abatida.

—Não faz muito me disse que o coração não escolhe; tampouco ganha, Ayleen: voa fora de seu peito por muito que tente contê-lo. Não há modo de resistir a esse influxo de conflito por lhe roubar isso até que um dia deixa de lutar e aceita que já não te pertence.

—E você já o aceitaste, por isso vejo.

Assenti e sua expressão se contraiu em uma careta tensa e sofrida. Apartou o olhar, fixando-a no chão.

—Acredito que já está tudo falado, será melhor que retorne com ela.

Seu tom foi tirante e seco. Apesar de sua moderação, foi fácil adivinhar a tormenta emocional que se livrava em seu interior.

—Vou lhe pedir que se case comigo.

Elevou o olhar com impávido assombro. Um rosto desolado obscureceu seu rosto.

—E sua vingança?

—Vou vingar-me tentando ser feliz.

—Deve querê-la muito.

Sustentei seu afligido olhar, percebendo toda a dor que gotejava dela, uma dor que se estirava em júbis para mim, me envolvendo na escura garra da culpa. Teria desejado suportar em minha própria carne seu sofrimento antes que vê-lo refletido em seus olhos, mas nada podia fazer para aplacá-lo.

—Espero que também consiga arrancar toda a escuridão que ainda te atende. Porque só poderá te ajudar conhecendo tudo pelo que aconteceu. Terá que mostrar seus demônios se quiser que te ame realmente. Ela não sabe a verdade de tudo o que viveu. Se for te casar com ela, terá que contar-lhe tudo, deve conhecer todos seus segredos. Ou acaso teme que se assuste?

—Não tem por que conhecer os detalhes — espetei em desacordo.

—Só conhecendo-os poderá te ajudar — insisti.

—Não necessito ajuda.

—Equivoca-te, necessita-a e muito.

—Não. — Repeti com dureza.

Nossos olhares se fixaram em um pulso obstinado.

— Crê que não o percebo? Que não vejo crescer dentro de ti? Esse veneno que te carcome por dentro, essa bola de raiva que terminará estalando algum dia...

— Não o fará, dedicarei minha vida a esquecer, a encontrar a paz.

— Engana-te então, e enganará também a ela.

Comecei a me instigar, agitei-me nervoso e alterado, bufando de frustração.

— Acreditava que desejava que fosse feliz..., mas já vejo que, se não for a seu lado, a coisa troca — rebati furioso.

Ayleen me empurrou raivosa, tão agitada como eu.

— Quero sua felicidade, tolo. Mas não que a construa sobre o engano. Porque então se derrubará como um montão de escombros. Libera a escuridão e depois já poderá começar a erigir um futuro seguro.

— Isso buscas? Que me converta em um monstro desatado e ruja meu ódio até que dele me libere? Que procure os Grant e a Lorna e descarregue esse veneno sobre eles?

— Não, deve haver algum modo, sem ter que derramar sangue nem fazer acreditar nos aldeãos que emergiu uma besta do inferno.

Passei as mãos por meu cabelo e soprei inquieto.

— Não, Ayleen, se não alimentar essa bola de raiva, não crescerá. E, se encontro a felicidade ao lado de Cora, esse veneno acabará diluindo-se, ou isso espero.

— E se não se dilui?

— Não quero pensar nisso agora.

— Bem. — Resmungou com gesto derrotado — Em todo caso, já é hora de retornar a casa. Embora não acredita, amo-te o suficiente para desejar sua felicidade, apesar de encontrar-se em outros braços. Entretanto, duvido que ninguém te queira mais que eu. Levo muito tempo fazendo-o e será assim enquanto respire.

Ayleen já se girava com vibrantes lágrimas queimando seu olhar. Um nó oprimiu minha garganta. Detive-a aferrando seu cotovelo, ainda sem saber muito bem o que dizer.

— Eu... lamento tanto isto...

Ela sacudiu a cabeça, tragando saliva com dificuldade.

— Oxalá essa visão nunca se cumpra. Oxalá Cora consiga te afastar das sombras e te dê a felicidade que merece.

—Que visão?

—A que a anciã druidhe pôs em minha mente.

—O que foi que viu?

Ayleen se mostrou dúbia um instante. Negou com a cabeça e fez gesto de retirar-se.

Aproximei-a de mim, cravando meus olhos com tenacidade nos seus.

— A vi vestida de negro — declarou ao fim —, de pé no topo de um escarpado, seu cabelo vermelho ondeando com o vento. Permanecia imóvel, chorando em silêncio enquanto contemplava o horizonte. Vi-me na mesma borda do mar, sobre uns penhascos, lançando flores à água com o coração quebrado. Ambas separadas, ambas unidas por uma mesma dor.

Era fácil imaginar qual, pensei com amargura. Uma pontada angustiosa me atravessou.

—O que foi que te fez ver? — perguntou-me com o olhar empanado.

—Vi esse monstro no que teme que me converta, desenquadrado e cheio de sangue.

A expressão afligida de Ayleen se decompôs em uma careta tormentosa. Seus formosos olhos se tingiram de preocupação e temor.

—Eu não gosto, Lean.

—Tampouco a mim. Essa mulher era uma bruxa de verdade.

—Deveria retornar a Sevilha com ela, se esse for seu desejo — aconselhou com amargura.

—Possivelmente o faça.

Baixou a vista de novo, afundando os ombros como se o peso do mundo repousasse neles. Desejei abraçá-la, mas me mantive imóvel, temendo que qualquer aproximação por minha parte pudesse danificá-la mais do que já o estava.

— Faz, aqui só te aguarda a morte e seus demônios. Foge do Mull, e não retorne nunca... — Sua voz se rasgou em um soluço incontável.

Elevou o braço e acariciou minha bochecha com infinita ternura na ponta de seus dedos.

Girou-se e saiu correndo sem olhar para trás, deixando-me com uma pedra no coração. Fechei os olhos tentando aplacar o torvelinho de emoções que me sacudiam. Algo

dentro de mim dizia que a morte me espreitava, que seguia meus passos, sabia que, se algum dia a escuridão de meu interior vencia, nessa incansável batalha interior que me rasgava dia a dia, terminaria me convertendo em um demônio igual a eles. Minha vingança não era a não ser a própria condenação de minha alma, e isso também o vaticinou a bruxa.

Demorei em me recompor, em assimilar que, por muito que quisesse evitar machucá-la, o fazia. Desejei com todas minhas forças que Ayleen conseguisse me esquecer e refizesse sua vida, que encontrasse alguém que realmente a merecesse.

Caminhei para o castelo com uma nova pena em meu peito, e com uma sombra nova também: a de uma foice.

CAPÍTULO 37

Urze entre as rochas

Sob um céu diáfano, em uma paisagem de beleza montês, o vento nos impelia com seu vigoroso impulso sobre as agrestes rochas basálticas do páramo.

Levava Cora na mão para evitar que caísse, a irregularidade e as contínuas brechas do pedregoso terreno nos dificultavam o avanço. Mas ela ria ante cada hesitação ou escorregão quando eu a aferrava na cintura e a passei de rocha em rocha.

— Acredito que demoraremos menos se te levar nos braços.

— Então só passearia você.

Sorri jovial e, de novo, ante uma considerável fissura entre as pedras, rodeei sua estreita cintura, peguei-a a meu peito e a transportei para a seguinte rocha. Demorei-me em soltá-la, encantado em seu penetrante olhar, tão verde como os bosques que nos envolviam.

— Agora entendo por que tem essas pernas — assinalou ela zombadora.

—O que acontece com minhas pernas?

—São vigorosas, musculosas e ágeis.

—Exercitei-as bem, estava acostumado a correr frequentemente, e por terrenos tão abruptos como este. Acredito que é por isso que é tão fácil atravessar o páramo até o escarpado, acredito que poderia fazê-lo até com os olhos vendados. Sei de cor cada relevo, cada brecha e cada saliência.

Cora baixou a vista com desconforto.

— Sinto te haver recordado... aqueles dias.

Elevei seu queixo, sorri-lhe despreocupado e beijei a ponta de seu nariz.

— Preciosa, é inevitável recordar, e mais estando no mesmo entorno. Além disso, acredito que deveria conhecer toda a verdade do que vivi aqui.

— Não é necessário. Não deve ser agradável falar daquilo.

— Tampouco é agradável sonhá-lo ou recordá-lo, mas nada posso fazer para apagar da minha memória. Aprendi a viver com isso, entretanto, quero que entenda quem sou e por que.

O vento enredou suas frisadas mechas em torno de seu rosto, ela se atrapalhou em apartá-los, enquanto me olhava em desacordo.

— Sei quem é agora. Por seus pesadelos posso imaginar o inferno que viveu em sua infância e tão somente pensá-lo me angustia.

— Mesmo assim, tem que entender a negrume que se instalou em mim, porque forma parte de quem sou.

— Vi-te lutar, vi seu sangue-frio no combate, sua falta de piedade com os inimigos, sua ferocidade. E, sim, impressionaram-me muito, mas agora sei que curtiram a golpes e lhe converteram em alguém implacável e letal. Entretanto, também conheci sua luz, e brilha, meu leão. E esse brilho me deslumbrou o suficiente para não importar seu negrume. Atraiu-me como a uma mariposa que revoa em busca de um raio de sol, atraída por seu calor, um calor sem o que já não poderia viver.

— O leão e a mariposa. Ferocidade e delicadeza, terei que te tratar com supremo cuidado — brinquei.

— Acredito que já demonstrei que sei conter a rudeza de um leão.

— Não me faça rugir.

Cora sorriu ditosa. Em seus olhos dançava uma felicidade tão plena que meu coração saltava regozijado e ligeiro ante cada um de seus gestos.

— Te farei rugir tanto como você faz bater as asas de meu coração com esse endiabrado e sedutor sorriso.

Ampliei meu sorriso e arqueei desafiador uma sobrancelha. Lambi-me intencionado, gostando muito de seu olhar em minha boca.

— Acordas meu desejo com apenas um gesto. É condenadamente sensual, e amo e odeio isso em partes iguais. Detesto ver como olham com desejo outras mulheres.

Rodeei-a a meu peito e rocei apenas meus lábios com os seus.

— Mas eu só tenho olhos para uma: uma gatinha ruiva que gosto de devorar a cada instante. Por certo, tenho fome, a papa de aveia não me encheu o suficiente. Além disso, aborreço as papa de aveia.

— Não vejo onde vais conseguir algum fruto por aqui. É um terreno árido e ermo — apontou ela pragmática.

— Em troca, eu estou vendo uma formosa urze.

Cora dirigiu a vista, em efeito, para uma urze de coloridas flores violáceas que surgia entre as rochas, solitário, mas tão formoso em seu contraste que não poderia ter achado marco melhor.

De uma braçada, elevei a Cora, que exalou um gemido surpreso, e com decisão a levei para um penhasco de superfície plaina. Depositei-a nele e sorri pícaro.

— E agora estou ansioso por procurar seu fruto.

Abri suas pernas e apartei suas amplas saias até limpar meu caminho. Depois de lhe dedicar um olhar semicerrado e carregado de desejo, me agachei frente a ela. Aferrei-a pelos quadris e a deslizei o suficiente para que seu sexo ficasse à altura de minha boca. Ela gemeu sobressaltada quando afundei meu rosto entre suas suaves coxas.

Apartei com delicadeza as dobras de sua feminilidade com dois dedos e comecei a lamber voraz o tenro fruto que se sobressaía, aguardando o estímulo adequado. Ela se estremeceu abruptamente, emitindo um gemido longo e rasgado que o vento estirou levando-se consigo. Minha língua riscou círculos, minha boca sugou faminta, lambi minuciosamente, umas vezes de maneira lânguida e pausada, e outras com urgência. Desdobrei toda minha habilidade e dedicação, arrancando frenéticos clímax que a sacudiam em impetuosos espasmos de um prazer que a consumia sob o ardor de minha boca. Introduzi dois dedos, enquanto com o polegar acariciava seu inflamado e palpitante botão em uma sincronia perfeita, incrementando de forma paulatina o ritmo, até que ela gritou presa de um prazer agônico e se derramou profusamente em uma corrente líquida que impregnou minha boca e se estendeu por meu queixo.

Sorri pretensioso ante os debilitados tremores que ainda a sacudiam.

Pus-me em pé, entre suas pernas, agarrei-a da nuca e a olhei ardoroso.

— Quero que conheça seu próprio e delicioso sabor — disse.

E a beijei com paixão, com tanta fome que ela se rendeu ante minha veemência, gemendo avivada e tragando-se meus próprios grunhidos.

— Deus, Cora, deixa-me louco.

Continuei beijando-a até que me empurrou um pouco para me apartar.

— Eu também tenho fome.

Sorri luxurioso e a deixei fazer. Seus rasgados olhos verdes refulgiram peraltas. Ficou em pé e me empurrou contra a rocha, apoiei-me ligeiramente nela e Cora se ajoelhou entre minhas pernas. Subiu-me o plaid, que remeteu contra o cinturão, e tomou em sua mão minha alva e pulsante verga. Quase pude ouvir meu “cabeçudo” suplicar piedade.

Sua língua apareceu tímida, lambendo todo o contorno da avultada cabeça e fazendo que apertasse os dentes. Sua inexperiência provocava mais agradar em mim que sua habilidade. Sua mão subiu e desceu pelo tronco de meu falo ao tempo que ela lambia. Todos meus músculos se esticaram. Depois de uma primeira tira de contato, atreveu-se a abrir a boca e me introduzir em seu quente interior. Fraquejaram-me os joelhos e uma aguda pontada atravessou meu testículo, que se esticaram de prazer. Instintivamente, começou a acariciá-los enquanto sua boca sugava com ávida fruição. Um escaldante gozo percorreu minhas veias, estendendo um fogo abrasador por todo meu corpo, alternando com implacáveis calafrios em uma composição tão prazerosa que temi perder a consciência. Não quis me derramar em sua boca, tentei me apartar, mas ela me impediu isso. E, ante meu estupor, redobrou sua paixão. Sugando com tal maestria que senti que me escapava a vida ante aquele dilacerador prazer. Sujeitou-me ambas as nádegas para me afiançar contra sua boca e, perdido já todo o controle, liberei-me em um feroz grunhido rasgado que sacudiu todo meu corpo.

Demorei um instante em me recuperar, em recuperar a lucidez e em compassar minha agitada respiração. Foi como descer do céu lentamente para recuperar a corporeidade. Ela se limpava os lábios com seu lenço de encaixe enquanto a contemplava com reverente admiração.

— Não imagina como me agrada em todos os aspectos.

— E eu não imaginava o que estava perdendo.

Ri rouco e a estreitei contra meu peito.

— Deus, amo-te tanto!

Ouvi-a suspirar, aspirei o fragrante perfume de jasmim que emanava de seu cabelo e sorri para mim, tão pleno e ditoso, que não desejava soltá-la nunca.

Ela era como essa urze entre as rochas, uma explosão de vida, um fôlego quente, um roce suave, uma formosa nota no pétreo envoltório cinza e ermo, cheia de fissuras, brechas e vazios do escudo que protegia meu maltratado coração. Um escudo que se esquartejava e se quebrava com cada sorriso, com cada instante a seu lado, com a ternura de seus beijos e o amor que brotava de seus olhos, como goteja a água de um manancial, incontrolável e inesgotável.

Continuamos avançando, sendo açoitados por um arisco vento em nossa ascensão. Sobre nós, albatroz, frailecillos e cormoranes voavam riscando invisíveis elipses, emitindo agudos grasnidos e planando majestosos enquanto observavam a superfície do mar, que já divisávamos desde esse ponto.

Levando-a na mão, conseguimos alcançar a cúpula, onde um amaciado tapete suavizou nossos passos.

— Santo Deus! Corta o fôlego — elogiou Cora com acusada admiração.

E, em efeito, a paisagem golpeava com sua assustadora beleza. O tom celeste do céu se fundia no horizonte com o azul profundo de um oceano em calma. As aves descendiam em harmoniosos cachos de cabelo apanhando pequenos peixes ou kril aderido às rochas, assim como pequenos caranguejos que as ondas faziam sair de seus esconderijos. A vida bulia ao pé do escarpado.

Mais à frente se abria uma dourada praia, onde a frondosidade do bosque que a resguardava parecia querer introduzir-se nela com o ímpeto apaixonado de um jovem amante ante uma virginal donzela.

— Como se chama essa ilha?

Cora assinalou um pequeno promontório frondoso frente a nós.

— É a ilha da Ulva, a ilha dos lobos, foi povoada durante muito tempo pelo pictos e as tribos celtas dos Dalriada dos que procedo. Posso te levar em um birlinn a percorrê-la quando o desejar. Também eu gostaria de te levar ao Tobermory e te contar com detalhe a lenda sobre o galeón espanhol repleto de ouro que encalhou em sua baía por culpa do feitiço de uma bruxa chamada Dòideag. Dizem que foi a causadora dos ferozes ventos e da grande tormenta que aniquilou à frota da Armada Invencível.

— E o que você crê? — Perguntou ela enlaçando-se a meu pescoço.

— Acredito que Felipe II teve muito má sorte e muita ambição.

— Não crê nos feitiços das bruxas?

Não pude evitar me esticar ante sua pergunta. Forcei um sorriso e a beijei para que não percebesse meu desconforto.

— Eu só acredito no que vejo, e o que vejo agora me parece tão incrível que não posso deixar de olhá-lo.

Cravei um penetrante olhar nela. Estremeceu-se.

— A mim sim que me parece incrível te ter — murmurou entusiasmada.

—Cora, vou... te pedir uma coisa, mas não quero que responda agora, a não ser esta noite.

Contemplou-me com estranheza e assentiu. Agarrei suas mãos entre as minhas, acariciando seus dedos com meus polegares durante um instante. Logo elevei o olhar e a inundei em seus olhos, me perguntando pela enésima vez se fazia o correto, se uni-la a faria feliz. Por fim decidi a falar:

— Nada desejaria mais que te fazer minha esposa, Cora. Me... gostaria de me casar contigo se aceitar, aqui, no Mull, na abadia da Iona. E logo partir longe daqui, para Sevilha, a Terra firme ou aonde você desejasse. Minha única ambição é te amar e te dar quanto sou.

Seus olhos aumentaram, titilando detentos da emoção.

—Lean... — murmurou afetada.

—Não me responda agora, não seria justo que o fizesse sem conhecer meu pior pesadelo, o que finalmente me converteu no homem que sou, o que originou e arreventou esse nó de ódio que semearam em mim de menino. Quero..., não..., preciso te contar o que aconteceu aquele último dia. E quando terminar poderá me dar sua resposta. Quero... —traguei saliva inquieto— quero que saiba que nada espero, que nada te reprovarei, e que tem um lar aonde ir, um que te pertence por direito.

Tinha decidido lhe contar meu descobrimento sobre a verdadeira identidade de seu pai e que ela decidisse o que fazer a respeito. Não podia permitir que entre nós houvesse segredos. Desejava fervorosamente fazer as coisas bem e, tal como tinha aconselhado Ayleen, assentar em um terreno limpo de más ervas um futuro sólido e consistente. Porque tê-la e perdê-la seria o pior de meus infernos.

Ela tão somente me sorriu entre lágrimas e se abraçou com veemência a meu torso. Abrangi seu corpo com os braços e apoiei meu queixo em sua cabeça, embriagado pela beleza daqueles verdes escarpados e a intensidade tão entristecedora que constrangia meu peito.

Nada em minha vida era morno nem sereno, nem cinza, a não ser arrebatadoramente extremo. Cada sentimento que conseguia atravessar minha couraça gozava de uma acuidade tão impetuosa, de uma profundidade tão dilaceradora que nesse momento soube que meu coração não aguentaria mais jogos. Era um coração velho em um corpo jovem. E já era hora de cuidá-lo.

Uma súplica se elevou em minha mente... “Por favor, Deus, não me arrebate isso...”

Durante o jantar, a tensão subjazeu sob conversações amenas, olhadas fugidias e sorrisos frequentemente forçados. Permaneci taciturno, pensativo e ausente, tentando evitar que as olhadas recriminatórias de Alaister e a afligida expressão de Ayleen, que se esforçava em me ignorar, a excessiva atenção de meu tio e as fofocas do resto dos comensais me afastavam e me distraíam do duro encargo que me aguardava.

Cora também se mostrava inquieta, me lançando olhadas preocupadas, embora em seu franco sorriso reluzisse todo o amor que me professava.

Depois de apurar minha taça, pus-me em pé e me despedi com uma inclinação respeitosa do queixo. Logo ofereci meu braço a Cora, que ficou em pé e o enlaçou. Captei o olhar doído de Ayleen, que procurou apartar com urgência. Não me passaram despercebidos seus olhos inchados e avermelhados nem o rosto indignado e condenatório que me deu de presente Alaister.

Já saíamos do salão quando me dispus de que nos seguia para o corredor.

— Posso falar brevemente contigo? — Perguntou com secura.

— Espero-te no quarto — murmurou Cora com desconforto.

Assenti, e ambos aguardamos a que ela subisse a escada.

— Será melhor que saíamos fora — sugeriu Alaister.

Por seu contido olhar soube ao ponto o tipo de conversação que desejava manter comigo.

Atravessamos o alpendre de entrada e saímos ao pátio exterior. As tochas iluminavam os muros de pedra, mas seus reduzidos cercos dourados não dissipavam as sombras do interior do pátio. Alaister se dirigiu com passo firme para o centro, justo onde só a lua iluminava o terreno.

Apertei a mandíbula, esticando todos meus músculos quando ele se deteve e girou para mim.

Não esquivei seu punho. O golpe fez que me cambaleasse para trás, sacudi a cabeça e me esfreguei o queixo.

— Falas muito claro — disse.

Alaister avançou para mim com a cabeça encurvada e mugindo como um touro.

Lançou outro murro que sim esquivei. Aferrei seu braço, o redobrei com força às costas e me pus atrás dele.

— Mas eu também sei falar muito claro, — adverti em tom afiado— embora eu não gostaria de te enredar em meus discursos. Assim, ou baixamos ambos a voz ou me obrigará a te gritar até te romper o nariz.

Revolveu-se contra mim com força. Finalmente o soltei e me pus em guarda. Não queria golpeá-lo, mas me defenderia.

Carregou contra mim com a contundência de um boi. Impactou com sua cabeça em meu ventre e me derrubou contra o chão, me deixando sem fôlego. Eu lancei um feroz murro ao flanco e o empurrei para tirar ele de cima. Rodei para um lado e me pus em pé ao mesmo tempo que ele.

— Diga ao menos por quem é esta amigável conversa, por sua irmã ou por Cora? — Inquiri ofegante e dolorido.

Alaister bufou iracundo e de novo se equilibrou sobre mim. Sorteei dois golpes me inclinando veloz, aproveitando o movimento para afundar meu punho em seu ventre. Ele se redobrou cambaleante em seu retrocesso, amaldiçoando entre dentes.

— Jogaste com as duas — acusou furioso.

— Sempre fui muito claro com elas — rebati.

Começamos a nos medir nos movendo em círculos com os punhos em alto e expressão alerta. Evitei outro lance de seu braço e, em meu contra-ataque, atirei-lhe um bom golpe na mandíbula que o fez girar bruscamente a cabeça.

Aturdido e colérico, retrocedeu uma vez mais abrindo e fechando a boca em curiosos círculos para comprovar os danos.

—Sim, disse a Ayleen que não queria uma relação com ninguém, que a respeitava o suficiente para não a tomar como amante. E mentiu em ambas as coisas.

E, como se aquele fora seu estandarte ondeado a gritos, abateu-se sobre mim desmedido, me surrando com tal rapidez que, apesar de esquivar os dois primeiros golpes, encaixei o terceiro no nariz. Um ardor prendeu nele, os olhos me lacrimejaram e temi que me tivesse quebrado isso quando percebi a morna densidade do sangue sobre meu lábio superior. Limpei-me com o dorso da mão, enfasiado daquele enfrentamento.

Avancei para ele com firmeza e, depois de esquivar outro golpe, lancei um feroz murro que o derrubou como um fardo. Continuando, equilibrei-me sobre ele, agarrei-o pelo peitilho da camisa e o sacudi com força.

— Cometi muitos enganos, como todos. — Expliquei-me encarando-o — Ou acaso não te equivocou você ao não ver o que Cora sentia por mim, ao te iludir com uma mulher que se aproximava de ti só para afastar-se de mim? Acaso Ayleen não se equivocou me tentando com seu corpo só para procurar minha semente? Crê que não intuí que no Beltane ela adulterou minha bebida com alguma beberagem que turvou meus sentidos? Acaso ela não via minha atração por Cora e, mesmo assim, continuava insistindo em sua sedução? Não, todos nos equivocamos em muitas coisas. Algum de vós olhou acaso por mim? Não, assim, não penso tolerar uma maldita recriminação.

Soltei-o com brutalidade e me pus em pé, me tocando com tato a ponte do nariz.

— E o que passou com sua decisão de não te envolver com ninguém? E menos com a esposa de seu irmão... — replicou.

Conseguiu ficar em pé entre gemidos dolorosos, aproximando-se de mim cambaleante.

— Meu irmão está morto, — rugi colérico — e tenho todo o direito que me dá minha liberdade a trocar de opinião, a voltar o rosto para o futuro e acreditar nele, a procurar a felicidade e a lutar por ela! E quem não o entenda que se vá ao inferno!

— Ayleen está rota — resmungou afundando os ombros.

— Salvei a vida de sua irmã, fiz por ela quanto pude. Eu a amo, maldita seja, mas isso não parece ser suficiente para ela, e não a culpo, mas tampouco penso me culpar eu. E não vou consentir que ninguém o faça, ouve-me?

— Agora tem que cumprir a promessa que fez a meu pai e casar-se com quem ele escolha. Sacrificou sua vida tão somente por passar uns dias na tua. E isso não é justo! — Repreendeu enquanto avançava mancando.

— Foi uma decisão inteiramente dela. — Recordei — E não dê um passo mais, ou te juro Por Deus que amanhã não poderá dar nenhum — ameacei.

— Não é justo — insistiu aproximando-se de mim.

— Me fala de justiça? — Proferi exasperado — A mim?!

Alaister teve a sensatez de baixar a cabeça em gesto derrotado.

— Não conheço essa palavra, — adicionei — jamais a tive em minha vida. Jamais! Tampouco agora, por parte de nenhum de vós. Nunca desejei ferir a Ayleen de forma intencionada, nunca pretendi te arrebatrar a nenhuma mulher. Simplesmente aconteceu assim, eu... nunca poderia ter imaginado que fosse capaz de sentir o que sinto. Porque a

amo, sabe? E se te dou uma maldita explicação neste instante é porque tanto Ayleen como você são importantes para mim. Não penso pedir perdão por amar. Mas, se não o entenderem, nada posso fazer para trocar isso.

Dei meia volta e caminhei para o castelo. Ainda ficava me enfrentar ao último assalto. Soube que ia ser uma noite muito longa.

CAPÍTULO 38

Aquele último dia

Quando abri a porta da habitação, meu cenho, minha roupa manchada e o sangue de meu nariz sobressaltaram Cora, que correu a meu lado. Fechou a porta e me sentou na cama. Ato seguido, extraiu um lenço de seu decote e começou a limpar o sangue, imprimindo indignação em seu gesto.

— Não está quebrado — a tranquilizei.

Contemplou-me mortificada, com um brilho furioso refulgindo em seu olhar.

— Não me consola. Não me parece justo.

— Começo a detestar essa frase.

Cora agarrou meu rosto entre as mãos e me observou intensamente. A ternura que derrubou em seu gesto apaziguou meus ânimos.

— O que pretendia? Te convencer a golpes de que escolhesse a sua irmã?

— Não só estava instigado por sua irmã, mas também por ele.

Cora tragou saliva e desviou o olhar.

— Em tal caso, teria que golpear a mim — replicou afligida.

— Eu lhe arrebatei qualquer oportunidade que poderia ter tido contigo. Eu sou o prego que provoca o sofrimento de Ayleen. Temo-me que ambos lamentam que tenha retornado.

— Não acredito. Ela te ama e ele te aprecia. Confio em que o tempo esfrie seus sentimentos e possivelmente algum dia possa recuperá-los. Eu... eu me sinto culpada de sua situação. Possivelmente se eu não tivesse entrado em sua vida, Ayleen e você...

— E possivelmente se não saísse a lua, sairia o sol. — Espetei cansado — Não sei o que teria passado, só sei que sempre preponderou em mim um sentimento mais fraternal para ela, inclusive antes de te conhecer. Estava completamente fechado a relações, já não só amorosas, a não ser a qualquer tipo de afeto. Mas foi como conter uma corrente de água com uma mão. É impossível impedir de sentir e provocar que sintam. Resulta absurdo

fechar o coração, defendê-lo e isolá-lo a menos que me meta em uma cova e me converta em ermitão. Não há culpados, e se necessitar um, culpa ao destino.

Cora se abraçou a meu pescoço, rodeei-a com os braços e permanecemos um longo instante em silêncio. Inalei uma grande baforada de ar e me separei dela. Logo a olhei com gravidade e me pus em pé.

— Tenho que te contar o que aconteceu aquele último dia no Mull.

Ela se enrijeceu e me contemplou com insidiosa apreensão.

— Lean...

— Não o faria se não o considerasse necessário, mas o é. Aquele último dia marcou meu destino, e te asseguro que durante três largos anos sofri o inexprimível. Preciso que compreenda que esse dia segue em minha memória e em meu coração, e segue me injetando veneno. Tenho pesadelos, mudanças de humor, brote de fúria, e dias em que o negrume me alaga e logo sou uma sombra. Tem que saber quem sou e ao que te enfrenta se me aceita. Mas, para entender isso, tem que saber o que o provocou.

Fiz uma pausa, o rosto de Cora se contraiu angustiado.

Soube que não poderia lhe contar o acontecido olhando-a nos olhos, e muito menos vendo suas reações e suas emoções. Não poderia continuar se ela se derrubava, e devia terminar aquilo que tinha começado. Arrancar as más ervas, deixando um terreno ermo, árido, para poder semear algo novo. Esse terreno cheio de folha seca, heras e ervas daninhas só poderia limpá-lo um furacão. E isso era o que estava disposto a desatar naquele momento.

— Em tal caso, escutarei sua história, embora intua que me deixará o coração em carne viva.

Dirigi-me à janela, lhe dando as costas. Dos cristais chumbados se divisava o mar. A lua riscava um atalho de madrepérola para o horizonte, sobre uma massa escura e viva espumando seu vigor em moribundas ondas que procuravam sua última morada na suave areia da praia.

— Meu pai faleceu quando eu tinha nove anos e, a partir desse instante, minha vida se converteu em um inferno. — Comecei com o olhar perdido — Mais tarde descobri que foi minha madrastra, Lorna, quem o matou. Dos nove anos até os doze sofri toda classe de vexames por parte dela, algumas sádicas e atrozes. Sua veia cruel era muito criativa, desde surras até torturas mais elaboradas, abusos... físicos e sexuais. Já viu meu corpo. Inclusive usou ao Sahin para rasgar a pele de minhas costas, embora essa não foi a tortura mais

perversa, asseguro-lhe isso. Hector somente tinha um ano menos que eu, mas provocava muitos de meus castigos e os desfrutava tanto como ela. — Fiz uma pausa, sentindo como a pedra de meu peito começava a puxar com força para meu interior. Era uma pedra repleta de afiadas arestas, e em sua descida começou a me rasgar. — Aquele dia, eu tinha decidido acabar com minha vida.

Ouvi uma exalação estrangulada, apertei os punhos e me obriguei a continuar.

— Os Grant, capangas nas maldades da Lorna e seus cães de presa, tinham tentado abusar de Ayleen esse dia; eu enfrentei a eles para salvá-la. Já nada me importava, pois tinha decidido me render. Tão somente desejava me reencontrar com meus pais. Quando deixei Ayleen junto a Alaister, a salvo desses miseráveis, dirigi-me para o escarpado. Perseguiam-me, mas eu era muito rápido. Quando cheguei ao topo, não o duvidei e me lancei ao mar. Mas a sorte não estava de meu lado esse dia, porque o oceano entregou a outros braços, precisamente a aqueles dos que fugia...

... Lutei contra as ondas, me negando a me deixar arrastar à borda. Debatí-me exausto e desesperado, mas uma e outra vez me açoitavam com força em seu afã de me entregar a aqueles que riam ásperos de minha já debilitada resistência.

— Né, Andy, parece que teremos que tirá-lo da água! Crê que nos agradecerá que lhe salvemos a vida?

Outra gargalhada grave chegou até mim mesclada com o rugir das ondas e meus próprios e agônicos ofegos.

— Não acredito, os cães são todos uns ingratos.

— Em tal caso, teremos que lhe ensinar maneiras.

Uns braços me elevaram com força da água e me arrojaram impunemente contra a areia.

Outras mãos me agarraram no cabelo e me puseram de pé atirando com brutalidade. Exalei um gemido doloroso, em troca recebi um tremendo bofetão. Tremiam-me os joelhos, meu corpo estava exangue e minha alma presa de um terror paralisante.

— Vais pagar caro me haver golpeado, bastardo — vaiou Brian ameaçador.

— Temos que ocultá-lo até que se vão os MacNiall. Todos têm que acreditar que morreu. Por sorte, viram-no lançando-se do escarpado. Poderemos fazer com ele o que nos agrade.

— Lorna também querará participar, essa mulher é uma puta desumana e sanguinária.

O vento trouxe até mim vozes que se sobrepunham gritando meu nome.

— Às pressas, ou nos descobrirão!

Recebi um forte murro que me nublou a vista. O negrume me levou...

Despertei reconhecendo imediatamente o aroma que me rodeava, um almiscarado fedor a feno sujo, esterco e suor. Estava nos estábulos.

Pisquei repetidas vezes até conseguir enfocar a vista. Uma luminária próxima derramava um cerco luminoso em torno de mim, mas mais à frente tudo eram sombras. Tentei me mover, mas não pude. Descobri com horror que estava convexo de barriga para cima sobre o tabuleiro de uma mesa, maço de pés e mãos, e amordaçado, tão somente vestido com as puídas calças que fazia tanto tempo que me vinham curtos e estreitos. Procurei me mover, mas unicamente consegui elevar os quadris. Pensei que, se voltasse a me levantar e me impulsionasse para um lado, conseguiria derrubar a mesa e talvez se rompesse. E isso fiz. Em um de meus trancos, a mesa apenas se moveu. Amaldiçoei entre dentes.

— *De nada te valerá tentar escapar. Está oficialmente morto, não quererá desgostar aos que lhe estão velando.*

Reconheci a voz do Brian Grant. Traguei saliva e meu pulso se acelerou.

De entre as sombras emergiram então duas silhuetas espigadas.

— *Despertaste-me, moço. E odeio que o façam. Tem sorte de que tenha ordens de não te tocar. Mas a puta não há dito nada de que você me toque, né, Andy?*

Ambos prorromperam em sufocadas gargalhadas. Brian levou a mão a entreperna e começou a esfregar-se luxurioso.

— *Crê que, se tiro a mordaça e lhe coloco outra coisa na boca, morderá-me?*

— *Com toda probabilidade, Brian.*

— *Bom, então terá que convencê-lo de que isso seria muito má ideia.*

Brian e Andy se aproximaram de mim. Andy passou uma adaga por meu torso riscando errantes círculos por minha pele. Logo a fez descender ziguezagueando por meu ventre até alcançar meu entreperna. Rodeou-a parsimoniosamente, deleitando-se em minha expressão aterrada.

— *Ao melhor, com o estímulo adequado, inclusive se esmere mais, Brian.*

Continuando, Andy pressionou meu testículo com a ponta de sua adaga e dava um coice.

— *Acredito que já está preparado para mim. Te esmere, cão, ou lhe castraremos como a um boi de tiro.*

Começou a elevar seu plaid, me mostrando sua flácida verga, tomou em sua mão e começou a massageá-la.

— Não a subestime: dobrará seu tamanho, inclusive pode que se triplique em sua boca.

Andy riu asperamente, esfregando a virilha em gesto lascivo.

Baixou-me a mordaça, e já começava a aproximá-la a minha boca quando um gemido de dobradiças o deteve. Uns passos rangeram sobre o feno quebrado. Andy se apartou veloz e se cobriu antes de dá-la volta.

— Que demônios estão fazendo, filhos da puta?

Stuart Grant fulminou seu filho com um olhar gélido.

— Deixei muito claro que esperassem à senhora.

A senhora em questão se adiantou para o cerco de luz. Seu arrepiante e desumano sorriso congelou o sangue em minhas veias, e só roguei morrer rápido.

Em sua mão direita levava um estilete. Também se cobria com um avental de couro, como os que usava o ferreiro. Estremeci ante sua presença.

— Até que termine com ele, não será seu. Logo, pouco me importa o que façam com esse sujo bastardo.

— Devolvemos-lhe ao mar, como era seu desejo. Ao menos dará de comer aos peixes com o pouco que dele deixemos — resmungou Stuart.

Lorna assentiu e se aproximou de mim, fixando seu acerado olhar no meu, bebendo de meu próprio terror e regozijando-se em cada um de meus tremores, gozando já com o prelúdio do que tinha planejado me fazer.

Brian foi colocar-me a mordaça, mas Lorna o impediu.

— Quero ouvi-lo gritar. Ian MacNiall já se partiu em seu navio, e duvido que alguém se atreva a interceder. Além disso, acreditarão que é sua alma atormentada, que vaga pelo castelo uivando como uma alma penada.

Os homens assentiram. Pude comprovar que não era o único que a temia. Observavam-na com reverencial temor e um deixo de admiração ante a ferocidade de uma simples mulher.

— Sujitem-o fortemente os braços, tenho vontades de desenhar! — Acrescentou Lorna.

E isso fizeram. Revolvi-me de maneira instintiva, detento do mais escuro pavor que jamais ninguém pôde sentir. Notei a pulsação forte na têmpora e náuseas revolvendo meu estômago, mas sobretudo uma fúria tão primitiva que comeci a atirar de minhas ataduras movendo a mesa comigo.

— De nada te valerá. Está em meu poder.

E tão era assim começou a fazer uso dele. Cravou a ponta do estilete no dorso de minha mão, inclinando a folha para evitar afundar muito, e assim foi ascendendo devagar, abrindo minha pele ao passado do aço. Apertei os dentes, comecei a ofegar de dor e sacudi a cabeça, me negando aquilo que estava passando. Senti como a ponta do estilete riscava sutis curvas em sua ascensão por todo meu braço. O sangue denso e cálido começou a emanar rabiscando sua criação. Chegou até o ombro e descendeu pela clavícula até a cicatriz, ainda tenra, da queimadura com a forma de meu pendente.

Uma dor lacerante me atravessou me nublando a vista.

— Grita, maldito! — espetou-me.

Entretanto, não pensava lhe dar esse gosto.

Trocou de posição e repetiu a operação com o outro braço. Esta vez foi mais cruel, repassando o corte de cima abaixo em cada lance. Mordi-me tanto o lábio inferior que o cortei. O sabor ferroso do sangue, o atordoamento pela dor e o desespero que me imprimia o medo me embotaram um instante no que, agradecido, acreditei cair na inconsciência. Mas não foi assim.

Lançaram-me um balde de água fria que me sobressaltou, agudizando minha dor.

Uma dor atroz, como se me tivessem acontecido a faca ao vermelho vivo e o ardor se fora estendendo por todo meu corpo, sobressaltou-me com tanta intensidade que gemi entre dentes como um cão raivoso.

— Deem-me uma vara!

Andy se apressou a obedecer ao encargo.

— Vou arrancar-te a pele a tiras, condenado.

Não rezei, não pedi nada, só tentei imaginar que não estava ali, que corria pelo páramo, livre e feliz... Meus pais corriam a meu lado, e ríamos e jogávamos despreocupados e ditosos. Entretanto, aquela evocação se apagou ante a primeira chicotada no peito. De minha garganta emergiu um alarido tão dilacerador que acreditei haver isso quebrado. A imagem se diluía em uma bruma azul, que desejei fervorosamente que se convertesse em negra e me levasse longe de ali. Depois de um resignado ofego, pude voltar a compô-la... Minha mãe se inclinava, sorria-me e me revolia o cabelo... devolvi-lhe o sorriso. Outro golpe estalou em meu ventre. Gritei de novo, esta vez em metade de um assustador soluço, mas outra vez fechei os olhos e elevei aquela fantasia onde precisava me proteger... Meu pai me levantou jovial no ar e me colocou sobre seus ombros. Gritei ditoso ao vento, que jogava com meu cabelo... um novo açoite agravou meu soluço, e então gritei raivoso, com tanta violência que os já agitados cavalos relincharam e escoicearam assustados... chegamos à praia, minha mãe inundou as panturrilhas nas ondas e nos lançou água. Meu pai me

deixou na areia e, juntos, começamos a chutar as ondas, levantando respingos entre risadas e brincadeiras... outro golpe, esta vez com tanta sanha que meu alarido fez retroceder aos homens e dar coices aos cavalos, chutando-os.

Pisquei ofegante. Quando consegui enfocar a vista vi o rosto da Lorna pontilhado com gotas de sangue. Os açoites sobre as brechas abertas estavam sangrando.

— Deixemo-lo descansar, ou não resistirá.

O negrume começou a fechar-se sobre mim.

— Cubram suas feridas com tecidos e unguentos, não quero perdê-lo ainda.

Desvaneci-me...

Despertei no inferno de uma dor abrasadora. Um tênue resplendor acinzentado anunciou uma alvorada incipiente. Continuava convexo na mesa, cheio de tecidos que se pegaram a minha pele com alguma espécie de emplastro. Amaldiçoei não estar morto, amaldiçoei a todos os deuses conhecidos e por conhecer, amaldiçoei ao destino, mas sobretudo amaldiçoei minha resistência.

Fiz-me dormido, embora resultasse uma árdua tarefa suportar tal grau de dor sem gesticular. Entretanto, meus esforços resultaram fúteis.

— Lorna há dito que agora é nosso, mas quer presenciá-lo.

A aludida fez ato de aparição nesse preciso instante. Abri os olhos para olhar ao mal à cara, porque, sem lugar a dúvidas, aquela mulher devia ser Satã.

Tomou assento em um toco onde apoiavam as patas dos cavalos para ferrá-los e me observou agradada.

— Quase me causa pena que não viva para ver o resultado uma vez que seque. Mas terei que imaginá-lo — murmurou contrariada.

Stuart Grant se aproximou de mim e começou a me desatar.

— Não demorem muito, têm que se desfazer dele antes que amanheça por completo.

Grant assentiu. Seus filhos roncavam em uma esquina, olhou-os desdenhoso.

— Esses ociosos... terei que começar a diversão eu sozinho.

Liberou-me das cordas e se inclinou sobre mim para me incorporar. Gemi dolorido, não tive forças para me debater, tampouco valor.

De pé, entre espasmos trementes, exausto e exangue, Stuart ficou detrás de mim, agarrou-me por cabelo e sussurrou em meu ouvido.

— Isto te vai doer — advertiu contente.

Não podia imaginar o que podia doer mais que aquilo. Entretanto, tive a certeza de que o ia descobrir naquele instante.

Inclinou-me sobre a ensanguentada superfície da mesa com brutalidade. Apoiou meu peito e meus braços na madeira, apesar de estar coberto de sujas vendagens, arrancou-me um soluço lamentoso. Arrepios bruscamente começaram a sacudir meu corpo. Tinha frio e ao mesmo tempo ardia. Tal era meu sofrimento que apenas me dispus de que baixava minhas estragadas calças e elevava seu plaid. Sobressaltei-me dando um coice, que me provocou outra pontada de dor, ao notar como a ponta de sua verga media a fenda de minhas nádegas.

“Não! — Disse-me envolto em um pranto amargo e desesperado — Deus, não, quero morrer já, por favor, me leve de uma maldita vez!!!”

Mas aquele rogo não serviu de nada. Quando a dureza do Stuart Grant empurrou com força invadindo meu interior, senti como minha pele se rasgava ante a violenta incursão e minha alma caía em pedaços a meus pés. Depois de um grito mais furioso que dolorido, jurei-me vingança convertido em uma alma atormentada, só com o fim de persegui-los e arrastá-los ao inferno comigo.

Uma investida atrás de outra me reduziu em um azedo oceano de dor. Ultrajado grosseiramente, cada tranco despertava a dor das feridas de meu peito ao roçar com o tabuleiro. Com os braços rígidos, o rosto contorcido ante aquele suplício atroz e um fogo agudo arrasando minhas nádegas e meu peito, acreditei ver uma sombra interpor-se na luz que brotava de entre as juntas das madeiras, como se alguém espreitasse. Entre os repugnantes ofegos do Grant, meus gemidos cada vez mais apagados e o sofrimento de um corpo quebrado, minha consciência começou a dissipar-se.

— Vamos, Brian, é seu turno!

Fui sacudido, golpeado e manchado impunemente. Minha vontade começou a dobrar-se e meu corpo a render-se.

Envolto já em um total negrume, convertido em um despojo, consegui ouvir na lonjura um forte estrondo, gritos e confusão.

Por sorte, com o negrume chegou a paz...

— Despertei dias depois em alto mar, mais morto que vivo. — Continuei, ainda sumido no passado — Pouco era capaz de conservar a consciência durante muito tempo, e era justo nesses momentos quando mais desejava estar morto. As feridas do corpo se haviam impresso também na

alma, ambos quebrados, ambos agônicos e moribundos. Quanto ao coração, tinham arrancado e o despedaçado vilmente.

Rechacei todo alimento e me neguei a falar. Se a morte não me levava, abnegar-me-ia eu a vida, esse era o pensamento que fixava em minha mente a cada instante, como uma ladainha incansável. Não suportava olhar a ninguém para descobrir em seus rostos a profunda compaixão que sentiam por mim. Nunca esquecerei o gesto do Lachlan, essa comiseração tinta de remorsos e horror. Detestava a condescendência com a que me tratavam, os olhares de espanto quando viam minhas feridas e a hesitação ante perguntas que não pensava responder.

Lachlan foi paciente, estava acostumado a passar tempo em meu camarote, sentado a meu lado, tão somente me olhando com funda aflição. Eu tinha por costume fingir dormir para evitar contemplar minha tragédia em olhos alheios, e mais quando meu único empenho era esquecê-la. Difícil tarefa, e mais quando a dor era um insuportável aviso perpétuo. Já tinha ouvido a indecisão do cirurgião de bordo quanto a meu estado. As feridas mais graves estavam no peito, o ventre e os flancos, eram largas e profundas brechas que tinha costurado perfeitamente, por isso devia permanecer de barriga para cima, para que secassem e recebessem as curas necessárias. Não obstante, minhas nádegas ardiam como se tivesse uma labareda dentro, e embora me puseram de flanco enquanto me chiavam os dentes pela dor, para inspecionar os danos, tão somente decidiram limpar o sangue e pouco mais.

Tinham que me sujeitar a cabeça com força, já que resistia, para me abrir a boca atirando do queixo. Desse modo conseguiam que caísse em minha língua uma pausada destilação de caldo de ganso, que administravam impregnando um tecido na terrina de sopa e retorcendo-o sobre meus lábios entreabertos.

E, dia após dias, a bordo desse galeón, minhas feridas sanavam enquanto me levavam a um mundo novo, longe da barbárie, sem saber que a barbárie viajava comigo, em cada lembrança, em cada ferida, em cada broto de incontrolável fúria que me sacudia e, sobretudo, em cada pesadelo.

Depois de um instante, lutei por apartar o passado, por me desprender da pegajosa resina de sensações arrepiantes e do ardoroso manto de uma dor rememorada com entristecedora facilidade, voltei-me para Cora, temeroso do que acharia em seu rosto.

Mas, de todas as expressões que pensei encontrar, aquela foi a mais inesperada. Estava de pé, tensa como uma vara, com os punhos apertados e os lábios oprimidos em uma magra linha furiosa. Um rosto doído, quase diria que ofendido, contraía seu semblante e me fulminava com um olhar rancoroso e contido.

— O que pensava que ia fazer depois conhecer sua tragédia? — Repreendeu-me irada.

Avançou para mim com passo terminante e uma careta ofuscada.

— Acreditava que sairia apavorada por essa porta para não voltar nunca mais? Em tão baixa estima me tem e ao que sinto por ti?

Empurrou-me veemente, com semblante feroz.

— Estou furiosa, Lean MacLean, porque pense que sua confissão é uma oportunidade que me dá para fugir de ti.

Soprou indignada, franziu marcadamente o cenho, aferrou o peitilho de minha camisa e me aproximou com rudeza a ela. Resultava tão comovedoramente adorável que ocultei um incipiente sorriso para não a instigar mais.

— Escute bem, tolo, que tenha sofrido semelhante brutalidade e que odeie com toda minha alma a seus verdugos não dissipa um ápice meu amor por ti! Saber... — trouxe saliva embargada por uma transbordante emoção — saber que, vivendo tudo o que viveu, consegui te converter no maravilhoso homem que é faz que te ame mais se couber. Porque o é, porque não me importam nem suas sombras, nem seus pesadelos, nem seus brotos de fúria ou a apatia que te assalte, porque já não está sozinho, meu amor — seu olhar se umedeceu, exalou um gemido quebrado e me sacudiu brandamente —, já não. Eu te abraçarei quando o negrume te apanhe, e meus beijos o espantarão. Não permitirei que ninguém nunca volte a te fazer dano... — As lágrimas brotaram incontrolláveis, e um soluço sufocado emergiu seco — Mataria por ti...

Não pude aguentar mais. Capturei seu rosto entre as mãos e a beijei com tanta veemência que nossos dentes chocaram e nossos corpos se fundiram em um abraço desesperado. Nossas bocas se devoraram delirantes, com tão entristecedora necessidade, com tão esmigalhado desejo, com tão devastadora tormenta de emoções que, mais que um beijo, parecia um enfrentamento de vontades, um pulso desmedido de paixão desatada.

Caímos no leito e, sem deixar de beijá-la, lutei por apartar suas saias e penetrar entre suas coxas. Aquele condenado feileadh mor resultava uma bênção para tais misteres, foi suficiente atirar para cima do plaid para deixar ao descoberto minha palpitante verga. Tal era meu desejo, meu desespero por possuí-la, que não me demorei em jogos nem em preparativos. Sabia que estava úmida e ardente para mim.

— Não serei delicado — adverti em uma espécie de grunhido contido.

Seu verde e resplandecente olhar me respondeu com uma urgência que me desenquadrrou.

Enlaçou minha nuca e me atraiu de novo para sua boca. Deixei que sua língua tomasse o controle, que se esfregasse ansiosa contra a minha, que explorasse esfomeada cada rincão, gravando nela meu sabor e bebendo cada um de meus gemidos.

Separou os joelhos para permitir me acomodar entre suas coxas, elevando, além disso, os quadris para me receber. De uma só e enérgica investida, afundei-me nela, exalando um rouco grunhido de puro prazer. Seu interior, estreito, terso e úmido, fechou-se em torno de minha carne, me capturando nela. Uma aguda pontada de prazer me sacudiu.

As pernas de Cora se enredaram em meus quadris, e assim comecei a me mover com veemência, envolto em uma nuvem densa e vibrante de incontido desejo. Investia com vigor, e cada ofego, cada olhar e cada beijo foram desgastando o magro fio de minha contenção, até rompê-lo em um clímax sublime. Ela me acompanhou, sacudida por um brusco espasmo de prazer que arrancou de sua garganta um longo gemido liberador.

— Deus, Cora, sinto que me escapa a vida no fundo em seu corpo! Nunca senti nada parecido.

— Meu leão, sim quero. Sim quero ser sua esposa, porque já não saberia fazer outra coisa em minha vida além de te amar.

Acariciou com carinho meu cabelo, me arrulhando com uma melodia reconfortante. Fechei os olhos e me deixei levar entre seus braços a um torpor lânguido, pleno e despreocupado. Uma última frase me acompanhou em meu sonho.

— Nunca mais ninguém te fará mal, eu cuidarei de ti — sussurrou.

Sorri tão emocionado que dormi com lágrimas nos olhos. Não obstante, eram umas lágrimas absolutamente desconhecidas por mim: eram lágrimas de felicidade.

CAPÍTULO 39

O Crann na Beatha

Alaister e Ayleen MacNiall partiram aquela manhã para seu lar no castelo do Kisimul, na ilha de Barra. Nenhum dos dois se despediu de mim. Ayleen tão somente me dirigiu um olhar preocupado e, com semblante frio, saíram do Duart sem olhar atrás. Eu sim permaneci na entrada observando sua marcha, pesaroso e com um sabor azedo na garganta.

Não considereei justa sua atitude, mas não era eu que iria julgá-los. Decidi ficar com o bom vivido, esperando que o tempo suavizasse aquela nota amarga que agora saboreava.

Cora e Dante saíam nesse instante do castelo. O malandro me atacou correndo com os braços estendidos. Só ver sua entusiasmada expressão me regozijava o coração. Quando me abraçou, revolvi-lhe o cabelo em gesto carinhoso.

— Estou muito contente — aduziu entusiasmado.

— E posso saber por quê?

— Porque Cora me há dito que vão se casar.

— É certo, e então terá que te banhar.

O moço enrugou o cenho, franzindo os lábios com desagrado.

— Isso não me agrada tanto — afirmou.

— Mas seguro que agrada aos que estejam perto de ti: cheira a chiqueiro.

— Porque se tampem o nariz, para isso são os lenços.

Sorri divertido e lhe revolvi de novo o cabelo.

— E os sabões são para lavar a imundície, e disso vai bem servido. — Acrescentei— Assim, pequeno vadio, se for ficar a meu cuidado, banhara-te mais frequentemente ou dormirá com os porcos.

Dante elevou o olhar transbordado de ilusão.

— Embora seja com os porcos não me importa, sempre que me deixe estar a seu lado, meu senhor.

— Não quero que me chame assim. Tenho nome.

— Também eu, e me chama vadio, patife e outras tantas coisas.

Soltei uma jovial gargalhada e o olhei com admiração.

— Brilhante apreciação, Dante.

— Obrigado, Assem.

Ri de novo, até que Cora nos alcançou depois de conversar com a Anna gentilmente.

— Vejo que meus homenzinhos estão de bom humor. Damos um passeio?

Enlacei sua cintura e beijei seus lábios. Ela se ateve para mim.

— Se forem estar dando beijos, prefiro jogar com o filho do ferreiro, prometeu me ensinar as covas dos escarpados.

— E se prometermos não dar beijos a ti? — murmurou maliciosa Cora.

Dante sorriu e pareceu meditar a proposta um instante antes de negar com viveza.

— Mesmo assim, prefiro as covas.

— Muito bem, rufião..., perdão, Dante — pisquei um olho e ele sorriu divertido, seus grandes olhos castanhos refulgindo felizes — quando retornar, espero que prefira meu treinamento a espada que essas ditosas covas.

—Siiimmm...! — Exclamou alegre — Vou ser o melhor espadachim destas lareiras, que tremam estes escoceses.

— Dante, você gosta da Escócia? — Perguntou Cora.

— Eu gosto de muito, mas tenho saudades de Sevilha. E sinto falta do sol e da gritaria de suas ruas. Aqui são mais aborrecidos e mais frios. Mas onde esteja Assem, ali estarei eu, sei que ele cuidará de mim e me ensinará tudo o que sabe. Conhece muitas artes, as letras, os números, a espada, a luta corpo a corpo, e as mulheres.

Contive uma gargalhada ante o reprovador olhar que me dirigiu Cora.

— As mulheres são uma arte?

— Claro, obras de arte, até as pintam os grandes pintores. — Respondeu o moço — Embora umas mais bem terminadas que outras, é a verdade. Na mancebía, havia uma mulher tão gorda que saíria de qualquer quadro.

Não pude reprimir uma gargalhada. Dante me olhou com estranheza e Cora com cúmplice diversão.

— Mas eu serei como Assem: só escolherei às mais formosas e as pintarei com minha broxa particular. Todas queriam que ele as escolhesse, sabe? Mas só as sarracenas conseguiam que as pintasse bem grafites.

— Já vale, patife — aduzi entre risadas.

Cora compôs uma careta carrancuda e me olhou ciumenta.

— Oxalá eu tenha uma broxa como a sua — resmungou Dante esperançado.

Dobrei-me com os olhos me lacrimejando, detento das gargalhadas.

— Agora essa broxa é só minha — afirmou terminante Cora, incapaz de manter sua indignação contagiada por minhas risadas — E pobre dela se pintar outro tecido.

— Não lhe ocorreria, está dedicada por inteiro ao quadro de sua vida — murmurei risonho tomando-a em meus braços — E é o definitivo.

— Já começamos com os beijos — resmungou Dante desdenhoso.

— Acreditei que estava contente porque nos íamos casar — repliquei escondendo meu rosto na curva do pescoço de Cora, esfregando meu nariz nele.

— Claro, porque, se tiver mulher, lhes fará falta um filho, não? E sei que sua broxa não pinta tanto.

— Desapareça antes que te beije, anda! — Murmurei com semblante turvo, para desbaratá-lo a seguir com um sorriso malicioso.

O moço riu jovial e se afastou à carreira.

— Terá que passear só comigo — ronronei contra o pescoço de Cora —... e com minha broxa.

Ela riu e se abraçou a mim. O som de sua risada atraiu em meus ouvidos.

— Iria contigo... e com sua broxa aos limites do mundo.

Agarrei-a da mão e saímos do recinto amuralhado do Duart rumo ao robledal, o denso bosque que flanqueava a parte norte do castelo. Desejava lhe mostrar minha árvore, desejava abraçá-la sob sua taça, beijá-la sob seus ramos e me apoiar na sólida rugosidade de seu grosso tronco para pedir meu último desejo.

Caminhamos enlaçados, andando com a ligeireza que dá sorte, descobrindo com assombro que abaixo desse novo e desconhecido prisma o entorno trocava. A verde erva parecia mais fragrante, mais resplandecente; o céu, mais luminoso, embora estivesse coberto de nuvens; a urze, mais púrpura, e as rochas, mais imponentes.

— Saber que estiveste com tantas e tão experimentadas mulheres, além de me pôr muito ciumenta, cria-me certa insegurança — confessou com acanhamento.

— E, mesmo assim, quando estou contigo, sinto que é a primeira.

Olhou-me sem muita convicção e assentiu.

Detive-me frente a ela e a agarrei dos ombros.

— Quando estou contigo, — comecei — o tempo para, o mundo se apaga, meu coração arrebenta de amor, meu corpo arde apaixonado e minha alma geme sedenta de ti. Era virgem nisso.

— Não imagina quanto me faz vibrar com tão somente estar perto de mim — murmurou ela afetada. — Quando seu rasgado olhar âmbar me atravessa, acelera meu pulso, mas quando me toca, é como se meus pés se elevassem do chão e minha pele se desfizesse em sua carícia, fundindo-se com a tua. Sinto em meu interior uma união tão profunda e mágica que não poderia explicar com palavras.

Beijei-a com doçura, acariciei com delicadeza sua bochecha e estirei as comissuras de meus lábios em um sorriso emocionado.

— Acredito que devemos selar isto em um lugar sagrado.

Agarrei-a na mão e entramos no bosque. Serpenteantes riachos descendiam entre musgosas rochas, como brechas sangrentas de prata líquida entre o brilhante verdor de samambaias e arbustos. As grandes árvores resguardavam o interior do bosque do vento do páramo, sumindo-o em uma umbrosa magia que o tingia de misticismo e mistério. O gorgolejo dos arroios, o murmúrio de nossos passos, o canto dos cruza-bicos e chopins e o batimento do coração do bosque em si criaram uma atmosfera mágica que nos envolveu em um manto de paz e serenidade.

— É tão formoso que parece irreal — admirou Cora observando a seu redor.

— Quase como você — respondi, e recebi por sua parte um lindo sorriso.

Depois de bordear um penhasco de que gotejava água de um manancial que se escorria preguiçosa por suas arestas até somar seu caudal ao arroio, chegamos a uma

planície herbosa, em que uma grande nogueira centenária se erguia majestosa sobre um promontório.

— Sua árvore — pronunciou ela em tom reverencial.

— Minha árvore — confirmei.

Aproximamo-nos dela com passo solene.

Sua enorme e frondosa taça diminuía seu tronco, apesar de medir quase uma vara de diâmetro. O intenso verde de suas lanceadas folhas contrastava com o profundo e escuro marrom de seus nodosos ramos.

— É soberbo.

Um familiar aroma penetrante e amargo alagou minhas fossas nasais. Senti como se meus sentidos se aguçassem de repente em uma conexão espiritual com aquela árvore, de que gotejava um inegável halo de força. Posei a mão no tronco e fechei os olhos.

Pude senti-lo pulsar, e como meu pulso se compassava a esse palpito surdo que ressonava em meu interior. Um ligeiro comichão me percorreu, como se a árvore me reconhecesse também. Elevei o rosto e contemplei o apertado viga de ramos, folhas e frutos pelo que se filtravam dourados fazendo refulgir reluzentes brilhos, como se as brilhantes asas das sidhes batessem as asas entre eles. Imaginei sob meus pés as arraigadas raízes da árvore como a fiel abundância de sua esplendorosa taça, estendendo-se ramificadas para o mundo dos mortos, no sagrado simbolismo celta de união entre o céu e o inferno; representando também o círculo das estações e onde convergiam a união dos quatro elementos: a água que fluía em seu interior, a terra da que tomava força, o ar que alimentava as folhas e o fogo que provocava sua fricção. Simbolizava a vida e o crescimento espiritual.

— Este é um bosque *nemet*, verdade? — perguntou Cora.

Nemet era como chamavam os antigos druidas celtas aos bosques sagrados ou lugares de culto. E, em efeito, podia-se apalpar em cada pedra, no subjacente pulso daquele arvoredo, na serenidade que se sentia, como o reverencial silêncio, pesado e vivo que se respirava nas grandes catedrais, ou em qualquer rincão dedicado à veneração, onde os fiéis depositavam sua fé, suas rezas e seus mais profundos rogos.

— Sim, foi. E, como toda catedral, estamos sob o altar maior. E aqui é onde selaremos nosso amor.

Enlacei sua estreita cintura e a rodeei a meu peito.

— Juro te amar, te proteger, te venerar e te buscar até o fim dos tempos. Aqui e agora, ato minha alma à tua, em qualquer lugar que a eternidade nos leve.

Cora me contemplou transbordante de amor.

— Juro te amar, te proteger, te venerar e te esperar até o fim dos tempos. Aqui e agora, ato minha alma à tua, em qualquer lugar que a eternidade nos leve — repetiu com o olhar engastado na minha.

Inclinei-me devagar para seus lábios, inclinando levemente o rosto e sentindo como todo meu corpo crepitava com uma intensa emoção que me fechava a garganta. Tomei sua boca com veemente paixão e me deixei levar pela voragem de sentimentos que sacudiu todo meu ser. Uma força invisível pareceu nos circundar então, nos estremecendo com seu poder. Uma repentina rajada de vento formou redemoinhos a nosso redor, como se quisesse unir ainda mais nosso abraço, como se fôssemos abençoados naquele voto sagrado que selava nosso amor. Estremecemos-nos em uníssono.

Quando nossos lábios se separaram nos rodeou uma pesada quietude, um silêncio proverbial e uma paz tão intrínseca que soube ao ponto que, baixo aquele velho Crann na Beatha, nossas almas já eram uma apenas.

— Lean..., meu amor...

Sorri com lágrimas queimando meus olhos.

— Já é minha e o será sempre, estejamos juntos ou não, como eu sou teu.

Cora me abraçou com força, trêmula e comovida.

Quando se separou de mim, cravou seu profundo olhar verde no meu.

— Quando era menina, meu nodriza teve que retornar a seu lar em São Kilda para acompanhar a seu pai em seus últimos dias. Decidiu me levar consigo, teria uns doze anos. Uma noite, já depois da morte de seu pai, levou-me a ver uma aurora boreal. Jamais em toda minha vida tinha visto nada mais formoso. Rajadas de intensas cores esfumavam o céu em uma massa difusa e incandescente de luzes que ondeavam na noite, como se o mundo liberasse naquele fenômeno toda sua magia. Alice me disse que fizesse um desejo, e que, caso se cumprisse, deveria retornar com meu desejo completo para perpetuá-lo baixo aquela mesma aurora. Assim o fiz, e prometi retornar nesse caso.

Fez uma pausa, agarrou minha mão entre as suas e beijou minhas palmas.

— Pedi encontrar ao amor de minha vida, e foi concedido. Prometo te levar a São Kilda e contemplar juntos essa aurora boreal. Não quero te perder.

Assenti em um emotivo sorriso doce, elevei o olhar para a taça de minha árvore e pisquei um olho.

— Acaba de fazer uma promessa sagrada em um lugar sagrado. Iremos juntos a São Kilda. Sou bom marinheiro, e será nossa primeira viagem de recém-casados.

Beijei-a de novo, logo me girei para o velho tronco e inclinei respeitoso a cabeça enquanto posava minha mão nele.

Quando emergimos da sombra da nogueira, o bosque pareceu despertar novamente à vida. O trilar dos pássaros, o murmúrio do arroio, as quebras dos ramos, o roce dos arbustos ao serem movidos por algum pequeno depredador e o sussurro sibilante do vento alagaram o robledal. E, se meu coração tivesse podido emitir algum som, teria sido um interminável rugido de felicidade.

—Umas bodas.

Lachlan sorriu simulando um agrado que não terminava de sentir. Uma soterrada inquietação escurecia seu rosto.

— Não tem nada que temer — repus— não posso ter descendência e não penso me estabelecer aqui.

Analizou-me pensativo. Ato seguido, elevou sua taça e me dedicou um brinde.

— Desejo-te toda a sorte que foi arrebatada e que tanto merece. E onde pensa te estabelecer?

— Não sei, em algum lugar afastado, possivelmente em São Kilda ou em qualquer ilha remota.

—Já sabe que sempre terá as portas abertas do Duart. Considera-o seu lar, se quiser acontecer em alguma temporada no Mull.

Detectei um ressaltado matiz na palavra alguma, recalcando sutilmente a condição de eventual a minhas futuras visitas.

Agarrei minha taça e a elevei devolvendo o brinde, acompanhando-o de um olhar perspicaz.

— Sou homem de poucas inclinações sociais, e sem nenhum arraigo familiar, infelizmente nos veremos em contadas ocasiões.

Minha afirmação suavizou de forma notável sua encoberta preocupação. Não obstante, permaneceu uma tensão subjacente em seu rosto que me inquietou.

Lachlan tomou uma profunda baforada de ar e, depois de acumular as detenções que pareciam flutuar em seu ânimo, ficou em pé, passou a mão pelo cabelo, acomodando algumas mechas soltas, e por último me olhou com firmeza.

— Serei muito generoso com seu dote. Não te partirá com as mãos vazias. — Esse começo foi esclarecedor, e tive a certeza de que ia exigir-me algo — Também contará com o apoio do clã em caso de necessitá-lo.

— Que demônios quer de mim?

Lachlan me espionou com gravidade, esticou a mandíbula e assentiu para si.

— Quero que renuncie a seu sobrenome.

Sustentei seu olhar em um tenso pulso de vontades, dobrando o seu com um terminante gesto de negação.

— Acaba de me oferecer o apoio do clã — repliquei contrariado.

— E o terá, mas não sendo um de nós.

— Não penso voltar para o Duart, mas não renunciarei a meu sobrenome.

— Acreditei que renegava ele, sua família, sua origem e estas terras, que tanto lhe viram sofrer.

— Mas não de meu sobrenome. É quanto sou, é minha identidade, sou primogênito do Eachann Mor MacLean, o Grande, décimo sexto lord do clã. E, embora aí morra sua estirpe, morrerá quando eu o faça, não antes.

Pus-me em pé, disposto a me retirar.

— Sei razoável, Lean, viverá em outro lugar, desvinculado de tudo, o que te supõe renunciar a seu sobrenome e a todos seus direitos diante de todo o clã? Não terá que me oferecer seu juramento de fidelidade anual, nem carregará com obrigações próprias de seu sobrenome, como partir para a guerra quando te reclamar, ou te sujeitar a meu mandato, seja o que seja. Será livre, Lean, completamente livre.

— Já o sou — respondi circunspeto.

— Maldita seja, não posso pôr em risco a sucessão de meu filho te sabendo tão perto! Não tenho nenhuma garantia de que não reclamará o título quando eu morra. Lamento-o, mas sua palavra não me vale.

— Não vou renunciar a meu sobrenome — concluí resolvendo o tema— como tampouco vou reclamar meus direitos como lord. Pode ou não me acreditar, isso não é

meu problema. Não tenho que render juramento de lealdade algum ante ti, porque não estarei sob o amparo do clã. E nada pedirei dele. Pode te guardar o dote, não quero nada deste lugar, exceto as duas únicas boas lembranças que levarei: de meus pais. Morrerei como um MacLean porque nasci como um maldito MacLean, e não tenho nada mais que dizer.

Dispunha-me a partir quando me chamou com obrigação e fúria. Girei-me fulminando-o com um olhar determinante.

— Lean, não vou retroceder nisto — advertiu obstinado.

— Tampouco eu — sentenciei com frieza.

Soprou exasperado e me contemplou carrancudo.

— Não seja néscio — insistiu— necessita-me, necessita-nos, embora não o creia. Não sei se soube que Argyll pôs preço a sua cabeça.

— Era fácil de imaginar, e me basto e me sobro para tentar manter minha cabeça em seu lugar.

— Está cometendo um grande engano, um que pode te custar muito caro.

— Nada foi fácil em minha vida, paguei preços muito altos. Mas não trocarei de opinião.

Já saía do salão quando dois rostos familiares me contemplaram com impetuosa aversão.

— O defensor da bruxa. — Resmungou depreciativo Gowan, dirigindo-se ao Irvin com um sorriso malicioso — Parece que veio a refugiar-se entre as pernas do clã do que tanto renega.

Irvin me observou com desdém, me dedicando um sorriso presunçoso.

— É uma lástima que Alaister e a puta de sua irmã partiram já, teria gostado de me despedir deles como merecem.

Pus-me ante eles. Ultrapassava-os em altura e corpulência, embora não se intimidaram só por isso. Sua atitude arrogante e briguenta me desconcertou, e cabiam ante o chefe do clã. Mas Lachlan observava passivo a cena.

— Entretanto, podem se despedir de mim, e eu de vós, quando quiser — propus mordaz.

—Tentador oferecimento — manifestou Gowan com uma expressão desafiadora — que não desdenharemos assim que tenhamos ocasião.

Um fugaz, mas revelador olhar para o Lachlan foi indicativo da aprovação que requeriam. Aqueles, descobri com pesar, seriam meus novos cães de presa.

Dirigi a vista para meu tio, que teve a deferência ao menos de desviá-la com um deixo — embora sutil — de culpabilidade.

Abri-me caminho entre eles empurrando-os com rudeza, dando de presente um gesto ameaçador.

Subi a escadaria de dois em dois, com uma única premissa: abandonar aquela mesma noite Duart. Resultava patente a única saída que eu mesmo tinha deixado ao Lachlan: acabar comigo.

Enquanto dirigia-me ao quarto que compartilhava com Cora, reconsiderarei se merecia a pena arriscar a vida e fugir do Mull como um fugitivo só por um sobrenome. A palavra honra nunca tinha significado muito para mim, tinha estado muito ocupado sobrevivendo para ter tais considerações morais. Em relação ao sangue, como linhagem, tampouco supunha motivo de orgulho nem devia a ela: tinham-na vertido muito para que só me importasse conservá-la dentro do corpo. Quanto à origem, nunca me tinha importado. A gente só é originário de sua própria essência, e esta se cria segundo o que viva e não onde o faça. Assim, perguntei-me pela última vez por que defendia agora com tanta paixão o sobrenome MacLean, um sobrenome que nunca me tinha feito vibrar em modo algum, que jamais tinha usado, que não me contribuía absolutamente nenhum benefício, pois não precisava estar agasalhado por um clã para sobreviver, nem necessitava de seu sustento, que nunca tinha sido para mim motivo de orgulho, exceto quando nomeava a meu pai. E a resposta foi clara: porque renunciar a ele seria renunciar ao que era. Seria renegar a resistência que me tinha feito sobreviver à barbárie. Porque minha fortaleza, minhas habilidades, meu engenho e, em definitivo, todos meus dons, os que me tinham mantido com vida desde o dia em que nasci, eram rasgos herdados de meus pais, de meus ancestrais, todos eles MacLean. Ante a possibilidade de me desembaraçar de minha estirpe, foi quando essa faísca embotada ante tanto golpe ressurgiu com forças renovadas. Era um MacLean, com todas suas consequências. E, embora não exercesse meus direitos como tal, poder me sentir assim era estar mais perto de meus progenitores e de meus antepassados, e a isso jamais renunciaria.

Quando irrompi no quarto, Cora escovava sua resplandecente juba vermelha frente à cômoda. Sua imagem no espelho me sorriu. Mas o gesto morreu em seus lábios ao reparar em meu escuro semblante.

— Coloca quanto precise em um pacote, vamos esta mesma noite do Duarte. Vou avisar a Dante.

Ela simplesmente assentiu. Nem sequer perguntou nem replicou, só me deu de presente um sorriso tenro, manifestando seu completo apoio.

Já dava meia volta para partir quando um urgente impulso me deteve. Girei sobre meus talões, dirigi-me para ela, inclinei-me com decisão e a beijei apaixonado. Depois de um ronrono que me incitou perigosamente a tomá-la até desfalecer, consegui acumular forças suficientes para me retirar depois de um sussurrado “te amo” que me devolveu em um olhar profundo.

CAPÍTULO 40

Nas garras do destino

Ninguém tinha visto Dante por nenhum lugar.

O filho do ferreiro disse que o tinha esperado nas covas do escarpado, mas que não tinha acudido. Malcom, Duncan e Rosston se ofereceram para buscá-lo pelos arredores.

Explorei cada rincão do castelo, ninguém melhor que eu o conhecia, cada rincão dos arredores. Percorri os passadiços entre os escarpados, apesar de que a maré começava a subir com o influxo da lua, que já aparecia seu resplandecente sorriso em uma noite clara e estrelada.

Atravessei os ventosos páramos, o robledal, as baías mais recônditas, a praia e o desembarcadouro. Fui a cavalo ao Craignure e perguntei aos aldeãos por ele. Mas parecia que o tinha tragado a terra.

Minha preocupação ia em aumento, enquanto rogava em silêncio que ao retornar ao Duart os homens tivessem alguma notícia dele. Mas os sombrios semblantes me deram a amarga notícia. A única resposta que ia a minha mente a desprezava com urgência, me negando a acreditar que pudesse ter caído ao mar. Dante não sabia nadar, e essa parecia ser a única conclusão, e a mais dolorosa. Com o coração constrangido, decidi reatar a busca ao dia seguinte.

Justo aparecendo da parte inferior do gonzo da porta de minha habitação, uma pequena folha dobrada ressaltava sua claridade contra o pavimento. Agachei-me, agarrei-o curioso e o desdobrei para ler seu assustador conteúdo:

Uma velha víbora que come crianças fez um encargo especial: devorar ao que com tão carinho protege. Vemo-nos no Skye.

Stuart Grant

Meu coração se deteve. Fechei com força os olhos, enrugando em meu punho aquela nota. Uma incontida corrente de fúria estremeceu todo meu corpo, tremia e amaldiçoava para meus adentro. Tentando assimilar aquela espantosa notícia, respirei fundo e lutei por me recompor. Resultava vital manter a mente fria para riscar um plano de ação. Abri

novamente a porta. Esta vez, Cora, que estava junto à janela ogival, voltou-se para mim e correu a meu encontro ao descobrir a desolação em meu semblante. Abraçou-me e sentei na cama com ela sobre meu regaço, sem separar-se de meu peito.

— Tem-no ela — informei com o olhar perdido.

— De que falas? Está-me assustando.

— Dante desapareceu, raptaram-no os Grant. O levaram a Lorna.

O semblante de Cora se mudou espantado. Lívida, exalou um gemido atônito e pavoroso e se abraçou de novo a mim em um intento de me dar o calor que parecia evaporar-se de meu corpo. Foi então quando me dava conta dos bruscos estremecimentos que me sacudiam.

— É uma armadilha, Lean, e você é a presa que procuram.

— Sei, mas me meterei nela para tirar Dante.

— E se fecha a porta e você não pode sair?

— Correrei esse risco.

Abraçou-me de novo. Esta vez foi ela que tremeu entre meus braços.

— Tudo sairá bem — murmurei em um sussurro, mais para mim mesmo que para ela.

— Não suportaria te perder — gemeu com voz rota — tenho tanto medo.

— Recuperarei Dante e nos partiremos os três a São Kilda — prometi acariciando brandamente seu sedoso cabelo.

Cora me olhou chorosa, tomando meu rosto entre as mãos.

— Não irá sozinho, ouve-o? Iremos contigo, sei que seus homens não vacilarão em te acompanhar, e eu não penso ficar aqui nem em nenhum outro lugar onde não você esteja.

Tão somente assenti, seu amor por mim a unia a meu destino, fora o que fosse. E, embora essa condição me deixasse infeliz, sabia de sobra que ela não aceitaria esperar minha volta longe de mim.

— Vamos ao Skye. Quanto a meus homens, só são três, e me limitarei a lhes dizer o ocorrido e a me despedir deles. Não me devem nada e nada exigirei.

A boca de Cora apanhou a minha em um beijo doce que tornou gradualmente em exigente e necessitado, remarcando uma clara tintura de posse, de incerteza e de medo que o transformou em um balão de ensaio de impetuosas emoções.

Sempre que a beijava, o tempo parecia deter-se ao nosso redor, o ar parecia crepitar com vida própria contagiado de nosso ímpeto, da esmagadora paixão que nos dominava. E, também como sempre, custava-me abandonar sua doce boca como se temesse adoecer sem seu contato.

— Vou preparar a partida.

Ela se lambeu ofegante, estimulando com esse só gesto o feroz desejo que unicamente ela despertava em mim. Agarrei-a pela cintura, a coloquei em pé, e me incorporei com ela.

Logo saí da habitação com passo ligeiro, embora com o coração pesado.

— Vamos com vocês — coincidiram Rosston, Malcom e Duncan.

Não pude ocultar minha satisfação.

— Esse pirralho se converteu em um filho para todos — admitiu Rosston com semblante preocupado e rosto furioso.

“Também para mim”, confessei-me então. Dante era o filho que nunca poderia ter. Aquele moço se colocou em meu coração de um modo especial, possivelmente ajudado por essa necessidade de carinho que eu tive na sua idade, possivelmente porque era uma uva sem semente com gancho, ou um lisonjeador encantado. Mas, fora qual fosse o motivo, amava-o e me converteria em seu tutor legal e em pai se me aceitasse como tal. E, com esse pensamento em minha cabeça, disse-me que, passasse o que acontecesse, liberá-lo-ia das garras da Lorna.

Os homens partiram por provisões para a viagem e a equipar um birlinn para a travessia. Enquanto isso, eu tinha pensado me ocupar de outros misteres mais difíceis.

Encontrei-os no pátio de armas jogando shinty, armados com paus curvos em busca da bola de couro pela que se debatiam duas equipes. Irvin avançava entre os competidores a violentos trancos, para receber a bola que Gowan defendia com seu pau, a base de golpes baixos e mutretas hostis. Agarrei um pau de um dos cestos e me aproximei lentamente elevando-o com olhar depredador.

Eram quatro jogadores por equipe. A rudeza do encontro físico se evidenciava nos ofegos de dor, nos narizes sangrentos e na efusiva exaltação dos participantes. Mais que um jogo ou um divertimento, a violência impressa o tinha convertido quase em uma batalha campal. O objetivo principal era inserir a bola em uma portaria ereta em ambos os

extremos do campo que se delimitava. Não obstante, resultava claro que a única finalidade que procuravam era que não ficasse em pé nenhum membro da equipe rival.

Os homens corriam a meu redor, alguns me observavam intrigados e contrariados em sua perseguição da bola.

Cravei o olhar nas costas do Gowan, que trabalhava em excesso com seu pau em roubar a bola a golpes de ombro e cabeçadas. Não duvidei, risquei um amplo círculo com meu pau curvo e o descarreguei com todas minhas forças contra a parte baixa de suas costas.

Um alarido de dor emergiu de sua garganta. Girou-se cambaleando e caiu de joelhos ofegante, me fulminando com um olhar de assombrado rancor.

Uma repentina rajada de ar a minha esquerda alertou meus reflexos e consegui esquivar um golpe dirigido a minha cabeça. Retrocedi com o pau em alto para enfrentar-me com o Irvin, que me contemplava furioso. Abri as pernas para estabilizar meu peso e balancei o pau para desorientar a meu oponente sobre a direção que tomaria. De soslaio, descobri Gowan ficando em pé, com o que optei por me abrir também a ele.

A partida se deteve. O resto dos jogadores se limitaram a apoiar-se no extremo de seus paus para desfrutar da briga. Pareceu-me espionar como começavam a fazer apostas.

— Ides pagar caro ter entregado Dante ao Stuart Grant.

Em seus assombrados e indignados semblantes se corroborou minha acusação. E nada podiam replicar, para falar a verdade. Um Grant nunca poderia atravessar esses muros, nem sequer camuflado com as cores MacLean. Nenhum desconhecido entrava no Duart sem a aprovação e a permissão do lord. Mas o que mais doloroso resultava de tudo era saber a confabulação de meu tio em todo aquele assunto. A conversação que tinha mantido com ele tão somente tinha sido um áspero artifício, pois a armadilha já tinha sido posta previamente em marcha. Aquilo não foi a não ser uma mísera pantomima para aquietar possíveis remorsos, dizendo-se que, se eu tivesse acessado a sua petição de renegar meu sobrenome, poderia ter dado marcha atrás. Eu não lhe interessava nem perto nem vivo, e já tinha tomado medidas pertinentes para obter sua garantia: lançar-me aos cães para que terminassem o trabalho que tinham deixado pendente anos atrás, quando Ian MacNiall me tirou daquele estábulo, do inferno ao que me tinha exposto a permissividade de meu parente e a crueldade de um destino ingrato. Lachlan não tinha tido mais remedeio que secundar meu salvamento para não despertar falácias. Acompanhar-me a Sevilha naquela larga travessia por alto mar tinha sido a maneira de assegurar-se minha lonjura e, portanto, sua tranquilidade. Mas tinha retornado, convertendo seu problema em algo intransponível se decidia ficar.

Assim, se conseguia sair com vida, o mais seguro seria retornar a Sevilha.

Inclinei-me lateralmente ante o ataque do Gowan, que se abateu sobre mim com o arranque de um touro. Aproveitei meu quebro para atirar no flanco uma brutal pá que, de novo, dobrou-o em dois. Girei sobre mim mesmo para deter no ar a ofensiva do Irvin, fazendo chocar meu pau com o seu em um feroz pulso de força. Continuamente lançava fugazes olhadas a meu outro oponente, que uma vez mais ficava em pé para equilibrar-se sobre mim. Alternei golpes sucessivos freando os ataques aos que me submetiam por ambas as frentes. Irvin conseguiu me acertar nas costas, arqueei-me grunhindo entre dentes. Uma chicotada dolorosa percorreu a espinha dorsal, me cambaleando. Consegui me recompor justo antes de receber outro golpe nas curvas que me arrancou um grito furioso. Um ardor bicou meus nervos, falharam-me os joelhos e caí sobre elas. Tive o bom julgamento de me lançar ao chão e rodar para um flanco para evitar um ataque conjunto. De baixo, afastei as pernas, apanhei entre meus tornozelos a panturrilha do Irvin e o derrubei com um rápido giro. Logo me pus em pé de um veloz salto e carreguei contra o peito do Gowan com a cabeça. Consegui abatê-lo também, e sobre ele descarreguei uma série continuada de impetuosos murros que o aturdiram. Ato seguido, equilibrei-me contra Irvin, que se tinha incorporado e, pau em mão, já riscava um arco contra minha cabeça. Esquivei o golpe e cravei meu cotovelo em seu ventre, para logo impactá-lo contra seu queixo. Travei meu pé depois dos seus, empurrei-o com força e caiu de costas, sua cabeça ricocheteando contra o chão. Agachei-me, agarrei seu pau e comecei a lhe sacudir com ele. Irvin gemeu dolorido retorcendo-se no chão como um verme.

— Não voltará a ver-me, mas seguro que não esquecerá minha cara — resmunguei ofegante.

Depois me aproximei do Gowan, que lutava por incorporar-se. Chutei-o um par de vezes com força.

— Se voltar a topiar contigo — ameacei — serei a última coisa que verá.

Uma nova patada em seu flanco o dobrou como uma cobra.

Por último, dirigi-me para o grande salão para me despedir de meu tio como merecia, pau em mão.

Achava-se comodamente ajeitado em sua poltrona de orelhas, contemplando pensativo o fogo do lar com uma taça de clarete na mão.

Quando reparou em mim, sobressaltou-se de forma visível, deixou a taça em uma mesinha próxima e ficou em pé com olhar ansioso. Plantei-me frente a ele e o observei com fundo desprezo.

— Sabe a única pega que encontro a meu sobrenome?

Negou apenas com a cabeça e retrocedeu com o alarme grafite no rosto. Empunhei o pau com as duas mãos, e esse gesto o fez empalidecer.

— Que o compartilho com um miserável.

— Lean, me escute...

Lancei um golpe contra o aparador que destroçou as portas de cristal e toda a baixela de porcelana que continha. Lachlan deu um coice e retrocedeu de novo assustado.

— Não, já não escuto nada. Utilizou-me nessa festa como parente poderoso que reforçasse sua imagem ante o geral dos realistas para ganhar apoio à causa. Ofereceu-me com todo o cinismo que renegasse oficialmente de meu sobrenome e de toda vinculação familiar, acima de tudo o clã, quando já me tinha em uma armadilha. Mas o mais repugnante de tudo é que, sabendo quanto sofri, sabendo tudo o que esses pervertidos filhos de uma puta me fizeram de pequeno, tem a crueldade de entregar a outro menino a essas animálias como ceva para mim. A maldade não é só patrimônio do que a exerce, mas também do que a provoca, assim como de que fecha os olhos a ela ou olhe para outro lado. Porque isso fez você comigo: permitir meu sofrimento com a esperança de que acabassem com minha vida. Um rival sucessório a menos em seu caminho ao poder.

Aproximei-me ameaçador, apunhalando-o com um olhar entreaberto carregada de ressentimento e condenação.

— Repugna-me tão somente te olhar, não entendo como pode fazê-lo no espelho. Este será seu castelo, seu clã e suas terras, e são formosas, mas custarão caro, porque terá empenhado sua alma, sujado sua moral e envilecido seu coração como pagamento.

— Seu sangue não é puro — replicou de repente mostrando sua verdadeira cara. — Meu irmão manchou nossa estirpe tomando como esposa a uma herege sarracena. Nunca foi justo que nossa linhagem recaísse em ti.

Elevei o pau e o descarreguei contra a mesinha que estava junto a ele, que se fez lascas.

— Por que demônios me mandou chamar então? — Rugi com furiosa incompreensão.

Lachlan me contemplou temeroso; entretanto, avançou para mim com expressão grave.

— Porque necessitava um aliado, seu irmão nos traiu e meu filho é tão somente um pusilânime em mãos de sua esposa. Mas também porque Lorna me pediu isso.

Abri a boca mudado e o contemplei com afetada expressão desencaixada.

— Deveria te haver perguntado antes o que foi que ocorreu quando retornou após me deixar em Sevilha. Fui um estúpido. Se a meu sobrinho chegam a fazer o que me fizeram, asseguro-te que o desterro não teria sido uma opção. Mas você só acudiu quando te avisou Ian, não antes, verdade? Agora todas as peças encaixam. Se não chegar a ser pelo MacNiall, jamais teria movido um dedo por mim. E, como já todos sabiam o ocorrido, tinha que tirar a Lorna dali e devolvê-la a seu clã. Embora nem ela nem os Grant receberam nenhum castigo, um pouco bastante chamativo, em função de seus atrozes atos. Mas, claro, você não só estava ao tanto e consentia os abusos, mas sim até é possível que os passasse. Por isso a protegeu devolvendo-a com os seus. E ela acessou por evitar o castigo. Desse modo, ficava em posse do castelo, sem a mulher de seu irmão e sem seu legítimo filho. Um plano elaborado e efetivo, sem dúvida próprio de uma mente sagaz embora tão negra como o mesmo inferno.

— Ela se empenhou em liderar o clã até sua maior idade, como tua tutora — começou com voz estirada — Por isso não te matava, porque, se o fazia, perdia seus direitos sobre o Duart. Mas quando decidiu acabar com sua vida aquele dia no escarpado, em presença de testemunhas, deu-lhe a oportunidade de liberar toda sua crueldade e sua loucura contigo. Já não importava perder seus direitos, corriam rumores sobre ela e suas práticas satânicas, e os aldeãos do Craignure, apesar de temê-la, começavam a amotinar-se contra ela. Estava louca, mas era suficientemente ardilosa para saber que devia abandonar Mull e retornar ao Skye sob o amparo de seu pai, sir Rory Mor. Quanto a ti..., era questão de tempo que te matasse. Mas quando Ian MacNiall me mandou chamar aquela noite porque sua pequena Ayleen tinha escapado do navio assegurando que estava vivo, que assim o sentia, correram atrás dela e foi desse modo como encontraram. Diante deles, não ficou mais remédio que te atender e baralhar a ideia de te levar com seu único parente vivo além de mim, o irmão de sua mãe, Beltrán, confiando em não voltar a ver-te nunca mais. Mas a guerra estalou, e nosso bando necessitava um líder jovem e valente. Em uma de minhas escassas visitas ao castelo do Dunvegan, no Skye, Lorna me pediu que te mandasse chamar, que só você devia fechar seu destino. Se não o fazia, acusaria-me de ter confabulado com ela.

Bem, disse-me, o destino me tinha em suas garras. Apesar de ter decidido renunciar a minha vingança e lutar pela felicidade, encurralava-me em seus ardis para me enfrentar a ele. Porque assim fora. Lutaria com afinco e tomaria a vingança que não me deixava fugir.

— Merece morrer de um modo longo e tortuoso. — Condenei — Mas não serei eu quem concederá essa honra, a não ser Argyll.

Por muitos desejos que tivesse de matá-lo, se o fazia, jamais sairia vivo dali. Não obstante, minha particular vingança para ele já tomava forma em minha cabeça.

— Antes teria que ganhar a guerra e me capturar.

— Espero não voltar a ver-te jamais. Você é o único que mancha o sobrenome MacLean, e terminará pagando-o com sua vida e com sua honra. Irei ver a Lorna, como bem dispuseste, e não tema, não retornarei.

Lancei com ferocidade o pau curvo do shinty à chaminé e saí dali com passo firme e contundente.

CAPÍTULO 41

Uma korrigan come crianças

Ante nós, a ilha do Skye parecia surgir do mar como um monstro legendário de mandíbulas irregulares, recoberto de ondulantes escamas verdes, como um feroz dragão poderoso e de indômita beleza elevando-se orgulhoso sobre a imensidão azul que o rodeava.

Os imponentes e vertiginosos escarpados, os selvagens vales, as rochosas e bicudas colinas e as afiadas montanhas se recortavam contra o horizonte em uma imagem tão subjugante que cortava o fôlego.

Aquele acidentado relevo possuía uma beleza tão arcaica e assustadora que era fácil imaginar habitando nele criaturas tão mágicas como as descritas nas lendas celtas.

— Haviam-me dito que impressionavam suas paragens, e não exageravam — espetou Malcom com acentuada admiração.

Ao entrar com o birlinn no lago Dunvegan, navegando sobre suas serenas águas, descobrimos a imponente fortaleza dos MacLeod dominando o lago sobre um promontório rochoso. Era um castelo de dimensões consideráveis, de altos e grossos muros e resistentes torreões asfastados.

— Conhece a lenda da bandeira das fadas? — Perguntou-me Cora, sentada frente a mim.

Neguei com a cabeça enquanto dirigia o leme.

— Conta a lenda — começou — que o chefe do clã dos MacLeod conheceu uma fada e ambas caíram loucamente apaixonados. Não obstante, quando a fada pediu permissão ao rei das fadas para casar-se com ele, este o negou, alegando que o matrimônio com um humano só lhe romperia o coração porque este envelheceria e morreria rápido. Entretanto, ante as lágrimas amargas dela, o rei finalmente acessou a sua petição, mas com uma condição: que só poderia estar na terra dos humanos durante um ano e um dia. Durante esse tempo, a fada e o chefe do clã tiveram um menino e foram muito felizes, mas o dia da separação chegou e ela se viu obrigada a partir, não sem antes lhes deixar um amuleto mágico que ninguém que não fora do clã dos MacLeod poderia tocar ou, do contrário, desvanecer-se-ia. Tratava-se de uma bandeira mágica que só poderia utilizar-se três vezes.

Se alguma vez o clã estava em perigo mortal, um exército de fadas e duendes iria a sua ajuda com simplesmente ondear a bandeira.

— Preciosa lenda — murmurei lhe dedicando um amplo sorriso.

— Essa bandeira existe e foi utilizada já. — Apontou Malcom— E, em efeito, deu a vitória aos MacLeod.

— O convencimento é uma força poderosa, — opinei— essa lenda é realmente o amuleto em si. Inspira tanta confiança nas batalhas que não pode mais que lhes dar a vitória. Nada há como acreditar fervorosamente em algo para fazê-lo realidade. Quanto mais gente compartilhe uma crença, mais poder atrairá.

— Não crê nas fadas, leão?

— Claro que acredito: uma fada vermelha me roubou o coração.

— Sempre consegue me fazer suspirar.

Pisquei um olho a Cora, estirando um sorriso pícaro em meus lábios.

— Consigo mais coisa, gatinha.

O rubor acentuou o tom rosado de suas bochechas, dando-lhe uma aparência ingênua que desatou meu lado mais perverso.

— Não me olhe assim, ou esse mastro não será o único que eleve trapo.

Dirigiu sua vista para meu entreperna, e tão somente essa curiosa atenção despertou a meu “cabecudo”, endurecendo-o no ato. Tinha as pernas abertas e o tartán formado redemoinhos sobre os nus joelhos. Na expressão lasciva de Cora adivinhei o desejo de colocar sua mão sob meu plaid. Só essa certeza me endureceu mais ainda.

Os homens conversavam distraídos contemplando a fortificação e comentando batalhas entre os MacLeod e os MacDonald.

— Vem, sente-se em meu regaço.

Ela assentiu mordendo o lábio inferior. Ficou em pé e se sentou sobre minhas pernas. Sem soltar o leme, afundei meu rosto em seu pescoço e ronronei contra sua pele.

— Adoro seu aroma, é como um sopro de ar fresco em minha alma.

— Lean...

Comecei a beijar seu pescoço. Ela se enlaçou a minha nuca e começou a enredar seus dedos entre meu cabelo solto.

— Gatinha — sussurrei rouco, apanhando entre meus dentes o lóbulo de sua orelha — não posso estar perto de ti sem te desejar.

— Tampouco eu — confessou em um fio de voz.

E, secretamente, depois de um olhar libidinoso, colocou a mão sob meu plaid e acariciou o interior de minhas coxas até chegar a minha férrea dureza. Quando a abrangeu com sua mão, todo meu corpo se estremeceu. Exalei um gemido estrangulado e a olhei ardente.

— Vais conseguir que lance a todos à água para te demonstrar o louco que me volta.

— Não é mau plano.

Rugi em seu ouvido e mordi brandamente seu pescoço em vingança. Ela deu um coice e se riu.

— Não me tente, gatinha, ou te demonstrarei do que é capaz um leão faminto.

— Sei do que é capaz, por isso o toco.

Arqueei uma sobrancelha provocador e sorri matreiro.

— Necessita-me dentro de ti para me sentir teu, como eu preciso me afundar em seu interior para te recordar que é minha.

— Desejo a cada instante. — Murmurou contra meus lábios. Seu fôlego prendeu minha paixão, seu tom turvou meus sentidos e sua ofegante expressão nublou meu julgamento — Custa-me tanto me separar de ti, não te tocar, não poder te olhar, não te ouvir... Sinto sua ausência, por breve que esta seja, como se o tempo se alargasse e eu adocesse, me murchando sedenta. Sua magia é poderosa, leão.

Retirei uma mecha acobreada de seu rosto e o acomodei atrás de sua orelha, olhando-a arroubado, prendado daquele gesto apaixonado que iluminava suas formosas feições. O verdor de seus olhos resplandeceu com intensidade, procurando nos meus, esse fio que nos unia, conseguindo que compartilhássemos idênticas emoções.

— Amo-te, mo ruadh.

O fato de que a chamasse minha vermelha a fez sorrir abertamente, embora seus olhos umedeceram-se.

— Amo-te, mo dubh.

Acariciou meu cabelo, repassando com a gema de seus dedos o contorno de meu rosto, embebendo-se dele. Sim, eu era dela, seu moreno.

“Vermelho e negro”, pensei. E nesse instante decidi fazer uma bandeira com essas duas cores, um estandarte que cravar-se-ia em nosso lar como os baluartes das grandes casas que se uniam.

Sorri para mim e a beijei brandamente. Ela entreabriu os lábios e apareceu a língua. Não o duvidei, apanhei-a e a acariciei com denodo. Cora começou a massagear minha verga, me arrancando gemidos sufocados que ela tragava. Detectei uma mudança de tom na conversação dos homens e me separei dela.

— Solta o leme, gatinha, não tenho porto onde encalhar meu bote até que se limpem as marés.

Ela me soltou com expressão faminta e se esfregou contra meu peito tão insatisfeita como eu.

— Ódio às marés — resmungou dirigindo o olhar aos homens, que assinalavam um dos torreões.

— Também eu.

— Acredito que saíram a nos dar boas-vindas — avisou Rosston voltando-se para nós. Por seu olhar cúmplice, descobri que haviam se feito de distraídos para nos conceder um instante de intimidade.

Depois de desembarcar e nos apresentar formalmente ao capitão da guarda do Dunvegan, fomos conduzidos em presença de sir Ian MacLeod Mor, décimo sexto lord do clã MacLeod, filho do grande sir Rory Mor e irmão da Margaret Lorna MacLeod e da Mary MacLeod, a esposa do Lachlan.

Achar-me entre os mesmos muros entre os que Lorna tinha crescido provocou em mim uma ominosa sensação de apreensão e mal-estar que azedou minha garganta e esticou cada músculo de meu corpo, me impregnando de um alerta constante e um ódio feroz.

Comprovar o parecido do Ian com sua irmã não facilitou que me tranquilizasse. Mostrei-me áspero e descortês em minha saudação.

— Devo solicitar sua ajuda ante um caso de extrema urgência que lhes corresponde.

O homem elevou apenas as sobrancelhas inquisitivo, mas se manteve impassível.

— Se for assim, por que não veio me pedir isso meu cunhado?

— Encontra-se sumido em planos de ataque e não pôde abandonar Mull, pede-lhe desculpas.

— Imagino que trazem uma missiva de sua parte, não?

— Não houve tempo — me limitei a responder.

O lord franziu com desagrado os lábios, mas assentiu.

— Bem, e do que se trata?

— De sua irmã Lorna.

Seu rosto se petrificou denotando o muito que o incomodava aquela menção.

— Não tenho entendimentos com minha irmã, duvido que possa lhes ser de alguma ajuda.

— Só necessito duas coisas — aduzi com gravidade— saber onde está e que a desvinculem do clã.

Não era o mesmo acabar com uma MacLeod que com uma korrigan sem sobrenome e sem o amparo de um poderoso clã, ou minha vingança desataria uma série de represálias injustas.

— Que minha irmã seja a desonra de minha família não significa que a deixe de lado. É uma MacLeod e, como tal, goza de meu amparo.

Ante sua oposição, não ficou mais remedeio que jogar mão de meu engenho. Recordei a confissão do Lachlan e decidi utilizá-la a minha conveniência.

— Em tal caso, e se não renegarem dela, compartilharão seus cargos.

Sir Ian aumentou os olhos com assombrado temor. Seu rosto se obscureceu com um véu de inquietação.

— Cargos? De que diabos estão falando?

— Foi denunciada à Santa Inquisição por suas práticas satânicas e seus sacrifícios de sangue em ritos macabros. Logo será julgada e condenada — menti circunspeto.

Com semblante horrorizado, levou-se a mão ao peito. Tomou um pendente com uma cruz e a beijou fervoroso.

— Nada tenho que ver nisso, desconheço essas práticas. Este assunto é por completo alheio a minha pessoa e a meu clã.

Sorri triunfal.

— Devo entender, pois, que desconhecem o processo e retiram seu apoio?

Oprimiu os lábios e assentiu com olhar carrancudo.

— Não me enfrentarei à Igreja. Se estiverem vindo a leva-la, vive isolada em uma cabana no Glen Brittle, ao sul da ilha, passada a aldeia, nas saias da cadeia montanhosa do Cuillin, o ponto mais alto do Skye.

— Foi sua madrasta — apontou a seguir o lord.

— Para minha desgraça — assinalei cáustico.

— Por isso lhe ofereceu a entregá-la ao inquisidor?

— Só vim a fazer justiça, a que vocês deveriam ter feito faz muito tempo. Sabem perfeitamente ao que se dedica, e duvido que, quando renderem contas de seus atos atrás de sua morte, lhes perdoe sua permissividade e indulgência com práticas tão atrozes.

O homem compôs uma careta angustiada e de novo beijou seu crucifixo.

— Partam do meu castelo!

— Necessitaremos cavalos e provisões.

— Tomem o que gostarem, mas não voltem a pôr um pé em minha casa, exceto para me devolver o emprestado.

Compus uma florida reverência e saímos do grande salão, seguidos pelo eco de nossos passos na pedra.

Nas cavaliárias, fizemo-nos com robustos alazões castanhos, e embora nenhum poderia igualar a velocidade do Zill, soube que naquelas terras seriam mais eficazes os cavalos resistentes, muito similares aos cavalos brabantes do Flandes.

Durante o trajeto para o sul, minha mente não deixava de divagar sobre aquele cruento retiro a que me levava o destino. Eu, que tinha decidido esquecer minha vingança, abraçando a vida e o amor, combatendo o ódio e a dor, de novo me encontrava naquele caminho, não importavam as razões. Entretanto, o destino sim parecia empenhado em me empurrar nos braços da vingança. Porque meu principal encargo era pôr Dante a salvo, mas não sairia do Skye sem a cabeça da Lorna e do Stuart Grant sob meu braço. Resultava dolorosamente evidente que jamais alcançaria a tranquilidade e a felicidade suficientes enquanto eles vivessem, tão evidente quanto meu destino estava atado ao deles, e já era tempo de cortar esse laço, de me liberar e de refazer minha vida, e mais agora que tinha o melhor dos motivos. Um que cavalgava ao meu lado, sempre com um sorriso de ânimo, um olhar amoroso ou um gesto alentador.

Negava-me a pensar em Dante porque a minha mente acudia cenas aterradoras que me provocavam calafrios, porque a fúria fervia de maneira tão efervescente que nublava meu entendimento, e este devia estar alerta, sereno e crédulo.

Depois de toda uma exaustiva jornada de viagem, e detrás transbordar um minúsculo reduto de casas que deviam pertencer à aldeia, divisamos as bicudas e rochosas Cuillin, a abrupta cadeia montanhosa, árida e pedregosa, que preponderava em todo o extenso vale. Supus que qualquer cabana, por isolada que estivesse, deveria estar perto de um rio, e decidi percorrer a ribeira do Brittle até dar com o lago que se cobria no possessivo abraço da serra.

Se algo podia culminar a selvagem beleza daquelas paragens era sem dúvida aquele céu de apertadas e esponjosas nuvens que filtravam oblíquos luminosos de um sol esvaído, projetando-se difusos em brilhantes rajadas verdes que percorriam as ladeiras alternando sombras e luz, como um foco que trocasse constantemente de perspectiva, conseguindo dar vida e movimento a uma paisagem já de por si impressionante.

Percorremos o curso do rio Brittle sem divisar uma só construção. Começava a me desesperar quando no topo de uma colina distingi uma espécie de bandeirola ondeante parecida em seu planalto. Adiantei-me ao galope até esse ponto e, conforme me aproximava, reconheci a camisa rasgada de Dante, manchada de sangue, agitada pelo vento e atada a um cabo.

Arranquei com rude violência aquele macabro sinal, lancei-a ao chão e descendi a colina inspecionando o terreno. Estava ali, perto, em algum maldito lugar recôndito. Cavaleguei em torno daquela colina, seguido por outros, e foi então quando descobri um pequeno desfiladeiro que a atravessava. Justo em sua entrada, uma cabana de pedra e de telhado de turfa se erguia coberta pelas altas paredes de rocha.

Detive meu cavalo, fixando a vista naquele ponto, ao tempo que sentia como a cólera que o amor tinha conseguido adormecer ressurgia em todo seu esplendor. Uma veia pulsou em minha têmpora e um azedo ódio pulsou meu coração. De soslaio, espionei a fugaz sombra de uma silhueta na saia da montanha, e descobri com horror que nos tínhamos metido totalmente em uma emboscada. Flanqueados por aquelas colinas, encontrávamo-nos expostos, com uma única saída para nossas costas, a entrada em forma de funil daquele desfiladeiro.

Nem sequer tive tempo de reagir. Um assobio cortou o ar a minha direita. Meu alazão se encabritou e, depois de mim, uns gritos de alerta ressonaram ocos contra os muros de pedra que nos rodeavam.

Disparavam-nos, apostados nas mesetas mais próximas, como se fôssemos pássaros apanhados em uma rede. Todos nos apressamos a escapar daquela armadilha, tocando a nossos cavalos. Cora se inclinava sobre o seu tentando dirigi-lo sem consegui-lo. O animal, assustado, ficou-se ancorado ao chão. Cavalguei para ela e açoitei com força a seus arreios na garupa, com o que obtive que se lançasse a todo galope para a saída. Os disparos assobiavam cortantes a nosso redor, acompanhados das gargalhadas toscas de nossos atacantes e do agitado relincho dos cavalos.

— Só deixaremos entrar a ti, cão sarraceno!

A voz do Stuart Grant do alto da colina chegou estrondosa e clara até nós.

— Se desejas recuperar ao moço, vem por ele! Despeça-te de seus homens ou todos morrerão!

Detivemo-nos na entrada do vale. Rosston gemia dolorido, uma bala lhe tinha atravessado o flanco esquerdo.

Apanhei o olhar angustiado de Cora, que negava visivelmente. Malcom e Duncan tão somente me contemplaram com gravidade.

— Irei sozinho! — Gritei com força.

Cora aproximou, alterada, seus arreios ao meu, me fulminando com um olhar furioso.

— Morrerá! — Murmurou com voz estrangulada.

— Lutarei por minha vida, mas não deixarei a Dante em mãos dessa maldita víbora.

Ela fechou os olhos, as lágrimas brotaram incontidas. Inclinei-me sobre sua cadeira, rodeei sua cintura e a transpassei a meu cavalo, depositando-a sobre meu regaço. Abraçou-se a minha nuca com desespero.

— Amo-te, mo ruadh, e sempre será assim. Não importa os infernos que tenha que atravessar para retornar a ti, encontrar-te-ei onde esteja.

Ela me olhou com o cenho franzido e expressão contrariada.

— Não te atreva a te despedir de mim, não permito isso, ouve-me? — Repreendeu com gesto furioso e voz tremente.

Acaricieei docemente sua bochecha, me embebendo de seu turvado olhar, e esbocei um sorriso tranquilizador.

— Não, nunca me despedirei de ti, porque te tenho gravada em minha alma. Voltarei, Cora, quando fechar este longo e escuro capítulo de minha vida. Só então terei algo que te oferecer.

Abraçou-me de novo envolta em amargos soluços, impregnados de medo e frustração. Rodeei-a com veemência, necessitado de seu calor, desse amor tão incomensurável que nos unia naquele invisível fio mágico e inquebrável.

Apartei-a brandamente e a olhei com intensidade antes de deixá-la de novo em seu cavalo. Ela emitiu um tênue gemido contrito, como se nossa separação tivesse rasgado parte de sua carne com uma ferida física. Eu me sentia de igual modo, temeroso, desolado e rasgado, mas era hora de retornar ao inferno, ou para ficar nele ou para fechar definitivamente suas portas.

— Aguardem na aldeia do Glen Brittle, voltarei com Dante e com a cabeça da korrigan come crianças.

Depois de um último olhar a Cora, parti a galope, rumo a meu destino em metade de um incendiário ocaso.

CAPÍTULO 42

No mais profundo do inferno

Na porta da cabana me aguardavam Stuart Grant, seu filho Andy e outro homem de aspecto inculto, com corpo de gigante e olhar atordado.

Desmontei e ateí as rédeas do cavalo a um penhasco próximo. Só levava meu sgian dubh, meu shamshir, minha experiência no combate de todo tipo e um poderoso ódio que hastearia com ferocidade.

Caminhei para eles com passo equilibrado e as costas reta.

— Tinha vontades de voltar a ver-te — afirmou Stuart me apontando com sua pistola de avancarga — tantas como de te apagar de minha vista para sempre.

— É curioso, cada vez encontro mais similitudes contigo. — Aduzi com olhar afiado — Ardo em desejos de te enviar com seu Brian, deve estar muito sozinho no inferno.

Grant grunhiu, mostrando sua enegrecida dentição. Seus olhos de gelo me atravessaram com profundo rancor.

— Por isso te mandarei com ele, para lhe dar um brinquedo com o que entreter-se. — Proferiu ameaçador — E agora, andando.

Cravou-me a boca de sua pistola no flanco, tirou-me o cinto e a adaga de minha bota e me empurrou impetuoso me impelindo a avançar.

A porta estava aberta e, dentro, uma alaranjada penumbra ocupava o interior. Atravessei o dintel de pedra e argamassa e entrei em uma única estadia ampla com tão somente duas reduzidas janelas a ambos os lados, fechadas com portinhas de madeira. A única fonte de luz provinha do fogo da chaminé que crepitava elevando-se no detestável silêncio, exclusivamente quebrado por nossos passos.

Uma poltrona decrepita e estragada encarando ao fogo do lar mostrava o perfil de uma mulher que parecia absorta nas chamas. O resplendor ígneo titilou em suas feições, lhe dando uma aparência mais demoníaca se isso acaso era possível.

Todo meu corpo reagiu ante sua presença com uma marcada sensação de profunda repulsa, enfeitada com uma aguda pontada apreensiva e uma transbordante animosidade que os anos não tinham conseguido sufocar.

Lorna ficou em pé com parcimônia para voltar-se para mim. Tinha trocado notavelmente seu aspecto. Estava mais murcha e deslustrada, tinha perdido peso, seu castanho cabelo descuidado e murcho, solto sobre os ombros, cabelos brancos como a neve. Entretanto, seus acerbados olhos continuavam refulgindo com a mesma maldade que os caracterizava, mantendo esse rosto rígido e frio carente de toda humanidade em seu gesto.

— Converteste-te no homem que imaginei que seria.

Percorreu-me com os olhos, e só o contato visual arrepiou todo meu corpo.

— Alto, fornido, formoso e feroz.

— Onde está? — Limitei-me a proferir com impaciência.

— Está bem custodiado, mas lhe entregarei isso se cumprir meus desejos.

Fez um gesto a seus homens, que se apressaram a abandonar a cabana.

— Poderia te matar agora mesmo — asseverei com dureza.

— Mataria ao moço nesse caso, e sei que o aprecia.

— O que quer de mim?

— Quando me informaram de sua volta, alegrei-me porque sabia que viria a meu encontro. Mas quando te entrincheirou no Mull, temi que desistisse. Tive que procurar um incentivo para te atrair até mim.

— Já estou aqui — espetei contido.

Ela assentiu. Sua boca perfilou um sorriso sibilina.

— Imaginei este momento muitas vezes, sabendo que me impressionaria. E, na verdade, sua presença é imponente. Saber que parte deste grande homem no que te converteste se deve a minha intervenção me enche de orgulho.

Apertei os punhos e estiquei a mandíbula, olhando-a com fundo desprezo.

— Inclusive sabendo que degolei a seu filho como a um porco? — provoquei.

Ela não mudou o rosto, nada em sua expressão trocou.

— Inclusive sabendo isso — reconheceu ante meu estupor— inclusive sabendo que hoje morrerei de sua mão.

Sustentamo-nos o olhar um instante. Sua serenidade me perturbava mais que os homens armados que aguardavam fora.

— Se me entregar a Dante, isso não passará — menti, embora naquele momento soube que um dos dois não seguiria vivo depois desse dia.

— Entregarei — conveio isso — quando satisfizer um capricho.

Estiquei-me como a corda de um alaúde e me agitei nervoso, esperando sua petição.

— Dispa-se. Quero contemplar minha criação.

O cruel olhar da Lorna refulgiu de impaciência e desejo.

— Eu não sou sua criação. Você foi meu verdugo, como eu serei hoje o teu.

— E isso nos une, Lean — continuou quase em tom reverencial —, como poucas coisas neste mundo. Dizem que o amor cria laços eternos, que une almas e funde espíritos. Mas também a maldade forja vínculos inquebráveis, é uma conexão tão imperecível como o amor verdadeiro. Porque o ódio ata quase mais que o amor. Você não parou de me odiar durante os quatorze anos que viveste longe daqui, e agora esse ódio resplandece em seus formosos olhos tão crepitante como então. Estamos unidos por sentimentos venenosos e escuros, nossas almas se enlaçaram como a hera venenosa sobe um muro, filtrando-se por cada fresta até perfurá-lo, até o ponto de converter-se em um mesmo ente. Se a hera perecer e cair, o muro cai com ela, e à inversa. Você é meu muro, e já é tempo de que caíamos ao lugar onde pertencem nossas almas: ao mais negro inferno.

— Sempre soube que a loucura turvava sua mente, porque ninguém em seu são julgamento podia alcançar semelhantes cotas de crueldade. É tão somente uma mulher perturbada, sádica e maléfica que divaga necessidades. Jamais fui teu, nem sua obra, nem te devo nada. O que sou é justamente apesar de ti. Em efeito, irá ao inferno, mas não comigo, mas sim por minha mão.

Lorna me observou com uma expressão intrigante e urgente que me desgostou ainda mais. Um gélido sorriso adornou seus lábios com um deixo orgulhoso.

— Tire a camisa, Lean. Quero ver suas marcas. Depois te levarei com Dante.

Abri o alfinete de meu broche, soltei a tira de plaid que me passava pelo ombro e a parte de tecido caiu por detrás. Tirei as abas de minha camisa com gestos bruscos e me tirei isso pela cabeça lançando-a ao chão.

— Soberbo! — Elogiou gostada muito, acariciando minha pele com o olhar — Esses desenhos realçam meu desenho. O broche da árvore ficou esplêndido. — Contemplava-me com tão entristecedora gratidão que senti náuseas — Deveria agradecer tudo o que fiz por ti — prosseguiu imersa em sua loucura — Eu te converti no que é, em todo um guerreiro, em alguém diferente do resto, em um sobrevivente. Combateu contra a morte e o horror

que semeei em sua alma e conseguiu sair adiante sem perder o julgamento nem a humanidade. Seu coração é mais puro que o de nenhum outro. Mas, mesmo assim, está condenado. Todo este tempo lutaste contra o veneno que eu mesma inoculei em seu interior, conseguindo contê-lo. Mas está aí, — assinalou com o dedo indicador meu peito—encerrado em uma bolha esperando que eu a arrebeite pela última vez. Chegou esse momento e, embora tenha que me sacrificar com isso, bem vale entregar sua alma ao diabo, pois será nosso melhor alistamento.

Sua desenquadrada expressão, seu olhar exaltado e seu rosto entusiasmado punham de manifesto a demência de sua perturbada mente. Percorreram-me insidiosos calafrios e uma pesada opressão se instalou em meu peito.

— Onde está Dante? — Insisti com olhar letal me aproximando dela.

Lorna me contemplou extasiada e obnubilada.

— Desprende tal poder, Lean... É magnífico inclusive em seus movimentos.

— Onde?! —bramei alterado e impaciente.

Cravou os olhos em meu torso, subjugada pelos washamm que o percorriam em intrincados desenhos. Continuando, elevou a mão para acariciá-los e eu retrocedi enojado. Repugnava-me seu contato.

Lorna me dedicou um sorriso malévolo.

— Quero te tocar, quero sentir seu poder.

Apertei os dentes e inclinei o rosto ante sua proximidade. Ela deslizou a ponta de seus dedos sinuosamente sobre minha pele. Observar seu prazenteiro gesto, excitado e escuro, despertou um azedo rechaço em mim.

— Tão formoso e feroz como um leão. Sempre admirei sua fortaleza, seu valor, sua rebeldia. Sempre teve madeira de líder, de vencedor, por isso me obcecava em te dobrar, resultava toda uma provocação.

Agarrei-a pelos ombros e a separei de mim de um tranco que a fez cambalear uns passos para trás. Não obstante, não perdeu o sorriso.

— Não volte a me tocar, maldita.

— Poderia te haver matado aquele dia, — recordou, seus pequenos olhos cinzas entreabrindo-se excitados— mas procurei não danificar nenhum órgão vital. Só queria te arrebatrar a humanidade, te despojar de qualquer sentimento puro e nobre que ainda pudesse albergar em seu coração, liberar o negrume que acumulava a cada dia graças a

mim. Queria ver sair ao demônio que leva dentro. Mas foi resgatado e meu gozo se truncou. Esta vez, ninguém nos interromperá.

Não sabia do que falava nem tinha intenção de seguir escutando-a. Pus-me atrás dela, aforcei com força seu pescoço com meu antebraço e a sujeitei pela cintura.

— Leve a Dante, maldita víbora, ou te esfolarei com minhas próprias mãos.

Comecei a pressionar asfixiando-a, ela conseguiu regurgitar um “sim”, e afrouxei minha presa.

Stuart e seus homens se precipitaram ao interior da cabana me apontando com suas armas.

— Baixem as armas — pediu Lorna, tossindo em busca de ar — e devolvam as suas.

— Isso seria uma temeridade — replicou Stuart com desconcerto.

— Ainda contam com a vantagem das armas de fogo e são três contra um — disse ela.

Stuart me lançou a shamshir e o sgian dubh, que recolhi tão confuso como eles. Quando fui pôr a camisa, Lorna me impediu.

— Está bem assim. — Afirmou sem poder ocultar sua impaciência — Vamos, Dante nos espera.

Saí atrás dela empunhando meu shamshir e contendo as vontades de afundá-la em suas costas.

Enfiamos para a parte traseira da cabana, onde pude distinguir uma abertura na rocha. Depois de mim, foram os Grant e o gigante, empunhando suas pistolas.

A cada passo que dava, uma sensação angustiosa agitava meu estômago. Algo em meu foro interno me gritava que escapasse dali. Um alarme tilintou ominosa em minha mente aguçando todos meus instintos, e cada um de meus músculos se esticou me mantendo em guarda, dispostos a atuar.

A cova estava iluminada por tochas. Um denso e familiar aroma ferroso me alarmou acelerando meu pulso. O eco dos passos ressonava no interior do vazio. Entretanto, algo mais pulsava naquele lugar, algo tenebroso e maléfico. Uma insidiosa sensação de perigo pesou no ambiente. Apenas me dava conta de que estava contendo o fôlego, detento de um temor primitivo.

Quando giramos a primeira curva, o que vi ali me esfaqueou a alma, fazendo-a farrapos.

Dante estava preso a umas madeiras cruzadas em forma de “X”, tão somente com as calças postas, tão coberto de sangue que mau conseguiu adivinhar o emaranhado de cortes e lacunas que alagavam seu jovem corpo. Tinha a cabeça inclinada sobre o peito e o escuro cabelo pegajoso de sangue. Permanecia lasso e inerte. Corri para ele, completamente fora de mim. Tomei sua cabeça entre as mãos e retirei com estupidez as ressecadas mechas aderidas a seu rosto. Estapeei suas bochechas com desespero e o sacudi, enquanto me trabalhava em excesso em cortar as cordas que o prendiam aos madeiros. Reparei então em duas manchas mais escuras, quase negras, que ressaltavam sobre o resto: uma em um flanco, que denotava a entrada de uma adaga em sua carne; a outra, em seu entreperna.

Gemi quebrado e voltei a sacudi-lo, já convexo no chão. Tinha o rosto arroxeadado e os lábios azuis, nenhum fôlego parecia brotar já deles.

— Dante..., pequeno..., já estou aqui — proferi em um lamento estirado e agônico que me rasgou a alma — Vim por ti.

Sacudi-o de novo entre abruptos soluços que se atropelavam em minha garganta.

— Por favor..., rogo-lhe isso..., abre os olhos...!

Comecei a tremer violentamente, quis limpar seu sangue, enfaixar seu maltratado corpo, mas os estremecimentos, a dor e a ira embotavam meus sentidos. Era incapaz de coordenar os movimentos de minhas mãos. Senti que algo se rompia em meu interior me queimando por dentro, como se um ácido corrosivo roesse cada parte de meu ser, como se me arrancassem a alma e despedaçassem meu corpo.

— Dante..., acorda..., desperta...!

O pequeno continuava inerte, tão frio como a pedra onde repousava seu corpo. “Não. — Repetia sem cessar em uma ladainha interminável que desgastava meu já escasso julgamento — Não pode estar morto...”

De joelhos sobre seu corpo, tomei entre meus braços, acomodando-o em meu regaço. Comecei a embalá-lo, quebrado de dor, sumido em um amargo pranto e devorado pelas dentadas de uma cólera crescente.

— Passamos muito bem juntos — aduziu Lorna — lástima que não seja tão resistente como o foi você.

Essa bola de fogo que se desatou em meu interior estalou com força demolidora. Elevei o rosto e emiti um alarido rasgado que me rompeu por dentro em lugar de liberar a fúria que me sacudia implacável. Deixei o corpo de Dante no chão e me pus em pé, tremendo detento da ira.

Já não era um homem, era um demônio.

Meramente fui consciente do sorriso triunfal da Lorna quando me equilibrei sobre ela. Ouvi um disparo e me virei para o lugar de onde tinha provindo como um animal enjaulado, fora de mim.

Stuart Grant se interpôs em meu caminho, uma baforada de fumaça saía de sua pistola. Capturei-o com uma só mão no pescoço e o levantei sobre o chão para estampá-lo contra a parede de rocha. Com a outra mão, extraí minha adaga e comecei a afundá-la em sua entreperna enquanto ele grunhia como um animal selvagem. Uma e outra vez, apunhalava sob o ventre sem deixar de olhá-lo aos olhos. Seu olhar vidrado e seus gritos de dor não frearam meus ataques.

Uns fortes braços me arrancaram então de seu corpo. Girei-me veloz riscando um arco com a adaga e abrindo em canal as tripas do Andy Grant, que me contemplou impávido e apavorado. Um punho impactou contra meu flanco me cortando o fôlego, caí de joelhos e o gigante começou a me chutar com força. Consegui desencapar a shamshir, mas de outra patada me arrebatou isso. Rodei em sua busca, esquivando torcido de meu atacante. Entretanto, quando quis me incorporar, meu corpo não respondeu como deveria. Olhei meu torso: uma grande mancha vermelha se estendia por ele, proveniente de um orifício circular perto da clavícula. Grunhi e me pus em pé cambaleante, já com a espada na mão. Meu oponente lançou uma estocada que esquivei no último instante. O movimento me enjoou e me desabei de novo. Sacudi a cabeça, aturdido, apertei os dentes e grunhi carregando contra ele. Cruzei meu aço com o seu em um pulso que dobrava meu braço e minguava minhas forças. Uma e outra vez, sorteava seus lances, até que consegui desarmá-lo em um hábil golpe de punho. Joguei-me sobre ele afundando a cabeça em seu ventre e derrubando-o ao chão. Ali, comecei a golpeá-lo com os punhos até que ouvi o ranger de seu nariz, mas não me detive. Inclusive inconsciente segui golpeando-o com tanta sanha que logo todo seu rosto se cobriu de sangue.

Ofegante e dolorido pus-me em pé, agarrei a espada e lhe fatiei o gogó. Olhei então em redor e descobri como Andy gemia tortuoso enquanto tentava meter as tripas em seu aberto ventre. Logo morreria, e envolto em uma dor atroz. Stuart Grant agonizava perto de onde o fazia seu filho. Um imenso atoleiro de sangue se estendia debaixo dele. Aproximei-me arrastando os pés.

— Não vou... te matar — murmurei entrecortadamente — O farão... seus amigos os ratos. Nesta cova deve haver muitos, e me entreterei nas buscas.

Cuspi-lhe com desprezo e olhei a Lorna, que permanecia em um rincão me observando com uma expressão indecifrável.

— Eu também sei desenhar — acrescentei me dirigindo a ela.

Apenas esboçou um sorriso perverso antes que eu deslizasse com tato o curvado fio de minha espada de lado a lado, abrindo uma fina brecha em diagonal em seu torso. Lorna se sobressaltou, exalando um ofego ao tempo que retrocedia. Eu avancei outro passo e novamente deslizei minha folha sobre ela riscando outra diagonal cruzada. O sangue começou a tingir seu vestido. Sem deixar de olhá-la, derramei nela todo meu ódio. Não tive em conta que era uma mulher, pois via com clareza seu interior: ela era uma besta desumana, um feto maléfico, um ser desumano e sádico que só sabia semear torturas e morte.

Apanhei sua nuca e a aproximei para olhá-la aos olhos.

— Unidos no inferno, porque penso te atormentar por toda a eternidade.

Esbofetei furioso suas bochechas, ela gemeu, e não de dor. A fúria me sacudiu com mais força. Arrastei-a para os madeiros onde tinha estado Dante e a preguei a eles sujeitando-a do pescoço.

— Não chegou a tempo. Você matou a esse moço arrastando-o a sua vingança — acusou.

Descarreguei nela tão feroz murro que seus olhos ficaram em branco um momento, seu rosto empalideceu e a lassidão começou a rendê-la.

Voltei a esbofeteá-la com sanha para avivá-la. Ela piscou repetidas vezes tentando focalizar o olhar.

— Não imagina como estou desfrutando vendo sua transformação. Aí — um brusco acesso de tosse a fez cuspir sangue e um dente, tomou uma grande baforada de ar antes de continuar— frente a mim, coberto de sangue, convertido no demônio que eu mesmo criei. É mais formoso do que nunca sonhei.

— Cale-se! —Gemi, soluçando.

— Eu morrerei, mas você vem comigo. Porque nunca poderá apagar de sua mente nem de seu coração sua selvageria com uma mulher indefesa. E esses remorsos lhe gritarão que é um demônio.

— Você não é uma mulher! É um ser abjeto, uma assassina cruel e desumana que rapta meninos e os tortura até a morte!

— Também sabe que não fui quão única participou de sua tortura. Todos aqueles que se cruzaram de braços obstinados a absurdas justificações, que viram seu sofrimento e não moveram um só dedo para te arrancar dele são tão culpados como eu.

— Basta! — Gritei cuspidando minha fúria, sacudindo-a com rudeza.

Lorna escrutinava minha expressão com semblante de malévola complacência.

— Não esqueça, Lean, que todo aquele que ame morrerá agonizando de uma maneira ou outra, porque está detento de uma maldição que se cumpre. Todo aquele que se aproxima de ti morre.

— Cale-se, cadela!

Golpeei-a de novo, me sentindo tão aliviado como miserável.

— E sempre será assim — resmungou ofegante. Uma careta demoníaca brilhou em seu ensanguentado rosto, seus olhos refulgiram vivazes — embora eu já não esteja neste mundo. É um homem condenado, e o será enquanto vivas.

— Fecha a boca, maldita!

Outro murro girou seu rosto com brutalidade.

— A tragédia te perseguirá lá aonde vá — resmungou com voz entrecortada — seus seres queridos sofrerão uma desgraça atrás de outra. Sua vida será uma cadeia interminável de torturas. Ponha fim a eles de uma vez.

Agarrei-a pelo pescoço e comecei a sacudi-la contra a união em cruz das madeiras, golpeando-a contra eles sem parar.

— Te odeioooo... — Gemi entre lágrimas.

Os soluços me quebraram, deixando meu interior em ruínas. Aquele sentimento fustigou minha alma como uma língua de fogo, aniquilando até o mais mínimo matiz de humanidade que ficava.

Em seu atordoamento, ela conseguiu abrir os olhos e os lábios para proferir suas últimas palavras.

— Eu não..., Lean, eu... venero-te. — Sua voz rasgada foi como um gorgolejo agônico — Serei sua serva para toda a eternidade..., me entrego, meu senhor.

Seu magro pescoço se quebrou entre minhas mãos, como se parte o ramo de uma árvore, com um suave rangido seco. Seu corpo pendeu lasso, já sem vida. Seus olhos abertos, vácuos e fixos em mim, pareceram me olhar com um brilho triunfal.

Deixei-a cair, desancando-se como uma boneca de trapo.

Cambaleante, dando tropeções e esmigalhado em corpo e alma, avancei até o corpo de Dante e tomei em meus braços.

Procurei um rincão e me sentei no chão com ele em meu regaço. Acariciei seu cabelo com o olhar perdido, lhe sussurrando que logo estaríamos juntos, e que então sim cuidaria dele.

Estava coberto de sangue, mutilado e quebrado, e amaldiçoei furioso minha resistência. Quanto mais procurava a morte, mais parecia me evadir. Deveria ter morrido aquele maldito dia, de uma maneira ou outra. De ter sido assim, nem Dante estaria agora morto nem Ayleen sofreria, inclusive era possível que Alaister tivesse podido se apaixonar por Cora, de topar-se com ela. Tudo teria encontrado seu lugar sem mim.

Não sei o tempo que passei assim, mas a luz das tochas começou a desvair-se. Ainda ressonava algum sufocado lamento de agonia, a destilação da água gotejando das rochas do teto, o apagado e longínquo chiado dos ratos e o pesado silêncio da desolação. O aroma do sangue se impunha à rançosa nota de umidade do ambiente, mas era a pestilência da morte o que realmente reinava a meu redor, densa e acre.

— Vem por mim, malditaaaaa!!! —gritei desmedido, liberando toda a raiva que me estrangulava.

A luz morreu, os sons se apagaram naquela ominosa escuridão, e só ouvi já um rumor: meu esmigalhado pranto.

CAPÍTULO 43

Uma rosa entre espinheiros

Despertava da inconsciência em angustiantes intervalos nos que a confusão reinava em minha cabeça com um matagal de imagens insanas que me faziam gritar e me debater. Uns braços estavam acostumados a me conter e uns sussurros aquietavam meu ânimo até que, novamente, o torpor me levava a pesadelos dantescos que me agitavam em sonhos convulsos.

Aquela manhã consegui amanhecer espaçoso e olhei ao meu redor com estranheza.

Estava em uma cabana decrepita. O telhado de feno seco se deteriorou até o ponto de mostrar grandes buracos pelos quais se filtrava uma luz acinzentada e tênue. Uma das paredes estava metade desmoronada, justo a que tinha albergado a chaminé, deixando ver verdes ladeiras. O chão era de terra aplanada e carecia de porta. Uma fogueira crepitava no centro, alimentada por ramos e folhas secas. Uma mão a removeu com uma larga vara, arrancando faíscas incandescentes que flutuaram pela estadia como se pequenas ninfas vermelhas revoassem entre as chamas.

Uns olhos de um peculiar tom água-marinha se cravaram escrutinadores em mim.

— Como te encontra?

Não respondi, tão somente a observei sem mostrar nenhuma expressão.

— Leva dias delirando.

Ficou em pé e se aproximou de mim. De joelhos, inclinou-se sobre meu corpo. As pontas de suas largas mechas fizeram cócegas em meus ombros. Posou a mão em minha frente e assentiu agradada.

— A febre baixou. Deve comer algo para recuperar as forças.

Sorriu docemente, acariciando minha bochecha com carinho. Apartei o rosto, girando-o com veemência para o muro.

— Me deixe sozinho!

— Não, não o farei.

— Não te necessito, não necessito a ninguém, nem nada. Te afaste de mim.

— Nunca fui obediente, já sabe, Lean.

Voltei-me para olhá-la e cravei nela uns olhos duros e frios.

— Então, me dê de comer de uma maldita vez para poder ser eu o que me afaste.

Ayleen compôs uma careta doída que imediatamente se permutou em um gesto furioso e ofendido.

Levantou-se ofuscada, dirigiu-se para uma esquina e, bufando, inclinou uma marmita sobre uma tigela de madeira, enchendo-a do que parecia sopa. Ato seguido, deixou-a a meu lado no chão e voltou para seu lugar junto ao fogo.

— Se tem forças para ser um cretino, seguro que também as tem para tomar a comida você sozinho.

Incorporei-me trabalhosamente e, com olhar carrancudo e gesto áspero, agarrei a tigela, ignorando a dor que se estendia pela parte alta de meu peito até o ombro direito, e a aboquei contra meus lábios. Sorvi com vontades o fumegante caldo, me sentindo reconfortado quase imediatamente. Esvaziei-a e tentei me pôr em pé. Não o consegui e decidi me tombar de novo. O sobre-esforço me tinha enjoado e a cabeça me dava voltas.

— O que faz você aqui?

— Recebemos uma missiva estando já no Kisimul. Era de Cora, pedia-nos que fôssemos a sua ajuda, nos informando do rapto de Dante e de que partiam do Mull para o Skye em busca da guarida da Lorna.

Seu olhar se empanou compungida ante a menção do pequeno. Eu estiquei o rosto como se me tivessem dado um murro.

— Nem Alaister nem eu, duvidamos um instante. Acudimos ao Dunvegan sem perda de tempo.

— É exatamente o que você perdeu, o tempo.

Ayleen me fulminou com o olhar e agarrou de novo a vara de salgueiro para atizar o fogo em gesto veemente.

— Tiramos-lhe dessa maldita cova ensanguentado e delirante. Parecia uma besta que só sabia grunhir. Alaister teve que te dominar para poder te tirar dali. Passaste vários dias inconsciente, sumido em uma letargia horripilante, como se lhe estivessem torturando. Alternava momentos de paroxismo violento com amargos prantos. Cheguei a pensar que tinha enlouquecido sem remissão.

— Deveriam me haver deixado morrer — aleguei com descuido.

— Seu egoísmo me enfurece. — Clamou Ayleen irada— Não te importa a gente que te aprecia? Acaso te paraste a pensar em nossa dor ante sua morte? Sei que não me quer, mas e Cora? Tampouco lhe importam seus sentimentos, condená-la a uma vida sem ti, quando já lhe entregaste seu coração?

— Precisamente porque me importam, devo permanecer longe de suas vidas.

Ayleen soprou exasperada, quebrou um ramo entre as mãos me olhando com rancor e o lançou ao fogo.

— Assim que possa me pôr em pé, irei longe daqui.

— Deveria retornar a Sevilha, embora se ouçam rumores sobre um broto de peste por essas bandas.

— Não temo à morte — murmurei.

— Seja como for, deve fugir daqui. Os homens do Argyll, junto com um destacamento inglês, chegaram faz uns dias ao Skye. Estão percorrendo os bosques do Glen em sua busca.

Contemplei-a inquisitivo, me incorporando de novo. A manta se formou redemoinhos em torno de meus quadris. O olhar do Ayleen passeou encantado por meu torso nu, deslizando-se até meu resistente ventre. Logo apartou turvada a vista, centrando-a na fogueira.

— MacLeod descobriu que foi um fugitivo e deu parte ao Argyll. — Explicou— Os parlamentares ganham cada batalha, as forças realistas estão perdendo a guerra e os clãs menos implicados tomam partido em pró do vitorioso para ganhar favores. Além disso, a recompensa que oferecem por sua vida não é nada desdenhável.

Somente assenti, indiferente. Apalpei com cuidado a vendagem que rodeava meu ombro ferido e tentei movê-lo em círculos. Doía-me, mas era bastante suportável. Meu peito estava cheio de manchas de sujeira e sangue, sentia o cabelo pegajoso e sujo e cheirava horivelmente mal.

— Só pude te lavar a ferida. — Justificou ela, ainda com as bochechas avermelhadas — Estava tão sujo de sangue que temi mais danos.

Apoiei-me lateralmente no muro de pedra contemplando pensativo as verdes pradarias que se vislumbravam através do vazio. Aquele tom brilhante trouxe uns olhos a minha memória. Imediatamente apartei a ideia de minha cabeça. Pensar nela me fazia mal, e mais quando já não havia futuro algum para nós. Os ingleses me perseguiram, igual à

tragédia, era questão de tempo que ambos me dessem alcance. E Cora... merecia outro destino, e outro homem.

Cora..., já nem sequer era decoroso que pensasse em seu nome. Eu já não era o homem que tinha conhecido, a não ser tão somente uma besta escondida em um corpo humano, disposta a liberar sua ferocidade no momento mais inesperado. Como bem havia dito a víbora, tinha conseguido fazer estalar a borbulha que continha meu ódio, e agora o veneno do ressentimento e a fúria percorriam minhas veias, mesclados já com meu sangue, formando parte de mim.

Agora via em realidade quem era eu, já não podia me enganar visionando um futuro promissor com ela. Pois unicamente havia uma verdade entre nós, que eu era um homem condenado, detento de uma maldição que só acabaria com a minha morte, sob pena de fazer sofrer a quantos estivessem a meu redor. Nisso Lorna havia dito a verdade. Só terei que examinar minha vida para ver como minha tortura acabava perseguindo a aqueles que me queriam. Se algo bom podia fazer por eles era me afastar e, em respeito a isso, só havia um destino possível.

Então, e como se uma rajada de luz branca e brilhante se abrisse em minha mente, a solução se desenhou com precisão em minha cabeça, riscando com clareza o plano que devia seguir.

— Equivoquei-me — proferi dirigindo minha atenção a Ayleen.

Ela me olhou intrigada e se encolheu de ombros.

— Sim, preciso de ti — esclareci ante sua estupefação.

— O que precisa é um banho, mas amanhã. Além disso, será bom para você se cercar de fadas.

Contemplei-a confuso e ela me sorriu misteriosa.

— Também necessito de Alaister, são minha última esperança — acrescentei.

— Não sei o que irá tramar essa cabeça dura tua, mas não te asseguro nada.

— Terei então que te convencer — murmurei ladino.

Ayleen se recostou contra o muro envolta em sua capa, me observando perspicaz.

— Não duvido de seus dotes persuasivos, nem de seus muitos encantos, aos que, por desgraça, sigo sendo muito suscetível, mas já te adianto que ou o plano é de meu agrado ou não conte comigo.

O primeiro impedimento em meu plano era ela. E, como tal, fixei-o como uma provocação.

Recostei-me de novo e me cobri com a manta.

— Onde está Alaister?

— Na aldeia do Carbost, consolando Cora.

Uma aguda pontada de ciúmes me atravessou de um extremo a outro. Repetir que eu já não formava parte de sua vida não aliviou o desgosto que sentia sabendo que logo outro homem a estaria abraçando.

— Partiu faz dois dias para informar do ocorrido. Quando retornar, riscaremos sua fuga do país. Temos que colocar Cora e a ti em um galeón quanto antes.

— Não vou fugir. — Anunciei com firmeza. — O lugar de Cora está aqui. Este é seu lar, aqui está seu pai e sua família. Ela deve partir para o castelo do Kilchurn e acolher-se sob o amparo do Colin Campbell, seu verdadeiro pai.

Ayleen abriu a boca mudada e me observou incrédula.

— É filha do Colin Campbell?

— Com toda probabilidade — respondi terminante.

— E você que demônios pensa fazer?

— Negociar minha morte e ajustar contas com meu tio.

Contemplou-me como se tivesse perdido o julgamento, abria e fechava a boca sem saber o que dizer. Seus olhos se aumentaram atônitos e seu olhar se contraiu angustiado.

— Definitivamente perdeste o juízo — aduziu inquieta.

— Nunca tive a mente tão clara como agora.

— Não conte comigo para semelhante empreendimento — antecipou furiosa.

— Em tal caso, terei que procurar ajuda em outra parte, porque te asseguro que não retrocederei em meu empenho.

Ayleen me observou com ácido ressentimento.

Imerso em meus pensamentos, contemplei o pôr-do-sol pintar de fogo o horizonte, e agradei a morna carícia em meu rosto de um sol acobreado e lânguido.

— Nunca vi um entardecer mais formoso que através do âmbar de seus olhos. — Espetou Ayleen subjugada, apesar de que desde sua posição não podia vê-los. — Não me peça que seja participante de apagá-los.

Olhei-a um longo instante com semblante impávido, embora sendo plenamente consciente da tormenta emocional que havia em seu interior.

— Não me peça que siga vivendo uma vida maldita. Você melhor que ninguém sabe tudo o que suportei, já é tempo de terminar com isto.

— Lorna e os Grant já não estão neste mundo — replicou ansiosa — encontrou o... amor. Só fica a saltar um último obstáculo: escapar das redes do Argyll.

— Outras redes estenderão seus fios sobre mim ou sobre os que estejam a meu lado. Isto tem que acabar já.

Seu olhar se nublou enquanto negava com a cabeça uma e outra vez.

— As visões se cumprem, Ayleen, não o vê? A minha se cumpriu, e a tua logo o fará.

— Não, impedirei que se cumpra! Embora tenha que te atar eu mesma e te colocar como um fardo em um casco de navio de carga.

— Com sua ajuda ou sem ela, conseguirei meu objetivo — assegurei concludente.

As sombras se alargaram e a noite não demorou em estender seu perlado manto. Fechei os olhos, afiançando minha decisão e ultimando em minha mente cada detalhe. E, assim, o sonho me levou de novo ali aonde os demônios esperavam para me venerar.

Caminhei, ainda débil, entre umas paragens do sonho.

As nuvens mais baixas, espessas e níveas velavam as cúpulas das colinas, acariciando suas ladeiras com sutis beijos suaves que pareciam querer fundir-se com o chão em um ato de entrega mútua.

Segui Ayleen até um entorno de beleza onírica, onde um brioso rio se abria em pequenas cascatas que confluíam em poças de rocha. A água era tão cristalina que podia contemplar-se com nitidez o verde musgo do fundo e as pedras de diferentes tamanhos e cores que o povoavam. Os tons turquesas refletiam a esponjosidade de um céu nublado, realçando o misticismo daquele lugar.

— É a poça das fadas, — anunciou ela, admirando extasiada o grande charco rodeado de rochas dedilhadas pelo ocre dos líquens e o verde do musgo — aqui nadam toda sorte de criaturas mágicas. Dizem que a água tem poderes curativos, que outorga distração à alma e reconforta o espírito.

— Conformo-me com que limpe meu corpo.

— Sempre tão pragmático — burlou.

Sorri, envolto em minha manta, sem nada debaixo que cobrisse meu corpo, e logo a deixei cair impudico a meus pés. Ayleen me contemplou sem reparo no rosto, mas sim com um claro matiz ofegante que delatou o desejo que sentia por mim.

Introduzi-me naquelas limpas águas, sentindo seu frescor como alfinetes em minha pele. Quando me cobriram os quadris, entrei nelas bracejando, me inundando naquela pureza líquida que tão somente com sua beleza conseguia não só arrastar a sujeira de meu corpo, mas também parte de minha alma.

Nadei detento de uma paz inusitada. Ao cabo, girei-me e flutuei imóvel de barriga para cima me deixando arrastar pela corrente, riscando alguma braçada preguiçosa para sentir como a água acariciava meu corpo. Contemplava o céu com a água circundando minha cara e estendendo meu comprido cabelo negro como os ondeantes tentáculos de um polvo. Respirei fundo e fechei os olhos, me deixando levar pela serenidade daquele lugar, quase podia sentir sua magia.

Depois de um longo e contente instante, dirigi-me para as cascatas para completar meu asseio. Pus-me em pé sob a cortina de água e gemi de prazer elevando o rosto. Sabia-me observado pela Ayleen e, quando a busquei com o olhar, encontrei-a percorrendo os irregulares penhascos de pedra com a vista fixa em mim. Arrojou algo perto de onde eu estava, que começou a afundar-se para o fundo.

— Não é de mirto, mas te servirá igual.

Lançou o bloco de sabão, capturando-o a metade do percurso. Dei de presente um sorriso agradecido e, de novo sob a cascata, com a água pela cintura, comecei a esfregar meu corpo, gerando espuma. Lavei minuciosamente minha juba, meu rosto e cada curva de meu corpo ante os ardentes olhos do Ayleen. Logo lhe dava as costas e me enxaguei sob a suave corrente de água.

Nadei para a borda e saí da poça em direção ao lugar onde tinha deixado a manta. Ayleen chegou antes que eu e a elevou para mim. Deixei-me envolver por ela, sustentando seu intenso olhar, carregado de escuros desejos carnis. Vi um claro oferecimento em seu semblante, mas meu corpo só desejava a uma mulher, que agora era consolada por outro homem.

— Se houvesse algum feitiço mágico que pudesse me outorgar seu amor, prová-lo-ia. De fato, quando a druidhe me deu o pendente e me explicou o ritual que devia executar no Púlpito do Diabo era justamente para te conseguir. Depois, as circunstâncias me

levaram a esse lugar para pedir a liberação de meu irmão e seus homens. Mas a ideia original era essa: obter seu amor. Sou uma iludida, verdade?

— Não o é, simplesmente deseja algo que não te convém. Que não te conceda é em realidade um favor de seus deuses.

Rodeei a manta ao corpo e me afastei dela rumo à cabana. Tinha frio e o pedregoso trajeto machucava meus pés.

Detive-me pouco antes de chegar e me sentei no alto de uma rocha próxima ao rio. Encolhi as pernas, me abraçando os joelhos, rodeando a manta em torno de meu corpo, e perdi a vista no horizonte.

— Às vezes te vejo como uma rosa negra em metade de um emaranhado espinheiro, tão formoso como inacessível.

— São esses espinhos que me rodeiam que impedem que alguém se aproxime sem ser ferido. E é um espinheiro venenoso, além disso. — Murmurei. — Mas sabe o mais curioso? Que esse espinheiro parte das mesmas raízes da rosa, unidos em um único destino. Não se podem separar porque não são a não ser os mesmos espinhos da flor que cresceram até ocupar todo o jardim. Eu sou minha própria maldição, e só eu posso erradicá-la.

— Lean, não pode morrer, não agora, que terá uma nova razão para viver. Pode trocar seu destino, possivelmente essas visões sejam precisamente augúrios aos que podemos nos antecipar.

Uma grácil e pálida mão se posou em meu ombro e o oprimiu ligeiramente.

Observei-a com incredulidade, indagando em seus olhos.

— A que nova razão te refere?

— Evitei um detalhe quando te contei minha visão. — Baixou um fugaz instante a vista antes de me olhar de novo com expressão indecisa. — Nela vi Cora no topo de um escarpado, vestida de negro, chorando silenciosa. Sua silhueta se recortava contra a imensidão de um ocaso..., e se acariciava o volumoso ventre em atitude maternal.

Abri desmesuradamente os olhos e neguei com a cabeça.

— Isso... é impossível... mas, embora não o fosse... não seria meu.

— É teu, Lean, tenho essa certeza cravada no coração como um dardo ardente.

— Não pode ser, eu...

— Reparaste se ela... sangrou estas últimas semanas?

Não recordava nenhum sangramento, mas tampouco podia ter a certeza de que não os tivesse havido.

— Tive relações regulares com as mesmas mulheres e jamais ficaram prenhes — aduzi confuso.

— O milagre da vida é caprichoso, Lean.

Fechei os olhos abatido e compungido.

“Um filho” pensei. Deus santo era isso possível? E então soube que, apesar da dureza de minha infância, de todos os patifes que me atingiram e de todo o sofrimento vivido, se aquilo era certo, sem dúvida era o golpe de graça. Nada desejaria mais que criar a meu filho junto à mulher que amava. Renunciar a eles por afastar os de minha desgraça era, com muito, o mais duro que teria que confrontar.

Senti o coração sangrando e a alma em carne viva, me debatendo duramente sobre o miserável de abandoná-los e a necessidade de protegê-los. E essa luta me rasgava por dentro como nada o tinha feito antes.

Um filho.

Meu rosto se contraiu ante a azeda dor que supunha implantar em minha mente a melhor decisão para eles. Fechei os punhos e apertei os dentes, apunhalado pela tortura daquela cruel estampagem, que já marcava meu coração com um ferro vermelho vivo. Se não estava disposto a arriscar a vida de Cora, condenando-a a minha sorte, tampouco arriscaria a de meu filho. Sacrificar os momentos que nunca passaria junto a eles fazia empalidecer qualquer das torturas engenhadas pela Lorna.

Ocultei o rosto entre as mãos e neguei com a cabeça, aguardando que a pontada passasse e que minha mente remodelasse meu plano de ação. Deixei escapar um fôlego quase agônico e Ayleen se apressou a me abraçar com doçura.

— Lean, pelo amor de Deus, se te contei isto é para que lute por sua vida, não para que te afunde mais em sua dor. Quando deixará de sofrer?

Sentir seu padecimento por mim não fez mais que reafirmar a decisão que já se ancorava em meu peito com a aversão de uma adaga envenenada.

— Quando deixar de respirar — repus.

Ayleen exalou um gemido afetado e me estreitou com mais vigor e desejo. Senti a calidez de suas lágrimas sobre meu ombro.

Permanecemos um longo instante abraçados sem achar consolo possível a nossa aflição.

Ao menos, eu tinha a solução em minha mão.

CAPÍTULO 44

O contrato

Alaister passeava de um lado a outro sem entender meu requerimento, sem poder aceitar minha decisão. E naquela cabana abandonada e decrepita tinha que jogar minha última carta.

— Jamais lhes pedi nada, — murmurei olhando-os de forma alternativa. Abatida a expressão de Ayleen contrastava com o furioso rosto de seu irmão — mas nesta ocasião vos rogo encarecidamente este tremendo favor, sei que supõe um duro acatamento por sua parte. Já tenho exposto minhas razões e meditei minha decisão com frieza e sensatez, e de uma maneira ou outra cumprirei meu desejo.

— Maldito seja, seu desejo é te sacrificar! Como demônios pretende que aceite isso?

— Tenho direito a escolher sobre minha vida. Tenho direito a não implicar a ninguém mais em meu infortúnio. — Defendi contundente. — Tenho direito a proteger de mim aos que amo e me amam, e faço uso desse direito como melhor considere. Decidi morrer, mas também usarei minha morte para procurar segurança e justiça a minha conveniência.

— Santo Deus, isto é uma completa loucura! — Condenou Alaister, passando os dedos pelo cabelo com gesto crispado.

— Nunca estive tão cordato, asseguro-lhe isso. E é doloroso, mas necessário.

Soprou frustrado e se plantou diante de mim me olhando carrancudo.

— Que demônios pretende de nós?

— Necessito que você procure no Dunvegan ou no Portree a um letrado que redija um contrato.

Ambos me observaram com farto assombro.

— Argyll não só quer minha cabeça, mas também quer Duart — recordei — Darei ambas as coisas.

— Lean... — espetou Ayleen afligida.

— Deixe me explicar — a interrompi paciente — nele se especificará que entrego minha vida e meus direitos legítimos sobre o Duart ao Argyll, lhe dando a possibilidade

de reclamá-los em um enfrentamento aberto com o Lachlan. Duvido que sir Archibald Campbell se submeta à decisão do clã em busca de apoios que o proclamem lord e senhor do Mull. Para ele será muito mais fácil e rápido desfazer-se do Lachlan, e é o que fará para conseguir Duart. Em troca, terá que assinar o contrato acessando a minhas petições. Quero que se entregue a Cora Campbell e a seus descendentes uma boa parcela de terra na ilha de São Kilda, com seu correspondente castelo e vila para seu senhorio. Quero que lhes garanta o completo amparo por parte do clã Campbell, estando amparados em todo momento tanto seus direitos como suas necessidades. E quero que lhes dê a liberdade para viver sem imposições por gozar desses direitos. Quero escolher o lugar e o momento de minha morte, assim como o modo de fazê-lo.

Fixei a vista em Ayleen e acrescentei determinante: — Também acrescentarei uma cláusula à parte em que Argyll deverá obrigar ao Ian MacNiall a renunciar a seus direitos matrimoniais sobre sua filha Ayleen, deixando em sua mão a liberdade de decidir marido ou preferir seu celibato.

Um afogado soluço escapou dos lábios do Ayleen, que baixou a cabeça presa da emoção que a rasgava.

Alaister parecia também emocionado e afetado. Seu rosto se esticou em gesto frustrado e doído.

— Não quero que Cora saiba nada a respeito. — Acrescentei contendo a amargura que brotava de mim. — Alaister, encarregar-seá de que se redija o contrato tal e como acabo de expressá-lo, terá que trazê-lo para minha assinatura e para que acrescente as disposições a respeito da minha morte. Logo o entregará ao Argyll e retornará com os homens que o marquês tenha elegido. Quanto a ti, Ayleen, só necessito que leve a Cora a São Kilda e lhe diga que me reunirei com ela ali quando conseguir sortear aos ingleses.

— Cora está muito preocupada contigo e arde em desejos de ver-te. — Bufou Alaister ofuscado. — Posso te assegurar que esta será a missão mais dura, a que jamais deverei fazer frente, e que te odeio por fazer isto aos três.

— O ódio é o melhor arauto do esquecimento — manifestei triste.

— Não. — Interveio Ayleen com gesto desolado. — Não quando nasce do amor.

Aproximei-me de Alaister e posei a mão em seu ombro.

— Eu sempre lhes quis, aos dois. E sempre será assim, esteja onde esteja.

Alaister enrugou o gesto em um intento por conter as lágrimas. Não o conseguiu, as limpou rudemente e me olhou irado. Entretanto, estreitou-me entre seus braços.

— É o melhor homem que conheci e conhecerei. Só espero que, já que esta vida foi tão injusta para ti, encontre na outra a paz que merece.

— Que assim seja.

Agachou a cabeça antes de voltar a mostrar suas lágrimas e se afastou com os ombros afundados.

Havia trazido até aquele recôndito lugar uma carreta com provisões atirada por dois cavalos e outros dois mais atados atrás. Desatou um alazão castanho, montou nele e partiu a todo galope.

Ayleen observou como seu irmão se afastava com uma estranha determinação pintando seu rosto.

— Não posso, Lean, — confessou afligida — não posso fazê-lo. Jamais me perdoaria te haver ajudado a morrer.

Aproximei-me dela e a abracei, me sentindo tão culpado como miserável.

— Me odeie então, mas não me peça que viva para sofrer e fazer sofrer. Minha morte é o melhor para todos.

— Não. — Insistiu ofuscada — Não para mim, diga o que diga. Eu... amo-te e me pede que me arranque o coração. Não é justo, maldito seja.

Tremeu de raiva entre meus braços. Logo elevou o rosto para mim com os olhos nublados pela dor.

— Se pudesse te fazer entender que aos que amamos, preferimos mil desgraças a perde-los... OH, Deus..., não posso com isto..., não posso! Tenha piedade de mim, rogo-lhe isso.

Começou a chover e a arrastei para o interior da cabana, ao rincão mais resguardado. Sentei-me no chão a apoiando as costas no muro com ela coberta em meu abraço.

— Se me amar, não condenará a uma vida maldita. Lorna desatou o veneno que tanto me custou encerrar em um rincão de meu ser. Agora invade meu corpo, disposto a saltar em qualquer momento. Não desejo que ninguém veja nunca o monstro que posso chegar a ser, como tampouco desejo já viver sabendo que condeno com isso aos que me querem. Em realidade, já estou morto, Ayleen. Puseram preço a minha cabeça e Argyll é poderoso, jamais poderia viver em liberdade nem fazer feliz a ninguém. Sempre seria um fugitivo. Viver só suporia atar aos que querem a meu destino. E não o farei. Não há nada mais que

dizer a respeito. Sabe tão bem como eu que não há solução possível. Sei que não é fácil aceitar meu desejo, por isso não pedirei que me perdoem por isso.

Ela me abraçou com força, envolta em um azedo pranto. E assim dormimos, cativos da mesma amargura.

Um acinzentado feixe de luz acariciou meu rosto, me fazendo piscar. O primeiro que senti foi uma aguda dor nas costas ao notar as pedras do muro como punhos em minha pele. O segundo que descobri foi que Ayleen já não estava entre meus braços. E o terceiro é que a tormenta aumentava com veemente intensidade.

Abri completamente os olhos e, atônito, comprovei que ela não estava na cabana. Pus-me em pé alarmado e saí ao exterior. Já não estava a carreta. Um só cavalo suportava a torrencial chuva preso sob uma árvore.

Amaldiçoei para meus adentros e corri para o animal, que ao me ver relinchou assustado.

— Shhh..., tudo está bem — sussurrei calmo.

Desatei-o e montei. Sacudi as rédeas com vigor e saímos impelidos em um galope veloz.

O céu descarregava toda sua fúria sobre nós. Logo que amanhecia, mas a escuridão reinante confundia o dia com um enganoso anoitecer. Ruidosos trovões ressonavam ocos sobre mim, como se as escuras nuvens chocassem umas com outras pugnando por seu lugar.

Segui os rastros das rodas da carreta no barro, esporeando com urgência a meus arreios. Percorri a extensa pradaria como se me perseguissem os cavaleiros do apocalipse, até que, entre a cortina de chuva que caía sem misericórdia, consegui espionar na lonjura a carreta em seu lento estalo continuado.

Incitei ao cavalo animando-o até que consegui me pôr a sua altura. Ayleen me olhou com mal-humorado assombro e açulou premente aos cavalos que puxaram a carroça. Ao incrementar a velocidade, as rodas saltavam perigosamente no abrupto terreno. Temi que derrubasse em qualquer momento.

Inclinei-me com grande risco para tentar lhe arrebatrar as rédeas, mas ela me impediu de isso me golpeando com a vara.

— Detenha ou derrubará! — Adverti-lhe em um grito que a chuva e os trovões sufocaram.

E, nesse preciso instante, um horripilante relâmpago azul cruzou o céu e descarregou sua ferocidade justo frente a nós, crispando aos cavalos que Ayleen tentava controlar. Um deles se encabritou desestabilizando a carreta, e vi com horror como uma das grandes rodas se elevava.

— Salta! — Gritei admonitório, alargando um braço.

Com expressão assustada, Ayleen não duvidou em saltar para mim. Seu impulso em minha direção na metade da galopada me empurrou fora da cadeira, e ambos saímos impelidos para o chão. Por sorte, caímos longe das patas de meu cavalo, que relinchou agitado e se deteve.

O impacto foi aliviado pelo manto de erva e os atoleiros que a alagavam. Antes de conseguir me pôr em pé, Ayleen já corria fugindo de mim.

Entre toda uma ladainha de injurias e imprecações, saí atrás dela à carreira, imprimindo velocidade a minhas largas pernas. A chuva bicava meu corpo com a tenacidade de um corvo curioso. Logo lhe dava alcance e de um salto consegui derrubá-la sobre o encharcado chão.

Ela se revolveu como uma cobra encarando-se a mim e começou a me golpear com sanha.

— Quieta!

Tratei de aferrar suas mãos, mas movia tão rápido os punhos que não consegui as capturar.

— Solte-me, não vou fazer! Odeio-te, Lean! — Choramingou debatendo-se contra mim.

Uma ardente bofetada me enfureceu. Grunhi e consegui capturar seus antebraços, que imobilizei contra o barro.

— Priva-me de lhe ter — chiou desmedida, com o semblante desencaixado e olhar acusador— e agora me condena a saber que não compartilharei o mesmo mundo que você!

Arqueou o corpo contra o meu, liberou um braço e conseguiu me arranhar na bochecha. Amaldiçoei de novo e a olhei furioso.

— Isso quer?! Quer me ter?!

— Sim, maldito seja, isso quero! Sinto-me vazia no maldito instante em que saiu de mim — gritou ressentida.

Abraçou-se a minha nuca e me mordeu o lábio inferior, atirando dele com fome.

Apartei-me e ela conseguiu inclinar-se flexionando um joelho para afundá-la em minha entreperna. Uivei dolorido e me encolhi, momento que aproveitou para escapar. Estirei-me, consegui lhe aferrar um tornozelo e a derrubei de novo.

— Te afaste de mim! — Bramou lutando com denodo.

— Quer-me dentro de ti, pois me terá dentro de ti!

Entrelacei meus dedos com os seus e, afundando nossas mãos no barro, procurei sua boca. Ao princípio me combateu, rechaçando meu beijo, mas minha furiosa insistência terminou dobrando-a. Beije-a com dureza, liberando a raiva pela vida que me negava, pelo sofrimento que infligia em outros, pelas mortes não evitadas e pela dor de um amor truncado pelo destino.

Ayleen abriu a boca para mim gemendo contra minha língua, deixando-se devorar por minha rudeza. E eu deixei que meu corpo governasse aquele momento de loucura desatada. Apartei com sua aspereza empapadas saias e me penetrei entre suas pernas. Separei-me apenas para observar seu esmigalhado desejo. Necessitava-me em seu interior e me teria ali. Possivelmente como lembrança do homem que não soube querê-la como merecia, possivelmente para gravar em sua memória cada sensação. Meu corpo excitado e minha alma afligida necessitavam daquele alívio.

Penetrei-a com veemência de um forte tranco. Ela exalou um rasgado e prazenteiro gemido e me beijou com voracidade.

— Se pudesse te reter em meu interior por toda a eternidade, faria. Embora não me ame, não me importa — confessou apaixonada — só você me completa.

Comecei a me mover me afundando nela, investindo-a profundamente enquanto gemia perdida em meus olhos, elevando os quadris para acompanhar cada um de meus movimentos.

Sua boca me devorava com ardoroso frenesi, suas mãos me acariciavam com áspero desespero. Ambos liberamos toda emoção estrangida em nosso interior naquele ato de feroz entrega, aquela raivosa tormenta que retumbava a nosso redor com a mesma paixão que nos dominava.

Todas minhas emoções se magnificaram, a dor pareceu brotar a torrentes, a frustração me golpeou com aversão e uma corrosiva sensação de traição me devastou. Traição a meu coração, a minha lealdade, a minha rebeldia e, sobretudo, a minha esperança. Também emergiu o rancor, não só para mim e para meus verdugos, a não ser para o destino que me

obrigava a me sacrificar em algo que ninguém agradecería nunca. Tive desejos de gritar, de chorar e de clamar minha agonia debaixo daquele céu choroso e iracundo, que parecia acompanhar meu ânimo.

Ayleen mordeu meu pescoço e eu arqueei as costas grunhindo com um intenso prazer que ao mesmo tempo provocava um amargo mal-estar em mim. Com as mãos entrelaçadas sobre sua cabeça e o cabelo gotejando sobre seu arrebatado rosto, cravei meus olhos nos seus, derramando um perdão que não esperava receber, mas que precisava pedir.

Esvaziei-me nela com um grito rasgado e rouco, sentindo como sua carne se sacudia em marcados espasmos liberando-se a tempo.

Logo afundei o rosto em seu pescoço e comecei a soluçar incontrolavelmente. Ela me abraçou compartilhando minha pena e me acompanhando naquela desolação, escura e fria, que me atendia com tão desmedida crueldade.

Passamos assim um longo instante, deixando que as lágrimas do céu limpassem as nossas, que as afiadas gotas arrastassem nossa aflição e que os ensurdecidores lamentos da tormenta opacassem os que emergiam através de nosso pranto.

Quando me retirei dela, completamente empapado, elevei o rosto procurando que o frescor da chuva apagasse o ardor de meus olhos. Permaneci um bom momento nessa posição, até que uns braços me rodearam por detrás. Ayleen se abraçou a minhas costas em silêncio, ainda necessitada de meu contato.

A tormenta amainou depois de um último rugido e, de forma gradual, extinguiu-se deixando detrás de si um céu sereno e silencioso.

— Parte se for seu desejo. Na verdade, não tenho direito a te pedir nada.

— Sempre foste uma vítima — acrescentou — e eu..., embora me doa a alma, ajudarei a que isso troque.

— Sim, já é tempo de ser executor de meu destino.

Alaister retornou dois dias depois com o contrato perfeitamente redigido, atendo-se ponto por ponto a minha proposta.

Redigi a cláusula anexa com as indicações precisas sobre o momento e o modo, depois de havê-lo meditado muito:

De tal forma, uma vez obre em meu poder o contrato assinado pelo marquês do Argyll, executara-se ao dia seguinte da entrega no lugar denominado Neist Point, no Glendale, ilha do Skye, também conhecido como a “cauda do dragão”. A execução se levará a cabo à alvorada. Minha morte terá lugar ao bordo do escarpado, efetuada por um tiro nas costas que me atravessará o coração. Naturalmente, em presença das testemunhas que o marquês tenha a bem escolher. Por minha parte, estarão presentesm Alaister e Ayleen MacNiall, e o advogado que redige este contrato a efeitos oficiais. Depois de minha morte, entregará a minhas testemunhas o documento onde se concede a mencionada parcela de terreno solicitada em São Kilda em nome da beneficiária, Cora Campbell, junto com todos os privilégios que requeiro para ela.

Ayleen afogou um fôlego emocionado e voltou a cabeça para outro lado.

— O que ocorre se Cora o rechaça? — Expôs Alaister.

— Será meu desejo póstumo, e eu... confio em vós para que a cuidem e obtenham que entre em razão.

— Não pensa te despedir dela?

Tinha meditado muito a respeito. Nada desejaria mais que voltar a tê-la entre meus braços pela última vez. Entretanto, soube que aquele encontro seria muito duro para ambos. Também cabia a possibilidade de vê-la no dia anterior, sem lhe confessar o que aconteceria ao seguinte, convencê-la de que me esperasse em São Kilda enquanto me escondia dos ingleses, e assim me despedir dela camuflando a verdade naquele adeus temporário.

Não obstante, era possível que me derrubasse, que ela descobrisse a verdade em meus olhos ou que pudesse pô-la de algum jeito em perigo. Por outra parte, aterrava-me que pudesse contemplar minha execução se alguém dava com a língua. A comoção que sofreria podia malograr sua gravidez, se na verdade essa possibilidade se cumpria.

Pensar em meu filho imprimia em mim duas emoções igual de intensas: um férreo orgulho e uma crescente amargura. Seria quanto ficaria de mim neste mundo, e só pedia uma coisa para ele: felicidade.

— Não. Já tenho feito e lhe farei suficiente dano.

Alaister me contemplou reprovador, manifestando sua discrepância com minha decisão.

— Por muito que te empenhe em que te odeie, nunca o fará — murmurou Ayleen afligida.

— Quero que... — Perdi a voz um instante. Traguei saliva e, depois de respirar fundo, adicionei— Quero que lhe entreguem uma carta e uns objetos quando disserem a verdade.

Alaister assentiu cabisbaixo. Agarrou a cláusula que oferecia e a introduziu no mesmo sobre do contrato, que já tinha revisado dando minha conformidade e assinando-o ao pé. Logo saiu da cabana sem me olhar e sem pronunciar palavra.

CAPÍTULO 45

O último rugido

Ayleen partiu aquela manhã, tão somente me abraçou e me beijou, incapaz de dizer nada mais, lutando contra a pena que a embargava.

Depois de sua marcha, passei pela pradaria sob um céu radiante, entre campos de flores e fragrantes arbustos, aspirando aromas e gravando sensações. No cume de uma suave colina descobri um ondulante manto dourado que resplandecia sob os raios do sol. Eram dentes de leão balançados pela brisa.

Entrei naquele lugar rodeado daquelas etéreas flores com penugens, me sentindo identificado com aquela planta. Diziam que o dente de leão era todo um sobrevivente, pois suas raízes alcançavam níveis muito profundos na terra, fazendo-se imune ao fogo e às tocas de animais. Sua beleza estranha e diferente cativava, e seu tato convidava a acariciá-lo. Além disso, podia retrair-se caso o pisasse, e possuía a virtude de desprender suas expostas sementes para que viajassem longe com o vento e se afiassem em outro lugar. E isso era o que agora me aguardava: voar com o vento, a outra vida, possivelmente mais justa, possivelmente mais plácida.

Agachei-me e arranquei uma flor, soprei com veemência seus filamentos lanosos e contemplei como flutuavam suspensos no ar. Estendi a palma para acolhê-los nela e pedi um desejo. Continuando, recolhi as sementes em meu plaid, presa contra minha cintura, e retornei à cabana.

Ali, tomei a folha que Alaister acertadamente tinha metido entre as provisões, junto com o cálamo e a tinta, e me dispus a redigir minha última missiva.

Meu amor:

Não me atrevo a te pedir perdão, tampouco compreensão, ambas as coisas resultariam dificultosas de outorgar. Só peço uma só coisa e é que unas meu desejo com o teu.

Com estas sementes que acaba de receber, pedi ao destino uma única recompensa por tanta tortura vivida, e é que voltemos a nos encontrar novamente, longe de maldições, de dor e de impedimentos.

Não está sozinha, Cora. Seu pai não é quem você crê. Deve manter uma conversa privada com o Colin Campbell e lhe pedir respostas.

O mais seguro é que agora me esteja odiando com toda sua alma, e meu único medo na verdade é que rompa esse fio que tão magicamente enlaçou nossos corações. Mas, embora decidisse fazê-lo, que direito teria eu a lhe reprovar isso. É um risco que corro ao tomar esta dura decisão de voar longe de um destino ingrato, com o que tão somente expor às pessoas que amo.

Porque te amo, minha Cora, com todo o vigor deste condenado coração esquartejado por mil cicatrizes que nunca terminam de sanar e que frequentemente sangram de novo. Amo-te com a selvagem rebeldia de uma alma que durante anos foi envenenada com o veneno do ódio, mas que lutou contra ele corajosamente para lhe entregar isso. Amo-te com a força de um espírito indômito e resistente que só conseguiu encontrar distração a seu lado. Essa é minha verdade, meu amor, embora creia que meus atos a contradizem.

Sou consciente de minha decisão de te abandonar, e me sinto miserável e mesquinho, traidor e covarde, embora no fim a meus olhos o justifique. Sei que, em seu foro interno, sempre soube que algum dia partiria muito longe de ti. E chegou esse momento, parto para outra vida, onde te esperarei até o fim dos tempos.

Só confio em que o tempo e possivelmente também vivências amáveis e inclusive outros afetos consigam suavizar sua dor, e quem sabe aliviá-lo. Sei que me arrisco ao esquecimento, mas o assumo, pois sei que o mereço.

Sempre em minha alma, em meu espírito e em meu coração... Seu leão.

Confeccionei um minúsculo saquinho de tecido cortando uma parte de meu plaid e introduzi as sementes do dente de leão. Fechei-o com uma corda que atei conscienciosamente e logo desprendi de meu pescoço meu pendente da árvore sagrada para engastar o saquinho na cadeia. Continuando, fechei bem o elo unindo desse modo o medalhão com o saquinho.

Soprei a tinta do pergaminho e, uma vez seca, dobrei-o com cuidado, aderindo a meu peito um instante, deixando brotar de meu coração todo o amor que professava a Cora.

Quando Alaister retornou novamente com o contrato assinado e uma narração breve sobre a entusiasmada complacência do Argyll ante meu oferecimento, partimos rumo ao Neist Point. Ali nos esperavam as testemunhas do Argyll e o advogado contratado por meu amigo em meu nome.

Cavalgamos em silêncio, Alaister com semblante turvo e gesto meditabundo; eu tão somente saboreando até a mais mínima sensação: a brisa em meu rosto, a fragrância dos vales, a beleza majestosa daquelas paragens, o ressonar dos cascos do meu cavalo contra a

terra, o pulso da vida que ainda pulsava em meu peito... armazenei e saboreei cada instante em minha particular despedida do mundo.

Percorremos a acidentada costa do Skye admirando como irregulares cabos de rocha se introduziam terminantes no mar como facas dentadas, como gaviões e alcatrazes planejavam sobre o oceano em busca de presas, como abruptos e verdes escarpados se elevavam orgulhosos para o céu, recobertos de verdes ladeiras que brilhavam sob o sol.

Chegamos quase ao anoitecer ao Glendale. O povoado formado por umas poucas cabanas disseminadas das que emergia o quente fulgor do lar através de suas janelas. Alaister deteve seu cavalo frente a uma em particular.

Desmontamos e entramos na cabana, uma mulher removia o conteúdo de uma marmitta sobre o fogo.

— Chegam bem a tempo para jantar — anunciou limpando as mãos no avental.

— Vejo que preparaste tudo — disse me dirigindo a Alaister.

Ele se encolheu de ombros e se sentou em uma banquetta junto à mesa.

— O que menos que uma boa cama e um apetitoso jantar, e mais sendo as últimas.

Sustentei seu rancoroso olhar e me sentei frente a ele.

A mulher nos serviu um guisado de pescado e nos aproximou uma fogaça de pão negro.

— Ao menos poderei encharcar esta aberração em algo que não seja minha pobre saliva — resmunguei cortando a fogaça em minha tigela.

Alaister esboçou um ténue sorriso que não chegou a seus olhos.

— Está me tentando viajar a Sevilha só para provar o pão dali — repôs.

— Não desperdiçaria a viagem, asseguro — afirmei caçando com minha colher as ilhas de pão que flutuavam sobre o caldo, absorvendo-o — este condenado pão tem mais sede que eu.

— Possivelmente possa me apontar a receita.

Sorri elevando uma sobranceira e assenti enquanto tragava uma colherada.

— Acredito que fazem uma mescla com farinha branca, levedura, leite, açúcar e ovos, não saberia dizer quantidades. Uma vez amassada a mescla, acrescentam amêndoas e uvas passas e se deixa fermentar coberta com um linho. Quando dobra seu tamanho, mete-se ao forno.

— Sonha delicioso.

— É delicioso. — Confirmei — Se o faz e te sai bem, ponha meu nome.

— E se me sai mal?

— Ponha o teu.

Alaister sorriu abertamente, compartilhei sua risada e continuei comendo com apetite. A mulher nos serviu um robusto vinho que saboreei gostoso.

Depois da comida, degustamos um suculento pudim doce de frutos vermelhos e me encontrei quase lambendo o prato.

— Bom, será melhor que me retire — anunciou Alaister ficando em pé— estará esgotado.

— Não me preocupa, acredito que logo não me faltará descanso.

Ele franziu o cenho, me fulminando com o olhar.

— Guarde suas graças de mau gosto, e pensa em nós que ficamos aqui chorando sua morte, embora leve dias reprimindo minhas vontades de te matar eu mesmo.

— Teve sua oportunidade no Duart.

— Acredite que naquele momento não tinha tantas vontades como agora — replicou grave.

Respirei fundo, pus-me em pé e posei uma mão em seu ombro.

— Desculpe, e não só por meu desastroso comentário. Mas não creia nem por um momento que é mais fácil para mim. Não fujo: renuncio, não o esqueça.

Alaister me contemplou esquadrinhando em meus olhos. Baixou o olhar contido e assentiu seco.

— Sei que sente um profundo afeto por Cora, possivelmente ela te teria correspondido se eu não tivesse entrado em cena. Eu gostaria de acreditar que contará contigo quando eu não esteja. Necessitará muito carinho, e possivelmente você...

Não pude seguir só imaginá-los juntos me feria.

— Ela jamais amará a outro homem que não seja você — aduziu com firme convencimento e fundo pesar— e isso não deixa de ser paradoxal, porque ao dar a sua vida, você a condena, por mais que você acredite que a liberte da sua maldição.

Dirigiu-se à porta e, antes de sair, adicionou:

— Reflete esta noite sobre isso.

A mulher saiu depois de Alaister, me deixando só na cabana.

Sentei-me na banquetta frente ao fogo, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos. Neguei-me a pensar, simplesmente me limitei a contemplar as hipnóticas chamas com o olhar perdido.

Fora, o vento uivava e o regular murmúrio das ondas se somava ao crepitar do fogo, compondo um ambiente sereno de que bebi agradecido.

Uns prementes golpes na porta me sobressaltaram. Levantei-me e dirigi a ela. Quando a abri, uns flamejantes olhos verdes me golpearam com sua fúria.

Recebi um forte bofetão que me girou a cabeça, e um violento tranco que me fez retroceder. Cora entrou na cabana, fechou a porta e se abateu sobre mim disposta a me esbofetear de novo. Tinha o rosto crispado e o olhar doído e acusador.

—É um bastardo! — Gritou fora de si, me golpeando com os punhos — Como pudeste...?

Fixou a vista em meu pescoço, precavendo-se da suave marca de uma dentada em minha pele. Fechou os olhos contrita, seu rosto contraindo-se em uma careta angustiada.

— O que faz aqui? Quem te trouxe?

— Contou-me isso Ayleen. — Gemeu furiosa — Veio para ver-me, discutimos... e ela...

— Cora..., o que te contou?

Agarrei-a pelos ombros e a olhei interrogante.

— Diga que é tudo mentira — soluçou— diga que não estive com ela e que... não entregaste sua vida em um contrato.

— Maldição! — Bramei enfurecido.

Cora começou a me bater de novo, descarregando sua fúria e sua dor em cada golpe.

— Basta! — Rugi agarrando-a pelas mãos e as enlaçando a suas costas — Escute-me, Cora!

Ela me cuspiu com desprezo e começou a revolver-se como uma fera selvagem. Lutei por contê-la, mas era condenadamente rápida e estava fora de controle. Consegui girá-la em um movimento abrupto e rodeei a suas costas. Sujeitei-lhe as mãos sobre a cintura e a abrangei com meus braços, imobilizando-a com meu corpo. Deixei que se esgotasse em seu

esforço de largar-se de minha presa até que se deteve ofegante. Os soluços sacudiam seu peito, cada um deles cravando-se em meu coração.

— Cora, — sussurrei em seu ouvido — chegou o momento de nos despedir.

Ela gemeu rota, apoiou a cabeça sobre meu peito e fechou os olhos em um intento fútil de conter o azedo pranto que a rasgava.

— Meu amor...

Abriu os olhos de repente e os fixou em mim, voltando o rosto em minha direção.

— Não me chame assim..., você não me quer! — acusou raivosa.

Debateu-se de novo e tive que imprimir pressão a meu abraço.

— Não vou desculpar-me...

— Não tem desculpa, nem perdão nem coração. Se me quisesse, não me teria traído, não abandonaria a minha sorte, sabendo como sabe que não posso viver sem ti.

— Não há futuro para mim, nunca o houve; só me enganei e te enganei, e o último é o que já me está matando.

— Rendeu-te pelo Dante, e agora crê que esse será o destino de todos os que queremos. E não é assim, não o é. O pesadelo terminou, já... acabou, Lean, já é tempo de ser feliz.

Apoiei o queixo sobre sua cabeça e a estreitei com força.

— Já não há volta atrás, Cora — murmurei abatido.

— Tem que haver, porque não vou permitir que morra, ouve-me? Ainda tenho que te castrar.

Girei-a entre meus braços aderindo a meu peito com os braços pegos a ambos os flancos, lhe impedindo qualquer movimento.

— Do que te serviria castrado? — Murmurei tentando aliviar a tensão.

— De muito, poderia passar o dia te olhando e, além disso, viveria mais tranquila.

Sorri com ternura, reprimindo o vendaval de emoções que sacudiam meu interior ante o sofrimento que derramavam seus olhos.

— Não me deixe — suplicou com desespero — Por favor...

— Cora..., como te explicar que nada desejo mais que estar sempre junto a ti? Como expressar a certeza de saber que só acharia sofrimento a meu lado? Pensei muito sobre isso. Não só morreram meus pais: morreu Elena, minha segunda mãe, quase mataram a Fabila, agora Dante, Ayleen sofre, você sofre... Minha vida é uma cadeia de desgraças consecutivas. Pensei que longe de... ela, da Lorna, minha vida trocaria, mas não, a maldição me persegue lá aonde vá e assim será enquanto viva. Sei que sofrerá minha ausência, mas o tempo sanará suas feridas e terá a possibilidade de encontrar a felicidade com um homem que possa conceder isso. Eu não sou esse homem, eu irrompi em sua vida com a violência de um furacão, e tão abruptamente como cheguei a ela irei. Eu... devo liberar a todos de mim.

Cora negava com a cabeça, soluçando entre soluços quebrados.

— Não..., você não o entende. Não nos libera: condena-nos a mais cruel das torturas, a de te perder. Nunca, me escute bem, nunca serei feliz, e mais, não quero esta vida se você não estiver nela. Juro-te por quanto sou que, se for a sua execução, eu morrerei contigo.

— Cora, não... tem que ir daqui.

Doía-me o coração com tanta força que me faltou o fôlego um instante. Soltei-a e me girei para a chaminé, me apartando dela.

Ao igual aos madeiros se quebravam calcinados, devorados por vivazes línguas de fogo, assim minha alma adoecia moribunda, caindo em voláteis cinzas a meus pés.

— Não vou — insistiu obcecada.

Fechei os olhos, derrotado, amaldiçoando silenciosamente a Ayleen, planejando a maneira de reconduzir a situação. Mas quando me virei para Cora e vi sua expressão tenaz, soube que não desistiria em seu empenho.

Sustentamo-nos o olhar um longo instante, percebendo com clareza como o ar crepitava a nosso redor.

Então ela avançou decidida, tomou meu rosto entre as mãos e me deu de presente uma expressão furiosa e um olhar decidido.

— Vou dizer-te algo, Lean MacLean — começou veemente — é meu, todo você é meu, e eu dito. E neste momento eu disponho que jamais vais voltar a beijar nem a tocar a nenhuma outra mulher. Eu ordeno que seja meu marido e meu fiel amante até que a velhice nos prive de prazeres carnaais. Eu requeiro e exijo seu amor, seu calor e seu amparo eternos. E, como eu mando em ti, você vai obedecer cada uma de minhas petições.

— Cumpriria feliz cada mandato — confessei em um sussurro.

— Cumprirá feliz cada mandato — corrigiu ela carrancuda, apostilando com firmeza.

E, para selar suas disposições, beijou-me com áspera rudeza, com faminta necessidade, impondo seu domínio sobre mim, dirigindo o beijo com habilidosa contundência, imprimindo sua fúria, sua dor e sua posse.

Não pude aguentar mais. Meu corpo clamava pelo seu com tão entristecedor desejo que senti lâminas me estimulando a pele, despertando em mim a descontrolada necessidade de possuí-la uma última vez.

Respondi ao beijo com rasgada paixão, comecei a arrancar suas roupas, completamente desenquadrado. Ela me tirou a camisa presa da mesma urgência que me invadia. Soltei a fivela de meu cinturão e me desprendi do plaid, que caiu a nossos pés. Sem separar os lábios dela, minhas mãos conseguiram lhe arrebatá-lo até o mais mínimo estorvo de tecido que me privasse de sua pele.

Agarrei-a nos braços e, devorando cada rincão de sua boca, levei-a ao leito que havia em um rincão. Ali, tombei-a e me abati sobre ela me acomodando entre suas coxas. Lambi sua garganta, seu decote, seus suaves e altivos seios, descendi sinuosamente por seu ventre até desembocar em seu sexo, recoberto do suave pelo acobreado que tanto me enlouquecia. Entreabri com meus dedos as sedosas pétalas de sua feminilidade e afundei a língua neles. Beije-os voraz, lambendo, sugando e brincando em cada rincão, dedicando finalmente toda minha atenção ao inflamado botão de seu prazer. Ao tenor da cadência e o ritmo de seus gemidos, acomodei minhas carícias alternando sua frequência e intensidade. Ela arqueava os quadris ao elevando, sumida em um agônico paroxismo de prazer desatado, tão entregue a meus cuidados que minha verga palpitou faminta.

Introduzi dois dedos em seu quente interior, enquanto minha língua continuava dançando vertiginosa em círculos, em vaivéns contínuos que a convulsionavam contra o colchão. Acelerei e coordenei meus dedos e minha língua até lhe arrancar um orgasmo violento que a sacudiu em espasmos bruscoss, até ficar lesa e ofegante, derramando generosamente seus sucos sobre meu rosto.

Incorporei-me sobre ela devagar, olhando-a como um assediador desesperadamente predatório. Sem separar meus olhos dos seus, apanhei um de seus mamilos em minha boca e atirei dele com suavidade, logo o lambi com ardorosa luxúria e apliquei o mesmo trato ao outro. Ascendi lentamente mordiscando sua garganta, seu queixo e seu lábio inferior. Comprovar o fogo que refulgia em seu olhar me vangloriou de minha conquista. Sorri pícaro, ela entrelaçou os dedos em minha nuca e me atraiu para sua boca.

Retrocedi apenas para penetrá-la e me afundei por completo em seu estreito e ardente interior. Exalei um longo ofego de puro êxtase e me apartei para olhá-la aos olhos, saboreando cada um de seus gestos.

— Amo-te — sussurrei embargado daquele sentimento — tanto que nunca saberei fazer outra coisa. Não importa quantas vidas viva, ou quantas mortes sofras, meu coração é e será sempre teu.

Em cada embate, em cada olhar, em cada beijo e em cada gesto, remarquei minhas palavras, desejoso das gravar a fogo em sua alma. Cora acariciava meu queixo com lágrimas nos olhos, não me dispus de que eu também chorava até que ela me secou uma trilha de minha bochecha com seus beijos.

Em um último e entregue ataque, rugi com ferocidade envolto em um dilacerador clímax. Cora se arqueou acompanhando minha liberação, ambos detentos não só do prazer físico, mas também de uma plenitude tão transbordante que nos estremecemos ao uníssono, cativos de nossos olhares e do imenso amor que nos unia.

Pensava possuí-la mais vezes aquela noite, me render a ela desgastando seu corpo e me fixando em sua alma. Sem pensar naquele amanhecer, nem na inefável separação que logo teria lugar.

CAPÍTULO 46

Além da morte

Dormia profundamente. Olhei-a um longo instante antes de atar suas mãos, com toda a delicadeza que fui capaz, ao singelo travesseiro de pinheiro. Cobri-a com a colcha e deposei um suave beijo em seus lábios.

Tinha pensado muito durante toda a noite. Minha mente tinha bulido de atividade de maneira incessante, enquanto perambulava por aquela cabana elucubrando a maneira de enganar ao destino, ou de tentá-lo ao menos. Tinha baralhado várias possibilidades a respeito; não obstante, só me enganaria eu mesmo, pois não havia futuro algum para mim. A dor da morte de Dante era o claro aviso da maldição que me perseguia. Ao menos, minha morte serviria para que Cora e meu filho tivessem liberdade, terras e um futuro longe dos Campbell e de mim. Não havia marcha atrás, devia cumprir o contrato que tinha assinado ou Argyll nos perseguiria até o muito mesmo inferno.

Suspirei dolorosamente, como se o ar fora uma adaga que raspasse minha garganta e se cevasse em meu peito.

Depositei junto ao travesseiro meu pendente com o saquinho e a carta e agarrei outra folha, onde escrevi algumas indicações mais dirigidas ao Alaister, que coloquei entre meu cinturão.

Com o coração pesado como uma pedra, saí da cabana justo quando o sol logo que aparecia o luminoso contorno de seu círculo sobre a linha do horizonte.

Uma silhueta se recortou contra aquela esvaída luz.

— Não pode nos fazer isto — sussurrou Ayleen em um suplicante fio de voz.

— Posso e o farei.

Tentei sorteá-la, mas ela se interpôs em meu caminho.

— Acreditei que ela te importava o suficiente para lutar.

— Por isso lhe contou nosso encontro e minha decisão?

Seus olhos não mostraram nem um ápice de culpabilidade, muito ao contrário elevou altiva o queixo e me contemplou desafiadora.

— Era meu último recurso, maldito seja. — Replicou furiosa — Ela era minha última esperança. Não posso acreditar que não tenha podido te convencer. Acaso não a amas?

— Mais que a minha vida, — proferi irado é que não o vê, Ayleen? Minha vida é uma cadeia de desgraças, só trago sofrimento e morte, esse negrume me carcome a alma e embora Cora seja minha luz, sei que minhas sombras a apagariam. Estou condenado, não agora, e não por esse contrato, a não ser do mesmo momento de minha iluminação. Perdi quanto amava, e por quanto amo dito partir.

— Você parte, livre de penúrias, mas a esses que diz amar, condena a elas, ao vazio e a sua lembrança permanente. Nem ela nem eu poderemos te esquecer nunca.

Baixei a vista um instante, afastando de minha mente os remorsos, me negando a pensar que atuava por egoísmo. Não, disse-me, sacrificava-me por eles, não havia outro modo de escapar de minha maldição.

Quando voltei a elevar a vista a olhei com doída determinação. Ayleen, afligida e resignada, contemplava-me com grosas lágrimas empanando seus olhos.

— Não procuro compreensão, Ayleen. Tão somente paz e liberar os que amo de minha maldição.

— Rende-te — acusou com voz rota. Uma grossa lágrima rodou por sua bochecha — o Dante foi seu golpe de graça.

— Dante foi o aberrante aviso da maldição que pesa sobre mim. O amor diluiu minha memória, forjando uma esperança ilusória, uma perigosa nuvem que começou a furar-se irremediavelmente. — Fiz uma pausa e olhei ao horizonte, mastigando a amarga bola que obstruía minha garganta — Sempre pensei que devia morrer aquele dia de menino no escarpado do Mull, entretanto, a vida quis me mostrar a luz antes de me levar, e isso tenho que agradecer. Não me rendo, ao reverso, tomo cartas em meu destino, aquele que uma druidhe escreveu para mim. Só há uma solução para erradicar este veneno, e é destruir o recipiente.

Um rasgado e abrupto soluço sacudiu a Ayleen, que negava com a cabeça, já embargada em um desconsolado pranto.

— E você sabe melhor que ninguém, Ayleen. Poucos homens teriam aguentado o que eu aguentei, sem enlouquecer. Fiz o melhor que pude com o que tive, e fui o que me deixaram ser. Agora passarei a ser uma lembrança, que espero acontecer o esquecimento se for doloroso ou que permaneça no coração se for amável.

— Jamais sairá do meu — confirmou ela com firmeza.

Meu olhar também se nublou, a emoção começava a me transbordar. Apertei com força a mandíbula, em um fútil intento por sufocar estoico minha impassibilidade.

Ayleen se abraçou com força para mim. Fechei os olhos e chorei em silêncio, liberando toda a dor que roía minhas vísceras e flagelava meu peito.

Ao cabo, separei-me dela e a contemplei com um sorriso trêmulo antes de partir para meu destino.

— Cora está dentro, atada — precisei — não posso me arriscar a que contemple minha execução — murmurei olhando em direção à porta da cabana — Já me odiará o suficiente sem vê-la, quase tanto como me odeio eu, por havê-la misturado em minha vida. Necessitara-lhe, e embora saiba que não tenho direito algum a pedir nada, só posso desejar que achem consolo e se cuidem mutuamente. Também peço perdão a ti, Ayleen, na mesma medida que agradeço à vida te haver posto em meu caminho.

Seu olhar foi sofrido, impotente e resignado, seu semblante opaco e sua dor tangível. Só desejei que aquela ferida fosse quão última recebesse, que conseguisse sanar logo e que a vida a recompensasse.

Girei-me para o caminho e comecei a percorrê-lo, como se arrastasse uma roda de moinho. No alto da colina, no atalho que conduzia ao Neist Point, aguardava-me Alaister e um homem velho, de olhar sagaz e escasso cabelo grisalho, ao que supus meu advogado.

O grande escarpado, com forma de cauda de dragão, era íngreme e irregular, estreitando-se progressivamente até acabar quase em ponta, com abruptos salientes semelhantes às aletas daquela criatura legendária, com escamas esverdeadas e pele escura.

Caminhamos em silêncio, contemplando como o amanhecer rompia as sombras, prendendo de fogo os limites do oceano. Um agitado vento batia a erva das frondosas mesetas, tão verdes como os olhos da mulher que me odiaria até o final de seus dias.

Depois de uma larga caminhada, chegamos ao final daquele majestoso promontório que se abria bicudo sobre o mar. Um grupo de homens nos aguardavam.

Adiantou-se o que parecia ser outro letrado e saudou com uma inclinação formal da cabeça.

— Sou o representante legal de sir Archibald Campbell, primeiro marquês do Argyll e lord do clã Campbell. Trago o documento de propriedade de um senhorio adquirido em São Kilda em nome de Cora Campbell que será entregue assim que se cumpra o contrato vigente.

Entregou-lhe o documento referido a meu advogado, que o releu com soma atenção, comprovando a assinatura e o lacre do marquesado. Logo assentiu conforme e ambos me olharam espectadores.

— Quem vai disparar-me? — Quis saber.

Alaister assinalou a um homem vestido com as cores Campbell.

— Ao coração, não? — Perguntou o aludido.

— Ao coração, sim, ao centro justo de minhas costas — precisei exigente — confio em sua pontaria.

O soldado assentiu parco. Um feroz vento agitou sua larga juba o cobrindo, irritado, o rosto. Apartou as mechas com gesto antissocial e manobrou sobre seu mosquete, afiançando-o, não sem esforço, contra seu peito.

— Quando o desejar, senhor MacLean.

Assenti com semblante grave e dirigi ao Alaister posando uma mão em seu ombro em gesto afetuoso.

— Sei que ultimamente não faço mais que pedir coisas, meu amigo, mas eu gostaria de te pedir que leia esta carta justo quando eu caia pelo escarpado.

— Supõe-se que é para Cora — aduziu confuso.

Sorri-lhe dissimuladamente e assenti olhando de soslaio aos presentes.

— Supõe-se — sussurrei.

— Não quero ser enterrado — manifestei a seguir em voz alta e clara — Meu último desejo é que as águas me cubram em suas profundidades. Prefiro alimentar peixes a vermes.

As testemunhas assentiram e, depois de um último olhar a meu redor, caminhei para a ponta do dragão. Justo no bordo, estendi os braços, observando a imensidão do mar. Respirei fundo e aguardei a que meu executor carregasse seu mosquete. Uma violenta rajada de ar jogou com meus cabelos e minhas roupas, formando redemoinhos em torno de mim, com tal veemência que me fez desequilibrar. Olhei para baixo, as ondas já salivavam vorazes contra as rochas, ansiosas por devorar a nova presa que apanhariam em suas profundidades.

Rezei uma rápida prece, meu pulso se acelerou ante a explosão que impulsionou o projétil para mim. Quando senti a pressão da bala em minhas costas me empurrando ao

vazio, um grito dilacerador pronunciou meu nome com tal angústia desesperada que logo que reparei na dor que abrasava meu peito. Era ela, Cora, pensei enquanto caía.

Um intenso ardor se estendeu por minhas costas. Mergulhei nas frias e agitadas águas, me deixando levar pelas correntes. Escutei o rugido das ondas, lamentos estirados, borbulhas chocando a meu redor, e o eco de meu nome lambendo as águas.

Abri os olhos enquanto me inundava. Aquele universo turquesa, cheio de luz e movimento, começou a me tragar em uma voragem de marés circulares que me sacudiam como uma pluma no ar. Em minha descida, a luz da alvorada começava a apagar-se, o sangue de minha ferida se diluía em sinuosas fileiras em seu caminho à superfície, onde já repousava em uma amplo roda, como se queria assinalar com precisão o ponto exato de minha queda. E pouco a pouco, a agitação se converteu em calma, o rugido do oceano permutou em sussurro, e a intensa cor água-marinha, em apenas titilantes resplendores mortiços, que começaram a apagar-se paulatinamente. O negrume foi me rodeando. Meu corpo ficou lasso, meus batimentos do coração, já tênues, logo que retumbavam com vida em meus ouvidos.

A morte chegava e a minha mente acudiram uma turba de cenas encadeadas. Passaram rápidas em um carrossel vertiginoso, mas por sorte, pude reter algumas que me fizeram sorrir: vi meu pai jogando comigo no chão da biblioteca do Duart; vi o retrato de minha mãe, me dando de presente seu doce olhar através do tecido; vi os páramos do Mull, suas douradas praias, seus agressivos escolhos, seu imponente forte, seus mágicos bosques e minha árvore. E logo a vi, com sua vermelha juba frisada, seu cintilante olhar esmeralda e uma expressão tão afetada que atravessou meu peito com mais afinco que a bala que albergava nele.

O frio também chegou, me envolvendo em seu abraço. Um suave rumor me arrulhou e senti algo mais, como se uma mão cálida e gentil se enlaçasse com a minha. Notei sua familiaridade, também sua serenidade, aquelas duas últimas emoções foram as que despediram meu corpo e acompanharam minha alma.

Por fim era livre.

EPÍLOGO

A menina, de apenas três anos, brincava de correr torpe e insegura pelo prado. Suas gargalhadas atraíam na brisa acariciando meus sentidos. O vento jogava com seus espessos cachos negros, balançando-os e alvoroçando-os, lustrados por um sol que arrancava brilhos azulados em cada suave mecha, apanhando minha vista neles.

Como todos os dias, durante aquela larga semana, observava sua rotina, escondido detrás dos penhascos, apertados arbustos ou entupidas arvoredos.

Sua mãe estava acostumada a jogar com ela, admoestando suas travessuras, prodigalizando contínuos mímicos e rindo ante seus travessos gestos. Não obstante, apesar do sorriso que estava acostumado a dançar em seus lábios enquanto vigiava a sua pequena, um véu triste costumava obscurecer seu olhar.

Mãe e filha compartilhavam a mesma cor de olhos, de um verde intenso, ressaltando mais na pequena por possuir um acentuado tom acanelado de pele. Estava acostumado a me deter em seus rasgos, reconhecendo meus, subjugado ante cada gesto ou piscada de seu tenro rosto, florescendo em meu coração brote orgulhosos que cresciam com impetuoso vigor à medida que a contemplava.

Tinham transcorrido quase quatro anos desde que, uma vez mais, o ingrato oceano me cuspiu sobre uma pequena baía arenosa, moribundo e agonizante. E assim como o mar me tinha desprezado, a morte, esquiva e indiferente a meus desejos, evitava-me com aparente descuido.

Um ancião pescador e seu filho me encontraram naquela recôndita praia e me arrastaram até sua modesta cabana, devolvendo, com meritória dedicação, a vida a um corpo que não a queria.

Uma vez recuperada a consciência, permaneci longo tempo em uma espécie de estado letárgico, ausente e meditabundo, refletindo sobre o motivo pelo que o destino se trabalhava em excesso tão insistente em me manter com vida. Não cheguei a conclusão alguma, mas, entretanto, decidi aceitar aquela imposição por carecer já de forças e de resistência. De qualquer modo, pensava para mim que a olhos do mundo eu estava morto, e assim devia ser, com o que meu objetivo não se malogrou de tudo.

Uma vez recuperado, depois de uma dura convalescença, decidi partir para longe, com o coração quebrado e uma nova cicatriz em meu peito. Por muito pouco a bala não

tinha atravessado meu coração, cobrindo-se algo mais acima. O vento daquele dia desviou claramente a trajetória, inclusive assim, a pontaria do soldado, em efeito, foi excelente.

Poderia ter viajado a Sevilha, onde a peste massacrava a cidade, e possivelmente, com um pouco de sorte, a parca tivesse a bem me lançar sua foice. Entre tantos afetados, seria mais difícil que reparasse em mim, o pobre desventurado que teimava em sortear. Entretanto, embarquei-me rumo à Itália, onde a arte e a cultura poderiam distrair meu abatido ânimo, onde poderia percorrer seus rincões em completo anonimato.

E assim foi, parti rumo a Florência, para me topar de frente com a peste igualmente, além de febres petequiais que açoitavam à população. E enquanto a morte adornava aquela formosa cidade com desfiles de lamentos, com fileiras de monges transportando cadáveres em cangalhas e um pavor tão tangível que só se escutavam preces e súplicas em qualquer parte, como um lóbrego eco cotidiano, eu não era mais que um espectador passivo. Uma sombra que perambulava indolente aguardando meu momento, envolto nos eflúvios da epidemia, mas ao parecer imune a seus efeitos.

Em 20 de agosto daquele fatídico 1649, uma vintena de cirurgiões percorreu as aldeias próximas a Florência para aliviar o sofrimento dos camponeses, lhes praticando sangrias para mitigar as febres. Aquele ato piedoso partiu do grande duque da Toscana, que vendo próxima sua própria morte, decidiu aplacar sua consciência sobre sua dizimada e sofredora plebe.

As sangrias não deram resultado algum, a população diminuía de maneira tão alarmante que os semeados adoeciam ante a falta de mão agrícola, e a carestia começou a matar com a mesma implacável celeridade que a cólera que a provocava.

Incapaz de seguir contemplando com impotência a tortura alheia, refugiei-me em uma cabana no Piemonte, isolada do mundo entre imponentes montanhas, onde subsisti da caça e da pesca. Minha vida como ermitão ao menos deu-me distração e parte da paz que procurava, até aquela noite.

Despertei sobressaltado e suarento, com uns suplicantes olhos verdes em minha mente, e um chamado insistente, como se um pássaro carpinteiro bicasse incessante meu peito, encolhendo-o com uma emoção intensa.

Aquela sensação começou a repetir-se em cada amanhecer, me arrebatando a paz que tinha obtido em meu retiro. E meus pensamentos voavam para ela cada vez com mais assiduidade, apesar de me haver proibido evocá-la.

Dia a dia foi nascendo em mim a necessidade de vê-la de novo, de comprovar que estava bem, de poder ver meu filho na distância. E esse desejo engordou alimentado de

preocupação e curiosidade, até que finalmente decidi viajar a São Kilda, dando-me de presente uma liberdade que esperava que não alterasse suas vidas.

Foi uma larga travessia, em que meditei longamente, em que conjecturei possíveis encontros, desprezando-os no ato. Em que senti meu coração palpitar com um pulso novo, ante a perspectiva de voltar a vê-la.

E quando cheguei, repetia-me sem cessar que ela poderia haver se casado de novo, ou possivelmente não estar já ali. Escondi-me em um arvoredor próximo à reduzida aldeia e aguardei atento, rezando para poder vê-la, embora fora um muito breve instante.

Não sabia muito bem o que esperava encontrar, mas o que achei me deixou sem fôlego. Ela, tão formosa como sempre, levava da mão a uma exótica menina que cantarolava alvoroçada: minha filha. Meu coração transbordou tal corrente de felicidade que em meus lábios se gravou o sorriso mais luminoso que eu recordasse nunca esboçar.

E assim, arroubado por tão cativante contemplação, permanecia um dia atrás de outro oculto, me dizendo que seria o último, que devia partir longe de novo. Mas como se aquele invisível fio que nos unia se reforçou ante a cercania, andava e retrocedia meus passos, incapaz de abandonar aquele lugar.

Durante minha vigilância, tinha observado que nenhum homem da aldeia parecia ter nenhuma relação afetiva com ela, também poderia estar de viagem e retornar em qualquer momento, em caso de haver-se desposado. Mas aquela possibilidade me indignava tanto que a desprezava cada vez que aparecia.

Não obstante, uma manhã sim descobri com satisfação a visita do Alaister e Ayleen, dando amostras de cordialidade e familiaridade. Claro indicativo de que guardavam uma relação próxima.

Alaister ia acompanhado de uma dama distinguida, Ayleen ia sozinha, mas seu semblante era ligeiro e seus gestos aprazíveis, iluminando-se o rosto quando se dirigia à menina. Naquele encontro íntimo que encheu meu coração de gozo, conheci o nome de minha filha: Elena.

Não recordava haver contado a Cora como se chamava minha segunda mãe, entretanto, tive a suspeita de havê-la renomado imerso em meus pesadelos. Naquelas escuras noites nas que ela me tinha abraçado e acalmado apesar de acreditar me odiar.

Estava acostumado a pronunciar seu nome pelo simples gosto de senti-lo em meus lábios, até terminar estirando-os em um sorriso tão pleno que me arrebatava o peito.

Caía a tarde e Cora tomou à pequena Elena em braços e entrou em sua cabana. Eu me acomodei para passar a noite, me perguntando de onde demônios tiraria as forças necessárias para me afastar.

Não esperava que ela voltasse a sair envolta em seu manto, olhando com fixidez ao céu. Intrigado, segui seus passos a uma prudente distância.

Ascendeu uma colina até um promontório de onde se contemplava o mar e se sentou no bordo, amassada em seu manto. Situei a suas costas em ângulo, escondido em uma rocha, espectador e inquieto, observando seu perfil.

A noite começou a tingir o firmamento infestando-o de luzes pérolas. E como se a magia tivesse lugar nele, sinuosas correntes de vivas cores o atravessaram. Verdes, púrpuras, rosados e dourados dançaram ondulantes ante meus olhos, me enfeitiçando. Era a primeira vez em minha vida que contemplava uma aurora boreal, e a beleza daquele majestoso espetáculo me sobressaltou.

Cora elevou algo que levava em sua mão, parecia um saquinho familiar que esvaziava em sua palma para soprá-lo energicamente. E ante meu estupor, os dentes de leão viajaram até mim. Não sei o que foi que moveu meus passos, mas me pus em pé, deixando que aquelas etéreas e níveas sementes voassem a meu redor.

Fechei os olhos instintivamente e abaixo daquele céu mágico, rodeado de filamentos chapeados, pedi um desejo.

Quando os abri me topei com o estupefato e lacrimoso olhar de Cora sobre mim.

— É meu desejo — murmurou entre lágrimas.

— E você o meu — confessei com voz enrouquecida.

Um soluço quebrado agitou seu peito. O vento balançava sua larga juba frisada limpando um rosto congestionado por uma necessidade devastadora.

— Se fosse real...

E então, dava um passo para ela.

— Sou — repliquei — tanto como o que agora mesmo arrasa meu peito.

Cora aumentou o olhar e entreabriu os olhos, confusa e atônita.

— Morreu, eu te vi cair e contigo caiu meu coração.

Dava outro passo e me detive.

— Morri, mas me chamou.

— Chamo-te cada noite após.

Um passo mais.

— E aqui estou, vivo, pela primeira vez desde aquela última noite.

Cora cobriu a boca com a mão, fechou os olhos um instante em um gesto de aguda dor, enquanto um amargo pranto a embargava.

— Eu morri contigo aquele dia, e embora pediu a Alaister que me cuidasse e não me deixasse sozinha um instante, embora conheci meu verdadeiro pai, e embora o fruto de nosso amor alegrou meus dias de luz, minha vida partiu com a tua.

Depois de um último passo, sustentei seu olhar sem poder evitar acariciar sua bochecha. Ela deixou escapar um suspiro afetado, dando um sobressaltado coice involuntário.

Retrocedeu, eu avancei.

— A morte não me quis, Cora, por isso vaguei como uma sombra sem rumo. Não sei se me quer a vida, mas sim sei algo, e é o que eu quero.

— E o que quer, Lean?

— Poder te olhar até que meus olhos se apaguem, poder te abraçar até que meus braços se sustentem, poder te amar até meu corpo definhar, poder te beijar até meu fôlego perecer e poder te dizer cada dia de minha vida quanto te amo.

Cora elevou a vista ao céu, onde as cores se fundiam na noite, e sorriu trêmula.

— Abaixo desta aurora os desejos se cumprem, você é boa prova disso.

Agarrei-a pelos ombros e a rodeei a meu peito, ela deixou escapar um fôlego emocionado. Olhou-me com apaixonada intensidade e sem poder me conter um instante mais, equilibrei-me sobre sua boca.

E abaixo daquele céu incandescente, pleno de magia e cheio de desejos, a maldição voou longe, o negrume se evaporou, o passado se diluiu e todas as pedras que tinha carregado desapareceram. Meu quebrado coração começou a sanar, as cicatrizes se afinaram e a esperança retornou mais resplandecente que o céu que presidia nosso reencontro. E a sorte, até esse momento mais esquivada que a mesma morte, por fim encheu minha alma.

Só um amor tão puro como o que nos unia foi capaz de anular a profecia, de suportar a distância e de permanecer férreo inclusive depois da morte. E então soube que aquele

vínculo tão profundo, aquela entristecedora sensação de pertencimento, de familiaridade já desde nosso primeiro encontro, não era a não ser o reconhecimento de duas almas que já se amaram em outro tempo. E aquela certeza me fez tomar seu queixo e me inundar em seus olhos com uma promessa neles.

— Sempre te buscarei — pronunciei apaixonado.

Cora me contemplou longamente com semblante apaixonado.

— E eu sempre te esperarei.

Caminhamos rumo à cabana, a uma nova vida, e à felicidade.

Por fim, estava em casa.



Capítulo 1. Despedidas

Capítulo 2. A volta

Capítulo 3. O assédio

Capítulo 4. Selando um trato

Capítulo 5. Um homem sem futuro

Capítulo 6. Começa o jogo

Capítulo 7. Rumo ao Inveraray

Capítulo 8. O senhor do Kilchurn

Capítulo 9. Nos domínios do Argyll

Capítulo 10. Não se pode fugir do destino

Capítulo 11. Montanhese

Capítulo 12. Um duro pulso

Capítulo 13. Uma rival a minha altura

Capítulo 14. Um novo pacto

Capítulo 15. Frente a meus verdugos

Capítulo 16. Confissões sob a lua

Capítulo 17. Pergunta sem resposta

Capítulo 18. O poder da água

Capítulo 19. Uma máscara no fogo brilhante

Capítulo 20. O coração escolhe

Capítulo 21. Deixando pistas

Capítulo 22. Lágrimas em um claro de lua

Capítulo 23. Como aquela vez...

Capítulo 24. A profecia de uma bruxa

Capítulo 25. Entre bruma azul

Capítulo 26. Um ponto vermelho no horizonte

Capítulo 27. Uma luz com nome de mulher

Capítulo 28. A marca da bruxa

Capítulo 29. Entre feitiços, lendas e grilhões

Capítulo 30. Um demônio de olhos de fogo

Capítulo 31. No fragor de uma condenação

Capítulo 32. A ordália da água

Capítulo 33. Entre aqueles lôbregos muros

Capítulo 34. Um selo no peito

Capítulo 35. Todo um MacLean

Capítulo 36. Alimentando uma esperança

Capítulo 37. Urze entre as rochas

Capítulo 38. Aquele último dia

Capítulo 39. O Crann na Beatha

Capítulo 40. Nas garras do destino

Capítulo 41. Uma korrigan comeniños

Capítulo 42. No mais profundo do inferno

Capítulo 43. Uma rosa entre espinheiros

Capítulo 44. O contrato

Capítulo 45. O último rugido

Capítulo 46. Além da morte

Lola P. Neva nasceu no Albacete, está feliz, casada e tem dois filhos. Estudou Administração de Empresas e trabalhou como funcionária da prefeitura de sua cidade.

Com sua novela, “Os três nomes do lobo” ganhou o I Concurso Literário Ler e Ler 2013 e conseguiu o galardão Três plumas a melhor novela histórico-romântica. Foi nomeada melhor autora revelação nacional pelos Prêmios Rosa Romântica’s em 2013, lhe outorgou o Prêmio “Corasón” ao êxito com a primeira novela nas Jornadas Ándalus Romântica (JAR), foi finalista ao Prêmio Aura 2015 e recebeu dois Prêmios Dama 2015 a melhor novela romântica nacional e a melhor novela romântica paranormal e o Prêmio Púrpura Romântica a melhor novela romântica paranormal.

Algumas de suas afeições são: a história, a leitura, pintar ao óleo e escrever. Já desde muito jovem a necessidade de escrever e de liberar a multidão de histórias que surgiam em sua cabeça era tão urgente como a de devorar livros de gêneros diversos. Não obstante, terminou de apanhá-la a novela romântica.

Suas autoras favoritas são Diana Gabaldon, Monica McCarty e Julie Garwood. Também lhe fascina as novelas do Matilde Asensi e de seu grande professor, Ken Follet.